





A MORGADINHA DOS CANAVIAES

A MORGADINHA

DOS

CANAVIAES

CHRONICA DA ALDEIA

POR

JULIO DINIZ

Joaquim Guilherme Gomes Coelho

SEGUNDA EDIÇÃO



PORTO

TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO

RUA FERREIRA BORGES, 31

1872

A MORGADINHA DOS CANAVIAES

I

Ao cahir d'uma tarde de dezembro, de sincero e genuino dezembro, chuvoso, frio, açoutado do sul e sem contrafeitos sorrisos de primavera, subiam dois viandantes a encosta d'um monte por a estreita e sinuosa vereda, que pretenciosamente gozava das honras de estrada, á falta de competidora, em que melhor coubessem.

Era nos extremos do Minho e onde esta risonha e feracissima provincia começa já a resentir-se, senão ainda nos valles e planuras, nos visos dos oiteiros pelo menos, da vizinhança de sua irmã, a alpestre e severa Traz-os-Montes.

O sitio, n'aquelle ponto, tinha o aspecto solitario, melancolico e, n'essa tarde, quasi sinistro. D'alli a qualquer povoação importante, e com nome em carta corographica, estendiam-se milhas de pouco transitaveis caminhos. Vestigios de existencia humana raro se encontravam. Só de longe em longe, a choça do pegureiro ou a cabana do rachador, mas estas tão êrmas e desamparadas, que mais entristeciam do que a absoluta solidão.

Não se moviam em perfeita igualdade de condições os dois viandantes, que dissemos.

Um, o mais moço e pela apparencia o de mais grada posição social, era transportado n'um pouco esculptural, mas possante muar, de inquietas orelhas, musculos de

occasião, a ponto de nos inhabilitar para o gozo do que é realmente bello. A dureza do colchão, em que se dorme, do albardão ou selim sobre que se monta, o tempero ou destempero do heteroclito cozinhado com que se enche o estomago, a lama que nos encrusta até os cabellos, o pó que se nos insinúa até os pulmões, o frio que nos inteiriça os membros, o sol que nos congestiona o cerebro, tudo então nos desafina o espirito, que traziamos na tensão necessaria para vibrar perante as maravilhas da natureza ou da arte.

Só pelo preço de muitas jornadas se compra o habito de ficar impassivel no meio dos episodios d'estas pequenas odysséas, que atormentam e exhaurem o animo dos Ulysses novatos; mas ai, quando se adquire esse habito, tambem nos achamos já com a sensibilidade mais embotada para as commoções do bello.

Examina-se com mais minuciosidade, mas com menos enthusiasmo; analysa-se mais e melhor; porém a propria analyse é a prova de que se sente menos. Onde domina o sentimento e a imaginação, mal teem cabida a paciencia e fleugma, necessarias aos processos analyticos. O homem positivo e frio recolhe de qualquer excursão á patria com a carteira cheia de apontamentos; o enthusiasta e poeta nem uma data regista. Viu menos, sentiu mais.

Mas Henrique de Souzellas — que era este o nome do cavalleiro — fôra educado e passara da infancia á plena juventude, em Lisboa, levantando-se por avançada manhã, frequentando o theatro, o Gremio, as camaras, parolando no Chiado ou no Rocio, e indo alguns dias do anno a Cintra, ou a qualquer praia de banhos, desenfadar-se da monotonia da capital.

Desde que fazia perfeito e consciente uso da razão, fôra esta jornada, em que o encontramos, a primeira levada a effeito, e logo sob tão maus auspicios, que era para suffocar-lhe á nascença os instinctos de *touriste*, se por ventura quizessem despertar n'elle.

Havia dois dias que cavalgava aquelle rocinante, unico vehiculo accommodado aos caminhos por que passara. E então que dois dias! D'aquelles, durante os quaes o céo,

uniformemente pardo, parece desfazer-se em agua, e a chuva cahe sem interrrupção e com uma teimosia e constancia impacientadoras; d'aquelles em que a terra saciada rejeita já a agua que recebe, a qual escorre nos declives, trasborda dos algares, e encharca-se nos terrenos baixos, transformando em brejos as leziras; em que as lufadas do sul vergam e torcem os ramos, melancolicamente despidos, dos álamos e sobreiros e emprestam aos pinheiraes a voz dos mares; em que os campos se mostram desertos, a noite se anticipa, e tão densas nuvens cobrem o firmamento, que parece tomar-nos a persuasão de que nunca mais o veremos com as suas formosas vestes de azul.

Vejam se n'estas circumstancias o pobre rapaz podia deixar de ir cabisbaixo, triste e dando ao diabo a viagem que commettera.

E para quê e porque a commettera elle assim?

Em poucas palavras procuraremos satisfazer a natural interrogação, que é de suppôr nos dirigissem os leitores, se podessem fazel-o.

Este Henrique de Souzellas attingira a idade dos vinte e sete annos, vivendo, como dissemos, aquella elanguescedora vida da capital, e dividindo as attenções do espirito pela politica, pela litteratura e pelos destinos do theatro de S. Carlos, do qual estava habilitado a fazer circumstanciada chronica, que abrangesse os ultimos dez annos.

Não concebia vida fóra d'aquillo.

O mundo para elle era Lisboa. Não sentia desejos, nem imaginava possibilidade de visitar a Europa, quanto mais a provincia; o que seria maior façanha.

Não que lhe faltassem recursos para realisar qualquer projecto d'esta nutureza.

Henrique herdara dos paes rendimentos bastantes, dos quaes vivia folgadamente e sem precisar de sacrificar nos altares da economia.

Mas a indolencia lisbonense manietava-o alli. A poucos ia tão direita a apostrophe de Garrett aos «seus queridos alfacinhas», a qual se póde lêr no livro setimo das *Viagens*.

De certo tempo em diante começou, porém, a incommodal-o uma especie de vacuo interior, um malestar, doença infallivel nos celibatarios sem familia, quando chegam á idade a que chegou Henrique, e passam a vida como elle.

Tudo lhe causava fastio. Bocejava em S. Carlos, bocejava nas camaras, bocejava no Gremio, bocejava no Suisso, no Chiado e nos circulos dos seus amigos, os quaes principiaram tambem a achal-o insupportavel de insipidez; porque poucas coisas ha que mais perturbem o espirito, do que o espectaculo de um homem que boceja ou dorme, onde e quando os outros forcejam por divertir-se.

O demonio da hypochondria, esse demonio negro e lugubre, implacavel verdugo dos ociosos e egoistas, o qual havia muito o espiava, apoderou-se d'elle em corpo e alma.

Ahi temos, desde esse instante, Henrique muito preoccupado com a sua pessoa, imaginando-se victima de mil e uma molestias, as mais disparatadas e incompativeis, suspeitando-se conjunctamente predestinado para a apoplexia e para a tisica, para o cancro e para a alienação, para a cegueira e para as aneurismas, tremendo á leitura do obituario da semana, folheando livros de medicina, construindo theorias physiologicas, consultando todos os medicos da capital, experimentando todo o arsenal pharmaceutico e todos os annuncios, em parangona, da quarta pagina dos periodicos, e elevando as crenças do seu espirito amedrontado até ás mysteriosas e nevoentas alturas do credo homœopathico! Ao mesmo tempo manifestou-se n'elle uma progressiva degeneração de gosto; não podia ler uma pagina dos livros que lhe eram predilectos; desfazia-se com desgosto de quadros, moveis, estatuas e objectos curiosos que colleccionara com paixão; detestava a musica, o theatro, n'uma palavra, tornara-se em um dos maiores flagellos, que podem pesar sobre a humanidade e que muito em especial causam o supplicio dos medicos que os aturam.

Foram estes os que, em parte de boa fé, em parte

com o desculpavel intuito de sacudirem de si tal pesadelo, lhe deram um dia de conselho, que fosse viajar.

Henrique de Souzellas julgou ouvir uma heresia n'esta palavra: viajar.

Viajar? E as suas aneurismas? E as suas imminencias apopleticas? E as suas disposições para tantas outras enfermidades? Pois um homem póde lá viajar com esta bagagem pathologica?

E se lhe désse alguma coisa pelo caminho? Recusou com mau humor a receita e ficou na capital.

Exacerbaram-se os padecimentos, repetiram-se as consultas, e os medicos, como se para isso apostados, a insistirem em que sahisse de Lisboa.

—O senhor não tem nada—diziam alguns.

Henrique perdia a cabeça, ao ouvir isto.

Prolongou-se este estado de coisas até que um dia o hypochondriaco rapaz persuadiu-se muito seriamente de que estava chegada a sua hora extrema.

Um medico velho e grave, que por essa occasião o escutou, em vez de se rir d'elle, disse-lhe muito sisudo:

—Homem! O senhor está realmente mal. Esse estado de imaginação não póde prolongar-se mais tempo, sem romper por ahi em alguma doença que o sacrifique. Se quizer salvar-se, saia-me d'aqui, em quanto é tempo. Quebre por todos os habitos e escolha entre as fortes impressões de uma grande capital, como Paris ou Londres, ou as mornas sensações d'um completo viver de aldeia. Os revulsivos e os emollientes curam por meios oppostos ás vezes as mesmas molestias.

Ora succedeu que n'esse mesmo dia recebesse Henrique um presente de fructa d'uma sua tia, sancta creatura que elle, desde creança, não tornara a vêr.

Vivia relegada em uma aldeia sertaneja do Minho, onde na idade de cinco annos Henrique passara alguns mezes na companhia de sua mãe.

Aquelle presente frugal recordara-lhe esse tempo, já meio apagado na memoria, e conseguira fazer-lhe saudades. D'ahi uns vagos desejos de voltar a vêr aquelles sitios.

Por isso, ao ouvir o conselho do doutor, Henrique nomeou-lhe a aldeia, em que esta sua parenta vivia.

O velho facultativo applaudiu a ideia e instou para que fosse abraçada.

O sobrinho escreveu então á tia, e, passados dias, punha-se a caminho.

Mil vezes se arrependeu, depois, da resolução tomada; mil vezes mandou ao diabo o conselho do medico e phantasiou horriveis exacerbações em todos os seus males. Os inconvenientes d'uma jornada, feita ainda segundo os velhos processos, com malas, coldres e pistolas, botas de montar e almocreve, ampliava-lh'os a proporções estupendas o prisma da hypochondria.

No momento em que nos associamos ao cavalleiro, cahira elle n'um desalento profundo, n'um quasi convencimento de proxima aniquilação, do qual nem a loquacidade do almocreve, condimentada, como era, de pragas eloquentes e de cantigas pouco edificantes, o conseguia arrancar.

Havia mais de uma hora que estavam luctando com as difficuldades da ascensão do ingreme e escabroso caminho, que torneava o monte como as voltas d'um helice.

Era este monte uma como irregular pyramide, levantada no meio da amplissima bacia, onde tinha assento a aldeia que Henrique demandava; por isso o estafado rapaz não podia atinar a razão de conveniencia pela qual, tendo de procurar o valle, assim porfiavam em descrever as fastidiosas curvas da quasi interminavel espiral, que os aproximava do vertice.

Não se concebe uma estrada menos logica do que aquella.

No nosso paiz são porém frequentes estas faltas de logica nas estradas.

O almocreve havia-se separado por momentos de Henrique com o fim de encurtar distancias, seguindo por um atalho só franqueavel a gente de pé.

Henrique nem desviara os olhos para o fundo valle, que se lhe abria á esquerda, velado pela densa nevoa d'aquella atmosphera saturada de humidade, nem pres-

tava attenção á agreste e selvatica paisagem, do lado direito, toda encrespada de pinheiraes nascentes e de espinhosas tojeiras.

Os olhos procuravam, em anciosa interrogação, o mais alto da flexuosa ladeira que subia, no sitio em que ella, formando um cotovelo, furtava á vista o seguimento ulterior.

N'estas curvas das estradas sorri sempre de longe ao viajante, cansado e aborrido, que pela primeira vez as trilha, uma promettedora esperança.

—D'alli verei talvez o termo do caminho—pensa elle.

Mas quantas vezes, ao aproximar-se, esta esperança lhe foge!

Assim aconteceu a Henrique, que, ao chegar á almejada inflexão e quando esperava principiar emfim a descer para o valle e a aproximar-se da aldeia, viu que o macho, pratico no caminho, e á disposição de cujo instincto elle collocara a razão, dobrava ainda para a direita e continuava a contornear e a subir o monte. A espiral não terminara ainda. Henrique olhou em torno de si, profundou a vista nas sombras do valle, nada pôde descobrir, que lhe promettesse a aldeia procurada. Muita arvore, povoação nenhuma!

Teve um paroxismo de impaciencia!

—Isto não é estrada!—exclamou elle exasperado—São os nove circulos do inferno de Dante virados para fóra.

E a luz do dia a fugir cada vez mais, e a chuva a augmentar, a calar atravez do grosso gabão de jornada que Henrique vestia! O desgraçado vergava sob o pêso da sua consternação.

Juntou-se-lhe outra vez o almocreve, assobiando com fleugma desesperadora.

—Com um milhão de demonios!—bradou-lhe Henrique, não podendo conter-se—Essa maldita terra foge diante de nós, homem!

—Estamos quasi lá, meu patrão. É alli logo adiante—respondeu sem se alterar o almocreve.—Vê aquella capellinha branca em cima d'aquelle monte? pois fica já

para além da povoação. É a ermida da Senhora da Saude. É um instante.

—Desde as duas horas da tarde que me dizes que é um instante, e eu estou acreditando que cada vez nos afastamos mais. Pois se a aldeia fica alli em baixo, para que diabo subimos nós? Ás voltas que temos dado, estou persuadido de que vamos tão adiantados como quando principiamos a subir.

—Pois olha que duvida! Se se fosse a direito lá por baixo, era mais perto, mas...

—Mas foi então pelo prazer de trepar, que me trouxeste por aqui?

—Não é isso, patrão; mas bem vê v. s.ª que o caminho lá em baixo é todo cortado por quintas e campos, e é preciso dar taes voltas que a final fica mais longe. Depois com a chuva que tem cahido, faz lá ideia de como estão os riachos por lá! Só o esteiro do almargeal é para uma pessoa se afogar. Mas tenha o patrão paciencia, que pouco falta agora. Vê v. s.ª aquelle tronco de sobreiro que parece, visto d'aqui, um frade de capuz?

—É alli?

—Não, senhor—disse o homem, rindo;—mas vêem-se d'aquelle sitio as primeiras casas da aldeia.

—As primeiras!—murmurou Henrique em tom lastimoso; e penderam-lhe os braços com mais desalento e augmentou-se-lhe a flexão da columna vertebral.

O almocreve proseguiu para o distrahir:

—Tenho passado por estes sitios muita vez com neve de se cortar á faca e de noite. E olhe que nunca tive medo. Qual historia! Medo? Isso sim! E vamos lá! o sitio não é dos mais seguros. Vê o senhor essa cruz preta, ahi á sua mão direita, pregada no tronco d'esse pinheiro? Pois ahi mesmo mataram um homem, que vinha com uns centos de mil reis da feira franca de Vizeu, fez pelo S. Miguel um anno. E ainda hoje se está para saber quem foi. N'um êrmo d'estes só os sanctos podem valer a uma creatura.

Henrique sentiu-se pouco á vontade com as elucidações do cicerone; olhou para elle com desconfiança e

quasi julgou vêr moverem-se sombras suspeitas por entre os troncos dos pinheiros. Apalpou nos coldres os cabos das pistolas, e aproximou as esporas dos ilhaes da cavalgadura.

Dentro em pouco attingiam o indicado tronco de sôbreiro, de junto do qual deviam avistar a aldeia.

Henrique olhou; viu lá do fundo do valle muitas arvores, mas continuou a não enxergar vestigios de casa.

—Onde está a aldeia que dizias, homem?

—D'ahi já se vê—disse o almocreve correndo para alcançar o cavalleiro.—Não vê v. s.ª, além, além, aquelles pinheiraes mansos?

—Vejo, sim.

—Pois já são da freguezia. Se fosse mais claro havia de avistar a casa do guarda. É a tapada dos Bajuncos, que pertence á morgadinha dos Canaviaes.

Henrique não respondeu. A distancia a que ficava ainda a tal tapada fel-o suspirar.

Emfim, passados minutos, principiaram a descer para o valle, costeando sempre obliquamente o monte.

Cem passos andados, fez-lhe o almocreve notar um pequeno ponto branco, que se divisava ao longe por entre a rama do arvoredo, mas já indistinctamente, em virtude do adiantado da hora e da intensidade da neblina.

—Lá está a capella da freguezia—dizia o homem.

—Alli? É um seculo para lá chegar?

—Qual! Estamos aqui, estamos lá. Eh, ruço!

E applicou uma vigorosa vergastada nas ancas do macho, que accelerou o passo.

O homem continuou:

—Até se fosse mais dia podia-se vêr d'aqui a pedra, que está no cemiterio novo, e que é da familia da morgadinha dos Canaviaes. Foi a mãe d'ella a primeira pessoa que lá se enterrou e até hoje mais ninguem. O povo, como o outro que diz, tem sua aquella em se enterrar fóra da igreja. Elle, a fallar verdade... Eu bem sei que tudo vai do costume... mas emfim a gente foi creada n'isto... Mas a pedra é coisa asseiada. É como as que estão na cidade.

Henrique, transido de frio, quebrado de desalento, já nem attendia ao que o homem ia dizendo.

Cerrara-se a noite de todo, quando attingiram emfim o valle. O terreno mudava agora de aspecto. Appareciam já, aqui e alli, alguns indicios de cultura, annunciando a proximidade d'um povoado. Os caminhos estreitavam, internando-se no valle, e seguiam tortuosamente por entre muros toscos de pedra ensossa, silvados e sebes naturaes. A chuva, que não cessara de cahir, transformara estes caminhos, onde o declive não dava escoamento ás aguas, em charcos e tremedaes.

Novos indicios da vizinhança da aldeia iam successivamente apparecendo.

Aqui era uma manada de bois soltos, em direcção do curral, guiados por uma creança de palhoça e pernas nuas, os quaes paravam a olhar com aquella expressão de composta curiosidade, que lhes é peculiar, para o recem-chegado visitante da aldeia. Não faltou receio a Henrique, que suppôz a estes bonacheirões quadrupedes a indole travêssa e bravia dos touros, a cuja chegada tantas vezes fôra assistir em Lisboa.

Mais adiante passava por elles uma fileira de carros a vergarem sob o pêso do mato e atroando os ares com o chiar incommodo das rodas sob o eixo, incommodo para os ouvidos cidadãos de Henrique, cujos nervos se irritavam com elle, mas apparentemente agradabilissimo para os conductores aldeãos, que ou dormiam ou cantavam com aquelle acompanhamento.

N'um e n'outro ponto deparavam-se-lhe já algumas casas de tectos de colmo, de cujas innumeras fendas sahia um fumo espesso, que a atmosphera humida mal deixava elevar nos ares. No olfacto desabituado de Henrique de Souzellas o cheiro resinoso e activo das pinhas e das agulhas sêccas dos pinheiros, queimadas no lar, produziam sensações muito longe de serem agradaveis.

Augmentava-se-lhe comtudo isto a funda melancolia que já lhe tomara o animo.

—Tantas fadigas para este resultado?—pensava elle —Sahir de Lisboa, para me enterrar n'esta aldeia es-

cura e suja! Enganou-se o parvo do doutor. Cuidava que me salvava e matou-me. Eu morro por certo aqui. Deus lhe perdoe o homicidio.

Os caminhos succediam-se aos caminhos, qual mais tortuoso e incommodo de trilhar; as curvas complicavam-se como as ruas d'um labyrintho. Aqui subiam; desciam mais além, para subir outra vez. Umas vezes caminhavam em terreno descoberto, outras penetravam em tão estreitas quelhas, apertadas entre paredes argillosas e humidas e toldadas de ramos entrelaçados, que só o instincto do animal podia evitar-lhes os perigos. Ora soavam as patas do macho como em chão lageado, ora amortecia-lhes o som um terreno, que a chuva encharcava, e a agua lamacenta vinha salpicar o rosto do cavalleiro.

As casas eram já frequentes, e algumas de menos humilde apparencia.

Os cães, que, pelo timbre de voz, mostravam ser gigantes, ladravam raivosos por dentro dos portões ou de sobre os muros das quintas, ao ouvirem os passos da cavalgadura ou a voz do almocreve, que fallava ou cantava sempre.

Outras vezes era um inharmonico grunhir suino que accusava a vizinhança das córtes ou, partindo d'um casebre rustico, o chorar de creanças, entremeiado com os ralhos das mães e com as pragas dos chefes de familia.

O almocreve não desistira das suas funcções de cicerone, que sómente interrompia para saudar alguns conhecidos seus, a cuja porta passavam.

—Estes campos e lameiros—ia dizendo—são da morgadinha dos Canaviaes; andam arrendados a um compadre meu.

E exclamava para dentro d'uma casa terrea, escassamente alumiada por uma candeia:

—Boas noites, tia Escolastica. Como vai a pequenada?

—Ai, é vossemecê, snr. José? Então não entra?—respondia-lhe uma voz feminina.

—Agora não, ámanhã.

E proseguia para Henrique:

—É uma sancta creatura! A morgadinha...

Henrique interrompeu-o:

—Aonde fica a final a quinta de Alvapenha? onde ıora minha tia? Não me dirás?

—É logo ahi adiante, meu patrão. Em nós passan-o umas casas amarellas que ha ahi... é logo ao pé. Es-ıs casas que digo são tambem da morgadinha, mas ha ma demanda pelos modos...

O almocreve fallava pela decima ou undecima vez na ıorgadinha. Até esta periodica referencia a uma perso-agem, que elle não conhecia, impacientava Henrique e Souzellas.

E continuavam a succeder-se em enredado dédalo s quelhas e azinhagas, a ponto de fazer perder toda a rientação. Umas vezes ouviam o ruido das levadas, que s ultimas chuvas tinham engrossado; adiante, transpu-ham uma ponte rustica, escutando das profundezas do espenhadeiro, que ella atravessava, o fragor das casca-ıs nos açudes ou o ranger das rodas dos moinhos.

Henrique a cada momento imaginava cahir n'um bysmo.

—São os açudes do Casal—dizia o almocreve, ber-ındo para se fazer ouvir atravez do estrondo da tor-ente.—Pertencem á morgadinha dos Canaviaes.

Henrique nem alento já tinha para fallar.

Ao triste e quasi sinistro aspecto d'aquella aldeia, ío cerrada lhe envolveu o coração a nuvem de melan-olia, que cedeu sem resistencia ao crescente torpor que invadia, como o que desespera da vida e da salva-ão.

Mais adiante, excitou-lhe ainda as attenções uma toa-la plangente, melancolica, monotona, que exacerbou es-es effeitos.

—É uma fiada em casa do Tapadas—disse o almo-creve.—É um dos maiores amigos do pae da morgadi-nha. Vê aquelle muro acolá?

—Eu não vejo nada. Deixa-me!

—Pois pertence já á quinta dos Canaviaes que a morgadinha...

—Outra vez! Cala-te para ahi com essa morgadinha —exclamou Henrique.

Era evidente emfim que estavam em pleno coração do povoado. As casas appareciam mais juntas. De algumas sahia um surdo rumor de vozes que tinha o que quer que era de lugubre. Era a corôa rezada em familia a nossa Senhora. A voz grave do lavrador casava-se com a voz quebrada e tremula da avó, com a voz sonora e fresca da mãe, e a juvenil das raparigas e creanças n'aquelle piedoso côro, produzindo um effeito que acabou por levar ao auge a impaciencia do nosso splenetico viajante.

—Sumiu-se essa endiabrada quinta de Alvapenha, que não a acabamos de attingir?

O almocreve d'esta vez não respondeu, sacudiu uma chicotada sibilante junto ás orelhas do muar, o qual com desusada rapidez galgou uma ladeira orlada de arvores, volveu á direita e, á voz do almocreve, estacou em frente d'um portão de quinta, resguardado por um telheiro rustico.

—É aqui—disse o guia.

—Até que emfim!—exclamou Henrique, suspirando. Suspiro de conforto e de tristeza ao mesmo tempo, como o do homem cansado da vida, quando antevê o repouso do tumulo. Em Henrique era intima a convicção de que a quinta de Alvapenha lhe havia de servir de cemiterio.

II

O almocreve assentou duas vigorosas pancadas no solido portão de castanho, diante do qual tinham parado.

As primeiras vozes, a responderem-lhe, foram as de dois cães, que acudiram de longe ao signal e vieram ladrar á porta com furia, que fez agourar mal a Henrique da cordialidade da recepção que o esperava. De facto as intenções dos quadrupedes não pareciam demasiado hospitaleiras. O almocreve divertia-se excitando-os de fóra com uma vara de vime, apezar de quantas recommendações de prudencia lhe fazia Henrique, não em demasia socegado.

A final ouviu-se uma voz aspera e rouca, chamando os cães á ordem, se é licito, sem irreverencia, empregar n'este caso a phrase consagrada para outro genero de algazarra.

Henrique ouviu rodar a chave, correr os ferrolhos, levantar a aldraba, gemerem os gonzos, e emfim um homem de lavoura, alto e magro, trazendo em punho um lampeão de frouxissima luz, appareceu-lhes á porta e saudou-os com a formula do estylo:

—Ora nosso Senhor lhes dê muito boas noites.

E, levantando a luz á altura do rosto de Henrique, pôz-se a miral-o com a menos ceremoniosa curiosidade.

—É o sobrinho cá da senhora, não é verdade?

—Sou eu mesmo.

—Está um tempo muito azedo. Eu já julgava que não vinham. Entre.

Henrique não se resolvia a aceitar o convite, porque

lhe continuavam a impôr respeito os olhares ferinos e os rugidos surdos dos dois façanhosos quadrupedes, cuja má vontade era a custo refreada.

—Entre, entre—insistia o homem.

—Mas esses animalejos?...

—Ah! isto não faz mal. Sahe-te p'ra lá, lobo; passa, tyranno!

Lobo! tyranno! Que nomes! E dizia o homem que não faziam mal!

—C'os diabos! ti Manoel—disse o almocreve—em occasião de se esperarem hospedes, não se soltam assim os cães. Os diabos não são nenhuns cordeiros. Olhe no outro dia o snr. Joãozinho das Perdizes, que por pouco lhes deixava nos dentes as barrigas das pernas.

—Forte perca!—resmoneou o outro—Não trouxesse cá os d'elle. Não tem duvida; entre o senhor, que elles não lhe fazem mal.

—Não entro; assim é que não entro—teimou Henrique, a quem as palavras do almocreve acabaram de fortificar na sua resolução.

O homem, em vista d'isto, encolheu os hombros e bradou:

—Ó Luiz!

Uma creança de cinco annos, e quasi nua, correu ao chamamento.

—Enxota para lá esses cães, que aqui o senhor tem medo.

A creança, á palavra medo, fitou Henrique com uns olhos espantados, e tomando do chão um tronco de tojo, deu-se a zurzir desapiedadamente nas feras, que, com todos os signaes de respeito, de orelha baixa e cauda abatida, fugiram diante d'ella.

O orgulho de Henrique de Souzellas ficou um tanto maltractado com o desfecho da scena; mas a prudencia consolava-o, dizendo-lhe que andara ajuizadamente.

—Agora vossemecê—disse o camponez para o almocreve—arranje-se como podér e mais a besta ahi pelas lojas emquanto eu ensino o caminho ao senhor.

—Vão, vão com nossa Senhora, que eu cá me arranjarei. Muito boas noites, snr. Henriquinho.

—Adeus, José—disse Henrique, passando para a mão do guia a esportula da gorgeta, e apóz seguiu, com as pernas trôpegas de cavalgar, o homem do lampeão.

Não era para dissipar a impressão penosa, que subjugava o espirito de Henrique, o aspecto que lhe offerecia, áquella hora da noite, a parte da quinta, por onde era conduzido para a casa de Alvapenha.

Primeiro, trilhou o pavimento molle d'um quinteiro ou eido, estradado de altas camadas de mato e embebido de chuva, d'onde se exhalava um cheiro de cortumes, pouco de lisongear o olfato mal habituado a estes aromas campezinos. A luz do lampeão a custo conseguiu evitar a Henrique o tropeçar n'um carro desapparelhado, n'uma dorna, n'uma pia para gallinhas, e em outros objectos que atrancavam o quinteiro. Transpondo a cancella que terminava este, seguiram por uma rua de limoeiros, coberta de ramada, então despida ainda de folhas; atravessaram diagonalmente a horta, pelo carreiro que a dividia; ladearam a eira e a casa do cabanal e, effectuados mais alguns rodeios, acharam-se finalmente junto da escadaria de pedra, por onde se subia para uma especie de patamar ou varanda alpendrada, que servia de modesto portico á casa de Alvapenha.

A propriedade da tia de Henrique era um genuino typo de casa rustica, á moda do Minho.

Ao subir as escadas, e apezar de mal poder divisar os objectos á escassa luz que os alumiava, recebeu Henrique a primeira impressão agradavel de toda aquella mal estreada excursão.

Estas escadas, esta varanda de pedra, e este alpendre avivaram n'elle memorias, quasi apagadas. Lembrava-se agora vagamente de ter brincado alli, a cavallo n'esse mesmo parapeito, então, como agora, enfeitado d'uma formidavel cohorte de aboboras meninas, victimas votadas ás festas do proximo Natal.

A um canto do patamar deparou-se-lhe ainda um grande vaso de louça, que elle, havia vinte e tantos annos, conhecera e ao qual tinha a ideia vaga de haver quebrado uma aza; abaixou-se, no intento de se certifi-

car, e viu que de facto inda lhe faltava a aza, sendo este o unico estrago que, apóz tanto tempo, o velho utensilio soffrera.

— É admiravel!—não pôde deixar de exclamar Henrique ao fazer a descoberta, vendo que em oito dias operava maior reforma nos seus aposentos em Lisboa, do que n'um quarto de seculo se realisava em Alvapenha.

O hortelão bateu á porta e disse para dentro que era o sobrinho da senhora, que chegava.

Seguiu-se um mexer de cadeiras, um trocar de vozes, um arrastar de passos; moveu-se a chave na fechadura; abriram-se as portas e no limiar appareceu de braços abertos a tia Dorotheia e por traz d'ella, elevando a luz acima do hombro da ama, a criada Maria de Jesus, a que havia trinta annos, lhe era companheira e interessada em alegrias e pezares. Já Henrique lhe andara ao collo, no tempo em que estivera creança na quinta.

Diante da figura esbelta, do typo varonil e do comprido bigode de Henrique, a snr.ª Dorotheia reprimiu as suas expansões e quasi recuou.

Nunca mais vira Henrique desde que este, aos cinco annos, deixara Alvapenha, e dir-se-ia que esperava ainda encontrar os mesmos cabellos loiros e annelados e o mesmo rosto menineiro da travêssa creança d'outros tempos, em vez do homem feito, em que os vinte e tantos annos volvidos o tinham transformado.

Ha d'estas illusões na gente.

A mais segura razão não está precavida contra ellas; a infundada surpreza invade-nos de subito, e os labios não podem prender a exclamação que a denuncia.

—Pois na verdade tu és o Henriquinho?!—disse espantada a boa senhora.

—Eu julgo que sim, tia Dorotheia.

—Tu! Ai como está um homem! Ó Maria de Jesus, vossê não quer vêr isto!?

—Parece mesmo um soldado!—disse a criada, igualmente estupefacta.

—Credo! mulher! Sanctissima Trindade! Vossê que

está a dizer? Nossa Senhora nos livre de tal!—exclamou a ama, em cujo conceito o soldado estabelecia a transição do homem para o diabo.

No entretanto Henrique de Souzellas abraçava a tia, que havia tanto tempo que não vira, e ella correspondia-lhe, beijando-o com todo o carinho e chorando.

Chorando porquê? Porquê? Pela muita bondade que tinha n'aquella alma. A bondade é um rico manancial, que brota lagrimas ao toque da menor commoção.

Henrique não tinha ainda bem conseguido libertar-se dos roxeados amplexos e mais provas de affecto de sua tia, quando se sentiu prêso em novos laços. Era Maria de Jesus, que o abraçava tambem e lhe pespegava nas faces dois beijos muito chiados, como aquelles que veem a ferver do coração, e isto acompanhado d'um—Ai o meu rico filho!—tão eloquente como os beijos.

Henrique, habituado ás etiquetas da civilisação urbana, que estabelece entre amos e criados distancias desconhecidas na aldeia, estranhou um pouco a familiaridade, mas sujeitou-se a ella sem reflexões.

Maria de Jesus dizia ainda admirada:

—Ó senhora! Não que uma coisa assim! Pois é este o menino que vinha á cozinha limpar o tacho, em que se fazia a marmelada!

—É verdade! E que boa marmelada cá se fazia!

—Lambareiro—disse a tia, sorrindo—Se eu soubesse que eras assim, não tinha mandado lavar o tacho do doce, que inda hoje serviu.

—Sim? Então inda se faz doce cá em casa, como d'antes?—perguntou Henrique.

—Pois então? todos os annos. Mas valha-me Deus! E não querem vêr nós aqui postas á palestra! Entra, menino, entra cá para dentro, que está frio e tu deves vir cançado.

—Um pouco, um pouco, tia Dorotheia.

E Henrique entrou para a sala.

Demoremo-nos no limiar para informar o leitor sobre as pessoas, em cuja casa se vai alojar com Henrique de Souzellas.

Não se imagina a sancta paz de espirito, a placidez de paraizo, que estas duas mulheres — D. Dorotheia e Maria de Jesus, ama e criada — gozavam na quinta de Alvapenha, onde Henrique de Souzellas ia procurar allivio aos seus muitos e variados males.

Ambas da mesma idade, ambas muito aferradas aos seus habitos, ambas muito tementes a Deus e amigas do proximo, as duas celibatarias passavam alli uma vida, rescendente a um suave perfume de sanctidade, como o da alfazema e do rosmaninho, que lhes aromatizava as gavetas e de que se repassava toda a roupa branca, objecto muito dos seus cuidados.

A inalteravel harmonia, mantida havia tantos annos entre as duas, poderia ser exemplo á maior parte das familias d'este mundo. Entre velhas, que nunca tiveram filhos, circumstancia que em geral faz o humor mais acre e desabrido, era tanto mais para admirar o caso.

Tinham ellas porém a precisa tolerancia para fazerem mutuas concessões: cada uma fechava os olhos aos pequenos caprichos da outra, e tudo corria bem. Nunca dentro d'aquellas paredes se ouviu uma só palavra, que, por mais alto pronunciada ou por menos expressiva de paciencia, destoasse da invariavel monotonia dos seus habituaes dialogos.

Eram um exemplo edificante para os vizinhos, que, pela maior parte, devorados por demandas entre primos e irmãos, paes e filhos, marido e mulher, mostravam infelizmente ser esta abençoada semente cahida em improductivo terreno.

As discordias intestinas nas familias do seu conhecimento affligiam as duas sexagenarias e augmentavam o numero de Padre-Nossos com que todas as noites se faziam lembrar dos sanctos, de quem eram validas, pedindo-lhes a felicidade dos outros tanto ou mais do que a sua propria.

Ouvir rezar as duas sanctas velhas — e era essa a occupação dos seus curtos serões — equivalia a escutar uma resenha das differentes calamidades, que perseguem e apouquentam o genero humano, e que ellas, d'está maneira, pretendiam evitar.

—Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria a S. Marçal, para que nos livre do fogo—dizia D. Dorotheia, e seguia-se o Padre-Nosso.—Outro a Sancta Luzia milagrosa, para que nos dê vista e claridade na alma e no corpo; outro a S. Braz, para que nos proteja da garganta; outro a S. Vicente, por causa das bexigas, etc., etc. Seguia-se um Padre-Nosso por todos os que andam sobre as aguas do mar; outro por os pobres sem abrigo nem alimento; outro por os orphãos; outro pelos doentes; um pelos vivos; outro pelos mortos; um pelos justos; outro pelas almas do purgatorio, não hesitando até a sua caridade em transpôr as portas do inferno e pedir tambem a remissão dos condemnados. E ainda depois d'esta minuciosa e longa enumeração, um ultimo Padre-Nosso fechava a primeira serie, comprehendendo todos os não contemplados por esquecidos, ou por não terem logar na classificação.

Compunha a segunda serie a menção especial de cada uma das pessoas fallecidas das suas relações: parentes, amigos e conhecidos, por cujo «eterno descanço entre os resplendores da luz perpetua» oravam com verdadeira compuncção. N'esta phalange ia tambem D. João VI, por quem, havia quarenta annos, se costumara a rezar D. Dorotheia, e não era ella mulher que rompesse com habitos semi-seculares. Era esse talvez o unico Padre-Nosso que a alma do monarcha recebia no céo, com procedencia do seu antigo reino.

Emquanto ás qualidades physicas, a imaginação dos leitores pintar-lh'as-ha melhor do que a minha descripção. Forçosamente conheceram uma d'estas boas velhas, para quem nos sentimos attrahidos; a quem se estima e com quem se brinca ao mesmo tempo; que nos podem inspirar sacrificios e simultaneamente nos tentam a travessuras; a quem mystificamos agora e logo beijamos respeitosamente a mão; contra quem não reprimimos impaciencias, escutando depois submissos os seus nunca terminados sermões.

Ora estas velhas assim teem quasi sempre um typo uniforme, que é o reflexo exterior da bondade do coração; esse era o typo da tia Dorotheia com o seu ves-

Não se imagina a sancta paz de espirito, a placidez de paraizo, que estas duas mulheres — D. Dorotheia e Maria de Jesus, ama e criada — gozavam na quinta de Alvapenha, onde Henrique de Souzellas ia procurar allivio aos seus muitos e variados males.

Ambas da mesma idade, ambas muito aferradas aos seus habitos, ambas muito tementes a Deus e amigas do proximo, as duas celibatarias passavam alli uma vida, rescendente a um suave perfume de sanctidade, como o da alfazema e do rosmaninho, que lhes aromatizava as gavetas e de que se repassava toda a roupa branca, objecto muito dos seus cuidados.

A inalteravel harmonia, mantida havia tantos annos entre as duas, poderia ser exemplo á maior parte das familias d'este mundo. Entre velhas, que nunca tiveram filhos, circumstancia que em geral faz o humor mais acre e desabrido, era tanto mais para admirar o caso.

Tinham ellas porém a precisa tolerancia para fazerem mutuas concessões: cada uma fechava os olhos aos pequenos caprichos da outra, e tudo corria bem. Nunca dentro d'aquellas paredes se ouviu uma só palavra, que, por mais alto pronunciada ou por menos expressiva de paciencia, destoasse da invariavel monotonia dos seus habituaes dialogos.

Eram um exemplo edificante para os vizinhos, que, pela maior parte, devorados por demandas entre primos e irmãos, paes e filhos, marido e mulher, mostravam infelizmente ser esta abençoada semente cahida em improductivo terreno.

As discordias intestinas nas familias do seu conhecimento affligiam as duas sexagenarias e augmentavam o numero de Padre-Nossos com que todas as noites se faziam lembrar dos sanctos, de quem eram validas, pedindo-lhes a felicidade dos outros tanto ou mais do que a sua propria.

Ouvir rezar as duas sanctas velhas — e era essa a occupação dos seus curtos serões — equivalia a escutar uma resenha das differentes calamidades, que perseguem e apouquentam o genero humano, e que ellas, d'està maneira, pretendiam evitar.

—Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria a S. Marçal, para que nos livre do fogo—dizia D. Dorotheia, e seguia-se o Padre-Nosso.—Outro a Sancta Luzia milagrosa, para que nos dê vista e claridade na alma e no corpo; outro a S. Braz, para que nos proteja da garganta; outro a S. Vicente, por causa das bexigas, etc., etc. Seguia-se um Padre-Nosso por todos os que andam sobre as aguas do mar; outro por os pobres sem abrigo nem alimento; outro por os orphãos; outro pelos doentes; um pelos vivos; outro pelos mortos; um pelos justos; outro pelas almas do purgatorio, não hesitando até a sua caridade em transpôr as portas do inferno e pedir tambem a remissão dos condemnados. E ainda depois d'esta minuciosa e longa enumeração, um ultimo Padre-Nosso fechava a primeira serie, comprehendendo todos os não contemplados por esquecidos, ou por não terem logar na classificação.

Compunha a segunda serie a menção especial de cada uma das pessoas fallecidas das suas relações: parentes, amigos e conhecidos, por cujo «eterno descanço entre os resplendores da luz perpetua» oravam com verdadeira compuncção. N'esta phalange ia tambem D. João VI, por quem, havia quarenta annos, se costumara a rezar D. Dorotheia, e não era ella mulher que rompesse com habitos semi-seculares. Era esse talvez o unico Padre-Nosso que a alma do monarcha recebia no céo, com procedencia do seu antigo reino.

Emquanto ás qualidades physicas, a imaginação dos leitores pintar-lh'as-ha melhor do que a minha descripção. Forçosamente conheceram uma d'estas boas velhas, para quem nos sentimos attrahidos; a quem se estima e com quem se brinca ao mesmo tempo; que nos podem inspirar sacrificios e simultaneamente nos tentam a travessuras; a quem mystificamos agora e logo beijamos respeitosamente a mão; contra quem não reprimimos impaciencias, escutando depois submissos os seus nunca terminados sermões.

Ora estas velhas assim teem quasi sempre um typo uniforme, que é o reflexo exterior da bondade do coração; esse era o typo da tia Dorotheia com o seu ves-

Não se imagina a sancta paz de espirito, a placidez de paraizo, que estas duas mulheres — D. Dorotheia e Maria de Jesus, ama e criada — gozavam na quinta de Alvapenha, onde Henrique de Souzellas ia procurar allivio aos seus muitos e variados males.

Ambas da mesma idade, ambas muito aferradas aos seus habitos, ambas muito tementes a Deus e amigas do proximo, as duas celibatarias passavam alli uma vida, rescendente a um suave perfume de sanctidade, como o da alfazema e do rosmaninho, que lhes aromatizava as gavetas e de que se repassava toda a roupa branca, objecto muito dos seus cuidados.

A inalteravel harmonia, mantida havia tantos annos entre as duas, poderia ser exemplo á maior parte das familias d'este mundo. Entre velhas, que nunca tiveram filhos, circumstancia que em geral faz o humor mais acre e desabrido, era tanto mais para admirar o caso.

Tinham ellas porém a precisa tolerancia para fazerem mutuas concessões: cada uma fechava os olhos aos pequenos caprichos da outra, e tudo corria bem. Nunca dentro d'aquellas paredes se ouviu uma só palavra, que, por mais alto pronunciada ou por menos expressiva de paciencia, destoasse da invariavel monotonia dos seus habituaes dialogos.

Eram um exemplo edificante para os vizinhos, que, pela maior parte, devorados por demandas entre primos e irmãos, paes e filhos, marido e mulher, mostravam infelizmente ser esta abençoada semente cahida em improductivo terreno.

As discordias intestinas nas familias do seu conhecimento affligiam as duas sexagenarias e augmentavam o numero de Padre-Nossos com que todas as noites se faziam lembrar dos sanctos, de quem eram valídas, pedindo-lhes a felicidade dos outros tanto ou mais do que a sua propria.

Ouvir rezar as duas sanctas velhas — e era essa a occupação dos seus curtos serões — equivalia a escutar uma resenha das differentes calamidades, que perseguem e apouquentam o genero humano, e que ellas, d'està maneira, pretendiam evitar.

—Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria a S. Marçal, para que nos livre do fogo—dizia D. Dorotheia, e seguia-se o Padre-Nosso.—Outro a Sancta Luzia milagrosa, para que nos dê vista e claridade na alma e no corpo; outro a S. Braz, para que nos proteja da garganta; outro a S. Vicente, por causa das bexigas, etc., etc. Seguia-se um Padre-Nosso por todos os que andam sobre as aguas do mar; outro por os pobres sem abrigo nem alimento; outro por os orphãos; outro pelos doentes; um pelos vivos; outro pelos mortos; um pelos justos; outro pelas almas do purgatorio, não hesitando até a sua caridade em transpôr as portas do inferno e pedir tambem a remissão dos condemnados. E ainda depois d'esta minuciosa e longa enumeração, um ultimo Padre-Nosso fechava a primeira serie, comprehendendo todos os não contemplados por esquecidos, ou por não terem logar na classificação.

Compunha a segunda serie a menção especial de cada uma das pessoas fallecidas das suas relações: parentes, amigos e conhecidos, por cujo «eterno descanço entre os resplendores da luz perpetua» oravam com verdadeira compuncção. N'esta phalange ia tambem D. João VI, por quem, havia quarenta annos, se costumara a rezar D. Dorotheia, e não era ella mulher que rompesse com habitos semi-seculares. Era esse talvez o unico Padre-Nosso que a alma do monarcha recebia no céo, com procedencia do seu antigo reino.

Emquanto ás qualidades physicas, a imaginação dos leitores pintar-lh'as-ha melhor do que a minha descripção. Forçosamente conheceram uma d'estas boas velhas, para quem nos sentimos attrahidos; a quem se estima e com quem se brinca ao mesmo tempo; que nos podem inspirar sacrificios e simultaneamente nos tentam a travessuras; a quem mystificamos agora e logo beijamos respeitosamente a mão; contra quem não reprimimos impaciencias, escutando depois submissos os seus nunca terminados sermões.

Ora estas velhas assim teem quasi sempre um typo uniforme, que é o reflexo exterior da bondade do coração; esse era o typo da tia Dorotheia com o seu ves-

Não se imagina a sancta paz de espirito, a placidez de paraizo, que estas duas mulheres—D. Dorotheia e Maria de Jesus, ama e criada—gozavam na quinta de Alvapenha, onde Henrique de Souzellas ia procurar allivio aos seus muitos e variados males.

Ambas da mesma idade, ambas muito aferradas aos seus habitos, ambas muito tementes a Deus e amigas do proximo, as duas celibatarias passavam alli uma vida, rescendente a um suave perfume de sanctidade, como o da alfazema e do rosmaninho, que lhes aromatizava as gavetas e de que se repassava toda a roupa branca, objecto muito dos seus cuidados.

A inalteravel harmonia, mantida havia tantos annos entre as duas, poderia ser exemplo á maior parte das familias d'este mundo. Entre velhas, que nunca tiveram filhos, circumstancia que em geral faz o humor mais acre e desabrido, era tanto mais para admirar o caso.

Tinham ellas porém a precisa tolerancia para fazerem mutuas concessões: cada uma fechava os olhos aos pequenos caprichos da outra, e tudo corria bem. Nunca dentro d'aquellas paredes se ouviu uma só palavra, que, por mais alto pronunciada ou por menos expressiva de paciencia, destoasse da invariavel monotonia dos seus habituaes dialogos.

Eram um exemplo edificante para os vizinhos, que, pela maior parte, devorados por demandas entre primos e irmãos, paes e filhos, marido e mulher, mostravam infelizmente ser esta abençoada semente cahida em improductivo terreno.

As discordias intestinas nas familias do seu conhecimento affligiam as duas sexagenarias e augmentavam o numero de Padre-Nossos com que todas as noites se faziam lembrar dos sanctos, de quem eram validas, pedindo-lhes a felicidade dos outros tanto ou mais do que a sua propria.

Ouvir rezar as duas sanctas velhas—e era essa a occupação dos seus curtos serões—equivalia a escutar uma resenha das differentes calamidades, que perseguem e apouquentam o genero humano, e que ellas, d'està maneira, pretendiam evitar.

—Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria a S. Marçal, para que nos livre do fogo—dizia D. Dorotheia, e seguia-se o Padre-Nosso.—Outro a Sancta Luzia milagrosa, para que nos dê vista e claridade na alma e no corpo; outro a S. Braz, para que nos proteja da garganta; outro a S. Vicente, por causa das bexigas, etc., etc. Seguia-se um Padre-Nosso por todos os que andam sobre as aguas do mar; outro por os pobres sem abrigo nem alimento; outro por os orphãos; outro pelos doentes; um pelos vivos; outro pelos mortos; um pelos justos; outro pelas almas do purgatorio, não hesitando até a sua caridade em transpôr as portas do inferno e pedir tambem a remissão dos condemnados. E ainda depois d'esta minuciosa e longa enumeração, um ultimo Padre-Nosso fechava a primeira serie, comprehendendo todos os não contemplados por esquecidos, ou por não terem logar na classificação.

Compunha a segunda serie a menção especial de cada uma das pessoas fallecidas das suas relações: parentes, amigos e conhecidos, por cujo «eterno descanço entre os resplendores da luz perpetua» oravam com verdadeira compuncção. N'esta phalange ia tambem D. João VI, por quem, havia quarenta annos, se costumara a rezar D. Dorotheia, e não era ella mulher que rompesse com habitos semi-seculares. Era esse talvez o unico Padre-Nosso que a alma do monarcha recebia no céo, com procedencia do seu antigo reino.

Emquanto ás qualidades physicas, a imaginação dos leitores pintar-lh'as-ha melhor do que a minha descripção. Forçosamente conheceram uma d'estas boas velhas, para quem nos sentimos attrahidos; a quem se estima e com quem se brinca ao mesmo tempo; que nos podem inspirar sacrificios e simultaneamente nos tentam a travessuras; a quem mystificamos agora e logo beijamos respeitosamente a mão; contra quem não reprimimos impaciencias, escutando depois submissos os seus nunca terminados sermões.

Ora estas velhas assim teem quasi sempre um typo uniforme, que é o reflexo exterior da bondade do coração; esse era o typo da tia Dorotheia com o seu ves-

Não se imagina a sancta paz de espirito, a placidez de paraizo, que estas duas mulheres — D. Dorotheia e Maria de Jesus, ama e criada — gozavam na quinta de Alvapenha, onde Henrique de Souzellas ia procurar allivio aos seus muitos e variados males.

Ambas da mesma idade, ambas muito aferradas aos seus habitos, ambas muito tementes a Deus e amigas do proximo, as duas celibatarias passavam alli uma vida, rescendente a um suave perfume de sanctidade, como o da alfazema e do rosmaninho, que lhes aromatizava as gavetas e de que se repassava toda a roupa branca, objecto muito dos seus cuidados.

A inalteravel harmonia, mantida havia tantos annos entre as duas, poderia ser exemplo á maior parte das familias d'este mundo. Entre velhas, que nunca tiveram filhos, circumstancia que em geral faz o humor mais acre e desabrido, era tanto mais para admirar o caso.

Tinham ellas porém a precisa tolerancia para fazerem mutuas concessões: cada uma fechava os olhos aos pequenos caprichos da outra, e tudo corria bem. Nunca dentro d'aquellas paredes se ouviu uma só palavra, que, por mais alto pronunciada ou por menos expressiva de paciencia, destoasse da invariavel monotonia dos seus habituaes dialogos.

Eram um exemplo edificante para os vizinhos, que, pela maior parte, devorados por demandas entre primos e irmãos, paes e filhos, marido e mulher, mostravam infelizmente ser esta abençoada semente cahida em improductivo terreno.

As discordias intestinas nas familias do seu conhecimento affligiam as duas sexagenarias e augmentavam o numero de Padre-Nossos com que todas as noites se faziam lembrar dos sanctos, de quem eram validas, pedindo-lhes a felicidade dos outros tanto ou mais do que a sua propria.

Ouvir rezar as duas sanctas velhas — e era essa a occupação dos seus curtos serões — equivalia a escutar uma resenha das differentes calamidades, que perseguem e apouquentam o genero humano, e que ellas, d'está maneira, pretendiam evitar.

—Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria a S. Marçal, para que nos livre do fogo—dizia D. Dorotheia, e seguia-se o Padre-Nosso.—Outro a Sancta Luzia milagrosa, para que nos dê vista e claridade na alma e no corpo; outro a S. Braz, para que nos proteja da garganta; outro a S. Vicente, por causa das bexigas, etc., etc. Seguia-se um Padre-Nosso por todos os que andam sobre as aguas do mar; outro por os pobres sem abrigo nem alimento; outro por os orphãos; outro pelos doentes; um pelos vivos; outro pelos mortos; um pelos justos; outro pelas almas do purgatorio, não hesitando até a sua caridade em transpôr as portas do inferno e pedir tambem a remissão dos condemnados. E ainda depois d'esta minuciosa e longa enumeração, um ultimo Padre-Nosso fechava a primeira serie, comprehendendo todos os não contemplados por esquecidos, ou por não terem logar na classificação.

Compunha a segunda serie a menção especial de cada uma das pessoas fallecidas das suas relações: parentes, amigos e conhecidos, por cujo «eterno descanço entre os resplendores da luz perpetua» oravam com verdadeira compuncção. N'esta phalange ia tambem D. João VI, por quem, havia quarenta annos, se costumara a rezar D. Dorotheia, e não era ella mulher que rompesse com habitos semi-seculares. Era esse talvez o unico Padre-Nosso que a alma do monarcha recebia no céo, com procedencia do seu antigo reino.

Emquanto ás qualidades physicas, a imaginação dos leitores pintar-lh'as-ha melhor do que a minha descripção. Forçosamente conheceram uma d'estas boas velhas, para quem nos sentimos attrahidos; a quem se estima e com quem se brinca ao mesmo tempo; que nos podem inspirar sacrificios e simultaneamente nos tentam a travessuras; a quem mystificamos agora e logo beijamos respeitosamente a mão; contra quem não reprimimos impaciencias, escutando depois submissos os seus nunca terminados sermões.

Ora estas velhas assim teem quasi sempre um typo uniforme, que é o reflexo exterior da bondade do coração; esse era o typo da tia Dorotheia com o seu ves-

tido roxo, o seu lenço castamente cruzado no peito, a sua touca de folhos alvissimos e de fitas escuras, o mólho de chaves á cinta, o livro de orações na algibeira e os oculos a marcarem no livro a reza habitual.

Maria de Jesus de igual maneira. Era apenas uma edição popular da mesma alma. Succedera de mais com ellas o que é sempre de esperar d'uma longa e intima convivencia; haviam reciprocamente adoptado maneiras e modos de pensar e de vêr e de dizer as coisas uma da outra, a ponto de qualquer d'ellas ser como que uma premissa d'onde, a modo de conclusão, se deduzia a outra facilmente.

Tudo isto percebeu logo Henrique de Souzellas ao primeiro exame que fez das duas sanctas mulheres.

Entremos agora com elle para dentro da sala.

Quem, vinte annos antes, tivesse visitado a casa de Alvapenha e ahi voltasse de novo com Henrique, julgaria, á vista da uniforme disposição de coisas mantida alli dentro em tão distantes épocas, que todo esse tempo não fôra mais do que um sonho de momentos.

Encontraria os mesmos moveis, na mesma collocação; as mesmas cobertas nos leitos, apenas mais desbotadas; as mesmas ou iguaes cortinas nas janellas; o mesmo cheiro de feno e alfazema na atmosphera dos quartos, os mesmos quadros na parede, as mesmas jarras nas commodas.

A memoria de Henrique, aquella inconstante e leviana memoria de rapaz estouvado, sentia-se acordar, á vista d'aquillo tudo.

A sala tinha uma physionomia caracteristica.

Supponha-se uma não muito ampla quadra de pouca altura, toda pintada a óca, e alumiada por duas mal rasgadas janellas de peitoril, com seus competentes assentos de pedra, um defronte do outro, e com meias cortinas de cambraia sempre corridas — pleonasmo de discrição que se não justificava, visto que as janellas, abrindo para a quinta, não tinham vizinhança de cujos olhares precisassem de recatar-se. O tecto era de almofadas de castanho, em tempos pintado de azul, agora de uma côr duvidosa. Havia quinze annos que D. Dorotheia fallava

em o mandar retocar, mas o projecto, momentoso como era, ia sendo adiado de primavera para primavera. Orlava a sala, no alto, um friso ou cornija saliente, onde córadas maçãs de inverno aguardavam, em vistosa fileira, a completa maturação, e derramavam no aposento o mais agradavel aroma. O pavimento, apezar de muito picado de caruncho, andava limpo e *escafunado* — termo do vocabulario da casa — que mettia gosto vêl-o. Cada parede era um museu de estampas de devoção. Poucos sanctos e sanctas da côrte celestial não estavam alli representados e com um colorido, que era o maior peccado, a que estes bemaventurados haviam dado logar cá no mundo.

Lá se via Sancta Quiteria e as suas sete companheiras, Sancta Anna ensinando nossa Senhora a lêr; o Senhor dos Passos, venerado em S. João Novo, no Porto; o Bom Jesus de Bouças, representação da imagem, que segundo reza a respectiva chronica, é obra das mãos de José de Nicodemus; os Sanctos Martyres de Marrocos, da igreja de S. Francisco, etc., etc. Sobre a commoda de pau preto era devotamente venerado o mais rubicundo, menineiro e bem disposto Sancto Antonio, que ainda modelaram as mãos de sancteiro afamado. E seja dito de passagem que não sei porque a tradição popular dá a este austero franciscano o aspecto chorudo d'um moderno reitor de farta abbadia de aldeia.

No interior da redoma, onde se abrigava o sancto, estava estabelecido o museu de raridades da tia Dorotheia. Eram flores artificiaes, concharinhas e caramujos, um rosario de caroços de azeitonas, uns poucos de vintens de prata, enfiados e pendentes do braço do menino Jesus, que o sancto sustentava ao collo, veronicas, escapularios, uma campainha benta, uma medida do braço do Senhor de Mathosinhos, um pão do sacco de Sancta Izabel, que vai na procissão de Cinza, no Porto, e outros objectos curiosos.

A mobilia da sala consistia em cadeiras de palhinha, que gemiam, quando entravam em serviço, como militar, cujas articulações o rheumatismo invadiu; mesas cobertas com colchas de chita; bahus cravados de prega-

ria amarella, disposta em lettras e arabescos; uma papeleira de pau sancto, e uma gaiola com um canario decrepito, objecto, havia muitos annos, das tentações d'um gato, mais decrepito do que elle e pertencente ás classes inactivas.

Henrique adivinhando por todo aquelle cheiro de beatitude e de antiguidade que alli se respirava, os habitos da casa, sentia já certo desconforto, como de quem é arrancado de subito ao ambiente, em que se educou e vive, e engolfado n'um ambiente estranho; especie de asphyxia moral, não menos angustiosa do que a do peixe fóra da agua.

A saudade que ao principio sentira, dissipara-se já. O perfume da saudade é como o de certas flores, que só se percebe quando de longe o recebemos. Se, illudidos, as tentamos aspirar de perto, dissipa-se.

Acontecera isto com Henrique.

Cada vez portanto se lhe radicava mais funda a crença, de que não seria por muito tempo que se demoraria alli.

—Os emollientes do doutor—pensava elle, emquanto sua tia fallava—serão efficazes para quem os podér soffrer sem enjôo, mas para mim...

No entretanto sentou-se.

—Ora o Henriquinho!—dizia ainda D. Dorotheia, pondo-se de braços cruzados em contemplação defronte d'elle—Ó menino, onde foste tu arranjar esses bigodes tamanhos? Então isso agora usa-se?

Pergunta que sobremaneira embaraçou Henrique.

—Quem quer usar, usa, tia. Não é obrigação—respondeu elle, com leve mau humor.

—Em nome do Padre e do Filho!—dizia Maria de Jesus, benzendo-se e tomando logar ao lado da ama—Até nem sei que parece, lembrar-se a gente que trouxe este marmanjão ao collo!

O termo «marmanjão» não soou bem a Henrique. Principiava tambem a impaciental-o o vêr as duas, embasbacadas diante d'elle; um homem sujeito a uma exposição d'estas, por mais que faça, não atina com o modo de arrostar com ella, que não seja ridiculo. Ora Hen-

rique, como todo o homem da sociedade, o que mais que tudo temia n'este mundo era o ridiculo.

Felizmente acudiu-lhe a caridosa intervenção da tia Dorotheia, que fez perceber á criada a conveniencia de ir preparando a ceia de Henrique, que havia de querer recolher-se. Henrique, apezar de não costumar ceiar, aceitou a ideia, porque o frio, as fadigas e a má alimentação dos ultimos dias, haviam-lhe desafiado o appetite. De mais, o espanto de D. Dorotheia, quando lhe ouviu dizer que as ceias não entravam nos seus habitos, foi tal que lhe tirou o animo de rejeitar.

—Não ceias! Ó menino, que me dizes? Então vaes-te deitar sem ceia? Ora essa! Por isso vossês são uns pelens. Vejam lá que arranjo este! ficar toda a sancta noite sem alguma coisa que dê sustento ao estomago, que aconchegue. Nada, nada; a ceiinha em todo o caso. E tu has de tambem querer mudar de fato.

—Eu venho bastante molhado.

—Ai, então depressa, menino, que não ha nada peior do que a roupa molhada no corpo. Ó Maria... ou deixe estar, eu vou... Anda, Henriquinho, anda lá, que eu guio-te ao teu quarto para te arranjares.

Meia hora depois, Henrique banhado, enxugado e commodamente vestido, saboreava uma gorda gallinha de canja, sobre uma mesa coberta de toalha lavada e na melhor louça da copeira.

Elle, que tinha sempre severidades de critica contra os mais afamados cozinheiros de Lisboa, estava achando deliciosa aquella comida primitiva, com que o regalava a tia.

Esta sentou-se a vêl-o comer, e com a mesma familiaridade, que Henrique já anteriormente estranhara, Maria de Jesus sentou-se ao lado da ama.

Ambas tinham ceiado já; pois que o faziam ao cerrar da noite.

Emquanto Henrique comia, ellas, sem deixarem de o observar com a natural curiosidade de quem havia tanto tempo não tivera um hospede, faziam-lhe perguntas sobre perguntas, ás quaes elle ia respondendo conforme lhe era possivel.

—Tu dizias-me na tua carta que estavas doente, pois olha que na cara não o parece.

—Não—concordou a criada—tem boas côres e, vamos, a magreza inda não é lá essas coisas.

Era este o ponto fraco de Henrique; respondeu logo ao reclamo:

—Não me digam isso! Então não vêem como estou? Pois isto é lá côr de saude? De febre será. Gordo! pois acham-me gordo?!

—Gordo, não digo, mas assim, assim... E depois como vieste de jornada... Mas a final que molestia é a tua, menino?

—Eu sei lá, tia Dorotheia? Nem os medicos a conhecem bem. É, entre outras coisas, uma tristeza, uma melancolia, que me não deixa, que me persegue por toda a parte. Ás vezes parece-me que sinto apertar-se-me dolorosamente o coração; outras, são palpitações, ancias... Tenho quasi vontade de chorar, irrito-me, impaciento-me, não quero que me fallem, nada quero vêr, nada quero ouvir; não leio, não durmo, não cômo. Finalmente todo eu sou doença e tristeza.

A boa tia Dorotheia olhava com sisudez e attenção para o sobrinho, emquanto elle fallava, e na physionomia iam-se-lhe desenhando, ao ouvil-o, os mais expressivos signaes de espanto e consternação.

Assim que Henrique terminou a exposição, ella disse-lhe com uma adoravel candura:

—Então é assim uma especie de mania?

Á palavra «mania» Henrique sobresaltou-se. Seria a consciencia que se sentiu ferida?

—Mania! Ó tia Dorotheia! Mania! Veja bem, olhe que o termo é forte! Mania!

—Sim, menino—insistiu ingenuamente a boa senhora—pois olha que não é outra coisa. Pois isto de estar triste sem ter de quê... sim... porque não te morrendo ninguem, nem te doendo nada...

Ó poetas devaneiadores, ó almas melancolicas, que percebeis no sussurrar das brizas, no ciciar das folhas, no murmurar dos arroios, queixas occultas de dryades e de nayades, sentidas vibrações das harpas de fadas

ereas, que vivem em palacios de nuvens; ó corações noculados de poesia, que vos confrangeis e gotejaes lagrimas sinceras ao desmaiar do dia, ao desfolhar das rvores no outomno; poetas, que escutaes, com Victor Iugo, as vozes interiores, os cantos do crepusculo e om elle adivinhaes os mysterios dos raios e das sombras, perdoai a involuntaria blasphemia da tia Dorotheia, ue não contém o menor fermento de malicia; perdoaihe a dura expressão de que ella se serviu para caraterisar os vossos arroubamentos, as vossas tristezas vaas, os vossos devaneios, e crêde que, apezar da phrae, terieis n'ella uma alma mais afinada para sympathiar comvosco, do que tantas que por ahi fazem gala de os comprehender melhor.

Henrique não podia porém digerir a expressão, de ue se servira a tia, para diagnosticar o seu mal.

—Mania! — repetia elle — Essa agora! Sempre é orte de mais. Mania, não, tia Dorotheia, lá isso não. Iania!

—Eu lhe digo—acudiu a criada.—Não vá sem resosta; que está quasi como o cunhado da Rosa do Baello. A senhora não se lembra? Andou aquella alminha or ahi sempre triste, sempre a fallar só, até que a final lá foi parar...

—Aonde?—perguntou Henrique, erguendo os olhos nterrogadoramente para a criada.

—Lá foi parar a Rilhafolles—concluiu esta, espevitando a vela o mais naturalmente d'este mundo.

Henrique de Souzellas pulou com a sinceridade.

Nem acabou de sorver a ultima colhér de caldo de rroz, que lhe estava sabendo como nunca manjar lhe oubera.

—Então não comes mais?—perguntou a tia.

—Muito agradecido; eu o mais que tenho é somno.

—Pois sim, mas é preciso fazer por comer — insisu ella.

—Ora vá mais este coixão—disse a criada.

—Não é possivel—teimou Henrique, e insistiu para recolher ao quarto.

—Tens razão, tens — concordou a tia Dorotheia —

deves estar fatigado. Vai com nossa Senhora, menino. E deixa-te lá de pensar e estar triste, que isso não é bom. É fazer por espairecer. Come, bebe, passeia, que é o que dá saude. Nada de malucar.

—Sim—accrescentou a criada—e não queira estar doente, que não tem graça nenhuma.

—E olha, Henriquinho, tu tens por ahi com quem te pódes distrahir. O brazileiro Seabra, que tem uma casa como um palacio; o Augustito do doutor, que é um bom mocinho. E depois vai dar um passeio por ahi, um dia até os moinhos, outro dia até á ermida da Senhora da Saude. Agora me lembra; a Lenita já mandou ahi outra vez saber se tinha chegado o hospede—disse D. Dorotheia.

—Não foi só a morgadinha...

—Ahi está vossê a chamar-lhe tambem a morgadinha.

—Então, senhora?! isto é o costume. Mas todas as outras senhoras mandaram tambem o Torquato saber do snr. Henrique. A snr.ª D. Victoria e a Christininha.

—Ai, pois cuidadosas são ellas! Tu has de te entender com aquella gente. É uma gente muito dada e sem ceremonia. É preciso lá ir. Olha, ámanhã podes ir visital-as. É um passeio bonito.

Henrique, que tinha estado distrahido durante a conversa das duas, nem se dava ao trabalho de intervir no dialogo, em que ellas dispunham já do seu tempo e traçavam-lhe planos de vida.

—Mas vai descançar, menino, vai e faze por dormir. Olha lá, tu costumas dormir com luz?

—Não, tia, não costumo.

—É porque n'esse caso... Ó Maria, aonde está aquella lamparina, que me serviu quando eu estive doente, ha seis annos?

—Está lá dentro, senhora; se a senhora quer, eu...

—Vê lá, menino...

—Não, tia, não quero.

—Ha pessoas que não podem dormir ás escuras—dizia a criada.—Eu, graças a Deus, durmo bem de qualquer fórma.

—Pois sim, mas nem todos são como vossê. Olha, Henriquinho, has de vêr se queres o travesseiro mais lto ou...

—Muito agradecido, tia Dorotheia, tudo deve estar om—disse Henrique, procurando fugir ás muitas reexões, perguntas e conselhos, com que as duas o iam erseguindo até o quarto.

—Olha, ó menino, tu bebes agua de noite?

—Ás vezes.

—Vossê pôz-lhe agua no quarto, Maria?

—Puz, sim, minha senhora; pois então? Já minha ıãezinha dizia, que antes sem luz do que sem agua.

—Bem, então está bom. Então muito boa noite, meino.

—Boa noite, tia.

—Ai, é verdade. Has de vêr se queres mais roupa a cama.

—Não hei de querer, não, tia.

—Olha que está muito frio. Vossê quantos cobertoes lhe deitou, ó Maria?

—Cinco, senhora.

—Cinco!—exclamou Henrique, quasi horrorisado -Cinco cobertores!

—É pouco?

—Pouco?! É de morrer esmagado debaixo d'elles.

—Ai, quer não! Olha que está muito frio.

—Bem, bem; eu cá me arranjarei.

—Então, muito boa noite.

—Muito boa noite, tia.

E Henrique ia a fechar a porta.

—Olha...—disse ainda a tia.

Henrique parou.

—Não sei o que é que me esquece...

—Não ha de ser nada, tia; boa noite.

—Não esquecerá?... Eu sei?... Emfim... boa noite. ıi, é verdade... Sempre é bom ficar com lumes promıtos.

—Ai, sim; lá isso sempre é bom.

—Vês? não que bem me parecia.

—Já lá estão, senhora—disse a criada de longe.

—Melhor; então, muito boa noite nos dê nosso Senhor, menino.

—Muito boa noite, tia.

E Henrique conseguiu fechar a porta.

Estava finalmente só.

—Que desastrada lembrança a minha!—disse o pobre rapaz, ao fechar a porta sobre si—Como posso eu viver com esta sancta e virtuosa gente, que chama manias aos meus padecimentos? Que futuro de impertinencias me esperava! Ai, Lisboa, Lisboa! E pensar eu que só posso voltar para ti á custa de outra jornada!

O quarto de Henrique era arranjado com simplicidade. Um alto leito de almofada na cabeceira e rodapé de chita, tão alto que se não dispensava o auxilio de cadeira para trepar acima d'elle, uma commoda com um pequeno espelho, um bahu, um lavatorio e duas cadeiras mais, constituiam a mobilia toda.

Henrique de Souzellas sentiu a falta de mil pequenos objectos de toucador, a que estava habituado. Aquelle estrictamente necessario não lhe promettia grandes confortos.

Deitou-se. A roupa da cama era de linho alvissimo e respirava um asseio e frescura convidativos, os travesseiros, de largos folhos engommados, possuiam uma molleza agradavel ás faces, o colchão de pennas abatia-se suavemente sob o pêso do corpo fatigado.

Henrique conchegou a roupa a si; á falta de velador, poisou o castiçal no travesseiro e, abrindo um livro que trouxera de Lisboa, pôz-se a lêr, para obedecer a um habito adquirido.

Não teria lido ainda um quarto de pagina quando ouviu a voz da tia Dorotheia, que lhe dizia de fóra da porta:

—Ó menino, tu já te deitaste?

—Já, sim, tia Dorotheia.

—Olha se tens cautela com a luz. Eu tenho um medo de fogos!

—Esteja descançada, tia. Eu apago já.

—Então será melhor. S. Marçal nos acuda.

E afastou-se, rezando ao sancto.

Henrique continuou a lêr.

D'ahi a pouco a mesma voz:

—Tu já dormes, Henriquinho?

—Não, tia, ainda não durmo.

—Olha que não vás adormecer sem apagar a luz. Eu tenho um medo de fogos! Não descanço, emquanto não vejo tudo apagado em casa.

Henrique perdeu a paciencia.

—Pois póde socegar. Olhe.

E apagou a vela, meio zangado.

—Fizeste bem, fizeste bem; isto já é tarde e é melhor fazer por dormir. Então, muito boas noites.

—Muito boas noites—respondeu Henrique, quasi amuado; e ageitando-se na cama, dizia comsigo:—E esta! Já vejo que nem lêr me é permittido aqui. Olhem que vida me espera! E isto é que me devia curar? Que fatalidade!

Dentro em pouco, os dois felpudos cobertores de papa, unicos que conservava dos cinco primitivos, começaram a fazer o seu effeito, insinuando nos membros cançados da jornada um agradavel calor. Convidavam ao somno o som da agua n'um tanque que ficava por baixo das janellas do quarto e as gotas da chuva, que dos beiraes do telhado cahiam compassadas na táboa do peitoril.

A noite socegara. De quando em quando apenas algumas lufadas de vento, já menos impetuosas, faziam bater as vidraças.

Era como estes estados, que succedem a um chôro aberto. Correm ainda algumas lagrimas nas faces, mas já não brotam novas dos olhos; sahem ainda do peito os soluços, porém mais espaçados; dentro em pouco será completa a serenidade.

Henrique começou a experimentar uma languidez, um delicioso bem-estar n'aquelle confortavel leito e no meio d'aquelle socego; fecharam-se-lhe enfraquecidos os olhos, e deslizou suave, insensivelmente, no mais profundo, tranquillo e restaurador somno, que, havia muito tempo, tinha dormido.

III

Ao romper da manhã, quando a consciencia principia, pouco a pouco, a acudir aos sentidos, até então tomados pelo torpôr d'um somno profundo, Henrique de Souzellas sonhava-se commodamente sentado em uma cadeira de S. Carlos, disposto a assistir ao desempenho d'uma opera favorita.

Moviam-se os arcos nas cordas dos violinos, violoncellos e contrabassos; sopravam, a plena bôca, os tocadores dos instrumentos de vento; agitavam descompostamente os braços os ruidosos timbaleiros; dedos amestrados faziam vibrar as cordas da harpa; a batuta do mestre fendia airosamente os ares, e comtudo não chegava aos ouvidos de Henrique, de toda esta riqueza de instrumentação, mais do que uma nota unica, arrastada, contínua, plangente, baixando e subindo na escala dos tons, e sem formular uma só phrase musical.

Era de desesperar um *dilletante* como elle; torcia-se na cadeira, inclinava convenientemente a cabeça, fazia das mãos cornetas acusticas, e sempre o mesmo resultado!

Este violento estado de attenção, este esforço do sensorio, principiou n'elle a obra do despertar; principiou pois pelos ouvidos, mas cedo se transmittiu a todos os outros orgãos.

Antes de dar a si proprio conta do que era aquelle som e quasi esquecido ainda do logar em que estava, Henrique abriu os olhos.

A luz do dia penetrava já pelas frestas mal vedadas

as janellas e espalhava no aposento uma tenue clari-
ade.

Veio então a Henrique a consciencia do logar em ue estava, e uma alegria profunda lhe dilatou o cora-
ão.

O leitor, se ainda não padeceu de insomnias, de pe-
adelos, ou de sonhos febris, não avalia por certo o con-
ntamento intimo, que se apossa das desgraçadas victi-
as d'esses demonios nocturnos, quando por excepção lles as deixam em paz, e lhes respeitam o somno de ma noite completa. Acordar só aos raios da aurora é m dos mais ineffaveis prazeres, a que elles aspiram na ida.

Penetra-lhes então os membros um insolito vigor; a rca do peito expande-se-lhes mais livre e as sombras o espirito dissipam-se-lhes com aquelle clarão matinal.

Foi o que succedeu a Henrique. Pela primeira vez, epois de muitos mezes, dormira d'um somno a noite iteira.

Sentia-se com isto tão bom, tão vigoroso, tão con-
nte, que teve vontade de cantar.

Mas o som, que o acordara, aquella nota unica, em ue se confundiam todas as notas da sonhada orchestra, inda lhe soava aos ouvidos.

Prestando-lhe a attenção de acordado, conheceu que ra o chiar dos carros — o mesmo som, que na vespera irritara, agora, assim a distancia, estava-lhe agradan-
o, como nota extrahida por mão habil das cordas d'um iolino.

Não resistiu mais tempo ao impulso, que n'aquella ianhã o incitava ao exercicio, rara disposição no indo-
nte filho da capital, que tinha por habito ouvir o meio ia na cama.

Ergueu-se e abriu as janellas.

Não é licita a comparação entre a mais surpren-
ente transmutação d'uma d'essas apparatosas magicas, ue tanto extasiam as multidões embasbacadas nas pla-
ias e camarotes d'um theatro, e as que, de instante ara instante, realisa a natureza. Descerrando o véo de uvens que encobre o fulgor do sol; elevando, acima

do horizonte, esse magestoso lampadario do mundo, ou o brilhante reflectidor que illumina as noites desanuviadas, a natureza opéra, a cada momento, as mais admiraveis e completas metamorphoses.

Durante o somno de Henrique realisara-se um d'esses effeitos magicos.

Abrandara gradualmente a violencia do sul; o vento, mudando, voltou em sentido opposto a grimpa do campanario; dispersaram-se as nuvens; luziram tremulas por momentos as estrellas, empallideceram perante o alvor do dia, e quando o sol assomou por sobre a crista das serras, estendia-se-lhe diante um vasto manto azul, tapetando a estrada, que tinha a percorrer. Só, muito para o occidente, ainda algumas nuvens amontoadas formavam uma como franja, que o astro nascente em breve tingiu de carmim e de ouro.

Foi pois a luz d'um dia esplendido e a briza, cheia de aromas, que vem dos campos nas alvoradas serenas, que penetraram no quarto de Henrique, quando elle abriu as janellas.

A inesperada surpreza quasi lhe soltava do peito uma exclamação de prazer!

A aldeia, aquella mesma aldeia, escura e triste que, com o coração apertado, atravessara na vespera, parecia outra.

O sol da manhã baixara sobre ella, dissipara-lhe as sombras, colorira-lhe as verduras, reflectira-se-lhe nas prêsas, dispersara-se em iris cambiantes na espuma das torrentes e cascatas naturaes, perfumara-a de aromas, animara-a de cantos, transformara-a emfim na mais risonha paisagem, em que os olhos de Henrique, pouco habituados ás esplendidas galas do Minho, tinham nunca repousado.

O inverno despojara parte d'essas galas; embora! Até da propria nudez d'algumas arvores resultavam encantos. As folhas crestadas, os ramos despidos, as moitas sem flores infundem tristeza; mas não tem a tristeza poesia tambem? Póde haver completa paisagem onde não haja uns tons escuros de melancolia?

Henrique de Souzellas, debruçado na varanda de

pedra do quarto, não se cançava de admirar aquella scena.

Parecia-lhe estar assistindo á um milagre de fadas, que, n'um momento, elevam, nos ermos, jardins e paços como os de Armida e Alcina.

Pois era esta a mesma aldeia, atravez da qual elle cavalgara de noite?

Os accidentes do terreno, aquelles accidentes, que tão do fundo d'alma amaldiçoara na vespera, produziam, vistos então d'alli, os mais pittorescos effeitos. Abatia-se-lhe aos pés um não muito profundo valle, opulento em vegetação e que a certa distancia se continuava insensivel e gradualmente com uma amenissima collina. Além, um bello bosque de carvalhos seculares, que o inverno, privando-os de folhas, tingira quasi da côr da violeta, contrastava com a fronde sempre verde das larangeiras nos pomares vizinhos, fronde, por entre a qual se divisavam abundantes os doirados fructos, poupados pela mão do lavrador. As copas, como umbelladas, dos pinheiros mansos desenhavam nas encostas e eminencias fronteiras as mais suaves ondulações. Dispersos aqui e alli, e entremeiados com a verdura, grupos de casas campestres, alvejantes á luz do sol, moinhos e azenhas, noras toldadas de ramadas conicas, eiras, pontes rusticas, as mesmas talvez que com mau humor trilhara na vespera, tão sinistras então, como graciosas agora; extensas e virentes campinas e lameiros, onde pastavam numerosas manadas de gado. Mais longe a igreja com a sua alameda á entrada e o cemiterio, onde um só mausoleu avultava ainda; uma ou outra casa apalaçada, ennegrecida pelo tempo; algumas ruinas, consolidadas pelas heras, revestidas de musgos, doiradas de lichens; finalmente, tudo o que tenta os paisagistas, tudo o que exalta os poetas, tudo quanto suspende os passos ao viajante; e, encobrindo todo o quadro, um tenuissimo sendal de vapores azulados, dando-lhe a apparencia de uma das mimosas composições a pastel da mão de Pillement.

A mudança de aspecto da scena operou não menor mudança nos sentimentos e disposição do enlevado es-

pectador, que das varandas de Alvapenha a estava observando.

—É preciso sahir! é preciso sahir!—disse Henrique comsigo—Quero vêr isto de perto; quero entranhar-me n'estes bosques, quero trepar por aquelles montes, debruçar-me d'aquellas ribanceiras.

E vestindo-se á pressa e sem sentir a necessidade de uma escrupulosa *toilette*, sahiu do quarto.

Encontrou nos corredores a tia Dorotheia, que o saudou amavelmente.

—Muito bons dias, menino, então como passaste tu a noite?

—Deliciosamente, minha querida tia—respondeu elle, abraçando-a com maior affecto e bom humor do que na vespera.

O que é sentir-se a gente bem!

—Então não estranhaste?

—Estranhei immenso!

—Sim?!—disse a tia mortificada.

—Dormi a noite d'um somno, e acordei bem disposto; o que para mim é a mais estranha das occorrencias.

A tia sorriu satisfeita.

—Pois antes assim. E agora...

—E agora quero sahir, quero vêr esta terra, que me está parecendo um paraizo terreal.

—Espera, menino. Não vás sem almoçar.

—Almoçar! Pois que horas são?

—Não é cedo; são já sete horas.

—Já sete horas!

E Henrique insensivelmente desviou os olhos para a janella, para vêr como era a natureza a uma hora, a que raras vezes a examinava.

—E então acha que se póde almoçar ás sete horas?

—Porque não? Se está já prompto.

—Bom; almocemos. O doutor disse-me que tomase os habitos da aldeia. Principiemos por este.

Entrando para a sala do jantar, Henrique viu diante de si uma taça de leite espumante, tepido, odorifero, extrahido de pouco tempo.

Foi por elle que principiou o almoço.

Pela primeira vez na sua vida disse elle ter bebido o leite verdadeiro, o leite que não faz mentir a analyse dos chimicos, de que os physiologistas exaltam as qualidades nutritivas, de que os poetas das georgicas cantam as delicias e virtudes; só agora os comprehendeu elle, que bem differente d'aquillo era o aguado e quantas vezes derrancado sôro, a que estava habituado na cidade.

D. Dorotheia, almoçando, e Maria de Jesus, servindo, fallaram, segundo o costume, continuamente.

Henrique, d'esta vez, fallou tanto como ellas.

Ouvia-as já com mais attenção e respondia-lhes com mais vontade e paciencia.

Fallaram em muitas coisas.

A tia deu parte ao sobrinho de que varias pessoas da vizinhança, sabendo-o chegado, lhe tinham já mandado presentes de gallinhas, offerecendo-se, ao mesmo tempo, para lhe mostrarem as raridades da terra; disse mais que as senhoras da quinta do Mosteiro tambem tinham já mandado saber d'elle, Henrique, e lembrou que seria delicado ir visital-as aquella manhã.

Henrique concordou em tudo, quasi sem reparar em quê, e terminando o almoço apressou-se a sahir para o campo.

—E se te perdes, menino?—lembrou a tia.

—Se me perder, farei por achar-me.

Riram-se muito as boas mulheres e deixaram-no ir.

Dentro em pouco, Henrique atravessava a quinta, que tambem então lhe pareceu graciosa, de uma graça bucolica, a que não estava habituado. O aspecto melancolico da vespera desvanecera-se. Até para ser completa a mudança, estavam encadeados nas casotas o lobo e o tyranno, cujas boas graças comtudo procurou conquistar, atirando-lhes biscoutos.

Foi um passeio delicioso o que elle deu. Tudo quanto via lhe era novidade, tudo lhe captivava a attenção e o distrahia dos seus lugubres pensamentos.

Depois de muito andar, de subir collinas, de descer valles e costear ribeiros, foi sahir a um pequeno largo,

ao fim do qual havia uma casa terrea, caiada de branco, com portas verdes e janellas envidraçadas, sendo os vidros em alguns dos caixilhos substituidos por papel. Á porta d'esta casa estava muita gente parada; mulheres, velhos, moços, creanças, uns sentados, outros deitados, outros a pé e encostados á ombreira e todos apparentemente aguardando alguma coisa ou alguem do lado d'uma das ruas, que vinha terminar no largo, e para a qual se dirigiam todos os olhares.

Henrique aproximou-se d'esta casa com alguma curiosidade, que cedo satisfez, vendo em uma taboleta suspensa no alto da janella, a seguinte pomposa inscripção: «Repartição do correio» e como a confirmar o distico, um córte feito na porta para a recepção das cartas.

Lembrando-se da conveniencia de avisar o empregado do correio para lhe serem remettidas a Alvapenha as cartas, que lhe viessem de Lisboa, Henrique entrou na repartição.

Consistia esta n'uma loja apenas, mobilada com um banco de pinho e dividida por um mostrador, para dentro do qual se alojava todo o pessoal do serviço, isto é, um homem por junto; e era este o snr. Bento Pertunhas, personagem importante na terra, e a cuja intelligencia e solicitude estavam confiadas mais do que uma funcção. Além de servir, em interinidade permanente, como muitas vezes são as interinidades do nosso paiz, este cargo, dito por elle, de «director do correio», estava de posse s. s.ª d'uma das cadeiras de latim e de latinidade, com que se procura em Portugal fomentar nos concelhos ruraes o gosto pelas lettras antigas; era ainda regente e director da phylarmonica da terra, armador de igreja em dias festivos, ensaiador de autos e entremezes populares, e, quando Deus queria, author de alguns tambem.

Vendo entrar Henrique nos seus dominios, o illustre funccionario tirou cortezmente o seu bonet de pelle de lontra e ergueu-se da banca para cumprimentar tão honrosa visita. Nos cumprimentos que formulou disse o nome de Henrique.

Admirado por ser já conhecido, Henrique interrogou

› latinista e, achando-o muito informado de tudo quanto he dizia respeito, convenceu-se de que estava na preençça d'um esmerilhador de vidas alheias do mais fino uilate e d'um fallador de assustar.

Com o fim de cortar a divagação, em que o homem ntrara a respeito de certa viagem que fizera a Lisboa, erguntou-lhe Henrique se o correio não chegara ainda.

—Saiba v. s.ª que ainda não—respondeu o snr. lento Pertunhas—mas não deve tardar. O homem que l'aqui vai buscar as malas á villa, se bem andasse, já á podia estar. Esse formigueiro de gente, que v. s.ª hi vê á porta, está á espera d'elle. Hoje então, que hegam as cartas do Brazil, ninguem pára com este poo. Dão-me cabo da paciencia. Isto é um inferno! Eu irvo este logar interinamente, emquanto o empregado stá paralytico; porque eu tenho outro cargo publico, ou professor de latinidade.

—Ah!...

—É verdade, mas a minha vocação era para as ares. Meu pae queria que eu fosse padre e mandou-me nsinar latim; mas já então a minha paixão era a muica. Eu ainda queria que v. s.ª me ouvisse tocar tromba, que é o instrumento que mais tenho estudado... Se '. s.ª se demorar ha de fazer-me o favor...

—Com muito gosto.

—Não poder um homem seguir no mundo a sua ocação!

—Ainda assim não se póde queixar muito. O cultivo das lettras latinas deve-lhe proporcionar gozos; porue emfim para quem possue instinctos de arte, a leiura dos poetas já é um lenitivo contra as agruras da ida.

O mestre Pertunhas fitou Henrique com olhos muito bertos.

—Os poetas? Os poetas latinos! Ora essa! Então paece-lhe que póde achar-se gosto em lêl-os? Ai, meu aro senhor, eu por mim tenho-lhe uma vontade!... O atim!... a mais destemperada e desesperadora lingua que se tem fallado no mundo! Se é que se fallou—acrescentou em voz mais baixa.

—Então duvida que se fallasse latim?—perguntou Henrique, sorrindo.

—Eu duvido. Não sei como os homens se podessem entender com aquella endiabrada contradança de palavras, com aquella desafinação que faz dar volta ao juizo d'uma pessoa. Sabe o senhor o que é uma casa desarranjada, em que ninguem se lembra onde tem as suas coisas quando precisa d'ellas e passa o tempo todo a procural-as? Pois é o que é o latim. Abre a gente um livro e põe-se a traduzir e vai dizendo: «As armas, o homem, e eu, canto, de Troia, e primeiro, das praias.» Quem percebe isto? Ora agora peguem n'estas palavras e em outras, que elles punham ás vezes em casa do diabo, e façam uma coisa que se entenda! É quasi uma adivinha. Ora adeus! E depois—continuou elle enthusiasmado com o riso de Henrique, suppondo-o de approvação—e depois as differentes maneiras de chamar a um objecto? Isso tambem tem graça. Nós cá dizemos por exemplo: «reino e reinos» e está acabado; lá não, senhor; diz-se *regnum* e *regna* e *regni* e *regno* e *regnis* e até *regnorum*. Ora venham-me cá elogiar a tal lingua!

Henrique estava achando delicioso o odio entranhado de mestre Bento Pertunhas á latinidade, que ensinava com a proficiencia, que o leitor póde imaginar, depois do que lhe ouviu.

—Ai, meu caro senhor—continuou o atribulado *magister*—eu se me vejo um dia livre d'este amaldiçoado latim, faço uma fogueira, na qual me hei de regalar de vêr arder o Tito Livio e os Virgilios todos tres.

É de advertir que mestre Bento fallava sempre no plural, ao referir-se a Virgilio.

Quer-me parecer que para este interprete da litteratura latina tinham de facto existido tres Virgilios, provavelmente irmãos, e cada um author de cada um dos tres volumes da edição, que lhe servia de texto. Dizia Virgilo 1.°, 2.° e 3.°, como quem se refere aos monarchas homonymos, que succederam n'um mesmo reino.

—Não me salvo se morro mestre de latim—proseguia elle.—Afunda-me no inferno o trambolho da syntaxe.

Ia a continuar quando toda a gente, que Henrique iu fóra da porta, principiou em desordenada azafama entrar para a loja, que em breve não comportava mais inguem.

—Ahi vem o homem, snr. Pertunhas; ahi vem. Graas a Deus que ahi vem! diziam todos á uma.

O funccionario principiou a impacientar-se.

—Então! então! Por onde ha de elle entrar, fazem ıvor de me dizer? Saiam, saiam. Não ouvem? Então ão fazem caso das minhas ordens? Dêem logar. Não êem que estão molestando este senhor?

Cada um dos reprehendidos n'estes termos indignaa-se, ao vêr que os outros não obedeciam ás ordens, ıas pela sua parte, não cedia um passo, como se lhe alesse algum especial privilegio.

—Saia vossê, mulher—dizia um.

—E vossê porque não sahe? Olha agora!

—A todos ha de chegar a vez. Descance. Se tiver arta, lh'a darão. Lá por estar aqui não é que...

—Pois então saia tambem. Ora essa!

—Ó sanctinha, não empurre.

—Ó filho, quem é que lhe fez mal?

—Por onde é que se quer metter, homem de Deus?

—Eu não sou menos que os outros.

—Que quereis vós d'aqui, canalhada?

—Não bata, que ninguem lhe tocou, seu velhote.

—Espera que eu te fallo.

Estas e analogas vozes abafavam n'um rumor tuıultuoso as agudas declamações do «director do correio», o qual obrigou Henrique a passar para dentro da eia, para se salvar das ondas populares.

Henrique estava achando igualmente curiosa a indinação do homem e a alvoroçada anciedade do povo.

Ha de facto poucas scenas tão animadas, como a da hegada do correio e da distribuição das cartas em uma erra pequena. Durante a leitura dos sobrescriptos, feita m voz alta pelo empregado respectivo, um observalor, que estude attento as impressões que essa leitura ıpéra nos semblantes dos que ávidos a escutam, como ue vê levantar-se uma ponta da cortina, corrida a oc-

cultar-nos as scenas da comedia ou da tragedia da vida de cada um.

Que hora de commoções aquella, em que se abrem as malas, onde veem encerrados por ventura os destinos de tantas pobres familias! Quantas vezes verdadeira boceta de Pandora, d'onde se espalham as desgraças e os pezares!

Nas grandes cidades dispersam-se estas commoções; passam se no recato dos gabinetes de cada um. Lembrem-se porém das vezes, em que tem segurado com mão trémula na correspondencia, que o correio lhes traz; no anciar de coração com que lhe rasgam o sêllo; nas lagrimas ou sorrisos com que lhe interrompem a leitura; no irresistivel movimento de desespêro com que a amarrotam depois, ou nas expansões apaixonadas com que beijaram o nome que as subscreve; lembrem-se d'isso, multipliquem depois esses affectos todos, despojem-nos das reservas que a etiqueta impõe ás classes mais civilisadas, façam-nos manifestarem-se n'um mesmo momento e n'um mesmo logar, e digam se concebem muitas outras scenas, em que mais sentimentos e paixões se agitem em lucta travada.

Chegou emfim o homem das cartas e a custo conseguiu romper até ao mostrador, onde pousou a mala. O «director», depois de tossir, de assuar-se, de suspirar e de limpar os oculos com umas delongas, que formavam com a anciedade do povo um contraste desesperador, abriu fleugmaticamente o sacco, extrahiu um não muito volumoso masso de cartas, que despejou n'um cesto de vime, e tomou apontamentos.

Era digno do pincel d'um artista aquelle grupo de physionomias, que seguiam ávidas todos os movimentos de mestre Bento. Olhos e bôcas abertas, mãos juntas, pescoços estendidos, a cabeça inclinada para receber o menor som, tudo caracterisava profundamente a anciedade, que lhes dominava os animos.

Mestre Bento Pertunhas achou a occasião apropriada para dizer a Henrique:

—Pois, senhor, eu nasci para artista. Quasi sem mestre aprendi a tocar trompa e, não é por me ga-

bar, mas prézo-me de tocar com certo mimo e expressão.

Henrique volveu o olhar para o auditorio; apiedou-o a consternação d'aquellas physionomias. Resolveu valer-lhe.

—Tem a bondade de vêr se ha alguma carta para mim.

—Ah! pois já as espera hoje?

—Não é provavel; porém...

Mestre Bento Pertunhas, em vista d'isto, começou em voz lenta e fanhosa a leitura dos sobrescriptos.

Seguiu-se novo e não menos interessante espectaculo.

A cada nome proferido erguia-se quasi sempre uma voz, ás vezes um grito; estendia-se por cima das cabeças um braço, e, podemos accrescentar, ainda que se não visse, e alvorotava-se um coração.

Outros, os não nomeados ainda, olhavam com anciedade para o masso, que diminuia, e cada vez mais se lhes assombrava o semblante.

—Luiza Escolastica, do logar dos Cójos—lia o mestre Pertunhas.

—Sou eu, senhor, sou eu; ai, o meu rico homem! —exclamou uma mulher joven, apoderando-se ávidamente da carta.

—Joanna Pedrosa, de Serzedo—continuava elle.

—Aqui estou; será do meu Antonio, senhor?—disse uma velha, pobremente vestida.

—Será do seu Antonio, será—respondeu o insensivel funccionario;—o que lhe posso dizer é que traz obreia preta.

A mulher, que já tremia ao receber a carta, deixou-a cahir, ouvindo aquellas sinistras palavras. Apanharam-lh'a; e ella, tomando-a, sahiu da loja, a chorar lastimosamente.

—Se foi o filho que lhe morreu, não sei o que ha de ser d'ella—disse um dos circumstantes.

—Coisas do mundo!—respondeu outro.

Estes commentarios foram interrompidos pela continuação da leitura.

—João Carrasqueiro.
—Prompto, senhor—bradou um velho.
—A mezada, hein?—disse Bento Pertunhas, fitando-o por cima dos oculos—O rapaz não se esquece.
—Deus nosso Senhor o ajude, que bem bom filho tem sahido.
—D. Magdalena Adelaide de...
—É a morgadinha, é a morgadinha—disseram a um tempo muitas vozes.
—Agradecido pela novidade; era cá muito precisa a explicação—disse o Pertunhas; e passando a carta para uma mulher, que era a encarregada de fazer a distribuição a quem a podia gratificar, accrescentou:
—Leve-lh'a lá a casa.
E proseguiu:
—Augusto Gabriel...
—É o mestre escóla...
—Ora fazem o favor de estar calados! Esta... como elle vem por aqui... póde ficar... ainda que... será melhor levar-lh'a a casa, leve, leve tambem...
—João Cancella.
—É o João Herodes.
—Esse foi a Lisboa.
—Então, quando vier, que appareça.
—O tio Zé P'reira ficou de receber as cartas. É compadre d'elle.
—Eu não quero saber de compadrices. O tio Zé P'reira que se occupe com o seu zabumba e deixe lá os outros.
A leitura, mais ou menos acompanhada d'estes dialogos, proseguiu, redobrando, de momento para momento, a anciedade dos que iam ficando. Um fundo suspiro, unisono, melancolico, expressivo de desalento, seguiu-se á leitura do ultimo nome e ás poucas palavras, com que o funccionario fechou a tarefa.
—E acabou-se.
Os que ainda estavam na loja sahiram cabisbaixos, morosos e com tão má vontade, como se ainda tivessem esperança de commover a inexoravel sorte.
Henrique, ficando só com Bento Pertunhas, teve de

lhe escutar ainda, por muito tempo, a narração dos seus passados triumphos artisticos, das suas amarguras presentes no magisterio, e das suas esperanças em melhoramentos futuros. Entre as ambições mais inquietas do mestre, a de obter o logar de recebedor da comarca, proximo a vagar por a morte imminente do respectivo empregado, figurava em primeira linha.

Depois de varias tentativas, Henrique conseguiu deixar o seu interlocutor, e continuou o passeio, que este episodio interrompera, tão satisfeito e distrahido, que nem apprehensões lhe causava a ideia de trazer as botas humedecidas pelas hervas do caminho, ideia que, em outra occasião, bastaria para o fazer doente.

Ladeava elle um campo, cingido de altas silvas, a procurar sahida para a deveza, da qual um fundo vallado o separava, quando lhe pareceu ouvir um rumor de vozes, como de alguem, que conversasse perto d'alli.

Parou a certificar-se.

Não se enganara. Era do outro lado da sebe e na deveza, para onde tentava passar, que se estava fallando.

Espreitou por entre as folhas do silvado que o encobria, e viu uma scena, que lhe moveu a curiosidade.

Um grupo de creanças e de mulheres do povo escutavam, em pleno ar e com religiosa attenção, a leitura que uma senhora joven e elegante lhes fazia das cartas, que ellas para esse fim lhe davam. A senhora estava montada, não como romantica amazona, em hacanêa fogosa, mas modesta e simplesmente n'um digno exemplar d'aquelles pacificos animaes, a que Sterne não duvidou dedicar algumas palavras de sympathia nas suas paginas mais humoristicas, e que Pelletan incluiu entre os collaboradores da humanidade na grande obra do progresso, ou, deixando a periphrase, em uma possante e bem apparelhada jumenta.

Á roda, as ouvintes encostavam-se com familiaridade ás ancas e ao pescoço do immovel quadrupede.

A leitora segurava no collo a mais pequena e a mais nua das creanças do rancho.

Lia com voz agradavel e sonora; e, graças á serenidade da manhã e ao socego do logar, ouviam-se dis-

tinctas. A distancia a que ficava Henrique, as palavras, que ella pronunciava lentamente, como para as deixar penetrar bem na intelligencia do auditorio.

Henrique reconheceu muita d'esta pobre gente, por a mesma que, momentos antes, vira na casa do correio.

Mas as suas attenções voltaram-se com especialidade para a leitora.

Era uma mulher muito nova ainda. Uma graciosa figura de mulher, suave, elegante, distincta, um d'esses typos que insensivelmente desenha uma mão de artista, quando movida ao grado da livre phantasia; a côr, essa côr inimitavel, onde nunca dominam as rosas, mas que não é bem o desmaiado das pallidas, encarnação surprendente, a que ainda não ouvi dar nome apropriado.

Os cabellos em fartas tranças, em ondas naturaes, não de todo pretos, porém mais distinctos ainda dos louros; a estatura esbelta, sem ser alta; o corpo flexivel, sem ser languido; um vulto de fada, emfim, com a magestade, com a graça que deviam ter estas creações da poesia popular, se fosse certo tomarem a fórma de virgens, para matar de amores.

Não se concebe attenção tão distrahida, que esta mulher não fixasse; olhos, que se não voltassem para seguil-a, depois de a vêr passar; coração, que não se perturbasse na sua presença.

Trajava um singelo vestido de xadrez branco e preto, adornado no collo e punhos apenas por collarinhos lisos. Descahia-lhe natural e elegantemente dos hombros um chaile de casimira escura, sem lhe occultar as bellezas da airosa conformação; o chapéo de palha de largas abas, cobrindo-lhe a cabeça, espalhava pelo rosto as meias tintas, tão favoraveis ás bellezas delicadas.

Henrique comprehendeu logo a significação da scena, a que, tão inesperadamente, viera assistir. Aquella mulher parara alli, para lêr a essa gente, pobre e ignorante, as cartas que haviam recebido do correio.

Tambem era caridade a acção, muito mais cumprida com o bom modo, e com o carinho com que ella o fazia.

Henrique applicou a attenção.

—...«E por isso, minha mãe»—lia ella—«se Deus «me ajudar, espero dentro em pouco ir a essa terra e «darei remedio a tudo. E não me falle vossemecê mais «em vender o cordão e as arrecadas. Diga ao senhorio «que tenha paciencia, que eu satisfarei a tudo.»

Aqui a leitora parou para perguntar:

—Então que historia é esta das arrecadas, Anna?

—É, senhora, que o aluguer estava vencido...

—E não podia fallar-me antes de se lembrar do seu filho?

—Ora, senhora, bem basta o que...

—Fez mal. Estar a affligil-o com estas cousas! Elle que precisa de toda a coragem!

E continuou a lêr a carta, no meio das lagrimas e das expansões de alegria da ouvinte, mais interessada n'ella.

Acabando, deu um beijo na creança, que tinha ao collo, e estendeu a mão a receber a carta, que outra mulher do grupo lhe passou. Esta era menos de consolar. Não se fallava alli senão de contratempos, de revezes e desesperanças. Mais do que uma vez teve de suspender a leitura, para mitigar a dôr e enxugar as lagrimas, que ella estava produzindo na pobre mulher, a quem era dirigida.

Apoz esta, ainda outra e outra; uma de marido para mulher; outra de filho para mãe; outra de noivo para noiva.

Foi com o riso nos labios e inoffensiva malicia nas inflexões da voz e no olhar, que ella decifrou os mal legiveis caracteres, com que, em papel bordado, pintado e recortado, vinham expressos os mais arrebicados conceitos amorosos, que ainda dictou uma paixão.

A noiva córava, sorria; mas, no meio da sua modesta turbação, era evidente que estava exultando de jubilo.

Com esta terminou a leitura.

Henrique não resistiu a esboçar rapidamente o gracioso grupo na carteira, que trazia comsigo. Não pôde porém deixar de dar-lhe um sabor de idade média, substituindo a jumenta por um palafrem de pura raça e dan-

do á donzella, pelos trajes com que a desenhou, os ares d'uma castellã rodeada dos seus vassallos.

Não lhe bastou o natural do quadro, quiz revestil-o d'um figurino de convenção. Perdoe-lhe a arte, que julgou servir.

Depois de distribuir mais alguns beijos pelas creanças, a gentil rapariga passou a que tinha no collo para os braços da mãe e partiu rodeada de agradecimentos e bençãos, perdendo-a Henrique de vista, por entre as arvores do caminho.

Aquelle typo delicado de mulher, aquella singeleza do apurado gosto, em que não podiam enganar-se olhos conhecedores, como os d'elle, aquella preciosa perola alli na aldeia! em uma terra para chegar á qual era necessario fazer uma comprida e laboriosa jornada! D'onde viera ella e como? que nuvem a trouxera? que viração a transportara?

Em tudo isto ficou a pensar Henrique, e quando se lembrou de que podia, para esclarecer-se, interrogar alguem do grupo, já não ia a tempo; tinham dispersado.

Conseguiu finalmente passar para a deveza e foi sentar-se no logar, em que lhe apparecera a visão e ahi se demorou algum tempo; mas lembrando-se de que eram quasi onze horas, levantou-se para não faltar ás promessas feitas á tia Dorotheia, e que eram: a de visitar as senhoras do Mosteiro e a de estar em casa pouco depois do meio dia, para não transtornar a regularidade dos habitos domesticos em Alvapenha.

Pediu pois a uma creancita, que passava, que o guiasse á quinta do Mosteiro, e ahi chegou depois d'um quarto d'hora de caminho.

IV

A casa do Mosteiro, com a quinta annexa á casa, como o dava a entender o nome, pelo qual o povo a conhecia, tinha pertencido em tempo a uma ordem monastica.

Era um d'estes conventos campestres, que hoje ou se encontram em ruinas ou transformados em solar d'alguma *notabilidade* provinciana. Ao de que fallamos coubera o ultimo destino.

Incluido, depois do acto dictatorial de 1834, na lista dos bens nacionaes, fôra, por insignificante preço, vendido a um modesto proprietario das immediações, mais arrojado do que os vizinhos ou mais convencido da estabilidade da nova ordem de coisas politicas, que se inaugurava no paiz.

E em tão auspiciosa hora lhe acudira aquella inspiração, que, em pouco tempo, lhe restituia a quinta o capital empregado, regalando-o todos os annos com não calculados juros e elle, sem intermittencias, cresceu d'ahi por diante em prosperidades a ponto de deixar, ao morrer, a familia no numero das mais abastadas d'aquella terra.

A propriedade do Mosteiro, apezar de varios melhoramentos e reformas effectuados n'ella, offerecia, ainda claros, muitos vestigios de seus primitivos usos. Não era raro encontrar-se, aqui e alli, em pé uma cruz de pedra, marcando antigos logares de devoção; no alto de algumas portas conservava-se visivel o emblema e divisa da ordem, ou restos de inscripções latinas; nas paredes

da arcaria, em que se apoiava a face posterior do edificio, mantinha-se ainda um azulejo contemporaneo dos frades; finalmente resistira a successivas reformações certo colorido monastico, que só apoz muitos annos se dissiparia de todo.

Entrava-se para a propriedade por uma larga, comprida e magestosa álea de sobreiros seculares, alcatifada de relva que, sobretudo dos lados, por pouco trilhada, crescia espessa e verdejante. Abria-se, ao fim d'esta rua, o alto portão do pateo.

Henrique, deixado só pelo guia ao chegar alli, foi caminhando vagarosamente por esta avenida, dominado por a intima commoção e sentimento quasi de temor, que se apodera de nós, em todos os logares a que se ligam memorias do passado.

A phantasia estava-o transportando a tempos, a que não chegavam já as suas recordações, ás épocas em que, por entre estas arvores gigantes, se via perpassar, como um phantasma, o habito escuro do monge, cuja sombra o sol, ao declinar no horizonte, tantas vezes projectou, esguia e estirada, ao longo d'aquella mesma avenida.

Impressionado por esta ordem de pensamentos, chegou Henrique ao portão, transpondo o qual se introduziu no pateo. Era um largo terreiro de perfeita fórma rectangular, limitado ao fundo pela fachada da casa, e lateralmente por elevadas paredes, armadas, á maneira de pannos de Arrás, com tapeçarias de vigorosas heras. A cada uma das paredes encostavam-se dous tanques de vasta capacidade.

No tempo dos frades vomitavam, sem cessar, as feias e enormes carrancas de todos estes quatro tanques grossos jorros de fresca e purissima agua; porém as medidas economicas do ultimo proprietario e as exigencias dos seus projectos agricolas haviam derivado para outros fins parte d'esta abundante veia, de maneira que tres d'aquellas bacias estavam agora completamente a sêcco.

Os fetos de folhas recortadas, as pegajosas parietarias, os funchos odoriferos, havia muito que tinham in-

vadido a bôca dos encanamentos inuteis, onde encontravam asylo imperturbado largatos, aranhas e myriapodes e se estabeleciam pacificas colonias de caracoes.

A fachada do ex-mosteiro nada tinha de notavel pelo lado architectonico. A arte não tivera fadigas, ao concebel-a; o cinzel pouco se embotara a executal-a; nem uma columna singela, nem um florão, nem um tympano lhe davam a menos pretenciosa apparencia monumental. Imagine-se uma vasta casaria de um andar, além do terreo, com muitas janellas de peitoril e uma só varanda de pedra sobranceira á porta principal; acima do telhado, uma especie de agua furtada, de construcção evidentemente posterior e aconselhada aos proprietarios modernos por conveniencias de accommodação domestica; e ter-se-ha concebido o edificio.

Emquanto Henrique se occupava a examinar estas particularidades, um velhito que, sentado em um banco de pedra, que havia á porta de casa, se estava aquecendo ao sol, ergueu-se e veio ao encontro do recem-chegado, tossindo e arrastando os passos.

Junto de Henrique, o velho, de apparencia meia rustica meia urbana, depois de o saudar com grave cortezia, que deixou a descoberto o *solideo* fradesco com que resguardava a fronte calva, perguntou se havia alguma cousa, em que o podesse servir.

Ouvindo, depois de repetida, a resposta de Henrique, que disse procurar as senhoras, com nova cortezia lhe fez signal para que o acompanhasse, e ambos atravessaram o pateo em direcção da casa.

No portal o velho afastou-se de lado com toda a deferencia para deixar passar Henrique; em seguida abriu-lhe a porta d'uma primeira sala, e, voltando-se, pediu-lhe para que lhe dissesse quem havia de annunciar. Henrique deu-lhe para esse fim um bilhete de visita, cuja significação teve de explicar, porque o velho não a comprehendia bem.

A final porém retirou-se por outra porta, levando o bilhete.

A sala, em que Henrique ficou esperando, era toda mobilada com pesadas cadeiras de coiro lavrado e alto

espaldar, mesas de pés em espiral, e pelas paredes alguns ennegrecidos retratos de frades, pertencentes provavelmente aos antigos proprietarios do mosteiro.

No momento em que o velho servo, que era uma especie de feitor honorario da casa, abriu outra porta da sala, para ir annunciar á familia a visita de Henrique, chegaram aos ouvidos d'este, de mistura com um tinir de louças e de crystaes, as vozes e risos de creanças, que fallavam ao mesmo tempo. Com a entrada do velho produziu-se um curto silencio, e apoz uma voz de mulher, de timbre fresco e agradavel, disse audivelmente e como em resposta ás palavras do criado:

—Ora as etiquetas com que esteve, Torquato! Mande-o entrar para aqui.

O feitor parece que resmoneou não sei o quê, a que ainda a mesma voz redarguiu:

—O que não é bonito é fazel-o esperar. Ande, vá.

Torquato—chamemos-lhe assim, visto que assim lhe chamaram—appareceu outra vez e fez signal a Henrique, de que o esperavam na sala immediata.

Henrique, que presentiu ir achar-se na presença d'uma mulher nova e por ventura bonita, correu, com instincto de perfeito homem de côrte, os dedos pelos cabellos, afagou o bigode, ageitou rapidamente o laço da gravata, e entrou.

Era completo o contraste d'este aposento com o primeiro; transpondo aquella porta, dissipava-se todo o perfume antigo, todo o caracter de vetustez, que até alli reinava em tudo. Era moderno o estuque do tecto, modernissimo o papel que forrava as paredes, e a mobilia toda d'um cunho de actualidade, visivel aos olhos menos pesquizadores. Como para tornar mais frisante o contraste, a presença do velho feitor estava aqui substituida por a de duas creanças, a mais velha das quaes mal passaria dos seis annos.

O reposteiro, que cahiu atraz de Henrique, foi como que uma cortina corrida sobre o passado. A porta, que elle transpozera, a barreira que separava dois seculos.

Sentadas no tôpo d'uma longa mesa de jantar, co-

erta de fina louça ingleza, estavam as duas creanças ue dissemos, com os seus babeiros brancos e tendo ada qual defronte de si um prato de odorifera sôpa. m pé, á cabeceira, presidia ao *lunch* infantil uma mu- ıer, de quem Henrique só pôde notar vagamente os ontornos geraes do corpo e não as particularidades das ições, porque, ficando voltada de costas á luz das ja- ellas, velavam-lhe o rosto umas meias sombras, que ão favoreciam o exame.

Ao vêr entrar Henrique, ella disse-lhe jovialmente:

—Na aldeia a sala de recepções é aquella em que a ente se acha, quando lhe annunciam uma visita. É as- im pelo menos que eu comprehendo o viver do campo.

—E é assim que eu o aprecio, minha senhora— espondeu Henrique, aproximando-se da mesa.

As creanças, interrompendo a refeição, fitavam o re- em-chegado com aquelles olhos espantados e penetran- es, com que ellas, promptamente, e quasi sempre com certeza d'um verdadeiro instincto, decidem para si as sympathias ou antipathias de que lhes é merecedor m estranho, a quem vêem pela primeira vez.

A mulher, que presidia ao banquete, não suspen- eu com a entrada de Henrique a occupação domestica, a qual estava empenhada. Mostrava receber-lhe a visita om um perfeito «á vontade», que nada tinha porém de ffectado.

—Não sei se v. exc.ª sabe...—ia dizendo Henrique, uando, ao chegar perto d'ella, parou subitamente em ıeio da phrase.

Na mulher, que estava diante de si, reconheceu a eitora da deveza, a interessante rapariga, que tanto o reoccupara.

Era ella, era o mesmo vestido de xadrez, era a mes- ma cabeça, agora melhor apreciada ainda porque nada avia a encobrir-lhe a fronte d'um primoroso modelo, os cabellos penteados com tanta graça como singele- a. Em vez do longo chaile de casimira, trazia agora ma especie de jaqueta, curta e larga, apertada por ala- ıares, de fórma pouco mais ou menos similhante á que, a nomenclatura das modistas, nomenclatura quasi sem-

pre absurda e de mau gosto, teve depois a impropria e desastrada denominação de *zuavo!*

A surpreza de Henrique não passou despercebida a quem era causa d'ella e que lhe correspondeu com um gesto de curiosa interrogação.

—Perdão, minha senhora—disse Henrique, comprehendendo aquelle gesto—mas ignorava que vinha encontrar aqui uma pessoa, que já me não era estranha.

—E sou eu essa pessoa?

—É v. exc.ª effectivamente.

—Pois já nos vimos?

—Já... quero dizer, eu já vi v. exc.ª

—Póde ser; pela minha parte confesso-lhe que me não lembra de o ter visto nunca. Apezar d'isso, sei que é o snr. Henrique de Souzellas, sobrinho d'aquella boa senhora de Alvapenha, a tia Dorotheia; não é verdade?

—Eu proprio. O conhecimento que tenho de v. exc.ª não é antigo tambem; data de algumas horas apenas.

A interlocutora de Henrique, ouvindo isto, contrahiu levemente as sobrancelhas bem desenhadas, fez um movimento de labios e deu á cabeça uma ligeira inclinação sobre o hombro, d'onde resultou para aquella gentil physionomia a mais adoravel expressão de estranheza, que póde animar um semblante de mulher.

—Esta manhã—proseguiu Henrique, a quem os encantos d'aquelle gesto não tinham passado despercebidos—assisti a uma scena commovente. O logar era uma deveza, uma joven senhora... joven e... e com outras qualidades, além d'esta, para excitar attenções, lia, em voz alta, as cartas que algumas pobres mulheres do povo acabavam de receber pelo correio...

Ella não o deixou continuar.

—Ah! entendo agora. Viu-me? Já andava por fóra? Não o suppunha assim madrugador. Mas onde estava tão escondido? Vejo que é indiscreto... Não admira, habitos da cidade. É verdade, é. Aquella gente encontrou-me no caminho quando eu voltava d'uma visita a uns parentes pobres e não me deixou, sem que eu lhe abrandasse a ancia de coração que a affligia. Coitadas! Que havia eu de fazer? Diga-me, já pensou no supplicio que

deve ser olhar a gente para uma folha de papel escripta, na qual sabemos que se falla d'uma pessoa querida, e não ter poder para decifrar aquelle enigma? Que martyrio! Eu por mim, confesso que me falta o animo para recusar pedidos d'aquelles, como me faltaria para negar uma gota de agua ao desgraçado que visse a morrer de sêde. A crueldade seria quasi igual. Não lhe parece?

Henrique formulou um galanteio, que ella porém não ouviu, entretida já a escutar o que uma das creanças lhe dizia.

—Lena, olha a Annica, que está a deitar a sôpa d'ella no meu prato.

—Deixa fallar, Lena, deixa fallar, foi ella que primeiro a deitou no meu. Não tem vergonha de mentir!

—Então!—disse Magdalena, que a este nome correspondia a contracção familiar, de que se serviam as creanças—Olhem agora se teem juizo. Vejam se querem que eu vá dizer á mamã que venha para aqui.

—Não é ella a mãe, visto isso—pensou Henrique, como quem modificava uma opinião que concebera antes e folgava com a modificação.—Será irmã? Talvez... Ou mestra... É mais provavel que seja mestra. Esta mulher foi de certo educada na cidade. Tem uns ares distinctos...

E elevando a voz:

—V. exc.ª está-me recordando uma scena de um precioso livro, que eu nunca me canço de lêr.

—Qual é?

—Werther.

—Ah!

—Conhece?

—Conheço... quero dizer, li-o, por acaso, ha pouco tempo. Compara-me a Carlota? É por estar a distribuir as rações d'estas creanças? Que mulher ha que não seja Carlota, n'essa parte? Em todas as casas se passa uma scena assim. Bem se vê que não tem familia.

—Porquê?

—Por lhe fazer tanta sensação o espectaculo d'esta.

—É certo—respondeu Henrique com melancolia.

—Deve ser essa uma das causas; mas não a unica—accrescentou galanteadoramente.

K. de si para si, estava encantado de saber que a sua interlocutora tinha lido Werther.

Magdalena, para mudar de conversa, perguntou-lhe:

—Então que lhe parece esta nossa aldeia?

Um jardim. Hontem, ao chegar, confesso que me foi desagradavel a impressão recebida. Nem admira; a noite, o frio, a chuva, o cansaço. Esta manhã, porém, a transformação foi completa. Estou encantado, fascinado! N'uma palavra, minha senhora, eu, cidadão em corpo e alma, reconciliei-me em poucas horas com a vida do campo.

Desconfie da mudança rapida. Habitos radicados, qualidades ou defeitos de educação não se perdem assim depressa. Alguns dias aqui, e suspirará por Lisboa outra vez.

Talvez não. Hoje estou até em acreditar que tinha razão o doutor, que me prometteu a cura das minhas doenças, se me costumasse devéras a estes habitos campestres.

Ai, prometteram-lhe isso? E espera costumar-se?

Porque não? Hoje já almocei ás sete horas, já andei mais do que uma semana inteira ando em Lisboa. E inda tenho por vêr as raridades da terra.

-As raridades?! E que raridades são essas que inda tem para vêr? A nossa pobre aldeia não lhe merece essa honra.

Então acha tão pouco curiosa esta terra? Do quasi nada que d'ella observei esta manhã, parece-me até...

Ai, se falla da natureza, è outra coisa. A cada passo se encontra um ponto de vista, que nos obriga a uma exclamação. Mas ha por ahi certos cicerones, que teimam em mostrar aos hospedes as bellezas da arte. Peço a Deus que o livre d'esse flagello.

V. exc.ª assusta-me. Embora; se lhes cahir nas mãos, farei por achar curioso o que elles acharem. Vai ser esse o meu systema de cura. Interessar-me por tudo o que um homem da aldeia se interessa. Foi o regimen

que me prescreveu o medico, quando me receitou o campo, a titulo de emolliente; se o seguir, salvo-me.

—E não o diga a rir. Se quizer prender-se á aldeia, abjurar os attractivos da cidade, deve rustificar-se em tudo; principiar por cultivar o interesse por as questõezinhas das terra; deve, por exemplo, declarar-se pelo abbade contra a junta de parochia ou pela junta de parochia contra o abbade; ralhar do regedor na questão com os taberneiros ou defendel-o. Emquanto não chegar a isso, desconfie da sua acclimação.

—Farei por conseguil-o o mais depressa possivel. Outra coisa necessaria é deixar-me convencer ingenuamente dos inexcediveis dotes de espirito das notabilidades da terra, o que é de rigor; estar em perpetua admiração diante de uns certos nomes famosos que ha sempre em todas as terras pequenas, e que nos atiram á cabeça a cada momento. Por exemplo, aqui já sei d'um, com que encherei a bôca a proposito de tudo; é o d'uma celebre morgadinha dos Canaviaes, pessoa em quem ouço fallar, desde que puz os pés, ou por mim a alimaria que me trouxe, n'este productivo torrão.

Magdalena sorriu d'uma maneira singular, ouvindo isto.

—Então com que, tem ouvido fallar muito n'essa morgadinha?

—Oh! mas não faz ideia; d'uma maneira desesperadora. Não ha pinhal, quinta, azenha, choça, ou lameiro que não pertença a essa entidade, para mim desconhecida. Este nome anda-me já nos ouvidos, como um estribilho de cantiga popular; na estrada, nos campos, em casa de minha tia, na loja do correio, em toda a parte o ouço pronunciar. Parece que voga nos ares.

—Isso deve ter-lhe excitado a curiosidade de conhecer a pessoa.

—Qual! Tem-me impacientado a ponto de nem perguntar por ella. E demais parece-me que a estou a vêr.

—Ora diga. Então como a imagina? Annica, não tens ahi um guardanapo?

—Como a imagino? Imagino-a uma morgada, e está dito tudo; uma senhora nutrida, a rever saude por to-

dos os póros, encarnada como uma romã, sobre quem os vestidos á moda assentam como pendurados d'um cabide, as mãos cheias de anneis, meias luvas de retroz, um chapéo com uma cercadura de rendas, poisado no cucuruto da cabeça... V. exc.ª ri-se? Acertei?

—Parece-me que sim; mas julgue-o por si, já que tem á vista o original.

—Como?!

—A morgadinha dos Canaviaes, sou eu.

—Vossa excellencia!...

Henrique de Souzellas, apezar do seu uso do mundo, esteve por muito tempo sem saber como sahir da situação em que se pozera.

Magdalena ria com toda a vontade; os pequenos riam, por contagio, sem saberem de quê. Tudo augmentava pois a confusão de Henrique.

—Ora confesse—insistia cruelmente Magdalena—confesse que o está lisongeando a exactidão das suas conjecturas.

Henrique teve emfim uma lembrança. Tirou do bolso a carteira, em que, horas antes, esboçara rapidamente a figura esbelta da morgadinha, rodeada das mulheres do povo, e mostrando-lh'a disse:

—Veja v. exc.ª se esse esboço, apezar da sua imperfeição, está de accordo com a estupida concepção, que eu formara.

Magdalena lançou a vista para a carteira e sorriu.

—Ah! desenha?

—Quando os modelos tentam, tenho d'essas ousadias. Os resultados são lastimosos, como estes. Perdôe-me o original, que julguei possivel copiar, o desacato, mas...

Magdalena fitou em Henrique um olhar penetrante.

—Isso que diz sabe-me a um galanteio. Devo advertil-o d'uma cousa, snr. Henrique de Souzellas. Não ha nada tão mal empregado como uma fineza no campo. Tudo quer o seu logar. Em Lisboa talvez o achasse pouco delicado... ou pelo menos pouco amavel, se me não dirigisse d'essas phrases conceituosas e bonitas. Vive-se d'isso lá. Aqui, acho-as affectadas e inuteis... Que

quer? Influencias da scena. Ha tanta sem-ceremonia no campo! Aqui todos nos tractamos como parentes: ha de vêr. Não repara como eu o recebo n'uma sala de jantar, sem nem sequer tirar os babeiros a estas creanças? Olhe lá que fizesse o mesmo em Lisboa...

—Então v. exc.ª já lá esteve?

—Eu? Nasci lá e lá me eduquei.

—Ah! bem se vê.

—Ah? Ahi está um *ah,* que eu desejaria muito que me explicasse.

—Não me será difficil fazel-o. É que antes já de ouvir fallar v. exc.ª, só ao vêr certa distincção, certa elegancia de maneiras, conjecturei...

—Basta. É um *ah* portanto, que tem umas poucas de más qualidades.

—Devéras? Uma interjeição tão innocente!

—Pelo contrario, é a voz mais perfida e inconstante da nossa lingua; tudo exprime, a hypocrita. O seu *ah* é vaidoso, adulador e iniquo pelo menos. Pela vaidade, castigue-o algum resto de modestia que ainda se abrigue no seu coração lisbonense; a adulação competia-me castigal-a, mas perdôo-lh'a, porque quero ainda suppôr que é um symptoma da doença das cidades, a meu vêr, a principal doença, que o obrigou a procurar a aldeia; da iniquidade, da injustiça, que fez á educação que se póde dar na provincia, ha de convencer-se dentro em pouco, quando eu lhe apresentar minha prima Christina, uma rapariga, que tem vivido aqui sempre e que protesta contra essa sua opinião; possue tudo quanto póde dar de bom a educação das cidades e, o que mais vale, aquillo que lá é tão facil perder-se depressa, uma candura adoravel. É a irmã mais velha d'estas creanças— accrescentou, poisando a mão na cabeça dos pequenos, que comiam e conversavam um com o outro.

—Mas v. exc.ª...

—Perdão. Outra cousa. Já agora que entrei no caminho das admoestações, permitta-me mais uma, antes de perder o ar grave, que hei de por força ter. Não me sôa bem o impertinente tractamento de excellencia, que me dá. Essa excellencia está a pedir-me uma senhoria,

pelo menos, e, confesso-lhe ingenuamente, que me custaria a voltar na lingua uma palavra tão comprida.

—Como quer então que a tracte?

—Eu sei?... Olhe; uma ideia! Ha pouco não me comparou á Carlota de Goëthe? Deixe-me pois adoptar uma lembrança d'ella. Está certo de que tractou o Werther por primo, a primeira vez que lhe fallou? É um tractamento como outro qualquer; e entre nós mais justificado, porque sendo o snr. Henrique sobrinho direito de D. Dorotheia, e teimando minha tia Victoria, a mãe d'estes pequenos e de Christina, que D. Dorotheia é ainda uma especie de nossa tia arredada, e como tal até a tractamos, nós a final de contas vimos a ser uma especie de primos tambem. Pelo menos assim o sustentou e decidiu hontem minha tia Victoria; e ha de vêr como por primo o tractará! É um tractamento menos incommodo; eu chamar-lhe-hei primo Henrique; chamar-me-ha, se quizer, prima Magdalena e desterraremos para sempre a antipathica senhoria e excellencia; concorda?

—Aceito e acho deliciosa a proposta. Adoptamos o principio falso, admittido pela fidalguia em Portugal, de que « os primos dos nossos primos, nossos primos são.»

—Fica pois ajustado?

—Fica ajustado.

—Bem. Mas que ia a dizer ha pouco?

—Nem eu já sei... Ah!... Perguntava se tinha estado muito tempo em Lisboa e o que a obrigou a vir viver para aqui.

—Isso é nem mais nem menos do que pedir-me a historia da minha vida. Seja; é um sacrificio inevitavel a quem se vê pela primeira vez. Deixe-me primeiro attender a estes pequenos, que eu principio.

E, depois de partir a cada creança uma fatia de queijo, a morgadinha principiou:

—A historia é curta e sem peripecias, tranquillise-se. Eu sou a filha de Manoel Berardo de Mesquita e...

Este nome era o de um dos principaes vultos politicos da época, e que então militava no campo opposicionista, sendo indigitado para ministro na primeira reforma ministerial; homem influente, de grande capaci-

dade politica, tendo sempre advogado no parlamento as ideias mais liberaes, e militado no partido progressista.

Henrique de Souzellas, que conhecia todas as personagens de importancia no paiz, fitou Magdalena com olhar estupefacto: tão longe estava de encontrar alli a filha d'um futuro ministro.

—Filha do conselheiro Manoel Berardo! V. exc.ª?

—Excellencia! Esquece-se da nossa convenção? Repare! É verdade. Não sabia que meu pae era d'aqui? Eu e meu irmão Angelo, que estuda actualmente n'um collegio em Lisboa, somos os unicos filhos de meu pae. Nasci, como disse, em Lisboa, mas as continuas enfermidades de minha mãe fizeram-nos vir para aqui viver na companhia d'ella; aqui mesmo morreu, e aqui está sepultada. O Angelo nasceu já n'esta casa. A morte de minha mãe deixou-me orphã aos doze annos, e incompleta a educação que ella principiara a dar-me e para a qual, se vivesse, ella só bastaria. Fui pois obrigada a voltar a Lisboa, onde continuei com mestra a minha educação. Mas, ao chegar á idade dos quinze annos, receiando meu pae que os ares da cidade desenvolvessem em mim germens de molestia, que por ventura tivesse herdado, mandou-me outra vez para aqui, onde sempre passava alguns mezes do anno, e para onde me chamavam tambem habitos adquiridos em creança. Eu sou muito aldeã. Para aqui vim pois. A morte de meu tio, passado pouco tempo, impressionou profundamente a minha tia Victoria, que ficou desde então um pouco... um pouco... com pouca paciencia para olhar por as coisas domesticas. Isto creou-me novos deveres; havia aqui muitas creanças, estas duas, outras que estão lá dentro, e Christina, que era então creança tambem; occupei-me a ajudar minha tia.

—E tão admiravelmente, que a mais carinhosa mãe o não faria melhor.

—Dou-me bem com as creanças, dou. E a meu pae devo, em parte, o ter aprendido cedo esta sciencia. Porque é uma sciencia tambem.

—Então como procedeu o conselheiro para a ensinar?

—Eu lhe digo! Meu pae tem em certas cousas umas ideias muito singulares. Excellentes as acho eu. Oh! não imagina que boa e excellente alma é a de meu pae! Era eu creança, tinha onze annos talvez, quando elle, um dia, vindo de Lisboa passar aqui algum tempo comnosco, me trouxe uma boneca, realmente bonita; uma maravilha de Nuremberg. Nos primeiros dias não me fartava de a vêr, de a beijar, até commigo a deitava. Oito dias depois succedia o que era de esperar, já nem d'ella sabia. Meu pae notou-o.—Então, Lena—aqui todos me chamam assim—já não gostas da tua boneca?—Disse-lhe eu: Gósto, mas...—Bem sei, já fizeste tudo o que tinhas a fazer por ella, e como, pela sua parte, ella nada faz por ti, enfastiaste-te, cançaste-te de conceber, a cada momento, brinquedos novos. Tens razão; onze annos já não é idade em que o interesse se sustente com tão pouco, é necessario mais. Ora dize-me, Lena—continuou elle—se eu te mandasse vir uma boneca que movesse os braços e os olhos, que te sorrisse, que chorasse tambem, que te beijasse até...—Pois ha bonecas assim?—perguntei eu admirada.—E desejaval-a?—Oh! se a houvesse!...—Trago-t'a ámanhã. Não dormi aquella noite a pensar na boneca. No dia seguinte apresentou-me meu pae uma creança d'um anno, orphã d'uma pobre familia, que uma epidemia extinguira, e disse-me: —Ahi tens a boneca que te prometti, Lena; vou confial-a aos teus onze annos. Veremos se tens juizo para brincares com ella. É assim que eu quero que aprendas os deveres de mãe, que é a verdadeira sciencia apropriada a mulheres. E o que é certo é que eu, dissipado o desgosto dos primeiros momentos, porque o tive, confesso, costumei-me a querer áquella pobre creança, fui avara das suas caricias, troquei por ella todos os meus brinquedos, e senti-lhe do coração a morte, quando, um anno depois, ella me expirou nos braços. Quando fui para Lisboa, já ia educada para amar creanças.

Magdalena contara tudo isto naturalmente, sem a menor affectação, sem deixar até de attender aos primos, o que augmentava o interesse com que a escutava Henrique.

— E assim fica sabendo quem é a morgadinha dos Canaviaes — concluiu ella, desatando o babeiro das creanças, que tinham terminado o *lunch*.

— É verdade, mas d'onde lhe vem esse titulo singular, prima Magdalena? — perguntou Henrique, tomando ao collo uma das creanças, que a morgadinha pousou no chão.

— É que eu sou realmente a morgadinha dos Canaviaes. Quero dizer, minha madrinha vivia na quinta dos Canaviaes, uma quinta que fica d'aqui perto. Era uma senhora velha, rica, elegante e muito caprichosa; chamavam-lhe todos a morgada dos Canaviaes. Tomou-me ella affeição e, sempre que passeiasse, me havia de levar comsigo; d'ahi começaram a chamar-me, de pequena, a morgadinha. Quando ella morreu deixou-me tudo quanto possuia; n'esse legado entrava a quinta dos Canaviaes, de que sou proprietaria ainda. Foi uma como confirmação do titulo, que já desde creança me tinham dado; e para todos sou aqui a morgadinha, titulo na verdade pouco elegante e que tão mau conceito fez conceber ao primo Henrique da possuidora d'elle.

— Retracto-me, prima Magdalena; agora que sei a pessoa a quem elle pertence, parece-me outro. Acho-o bonito, gracioso...

— Vamos, vamos. Confesse que o titulo não é dos mais romanticos e que, de boa vontade, escreveria outro nome debaixo do desenho de phantasia que ahi fez, da mesma maneira que deu á humilde e fiel jumenta, que eu montava ha pouco, a conformação e orelhas elegantes d'um palafrem, e quasi me transformou em uma amazona ingleza.

Henrique respondeu, sorrindo:

— Na impossibilidade de reproduzir as graças naturaes, soccorri-me ao expediente das bellezas de convenção. Confesso o meu deploravel erro.

— Olhe que não estamos em Lisboa, primo Henrique. Repare para essas arvores e refreie o sestro galanteador, com que está.

— Por quem é! Não leve o rigor a tal extremo. Tão injusta é comsigo, que se recuse a aceitar, como

naturaes e sinceras, as phrases que a sua presença inspira?

— Ai, meu Deus, como refina! Veja como essa creança, que tem no collo, o está encarando com olhos espantados. Se ella nunca ouviu fallar assim aqui!

Henrique beijou as faces da creança, movimento em que não ia uma intenção menos lisongeira do que nas phrases que dissera, porque elle percebia que Magdalena era extremosa pelos seus pequenos primos.

Abriu-se, n'este meio tempo, a porta da sala e entrou, saltando, outra creança mais crescida, mas ainda de vestidos curtos, trazendo na mão uma folha de papel.

— Lena — dizia ella em alta voz. — Olha; queres vêr o que o snr. Augusto só me emendou hoje no thema francez?

Chegando ao meio da sala, parou a olhar com estranheza para Henrique.

— É o snr. Henrique de Souzellas — disse Magdalena. — O hospede da tia Dorotheia. Esta é Marianna, outra de minhas primas — accrescentou, voltando-se para Henrique. — Já vê que não faltam creanças n'esta casa; e ainda ha mais. É o que lhe dá o ar alegre que tem.

Marianna cumprimentou Henrique e não se constrangeu por mais tempo; mostrando á prima a composição que o mestre lhe emendara, disse:

— Ora vê que não tive muitos erros.

Magdalena sorria, examinando o thema.

Henrique ia à fazer não sei que pergunta a Marianna, quando á mesma porta, por onde ella entrara, appareceu o mestre, de quem se fallava.

Augusto, que assim se chamava o recem-chegado, era um rapaz de pouco mais de vinte annos de idade, de rosto pallido e physionomia intelligente.

Ninguem adivinharia n'aquelle typo um mestre-escóla d'aldeia.

Trajava com simplicidade, porém com asseio e gosto; e havia em toda a sua figura certo ar de distincção, que feria quem pela primeira vez o visse.

N'um leve pendor da cabeça, no olhar penetrante e

fixo, e nos labios, como habituados a fecharem-se á sahida dos pensamentos intimos, lia-se o caracter pouco expansivo d'aquelle adolescente.

Magdalena dirigiu-lhe a palavra, em tom de manifesta deferencia.

—Como vão os seus discipulos, snr. Augusto?

—Optimamente, minha senhora—respondeu o interrogado.

—O snr. Augusto—disse Magdalena, apresentando-o a Henrique—o primeiro mestre de meu irmão Angelo e hoje o mestre de Marianna e de Eduardo.

—Esquece-se, minha senhora—accrescentou Augusto—que de Angelo sou discipulo tambem, e mais discipulo do que fui mestre.

—Do que me esqueci, e, a fallar verdade, não devia, foi de que de Angelo é effectivamente mais do que mestre, é amigo; assim como de todos nós. Este senhor—continuou ella, concluindo a apresentação—é o snr. Henrique de Souzellas, que se esperava em Alvapenha; é ainda nosso primo.

Os dois cortejaram-se com affavel delicadeza.

—Teve carta de Angelo?—perguntou em seguida a morgadinha.

—Não recebi ainda o correio de hoje.

—Nem nós; e é de estranhar que meu pae pelo menos me não escrevesse! Angelo não virá passar a festa comnosco? Pobre rapaz! Parece que renasce quando se vê aqui. É uma perfeita creança então.

Eduardo, outro primo de Magdalena, que Henrique ainda não vira, entrou n'este momento na sala, trazendo um masso de cartas na mão. Depois de cumprimentar Henrique, a quem Magdalena o apresentou, disse para Augusto:

—A mamã deu-me essas cartas para o snr. Augusto escolher d'ahi aquellas que eu podésse lêr.

—Eu verei devagar—disse Augusto, guardando-as n'uma pasta que trazia.

—Ah! já temos o Eduardo a lêr cartas!—disse a morgadinha, afagando o primo.

—Pelo que vejo—disse Henrique de Souzellas, ven-

do Augusto em disposições de partir—tem uma vida muito occupada?

—E tanto que sou obrigado a pedir licença para me retirar. Tenho de ir esta tarde a casa do Seabra...

—Ai, lecciona ainda as pequenas do brazileiro?—perguntou Magdalena.

—Ainda, sim, minha senhora.

—E como vão essas mulatinhas?

Augusto encolheu os hombros, sorrindo; gesto que não devia lisongear a vaidade do sobredito brazileiro, se tomasse a peito os dotes intellectuaes das referidas mulatinhas.

Passados segundos, Augusto retirou-se, apertando a mão a Magdalena, que familiarmente lh'a estendeu, e a Henrique, que a imitou.

—Ia apostar que vai alli uma intelligencia—disse Henrique ao vêl-o sahir—algum d'esses grandes espiritos, que vivem e morrem ignorados e improductivos, porque os não aquece o sol do favor publico, nem os bafeja a aura da moda caprichosa. É terra de maravilhas esta, ao que estou vendo.

—É um rapaz intelligente, é—disse a morgadinha—e uma alma generosa. Desde tenra idade costumou-se a trabalhar. Não tem familia. O pae foi um pobre e honrado advogado d'um logar perto d'aqui, que morreu quasi na miseria, deixando-o por educar. A mãe, que era d'estes sitios, para ahi veio, depois que viuvou. Elle tem sido, póde dizer-se, mestre de si mesmo. Dirigiu os primeiros estudos de Angelo e hoje é o seu melhor amigo. A morgada, minha madrinha, legou-lhe um patrimonio para elle se ordenar; não quiz, e preferiu ser mestre-escóla. Meu pae, que lhe reconhecia intelligencia para mais, tentou dissuadil-o d'isso, mas nada conseguiu. Não ha quem o arranque d'estes sitios.

—Prende-o talvez alguma paixão?

—Não sei. É certo que é um professor modelo. O seu primeiro despacho foi temporario; agora, porém, espera meu pae fazel-o effectivo; para o que já elle fez novo concurso. Já vê que ambições são as d'este rapaz.

—Na verdade! com muito menos fundamentos ha

quem aspire a ser ministro. Mas com certeza o coração entra como elemento no problema d'esse caracter.

—Mas ainda agora reparo!—exclamou a morgadinha—eu esquecida a conversar e sem avisar a minha tia e Christina da sua chegada! Não o fiz logo, porque as sabia occupadas em umas longas novenas, em que andam; mas agora é tempo. Vai, Marianna, e tu, Eduardo; ide ambos dizer-lhes que está aqui o... o primo Henrique de Souzellas.

Marianna e o irmão sahiram a correr.

—Vai conhecer duas boas almas—disse Magdalena, voltando-se para Henrique—minha tia é uma sancta senhora, cujo peior defeito é suppôr-se victima dos criados; e Christina... Christina é um anjo.

V

Henrique de Souzellas sentia-se cada vez mais penetrado da sympathia que, logo á primeira vista, aquella mulher lhe despertara.

Havia na morgadinha um mixto de candura e de ironia, certa delicada reserva fluctuando, como uma sombra diaphana, na conversa familiar, a que tão espontaneamente se dava; um visivel conhecimento dos usos e etiquetas sociaes, e ao mesmo tempo uma coragem para cortar por elles, como quem se sentia sobranceira a toda a ousadia, inaccessivel ás suspeitas dos mais atrevidos; havia tantos enigmas n'aquella sympathica indole feminina, que poucos seriam impassiveis diante d'ella.

A pensar n'isto se ficou Henrique de Souzellas, calado, immovel, absorto, seguindo com os olhos os movimentos de Magdalena, que, sem o menor constrangimento, proseguia nas suas occupações domesticas.

Ouviram-se finalmente passos e vozes de differentes timbres na sala immediata.

— Ellas ahi veem — disse a morgadinha.

De feito, precedidas por Marianna e Eduardo, entraram na sala D. Victoria e Christina.

A mãe vinha dizendo:

— É o que eu digo... Não que vossês não querem crêr!... Ora vejam se isto se atura... se isto não é para metter uma pessoa no inferno!... Não tem que vêr!... Não ha ninguem que mais dinheiro gaste com criados e que seja tão mal servida como eu!... Eu só queria saber o que fazem os criados d'esta casa? Sim, só queria

que me dissessem o que elles fazem, esse bando de mandriões!... Elle é o Torquato, elle é o Luiz, elle é o Damião, elle é a Ermelinda, elle é a Rosa, elle é a Violante... e não houve um só que me viesse dizer que tinha chegado o primo! É forte coisa!... Compromettem uma pessoa! Então como está?—accrescentou ella, mudando de tom para cumprimentar Henrique, a quem estendeu a mão.

Magdalena, ao ouvil-a, tinha já trocado com este um olhar malicioso.

Henrique correspondeu delicadamente á saudação das senhoras e procurou justificar os criados.

—Não m'os desculpe!—atalhou D. Victoria, elevando outra vez o tom de voz—Aquillo é de proposito para fazerem ficar mal uma pessoa; ninguem me tira isto da cabeça... Aquillo é de proposito!

—Mas a mamã não vê que as criadas estavam comnosco á novena?—lembrou timidamente Christina.

—Pois que não estivessem. Quem tem serviço a fazer não póde ouvir novenas.

—Mas se a mamã é que as mandou!

—Pois... pois... pois sim; mas... mas ellas é que me deviam dizer que tinham que fazer. Então eu é que lhes hei de estar a lembrar as suas obrigações? Não me faltava mais nada! Ora tens coisas, menina! Mas então vamos a saber, primo Henrique, fez bem a sua jornada?

Henrique principiou a fallar para desvanecer a irritação de D. Victoria.

Como nós já sabemos dos promenores da tal jornada, aproveitaremos a occasião para dizer duas palavras a respeito das novas personagens, que estão em scena.

D. Victoria, havendo attingido já a idade respeitavel dos quarenta e tantos annos, dispensa-nos grandes longuras e esmeros de descripção. Basta que o leitor saiba que era uma senhora nutrida, bondosa no fundo, e que sabia trazer muito bem os vestidos escuros da sua viuvez. Impertinente com os criados, doida pelos filhos e sobrinhos, muito sujeita a esquecimentos, e confundindo-se facilmente sempre que tentava forçar o espirito a abraçar alguma ideia mais complexa; mãos rotas com a

pobreza; intolerante, em theoria, com os ladrões e malfeitores, porém felizes d'elles se d'aquellas mãos lhes dependesse a condemnação; eis o que era D. Victoria. Christina, porém, tinha dezenove annos; e esta idade goza de privilegios, que eu não posso infringir. O leitor não me perdoaria se me visse passar estouvadamente por diante da prima de Magdalena, sem um olhar de homenagem á sua juventude e ao seu typo feminino. Reparemos pois.

Christina era mais bonita do que bella. Não havia n'aquelle rosto uma só feição, que não fosse correcta e delicada. Tez alva e finissima; olhos meigos e quebrando-se com suavidade infantil; bôca, d'onde parecia sempre prestes a sahir um afago ou uma consolação; voz, que da muita piedade d'aquelle bom coração, tirava ás vezes modulações commoventes; n'uma palavra, uma figura de cherubim, como as sonharam os mais inspirados artistas, cuja mão representou na téla os augustos mysterios do christianismo, tal era a primogenita de D. Victoria. Mas não procurassem n'ella alguns d'aquelles attractivos, que fixam de repente e como por magnetico influxo, a attenção dos olhos, uma d'essas particularidades physionomicas, pelas quaes a natureza, destruindo com arrojo feliz a geral harmonia d'um semblante, consegue tornal-o mais fascinador; temperavam-se alli tão completamente todas as feições, que a attenção não se sentia obrigada a passar do conjuncto d'ellas, o que lhes diminuia muito a intensidade. É o grande senão dos rostos harmonicamente perfeitos.

Concordava-se em que Christina era galante, ninguem lhe negaria sympathias; mas o pensamento, na ausencia d'ella, não sentia dominado por a sua imagem; perdia-a até n'um vago, quando pretendia fixal-a; eram suaves de mais as inflexões d'aquelles contornos, brandas as tintas que lhes davam relêvo, para que a memoria conseguisse reproduzir facilmente o typo angelico, de que lhe ficara uma agradavel, mas vaga impressão.

Por um homem, em quem predominasse a razão, Christina poderia vir a ser adorada; mas nas imaginações

ardentes, nos corações inflammaveis, difficil lhe seria produzir alguma impressão duradoura.

Para bem se comprehender a belleza de Christina, era preciso sondar-lhe primeiro o coração, apreciar todo o thesouro de sentimentos que alli se continha; então descobrir-se-lhe-ia nas feições certa belleza ideal, reflexo de bondade e candura, uma d'essas claridades que as almas puras e generosas vertem nas physionomias. Se não fosse receiar-me de linguagem que saiba a philosophia, diria que a belleza, que possuem umas mulheres assim, é uma belleza subjectiva.

De tudo isto é natural concluir que Henrique de Souzellas podia sympathisar com a candida figura de Christina, a qual baixava timidamente os olhos diante d'elle, córando cheia de enleio e confusão, mas que qualquer sentimento que ella lhe inspirasse, não conseguiria por muito tempo desviar-lhe o sentido dos encantos mais attrahentes da morgadinha—que a muitos respeitos, menos na bondade de coração, formava contraste completo com sua prima.

Travara-se animada conversação entre as pessoas presentes, e principalmente entre Henrique, D. Victoria e Magdalena.

D. Victoria quiz ser informada da doença de Henrique. Este passou a fazer-lhe uma exposição igual, com pequenas variantes, á que fizera á tia.

Mencionou, como a ella, aquelles vagos symptomas, aquellas tristezas, impaciencias e desalentos, que tão ingenuamente a boa senhora classificara como mania.

Emquanto Henrique fallava, Magdalena pôz-se a rir.

Henrique tornou para ella os olhos.

—Ó menina, de que ris tu?—perguntou D. Victoria, com certo tom de severidade.

—Rio-me d'aquella doença, tia. Pois já viu alguem padecer d'aquillo? Ora diga?

—Eu?... mas...

—Póde dizer que não. E comtudo o primo Henrique não mente. Ha d'aquellas doenças na cidade, ha; mas na aldeia são tão raras, que eu mesma as estranho já, eu que as vi n'outro tempo...

—Então não crê na realidade d'ellas?

—Não lhe estou a dizer que sim? Ouço até que já teem levado ao suicidio. Acredito-o. Os habitos da civilisação affeiçoam a seu modo a natureza humana e criam molestias novas, que nem por isso são menos naturaes. Mas que quer, primo? A minha estranheza, ao vêr um d'esses doentes em plena aldeia, não é modificada por todas estas considerações. É como um homem de casaca e gravata branca; não ha nada mais serio e grave n'uma sala de baile, mas colloque-m'o n'um monte, e diga se o póde olhar a serio.

—Quer dizer que não devo queixar-me aqui, sob pena de zombarem de mim.

—Tanto não digo; mas não o entenderão; isso não.

—Porém a minha doença não é só d'essas, que se não dão na aldeia, prima Magdalena; eu creio que verdadeiras desordens organicas...

—Ah! tambem?—Com esse aspecto de robustez?!...

—Se eu sei o que tu estás ahi a dizer, Lena!—disse D. Victoria, que não tinha percebido bem o dialogo.

—É que eu, minha tia, teimei em fazer perder ao primo Henrique todos os maus habitos de cidade, com que veio para aqui. Sem isso não póde curar-se.

—Sujeitar-me-hei da melhor vontade a tão agradavel dominio.

—Principia mal, se principia com uma fineza. Já o avisei ha pouco...

—Será necessario tornar-me grosseiro, para me salvar? N'esse caso renuncio á cura.

—Grosseiro não, basta que seja razoavel e sobretudo...

—Acabe.

—Acabo? Eu sei? Eu ás vezes sou sincera de mais.

—Eu adoro as sinceridades.

—Já que o quer... É preciso que seja razoavel e sobretudo... desaffectado.

Henrique de Souzellas mordeu ligeiramente os labios córando.

—Então acha?...

— Acho que está sempre a imaginar-se n'um salão; faz uns gastos da galanteria, desnecessarios e perdidos.

— Ó meninos, eu não vos entendo — repetia D. Victoria.

Magdalena sorriu.

— Digo eu que...

Um criado, entrando com as cartas do correio, não a deixou continuar.

— Sempre chegou o correio! — exclamou Magdalena com vivacidade, recebendo as cartas. — Porque veio tão tarde?

— A mulher contou-me lá umas historias d'uma quéda, e...

— Coitada! Aconteceu-lhe algum mal?

— Esteja descançada, minha senhora. Ella já partiu e era um gosto vêl-a correr.

Magdalena abriu com pressa a carta recebida.

— É de meu pae! — disse ella, olhando-lhe para a lettra e, depois de pedir licença, começou a lêr para si.

— Pois agora — dizia, n'este meio tempo, D. Victoria a Henrique — o que deve é aproveitar estes bonitos dias para dar alguns passeios. As pequenas acompanham-no. Aonde me dizias tu no outro dia que querias ir, Christina?

— Eu! — disse Christina, córando.

— Tu, sim, menina. Inda hontem me fallaste n'isso. Ora onde era?...

— Á Senhora da Saude, mamã?

— Ai, é verdade, á Senhora da Saude. Ahi está já um passeio bonito. Vê? Sahem d'aqui uma manhã cedo, levam alguma cousa para lá comer. Porque o ar do monte abre o appetite, e a cavallo estão lá n'um instante...

— A cavallo, mamã! D'aqui á Saude? Ora! Vai-se muito bem a pé — notou Christina do lado.

— Isso é por os açudes.

— Pois por onde haviamos de ir?

— Por a Granja, que é melhor.

— Por a Granja! E' uma legua!

— Que tem? mas escusam de trepar como cabras

pôr o lado dos açudes, que até é perigoso; e depois para que hão de ir a pé, se para ahi estão os cavallos sem fazerem nada? É vontade de se cançarem.

—Mas appetece inda mais, n'este tempo. Só se... só se alli o snr. Henrique...—disse Christina embaraçada ao continuar.

—Eu o quê, minha senhora!

—Perdão—interrompeu D. Victoria.—Porque não has de tu chamar primo ao primo Henrique? Pois não chamas tia á tia Dorotheia?

—Por isso mesmo, mamã—respondeu Christina—os sobrinhos da tia Dorotheia não são...

—Não averiguemos d'esses parentescos, priminha—acudiu Henrique—eu aceito a proposta da mamã e peço para ser considerado do numero dos seus primos.

Christina baixou os olhos, sorrindo.

Henrique proseguiu:

—Mas parece que receiava por mim, quando fallou em ir a pé á Senhora da Saude. Não sei onde é o logar, mas desde já me comprometto a não cançar.

—Não tem que saber—disse D. Victoria, caminhando para uma janella.—Ella lá está. Olhe que inda é necessario saber trepar.

—Tendo duas tão galantes companheiras de viagem—tornou Henrique, depois de reparar no monte escarpado que ficava a alguma distancia d'alli, o mesmo que o almocreve lhe mostrou—parece-me que daria a pé uma volta ao globo e que subiria a correr o Pico de Tenerife.

—O que eu lhe digo, primo—accrescentou D. Victoria—é que se acautele, porque se lhes vai a fazer todas as vontades, tem que vêr.

—Inda que morresse em tão agradavel serviço, teria de agradecer a Deus a morte.

—Cá me chegou aos ouvidos o cumprimento—disse Magdalena, que continuava a lêr.—Logo ajustaremos contas.

—É implacavel esta nossa prima, não acha?—perguntou Henrique, sorrindo, a Christina que, por unica resposta, só soube sorrir tambem.

—Pois então, é arranjarem, é arranjarem isso e quanto antes, que não ha que fiar no tempo. Eu se podésse tambem ia, mas já não são passeios para mim, e depois estes criados...

Henrique de Souzellas receiou nova divagação sobre o assumpto predilecto de D. Victoria; mas felizmente acudiu-lhe a morgadinha, que disse, terminando a leitura da carta:

—Escreve-me o pae que tenciona vir passar comnosco as ferias do Natal e trazer Angelo comsigo. Promette demorar-se até o dia dos Reis.

As creanças saudaram a nova com gritos de alegria, e saltos de causarem inveja a um clown de circo.

D. Victoria zangou-se.

—Então que pouca vergonha é essa? Parecem-me um bando de patetas? Ora vamos! Já quietos. A culpa tem a Ermelinda, que já vos devia ter levado para a quinta. Ó Senhor! esta praga de criados, que nunca ha de fazer a sua obrigação!

As creanças reprimiram um pouco mais as expansões de seus jubilos, mas ainda ficaram cantando a meia voz, e em musica de composição d'ellas, o seguinte:

—Vem o primo Angelo! Vem o primo Angelo! Ora viva, viva! Ora viva, olé!

—Pschiu! calai-vos!—bradou ainda D. Victoria, e voltando-se para Magdalena.—Mas então como se entende isso, Lena? Então o pae diz que vem...

—Nas vesperas do Natal.

—Sim; nas vesperas do Natal, e vai...

—Depois dos Reis.

—Sim; está bem; e... sim... e então o Angelo?...

—O Angelo vem com elle. Quer vêr a carta?

—Não, menina. Mas é preciso não fazer confusão... então...

—Não ha nada menos confuso. É só isto.

—Sim; pois agora sim; agora está bem claro. Calai-vos, diabretes! Ó meu Deus, que consumição! Mas então porque não entregou o criado ha mais tempo essa carta? Eh! não que vossês dizem que elles...

— Ó tia, pois não ouviu que foi a mulher das cartas que se demorou, porque...

— Historias! Não me venham para cá com esses contos. Vossês estão sempre promptos para desculpal-os. São elles...

— Ó Lena, Lena — diziam as creanças — e o primo Angelo não torna para Lisboa?

— Ha de tornar.

— Ora!

— Olha lá, ó Lena — disse D. Victoria — sabes tu o que me lembra?... Mas eu nem sei... com estes criados que tenho... Mas a mim lembra-me... uma vez que teu pae vem com o pequeno... e... e está agora cá o primo Henrique... lembra-me a mim... mas, já digo, era se eu podésse contar com os criados que temos... lembra-me juntarmo-nos todos para consoar... A prima Dorotheia tambem, e aqui o primo; mas era se...

Uma perfeita ovação acolheu o projecto; as creanças levaram as suas demonstrações de enthusiasmo até o delirio, penduraram-se ao pescoço, á cinta, ao avental da mãe, gritando todas a um tempo:

— Ai, sim, mamã, sim; mande convidar a tia Dorotheia, mande! E ha de ficar em casa, sim? Olhe e... e arma-se o presepe... e... e... e havemos de cantar as janeiras... Mande, mande, mamã, por as alminhas; ora mande...

D. Victoria fingia arrenegar-se com aquella pequenada e erguia o braço, como para a fustigar asperamente, mas, contra sua vontade, rompia-lhe o riso dos labios.

— Saiam d'aqui! — exclamava ella, quando conseguia estar séria — Saiam!... Não ouvem?... Espera que eu vos fallo... Ai, não fazem caso? Ora esperem... Marianna, já devias ter mais juizo... Então, Eduardo! Tu tambem? Não tem vergonha! Um homem quasi! Saiam d'aqui, estafermos!

A ideia das consoadas em familia fôra uma ideia, que a ninguem deixara impassivel. Christina, a timida Christina, não disfarçou um movimento de jubilo; as

ãos juntaram-se-lhe instinctivamente e raiou-lhe no lhar suave um folgor pouco costumado.

A propria Magdalena não se mostrou superior áquella ocante puerilidade.

Aproximou-se com viveza da tia e, beijando-a nas aces, disse affectuosamente:

—Ora ahi está o que é muito bem pensado.

—Pois sim, sim, mas o peior é... os criados—disse). Victoria.

—Quem falla n'isso? Na noite de Natal quem mais rabalha somos nós. Demais teremos, para dirigir as tarefas, a Maria de Jesus, a criada da tia Dorotheia.

—Isso é que é a perola das criadas! Oh aquella prima Dorotheia, aquella sua tia, primo Henrique, é que eve felicidade! Mas dizes tu... Bem se importam os de á com a Maria.

—Não tem duvida. N'aquella noite quanto mais baulho e desordem, melhor—aventurou-se a dizer Christina, com impeto revolucionario.

—Ahi temos outra! Não, filha; isso é que não. Para arulhos é que eu já não estou. Então, não.

—Está resolvido—disse a morgadinha, para cortar elas divagações da tia.—Aqui o snr. de Souzellas—accrescentou, com maliciosa inflexão—fica desde já encarregado de transmittir á tia Dorotheia o nosso plano, ao mesmo tempo, officialmente convidado.

—Aceito da melhor vontade.

—Não sei se o deverá dizer. É preciso que o avise le que n'aquella noite todos teem de trabalhar na cozinha; a ninguem se dispensa um minuto, pelos menos, le collaboração nos guisados. Por isso veja lá...

—Ó menina, tens cousas!—disse D. Victoria—Deixe-a fallar, primo.

—Não é deixe-a fallar. Eu não dispenso ninguem.

—E eu prometto não me recusar. Promptifico-me a tornar detestaveis os pratos em que pozer a mão. Que mais querem?

Foi alegremente acolhida a promessa.

As creanças, familiarisadas já com Henrique, em quem tinham adivinhado um humor jovial, o que é sem-

pre para ellas um motivo de attracção, trepavam-lhe já aos joelhos e dirigiam-lhe perguntas sobre perguntas, difficultando-lhe as respostas.

—Havemos de jogar o rapa, não havemos?

—Havemos de jogar, havemos—respondeu Henrique.

—E o par ou pernão?

—Tambem; tambem havemos de jogar o par ou pernão.

—E?...

—Tudo, tudo; havemos de jogar tudo.

—Olhe; e sabe contar historias?

—Sei tambem contar historias.

—Então ha de contar-nos, que nós tambem lhe contamos a da Gata borralhenta, a da Maria de pau e a da Menina com as tres estrellinhas na testa.

—Ora o snr. Henrique já as sabe—disse, fazendo-se sisuda, Marianna.

—Pois não sei, não, senhora; quem lhe disse que eu as sabia? hei de querer ouvir isso tudo.

—Ó meninos!—exclamou D. Victoria, que até alli estivera distrahida a discutir com Magdalena—Então isso que é? Já para baixo. Ai, se lhes dá confiança, está arranjado, primo.

—Deixe-os estar, minha senhora, este contacto de alegrias é salutar; pega-se.

—E não o diga a brincar—disse Magdalena—que tambem confio n'essas creanças para o curarem dos seus males.

—Então deveras emprehendeu curar-me?

—Com toda a certeza.

—N'esse caso havemos de discutir devagar esse ponto de pathologia.

—Não havemos, não, senhor! É mau medico o que soffre que o doente o interrogue sobre a molestia e o tractamento. O medico deve ser obedecido com fé, e cega.

Christina que, havia muito, defronte de Magdalena, fazia esforços por lhe chamar a attenção, resolveu-se a fallar-lhe.

—Lena—disse ella—que te parece a lembrança ue teve, ha pouco, a mamã?

—A das consoadas? Excellente.

—Não, menina, a do passeio á ermida.

—Ah! Excellente tambem. Marquemos já o dia.

—Quando queres?

—Depois d'ámanhã, que é quinta feira.

—Seja.

—Que diz, primo Henrique?

—Quando quizerem, primas; agora mesmo...

—Mas, veja lá, atreve-se a fazer uma madrugada?

—Pois não viu hoje?

—Ai, pois não! Na aldeia não se chama a isso uma adrugada. É preciso que se levante ás horas, a que e deitava na cidade.

—Que estás a dizer, Lena?—acudiu Christina—eixe-a fallar. Basta que saiamos d'aqui ás cinco horas.

—Esta innocente Christina! Pois não é o mesmo ue eu digo? Pergunta ao primo Henrique se tinha cosme de se deitar mais cedo em Lisboa?

—Engana-se, prima Magdalena; lembre-se de que, a perto d'um anno, sou valetudinario.

—Ai, é verdade, que me tinha esquecido. O que vejo que ha por aqui muita indolencia.

—Quem a ouvir fallar ha de julgar que será ella a ais madrugadora; ora havemos de vêr—disse Chrisna.

Magdalena pôz-se a rir.

E o passeio ficou ajustado. A morgadinha lembrou ue se convidasse Augusto, por ser conhecedor do sitio poder mostrar os mais bellos pontos de vista.

Henrique sahiu finalmente da quinta do Mosteiro, já etardado uma boa hora ao que promettera á tia Doroseia.

Um criado servíu-lhe de guia até Alvapenha.

Henrique de Souzellas, ao findar aquella manhã, era nteiramente outro, do que viera para a aldeia. Todas quellas horas se haviam passado, sem que o affligissem s males habituaes, sem que nem sequer pensasse n'elles. viver intimo a que assistira, a troca reciproca de affe-

ctos entre os membros de tão numerosa familia, a franqueza cordial com que fôra recebido, produziram n'elle uma impressão profunda.

Costumado ao viver desconsolador e de gêlo de rapaz solteiro e só; não passando, nas casas que visitava, além da sala das visitas, esse palco artificioso e reservado, onde as familias ante as familias representam a comedia social, Henrique estranhara, mas agradavelmente, o espectaculo, quasi novo, d'aquelle interior, d'aquelles modestos costumes, d'aquellas alegrias, que não se envergonhavam de apparecer sem reservas nem disfarces. Foi uma revelação que recebeu. Sorriu-lhe a ideia de ter um dia uma familia assim; de viver entre creanças que lhe trepassem aos joelhos, na companhia de affectos que alli via manifestarem-se, a até com alguem que ralhasse com os criados, á maneira de D. Victoria.

Escusado é dizer que a imagem da morgadinha apparecia sempre n'estes quadros que lhe traçava a phantasia; assim como, nos quadros dos grandes mestres, apparecem quasi sempre reproduzidas as feições queridas da mulher que elles traziam no pensamento e a quem deram assim a immortalidade.

De manhã parecera-lhe a aldeia um paraizo terreal; completara-o a figura d'uma mulher; sem o sorriso d'ella nem o primeiro homem seria feliz no eden, onde a mão de Deus o collocara.

—Anda, vagaroso, anda—disse D. Dorotheia a Henrique, assim que o viu chegar.—Se o jantar tiver esturro, a culpa é tua.

—Perdôe-me, tia. Demorei-me no Mosteiro...

—Ah! foste lá? E então gostaste d'aquella gente?

—É uma familia para o coração. Passa-se o tempo alli tão depressa! A morgadinha, sobretudo, é adoravel!

—Ai, ai; como elle nos vem! Olha lá no que te mettes, menino! A mina boa é, mas... filho, anda alli encanto, que ainda ninguem descobriu.

Henrique fitou os olhos na tia Dorotheia, que dissera isto com certa malicia.

—Que quer dizer, tia?

—Tu bem me percebes. Anda lá, anda. Se fizesses tu o milagre, se quebrasses o encanto, grande coisa seria; mas sempre te digo que não tomes a cousa a peito, que podes aggravar o teu mal.

Henrique levou o caso a rir, mas é certo que esteve um pouco mais preoccupado e distrahido no resto da tarde.

VI

O leitor, se alguma vez realisou uma viagem na companhia de qualquer amigo, ha de ter observado que, durante os primeiros tempos que passam juntos n'uma terra para ambos desconhecida, tão alheios ás cousas como ás pessoas, no meio das quaes se vêem, nem por momentos se soffrem separados; um segue sempre o outro em todos os passos que dá, precisa d'elle para communicar-lhe as primeiras impressões recebidas, e pedir-lhe em troca as suas; á medida porém que, pouco a pouco, se vão familiarisando mais com os logares e com as personagens d'aquelle mundo novo, afroixa a constricção d'esses laços, e cada um principia a readquirir a independencia individual, que de motu proprio havia abdicado.

Um facto similhante nos succede com Henrique de Souzellas. Encontramol-o na estrada; na companhia d'elle entramos em uma terra, onde tudo nos era estranho; nada mais natural do que dar o braço um ao outro, passar juntos a manhã, e fazer, em commum, as nossas visitas. Agora, porém, que temos já algum conhecimento da terra e da gente, é tempo de nos declararmos independentes, e sacudirmos o jugo d'uma companhia forçada, a qual, embora seja d'um amigo estimavel, se é forçada, é sempre jugo, em certas occasiões.

Os proprios Castor e Pollux, ou Pylades e Orestes, penso eu, haviam de ter momentos em que se desejassem sós; se é que não deviam aos deuses a felicidade de possuirem curtos espiritos, o que não creio.

Deixemos, pois, Henrique de Souzellas entretendo com a tia Dorothea a mais pacifica das conversas que podem auxiliar a digestão d'um jantar; deixemol-o no tranquillo recinto de Alvapenha e vamos associar-nos a um dos nossos recentes conhecimentos, que é Augusto, o mestre de Marianna e de Eduardo, aquelle pallido rapaz que entrevimos na sala da casa do Mosteiro.

Ao sahir d'alli, Augusto seguiu atravez de campos e á beira de vallados, com aquelle ar pensativo que lhe era peculiar.

O pouco que da historia d'elle soubemos, pelas palavras da morgadinha, é já bastante para que nos não admire a quasi incessante melancolia de Augusto.

Aos vinte annos e sem familia! com intelligencia e mal podendo, á custa de sacrificios, cultival-a, e eleval-a á altura das suas aspirações! Alma generosa e compassiva, tendo muita vez de limitar-se a chorar os infortunios que via, porque a pobreza lhe negava meios de remedial-os!... não serão estas ainda nuvens bastantes para toldarem a luz d'uma existencia, embora a juventude a illumine?

Havia alguns annos que esta disposição para a tristeza se exacerbara em Augusto. Coincidiu o facto com algumas circumstancias, que convem referir.

A morgada dos Canaviaes, madrinha de Magdalena e de quem viera a esta o nome de morgadinha, pelo qual mais conhecida era na aldeia, havia ao morrer instituido um legado a favor de Augusto, então creança, com a condição d'elle abraçar a vida ecclesiastica. O conselheiro, pae de Magdalena, devia administrar este legado, educando o rapaz nas escólas de Lisboa ou Porto, desde o dia do seu primeiro exame até o da primeira missa, porque n'esse lhe entregaria o capital por inteiro.

Isto succedeu ao tempo em que a mãe de Augusto, que havia dois annos viuvara, luctava com a miseria, e o rapaz, pela sua penetração e pelo enthusiasmo com que aprendia, causava o espanto do velho mestre regio da localidade.

Foi por todos abençoada a memoria da morgada,

por tão bem cabido legado, que era ao mesmo tempo que remedio ás privações d'uma familia, prèmio e estimulo á intelligencia e á applicação d'uma creança, que promettia vir a ser... Deus sabe o quê.

Ninguem se lembrou de perguntar a si proprio se a clausula, posta pela legataria como condição á concessão do beneficio, não podia ser uma crueldade que o annullasse; se comprar um futuro por dinheiro, sem querer saber a quantidade de aspirações, de esperanças, de phantasias que sejam, a que se tem de renunciar pelo contracto, não é uma iniquidade; se não era uma quasi simonia ir a casa do pobre e, fazendo luzir os reflexos do ouro nas sombras da miseria, propôr-lhe trocar por estes thesouros, que o fascinam, os valiosos thesouros da alma. Eu por mim abomino estes legados condicionaes, que um espirito malevolo, egoista e desejoso de dominar ainda depois da morte, tantas vezes dicta; essas meias generosidades são ás vezes a causa do infortunio d'uma vida inteira; aceites ou recusadas, é raro que depois, a cada provação que nos experimenta, uma voz interior nos não exprobre o partido que abraçamos. —«Louco! para que hesitaste em trocar meia duzia de phantasmas por um bem real? Quem te mandou sacrificar a vaporosos idolos de poetas o beneficio que te offereciam?—dirá ella aos que rejeitaram o pacto.—«Ambicioso!—clamará aos outros—ahi tens a felicidade que julgaste comprar á custa do que ha de mais nobre na alma humana; embriaga-te agora no incenso, em que envolveste o altar do bezerro de ouro, consumindo ahi as tuas mais sanctas e generosas aspirações. Augusto não adivinhou porém logo a crueldade da disposição testamentaria. Era muito creança ainda; e depois uma ideia nobre o preoccupou; comprehendeu que ia ser o amparo d'aquella pobre mãe, que só podia abrigal-o com os extremos do seu muito amor. Seu pae, morrendo, apenas conseguira deixar uma herança: foi á viuva o dever de velar pelo filho. Augusto exultou vendo que podia inverter aquelle legado, velando elle pela fraca mulher, que, para bem o cumprir, esgotaria de certo a vida.

Redobrou por isso a solicitude no aprender; desenvolveu-se-lhe mais e mais a intelligencia, quasi espontaneamente; pois justo é confessar que bem rudes eram os cuidados de cultura, que o velho *magister* lhe sabia dar. Mas quem ignora os surprendentes effeitos que da intelligencia e do estudo, da aptidão e da vontade, podem resultar? Dotem um homem d'essas duas faculdades poderosas e neguem-lhe embora os meios de progresso, elle caminhará, inventando-os primeiro, se tanto lhe fôr preciso.

E depois, é um grande alento aos espiritos superiores a consciencia d'uma nobre missão a cumprir. Não ha fadigas que tal estimulo não vença; abnegação, que não inspire.

A Augusto era-lhe incitamento a ideia de que sua mãe precisava d'elle.

Quando ainda aos seus treze annos fosse já bem conhecida a grandeza dos sacrificios que lhe exigiam, não hesitaria talvez, instigado por aquella aspiração; quanto mais que ainda mal lhe tinham animado os sonhos as doces imagens, tão gratas ao coração do adolescente, e a que teria de renunciar.

Suspirava por o dia do seu primeiro exame, o qual, graças aos esforços empregados, não se fez esperar muito.

Quando se aproximava a occasião, o pae de Magdalena mandou vir Augusto para Lisboa e hospedou-o em sua casa até que chegou o dia.

Não confiando demasiadamente no ensino publico da aldeia, o conselheiro quiz que o seu pequeno hospede recebesse algumas lições d'um professor da cidade, e d'este obteve as melhores informações da intelligencia do rapaz, que só por milagre d'ella conseguira sahir muito pouco eivado dos vicios do ensino do campo.

Augusto demorou-se algumas semanas em casa do conselheiro. A final fez o exame, no qual foi felicissimo, obtendo n'elle as mais distinctas qualificações.

Imagine-se o effeito que a noticia produziu na aldeia. Exagerando-se, dizia-se por lá que em toda Lisboa corria a fama do rapaz, e houve ate quem não hesitasse

em affirmar que a creança confundira os mestres, que fôra uma maravilha.

O mestre-escóla reclamou para si a gloria do acontecimento, fundando-se em que, atravez do discipulo, resplandecia a sciencia do mestre.

Os invejosos disputavam-lhe porém tão inquestionavel gloria e riam-se d'elle.

A pobre mãe, essa, levou todo o dia a chorar de prazer e a render graças á Virgem, a quem tanto encommendara o filho.

Voltou Augusto á terra.

Era o rapaz o assumpto de todas as conversas; olhavam-n'o como um prodigio. Todos o queriam vêr, como se até alli o não tivessem visto bem, e de feito todos o foram vêr; nem o abbade, nem o administrador, nem o presidente da camara faltaram. Foi tudo. Pois bem, de tantos que o viram, não houve um só que não notasse que o pequeno vinha triste.

Ninguem contestava o facto; que elle como que saltava aos olhos; as interpretações é que variavam.

—Aquillo é dos ares de Lisboa; a quem não está costumado...— dizia um.

—São canceiras de estudos—aventava outro.—Ha lá cousa que puxe mais por uma pessoa do que o estudo!

—Não que vossês cuidam! Um exame sempre abala a gente cá por dentro—dizia um doutor, que levara dez annos a vencer um curso de cinco.

Fosse pelo que fosse, Augusto trouxera de Lisboa uma melancolia, que os ares da sua terra não dissiparam e que augmentava sempre que lhe fallavam no futuro e no legado da morgada.

Quem mais a estudou, e a sentiu aquella subita melancolia, foi, como era de suppôr, a receiosa mãe. Deus sabe que noites mal dormidas, que sustos e que intimos terrores ella lhe causou! Perguntas, supplicas, arguições, lagrimas, promessas, nada tiravam de Augusto, que teimava em responder que nada tinha que o affligisse, que era illusão de quem o via a tristeza que lhe suppunham e, para confirmar o que dizia, ria; mas era

mais triste aquelle riso, do que o pranto, em que se desafogasse.

Para breve estava a entrada de Augusto no collegio de Lisboa, onde, á custa do legado da defuncta proprietaria dos Canaviaes, devia continuar os seus estudos, quando o rapaz pediu para ficar algum tempo na aldeia. Não se póde atinar com os motivos d'este pedido. Indolencia não era; pois no entretanto começou a estudar os rudimentos de latim com o illustre professor que o leitor conhece já, mestre Bento Pertunhas.

A saude vacillante da mãe de Augusto declinou n'esse inverno; o que veio dar outro motivo á demora do filho.

Dias e dias passou o pobre rapaz sentado á cabeceira do leito, dividindo os seus cuidados entre o estudo e os carinhos pela estremecida enferma. Dois annos se passaram d'esta vida; e quando, ao fim d'elles, Augusto abandonou aquelle leito, foi depondo um beijo nas faces geladas d'um cadaver.

Era orphão.

A vaga sombra de melancolia, que já lhe toldava o rosto, condensou-se-lhe mais então. Era quasi um negrume de tristeza.

Por esse tempo, veio o conselheiro trazer Magdalena para a aldeia, pois receiava pela saude d'ella, se persistisse em Lisboa.

O conselheiro propunha-se levar comsigo Augusto, quando voltasse a Lisboa. Uma manhã, porém, este, de pouco mais de quinze annos, procurou-o e disse-lhe com uma gravidade, que revelava uma tenção meditada e irrevogavel:

— Venho prevenir v. exc.ª de que desisto do legado da snr.ª morgada. Não quero ordenar-me.

O conselheiro fitou-o estupefacto.

— Não queres ordenar-te!... Porquê?...

— Já não tenho mãe a quem amparar. Por ella forçaria a minha vocação sem remorsos; por interesse proprio não o posso fazer; parece-me um sacrilegio.

O conselheiro era um homem muito do seculo. O seu tracto social, a frequencia dos circulos politicos e

elegantes, haviam-lhe dado todas as boas e más qualidades, que caracterisam aquella classe de homens, e sabe-se que a candura de sentimentos não entra no numero das mais habituaes d'essas qualidades. Tinha uma razão clara, mas fria; se abraçava uma boa causa, não o fazia cedendo ao enthusiasmo, mas sómente depois de ponderar fleugmaticamente os fundamentos em que ella se baseava; assim era que, em politica, se costumara a contemporisar, espaçando a adopção de qualquer medida, inquestionavelmente boa, para tempos em que fosse mais conveniente; não se apaixonava por utopias, desconfiava d'ellas; havia muito tempo que desviara dos olhos o prisma encantado, atravez do qual olham o mundo os poetas e todos os mais sonhadores; costumara-se a marcar por modelo, nas differentes carreiras da vida, não um typo ideal, dotado de todas as virtudes, limpo de todos os defeitos e vicios; assentara a menor altura o alvo; parecia-lhe que bom fito eram já os individuos que tinham conseguido maior consideração na sua classe: as maculas que elles tivessem, eram, por esse facto, maculas authorisadas. O pensar d'outro modo era pensar de romance; agradavel para entreter, porém mau nas applicações ás cousas da vida. N'uma palavra, o conselheiro era um homem de bem, mas na esphera mundana; não um d'aquelles typos de pureza crystallina, atravez da qual parece passarem sem desvio os raios da luz celeste; mas já um tanto embaciado do bafo social, que não o fazia ainda totalmente opaco.

Por isso sorriu á declaração de Augusto. A carreira ecclesiastica não lhe parecia tão escabrosa, como o futuro sacerdote a fazia; nem tão dura a lei, como em theoria se mostrava. O conselheiro não pensava necessario tomar ao pé da lettra certos deveres impostos; o mundo seria, como elle, tolerante em naturaes infracções; por tudo isso se riu. Fez a Augusto uma longa dissertação sobre as vantagens da vida ecclesiastica, sobre os muitos interesses que lhe promettia e a leviandade com que elle queria renunciar a uma carreira segura, movido pelas instigações d'um espirito timorato, ou d'uma visão phantastica.

Augusto insistiu. Sem córar perante o sorriso sceptico do conselheiro, declarou que não abraçaria a vida ecclesiastica sem que se sentisse com a coragem precisa para cumprir todos os deveres que ella lhe impunha; que era precisa uma grande abnegação e que elle, depois da morte de sua mãe, não tinha a certeza de a conseguir. Nos interesses não pensava, e se pensasse, seria isso a primeira prova de não estar preparado para a missão, de que se queria encarregar.

Quando alguem abraça com lealdade e franqueza uma boa causa, difficilmente é vencido; o conselheiro, costumado a não recuar nas mais acerbas luctas do parlamento, calou-se dentro em pouco ás objecções d'aquella creança. Como que teve remorsos de tentar sequer desvanecer as illusões a que o via abraçado,—illusões pelo menos as suppunha elle; parecia-lhe uma obra satanica envenenar com um sorriso aquelle ideal, em que vivia.—Respeitou-o e calou-se.

—Alguma creancice amorosa dos quinze annos—pensou para si.—Deixemos ao tempo convencel-o. Não me encarregarei eu d'esse papel, que é pouco sympathico. Quem me restituira aquellas candurasl Teria alcançado menos no mundo, mas talvez tivesse gozado mais... ou melhor...

O conselheiro cedeu apparentemente, esperando que a reflexão modificaria, mais tarde, as ideias do rapaz.

Exigiu d'elle que a ninguem annunciasse as tenções, em que estava de se não ordenar, pelo menos emquanto não passasse mais tempo sobre aquella resolução.

E uma vez que ficava na terra, pediu-lhe o conselheiro que se encarregasse da primeira educação de Angelo, então de nove annos; pois mais confiava para isso em Augusto, do que no professor official.

Augusto aceitou com prazer a incumbencia que, sobre adequada aos seus gostos, lhe abria uma carreira, que elle já imaginara adoptar.

De então nasceu uma intima amizade entre Angelo e Augusto. Foram rapidos os progressos do discipulo, e não menos reaes as vantagens que ao mestre resultaram do ensino, que lhe desenvolvia cada vez mais a in-

telligencia.—O conselheiro tinha motivos para estar satisfeito da escolha.

Ao fim d'um anno as repugnancias de Augusto em aceitar o legado eram as mesmas; o egoismo paternal do conselheiro não o deixou ser muito ardente a combatel-as.—Espaçou-se mais uma vez a decisão.

Outras lições appareceram a Augusto, as quaes elle acolheu com gosto; o mestre-escóla reclamava tambem muitas vezes o seu auxilio; compadecido da sua velhice, Augusto nunca lh'o recusou.

O velho acabou por declinar n'elle o serviço todo, sem que Augusto consentisse em receber por isso o menor estipendio.

O publico não se cançava de perguntar quando seria que o rapaz principiaria os seus estudos em Lisboa e porque o não fazia já. Como não obtivesse resposta, commentava o facto, como costuma commentar todos os que não entende.

No entretanto a educação de Augusto não ficara estacionaria. Com grandes sacrificios a continuara elle; e n'um êrmo, como era aquella aldeia, tinha muito de milagre o que fazia.

O latim de mestre Bento já mal satisfazia ás impaciencias de espirito d'este discipulo enthusiasta; e não era raro que a intelligencia de Augusto visse mais fundo nos textos, do que a experiencia do mestre.

O acaso favoreceu os desejos do estudante.

N'uma freguezia proxima estava, como abbade, um doutor em theologia, homem de solido saber e de reputação extensa.

Um dia em que, por convite do seu collega, viera assistir e prégar na festa do orago da aldeia, o padre encontrou-se com Augusto na sacristia e, conversando-o, admirou-lhe a penetração, captivou-se da sua modestia e lamentou não estar mais perto d'elle, porque o auxiliaria, como podésse, nos estudos.

Augusto perguntou-lhe se era sincera aquella vontade; affirmando-lhe o padre que sim, respondeu que não seria então estorvo a distancia, porque elle a venceria.

E d'ahi em diante, duas vezes por semana, ás quin-

tas feiras e domingos, franqueava legua e meia dos mais escabrosos caminhos, para ir ouvir as lições do erudito abbade. Assim se aperfeiçoou na latinidade, cultivou a philosophia e adquiriu o gosto pelos nossos velhos prosadores e poetas. Vinha de lá carregado de livros para lêr durante a semana. Toda a bibliotheca do padre lhe passou pelas mãos.

Era porém o theologo classico exclusivo e nada visto em linguas e litteraturas modernas.

A sorte não recusou ainda a Augusto um novo mestre.

Entre os muitos estudos de estradas, de que os governos em Portugal fazem preceder, vinte annos antes, a construcção definitiva d'uma só, que de ordinario sahe sempre como se não fosse tão estudada, um houve que levou á aldeia, em que eu e o leitor nos achamos, um engenheiro que ahi fez quartel e centro de operações, durante tres mezes inteiros.

A casa em que elle se alojou ficava proxima da de Augusto. Cedo travaram conhecimento os dous. O engenheiro o menos que possuia eram livros de mathematica; mas, emquanto a litteratura moderna, trazia nas malas e bahus uma excellente provisão.

Não tendo que fazer ás noites, entreteve-se a ensinar o francez a Augusto e a lêr-lhe os livros da sua bibliotheca portatil. Voavam as horas a Augusto n'aquelles serões; n'elles aprendeu todos os nomes da nossa litteratura moderna, bem como os principaes da de França e de Inglaterra.

Quando o engenheiro partiu da aldeia já Augusto sabia o francez bastante para se aperfeiçoar por si; este amigo deixou-lhe em lembrança grande parte dos seus livros, que Augusto releu muitas vezes.

Attingio finalmente Angelo a idade de precisar do collegio. O conselheiro, ao leval-o comsigo, insistiu mais uma vez com Augusto para que viesse tambem e acceitasse o legado da morgada. Foi em vão, encontrou-o ainda inabalavel.

E d'esta vez fez publica a sua desistencia, e o ambicionado patrimonio foi concedido a outro.

Mezes depois morria o velho mestre-escóla da al-

deia. Augusto escreveu ao conselheiro, declarando-lhe que pretendia aquelle logar, que já havia muito tempo servia, e pedindo-lhe para que se interessasse por que elle o obtivesse. O conselheiro quiz tirar-lhe da ideia tal projecto; escreveu-lhe que, na idade em que estava Augusto, o não ter ambições era indicio d'uma profunda doença moral; que a posição, a que elle aspirava, equivalia a uma sepultura estreita a que se acolhesse vivo. Augusto persistiu porém no intento e o conselheiro empenhou-se por elle em Lisboa. Conseguiu que uma portaria, meio pelo qual se faz em Portugal tudo que é contra lei expressa, o dispensasse da idade que ainda não tinha, pois mal completara dezenove annos, e Augusto foi por conseguinte admittido a concurso para tão pouco disputado logar e provido n'elle por tres annos. O conselheiro, a quem não fôra impossivel obter-lhe despacho vitalicio, quiz vêr assim se, no fim dos tres annos, o obrigava a abandonar tão laboriosa e mal recompensada carreira, e de proposito o fez despachar temporariamente. Com quanto o legado da morgada tivesse tido já outra applicação, o conselheiro não hesitaria em proteger, em qualquer carreira, o mestre de seu filho.

Mas, ao fim de tres annos, Augusto, apezar de por experiencia conhecer já os espinhos da profissão, apresentou-se novamente ao concurso para obter novo despacho. Na época em que abrimos esta narração, voltara Augusto de pouco de ultimar a nova prova; e estava pendente ainda a decisão do ministerio competente. D'esta vez tivera um competidor, homem muito protegido por influencias da localidade, as quaes ainda não tinham podido vencer a do conselheiro, que pugnava por Augusto.

Desde que fôra para Lisboa, Angelo não se esquecêra de escrever amiudadas vezes a Augusto, contando-lhe dos seus estudos, e descrevendo-lhe a sua vida na capital; e quando vinha a ferias, procurava transmittir ao que fôra seu mestre, a sciencia que durante o anno adquirira.

Foi assim que Augusto principiou a estudar a lingua ingleza, a geographia e a historia.

Recebido o primeiro impulso, a sua intelligencia e applicação faziam o resto.

Um homem, que havia na aldeia e com quem cedo teremos de travar conhecimento, um velho herbanario, para alguns um sabio, para outros um louco, para todos um homem honrado, concorreu tambem, com o seu contingente, para a educação de Augusto.

De tempos a tempos, este velho mysterioso apresentava-se em casa d'elle com um pacote de livros debaixo do braço e, sorrindo, pousava-lh'os em cima da mesa.

Eram quasi sempre aquelles, que Augusto mostrava ou sentia mais desejos de possuir. Da primeira vez, Augusto fitou o herbanario com espanto. Ninguem o suppunha rico; como podia elle pois obter aquelles livros, alguns dos quaes eram de preço? O velho porém disse-lhe, ao perceber-lhe a surpreza:

—Não queiras saber da minha vida, rapaz. Suppõe que eu tenho a servir-me uma vara de condão ou uma fada qualquer, e deixa correr.

Augusto acabou por persuadir-se de que o herbanario tinha accumulado riquezas, á força de economias; porque de economias vivera sempre.

De pequeno merecera áquelle velho uma singular sympathia, e com affecto de pae fôra sempre tractado por elle.

Resignou-se a aceitar sem reflexões; até porque sabia ser facil o escandalisar o velho com ellas. O que fazia era evitar, na presença d'elle, qualquer palavra que podésse denunciar desejos de possuir um livro qualquer. Mas o velho, como se tivesse de facto algum poder occulto a informal-o, ás vezes parecia adivinhar; e trazia-lhe livros que Augusto devéras desejava, mas a respeito dos quaes tinha a certeza de lhe não ter fallado; nem eram d'aquelles que o velho conhecia.

A seu pezar via-se quasi inclinado a adoptar a crença supersticiosa do povo a respeito d'aquelle seu velho amigo.

Pensando melhor, pareceu-lhe procederem de Angelo as informações, pelas quaes o velho se guiava na

escolha. Não lhe attribuia porém o presente, porque as economias de Angelo não chegavam para tanto.

Depois de tudo quanto temos dito de Augusto, poderá ainda o leitor estranhar os ares pensativos com que o vemos?

Poucos passos andados, depois que sahiu do Mosteiro, encontrou Augusto a distribuidora das cartas, que lhe entregou uma, sobrescriptada para elle. Era de Angelo.

Augusto abriu-a immediatamente e leu-a ainda pelo caminho.

Era uma extensa carta, em que se succediam os periodos em um d'esses longos, incoherentes e diffusos arrazoados, que constituem a essencia d'uma carta de amigo para amigo.

Angelo fallava dos seus estudos, de saudades da terra, de esperanças e de projectos, projectos que, n'aquellas idades, nascem e morrem a todo o instante. Terminava esta carta, em que lhe participava a sua vinda á aldeia pelo Natal, com o seguinte periodo:

« Peço-lhe que diga á Lindita, que se não esqueça
« de mim. Dentro de poucos dias conto ir vêr os coe-
« lhos do quintal d'ella, e ajudal-a a tirar a agua do poço.
« O pae d'ella chega ahi ao mesmo tempo que esta car-
« ta; leva um livro para si.»

Augusto sorriu, ao lêr o *post-scriptum*.

—Pobre Angelo!—murmurou elle—Deus não permitta que sobreviva á tua ultima creancice essa sympathia por Ermelinda. Estas generosas affeições de creança muitas vezes, ao crescer, envenenam o coração.

Havia tanta amargura n'estas reflexões de Augusto!

E, como absorvido n'ellas, caminhou para casa do recoveiro Cancella, que era o pae da pequena, a quem na carta se alludia.

VII

A casa do recoveiro Cancella ficava n'uma das mais estreitas ruas da aldeia e ao lado d'um pequeno quintal, objecto dos cuidados e das diversões do proprietario, que alli gastava algumas horas disponiveis da sua occupada e laboriosa vida.

Cancella era um verdadeiro Judeu errante da aldeia. A maior parte do tempo ia-se-lhe nas estradas; pernoitava hoje n'uma estalagem; viam-no ámanhã já a mais de seis leguas de distancia; acotovelava um dia a multidão nas ruas e feiras da cidade, no outro entretinha os curiosos da sua terra, deixando-lhes entrever os thesouros da experiencia adquirida á custa de muitos annos e fadigas.

As estradas em Portugal e os novos meios de transporte, que conjunctamente vieram, não destruiram totalmente este typo dos antigos tempos, anterior a ellas. Além da época, que parecia dever marcar-lhes limite á existencia, passaram, sustentados pela força dos habitos e justificados pelas irregularidades do serviço das postas; e Deus sabe quando de vez acabarão. Mas Cancella era além d'isso um recoveiro d'uma especie rara e superior. Em todas as profissões ha sempre, no meio do vulgo, que as exerce sem enthusiasmo nem consciencia dos gozos, superiores aos interesses, que ellas podem offerecer, certo grupo de escolhidos, que as idealisam, e enxergam um raio de poesia atravez das sombras, uma flôr entre os espinhos. Cancella era d'estes; era o poeta da sua profissão. Tinha em si o que quer que era

d'um *touriste*, e assim aproveitava todos os ensejos que se lhe offerecessem de explorar algum ponto do paiz, ainda por elle desconhecido.

Este instincto levava-o frequentemente a Lisboa. As muitas relações do conselheiro, pae de Magdalena, com as familias da aldeia, e a barateza relativa das recovagens operadas por este meio primitivo, proporcionavam-lhe algumas occasiões d'isso, as quaes o Cancella de boamente aproveitava. Era d'uma d'essas expedições que elle devia voltar aquella manhã, como o dava a entender a carta de Angelo.

Quando porém Augusto lhe bateu á porta, achou-a ainda fechada; escutou á fechadura, mas não póde verificar o menor signal de que alguem estivesse dentro.

—É cedo ainda—pensou comsigo.—Vejamos se estará em casa do compadre.

Seguiu mais para diante pela rua por onde viera.—A poucos passos mais, e do lado opposto, deparou-se-lhe outra casa de aspecto não menos rustico do que a primeira, uma pequena casa terrea, d'uma só porta e uma só janella, e com o respectivo quintal ao fundo.

Do interior vinha um sussurro de vozes, como de conversa animada; julgando que seria o Cancella, de quem o proprietario era, além de vizinho, confidente e compadre, Augusto empurrou a porta, que estava apenas cerrada, e entrou.

A primeira sala achou-a deserta. Era um aposento quadrado, todo adornado á volta de cruzes de pau, para as devoções da via-sacra, e de imagens de sanctos e sanctas em caixilhos de todos os tamanhos. Mais do que os outros enramalhetado e enfeitado, via-se alli o bento registo d'uma confraria, havia pouco tempo instituida na terra pelos missionarios, o qual occupava o logar de honra n'aquella devota exposição.

Era recente na aldeia o estabelecimento d'esta confraria, sociedade um tanto mysteriosa, por meio da qual seus interessados instituidores só visavam a dar o reino do céo aos filiados, contentando-se *apenas*, em paga, com o do mundo, do qual, lembrados de antigos tempos, teem saudades já. Os missionarios, certos evange-

lisadores em terras onde a palavra do Evangelho não é chave que abra a porta, pela qual entraram os martyres no céo, lá andavam por aquelle tempo, na aldeia onde se passa a acção d'esta historia, plantando a vinha, que elles chamavam do Senhor; as mulheres, abandonando os lares, seguiam-nos como rebanhos; o culto catholico era por elles cada vez mais arrebicado com orações absurdas e ceremonias ridiculas, e o eterno anathema da ignorancia contra o progresso da sociedade servia de thema predilecto aos seus barbaros discursos.

Ardente proselyta d'estes apostolos de fé duvidosa, a snr.ª Catharina do Nascimento de S. João Baptista, a metade feminina do casal em questão, tomara por modo de vida as devoções da igreja, onde ia chorar as desgraças da humanidade, que tão fóra via andar da estrada direita.

Augusto pouco se demorou n'esta sala; respeitando a alcova conjugal, que era vedada aos olhares profanos por uma colcha de chita de largas e folhudas ramagens, tomou pelo corredor, que conduzia á cozinha, d'onde lhe continuava a chegar aos ouvidos o som de vozes, que primeiro o attrahira.

Ao contrario do que esperava, porém, só uma pessoa encontrou na cozinha, com quanto fallasse com a vivacidade que em poucos dialogos se mantem.

Esta pessoa era o dono da casa, o snr. José do Enxerto ou vulgarmente chamado o ti' Ze P'reira — nome que lhe vinha do popular e ruidoso instrumento, o classico zabumba, que nas nossas aldeias tem ainda hoje aquelle nome. — Era muito para vêr e admirar a mestria, com que o nosso homem o sabia tocar nas festas e arraiaes, á frente das procissões e cercos, e finalmente em todas as solemnidades publicas.

O ti' Ze P'reira era homem dos seus quarenta e tantos annos; tinha no rosto, principalmente no nariz, vestigios evidentes das suas sympathias pela divindade celebrada nos antigos dithyrambos. Esposo da snr.ª Catharina do Nascimento de S. João Baptista, vivia em perenne sabatina com a sua cara metade, sujeitando-lhe todas as suas acções, mas salvando sempre o direito de protestar

pela palavra. Ganhava a vida no officio de hortelão e, aos domingos e dias de festa, á força de rufos e pancadaria na retesada pelle do seu companheiro inseparavel —o zabumba. Era aos cuidados e vigilancia d'este par conjugal que o recoveiro Cancella confiava o seu mais precioso thesouro, a pequena Ermelinda, uma mimosa creança, que lhe ficara á suà viuvez tão cheia de saudades, e a quem elle mais queria do que á menina dos olhos.

Ermelinda era afilhada da familia Zé P'reira, e a mesma a quem ouvimos referir-se Angelo no fim da carta.

Zé P'reira estava, como dissemos, só na cozinha, quando Augusto alli chegou; sentado, no meio da sala, sobre um alqueire voltado com o fundo para o ar, viradas as costas para a porta e a face para o lar apagado e vazio, fallava, gesticulava e mudava de tom desde a nota mais grave e rouca da sua escala de barytono, até o mais agudo e desafinado falsete. A lingua pegava-se-lhe ao céo da bôca, difficultando-lhe suspeitosamente a articulação de algumas syllabas; era evidente que se apossara do hortelão o espirito familiar, o qual, n'este caso, era um verdadeiro espirito, na accepção chimica do termo.

Zé P'reira era um homem baixo, já grisalho, sufficientemente nutrido, de olhos vesgos e que mais vesgos se faziam quando o enthusiasmo, o rapto artistico se apoderava d'elle; usava de umas suissas que pareciam tentar sumir-se-lhe pela bôca dentro; tinha longos braços, accommodados ás difficuldades e evoluções da sua arte, e pernas que, do joelho para baixo, lhe divergiam em angulo de mais de trinta graus.

Quando Augusto deu com elle, o homem monologava, gesticulando:

—Ora, senhores, que é forte desgraça a minha!... É forte desgraça!... Aqui estou eu!... Um homem casado... casado á face da igreja... que me casou em dia de S. Thiago o abbade que foi... e que Deus tenha em descanço. Não faltou nada... correram-se banhos diante de quem os quiz ouvir e não houve quem pozesse impedimento... porque eu não devia nada a ninguem... sem-

pre fui lizo de contas... Sou casado com a Cath'rina do Nascimento de S. João Baptista, filha do Antonio Canhestro, do logar dos Fójos... E casado para quê?... Faz favor de me dizer? Para que casei eu?... Forte desgraça a minha! Casei-me para isto!... Para vir para casa e achal-a vazia, o lume apagado e o caldo na horta... e a mulher a papar missas e novenas lá por essas igrejas... Ora, senhores, que é forte desgraça a minha! É forte desgraça!... Bem morria eu de frio e de fraqueza, se não fosse aquelle quartilhito... o ultimo, que sempre me deu sua aquella... sim... sempre me conchegou o estomago. Não que dizem que o vinho que faz, que o vinho que acontece... Pois casem-se com uma mulher que vá de madrugada para a igreja e venha de lá quando muito bem lhe pareça, e verão depois se o vinho não serve de cobrir muita lazeira que se soffre... verão depois... Ora, senhores, que é forte desgraça a minha!... Diz que Deus que disse, que a mulher que era a carne da nossa carne e o osso do nosso osso... Deus devia de vez em quando tornar a dizer estas cousas... para não esquecerem... como se faz na escóla com a taboada. A minha Cath'rina já o não sabe, aposto... e pelos modos os padres não lhe dizem isto na igreja... pois deviam dizer!... A carne da minha carne e o osso do meu osso!... mas é carne e osso que me não fazem caldo... Ora, senhores, que é forte desgraça a minha!... Como ha de um homem, se isto assim continúa, pegar na enxada para dar uma cavadela, ou fazer qualquer sachada?... E tambem quero vêr como hei de no arraial e procissão de Sancto Amaro, que não tarda ahi, dar sequer um rufo assim mais tal... assim mais scientifico? Eu se fosse bispo...

A caudalosa torrente d'este soliloquio foi interrompida pela apparição de nova personagem á porta do quintal.

—Deixe estar, meu padrinho, deixe estar; tenha um bocadinho de paciencia. É um instante emquanto accendo o lume e lhe faço o caldo. Verá.

A pessoa, que assim fallava ao entrar para a cozinha, era uma rapariga de doze annos, alva e franzina, como a mais delicada creança da cidade, com os olhos negros

e expressivos de intelligencia e de doçura, e com os mais formosos cabellos louros, que ainda enfeitaram uma cabeça infantil. Não havia n'elles sombra, que desvanecesse aquella côr deslumbrante; reflectia-se-lhes a luz nas ondas, naturalmente lustrosas, como em tenuissimos fios de metal; usava-os soltos e cahidos, sem vislumbre de artificio, d'um e d'outro lado do collo.

Condizia com a expressão angelica do semblante o suave e affectuoso timbre de voz com que fallara.

O leitor prevê de certo que é Ermelinda, a filha do Cancella, ou Lindita, como geralmente na aldeia lhe chamavam, a creança que tem na sua presença.

Ermelinda sobraçava um mólho de hortaliça, que fôra colher ao quintal, e dirigia-se com ella para o lar, que o descuido e a indifferença conjugal deixavam ainda apagado áquella hora do dia.

Dando, porém, com os olhos em Augusto, parou, sorrindo-lhe.

—Ai, pois estava ahi, snr. Augusto?! E o meu padrinho talvez sem reparar.

A estas palavras o desditoso marido voltou a cabeça e fitou em Augusto um dos seus desemparelhados olhos.

—Olá, snr. Augusto! Viva! Passe muito bem! Entre; esta casa é sua... De jantar não lhe offereço... porque... porque... Forte desgraça a minha!... Olhe! repare para este desafôro!... Venho para casa, morto de trabalho... e vejo o lar apagado! A minha mulher está a ouvir missa, a confessar-se, a commungar... a tomar todos os sacramentos... acho que os está a tomar todos... Louvado seja Deus! Vem ahi tão limpa de consciencia, como eu estou de estomago... Ora, senhores...

—Deixe estar, padrinho... Verá como isto se arranja depressa... Olhe; o lume já está accêso—dizia Ermelinda, accendendo effectivamente o lume no lar.

—Já o devias ter feito antes, Lindita—disse Augusto, sentando-se junto d'ella.

—Mas se inda agora vim das prêsas, onde fui lavar a roupa?

—Pobre pequena—disse o Zé P'reira;—tambem não te ha de faltar lazeira, tambem!

—A mim? Agora. Não que eu não sahi de casa com as algibeiras vazias.

—Pois sim... mas sempre é preciso cousa que conforte... Inda se tu bebesses... já não digo um quartilho...

—Credo, meu padrinho! Que está a dizer?

—Que espanto!... Ora, senhores, que parece que o vinho é bebida amaldiçoada, que todos lhe teem medo! É vêr se o padre na missa...

—Padrinho! padrinho! que vai dizer?—interrompeu Ermelinda, quasi aterrada.

—Eu digo o que é verdade, rapariga!... Tenho minha presumpção de nunca dizer senão a verdade... Lá o pespeguei na cara do snr. juiz de direito e mais do snr. doutor delegado e mais doutores, quando fui a um juramento, por causa d'aquellas pancadas no recebedor... É que nenhum d'esses sanctalhões d'esses missionarios me teem que ensinar n'esse ponto... Os missionarios!... Eu, um dia, tiro-me dos meus cuidados e dou-me ao trabalho de lhes ir perguntar, quando elles estiverem no pulpito, se Deus lhes manda que tirem as mulheres de casa, para que os maridos não tenham que comer, quando voltarem do trabalho... Um dia inda lhes vou perguntar... isso vou...

—Olhe; a agua não tarda a ferver; verá que dentro em pouco...—continuava Ermelinda.

—Bem, Lindita, bem—disse Augusto—em paga da boa vontade, com que trabalhas, vou dar-te uma alegre nova.

—A mim? Diga.

—Trago-te visitas de alguem, que em poucos dias te dará, em vez de visitas, um abraço.

—De quem? Ah!... Angelo escreveu-lhe?

—Como adivinhaste depressa!

—Pois de quem mais havia de ser? Mas diz que... em poucos dias... Então?...

—Tel-o-hemos cá pelo Natal.

—Falla verdade?

—Assim m'o diz n'esta carta. Queres lêr?

—Para quê?—respondeu a rapariga, fitando porém o papel com os olhos cheios de curiosidade.

—Ora lê, lê... Até para vêr se ainda te recordas das lições, que eu te dei.

—Ai, lá isso... mas, o caldo do meu padrinho...

—Deixa que o lume é que o ha de aquecer e não a tua presença.

Ermelinda aproximou-se; tomando a carta das mãos de Augusto, começou a lêl-a com intensa curiosidade.

Zé P'reira proseguiu no seu monologo:

—A religião, senhores—dissertava elle—não manda tal... Isso é que não manda... A religião é a palavra de Deus... e Deus disse... sim... Deus disse... Deus disse muita cousa... Disse que por este deixarás pae e mãe. Ora a sancta madre igreja é mãe, é, sim, senhores; que tem lá isso? mas não é mais mãe do que a outra mãe... e então... senhores, uma mulher não deve deixar por ella o seu marido; porque o marido, senhores, é o tudo d'uma casa, e o ganha-pão da familia. Ora, senhores, que é forte desgraça...

O monologo do desconsolado conjuge e a leitura de Ermelinda foram interrompidos por uma voz potente, que cantava na rua:

O dinheiro paga tudo,
Não se fica a dever nada;
Toma, toma o limão verde,
Ó da fresca limonada.

E logo em seguida estalaram as táboas do soalho no corredor sob uns passos pesados e ruidosos, e no limiar da porta da cozinha desenhou-se a figura agigantada e herculea do recoveiro Cancella, pae de Ermelinda. Cancella, ou o João Herodes, que assim tambem lhe chamavam por ter creado, nos autos em que era actor applaudido e popular, o typo do sanguinario e infanticida rei da Judeia, fôra pela natureza dotado d'uma estatura e robustez, dignas de Adamastor.

Encontrava-se n'elle uma d'essas felicissimas realisações dos temperamentos sanguineos que, sem ameaçarem de insultos apopleticos, dão riqueza ao sangue, vigor aos musculos e á physionomia o aberto e colorido da saude e os reflexos da satisfação interior.

A barba negra e espessa cercava-lhe as faces córadas, e o natural fulgor dos olhos parecia augmentado sob o duplo arco de bastas sobrancelhas que, quando contrahidas, os rodeavam de sombras ameaçadoras, d'onde fuzilavam relampagos. Era formidavel então!

O riso pairava-lhe porém nos labios, quando na presença de amigos, descobrindo-lhe duas fileiras de alvissimos e bem dispostos dentes, d'esses que os excessos e absurdos culinarios ainda não deterioraram.

Parando á porta da cozinha, o Herodes (ás vezes lhe chamaremos assim, cedendo ao geral costume na aldeia) procurou com a vista alguem, que mais que tudo trazia na memoria — a filha. — Esta, pela sua parte, mal o reconheceu, correu a lançar-se-lhe nos braços.

O pae pegou n'ella, como se fosse uma penna, levantou-a á altura dos labios e poisou-lhe nas faces dois sôffregos e ruidosos beijos, ainda palpitantes de todo aquelle intenso amor paternal.

— Ah! — exclamou, poisando-a no chão e respirando como quem acabava de satisfazer uma intensa necessidade do coração — Isto consola que nem o copo de agua que a gente, em dias de calma, pede á borda da estrada, quando se leva a bôca sêcca e queimada da poeira! Mais do que isso me sabem estes dois beijos que te dou, pequena. Que querem?... Ó snr. Augusto! tambem por cá?

— Esperava-o, Cancella.

— A mim? — continuou o homem, poisando no chão uma mala que trazia — Pois aqui me tem. Mas, dizia eu, um homem quando anda lá por fóra, e pensa no que lhe irá por casa, sente ás vezes uns sustos, que parece que lhe fazem tudo escuro... As desgraças, para succederem, não poem muito... D'um momento para outro... E depois a gente houve por lá conversas, vê coisas, que parece que são agouros... e que nos fazem a noite no coração... Umas vezes é um enterro... outras, um desastre... um fogo... um... E as creanças sós, e os paes fóra de casa!... Ai! Isto é de ralar o coração d'uma pessoa... Eu bem sei que em bôa companhia me fica a pequena. Aqui o compadre, tirante lá a sua aquella pelo sumo da

uva... Quantos foram já hoje, compadre, hein?... mas, tirante isso, é homem de bem; a comadre é uma sancta, que só tem o defeito de querer ser sancta devéras... mas emfim... tudo isso não obsta; uma coisa é uma pessoa saber o que lhe vai por casa, outra... Tremem-me as pernas sempre que entro na aldeia. A primeira alma de Christo, que encontro, estou sempre a vêr quando me vem dar alguma nova má. Salta-me cá por dentro o coração, que ninguem faz uma ideia; eu bem canto a vêr se disfarço, mas... Ai, filha da minha alma, quando me passa pelo pensamento, que te posso um dia vir achar doente!... Assim me succedeu com tua mãe... Deixei-a uma vez tão satisfeita e alegre, e vai, quando voltei, a primeira pessoa, que encontro, diz-me á queima-roupa: «Venha, snr. João, venha, que já não vem sem tempo. Corra a casa, se ainda quer vêr sua mulher...» Foi como se recebesse uma descarga em cheio no peito... corri, e...

A commoção impediu-o de continuar; disfarçou, como se envergonhado d'aquella fraqueza, beijando a filha outra vez.

Ermelinda percebeu a perturbação do pae e disse-lhe carinhosamente:

—Para que está agora a pensar n'essas cousas que o affligem, meu pae?

—Deixa-me cá, rapariga. Isto ás vezes tambem faz bem. Mas, por isso, quando entro em casa e te vejo, pequena, e te vejo com boas côres e alegre... nem eu sei o que tem mão em mim, que não me ponho a dançar. Ah! ah!... Ninguem tem uma filha como eu! Olhe que não, snr. Augusto; mal fica a mim dizel-o, mas... Lá por Lisboa e por o Porto ha muita menina galante, isso ha; muita inglezinha loira, bonitas como anjos, mas cabellos assim doirados?—e passava com orgulho os dedos pelos bastos cabellos de Ermelinda—mas uma pelle assim delicada—e afagava-lhe com as mãos a face, quasi a medo—mas olhos assim a metterem-se mesmo pelo coração á gente?—e beijava-lh'os com paixão—isso é que eu ainda não vi, nem tenho de vêr. Como o Senhor concedeu um anjo d'estes a um selvagem como

eu; é que não sei... É a imagem da mãe!... Ella tambem era poucochinha de si... miudinha e... Mas não pensemos n'estas cousas. Sim, senhores; eis-me aqui outra vez, e por signal com a minha vida por arranjar e eu posto á taramela. Trago-lhe uma encommenda, snr. Augusto, e muitos recados, muitos.

—Já sei; Angelo escreveu-me.

—Escreveu? Ah, snr. Augusto, que rapaz aquelle! Aquillo é uma perola! Com tres milheiros de demonios do inferno! d'alli ha de sahir cousa grande. Eu não queria morrer sem vêr o que sahia d'alli. Brinca como uma creança, mas, quando quer, põe-se serio e falla como homem. E nada de soberbas, nem de ares enfastiados, como tomam aquelles senhores da cidade, quando conversam com uma pessoa rustica... Qual historia! Elle tudo quer saber, tudo pergunta... isso é um nunca acabar, quando lá me pilha... Então como vai fulano? e cicrano? e se já se fez aquella casa, e se já acabou aquella obra, e se já casou este, e se inda vive aquelle, e mais para aqui e mais para acolá, e tudo quer muito explicado... Ah! ah! ah!... tem diabo o pequeno... Pois cá a respeito da rapariga?... Isso é uma comedia!... Não se farta de me ouvir fallar d'ella... Ah, snr. Augusto, ás vezes chego a ter pena de que isto nascesse minha filha.

Ermelinda fitou o pae com olhos espantados.

—Sim, filha—proseguiu elle.—Deus não te devia dar a um homem, como eu, que emfim... Com os diabos! lá alma e coração... não quero que haja ahi quem me leve a barra adiante. Eu por um amigo... e com mil demonios! até por um inimigo, se não fôr soberbo, vamos lá, dou a camisa do corpo... Mas o mundo... Bem, bem; eu cá me entendo. Vamos á minha tarefa. Mas que tem vossê estado para ahi a prégar, compadre, desde que eu entrei? Humh! humh! parece-me que já cantou a gloria, hoje; visto que já se está ao sermão.

Effectivamente Zé P'reira tinha apenas concedido ao seu compadre um olhar de distracção e um acêno de mão, e voltara de novo ás suas queixas amargas contra a sorte e contra a esposa.

Interrogado pelo Herodes, Zé P'reira reproduziu uma das suas lamentações; o compadre, emquanto desenfardelava a mala, ia cortando com reflexões proprias essa longa jeremiada.

—Então com que a ti' Zefa deixou-o sem caldo, hein? É mal feito, a fallar a verdade. Lume apagado em casa de familia é coisa triste... Aqui está um livro para si, snr. Augusto... Mas deixe lá, compadre, que a minha pequena arranja-lhe n'um ai algumas berças... Tambem eu estou em jejum desde as cinco horas da manhã... mas estes missionarios! Ah! com seiscentas mil duzias de demonios, eu ainda queria um dia...

—Deus nosso Senhor seja n'esta casa—disse uma voz gemida á porta da cozinha.

—E o demo na do abbade—resmungou o Herodes.

Era a snr.ª Catharina do Nascimento de S. João Baptista, typo de beata, que dispensa descripção, que regressava a casa depois de completar o cyclo das suas devoções.

—Viva a comadre!—disse o João Cancella, continuando a mexer na mala.

Ermelinda foi beijar a mão á madrinha.

Augusto saudou-a affavelmente.

O marido obrigou o corpo a uma meia rotação sobre o alqueire, e, voltando-se para a mulher, disse-lhe agitando os braços e as mãos, espalmadamente abertas:

—Mulher dos meus peccados, mulher de não sei que diga, olha que a paciencia um dia acaba-se, mulher! Isto não póde continuar assim, mulher! Eu não me casei para que tu me andes a ganhar indulgencias na igreja, mulher!... Isto são preparos, mulher?... Um homem chega a casa e acha o caldo por fazer, porque a senhora sua esposa deu em ouvir nove missas por dia e uma duzia de novenas!

—Cala-te, cala-te—retorquiu azedamente a devota metade do Zé P'reira—cala-te para ahi, desalmado. Excommungado seja o mafarrico, que assim me quer attentar logo que entro em casa! Olha lá que não morresses de fome! Estás mal acostumado. Louvado seja Deus! Já não ha quem queira soffrer n'este mundo mortificações!

Cuidas que não tens de soffrer as do purgatorio? E Deus nos queira dar só o purgatorio e livrar-nos das penas do inferno. Que muito mal fazemos por lhe merecer misericordia! Ora que não ha de uma pessoa poder ter as suas devoções, que não venha encontrar lamurias em casa! Ó minha rica Mãe do céo, seja para desconto dos meus peccados! Sume-te, inimigo mau! E eu que deixei de rezar oito estações, que prometti á Senhora da Rocha, e vai... Ora digam como ha de esta gente cumprir os jejuns que manda a sancta madre igreja, se, por duas horas de espera, já se choram todos! Bemdito e louvado seja o sacratissimo coração de Maria!... Ó homem de Deus, e então aquelles sanctos eremitas, que viviam no deserto de raizes e de agua das fontes...

—Que lhes prestasse. Haviam de andar muito gordos. Eu queria-os vêr com uma enxada a trabalhar todo o dia no campo, e que lhes dessem depois raizes para roer, a vêr se gostavam. Ora, senhores, que é forte desgraça a minha! Mulher, a religião manda que olhemos pelo nosso cadaver. É má christã a mulher que deixa o seu marido na penuria. Isto é que os padres deviam ensinar. Vai-lhes lá perguntar se, quando chegam a casa, não teem a sôpa e o toucinho á espera d'elles.

—Cala-te, tentador, que me andas a tentar, cala-te; tem vergonha n'essa cara. Olha agora! Eu queria vêr-te com o trabalho do snr. padre Domingos. Coitadinho! desde as cinco horas da manhã até agora a confessar!

—Confessar é parolar; ora adeus!

—Tu estás doudo, alma perdida?

—E cuidas que elle não leva marmelada nos bolsos?

—Ó chagas do serafico S. Francisco, ainda mais terei de ouvir?!

—Mulher, deixemo-nos de historias, com jejuns ninguem engorda. Só os sanctos... de pau.

—Vamos, vamos—disse o Herodes, intervindo.—Não vale zangarem-se por causa d'isso. A minha pequena deve ter o caldo quasi feito. Comam-no em sancta paz e deixem-se de testilhas, que não é bonito; e muito menos entre marido e mulher. Vossê, compadre, tambem tem culpas em cartorio; vamos lá. Ha por ahi umas cer-

tas capellas, onde passa tambem bastante tempo em devoção; emquanto á comadre, acredite o que lhe digo: a palavra de Deus não é tão difficil, que uma pessoa precise de estar tanto tempo a ouvil-a explicar. Eu cá penso que, fazendo a gente aquillo que lhe diz o coração, e que não sente nenhuma aquella em fazer, vai por caminho direito. E mais vale fazer o que Deus manda, do que levar a vida a pedir perdão por o não ter feito. E tambem não é bonito estarem agora as mulheres, horas e horas, pegadas ao confessionario, como lapas nos rochedos, nem...

—Compadre!—atalhou escandalisada a snr.ª Catharina—compadre! É essa a educação que dá á sua filha? São cousas que se digam diante d'uma creança de doze annos? Ande lá, ande lá... Ora Deus queira que lhe não encontre ainda o pago. Era bem melhor que lhe ensinasse, ou mandasse ensinar, a doutrina; que é mesmo uma vergonha o pouco que sabe d'ella.

—Bem tenho eu tempo para isso. A minha Ermelinda não deixa passar pobre á porta, a quem não dê esmola; creança, que não afague; velho ou velha, que não corteje; reza todas as manhãs a oração, que a mãe lhe ensinou, o Padre-Nosso e a Ave-Maria, onde se diz tudo o que se deve dizer a Deus; de dia trabalha, como filha de pobre que é, e mulher de casa que ha de ser... O Senhor me perdôe, se mais é preciso ainda, que mais não sei eu ensinar-lhe.

—Não tenha soberbas, compadre, não tenha soberbas! E cautela com o mimo que dá á pequena, que é o que perde muitas almas...

—Que mimo, que mimo? Logo eu com este genio de repentes é que hei de dar mimo a esta pobre creança, que nem os da mãe conheceu!

—Ora diga, compadre, acha que é muito bem feito, da sua parte, deixar andar a rapariga com esses cabellos soltos? Não sabe que o demonio... cruzes! arma com elles laços ás almas das creaturas?

—Fracas prisões são as do diabo, se as forja só de cabellos!... Então, por causa das tentações é que a comadre rapou os seus? Ah! ah! Tem cousas! É teima ve-

lha! Eu já lhe disse, comadre: Deus, que deu á pequena esses cabellos tão bonitos, é porque lh'os quiz dar. Se quizer, que lh'os tire; eu é que não.

—Deus cerca-nos de tentações, para que nós as vençamos.

—Forte tentação venceu a comadre! aposto que os não cortaria assim, se os tivesse como os da minha Ermelinda, hein? Cortar os cabellos á minha filha, eu?! fazer d'aquella cabeça de cherubim uma d'essas cabeças tosquiadas, que por ahi andam!

—Talvez ainda se arrependa!

—Deixe lá, comadre. O que eu vejo é que, junto de Deus e da Virgem, se pintam anjos, como a minha pequena, e não figuras... respeitaveis, como a da comadre; ora então!

A beata, apezar de trazer sempre na memoria o *Vanitas vanitatum* do Ecclesiastes, não foi inteiramente insensivel ao remoque do compadre. Azedou-se-lhe o humor, e, voltando-se para Ermelinda, disse-lhe, como para descarregar sobre ella a má vontade com que estava ao pae:

—Sahe-te p'ra lá. O senhor meu homem tinha muita pressa de jantar! Deixar assim uma creança fazer uma fogueira d'estas! Nem para assar um boi! É preciso não ter consciencia.

E tirou do lume um pequeno cavaco, para justificar o dito.

Zé P'reira monologava ainda. Augusto continuava examinando o livro recebido.

Ermelinda afastou-se do lar com timidez. No animo d'aquella creança, que era de uma organisação nervosa, excepcional na aldeia, exercia a beata uma especie de fascinação, um mixto de respeito e de terror, capaz de dissipar todos os risos dos seus labios infantis. Era outra na presença da madrinha, fitava-lhe nas faces descarnadas e macilentas os bellos olhos negros; seguia-lhe, quasi assustada, o movimento dos labios austeramente contrahidos; tremia ao escutar-lhe a voz aguda e penetrante, fallando nas penas do inferno; chorava á menor reprehensão que d'ella recebia: e comtudo amava-a, ama-

va-a, porque Ermelinda, na sua candura de creança, suppunha a madrinha uma sancta; avultavam-lhe, como virtudes beatificantes, os defeitos da devota velha; a innocente julgava-se uma grande peccadora quando, depois de ter na mente aquelle perfeito typo, voltava a olhar para si, para o fundo da sua consciencia; e que negros e hediondos peccados lá encontrava! Uma pequena mentira que dissera; um domingo em que faltou á missa; um juramento que, sem o sentir, lhe sahira da bôca; um jejum que não guardara, e outros crimes da mesma força. A amedrontada creança chegava a receiar pela salvação da alma.

É sempre funesta a influencia que exercem sobre a infancia os caracteres como os da beata.

O Herodes percebeu a impressão sob a qual estava a filha e acudiu-lhe.

—Toma lá, Ermelinda—disse elle, tirando da mala uma pequena medalha com um retrato.—É um presente do nosso amigo Angelo para nós, ou antes para ti...

Ermelinda pegou no retrato com não reprimido alvoroço. Era outra vez a creança.

A madrinha lançou para a medalha um olhar obliquo e reconheceu o retrato.

—Em nome do Padre e do Filho e do Espirito Sancto—rompeu ella, com espanto exagerado.—Este homem não tem a cabeça no seu logar, por mais que me digam! Elle quer perder a filha de certo! A fazer a cabeça doida a uma creança!

O Herodes, ouvindo estas palavras, pousou com impeto a mala no chão, e com os olhos chammejantes e as faces injectadas, vociferou, cedendo o campo á cólera, que se lhe accumulou no seio:

—Com seiscentos milhões de diabos! Vossê que está ahi a dizer, mulher? São os sermões dos missionarios, que lhe teem assim afiado a lingua e deitado peçonha na baba? Com effeito! Saiba que dou mais pela creança, de quem é aquelle retrato, do que por quantos sotainas lhe ouvem os seus peccados todas as semanas e por quantas beatas andam comsigo a dar marradas no lagêdo da igreja. Fazer a cabeça doida á minha filha! Tenha mão

na lingua, comadre, que lhe não soffro tanto. Doida lh'a trazem a vossemecê os missionarios e os sermões. Seu marido fôra eu, que a mania lhe tirava.

O Zé P'reira, apezar dos seus desgostos domesticos, zelava a dignidade do casal; e não levava á paciencia que outro, além d'elle, dissesse d'aquellas verdades á mulher; por isso, ouvindo-as, atravez dos sonidos que lhe chiavam nos ouvidos, levantou-se, e sustentando-se nas pernas vacillantes e bracejando sempre, bradou:

—Compadre! Eu sei quaes são os meus deveres! Compadre, prudencia!... Compadre, eu não consinto... Ora, senhores, que é forte coisa! Compadre!... veja que eu é que sou aqui o chefe da familia e esta é minha mulher!... Pschiu!... Basta... Compadre... basta. Então? Ora, senhores.

Mas o Herodes já nada attendia; cada vez mais lhe crescia a vermelhidão nas faces; a irritação rompera os diques da cordura e ameaçava engrossar cada vez mais. Ás exclamações do Zé P'reira respondia já azedamente.

—Ora adeus, temos conversado... Seja homem, que bem precisa... Não basta dar á lingua... Na taverna não é que se governa a casa...

A snr.ª Catharina abstinha-se agora prudentemente.

Ermelinda, pallida, a tremer, abraçou o pae, quasi chorando.

Augusto, que fôra alheio ao principio da contenda, conheceu emfim que precisava de intervir. Sahiu-lhe difficil a empreza.

Ensurdeciam os ouvidos dos contendores, a um o sangue, a outro o vinho.

Depois de muito custo, conseguiu emfim apazigual-os. Deram-se mutuas satisfações, e separaram-se apertando as mãos.

Augusto retirou-se com João Cancella e Ermelinda.

O par conjugal ficou, renovando-se cedo entre elles a interminavel contenda em que viviam.

VIII

Sahindo de casa do Zé P'reira, Augusto teve de escutar, ainda por muito tempo, as vociferações e pragas, com que o Herodes acoimava a fraqueza do compadre, que assim deixara a mulher tomar sobre si um ascendente offensivo da dignidade varonil. Augusto ouviu tudo com resignado silencio e attenção um pouco distrahida, conseguindo emfim a custo soltar-se das mãos do seu interlocutor, que, no fogo da exposição de tão justos aggravos, lhe segurava os braços com pouco affavel vivacidade; a final, porém, pôde deixal-o e voltou a casa.

Entrando no seu quarto, um pequeno e modesto quarto, mobilado com uma banca, poucas cadeiras e uma estante, cheia de livros, Augusto respirou.

Era alli o seu logar de descanço; a escóla era em outra casa vizinha. N'esta não havia, a amargurar-lhe as horas do repouso, vestigios que lhe recordassem as do supplicio.

Leitor philanthropo, que, abrazado em sancto amor da humanidade, só entrevês delicias na tarefa do ensino, e fazes d'este vigiar e encaminhar o espirito infantil, que desabrocha e respira pela primeira vez no fecundo ambiente da sciencia, um seductor quadro de phantasia, perdôa-me a palavra supplicio, de que me servi, e perdôa ainda mais ao caracter de Augusto o ter sahido exacta a expressão, que te feriu os humanitarios instinctos.

Eu bem sei que é uma sublime missão a do mestre, e que é uma graciosa e amoravel idade a da infancia; e poucos melhor do que Augusto possuiam presente o

ideal d'uma e amenisavam á outra com branduras os amargores do penoso tirocinio;—mas que importa? nem por isso é menos real o supplicio. A cultura dos espiritos é como a cultura das terras. O lavrador exulta, estremece de prazer, vendo pullular do solo, arado e semeado de pouco, os rebentos do grão que o calor fez germinar, evolverem-se as folhas, estenderem-se e enflorarem-se os ramos, penderem os fructos e colorirem-se das tintas da madureza; mas, emquanto vergado, coberto de suor, arquejante, se afadiga a arrotear o terreno duro e quem sabe se ingrato aos seus cuidados, muita vez lhe fallece o alento, e se olha de quando em quando para o céo, não é para lhe agradecer com risos os gozos que elle lhe dá; mas para lhe pedir, com lagrimas, a força que lhe mingúa.

De igual modo, se é grato ao cultor das intelligencias o vêl-as desenvolver, florir, fructificar; ardua, improba, desesperadora é muita vez a tarefa da sua primeira educação. É mister possuir um grande thesouro de ideal, para que o suave e risonho typo, que da infancia concebemos, não se transtorne, na phantasia d'estas victimas d'ella, em não sei que figura diabolica e maligna, que lhes envenena todos os momentos de alegria.

Além d'isso, o pobre professor de instrucção primaria sobre quem pesam os mais fastidiosos encargos da instrucção, não póde ser comparado absolutamente ao agricultor do nosso simile; é antes o jornaleiro, contractado por magro salario para, á força de braço, lavrar o solo, d'onde, mais tarde, romperá a vegetação, que elle não terá de vêr e que a outros concederá os gozos e o beneficio. Venceu tambem o humilde professor, e por o mesmo preço que o jornaleiro, que não vão mais longe com elle as liberalidades dos nossos governos, venceu as maiores cruezas do magisterio; mas não verá tambem o resultado das suas fadigas. Fogem-lhe as intelligencias, que educou, justamente quando com mais amor as devia contemplar, e, se o destino reserva a qualquer d'essas intelligencias um futuro de glorias, raro é que volvam um olhar agradecido para as humildes mãos,

que as sustentaram, quando ainda não tinham azas para voar.

Quasi todos os grandes homens commettem esta ingratidão. Fallam nos seus mestres de philosophia, de mathematica, de litteratura, e não salvam do esquecimento, pronunciando-o, o nome do primeiro mestre, do que os ensinou a lêr.

Considerações da ordem das que acabamos de fazer, quero acreditar, não são as que mais preoccupam o pensamento da maioria d'esses pobres diabos, que, por noventa mil reis annuaes, se deixaram ligar á atafona do ensino primario da aldeia; porém devem ser, além das miserias de tão mesquinha sorte, causas de grandes torturas moraes para alguma alma de instinctos e aspirações mais elevadas, que o destino amarrasse, como por escarneo, a este poste de expiação. N'esse caso estava por certo a alma de Augusto. No vasto mundo, que os livros abrem ás imaginações, que na vida real não encontram deleite, refugiava-se elle nas horas, em que as suas obrigações lhe permittiam respirar.

D'esta vez, porém, por pouco tempo lhe foi dado saborear esse prazer.

Soaram nos vidros da janella pancadas repetidas e chamou-o de fóra uma voz bem conhecida d'elle.

Era a do mestre de latim, o snr. Bento Pertunhas.

— Snr. Augusto, ó meu querido snr. Augusto. *Amice!* Póde fallar a um amigo e collega? — dizia elle.

Augusto foi abrir-lhe a porta, não reprimindo um gesto de enfado.

O latinista entrou, esfregando as mãos.

— A lêr, hein? sempre a lêr! sempre amarrado aos livros! — dizia elle, batendo no hombro a Augusto — Invejo-lhe mais a pachorra do que o proveito. Olhe que não medra com isso; nem ninguem lhe agradece as canceiras que toma. Meu rico, por dous dias, que um homem passa cá n'este mundo, tolo é o que se mata. E então n'este paiz!... Faça como eu.

E, imitando com a bôca os sons da trompa, seu instrumento predilecto, pôz-se a examinar os livros que via sobre a mesa.

—Então que estava lendo? que estava lendo?... Poh! poh! poh!... Versos... Ora que nunca pude gostar de versos!... Poh! poh!... E não é agora porque se diga que não tinha quéda; não, senhores; em tempo fiz até algumas quadras... Poh! poh!... Já se sabe até certa idade, mas nunca fui muito para ahi... Poh!... A minha vocação é para a musica... Poh! poh!... lá para a musica, sim... Poh! poh! poh... Hermann e Dorotheia—continuava elle examinando os livros—Novellas... Poh!... E isto que é? *Confessions* de Rousseau—n'este nome deixou aos diphthongos o valor portuguez—Poh! poh!... As Metamorphoses... Latim! Oh que massada! Poh! poh! poh! poh!...—E o Ovidio, que lhe chegara ás mãos, foi arremessado, como se estivesse em braza.

Augusto não pôde conservar-se serio, ante o instinctivo movimento de repulsão do mestre.

—Então que boa fortuna o traz por aqui, snr. Pertunhas?—perguntou elle.

—Ai, é verdade; eu lhe digo ao que venho. É para lhe pedir um favor, meu caro snr. Augusto. Eu bem sei que é abusar da sua bondade... *Quousque tandem, Catilina*... Mas, é por esta vez...

—Já sei; quer que lhe vá dar lição aos rapazes.

—Ah! grande maganão, que adivinhou—exclamou o mestre, abraçando Augusto com effusão.—É isso mesmo, se lhe não custasse...

—Irei.

—É que... eu lhe digo, eu tinha hoje de ir ao ensaio da phylarmonica... Percebe o senhor? Os Reis estão ahi á porta e as outras festas do Natal, e não ha tempo a perder... Percebe? E eu tenho ainda umas peças do *Trovador* para ensinar á minha gente. São muito bonitas... Poh! poh! poh! E então este anno que pelos modos temos cá o conselheiro e mais o pequeno... Não contando com esse sujeito que ahi chegou hontem a Alvapenha. Chama-se Henrique de Souzellas, é sobrinho da velha, da D. Dorotheia, e julgo que ainda aparentado no Mosteiro. Lá chamam-lhe primo. Esteve lá esta manhã um par de horas, logo que sahiu da minha repartição. Dizem-me que é filhote de Lisboa, solteiro,

rico e sem modo de vida. Rico e sem modo de vida! Que lhe parece, hein? Olhe que sempre ha gente muito feliz! Aqui para nós, sabe ao que me cheira a visita d'este senhor? Aquillo é mosca que vem ao cheiro do mel. Que diz, hein? Ninguem me tira d'isto. Pois não lhe parece, hein?

—Não sei bem o que quer dizer com a imagem—respondeu Augusto, levemente enfadado.—Além de que não posso adivinhar as intenções de um homem que pela primeira vez encontrei esta manhã.

—Pois está claro que não; nem eu; mas emfim uma pessoa logo tira pelo que vê... Ora pois diga, um rapaz de Lisboa, afeito a divertimentos, a boa musica, *et cætera,* andar leguas e leguas para se metter n'este desterro... Porque isto é um desterro. Sim, deve concordar que não é natural. Mas se a gente se lembrar de que a morgadinha, *et cætera...* O senhor bem me percebe... Todos, hoje em dia, sabem o preço ao dinheiro, meu amigo.

A verbosidade de mestre Pertunhas estava evidentemente incommodando Augusto, que não redarguia.

—Nada, nada; alli anda plano, com certeza. Pelos modos, já depois de ámanhã vai o rapaz acompanhar as pequenas á ermida da Saude. Ah!... mas agora me lembro! o senhor é tambem da sucia.

—Eu?!

—Com certeza. Disse-m'o o Damião, que tem ordem das pequenas para o convidar. Se ainda não recebeu o recado, ha de recebel-o. Em todo o caso, observe-o e verá se eu tenho razão.

—Vou jantar, snr. Pertunhas, que já ha muito para isso me chamou a criada—disse Augusto, erguendo-se como para fugir áquella conversa.—Em seguida irei aos seus rapazes.

—Então vá, vá. Deus lhe pague o favor que me faz e permitta que eu lhe não peça muitos d'estes. E eu tenho esperanças... Sabe que ando com ideias de arranjar o logar de recebedor, que está, como diz o outro, a encher dias? Já fallei ao conselheiro; mas o conselheiro promette muito e falta melhor, sobretudo a um homem

que não tenha influencia em eleições. O snr. Joãozinho das Perdizes interessa-se por mim, é verdade; mas, por outro lado, o Seabra brazileiro faz-me guerra. Eu ando a vêr se consigo pôr o Seabra a meu favor, porque emfim... Mas vá, vá jantar, que eu espero.

—Se quizer fazer-me companhia...

—Muito obrigado. Eu já jantei. O meio dia é a minha hora. Jante á sua vontade.

Augusto sahiu da sala. Mestre Bento Pertunhas, ficando só, deu algumas voltas cantarolando, sentou-se depois, e pegando na pasta de Augusto, pôz-se a examinar os papeis que ella continha.

Ao mesmo tempo simulava umas variações de trompa, á força de contracções e esgares dos labios.

A pasta, victima da indiscrição do mestre, era a mesma que Augusto trazia, quando o vimos no Mosteiro.

Entre os documentos contidos n'ella algum achou o mestre Pertunhas mais curioso do que as escriptas e themas dos discipulos, pois, ao lêl-o, desenhou-se-lhe no semblante a mais intensa curiosidade e cessou de todo a exhibição acustica, que com tanto ardor encetara.

Leu-o até o fim com crescente avidez; e depois, olhando em volta de si, para verificar que não era observado, dobrou-o e surrateiramente o escondeu no bolso. Fechou outra vez a pasta, poisou-a no sitio d'onde a tirara, continuou a lêr ou a fingir que lia com toda a attenção um livro e encetou novas variações de trompa.

—Então já! Apre! Isso é jantar a vapor—disse o latinista, pondo-se a pé, logo que Augusto voltou.

E momentos depois sahiram juntos.

Querendo poupar os leitores á semsaboria de assistir a uma lição de latim e a um ensaio da phylarmonica, deixal-os-hemos ambos, para voltarmos ao Mosteiro.

Ao fim da tarde, depois do jantar, estavam as duas primas sentadas ao parapeito do muro da quinta, d'onde, por sobre almargens e pomares vizinhos, a vista se espraiava em amplissimo horizonte até umas nuvens, que pareciam limital-o.

D. Victoria saboreava, no seu quarto, as delicias da sesta habitual. As creanças brincavam a alguma distan-

cia, e os risos e os clamores d'ellas vinham como um chilrear de passaros aos ouvidos das duas raparigas que, a cada momento, se surprendiam em meditativo silencio.

A natureza estava serenissima. No occidente desenhavam-se estreitos e longos traços nebulosos, a que o sol dava um colorido tão ardente, que se um pintor paisagista o produzisse na palheta, hesitaria, ao passal-o á tela, com receio de que o acoimasse de exagerado. O verde dos campos apresentava a gradação vigorosa, que a luz d'um formoso dia de inverno costuma dar-lhe.

Christina interrompeu o silencio por fim.

—O que eu não sei—principiou ella—é como o primo Henrique de Souzellas...

—Onze!—atalhou a morgadinha, sem desviar os olhos do ponto da perspectiva, que fitava.

—Onze quê?—perguntou Christina, erguendo os d'ella.

—Com esta são onze as vezes que, esta tarde, depois de um longo silencio, abres a bôca para me fallares no primo Henrique de Souzellas, uma vez que está decidido que seja primo.

Christina fez um gesto de despeito e córou levemente.

—E então que queres tu dizer com isso?

—Eu? Nada. Digo só que são onze vezes com esta.

—Não sabia que era prohibido fallar-te no primo Henrique. Bem, n'esse caso, fallaremos em outra coisa. Está um tempo muito bonito; nem parece dezembro.

—Não; vai magnifico para os nabaes—replicou Magdalena zombeteiramente.

—Se não mudar com a nova lua—continuou Christina, ainda formalisada.

—É excellente para seccar os milhos, que bem precisavam ainda d'isso, principalmente o das terras baixas.

E, acabando de dizer estas palavras, a morgadinha desatou a rir.

—Não sei de que te ris?—acudiu Christina, cada vez mais séria—Pois não é esta a conversa de que tu gostas?

—Ai, muito. Eu sou doida por estas coisas de la-

voura; bem sabes.—E, mudando repentinamente de tom, accrescentou:—Ora vamos, Christe; não te zangues commigo.

—Não, mas é que ás vezes não te entendo, a fallar verdade. Vens com umas coisas que mettem raiva—respondeu-lhe Christina, sempre agastada.

—Já estou arrependida—peço perdão. Falla lá á tua vontade no primo Henrique, falla; que eu não contarei as vezes que o fizeres.

Christina reproduziu o gesto de impaciencia.

—Agradeço a tua generosidade, mas já não tenho mais que dizer d'elle agora; por isso...

—Pelo menos completa a duzia.

—Lena! Então! Olha que se continuas com isso, fazes-me sahir d'aqui.

—Sempre queria que te vissem agora, Christe, esses que andam por ahi a gabar a docilidade do teu genio, as branduras da tua indole; queria que te vissem essa cara de arrenegada, para saberem que tambem ha um acidozinho na tal doçura... Mas fazes-me a graça de só para mim teres d'essas franquezas.

Christina sorriu, ainda que não de todo aplacada, ao ouvir esta reflexão da prima.

—E não sabes a razão d'isso?—respondeu-lhe ella—a razão é o genio que tens, Lena. O teu gosto é mortificares uma pessoa. Não ha sancto que não perdesse a paciencia comtigo.

—Que injustiça! que ingratidão! Eu, que sou a victima das tempestades que o teu genio pouco expansivo te junta no coração a todo o instante! Se alguma coisa te faz chorar, guardas as lagrimas para o meu quarto; se te irritam, vens desafogar as tuas cólerazinhas sobre a minha cabeça. E pagas-me assim!

—És muito infeliz commigo. Pobre Lena!

—Vamos, vamos, Christe; esquece o que eu disse ha pouco. Não te posso vêr assim.—E, tomando um tom natural, mas sob o qual transparecia ainda certa malicia, Magdalena continuou:—Pois é verdade, dizias tu que não sabias porque o primo Henrique de Souzellas...

Christina fez um movimento impaciente como para levantar-se.

—Então que é isso? Nãó me aceitas a expiação?—perguntou Magdalena, sorrindo.

—Não; não quero que se falle mais no snr. Henrique de Souzellas. Vejo que te não é agradavel que as outras se occupem d'elle. Sejam quaes forem as razões que tens para isso...

—Bravo! Foi admiravel de maldade o entono com que disseste esse: «Sejam quaes forem as razões.» E venham-me fallar na candura d'esta creança!

—Eu não quero dizer...

—O que queres dizer, não sei; mas vejo que não és senhora tua quando se falla n'este assumpto.

—Que lembrança!—tornou Christina, cada vez mais embaraçada—pois imaginas devéras que eu?...

—E porque não?

—Lena!

—Não ha nada mais natural.

—Se queres, juro-te...

—Ah!—atalhou a morgadinha, pondo-lhe a mão nos labios—Isso não, que é mais serio. Jurar não te deixo eu. Conheço os escrupulos da tua consciencia, e não quero obrigar-te a remorsos. «Juro!» E com que ousadia ias a pronunciar um juramento falso!

—Falso!

—Falso, sim; falso como os que o são. Olha, minha pobre Christe, queres então que te falle com toda a franqueza? Esta conversa trouxe-a eu de proposito para confirmar umas suspeitas, que se me formaram e que vejo agora que eram fundadas.

—Suspeitas! Que suspeitas?...

—O primo Henrique de Souzellas deixou em ti uma tal ou qual impressão.

—Lena!

—Conheci isso, ainda quando elle cá estava; verifiquei-o depois e agora. Então! tem juizo. Commigo sê sempre o que tens sido. Eu gózo ha muito do privilegio de conversar á vontade comtigo e de te vêr sem aquella timidez que tens diante dos outros. Com o teu

genio precisas d'uma pessoa, como eu, com quem não tenhas acanhamento e em quem possas até descarregar algumas maldadezitas; e acredita que me lisongeio com me dares a preferencia.

—Mas como imaginaste?...

—Continuas? Não tens de que te envergonhar pelo interesse que por ventura te inspirou esse rapaz. Henrique de Souzellas é elegante, é espirituoso, affavel, possue uma intelligencia cultivada e muito tracto do mundo...

—Mas...

—Faça favor de me ouvir—atalhou Magdalena, pondo um dedo nos labios.—Reconhecendo todas estas qualidades n'aquelle nosso primo, não quero por isso concluir que seja natural e prudente denunciares-te já. E nem receio que isso aconteça, para te fallar sinceramente, porque te conheço o genio timido e porque... porque te conheço o genio timido e mais nada.

Havia mais alguma coisa, havia, mas não era coisa que se dissesse. Magdalena sabia de mais que Henrique não sahira d'aquella primeira visita demasiado impressionado por a imagem de Christina; sabia talvez, suspeitava de certo, não me atrevo a dizer que lisongeada algum tanto, que no coração do hospede de Alvapenha reinava outra imagem mais persistente. Mas vejam as leitoras se, sendo este o seu pensamento, ella o poderia formular. O remedio pois era completar a phrase como a completou.

Christina já não tinha ousadia para negar, nem ainda coragem para confessar. Encostando a face á mão, calou-se e deixou fallar Magdalena.

A morgadinha proseguiu:

—É preciso que saibas, Christe, que é mais facil conhecer os defeitos d'uma pessoa, do que as suas boas qualidades. Os defeitos são imprudentes e linguareiros, denunciam-se, dão signal de si, basta meia hora para se descobrirem em qualquer logar que habitem. As boas qualidades, não; essas são modestas, humildes, discretas; sabem esconder-se. São precisos annos para as descobrir todas. Mas com que olhos de espanto me estás

fitando? Parece que te causa estranheza o meu sermão? Eu te digo a que elle vem. Logo que fallei com este nosso primo... e quem sabe se o futuro virá confirmar, em relação a mim, este titulo, que por phantasia lhe dou? escusas de córar por eu dizer isto, Christe... mas, dizia eu, logo que fallei com elle, saltaram-me aos olhos muitos dos seus defeitos.

—Quaes são?—perguntou Christina com viveza.

—Socega; são ligeiros felizmente, e parece-me que os poderá ainda perder; sobretudo se continuar a viver aqui. Quiz-me tambem logo parecer que no fundo havia uma mina de bons sentimentos por explorar. Nasceu logo em mim a vontade de o sondar, a vêr se conseguia purifical-o do que n'elle houvesse de menos heroico. Então que queres? para a aldeia era um passatempo como outro qualquer. Mas redobrou-se em mim este desejo e revestiu em mim mais serio caracter, desde que vi a impressão que este sobrinho da tia Dorotheia te causara.

—Lena! Como te deu para suppôr que eu me apaixonei assim em poucas horas? Julgo que me imaginas apaixonada?

—Não, ainda não; inclinada, agradada, attrahida... ou outro qualquer termo d'esta força, que deixarei á tua escolha, isso sim. Para isso não é preciso muito tempo. As razões, pelas quaes julguei isto, dispensa-me de t'as dizer, que pouco valem. Suppõe que foi por um tacto especial, por uma qualidade occulta, como a do tino que dizem que teem certos medicos para reconhecerem o mal sem estudarem muito o doente.

—Pois o tino enganou-te.

—Enganaria; mas deixa-me continuar. Se este senhor primo intruso fôr realmente o que eu imagino que é, resta-me preparal-o para o tornar mais digno do amor d'esta boa Christe, que em tal caso favorecerei; se não fôr, declaro-lhe já guerra e guerra de morte. A ti competia fazer isso tudo, como a mais interessada, mas desconfiei da tua credulidade e boa fé e da tua experiencia. Olha, estou certa que o que mais te attrahiu em Henrique foi exactamente o que n'elle ha de peior. Certo

vernis mentiroso, certo colorido, que é preciso ter visto muita vez, e em muitos individuos differentes, para se ter na conta devida. Illude, agrada a quem não está costumado, e póde causar graves enganos e desenganos mais graves ainda. Por emquanto o que elle nos mostra é mais da sociedade em que vive, do que d'elle proprio. É necessario deixar cahir a primeira capa, para que o natural appareça.

—Não sabia que era assim facil enganar-se uma pessoa a respeito d'outra—notou Christina, sorrindo.

—Se é! Lembras-te do que tantas vezes conta tua mãe? Que, quando ha annos foi a Lisboa, comprou lá por bom preço um cofrezinho que ella suppunha preciosissimo, e que chora hoje a sua tentação, desde que o vernis brilhante, que elle tinha, cahiu e ficou á vista a realidade? pois o mesmo acontece muitas vezes em contractos d'outra ordem e bem mais serios do que este. Ha vernizes maravilhosos, que illudem os inexperientes.

Houve um instante de silencio, no fim do qual Christina perguntou, olhando pela primeira vez fito para Magdalena.

—Ora dize-me, Lena, qual será a razão pela qual eu não devo acreditar que esses pensamentos te occorreram, porque era o teu destino, e não o meu, que vias dependente do estudo que fazias?

A morgadinha fixou na prima um olhar triste e cheio de amargas recriminações.

—Por uma rázão muito poderosa, Christe, porque ias abrir o coração a um sentimento mau, que macularia o teu caracter generoso e candido—a desconfiança. Porque me offenderias, duvidando da lealdade, com que te fallo, quando te fallo séria; e porque me farias mal sem necessidade e immerecidamente, pois que a consciencia me diz que t'o não merecia. Satisfaz-te esta razão?

A voz de Magdalena perdera o tom de ironia, que ás vezes tinha, e tomara quasi o da commoção.

Christina arrependeu-se logo do que dissera e, tambem commovida, apertou as mãos da amiga.

—Não faças caso do que eu disse, Lena; perdôa-me. Quando eu duvidar de ti, pedirei a Deus que me

tire a vida, porque terei já; para tudo e para sempre, envenenado o coração.

A morgadinha readquiriu outra vez o seu bom humor.

—Estamos quasi a cahir no sentimentalismo. Cautela! Saldemos antes as nossas contas, como mulheres de juizo. Em compensação da pequena offensa que me fizeste, vaes-me fazer uma confissão formal, a qual até agora tens evitado. Ora confessa, adivinhei o estado do teu coração? Dize.

Christina hesitou.

—Vamos—insistiu a morgadinha—acredita que preciso d'uma declaração para me guiar... E crê que é para bem teu.

—Que queres que te diga? Eu não me sinto apaixonada.

—Mas já te disse que me bastava um termo menos violento... um «agradada», por exemplo.

—Confesso que...

—Olha, se queres, podes até parar ahi. Esse «confesso que...» já diz muito. Agora deixa-te guiar por mim. Eu vigiarei. Afianço-te que não corro o perigo de me apaixonar por elle; creio que ha alli um excellente coração, mas, que queres? não é o typo que me agrada... o meu ideal, como se costuma dizer.

—E então qual é o teu ideal?

—Ai, eu sou muito exigente. Desespéro de o encontrar. Quero-o assim uma especie de archanjo S. Miguel, animo de guerreiro em figura de cherubim; e não sei onde o procure.

N'este sentido se prolongou o dialogo entre as duas primas, até que D. Victoria, findando a sua sesta, veio ter com ellas á quinta. Segundo o costume, ralhava contra os criados, a quem, não sei porque processo, attribuia umas dôres de cabeça com que acordara.

No dia seguinte, Henrique voltou de manhã ao Mosteiro; redobrou de galanteio com Magdalena, a qual redobrou de ironia. Christina já mal podia disfarçar a pena que lhe causava o pouco que era attendida, mas a sua timidez não a deixava luctar.

De tarde, Henrique teve de condescender com o padre procurador de Alvapenha, que se promptificou a mostrar-lhe as raridades e monumentos da terra. Assim, com grande pezar seu, foi obrigado a renunciar á nova visita ás senhoras do Mosteiro, para gastar as expressões da sua admiração diante das alfaias da sacristia parochial; da tosca esculptura de não sei que imagem de sancto, a qual passava por um primor; de uma sala nua, com uma mesa ao centro forrada de baêta verde e cadeiras á volta, que era a sala das sessões do corpo municipal, e d'umas pyramides de ripa que tinham servido, havia oito annos, em festejos officiaes.

Como é de suppôr, Henrique passou uma tarde deliciosa.

IX

Dois dias depois da chegada de Henrique, e n'aquelle que se destinara para o passeio á ermida, Christina foi mais madrugadora do que as aves. Á hora, a que estas ainda se não agitam nos ninhos, já a prima de Magdalena abandonava o leito, receiosa de se fazer esperar pelos companheiros da projectada excursão matinal. Quasi não dormira toda a noite aquella rapariga, com tal preoccupação.

As estrellas viram-na erguer, e tiveram muito tempo de se despedirem d'ella, antes de se esconderem discretas ante o apparecimento do dia.

Christina vestiu-se á pressa e dirigiu-se ao quarto de Magdalena. Esta dormia ainda. O projecto de passeio á ermida não a alvoroçara tanto. Christina foi acordal-a ao leito.

A morgadinha abriu os olhos e fitou-os admirada na prima.

—Que queres tu, Christina? Que lembrança foi essa hoje de andares estremunhando a casa esta noite?

—Levanta-te, preguiçosa, levanta-te. Não o dizia eu hontem? Então são estas as madrugadas que fallavas?

—De certo que não são madrugadas; isto é noite, é o que é.

—Dentro em pouco é dia. Queres vêr?

E, dizendo isto, Christina abriu para traz as portas das janellas e correu as cortinas.

A estrella da manhã, Venus, aquella brilhante e ao mesmo tempo suave estrella, que umas vezes assiste no

crepusculo ás melancolias da natureza, outras vezes na aurora ao renascimento dos seus jubilos, scintillava mesmo defronte do leito de Magdalena.

—Vês?—disse Christina.

—Muito pouco. É esse o teu sol? Como vai alto! É pena que não alumie melhor do que esta lamparina.

Christina sentia redobrar com estas delongas a sua impaciencia, quasi de creança.

—Anda, Lena, anda. Assim não chegamos a vêr do alto da ermida o romper do sol.

—Pois queres vêr isso de lá?! Que crueldade! Em uma manhã de dezembro.

—Está tão bonita, que parece de primavera.

—Triste lembrança a nossa hontem de combinarmos este passeio. Isto é lá coisa que se faça? Vale por uma viagem aos pólos.

Christina não fazia senão ir do leito de Magdalena para a janella e voltar da janella para o leito, em virtude d'aquella irresistivel necessidade de movimento, embora sem ordem nem fim, que experimentamos quando nos deixamos apossar da impaciencia.

—Não fazes ideia como está bonito cá fóra; n'alguns pontos ainda se vê neve.

—Oh que agradavel e tentadora belleza! Ainda se vê neve!... Parece-me que já estou gelada... Com essa palavra tiraste-me o alento, que ia ganhando. Vês?

—Mas não está frio; até parece que aqueceu o tempo. Então, Lena!... Elles... não tardam por ahi. Cuidas que te vai custar muito, e é um engano; aqui estou eu que não sinto frio nenhum.

—Ora, mas tu estás em condições muito particulares. Quem tem uma fogueira no coração, não precisa...

—Ahi principias com as tuas coisas!...

—Eu não sei; o que é certo é que esse teu enthusiasmo pelos passeios matutinos não é natural. Quantas vezes recusaste acompanhar-me quando eu t'os propunha? Ora, se me dás licença, eu explico isso.

—Não quero saber de explicações; veste-te, anda.

—Seja! Infeliz lembrança a d'este passeio. E foi d'aquella tia Victoria, que nem por isso nos quiz acom-

panhar. Não, que já tem juizo; dorme a estas horas o somno da madrugada, que é uma consolação. Que sorte de invejar!

E a morgadinha, continuando assim a exagerar o sacrificio d'aquella madrugada e a illudir os motivos secretos a que attribuia o ardor e heroicidade da prima ante os rigores de dezembro, tudo isto de proposito para a vêr impaciente, principiou a vestir-se.

Christina ficara á janella, espiando os progressos do amanhecer e transmittindo á prima as observações que fazia.

Olha, eu que digo?... já o Manoel vai abrir o portão... Não ouves os pardaes cantar?... É dia claro já... Havemos de chegar com sol á ermida, o que não tem graça nenhuma... Avia-te, Lena... Has de ser a ultima a estar prompta... Ahi vai já o Luiz com o almoço... É que não chegamos lá senão ao meio dia. Elle ahi vem! Eu bem o digo.

—Elle! Quem é esse elle que vem ahi?

—Pois quem ha de ser? Então não é o primo Henrique que nos acompanha?

—É o primo Henrique, é o snr. Augusto e é o Luiz, que tua mãe teimou em mandar com o almoço. Não sabia qual dos tres te merecia as honras d'um «elle».

—Eu dizia o primo Henrique, que já ahi está no pateo—disse Christina, que n'esta occasião correspondia ao cumprimento, que o recem-chegado lhe fazia de baixo.

—Então com effeito já chegou?—perguntou a morgadinha admirada—Bravo! Nunca o esperei. Ai, Christe, que me parece que elle tambem tem alguma coisa no coração!

—Tambem o julgo—respondeu Christina, despeitada;—é vêr como hontem te fallou.

—Socega. Quando o coração tem alguma coisa, não se falla assim com a pessoa que causou esse mal.

—Não sei o que elle me está a dizer—disse Christina, olhando para o pateo.—Posso abrir a janella, Lena?

—Eu já estou preparada para soffrer todas as crueldades esta manhã. Abre lá a janella, abre. Falla-lhe.

Christina correu a vidraça.

A voz de Henrique chegou distinctamente aos ouvidos de Magdalena.

— Então aquella grande madrugadora de nossa prima onde está? — perguntou elle a Christina.

Christina respondeu, sorrindo:

— Está a fazer a diligencia que póde para ficar prompta antes do meio dia.

— Oh que vingança a minha! Ella que tanto fallou da minha indolencia! — disse Henrique jovialmente, e continuou fallando sempre de Magdalena, e elevando a voz ás vezes para se dirigir directamente a ella, mas sempre sem receber resposta.

Esta insistencia impacientou Christina, para quem elle nem um galanteio tivera ainda.

— De maneira que nós, priminha — continuou Henrique — damos uma lição de mestre áquella arrogante de hontem. Estou ancioso por que ella nos appareça; quero vêr a coragem, com que ousa apresentar-se.

— Eu vou chamal-a — disse sêccamente Christina, e veio dizer a Magdalena, com certo modo, que não podia escapar a esta: — Olha se appareces alli ao snr. Henrique de Souzellas, que não descança emquanto te não vê.

A morgadinha, que acabava de ajustar ao espelho as tranças, dando ao penteado a mais singela e graciosa disposição, voltou-se para a priminha e disse-lhe sorrindo:

— Isso são já ciumes? Mal sabes quanto gósto de te vêr assim! Ao menos ha já vida n'esse teu coração, minha pobre pequena. O que te peço é que me não odeies, só porque esse rapaz se lembrou de perguntar por quem não via,

— Estás a imaginar ciumes, como hontem imaginavas...

— Amores? justo; e com a mesma felicidade em acertar; podes ir accrescentando. Mas, parece-me que ahi está mais alguem no pateo. Ouço fallar. Vai vêr. Será Augusto? N'esse caso, espera-se só por mim para completar a caravana. E eu estou prompta. Marchemos.

Augusto havia effectivamente chegado ao pateo.

Henrique trocara com elle alguns cumprimentos, e principiaram depois ambos a passeiar, um ao lado do ou-

tro, á espera das que deviam ser-lhes companheiras na romagem.

A conversa manteve-se pouco animada. Augusto não era expansivo com as pessoas, a quem o não prendiam habitos de longa intimidade; Henrique talvez por não conhecer a extensão e natureza dos conhecimentos de Augusto, abstinha-se de fallar nos assumptos, em que entraria de mais vontade. Fallaram pois de coisas indifferentes a ambos, e quasi frivolas; no frio, na chuva, no inverno e no verão, nos prós e contras da vida do campo e de varios outros assumptos sêccos de si e já além d'isso muito esgotados, e tudo cortado por aquellas pausas e silencios constrangidos e insupportaveis, que o leitor ha de conhecer por experiencia.

Digamos nós a verdade; estes dois homens não sentiam um pelo outro aquella subita e inexplicavel sympathia, que abre os corações e dá margens a confidencias.

Nos dois curtos encontros que tinham tido, manifestara-se entre elles certa frieza mais que ceremoniatica, uma quasi desconfiança instinctiva.

Chegaram as senhoras. Foram acolhidas com prazer por ambos. Ainda quando não fossem senhoras o seriam; a chegada de um terceiro, quando dois indifferentes estão na presença um do outro, em entrevista forçada e fatigadora, é sempre saudada interiormente como uma redempção.

Magdalena e Christina vinham ambas formosas, com a especie de mantilhas ou capuzes de que usavam, adequados aos rigores de uma manhã de dezembro.

Appareceram ambas a rir. Foi o caso que, passando proximo do quarto de D. Victoria, pé ante pé, para não a acordarem, esta presentiu-as e mesmo do leito perguntou-lhes:

—Então já vão, meninas?

—Vamos, tia; vamos, mamã—responderam as duas a um tempo.

—O Luiz já partiu com o almoço?

—Já partiu, já, minha senhora.

—E ides agasalhadas?

—Como se fossemos para à Siberia—respondeu Magdalena.

—Olhai, sempre levem os guarda-chuvas por cautela. E ide com nossa Senhora.

—Cá os levamos. Adeus, tia; adeus, mamã.

—Adeus, filhas; até logo, se Deus quizer. Olhai lá, não vos estafeis.

Ora os taes guarda-chuvas é que não iam. Para quê? Com uma manhã d'aquellas, que nem de inverno parecia, pois que até o frio abrandára com o vento! Por isso é que vinham ainda a rir.

Chegando ao pateo, cumprimentaram os seus dois companheiros. Henrique, depois de formular um galanteio a Magdalena, offereceu-lhe attenciosamente o braço; que Magdalena recusou com alguma impaciencia, porque se lembrou de Christina.

—Muito obrigada, primo—disse ella com vivacidade.—Mas é preciso que o advirta de que não vamos passeiar pelas avenidas de um parque. Vamos trepar montes, atravessar ribeiras, costear precipicios, e para tudo isso é necessaria a completa liberdade de movimentos. Ha occasiões, em que melhor nos servem os nossos dois braços, do que o braço de outro, embora seja o de um heroe.

—Mas de certo que não é á borda dos precipicios que esse auxilio se escusa—replicou Henrique.

—É, muitas vezes é. Ha bordas tão estreitas, que mal cabe n'ellas uma pessoa só; felizmente que a natureza nos dá um braço então... um braço de giestas, por exemplo.

—Vê lá, Lena—disse Christina ao ouvido da prima.—Talvez seja melhor que acceites. Resta-me, a mim, o braço de Augusto.

—Se continúas com essas loucuras, Christina, obrigas-me a odiar-te. Snr. Augusto—continuou, voltando-se para este—espero que tome a direcção do nosso passeio; ninguem melhor conhece os mais bellos pontos de vista; leve-nos por lá, embora tenhamos de comprar as bellezas á custa de perigos e de fadigas. Partamos!

O monte onde se erigira a capella da Senhora da Sau-

de, afamada por seus milagres e pela sua romaria n'um circulo de muitas leguas de raio, era uma elevada rocha vulcanica, que dominava as freguezias ruraes de mais de dois concelhos. Estendiam-se-lhe aos pés as alcatifas da mais rica vegetação; banhava-lh'os a agua dos ribeiros, das levadas e torrentes, arterias fertilisadoras de extensas veigas e pomares; mas elle, o gigante orgulhoso e selvagem, recebia aquelles preitos, olhava sobranceiro aquella opulencia, e, como se fizesse gala da sua rudeza, em vez de cobrir os hombros com o manto real, que lhe estendiam aos pés, permanecia aspero, severo e nú, como nas épocas primitivas, em que uma convulsão tremenda o evocara do seio da terra, para o consolidar em colosso.

Apenas, como symbolo de realeza, coroava-lhe a fronte alta a alameda, que, havia perto d'um seculo, a piedade christã plantara em volta da ermida para refrigerio e conforto dos devotos christãos que alli iam. Era custosa a ascensão por o lado, por onde os nossos romeiros, contra os conselhos de D. Victoria, a emprehendiam. Quando, ao sahir d'uma longa rua, apertada entre muros de quintas, Henrique achou de subito diante de si a molle immensa e talhada quasi a pique, que lhe disseram tinha de subir; elle, que raro em Lisboa estendia além do Rocio os seus passeios, com medo das ingremes calçadas da cidade alta, julgou ouvir um absurdo.

Parou a contemplar o monte, como hesitando em atravessar o riacho, que d'elle o separava.

O riacho, engrossado pelas aguas da chuva dos dias anteriores, levantava um bramido atordoador ao cahir em toalha dos açudes e ao escoar rapido pelo cal da azenha, que lhe obstruia o leito e cuja enorme roda movia.

Áquella hora, ainda pouco clara da madrugada, este sitio da raiz do monte tinha não sei que aspecto selvatico e melancolico, que quasi infundia pavor. Os altos choupos, em que se enroscavam, como serpentes negras, os troncos flexuosos e despidos das vides; mais longe, o canavial, ondulando ligeiramente ao perpassar atravez d'elle a briza da madrugada, e, aqui e além, um

d'esses degenerados aloes dos nossos climas, debeis e enfezados, como se os devorasse a nostalgia da sua verdadeira patria, eram accessorios que concorriam para o effeito geral do quadro.

A morgadinha, percebendo a hesitação de Henrique, deu-lhe alento com lançar-lhe em rosto a sua pusillanimidade. Henrique encheu-se de brios e atravessou, com não menor denodo do que os outros, o riacho, por o passadiço de altas pedras, collocadas a pequena distancia umas das outras, e que as aguas a cada momento ameaçavam cobrir.

Atravessada a corrente, seguia-se escalar o monte; para isso tornava-se indispensavel caminhar em continuados ziguezagues, aproveitando os córtes que a fouce do tempo conseguira abrir n'aquella massa granitica e os toscos degraus, com que uma arte rudimentar procurara facilitar, por aquelle lado, o accesso da ermida á piedade dos devotos.

As difficuldades para Henrique eram contínuas.

A cada momento os embaraços d'este forneciam motivo para risos da parte de Magdalena. Christina não lhe podia levar a bem que se risse d'aquillo.

Para compensar as fadigas de tão trabalhosa ascensão, havia porém, a paisagem, que, a cada passo andado, a cada angulo que se dobrava, apparecia mais surprendente e maravilhosa.

Poucos peitos teriam força para reprimir um brado de admiração.

As nevoas d'aquella manhã de dezembro não eram bastantes, para velarem a belleza do quadro.

Á medida que os nossos quatro peregrinos iam subindo, ampliava-se-lhes mais e mais o horizonte; avelludava-se a relva da planicie, parecia aplanarem-se os outeiros vizinhos e os campos tomavam a apparencia dos canteiros d'um jardim.

Henrique não retinha o enthusiasmo, que aquelle espectaculo lhe causava!

—É magnifico! é admiravel! é soberbo!—dizia elle, a cada momento e quando não era inquietadoramente preoccupado com os perigos do caminho.

O enthusiasmo de Augusto não era menos vivo! Dir-se-ia que eram os montes a sua patria, e que a melancolia nostalgica, que o opprimia na planicie, se ia dissipando á medida que subia a encosta.

Magdalena e Christina tambem não estavam menos impressionadas por o que viam. Esta, porém, tinha uma causa secreta a aguarentar-lhe o prazer, que as bellezas naturaes lhe podessem occasionar.

Era esta causa a mesma dos seus leves despeitos de pela manhã.

Henrique continuava a ser todo attenções e galanteios com Magdalena; parava a cada momento n'aquelles pontos do caminho, que lhe pareciam mais difficeis de vencer, para lhe offerecer a mão a ella, sempre a ella, a quem dirigia tambem todas as reflexões, que o aspecto da paisagem lhe suscitava e nunca á esquecida Christina que, n'esses momentos, quasi achava a manhã desagradavel e o sitio feio e sombrio.

A morgadinha respondia sempre em curtas phrases a Henrique e recusava insistentemente o auxilio, que elle lhe offerecia.

—Estou a suspeitar que esses offerecimentos do primo são mais devidos á necessidade, que sente, de quem o auxilie, do que ao empenho de nos auxiliar—disse ella, sorrindo.—A fallar verdade, para quem tem passado a vida a trilhar os passeios do Chiado; que admira? Eu fui creada n'isto. Tenho um pouco de alpestre. Adiante.

E d'uma occasião, em que estava perto d'elle, disse-lhe a meia voz:

—Póde ser que Christina careça mais do seu braço, primo. Ainda não teve a lembrança de lh'o offerecer.

Henrique só então deu por esse esquecimento, apressou-se a remedial-o, offerecendo a Christina tambem o braço, que esta recusou, córando.

—Então porque recusas?—perguntou-lhe a morgadinha, em voz baixa.

—Porque não quero abusar da delicadeza d'elle, nem da tua.

A morgadinha abanou a cabeça em ar de reprehensão, fitando-a; mas não lhe disse nada.

Pouco a pouco ia sendo mais completo o silencio em torno d'elles. Já tinham passado acima dos rumores do valle, que não subiam a mais de meia encosta. Chegaram emfim ao cimo do monte; tudo annunciava o proximo apparecimento do sol.

—Chegamos a tempo!—exclamou Magdalena que, deitando a correr, fôra a primeira que attingira a planura—Sua Magestade inda se não levantou.

Os outros estavam, dentro em pouco tempo, ao pé d'ella.

Houve um longo espaço de silencio, concedido espontaneamente á contemplação d'aquella perspectiva solemne.

As primeiras palavras, que se disseram, foram ditas em voz baixa, n'aquelle tom, que insensivelmente lhes damos, quando na presença d'um espectaculo grandioso e bello. Falla-se baixo e pouco; não se formulam longos periodos de aprimorado estylo, nivela-se a eloquencia de todos em simples phrases, como estas:

—É bello!

—É magnifico!

—É sublime!

E nada mais. Pouco mais disseram os quatro na occasião de que fallamos. E eu, por analogas razões, os imitarei, desistindo de descrever o que só bem se aprecia, quando pela vista se abrange o conjuncto de todo o panorama. O leitor, que nunca visse alguma scena similhante, não a imaginaria pela descripção, forçosamente pallida, que ahi lhe deixasse d'ella; e para o que a viu, a memoria lhe preencherá bem a lacuna.

Desvanecida a primeira impressão, que não deixa ao espirito a serenidade precisa para os processos da analyse, principiaram, como é costume, a fazerem notar uns aos outros os sitios mais conhecidos.

Isto manteve por momentos uma perfeita e desenleada familiaridade entre os quatro.

Christina descuidou-se da sua timidez e despeitos; Magdalena dos seus projectos e desconfianças; Henrique e Augusto deixaram tambem a sua mutua frieza.

—Lá está o Mosteiro—disse Magdalena, apontando

para o logar indicado.—Como parece pequeno, visto d'aqui!

—É verdade—respondia Christina—e olha, Lena, como se vêem bem as janellas do teu quarto.

—Lá está aquella que tu abriste esta manhã para cumprimentares...

Sentindo a mão de Christina comprimir-lhe o braço, concluiu:

—Para cumprimentares a estrella d'alva.

—As janellas do quarto da mamã julgo que ainda estão fechadas.

—Tanto não posso eu distinguir; comtudo afianço-te que sim. A tia Victoria não é muito matinal.

—Aquella casa acolá não é a de Alvapenha?—perguntou Henrique, apontando n'outra direcção.

—É—respondeu Augusto—e, mais adiante, alli tem a deveza, em que passou ante-hontem. Não é verdade?

—É justo. Com effeito! Foi um soberbo passeio, o que eu dei! D'aqui é que se vê. Lá vejo umas prêsas, por onde me lembro de ter passado tambem.

—Vê, acolá, aquella casa que tem uma capella ao lado?—perguntou Magdalena, apontando para um ponto distante.

—Perfeitamente.

—É a da minha quinta dos Canaviaes.

—Ah! É verdade, lá estão uns canaviaes, se me não engana a vista.

—Justamente. Não sei se sabe que ha n'aquella capella uma imagem de nossa Senhora, muito milagrosa.

—Sim? hei de visital-a.

—Coisa que se lhe peça, fazendo-se o voto da meia noite, é concedido—disse Christina, fitando d'esta vez Henrique, com a expressão da mais insinuante sinceridade.

—Que quer dizer o voto da meia noite?

—Tem uma pessoa de rezar á meia noite, e sózinha, sete estações no altar da Senhora—continuou Christina.

—Só isso? Boa é de cumprir a promessa. Já vejo que não ha aqui na terra desejo que se não satisfaça.

—Mais devagar—acudiu Magdalena, sorrindo—pouca gente se atreve até a ir lá á meia noite, porque a alma de minha madrinha passeia a horas mortas por a sua antiga casa, dizem.

—Cada vez sinto mais desejos de lá ir—accrescentou Henrique, depois de ouvil-a.

—Além, entre aquellas arvores, snr.ª D. Magdalena, vive um philosopho—disse Augusto, indicando outro ponto da perspectiva.

—É verdade; o bom do tio Vicente.

—Tio Vicente? Quem é o tio Vicente? Temos mais algum tio, com que eu possa augmentar o meu parentesco na aldeia?

—O tio Vicente é um sancto velho, que se occupa a colher hervas pelos montes e valles para fazer remedios, que dizem milagrosos. Ainda é nosso parente, mas em grau muito arredado; comtudo chamamos-lhe tio, assim como quasi toda a gente por aqui.

—Que sombras negras são aquellas que se vêem no adro da igreja?—perguntou Christina.

—Na igreja? Ah! acolá? É verdade, parece um cordão de formigas—disse Henrique de Souzellas.

—São as mulheres, que vão ouvir o missionario—respondeu a morgadinha.—Escutem, lá está a tocar o sino.

Effectivamente chegavam ao alto do monte as debeis, mas sonoras badaladas do campanario d'aldeia.

—A estas horas principiam as lamentações d'aquelle pobre Zé P'reira, que tão mal olhado anda por a mulher, desde que ella deu n'essas devoções—notou Augusto, sorrindo, ao lembrar-se da scena domestica a que na vespera assistira.

—Degenerou aquella mulher!—disse Magdalena—e, se quer que lhe falle verdade, snr. Augusto, custame vêr o Cancella deixar a Lindita entregue assim a essa gente, quando sabe da terra. A pequena e tão apprehensiva!

—Visto isso, já chegou aqui á aldeia a influencia dos missionarios?—perguntou Henrique.

—E não tem lavrado pouco!—tornou Magdalena.

Christina, que era um poucochinho devota, censurou timidamente as palavras da morgadinha.

—Primo Henrique—disse esta—julgo que inda será preciso o seu auxilio para livrar do contagio esta innocente Christina.

—Prompto, prima Magdalena; para as boas causas tenho sempre armada a minha vontade.

—Olha, Lena, não vês?—exclamou Christina—são os pequenos que nos estão a dizer adeus das janellas do mirante.

De facto nas mais altas janellas do Mosteiro agitavam-se uns lenços brancos.

Marianna e Eduardo haviam-se erguido para saudarem, de longe, a irmã e a prima. Estas tiraram tambem os lenços e corresponderam-lhes aos signaes.

Interrompeu-as a voz de Henrique, dizendo:

—Annuncio a v. exc.as, que chega o rei da creação.

Effectivamente o cume do telhado da ermida e as franças despidas da alameda já se tingiam de luz.

Todas as vistas se voltaram para o oriente. Assignalava-o uma esplendida faxa de purpura, que, em insensivel gradação, desmaiava para as extremidades até se perder de todo no azul celeste.

Rompia já, do meio d'ella, um pequeno segmento do sol; depois, o astro inteiro apparecia afogueado e vermelho, como um escudo de metal candente, e logo se desprendeu da terra, d'onde parecia surgir, e subiu nos ares, como um brilhante aereostato, ao qual se rompessem as prisões que o retinham.

O monte inundou-se de luz. O valle, em baixo, estava ainda envolto nas meias sombras da madrugada.

N'isto appareceu do outro lado da capella um dos criados de Alvapenha, que veio annunciar que o almoço estava prompto.

—Pois devéras temos um almoço?—exclamou Henrique, sinceramente surprendido.

—Graças á previdencia de minha tia, previdencia de que eu zombava em casa, mas que sou obrigada a admirar agora. De facto, parece-me que estes ares do monte e frescuras da madrugada lhe devem ter aberto

o appetite—respondeu Magdalena. E logo após continuou para Henrique:—Agora é occasião mais accommodada de pôr em pratica os recursos do seu galanteio, primo. Quer dar o braço a Christina?

Henrique, em quem a morgadinha suspeitara a intenção de lhe render a ella a fineza, que assim declinou na prima, teve de condescender, limitando-se a exprimir n'um olhar as suas queixas, olhar que Magdalena fingiu não perceber.

E conversando e rindo, dirigiram-se para o logar onde, sobre uma mesa de pedra e lousa e ao ar livre, estava disposto o almoço.

D. Victoria não era senhora, que se sahisse mal de emprezas d'estas. A alvura da toalha, a excellencia da louça e o bem disposto e apurado das iguarias convidavam.

Não se concebe appetite refractario a um tal conjuncto de circumstancias. O fastio, n'este caso, seria um fastio mórbido, correspondente a lesão organica e como tal sem poesia.

Henrique e Augusto principalmente fizeram, como era natural, justiça á cozinha do Mosteiro.

Henrique, que parecia haver esquecido as suas mil e uma doenças, conversou animada e espirituosamente.

Contaram-se anedoctas; Augusto applaudiu as de Henrique; este riu com vontade das que ouviu a Augusto.

A morgadinha, por sua propria mão, preparou o chá.

N'estas alturas do almoço encetou novamente Henrique o tiroteio de amabilidades, de que por muito tempo não sabia prescindir.

Dir-se-ia ser este o signal para se perturbar a sancta harmonia do congresso. Parecia que todos os outros, mais ou menos, se sentiam contrariados.

Henrique ficára sentado junto da parede da capella. Inclinando-se sobre o espaldar da cadeira a soborear um charuto havano, descobriu umas lettras escriptas na parede, exactamente por cima da cabeça.

—Bravo!—exclamou, depois de as lêr para si.—

não imaginava que havia poetas na aldeia! Querem ouvir?

E leu:

Se estás mais perto do céo
N'estas alturas da serra,
Ai, porque tens, peito meu,
Inda saudades da terra?

Em vez de erguer os olhares
A' luz d'este firmamento,
Desço-os á sombra dos lares,
Onde tenho o pensamento.

—É pena que a chuva apagasse o resto. Quem é o bardo, prima?

—Não sei; da aldeia de certo que não é—respondeu Magdalena, com indifferença.

Augusto ergueu-se da mesa e foi passear para a alameda.

—Da aldeia não, diz a prima; e porque não? Com esta natureza é facil crearem-se os poetas. Eu estou vendo n'esta quadra a folha solta d'um romance. Aqui a serra de algum Bernardim inedito, tão capaz de escrever de saudades, como de as sentir. Os lares, pela sombra dos quaes o olhar do poeta trocava os esplendores do céo..., algumas d'essas casas, que ahi se vêem em baixo. Quem sabe se não será até o mosteiro? Eu, por mim, confesso que se estivesse hoje aqui só, ou em outra companhia—accrescentou olhando significativamente para a morgadinha—não teria duvida em subscrever esta quadra, como a exacta expressão do meu sentir, porque...

Em vez de erguer os olhares
A' luz d'este firmamento

Eu tambem...

Os *abaixaria* aos lares
Onde tenho o pensamento.

Christina levantou-se tambem da mesa e foi ter com Augusto á alameda.

Magdalena, que a seguiu com a vista, não disfarçou um gesto de despeito ao ficar só com Henrique.

—Prima Magdalena—disse em tom mais affectuoso Henrique, passado tempo, e depois de mais algumas palavras—deixe-me fallar-lhe com franqueza, agora que estamos sós. Conhecemo-nos ha dois dias; eu, porém, sinto-me tão seguro já do que lhe vou dizer, que não hesito. Não póde imaginar a indelevel recordação que me ficará d'esta manhã.

—Perdão—atalhou Magdalena—diga-me primeiro o que é isso que me vai dizer. Prepara-se para me agradecer o almoço? Eu sou como os reis; gósto de estar prevenida do sentido das felicitações que me dirigem, para ir preparando uma resposta adequada.

—Que prazer tem em ser cruel!

—Deixemo-nos de loucuras—continuou Magdalena, séria já.—Quem ouvisse o snr. Henrique de Souzellas havia de suppôr que se preparava para me fazer uma declaração.

—Uma declaração do mais puro affecto, do mais sincero sentimento, porque não?

—Ah! Pois, se eram essas de facto as suas intenções, peço-lhe que desista d'ellas.

—Porquê?

—Porque não posso escutal-o.

—Ou não quer.

—Ou não quero; seja.

—Teria eu a desventura de chegar tarde, prima? Acaso o seu coração já...

—Que impertinente pergunta! Se *já*, não tenho ainda no snr. Henrique a necessaria confiança para o tomar por confidente. Conhecemo-nos apenas de hontem, que é o mesmo que não nos conhecermos.—E accrescentou logo depois:—Christina, anda ser arbitra n'uma disputa entre mim e o primo Henrique.

—Que vai fazer?—perguntou-lhe Henrique, admirado.

Christina aproximou-se; Augusto seguiu-a. Henrique não desviava os olhos da morgadinha que, sem lhe dar attenção, proseguiu para Christina:

— O primo Henrique fallava com certa exaltação da doçura do teu caracter; o meu amor proprio disse-me que — era pouco delicado estar assim a lisongear uma mulher na presença d'outra — e redargui por isso, pondo em duvida a asserção e affirmando que havia um fermentozinho de maldade na tua doçura. Elle nega por impossivel, eu insisto e estamos n'isto. Agora dize tu.

Christina córou intensamente e não teve que responder.

Henrique, que nas palavras de Magdalena julgou ouvir algumas que, pelo sentido e inflexão, com que foram ditas, lhe eram dirigidas, aceitou desaffrontadamente a posição, em que Magdalena o collocara e respondeu:

— Venci eu! O facto de querer a priminha poupar uma replica amarga á accusação que lhe fazem, é a mais eloquente prova, já não digo só da doçura, mas da natureza angelica do seu caracter. Já vê, prima Magdalena, que «quando uma das mulheres que diz, fôr como a nossa boa Christina, não se podem admittir essas revoltas de amor proprio, a que alludiu.»

A morgadinha percebeu tambem o duplo sentido d'estas ultimas palavras; mas fingiu não comprehender.

Henrique, ao desviar por acaso os olhos, encontrou os de Augusto fixos n'elle, emquanto um sorriso lhe dissipava um pouco dos labios a grave expressão que lhe era habitual, temperando-a com não sei que de ironico, que não escapou tambem a Henrique.

Os olhares d'estes dois homens trocaram-se por momentos, sem que nenhum parecesse disposto a baixar-se diante do outro.

Desviou-os porém uma dupla exclamação de Magdalena e de Christina, dizendo:

— Olhem o tio Vicente por aqui!

Dobrava effectivamente n'aquelle momento a esquina da ermida e aproximava-se da mesa do almoço, o velho herbanario, em que já temos fallado no decurso dos passados capitulos.

X

Era uma expressiva figura de ancião o herbanario. A fronte larga e desaffrontada de cãs, os olhos ainda vivos e penetrantes e, em toda a physionomia, permanentes indicios de habituaes meditações e por ventura de passados infortunios, elevavam aquelle semblante muito acima da vulgaridade. Os annos ou, mais ainda do que os annos, os pezares haviam subjugado n'elle a robustez d'outros tempos; os habitos de solidão que adquirira, a pouco e pouco lhe amoldaram o caracter até fazerem do velho um d'esses typos excepcionaes, que atravessam o mundo entre a estranheza de quantos o rodeiam, a ninguem permittindo sondar os mysterios que guardam comsigo e para si, e creando para uso proprio regras de viver, sem attenção ás convenções sociaes.

Era um enigma vivo.

Nas aldeias acompanhava-o uma fama quasi de nigromante; attribuiam-lhe curas milagrosas, obtidas com os simplices, a cuja cultura e colheita consagrava as maiores attenções e canceiras.

Ninguem lhe queria mal, que a ninguem o fizera nunca. Poucos porém ousariam, depois do esconder do sol, ir procural-o á isolada casa em que vivia, escondida n'um quintal, que era cultivado com todo o amor pelo velho.

Em todos os casos intrincados vinham consultar o herbanario, e elle, como seguro da sua proficiencia, em caso algum recusava um alvitre.

Em resultado de leituras aturadas, mas sem escolha nem methodo, d'uns alfarrabios herdados d'um tio frade que tivera, adquirira imperfeitas e mal digeridas noções de sciencia, de que se mostrava orgulhoso. Livros de medicina antigos, alguns de jurisprudencia, outros de logica e de astronomia, constituiam a sua mesclada bibliotheca. Entre os livros mais predilectos e consultados contava um exemplar da Polyantheia de Curvo Semedo.

O herbanario principiara em creança uma educação tal ou qual, que revezes de familia haviam interrompido.

Os meios conhecimentos, que das suas habituaes leituras extrahira, e os erros, que de taes livros assimilara, eram os elementos, com que chegou a architectar uma sciencia informe, que na aldeia passava por maravilhosa.

E o caso era que a fama do homem voara de freguezia em freguezia, de concelho em concelho, e de muito longe o vinham ouvir como a oraculo.

Os costumes do velho, que errava por valles e montes á procura dos simplices, cujas occultas virtudes conhecia, as suas maneiras rudes, a austeridade da physionomia, a franqueza, sem contemplações, com que dizia quanto pensava, tinham gravado fundo na imaginação popular aquelle typo, para ella quasi lendario.

Depois de se sentar á mesa, o herbanario estendeu familiarmente a mão a Augusto, que lh'a apertou com affecto.

—Bons dias, rapaz—disse o velho; e dirigindo-se a Magdalena e Christina, accrescentou com maneiras paternaes:—Adeus, pequenas; grandes madrugadas hoje!

Voltou-se depois para Henrique e fitou-o com olhos inquisidores e quasi desconfiados, terminando por lhe dizer simplesmente:

—Guarde-o Deus!

Henrique correspondeu-lhe no mesmo tom.

Sem mais o attender, Vicente voltou-se para Magdalena e perguntou-lhe em voz audivel para Henrique, e referindo-se a elle:

—Quem é?

Henrique respondeu com ligeiro tom de mofa:

—O homem que, melhor que ninguem, está habilitado a responder a essa pergunta.

O velho nem sequer o olhou.

—Este senhor—respondeu Magdalena—é sobrinho de D. Dorotheia; está hospede em Alvapenha. Veio para aqui restabelecer-se da saude.

Vicente tornou a examinar Henrique.

—Então é doente?... Não parece... Olhar vivo... Côres boas... voz sã... Umh!...

Magdalena julgou perceber que as maneiras rudes do velho estavam desagradando a Henrique, por isso apressou-se a intervir, respondendo jovialmente:

—A doença d'este senhor é um pouco de imaginação.

—E grandes effeitos nascem d'ahi—acudiu sentenciosamente o velho.—Lá vem na Polyantheia muitos casos curiosos. Um homem, por ter comido umas amoras, foi atacado de dôres de cabeça, de que morreu. Pois tanto scismou que das amoras lhe viera o mal, que até se lhe formou no craneo uma pedra do feitio d'uma amora.

—Com effeito!—disse Henrique com ironica expressão de pasmo—ahi estava um cerebro de concepções rijas!

—É divêrtido!—disse Vicente, com ligeiro sarcasmo e olhando para Magdalena.

—Pelo contrario—acudiu a morgadinha—o seu mal é a melancolia. Não é verdade?

—Eu já não sei qual é o meu mal. Estou quasi a dar razão á tia Dorotheia, que lhe chamou mania.

—Mania e melancolia não são a mesma coisa—emendou o velho.—Tambem lá na Polyantheia se diz isso bem claro. A melancolia é sem ira nem furia, porque procede de humor frio, e a mania de sangue quente ou cólera requeimada.

—De cólera requeimada? Deve ser uma coisa terrivel!—continuou Henrique, no mesmo tom.

Magdalena, receiando que a ironia dos commentarios

de Henrique acabasse por irritar o velho, perguntou a este:

—Parece-lhe que terá cura a doença?

—Póde ter; mais rebeldes melancolias se curam. Este é divertido a final. Umh!... Mas contra tristézas e manias não ha como as folhas de ouro em caldo de frangão com flores de borragem e de herva cidreira.

—Este é como os calvos, que vendem aos outros pomadas para fazer nascer o cabello; é um argumento vivo contra a efficacia da beberagem que receita para as manias—disse Henrique á meia voz para Augusto, que lhe ficava proximo.

O velho, que não tinha ainda dado mostras de offensa pelas maneiras impertinentes de Henrique, córou d'esta vez e faiscou-lhe nos olhos um relampago de irritação.

Havia-se sentido ferido no ponto mais melindroso da sua dignidade.

—Está bom, menino—replicou elle amargamente. —Não diga mais, para se não envergonhar depois. Eu calo-me; e desculpe-me se fallei. Estou costumado a vêr pobres e ricos virem a minha casa pedir-me o favor de os attender. Ainda assim, ahi vai mais um conselho, apezar de m'os não pedir. Seja attencioso com a velhice, que não é baixeza nenhuma. Mas que é isto?—exclamou, mudando de tom e olhando para um redemoinho de folhas sêccas que o vento trouxéra até perto d'elle—As folhas vem d'este lado! Então virou o vento? É verdade. Ah! sim?... Percebo.

E, depois de olhar para o ar, continuou:

—Mudanças tão repentinas!... Umh!... Já me não agrada aquelle azul e aquellas nuvens.

E levantou-se.

—Dou-lhes meia hora, e verão tudo isto coberto e quem sabe o mais que virá! Aconselho-os a que vão descendo o monte, que não é seguro descel-o quando as enxurradas engrossam. Eu, por mim, já me não demoro, que não tenho confiança na firmeza das minhas pernas. Oh! n'outros tempos!... Emfim tudo tem de acabar. Adeus!

E, sem mais palavras, sobraçou a caixa de lata, em que archivava as hervas medicinaes e outras substancias, que andava colhendo, e partiu, depois de dizer adeus a Augusto, a Magdalena e a Christina.

Logo que o herbanario desappareceu, Henrique soltou uma risada em que parecia haver o que quer que era de forçado.

—É realmente curiosa esta antigualha—disse elle, que interiormente sentia já remorsos pela maneira por que tractara o velho.

—Ai, primo Henrique; que ainda está muito pouco preparado para viver na aldeia!—disse a morgadinha—Tem uns melindres e uma maneira de vêr as coisas! Tudo lhe parecem faltas de attenções, propositos de offender! Depois ha um sarcasmo cruel nas suas palavras, a que os espiritos não estão aqui habituados e de que se sentem por isso feridos. Isso não é bom! Se vai assim, ou terá de nos deixar cedo, ou grandes desavenças suscitará por ahi. Não repara que estes modos são proprios do campo?

—Perdôe-me, prima Magdalena; mas confesso que nunca tive demasiado geito para lidar com doudos. Deve confessar que este homem...

—É um homem de bem—atalhou Augusto com voz firme e com uma severidade de expressão, que até alli não mostrara ainda.

Henrique voltou-se admirado e fitou-o em silencio.

Augusto arrostou firmemente aquelle olhar.

—Não o nego—respondeu Henrique, pouco depois;—mas infelizmente os homens de bem envelhecem, como os outros, e a extrema velhice traz a imbecilidade.

—Engana-se; esse homem, apezar de algumas phantasias, tem ainda um juizo são e uma razão clara.

—Acha?—tornou Henrique, já algum tanto azedado—Ha de dar-me licença de não fazer obra por as suas apreciações... se me é permittido.

—Procede mal—redarguiu Augusto.—Porque eu conheço aquelle homem ha muito e o senhor acaba apenas de o vêr pela primeira vez. Foi o senhor quem pri-

meiro deu ás suas palavras um tom irritante, que desafiou uma digna correcção. Não lhe ficaria mal se tivesse sido mais generoso. A consciencia lh'o está dizendo n'este momento melhor do que eu.

—Lê fundo nas consciencias dos outros!

—Não é difficil. Em todos os homens a consciencia tem só uma maneira de ser. Reprova sempre o mal, aponta sempre a culpa.

—Estou admirando a subita loquacidade que se lhe manifestou! Até aqui suppunha-o taciturno. Vejo que lhe mereço a fineza de abrir uma excepção aos seus habitos de laconismo em meu favor. Muito agradecido. Isso que dizia eram maximas ou pensamentos moraes? Não reparei.

Augusto córou, mas respondeu com firmeza:

—Nem uma nem outra coisa; é um genero muito mais modesto do que qualquer dos dois. Simplesmente um preceito de civilidade.

Henrique ia a responder irritado, mas conteve-se e tornou com dobrada ironia:

—É verdade, é verdade... esquecia-me que a civilidade entra no seu programma... de mestre-escóla.

—Justamente; e tenho alguns discipulos que lisongeiam o mestre; rapazinhos da aldeia, pobres, rotos e descalços, mas n'esse ponto podem dar lições a elegantes filhos das cidades.

—Pois estimarei, nas minhas longas horas de ocio, aqui na aldeia, dever-lhe algumas lições tambem. Comtudo, como, felizmente, as circumstancias em que estou me permittem prescindir do beneficio do estado, que o subsidia, ha de conceder-me que pague as lições que receber.

—Nunca me envergonhei de aceitar a recompensa do meu trabalho, se o discipulo póde dar-m'a... sem sacrificio.

—E aceita-a em toda a especie de moeda, não é verdade?—perguntou Henrique, cada vez mais petulantemente.

Augusto respondeu com a mesma serenidade:

—Não faço tambem escrupulo n'isso, com tanto que

me fique o direito salvo de pagar na mesma especie de trôcos, quando julgar que os devo.

O dialogo ia, como vamos vendo, de momento para momento adquirindo mais acerbo caracter.

Christina, que já tremia de assustada, cingiu o braço de Magdalena, como para convidal-a a intervir.

Esta não o tinha ainda feito por uma simples razão. Desconhecia Augusto. A audacia com que o via repellir as ironias do seu adversario, a firmeza inalteravel, com que lhe sustentava o olhar, o sorriso, que, em desdens, rivalisava com o d'elle, eram tão novos para a morgadinha, que a surpreza, que d'ahi lhe vinha, nem a deixava ainda perceber a utilidade de uma intervenção. O aviso de Christina chamou-a porém á realidade.

—Tem-me querido parecer, ainda que me custa a acreditar, que isso entre os senhores é uma altercação —disse ella por fim.—Vejam que só teem por testemunhas duas mulheres, que mal lhes podem servir de padrinhos, se a contenda tomar outra feição. Por isso não é muito para louvar a escolha que fizeram da occasião, para uma justa tão pouco... amavel.

—Perdão, prima Magdalena; reconheço a minha culpa, e a grosseria do meu proceder. Mas aqui o snr. Augusto, costumado a impôr aos discipulos o seu pensamento, quiz estender até mim este despotismo de... *magister*... Ora o meu pensamento pugnou pela sua independencia...

—Desculpe; supponde-o um homem de brio e de pundonor, julguei que me agradeceria, se conseguisse modificar-lhe uma opinião desfavoravel, que levianamente formou de quem lh'a não merecia. Vejo que prefere ser injusto. Seja-o. Pense o que quizer. Mas o que eu não soffro é que se diga diante de mim uma palavra contra um homem que respeito e de quem sou amigo, sem que erga a voz a defendel-o. Se não costuma fazer o mesmo por os seus, nem sente viva e irresistivel a necessidade de o fazer, lastimo-o; é porque não os tem.

—Com mais paz de espirito se discutirá tudo isso depois—disse Magdalena.—É de crer que, como sempre, haja de parte a parte razão e aggravos. Agora con-

vido-os, antes de descermos, a visitar a ermida, cuja porta está sempre, dia e noite, aberta aos devotos que a piedade aqui traz. E tal é o prestigio que a defende, que não consta de um só roubo sacrilego, que se fizesse n'ella.

Entraram na ermida. Era um pequeno sanctuario, todo forrado de azulejo antigo, com ennegrecidas pinturas a fresco nos apainelados do tecto, representando episodios da Paixão; os altares, adornados de columnas e florões de talha doirada, attestavam nos muitos ex-votos que d'elles pendiam e nos quadros, cuja perspectiva deixava a perder de vista a dos desenhos chinezes e que representavam milagres de todo o genero, a fé ardente com que era adorada a imperfeita esculptura da Virgem.

E apezar de tudo tinha este templo um ar de solemnidade manifesto. D'onde lhe vinha elle? Da sua mesma pobreza e nudez, do silencio que reinava em torno, da altura a que se erguia, do isolamento em que estava.

Alli dentro demoraram-se os quatro visitantes, Magdalena e Henrique examinando alguns dos quadros dos milagres; Christina, que prolongara mais do que a prima a oração que fizera, contemplando a imagem da Senhora; Augusto com os olhos fitos nas columnas do altar, porém não sei se pensando n'ellas.

Esperava-os uma surpreza á sahida.

Realisara-se o prognostico do herbanario.

O vento sul que, segundo elle notara, soprava já havia algum tempo, viera condensar os vapores, que arrasta de ordinario na sua corrente, e empanar com elles a limpidez do firmamento. O azul do céo semeara-se, pouco e pouco, de pequenos flocos brancos, de manchas irregulares e de longos e encurvados velos que lhe davam uma apparencia quasi marmorea. Cedo estas massas de nuvens cresceram, tocaram-se, confundiram-se, acabando por tingir uniformemente toda a extensão do firmamento. Ao mesmo tempo, outras nuvens, mais pesadas e mais escuras, começaram a erguer-se do sul e caminharam impetuosas no espaço, como montanhas

moveis, que viessem em pavorosa carreira, de encontro ás serras, que as aguardavam firmes.

Um denso véo de nevoeiro escondia já a paisagem, quando sahiram da ermida.

—Depressa!—exclamou Augusto—já não ha tempo a perder! Desçamos antes que a tormenta nos colha.

—Tem medo?—disse Henrique em tom de mofa— Um montanhez!

—Talvez tenha; em todo o caso ha de vêr que não é de inimigo pouco digno de o inspirar. Por agora peço-lhe tréguas ás zombarias e, por amor d'estas senhoras, aconselho-o a que trabalhe por apressar a descida. Felizmente que o criado já partiu. E' um embaraço de menos. Vamos.—Detendo-se porém, disse para Magdalena:—Se descessemos por o outro lado, minha senhora?

—Para quê?—respondeu esta—É um momento, emquanto chegamos abaixo.

A tempestade caracterisava-se cada vez mais; crescia a cerração do ar; os alamos gemiam, vergados pela impetuosidade das lufadas do sul; a chuva principiou por grossas gotas, e cedo augmentou assustadoramente; havia na atmosphera surdos rumores de tempestades longinquas; algumas nuvens tomavam uma côr terrea, outras um carregado de chumbo, ambas igualmente sinistras.

Christina, pallida de susto, murmurava em voz baixa orações fervorosas. Magdalena sorria para a animar, mas ella propria estava inquieta.

Não era de facto uma empreza de todo facil o descer o monte por um tempo d'aquelles. O caminho, já de si ingreme e precipitoso, era quasi impraticavel quando as correntes se despenhavam por elle, como em catadupas, e os ventos vinham despedaçar-se furiosos de encontro ás arestas salientes da rocha.—Era necessario estar muito amestrado para o descer sem perigo.

Augusto era de todos o que melhor o conseguiria; assim não tivesse de repartir os seus cuidados por tantos. De pequeno se costumara áquellas aventuras; e já então seguia, sem vertigem, a mais estreita borda dos despenhadeiros do monte.

A tudo porém attendia agora, desenvolvendo uma actividade e pericia, que inspirava alento e confiança aos mais. Agil, como um animal montez, girava em volta da pequena caravana, de que tacitamente fôra reconhecido chefe. Ora adiante a dirigir os passos pelos logares de mais facil transito, ora á rectaguarda a dar a mão a Magdalena, que vira em embaraço, ou a amparar Christina, a quem muita vez chegou a levantar nos braços, para a fazer franquear um ponto do caminho, em que ella parara, sentindo que lhe resvalavam os pés no declive e na humidade do chão. O proprio Henrique, que não era o menos embaraçado do rancho, e nem isso admira, só a custo podia prescindir, em certos lances, do auxilio de Augusto.

O amor proprio e orgulho do hospede d'Alvapenha iam um tanto mortificados n'esta retirada ingloria. Nenhum dos seus muitos talentos e aptidões, de tanto valor no terreno, tambem escorregadio, das salas de baile, lhe valiam para alli. Era evidente a sua inferioridade n'este momento; ora Henrique não era homem que, tendo consciencia d'isto, ficasse indifferente; mas que remedio? Procuraria mais tarde uma compensação.

Não descrevemos todos os episodios d'essa laboriosa descida; alguns dos quaes sómente a preoccupação, em que iam os animos, impedia achar risiveis; porém que mais tarde deviam, como é costume, vir a ser alimento de animadas e joviaes recordações.

Assim foi que, a meio da encosta e em sitio em que se lhes cortava ao lado do caminho, que cautelosamente desciam, uma ribanceira quasi a pique e erriçada de fragas salientes e angulos de rocha, em cujas fendas e sinuosidades apenas os tojos e as giestas e algum pinheiro enfezado tinham conseguido vegetar, uma violenta rajada de vento, desprendendo a mantilha de Magdalena, depois de a revolutear no espaço, arremessou-a ao abysmo.

Ficou suspensa nos espinhos das tojeiras, porém em logar, onde seria difficil o accesso, de qualquer lado que se tentasse.

Magdalena, no momento, não pôde reter um grito,

que fez parar com terror Henrique e Augusto, que caminhavam adiante. Voltaram-se assustados.

A morgadinha, com a cabeça descoberta, as tranças ligeiramente desordenadas, as faces um pouco pallidas, sorria já do seu exagerado susto.

A rir, explicou o succedido, pedindo perdão pelo sobresalto que involuntariamente causara.

—Descança em paz!—disse ella, olhando para a mantilha; e accrescentou:—Sigamos.

—Mas não será possivel tiral-a d'alli?—perguntou Augusto, examinando o sitio.

—Para quê? Não podemos demorar-nos agora com isso—respondeu Magdalena.

—Eu desço a cortar uma cana lá abaixo aos Moinhos e volto n'um momento—insistiu Augusto, dispondo-se a executar o que dizia.

Henrique notou, sorrindo:

—O alvitre é de homem prudente. Cuidei que os montanhezes não eram de tão bom aviso.

E, animado pelo desejo de humilhar Augusto, por quem se sentia humilhado, e ao mesmo tempo cedendo á influencia que sobre elle exercia a fascinadora figura de Magdalena, Henrique arrojou-se a uma desnecessaria imprudencia.

Sem dar tempo a que o impedissem ou lhe fizessem qualquer reflexão, deixou-se escorregar no despenhadeiro, segurando-se com as mãos á borda do caminho; tenteou com os pés as fendas e as anfractuosidades da rocha, até conseguir firmal-os; segurou-se ora a uma raiz saliente, ora a um ramo mais tenaz; á força de vontade dominou a sua impericia em exercicios d'esta ordem, e finalmente conseguiu, estendendo o braço, segurar a mantilha, que o vento arrojara ao precipicio.

Depois, com dobradas difficuldades e por ventura redobrados perigos, pôde, roçando-se como reptil, e ferindo as mãos nas asperezas da rocha e nos espinhos das tojeiras, em que se firmava, poisar outra vez os pés em terra, sem aceitar a mão que Augusto lhe offerecia, e com gesto radiante entregou a mantilha a Magdalena, fixando em Augusto um olhar de triumpho.

Os espectadores d'esta scena haviam-na presenciado sem soltar uma palavra, sem fazer um movimento, quasi gelados de susto e de espanto.

Quando Henrique voltou com a mantilha, Augusto meneou a cabeça, murmurando:

— Que imprudencia!

— Na verdade!— disse Magdalena, ainda nervosa com a impressão que este incidente lhe causara— foi uma loucura; uma loucura imperdoavel.

E a perturbação era tal, que nem acertou com uma phrase de agradecimento, com que pagasse a imprudente galanteria, que mais desejava reprehender, do que recompensar.

Esta reserva offendeu Henrique; serviços, a seu vêr de menor importancia, tinham merecido a Augusto mais calorosas palavras.

Revoltou-o esta ingratidão.

Mal sabia elle que estava sendo ainda mais ingrato, não concedendo sequer um olhar ás faces desmaiadas pelo terror, aos labios tremulos e aos olhos arrasados de lagrimas, com que o fitava Christina. Ella, que o tinha seguido muda de susto e de anciedade em toda aquella louca aventura, ella que, ao terror do perigo, juntava a affligil-a o desespero de vêr que fôra outra a que inspirara aquellas loucuras!

Aguardavam-nos em baixo novos trabalhos a vencer. Com a força das enxurradas, que se precipitavam clamorosas pelas vertentes e algares, era provavel que a levada que corria na raiz do monte tivesse engrossado mais e acabasse de cobrir a ponte rustica, que á vinda já tinham encontrado quasi submersa.

Augusto, prevendo isto, voltou-se para as senhoras, dizendo:

— Eu vou adiante assegurar-me do estado da ponte, para, no caso de estar já coberta, como é provavel, vêr se o moleiro nos abre a porta do moinho, a fim de passarmos por lá. Vão descendo devagar, que eu volto.

— Então deixa-nos sós?— exclamou Christina assustada.

— É um instante.

—Não sei se nos atreveremos a dar um passo sem a sua indicação—disse Magdalena.

—O peior está passado. Além d'aquella pedra já vêem o ribeiro e a ponte; o caminho indica-se por si.

E dizendo isto, desceu agilmente por uma especie de escadaria aberta na rocha, a qual mais depressa o devia conduzir ao logar que demandava.

Henrique ia agora na frente; apoz, seguia-se Magdalena. Christina fechava o cortejo.

O mau humor de Henrique augmentara de ponto, em consequencia dos receios com que as duas raparigas tinham visto Augusto abandonar, por momentos, a direcção do rancho.

Ficava assim bem evidente a pouca ou nenhuma confiança que lhes estava merecendo o auxilio de Henrique, representando assim elle n'aquella contingencia, em vez do papel de protector, o de protegido, que o humilhava.

Obrigado a digerir, como podésse, o seu fundo descontentamento, Henrique perdera com isso aquella volubilidade de conversação que mantivera todo o dia.

Nunca, na presença de Magdalena, deixara passar tanto tempo sem formular um d'esses galanteios que a impacientavam e obrigavam a uma resposta, nem sempre demasiado affavel.

Magdalena, por seu lado, não se sentia com disposição para fallar. Christina menos.

Este silencio acabou por exasperar Henrique.

Haviam já percorrido grande parte do caminho, que os distanciava do riacho. Avistavam-se as aguas turvas e impetuosas, que com mais fragor do que nunca, se contorciam n'aquelle apertado leito.

Foi então que Henrique desafogou o seu resentimento.

—Estou devéras arrependido, prima Magdalena—disse elle com leve ironia—do meu espontaneo movimento de ha pouco. Devia lembrar-me de que ao nosso cavalleiroso guia devem pertencer todos os triumphos e toda a gloria d'esta jornada; mas como d'aquella vez se me figurou que era demasiado cauteloso para heroe...

Uma simultanea exclamação de Magdalena e de Christina não o deixou proseguir.

Voltando-se para saber a causa, que a motivara, viu-as paradas, pallidas, olhando com anciedade para a base do monte.

Seguindo a direcção do olhar d'ellas, Henrique reconheceu a causa d'aquelle duplo grito.

Referimol-a em poucas palavras.

Quando Augusto chegou ao ribeiro, para averiguar se a ponte estava ou não transitavel, surprendeu-o um espectaculo inesperado.

O herbanario que, prevendo tempestade e receioso dos perigos de que em taes condições a descida era acompanhada, se apressara a partir, não conseguira chegar ao ribeiro, antes do desencadeamento da borrasca. O andar vagaroso e precavido do velho e as frequentes pausas que fazia, ou para descançar ou para colher a rara planta montezinha, o insecto, o verme, o mollusco ou o mineral de occultas virtudes, elementos da sua pharmacopeia, foram retardando de maneira, que a chuva apanhou-o a meio caminho, e mais difficil de descer lhe tornou a metade, que lhe faltava. Assim, não obstante haver partido antes dos outros, não lhe levava muitos passos de avanço.

Ao chegar á levada, encontrou já as pedras do tosco passadiço, a que se dava o nome de ponte, cobertas pela agua. O velho deu-se pressa em descer para a passar ainda a pé enxuto; mas a levada, agora torrente caudalosa, ganhava corpo de momento para momento; cedo já não se viam signaes de ponte. O herbanario parou embaraçado. Acima ficavam-lhe os açudes, transformados em impetuosas cataratas; abaixo, o moinho, em cujas enormes rodas espumava a corrente com espantoso fragor.

O velho Vicente hesitou. Era para causar vertigens o que via. As aguas, sem transparencia, occultavam de todo a vista das pedras.

Tenteou com o bordão o sitio, em que as suppôz. Encontrou a primeira, poisou um pé n'esse ponto; firmou-se como pôde, para resistir á força da corrente;

tenteou outra vez, reconhecendo outra pedra, deu mais um passo, e outro, e mais outro, até que de repente, ou por esvaimento de sentidos ou por se firmar em falso, vacillou e, perdendo o equilibrio, cahiu na levada para o lado dos moinhos.

Foi n'este momento que Augusto chegou; viu-o pois cahir, viu-o estrebuxar, luctando com a impetuosidade das aguas, reconheceu a urgente necessidade, para evitar uma horrivel desgraça, de acudir, sem perda de tempo, ao pobre velho, que a torrente arrastava para os lados do moinho.

Cedendo a este pensamento, Augusto franqueou, quasi d'um salto, o espaço, que o separava ainda do ribeiro, e lançou-se á agua.

Era a vez de Augusto revelar coragem. Henrique tambem a possuia, mas abusava d'ella ou, por vaidade, malbarateava-a em ninharias. Ainda n'isto se revelava o seu amor de ostentação. Imaginava-se sempre n'um palco, diante de espectadores que o viam e applaudiriam, se desempenhasse bem o papel de homem perfeito. Fraco perante doenças imaginarias, arriscaria, para evitar o ridiculo, a propria vida, assim como suffocaria, por ventura, um impulso generoso, que não podésse harmonisar-se com a convenção, que se chama elegancia.

Eram estes os defeitos que Magdalena adivinhara n'elle.

Augusto era differente.

As suas grandes qualidades guardava-as com modestia dos olhos estranhos, para sómente as revelar, quando podessem ser uteis.

Ao vêr cahir a mantilha de Magdalena, não arriscou temerariamente a vida para a buscar. Procurava com placidez os meios de o fazer, com mais segurança, embora com menos romanticismo; mas, para salvar uma vida, para obedecer a um instincto, verdadeiramente nobre e generoso, nada o fazia recuar.

Logo que Augusto voltou a terra e auxiliou o herbanario a subir para a margem, Magdalena respirando emfim com desafogo, respondeu ás anteriores palavras de Henrique, dizendo em suave tom de censura:

—Bem vê que nem sempre é cauteloso o nosso guia, primo Henrique. Sabe tambem arriscar a vida, quando uma razão de humanidade lh'o pede. A sua imprudencia de ha pouco... agradeço-lh'a, mas... não posso approval-a. Confesse que não foi tão justificada como esta.

Henrique tinha a razão clara bastante e a consciencia justa para vêr que, apezar de sua façanha cavalheiresca, ficara, d'esta vez ainda, inferior ao seu companheiro.

Qualquer que fosse o desgosto, que a descoberta lhe produzisse, é certo que teve sobre a rebellião dos maus instinctos poder sufficiente para se obrigar a ir apertar a mão a Augusto.

O velho Vicente estava pallido e extenuado pelo esforço da lucta com a corrente; ainda assim abraçou tambem Augusto, dizendo:

—Agradeço a Deus o haver-me dado esta occasião de te dever a vida, rapaz. Era um prazer que desejava levar da terra, quando a deixasse.

Magdalena e Christina rodeavam o velho de cuidados.

Appareceram, emfim, do outro lado do ribeiro, os criados enviados por D. Victoria com guarda-chuvas e roupas de agasalho. Com elles vinha tambem o moleiro, a quem mandaram chamar para dar passagem pelo moinho, visto estar obstruida a ponte, e ao mesmo tempo para que as senhoras podessem ahi dentro mudar de fato.

Augusto seguiu o herbanario a casa.

Passada meia hora sahiam tambem do moinho os outros todos, depois de haverem renovado a roupa, que a chuva repassara.

No Mosteiro, D. Victoria recebeu a filha e a sobrinha com muitas exclamações e ralhos por não terem ido prevenidas com guarda-chuvas, como ella lhes recommendara; estas iras cedo se derivaram sobre os criados, a quem, entre outros delictos, attribuia o de a não haverem avisado de que na vespera passara por alli o caldeireiro ambulante, repinicando nos seus arames, o que,

sendo prognostico infallivel de chuva, faria com que ella, sabendo-o, se oppozesse a tal passeio.

Em Alvapenha, D. Dorotheia e Maria de Jesus não levantaram menor celeuma, ao vêrem chegar Henrique. Fizeram-no metter na cama, cobriram-no de cobertores, emborcaram-no de *punch,* e taes medos lhe insinuaram, que as apprehensões pathologicas de Henrique agitaram-se e tentaram reapossar-se da sua antiga victima.

XI

Censuravel descuido tem sido o nosso em não conduzir o leitor a um dos logares mais importantes da aldeia, onde se passam os singelos episodios d'esta narração.

Que se diria d'um *cicerone* que, por esquecimento ou proposito, deixasse de apresentar um viajante, recem-chegado a uma cidade, na assembleia, club, gremio, ou o que quer que seja, onde se reunem as principaes personagens d'ella, onde se compendiam as grandes questões e interesses locaes, as pequenas vaidades e intrigas, as modas ephemeras, os voluveis caprichos que agitam os espiritos, onde se commenta o boato d'hontem, se dão ao de hoje mil versões diversas e se adivinha já o d'ámanhã?

Pois no mesmo delicto incorremos nós, chegando a este undecimo capitulo, sem ter guiado os leitores á venda de Damião Canada, a qual podia dizer-se o verdadeiro coração d'aquelle organismo social.

Tudo quanto na terra havia de certa representação alli ia fallar da coisa publica e tambem da particular;— da particular dos outros mais do que da propria, entenda-se.

Aproveitemos um resto de tarde, em que a natureza apoz horas continuadas de chuva e de temporal, como que procurou respirar e permittiu que o sol, já no occaso, levantasse uma ponta do manto de nuvens que o envolvia, e mandasse os raios amortecidos ás cristas das serras fronteiras; aproveitemos este intervallo de socego para entrarmos na taverna.

Tinham passado dois dias depois do passeio ao monte, que descrevemos.

Henrique de Souzellas teve de condescender com uma leve angina, que lhe legaram os rigores d'aquella excursão, e ficou em Alvapenha, entretendo-se a escrever cartas aos amigos e a scismar n'uma imminente desorganisação da larynge, a que imaginava conduzirem-no os seus incommodos actuaes.

No Mosteiro nada tambem occorreu, que mereça narrar-se ao leitor.

Deixemos, pois, por momentos, os nossos conhecidos, e vejamos o que dizem os frequentadores do estabelecimento de Damião Canada.

Brilhante é a assembleia alli reunida. Além do proprietario, barriguda e rubicunda figura, que, assim posta ao pé das pipas, podia servir de typo para a representação d'um Sileno, havia varias individualidades de pêso nos destinos de toda a comarca.

Dê-se primeira menção ao nosso já conhecido Bento Pertunhas, a quem as humanidades não faziam soberbo a ponto de recusar-se a entrar em communicação social com os seus conterraneos.

Observada esta deferencia, mencionemos os mais.

Um era nem mais nem menos do que o snr. Joãozinho das Perdizes, em quem já temos ouvido fallar por mais do que uma vez.

Era o dito snr. Joãozinho morgado e proprietario em uma das freguezias proximas, chamada de Pinchões; mas propriedades e morgadia andavam-lhe tão embaraçadas em redes de demandas e de hypothecas, que Deus nos acuda.

Os autos, que diziam respeito á casa das Perdizes, enchiam um cartorio. Graças, porém, ao seu genio despreoccupado e folgazão, o snr. Joãozinho deixava aos procuradores os cuidados judiciaes; os cuidados agricolas aos rendeiros e feitores; os do futuro, a Deus ou ao diabo; e para si não reservava nenhuns.

Proseguia n'aquella vida airada, que já lhe era necessidade. Frequentava as feiras, onde ia para jogar e fazer trocas de cavallos com os ciganos, e ás vezes para

dar e levar sóvas monumentaes.—Nos mezes de caça, a vida do morgado era perfeitamente nómada; estendia por leguas e leguas as suas expedições venatorias, contentando-se com qualquer cama e comida, de que, de ordinario, participavam os cães, que o acompanhavam; distrahia-se tambem a conquistar os corações femininos da freguezia, calando com dinheiro algumas queixas mais acerbas e insoffridas de um ou outro pae, marido ou irmão. Em todas as tavernas das freguezias vizinhas tinha contas em aberto, o que não obstava a que entrasse em todas com ares de conquistador e expendesse alli as suas opiniões absolutas, com grande exhibição de berros e de punhadas.

Com todas estas qualidades era o snr. Joãozinho das Perdizes um homem verdadeiramente popular entre os da sua freguezia; movia-os no sentido que quizesse.

Tudo por lá era o snr. Joãozinho; não havia funcção, rixa, solemnidade official, para que elle não fosse consultado. É que a superioridade do morgado das Perdizes não era d'aquellas que intimidam e acanham o povo; ninguem hesitava em fallar-lhe e em procural-o em casa, porque, fallando e vivendo como elles, o snr. Joãozinho não constrangia ninguem. Os seus defeitos, a sua vida de feiras e de tavernas eram outras tantas causas a popularisal-o; justo é porém que se diga que algumas boas qualidades tambem para isso concorriam. O snr. Joãozinho não era avarento, nem soberbo. Sentado a beber, e com dinheiro no bolso, não consentia que pessoa alguma, desde o mais rico proprietario até o jornaleiro mais miseravel, recusasse tomar assento a seu lado. Não eram poucos os filhos familias que resgatara de soldado, sem a menor caução ou interesse, chegando a ficar empenhado para os livrar; e se algum desgraçado se via perseguido pela justiça, encontrava, fosse qual fosse a enormidade do crime, asylo seguro na herdade das Perdizes, que em certas épocas era um perfeito valhacouto de malfeitores.

Graças, pois, a estas e analogas qualidades, era o snr. Joãozinho uma verdadeira potencia eleitoral.

Eis ahi o homem moralmente.

Pelo lado physico, supponham um sujeito de trinta e cinco annos, gordo, vermelho, de longas e encaracoladas melenas em desordèm, bigode aparado e a barba quasi sempre mal feita ou por fazer. Na maneira de vestir inculcava os habitos da vida e um certo desleixo com sua pessoa, que lhe era peculiar. Trazia o collete quasi sempre desapertado e com alguns botões de menos, de modo que os peitos da camisa formavam hernia pela abertura; entre as calças descahidas e o collete avistava-se o cóz das ceroulas, no qual era geito muito seu o enfiar a mão; ao pescoço trazia um lenço de sêda escarlate, negligentemente atado e com longas pontas fluctuantes; uma jaqueta de pelles com alamares, calças da fazenda chamada pelle do diabo, botas de montar e esporas constituiam o resto do vestuario. O cigarro, que quasi sempre fumava até ás ultimas, crestara-lhe profundamente as pontas dos dedos e o canto dos labios. O palito andava-lhe sempre atraz da orelha; a navalha de ponta na algibeira, e, para qualquer parte que ia, acompanhava-o uma tumultuosa matilha de galgos, podengos e perdigueiros.

Segunda, e não menos importante personalidade era a do snr. Euzebio Seabra, chamado por autonomasia — o Brazileiro.

Era um homem de cincoenta annos; bem figurado e sisudo, de fallar compassado e com seus quês de oraculo, phrases sentenciosas e ares de protecção a todo o mundo.

Sahira creança da aldeia e fôra tentar a fortuna ao Brazil. Por lá esteve quarenta annos, e voltou o homem grave que vêmos e rico. O como enriqueceu não sei, e ninguem na terra o sabia. Veio edificar uma casa no sitio em que nascera, uma casa grande, de cantaria e azulejo, com tres andares e varandas, jardim com estatuas de louça e alegretes pintados de verde e amarello, o qual jardim tinha mais fama, n'aquellas aldeias vizinhas, do que os jardins suspensos de Babylonia. Trouxera um papagaio e uma arara, igualmente famosos, e uma botica homœopathica, que elle proprio manipulava.

As ambições de Euzebio Seabra limitavam-se a vir

a ser a primeira personagem de influencia na aldeia. Para isso principiou por fazer alguns reparos na igreja parochial, presenteou com vestidos novos todos os sanctos dos altares e mandou renovar um sino, que havia doze annos tocava a rachado. Fez á sua custa a festa do orago, chegando a mandar vir fogo prêso da cidade e um aereostato que ardeu a pouca altura do chão. Apezar porém de todos estes beneficios á localidade, o conselheiro Manoel Berardo, pae da morgadinha, com quanto vivesse quasi sempre em Lisboa, continuava a fazer-lhe sombra e a contrastar-lhe as ambiciosas vistas. Por isso, apezar da apparente amizade com que Seabra o acolhia e lisongeava até, conservava por elle no fundo uma má vontade, um ciume, de que eram de receiar, tarde ou cedo, explosões.

Seabra era tão asseiado, quanto o snr. Joãozinho das Perdizes descurado no seu vestir. Usava sempre de suissa irreprehensivelmente talhada em volta do queixo; camisa muito lavada, peitos abertos e tres grandes botões de brilhantes; no trajo combinavam-se as variegadas côres d'uma ave da America; e o ouro, distribuido com profusão por todos os accessorios da sua pessoa, attestava os bons resultados dos seus quarenta annos de Brazil. Passeava pela aldeia de chinelos de marroquim verde ou sapato de tapete, e era tal n'elle a delicadeza do andar, que voltava a casa sem que uma mancha ennodoasse a alvura das suas meias de algodão fino. Aos domingos e dias de festa indignava a relva dos caminhos, calcando-a com bota de polimento.

Além d'estes dois e do nosso conhecido Zé P'reira, que bebia, em silencio, ao pé do taverneiro, havia um padre, coadjutor da freguezia, dois lavradores abastados e já de avançada idade, e outros que deixaremos confundidos na massa indistincta dos comparsas.

No momento, em que entramos, usava da palavra o brazileiro, que estava sentado á porta da taverna, na mais limpa cadeira do estabelecimento.

—Pois é verdade—disse elle—fomos todos da mesma creação. O conselheiro Manoel Berardo sahiu d'aqui para Lisboa um anno depois de eu ir para o Bra-

zil. Andamos ambos na mesma escóla, que era a do padre Joaquim, alli pelo sitio da Corredoura. Vossemecê ha de estar lembrado, snr. Luiz—accrescentou, dirigindo-se com a affabilidade protectora que o caracterisava, a um dos lavradores.

—Ora se estou! muito bem. Era na casa, em que hoje mora o Chico da Luciana.

—É verdade que sim. Pois alli andei eu e o conselheiro e aquelle ratão do Vicente, herbanario, que era já rapaz taludo. Lembra-me, como se fosse hoje, de quando jogavamos todos tres a pedra no terreiro da Corredoura.

—Olha lá, hein!—diziam os dois lavradores com um sorriso cortezão nos labios—então com que o snr. Seabra tambem jogava a pedra! Eh! eh! eh!...

—Ora, como um homem. Eu fui levadinho da bréca. Boa sóva levei de minha mãe, por causa d'umas calças novas que rompi.

—Ora vêdes!—diziam os outros.

—Ai tempos, tempos!—disse, suspirando, o brazileiro.

—Quem havia de dizer então ao que v. s.ª e o conselheiro tinham de chegar!—notou lisongeiramente o snr. Bento Pertunhas.

—Eu sim—respondeu com toda a sua modestia o brazileiro.—A que cheguei eu? Comi candeias accêsas pelo Brazil, para arranjar um bocado de pão para o resto da vida; com isso me contento. O mais, sou um pobre diabo, que ninguem conhece, um homem ignorante, sem principios. Elle é outra coisa.

—Não é tanto assim—insistiu Pertunhas—todos sabem que v. s.ª se quizesse...

—Olhe, meu caro amigo, eu conheço-me; se tivesse o juizo de muitos, que por ahi vejo figurando, então havia de me vêr na brecha; porque, não é por me gabar, mas não me tenho por menos do que muitos d'elles.

—Ora, pois não, não—disseram os lavradores, Pertunhas e o padre.

—Alguns que até ministros tem sido...

—Por essa estou eu...

—O conselheiro mesmo...—resmungou o padre, fungando uma pitada jesuitica—sim, aqui para nós...

—Tanto não digo—continuou o brazileiro, mais jesuiticamente ainda.—O conselheiro... vamos... Faça-se-lhe justiça. Eu não quero dizer que elle seja uma coisa por ahi além... sim... Que diabo tem elle feito a final?... Mas... Não é dos peiores, não é dos peiores. Faça-se-lhe justiça. Não é homem de grandes talentos... isso não; nem mesmo de grande fundo. Sim... Devemos confessar que esta é a verdade... Mas... emfim, vamos andando... Cada um faz o que póde—concluiu o brazileiro, depois de ter feito justiça ao conselheiro.

—No que elle tem andado mal é em prometter mais do que póde fazer. Ha quantos annos nos anda a fallar na estrada, e até hoje ainda nem palmo d'ella?—opinou Pertunhas.

—Meu amigo, engana meninos e chupa-lhe o pão: diz o dictado—ponderou o brazileiro.

—A fallar verdade!...—disse um dos lavradores—com a influencia que elle tem, podia...

—Ora adeus! palanfrorio—atalhou o padre—bem me fio eu na influencia do conselheiro.

—Eh! eh! eh!—respondeu o brazileiro, agradado do scepticismo do padre, e accrescentou com um sorriso velhaco:—Não, elle diz que falla com os ministros, que tal, que sim senhores, que domina o partido. Emfim... Elle lá o sabe.

—Para mim é que elle vem de carrinho...

—Eu não sei—concluiu com requinte de velhaquez o brazileiro.

—Pois eu cá—disse o snr. Joãozinho, que estivera bebendo em silencio, e descarregou um murro na banca, que fez tilintar os copos.—Eu cá já disse; se os taes homens das bandeirolas me tornam a passar por as terras, sempre lhes meço as costas com um marmeleiro, que lá tenho, e que já me serviu para varrer a feira de Sancto Estevão. Uns mariolas!...

E como para desafogar o pêso da sua amabilidade, despediu um pontapé a um podengo, que se lhe viera roçar por as pernas, e fel-o sahir ganindo.

—Dizem que vão principiar outra vez com os trabalhos das estradas—informou o taverneiro, enchendo de novo o copo ao snr. Joãozinho.

—Pois que vejam no que se mettem. Cautelinha commigo!—resmungou este—Faço como d'aquella vez em que eu e a minha gente queimamos toda a papelada da camara e do escrivão da fazenda.

—Agora no inverno é que elles hão de principiar com os trabalhos. Sempre se fia em boa!—disse, encolhendo os hombros, mestre Pertunhas.

—Vossemecê é que está a lêr—veio-lhe á mão o brazileiro.—Então não sabe que as eleições são em fevereiro?

—Ai, é verdade! não me tinha lembrado d'isso!—exclamou o padre.

—Tambem não sei como será d'esta vez essa historia das eleições—acudiu o snr. Joãozinho.—Cá eu e a minha gente inda estamos a vêr no que param as coisas. Eu já não estou para ser logrado. Até agora tenho dado ao conselheiro a freguezia em pêso, sem pedir nada, ou se pedi foi o mesmo que não pedisse. Vou curar-me de tolo; agora sempre havemos de entrar n'uns ajustes. Se o homem não estiver cá por umas contas, não anda o filho de meu pae.

—Ora adeus!—disse o padre cura—O conselheiro tem artes para o levar.

—A mim? Está enganado. Não querendo eu? Então vossê não me conhece. Em eu embirrando, sou como um borrego teimoso.

—Quando se falla em estradas, já estou a tremer—disse um dos lavradores.—O que ellas veem cá fazer é cortar-nos os campos, e a final não sei para que servem.

—Isso não é assim—atalhou o brazileiro, tomando uns ares cathedraticos, cheios de gravidade.—Vossemecê é ignorante e por isso é que falla d'esse modo.

—Eu digo...—tartamudeou intimidado o lavrador.

—Pois sim; mas não deve metter-se a fallar em coisas que não entende. As estradas não servem para nada! As estradas são meios de communicação e... facilitam

o... o... o trafego commercial e augmentam por conseguinte a riqueza das nações... Porque o trabalho representa um capital..., sim, senhores, mas... mas um capital... sim... um capital morto... quero dizer um capital que não vive... Quero dizer... sim... supponhamos: o credito por exemplo... O credito..., sim... ahi está o credito... Pois que é o credito?... O credito é... é o credito... depende de muitas coisas... Por outra, supponhamos... se nós não tivessemos estradas... Uma supposição... Partamos d'um principio. A producção excede o consumo... Quero mesmo que o consumo exceda a producção... Sim, quero mesmo isso... Muito bem... D'ahi que resulta? Está claro que um desequilibrio. E depois?... Depois, boas noites... Não havendo estradas... Ahi está que se diz por ahi que a livre exportação, que tal, que sim senhores... mais isto, mais aquillo... Pois não é assim. É preciso que se attenda tambem ás condições economicas dos povos. Sim... eu digo: O commercio deve ser livre... Muito bem... Em termos já se sabe... Mas... o commercio livre... a livre troca... entendamo-nos... É preciso clareza de ideias... Quando eu digo que... Ora supponhamos... supponhamos que não havia estradas... Os transportes eram mais difficeis e portanto mais caros... E se além d'isso os generos fossem escassos e... Diz vossemecê, para que servem as estradas? Ora diga-me uma coisa, snr. Manoel, supponhamos que... os impostos indirectos... não precisamos d'ir mais longe... os impostos indirectos... Sempre queria que me dissesse o que havia de fazer?

—Impostos, Deus me livre d'elles!—murmurou o lavrador, cujos instinctos trepidaram á palavra «impostos.»

—Isso tambem não é assim... Deus me livre! Não se diz Deus me livre, porque a riqueza... a riqueza... sim; a riqueza não está na terra... isto é, a riqueza está na terra... mas é preciso o capital para a exploração... Percebe?... Ou... supponhamos... por exemplo... Não... vamos cá por outro lado... Ha um *deficit* n'um orçamento... desce o preço das inscripções... Ora bem...

Mas... supponhamos que ha boas estradas, *et cætera*... A riqueza tende a augmentar... e... e... Emfim lá que as estradas são uteis, isso é que não tem questão.

Toda esta lenga-lenga economica foi escutada pelo auditorio com profunda attenção.

O brazileiro, assignante e leitor infallivel de varios periodicos politicos, conseguira, á força de leitura, fixar na memoria certas phrases de artigo de fundo, e acabara por convencer-se de que possuia grandes noções de sciencia politica. Em occasiões como esta dava uma sacudidela ao intellecto e aquellas phrases, como os variados objectos do interior d'um kaleidoscopo, tomavam uma disposição tal ou qual, mais ou menos regular, e assim lhe sahia uma dissertação, como essa que viram. Em permanente indigestão economica vivia este portento. A doença não é das mais raras entre politicos.

O snr. Joãozinho das Perdizes abriu desmesurada e ruidosamente a bôca, depois do discurso do brazileiro, e disse:

—Eu cá por mim não sei d'essas coisas. Não se me dava das estradas para poder ir á feira de Penafiel com menos trabalho, mas, já disse, que me não venham mexer na quinta; porque então teem que vêr.

—Pois está arriscado a isso—disse o brazileiro.

—Veremos; depois não se queixem. Temos a historia da papelada outra vez.

—Houve a ideia de levar a estrada pela Corredoura fóra, depois de tomar á esquerda pelo Castro e vir direito á Palhoça. Não tinha cruzes nem cunhos. Ia-me parte da propriedade.

—Ah! ah! ah! Tambem não gosta? Diga-me d'isso! —berrou o snr. Joãozinho.

—Não é não gostar; é que o traçado era pessimo.

—Não sei porquê.

—Só a expropriação da minha quinta por que preço não lhes ficava?

—Elles, para esses casos, lá teem umas leis a seu modo—notou o padre cura.

—E por onde ha de ir então a estrada?

—O outro traçado, que eu aconselhei ao engenhei-

ro, parte da herdade do capitão-mór, faz um viaducto nos lameiros, atravessa o pinhal do Conego, passa o rio n'uma ponte e...

—Oh com os diabos; o que ahi vai!

—Não é tanto como parece; sendo as obras bem dirigidas... Até aos lameiros só tem a deitar abaixo a casa e o quintal do herbanario.

—Deitar abaixo a casa do herbanario! O pobre diabo rebenta de paixão, se tal fazem—disse, com certa commiseração, o snr. Joãozinho das Perdizes, que tinha por o herbanario uma sincera affeição e respeito, n'elle excepcional, desde que lhe attribuia a cura de um typho, que o tivera ás portas da morte, e de que o velho, dizia elle, o salvara, com uns cozimentos sómente d'elle sabidos.

—Ora adeus! Antes d'isso morre o homem de doudice. Está maluco de todo—redarguiu o brazileiro.

—Tambem está um bom magico, está—notou o padre.

—Quer não, que sabe mais do que todos os medicos—acudiu o snr. Joãozinho das Perdizes;—a mim me livrou d'uma maligna. Oh que excommungada!

E principiou a fazer a historia da sua doença.

Os lavradores concordaram em que o homem era sabedor; mas attribuiam-lhe mais mysteriosa sciencia, do que a da medicina.

—Pois é a final por onde deve ir a estrada—continuou o brazileiro;—tinham ainda o campo dos Brejos do conselheiro, mas n'isso não se falla, já se sabe.

—Ora! pois está de vêr—concordou o padre.

—E o conselheiro não se ha de oppôr á expropriação da casa do herbanario, porque pelos modos elles não andam muito correntes—lembrou um lavrador.

—É verdade; porque seria aquillo?—perguntou outro.

—Elles em tempo eram muito um do outro; e são até aparentados—explicou o brazileiro;—e o velho ainda hoje é tractado com familiaridade pela gente do Mosteiro; mas julgo que o homem, com aquelle genio exquisito que tem, disse algumas verdades ao conse-

lheiro, por occasião d'umas eleições, quando elle pôz as authoridades a trabalhar por si, e o velho entendia que as coisas não iam bem assim.

—Pois, com os diabos, o Vicente herbanario vale mais do que vinte conselheiros e toda a familia—exclamou o snr. Joãozinho, batendo outra punhada;—e queira elle, que o tal senhor não põe mais o pé nas camaras, mandado cá pela terra.

—Eu gósto de os ouvir—disse o padre;—fallam assim, mas em chegando a occasião, vão todos votar n'elle, como carneiros.

O brazileiro encolheu os hombros e sorriu, como confirmando o dito.

—Pois havemos de vêr o que será!—berrou o snr. Joãozinho—Isso é consante cá umas coisas.

—A fallar a verdade—disse o Pertunhas—não tem pago muito bem ao circulo o nomeal-o ha tantos annos seu deputado; só essa teima agora em querer obrigar o povo a enterrar-se no cemiterio!

—Essa a fallar a verdade!—disse um lavrador.

—Quero vêr se me hão de enterrar a mim!—disse ameaçadoramente o snr. Joãozinho, como se esperasse, ainda depois da morte, impôr as suas vontades á força de murros e de pragas.

—Deram-lhe para dizer que fazia mal enterrar nas igrejas. É moda e acabou-se. D'antes enterrava-se lá toda a gente e não havia mais doenças do que agora—isto dizia o padre.

—Os romanos tinham as suas catacumbas—ponderou o mestre de latinidade, forçando as suas reminiscencias romanas.

—Vamos—ponderou o brazileiro, como quem vira pretexto de fazer novo discurso e como homem que punha acima dos despeitos a verdade scientifica.—O enterrar nas igrejas é anti-hygienico; porque os chimicos sabem que... o ar que não é puro... é mau para a saude publica. Ora os cadaveres... em putrefacção produzem uns vapores que corrompem o ar... Ha uns insectozinhos invisiveis que a gente respira... e vão para a massa do sangue e corrompem-na... e o resultado é a febre...

porque a febre são os humores a ferver... como o vinho no lagar... e se sahem, muito que bem; e se não sahem, ficam retidos e azedam o corpo todo.

A theoria physiologico-pathologica foi recebida com attenção igual á que merecera a economica.

—Tùdo isso será assim—disse o padre;—mas o conselheiro faz aquillo por instigações das lojas maçonicas e dos pedreiros livres.

—Pois elle será tambem?...—disse um dos lavradores, arregalando os olhos assustados.

—Ora que duvida! Pois aquella gentinha é toda da sucia.

—Corja!—resmungou o snr. Joãozinho.

O brazileiro, que se filiara no Brazil na maçonaria, fez um discurso sobre os fins da sociedade, que ninguem entendeu; vendo, porém, que não càlavam nos animos aquellas doutrinas, mudou repentinamente de rumo.

—Elle não será mação—disse d'ahi a momentos o padre—mas é vêr o que elle tem defendido nas camaras; queria roubar ás irmandades e ás freiras os bens que ellas possuem, appeteceu-lhe o exemplo do cunhado, que se encheu com a compra do Mosteiro; queria acabar com o sancto sacramento do matrimonio; queria que cada qual seguisse a religião que muito bem lhe parecesse. Vejam que christão aquelle!

Estas novidades abalaram os lavradores, que formularam algumas palavras de censura.

—E tambem fallou para acabar com os morgados e com os vinculos.

—A fallar a verdade, os vinculos...—murmurou o snr. Joãozinho, que por vezes tropeçara nas disposições da antiga lei vincular, ao caminhar na estrada da dissipação; porém, recordando-se de um irmão que tinha, casado e pae de muitos filhos, que mal conseguia sustentar á custa de muito trabalho, a ideia da abolição dos morgados não lhe sorriu e exclamou com nova punhada:

—Acabem lá com os morgados quando quizerem, que o que eu lhes digo é, que tem de se haver commigo quem quizer tirar-me um palmo de terra!

O padre cura continuou a tractar pouco christãmente o conselheiro.

O pae de Magdalena militara sempre, como já dissemos, nas fileiras do partido mais liberal, e por isso era-lhe em geral pouco affeiçoada a maioria do clero, que, entre nós, não espósa ardentemente aquellas ideias.

No principio da sua carreira parlamentar, cedendo ao impulso do enthusiasmo juvenil, o conselheiro desenrolara desassombradamente a bandeira do partido progressista e pronunciara os mais absolutos artigos d'aquelle credo politico; liberdade era então o seu mote favorito: a liberdade do commercio, do ensino, da imprensa e dos cultos; as reformas consequentes nos codigos, a desamortisação e desvinculação da propriedade, tudo advogara com enthusiasmo, no tempo em que estas palavras soavam ainda como heresias aos ouvidos habituados á lettra de outro cathecismo.

Com o tempo arrefeceu porém esse enthusiasmo; dissipou-se-lhe com o fogo da mocidade. Com quanto liberal ainda de convicção, ensinou-lhe a politica pratica a rebuçar em formulas mais ordeiras os seus principios doutrinarios, a contemporisar e até quando as conveniencias, infelizmente nem sempre as publicas, o pediam, a dar alguns passos de retrocesso e a transigir com o partido opposto.

Se o fizessem ministro não se arrojaria a transformar em projecto de lei nenhuma d'aquellas medidas por que pugnara nos seus primeiros discursos, e que tantas malquerenças lhe acarretaram então.

Já atraz dissemos que o conselheiro era actualmente um espirito pouco apaixonado do ideal, respirava a atmosphera de desillusão e de scepticismo, em que nas grandes cidades se vive. Era um perfeito homem de côrte; tractava cordialmente os seus adversarios politicos, pedindo d'elles mercês e empregos para afilhados; fulminava-os ás vezes da tribuna e depois apertava-lhes a mão nos corredores das camaras e nas praças. Se o julgava vantajoso, pronunciava ainda uma d'aquellas phrases sonoras, uma d'aquellas sympathicas divisas de politica avançada, que no principio da sua carreira ado-

ptara com sinceridade; mas não tinha já aos principios o amor preciso para cahir, abraçado n'elles, dos degraus do poder, se algum dia os chegasse a subir.

Por isso os soldados rasos do seu partido, os politicos em abstracto, unicos para quem a politica é sempre ideal e logica, o taxavam de froixo e tibio; e de gazeta na mão havia muito que lhe dictavam, do obscuro canto do paiz em que viviam, a estrada direita, de que elle, porém, a cada passo, se desviava.

Apezar d'isso, o partido conservador e o reaccionario, julgando-o por os seus primeiros dircursos, continuavam, de boa ou de má fé, a acoimal-o de impio, de republicano e de pedreiro livre.

O brazileiro entrou em dissertação a respeito de todas as medidas politicas a que se alludira.

Segundo o costume, ninguem o entendeu.

Ia elle no mais enredado da sua meada oratoria, quando o som d'um tropear de cavallos o interrompeu. Mestre Bento, que fôra espreitar á porta, voltou-se, exclamando:

— Elle ahi vem! ahi vem o conselheiro!

Todos se levantaram pressurosos para correrem á porta. O que mais de má vontade o fez foi ainda assim o brazileiro.

Dentro em pouco todos se descobriam. Parava á porta o conselheiro, que montava um soberbo cavallo branco, e ao lado d'elle Angelo, n'um pequeno baio de fórmas elegantes e olhar vivo.

O conselheiro cortejou com affabilidade palaciana os seus amigos e patricios, dizendo a cada um uma phrase lisongeira, que dissipou quasi todo o effeito da conversa que descrevemos.

Depois, fazendo signal ao filho de que podia seguir para casa, dispôz-se para entrar na venda.

XII

O conselheiro levou a sua attrahente urbanidade até se sentar nos bancos de pinho do estabelecimento de Damião Canada, envernizados já pelo uso de muitos annos.

Entre os circumstantes era qual mais o cumprimentava e opprimia com attenções e o flagellava com obsequios.

O conselheiro revestira-se, com muito estudo, d'uma physionomia satisfeita e sem sombras de reserva; tractando a todos por amigos, e conversando com aquella familiaridade, tão sabida de candidatos a procuradores do povo, nos circulos que pretendem representar. Até chegou a levar aos labios o copo de vinho, que um lavrador lhe offereceu.

Não se lhe percebia porém no rosto, ao fazer isto, o menor vestigio de artificio; e, ao mesmo tempo, mantinha-se ainda n'elle tão apparente a superioridade intellectual, que os seus interlocutores nunca excediam os limites da deferencia. O pae de Magdalena era um perfeito homem de côrte: presença agradavel, modos insinuantes, palavras tão astuciosamente lisongeiras, que desvaneciam os proprios que como taes as tinham.

Alvejavam-lhe já algumas cãs nos cabellos e suissas, que usava talhadas á moda ingleza; principiava a predominar-lhe nas fórmas certa rotundidade caracteristica; mas no esmero e até elegancia, distincta de casquilhice pretenciosa, com que vestia, no porte airoso, nos movimentos ageis, no olhar penetrante como o de poucos, e

na viveza das conversas, havia ainda tantos signaes de vigor e de virilidade, que ninguem se sentia obrigado a estranhar-lhe certos habitos de rapaz, que não perdera ainda.

Em Lisboa passava o conselheiro por ser um homem bemquisto das damas, e, não obstante os seus cincoenta e cinco annos, acreditava-se que assim fosse, ou quasi se adivinhava, ao primeiro olhar lançado sobre elle.

Possuia o dom especial de se encontrar á vontade em toda a parte, desde o mais perfumado gabinete da moda, até o menos asseiado local d'um comicio popular. Nas camaras com graves diplomatas, nos cafés com rapazes estouvados, na sua aldeia com eleitores absurdos, com actores e actrizes nos bastidores, com padres nas sacristias, com militares nos quarteis, em toda a parte e com todos se achava este homem á vontade, acabando, quasi sempre, por captar sympathias.

Podia dizer-se d'elle, que com igual pericia e rara consciencia da opportunidade, jogava todas as armas: o galanteio cortezão, a phrase conceituosa, o equivoco subtil, a anecdota picante, o estribilho popular, a figura oratoria, a maxima moral, e até a praga energicamente expressiva; mas, como os espadachins de profissão, jogava-as todas com frieza d'animo, cada qual na occasião opportuna e com perfeita observancia do que o mundo chama conveniencias sociaes.

Muito tinham que fazer com elle os La Bruyères, que, a cada passo, ahi encontramos no mundo; illudia os mais atilados. Ás vezes parecia abrir-se tão do intimo, tão completamente e sem condições nem reservas; havia tal unção de sinceridade nas palavras, com que fallava de si, dos seus projectos, dos seus sentimentos, que o mais desconfiado jesuita sentir-se-ia tentado a acredital-o e nem sempre se enganaria; outras, fallava verdade, mas com taes hesitações na voz, com tal mobilidade no olhar que, ao consideral-o, a mais ingenua creança experimentaria o despontar da primeira duvida.

Já se vê que um homem d'estes era um contendor de muita força, para poder ser combatido por qualquer dos influentes locaes; o proprio brazileiro, apezar de

toda a sua economia politica, ainda nada podéra contra elle; nem ousara romper hostilidades com receio de ficar vencido.

Durante os poucos momentos, que o conselheiro se demorou na loja do Damião Canada, soube desvanecer muitas das sombras, que a conversa que precedera a sua chegada havia gerado em alguns espiritos. Tres ou quatro lisonjas, outras tantas promessas, alguns conselhos modestamente pedidos com fingida ingenuidade, serviram-no perfeitamente.

Deixemol-o nós na laboriosa e pouco invejada tarefa de manter a popularidade, e vamos seguir Angelo, que se separou do pae á porta da venda, para chegar mais depressa ao Mosteiro.

Mettendo a galope o pequeno baio que montava, dirigiu-se para casa com aquelles alvoroços do coração, que conhece quem já foi estudante e se recorda ainda do que experimentava ao vêr de longe despontar o telhado da casa paterna, onde vinha gozar as delicias d'umas almejadas férias.

Angelo tinha por este tempo treze para quatorze annos. Era uma agradavel figura de creança, expressiva de intelligencia e de vida. Tinha nas feições um mixto da delicadeza de Magdalena e da energia varonil, e ao mesmo tempo attrahente, do conselheiro.

O cabello louro e curto levantava-se-lhe graciosamente em anneis naturaes, com grande vantagem para a espaçosa e bem modelada fronte.

Quando Angelo chegou ao pateo, era quasi noite fechada. As janellas do Mosteiro estavam todas obscuras, á excepção das das aguas furtadas, correspondentes aos quartos das creanças. Angelo desmontou e cautelosamente se dirigiu a pé para casa.

Torquato dormia á porta, como frequentemente lhe acontecia.—Angelo pôde assim penetrar sem ser percebido até o mais intimo da casa, até os aposentos onde dormiam as creanças, e em cujas janellas avistara luz.

A scena que viu, ao entrar alli, insinuou-lhe no coração uma suave e consoladora alegria.

O mais novo dos seus primos, creança de tres an-

nos, estava meio nu e de joelhos sobre o leito, com as mãos erguidas e os olhos fitos em um crucifixo que tinha á cabeceira. Magdalena, ao lado d'elle, dictava-lhe as palavras da oração, que a creança repetia, cheia de fervor.

Nos quartos proximos palravam, ainda acordados, os mais velhos, apezar das continuadas advertencias da prima.

Angelo aproximou-se sem ruido, e quando a morgadinha se abaixava para beijar a creança, elle estendeu a cabeça e poisou tambem um beijo nas faces da irmã.

Magdalena soltou uma exclamação de surpreza e cingiu-o nos braços com effusão.

A creança levantou um brado, que foi o signal de revolta dado a Marianna e a Eduardo, que cedo abandonaram os quartos e correram a abraçar Angelo.

—Vens só?—perguntou Magdalena ao irmão, quando uma pergunta lhe foi possivel.

—O pae ficou na loja do Canada—respondeu Angelo.—Estava em sessão a assembleia dos notaveis. E como estás tu, minha Lena, tu e Christe e a tia? Como vai toda esta gente?

—Anda tu mesmo sabel-o.

—Eu vou dizer á mamã—disse Marianna, sahindo aos saltos.

—Eu vou chamar Christe—disse Eduardo, imitando-a.

E sahiram ambos, pregoando a chegada do primo.

O pequeno que Magdalena deitara, pedia, chorando, para se tornar a levantar, requerimento que, a rogos de Angelo, foi deferido.

—Dize-me—continuava no entretanto este para a irmã—tens-te enfastiado muito, aqui só?

—Não; tenho-me divertido até.

—Devéras? E que fazes? Em que passas o tempo?

—Eu sei? O tempo é que passa, sem eu dar por isso. Leio pouco, passeio muito, trabalho mais.

—Que tens lido?

—Quasi sempre relido.

—O quê?

—Nem eu sei já. O primeiro livro em que poiso a mão, quando os vejo sobre a mesa.

—O Augusto tem vindo ensinar os pequenos?

—Todos os dias.

—E o tio Vicente? Que me dizes d'elle?

—Vai bom. Cahiu no outro dia á levada da raiz do monte; valeu-lhe Augusto para o salvar.

—Sim? Pobre homem! Olha n'aquella idade! E a tia Dorotheia?

—Tem de hospede um sobrinho de Lisboa, um Henrique de Souzellas; conheces?

—Eu não.

—É provavel que por ahi venha. A tia Victoria insiste em que lhe chamemos primo. Aviso-te d'isso.

—Sim? E a tia? Ralha ainda muito com os criados?

—Coitada! Achei graça, ha dias, á Joanna, que com muita ingenuidade se me veio queixar de que ella até o anjo da guarda lhe occupava em serviço proprio. Tu sabes que a tia, quando está com muito somno, tem aquelle costume de dizer ás criadas, que a encommendem ao anjo da guarda d'ellas. Mas vamos.

—Espera... e... e o Cancella trouxe-vos aquellas encommendas?

—Trouxe.

—É verdade; e a filha d'elle? A Lindita?

—Já cá me ia tardando a pergunta—notou a morgadinha, rindo.—Essa anda contente, como quem nada tem a penalisal-a; nem saudades.

—Ora vamos, Lena; não te perdôo a malicia.

—Então devéras esse coração está assim tomado?

—Não te informo do meu coração, que o não levo commigo, quando d'aqui vou. Cá me fica; e uma grande parte d'elle no teu poder. Eu sou que pergunto: em que estado m'o entregas?

—Muito doente.

—Sim? E o teu?

—O meu? Ah! nem eu sei d'elle. Olha; isto de corações são como as creanças. As travêssas tantos cuidados dão ás mães, que a todos os instantes querem saber o que ellas fazem e onde estão; as socegadas ins-

piram tal confiança, que nem sequer n'ellas se pensa. O meu coração é um modelo de serenidade.

—Então ainda nenhum cavalleiro errante ou trovador...

—O sitio é pouco abundante em heroes. O unico d'estas immediações, capaz de ferir a imaginação e commover os affectos d'uma mulher, é o snr. Joãozinho das Perdizes; mas esse é um Actéon insensivel, que...

—É verdade—disse Angelo, rindo—lá vi tambem esse javali na venda do Damião Canada. Mas... Não sei que pense, Lena. Eu ainda um dia te hei de dizer umas coisas.

—A mim? A respeito de quê?

—Do teu coração.

—Que sabes d'elle?

—A seu tempo o direi.

—Como te vieram essas presumpções de conhecedor dos corações alheios? Não tinhas isso, quando d'aqui foste.

—Ás vezes vê-se melhor de longe.

—Os de vista cansada... de muito vêr.

—Bem; depois fallaremos. Vamos lá ter com a nossa gente, que o pae não tarda ahi.

De facto, meia hora depois, estava a familia toda reunida n'uma das salas principaes da casa.—O conselheiro, sentado n'uma cadeira de braços, tinha ao collo Marianna; Christina, a pé, encostava-se-lhe familiarmente ao hombro; a morgadinha, sentada em tamborete baixo, apoiava o braço, em que recostava a cabeça, em um dos joelhos do pae. Do outro lado da sala, D. Victoria, sentada no sophá, servia de travesseiro a um dos pequenos que, apezar de prometter estar acordado, para que o deixassem ficar a pé, adormecera. Junto d'este, Angelo fazia frequentemente rir sua tia e Eduardo, com as historias que lhes contava.

A conversa cedo se generalisou. Era uma d'essas conversas intimas, familiares, em que se referem as mais insignificantes circumstancias da vida domestica; conversas cujo suave perfume só em familia se aprecia.

Pobre do estranho que por acaso se encontra n'um

d'esses circulos apertados pelos estreitos laços da amizade e do parentesco, e se vê obrigado a ouvir a minuciosa chronica das occorrencias da casa, que não é a sua! É uma pathetica illusão a de certas familias, que imaginam que para todos é de igual interesse a narração dos successos domesticos, que tanto as deleitam, e com ella entreteem o primeiro indifferente que se lhes depara; tudo trazem á luz, o dito agudo da creança de tres annos, os incommodos que soffreu na primeira dentição, as espertezas do gato favorito, as razões ponderosas que aconselharam a mudança d'um movel, a combinação economica que favoravelmente modificou o orçamento domestico, a reforma nos processos culinarios consagrados pelo habito de muitos annos, o exame comparativo da conserva d'um anno e da do anno antecedente, os defeitos e qualidades d'um criado e mil outras pequenas coisas, que é forçoso escutar com ares de quem as acha curiosissimas, o que obriga a esforços sobrehumanos.

É natural aquella illusão; e pathetica a dissemos nós tambem, porque os que mais de coração se entregam á vida domestica, são os mais sujeitos a ella. Todos estes episodios futeis e pueris os preoccupam e deliciam mais do que as mais estranhas peripecias, que ainda concecebeu a imaginação de romancista fecundo. E quem se lembra de que é individualissimo esse interesse, inherentes á pessoa e não aos factos as causas que tão curiosos lh'os fazem ser?

Eu e o leitor, estranhos á familia do Mosteiro, vêr-nos-iamos, se fossemos escutar todo o dialogo que se travou na sala, na posição da pessoa indifferente que imaginamos a aturar um d'esses relatorios domesticos, a que sobretudo são tão inclinadas as mães de familia.

É verdade que o conselheiro parecia achar curiosa a conversa; e o conselheiro tinha visto e ouvido tanto no mundo, que o que elle achasse curioso é porque realmente o era. D'esta vez, porém, damol-o por suspeito, porque o conselheiro tinha coração e, quando esta viscera se alvoroça com affectos, as intelligencias mais elevadas teem d'estas sympathicas fraquezas.

O politico, o diplomata reservado, ficava fóra do portão da quinta do Mosteiro; alli dentro, n'aquelle circulo de affectos, era o pae extremoso, o homem de familia, ingenuo, sincero, aberto a todos, porque em todos confiava, contente por não ter de estudar na expressão dos rostos os pensamentos que se guardam; nas palavras o sentido, que n'ellas não vem explicito.

Era um salutar descanso dos continuados esforços da sua vida de Lisboa; lá a lucta; aqui o repouso.

Por isso ouvia com attenção e applaudia com vontade as narrações da cunhada, de Magdalena, de Christina e até da pequena Marianna.

E apezar de todo este encanto, em que parecia cahir, o conselheiro não poderia resignar-se a trocar por elle para sempre o vertiginoso movimento da sua vida politica.

Eram-lhe já necessidade aquella contentação, aquelle esforço de espirito, aquellas desconfianças continuas, aquelle jogo de astucias, que lhe tomavam em Lisboa todo o tempo.

Quinze dias no campo bastavam para o fazerem suspirar por as lides e o afan da capital; nem os affectos da familia o retinham.

A politica é uma embriaguez; nos intervallos em que o espirito se sente desanuviado dos vapores em que ella o envolve, pesam-nos os desacertos a que fomos arrastados; o desgosto do mal feito insinua-se-nos no coração; cedo, porém, a violencia dos habitos subjuga os remorsos da consciencia, e de novo nos arrasta.

O caracter intimo da conversação foi levemente modificado por a entrada de D. Dorotheia e de Henrique de Souzellas, que de Alvapenha vieram visitar o conselheiro, mal tiveram noticia da sua chegada.

O conselheiro acolheu com jovial cordialidade a senhora de Alvapenha e com delicada franqueza Henrique, que elle conhecia de Lisboa. Frequentavam ambos os principaes circulos da capital e, por mais d'uma vez, tinham trocado algumas palavras ou tomado parte em conversas e discussões communs.

Passado algum tempo depois dos cumprimentos, o

serão animou-se de novo, fragmentando-se porém a conversação.

D. Victoria tomou á sua parte D. Dorotheia e passou a fazer-lhe amargas queixas a respeito dos criados do Mosteiro, ao que D. Dorotheia acudiu com conselhos de resignação christã.

Angelo conversava com Magdalena e Christina, a quem frequentemente fazia rir.

Henrique e o conselheiro, proximos do fogão, estavam empenhados n'um dialogo muito animado.

O conselheiro parecia estar fallando com uma sinceridade e candura que surprendiam Henrique, que ainda o não tinha observado por esta face.

— É uma triste verdade — dizia por exemplo o conselheiro n'um ponto adiantado da conversa, referindo-se a algumas considerações de Henrique sobre a felicidade d'aquella vida do Mosteiro. — Tenho esta familia que vê; todos me querem sinceramente aqui, e não sei resistir á fatal necessidade que me arranca de todos estes braços para me lançar ao turbilhão da politica e d'isso que se chama o mundo! Pois amo devéras a minha Lena, creia.

— É um dever que cumpre. N'estes tempos de má fé politica, quem se sente com a coragem de se votar, corpo e alma, á defeza despreoccupada dos bons principios...

Nos labios do pae de Magdalena passou um ligeiro sorriso, meio de descrença, meio de melancolia.

— Defeza despreoccupada? Isso é quando Deus quer — respondeu elle. — Olhe, Henrique, visto que me veio encontrar em minha casa, a cuja porta eu deixo, ao entrar, todas as mascaras e artificios, de que uso no mundo, vai vêr em mim o homem que talvez não esperasse e que, já lhe digo, debalde procurará reconhecer um dia, se me observar outra vez em Lisboa. O que lhe vou dizer não lh'o diria, nem lh'o repetirei lá. É verdade que estes ares do campo tambem actuarão em si para me apreciar e tomar á boa parte a franqueza. Lá não acreditaria n'ella; se por acaso não a aproveitasse como arma politica contra mim...

—Pois julga?...

—Peço perdão se o offendi com isto. Não era esse o meu intento, mas é pratica tão geral!... Se um dia fôr politico, o que lhe não desejo, dir-me-ha.

Dizendo isto, fez uma curta pausa na conversação.

Rompendo de novo o silencio, o conselheiro proseguiu:

—Mas fallava ahi de principios, que se defendem com desassombro e atravez de tudo. Não sei se quiz ser lisongeiro e disse o que não sentia, ou mais do que o que sentia. Em todo o caso, eu, aqui no Mosteiro, acho-me muito ás ordens da minha consciencia, a qual não me deixa calar hypocritamente. Estou muito longe de ser esse ideal do homem politico, a que alludiu. Humildemente o confesso; até porque, se quizesse sêl-o, arriscar-me-ia a achar-me só, não teria partido. Porque, qual é o que vê ahi nas condições de constancia de opiniões que disse? Tenho crenças politicas, é verdade; espóso no coração certos principios, que quizera vêr realisados, mas não combato por elles a todo o transe, nem por elles affrontaria o supplicio; antes, por vezes, entro em transacções, que são a completa negação da divisa das minhas bandeiras. E este peccado não sou eu só que o commetto; é um peccado venial da nossa época. As grandes ideias, que definem e extremam os campos na politica, havemol-as eu e os mais calcado muitas vezes aos pés, para sustentar umas insignificantes formulas, um interesse mesquinho, um capricho pessoal. A politica desce muitas vezes a isto. E ninguem é isento de culpa n'este mal. Para elle concorrem os mesmos que de fóra nos julgam severamente. Ha muitos d'estes peccados na minha carreira publica. E, quer que lhe diga, sabe quando vejo claro n'elles? quando me persuado de que não são de todo desculpaveis? quando... porque o não direi? quando sinto remorsos de os ter commettido? É aqui, é perante a boa fé, a sinceridade, a candura d'esta familia, que me tem amor e que me considera um homem perfeito, superior, impeccavel. É perante os generosos sentimentos da minha Lena e o caracter nascente d'aquella creança—e indicava Angelo

com o gesto.—Parece-me que tenho n'elles juizes inflexiveis e escondo por isso a minha face politica dos seus olhos penetrantes. Ha muita coisa n'ella, para que o mundo é já indulgente, mas que receio que elles me não perdoassem.

Reparando para o olhar de estranheza, com que Henrique lhe seguia esta effusão de sinceridade, o conselheiro accrescentou sorrindo:

—Estou a vêr que não esperava estas palavras da minha bôca; esta confissão de peccador contrito.

—Confesso que não.

—Então que quer? Surprendeu-me aqui com o coração aberto. Já agora deixe-me continuar. Uma das ideias que mais me atormentam sabe qual é? Vê aquella creança que alli está? Angelo? É uma intelligencia que, de dia para dia, vejo formar-se com um vigor de vida, que me espanta. Não é a vaidade paterna que me cega, póde acreditar. Conhecendo-o de perto ha de dar-me razão. Mas o que ha além d'isso n'elle é um senso profundamente moral, raro até em idades menos tenras. Pois bem, quando penso n'elle por algum tempo, e conjectura que não serão poucas as vezes em que o faço... quando penso n'elle e no futuro, sobresalto-me. D'um lado, seduz-me abrir-lhe a carreira politica, onde ha grandes triumphos a embriagar as intelligencias e onde presinto que a d'elle terá o direito, senão o dever, de procurar um logar; mas, se me lembro de que na atmosphera d'aquellas regiões não duram muito estas primitivas canduras da alma, tão adoraveis e consoladoras, quando me lembro de que Angelo será um dia... o que eu já hoje sou, um pouco desilludido, um pouco sceptico... com franqueza o digo, hesito em impellil-o ao redemoinho e pergunto a mim mesmo se mais não valeria dizer-lhe: Angelo, vive obscuro e tranquillo n'este retiro do Mosteiro, conserva aqui a ideal pureza da tua alma e procura a felicidade nas satisfações do coração. A lucta da vida póde embriagar-te, filho, mas não te fará feliz.

—Mas não admitte possivel que um homem possa atravessar a vida politica, sem sacrificar um só artigo do seu primitivo credo?

O conselheiro esteve algum tempo silencioso, depois respondeu:

— É difficil. Se um dia, a força das circumstancias realisasse, como um phenomeno natural, uma revolução completa nas camadas politicas do paiz, a ponto de trazer á superficie d'uma só vez uma geração nova, impolluta, inspirada de sentimentos generosos e de sinceras crenças, então sim, não bastaria o tempo d'uma vida para produzir n'esses homens reunidos, que uns aos outros seriam ao mesmo tempo exemplo e vigilancia, a inquinação que eu receio. Mas lance esses mesmos homens, um a um, a sós com os seus principios e com os seus esforços, insulados no meio d'uma camada quasi toda composta de elementos velhos, e cada um, apoz uma lucta impotente de momentos, ou se retirará; fiel aos principios, mas desanimado pela inefficacia da sua intervenção, ou ficará, cedendo á corrente e deixando-se penetrar do espirito pouco ideal que rege as massas. Só um d'esses caracteres de excepção, que são raros na historia do mundo, é que poderia luctar e vencer na lucta. E a esperar tanto de Angelo não chega o meu affecto paterno.

— Não o fazia tão pessimista, snr. conselheiro — disse Henrique; — conceda-me que julgue em demasia carregadas as côres do quadro que me faz. Eu não creio que a corrupção...

— Se acha forte o termo substitua-o por... O que quizer, relaxação, tibieza de fé politica, indifferentismo... em todo o caso será uma doença social. Assim abrandada a força da expressão, não ponha difficuldades em adoptal-a. Não se me póde levar a mal o propôl-a, desde que principiei por me declarar affectado da lepra contagiosa.

— Nunca esperei encontral-o tão desilludido. Eu, que me não tenho ainda assim por demasiado crente, creio que quem entrar na politica sob a égide d'uma convicção profunda, póde...

O conselheiro interrompeu-o.

— Sabe a coragem mais admiravel? a de que menos exemplos existem? É aquella de que nos dá uma elo-

quente mostra a historia do aldeão de Danubio. Sahir um homem d'um canto retirado da provincia, um pouco montanhez, e escudado só da sua boa fé, achar-se de repente no meio d'um circulo luzido, illustrado, elegante, novo para elle, e ousar repetir alli aquellas fallas rudes, que tanto deliciavam o auditorio da sua terra; vêr o sorriso nos homens, que a seu pezar respeita, e poder resalvar as suas crenças d'aquelles sorrisos; sentir o ridiculo a seu lado, e ousar fital-o; ferirem-lhe os ouvidos, a cada passo, as vozes seductoras da moral elegante e facil, que hoje domina, e conservar-se fiel á austera e rude moral que lhe fallava entre o rumorejar das folhas da sua aldeia nas longas horas de vigilia e de estudo, que lá teve; cahir embora, mas cahir fiel á consciencia, como um leal cavalleiro da idade media cahia pela dama de quem trazia a divisa: é uma especie de lueta, para que não abundam lidadores. E nem sempre se deve lançar o labéo de traidores aos que mentem á sua antiga profissão de fé. A maioria cede com bôas intenções. O perigo está em chegar a persuadir-se de que as suas convicções eram sonhos, em perder o amor ás utopias. Eu confesso que só quando aqui estou é que sinto avivar, debilmente, o amor que n'outro tempo lhes tive.

N'isto annunciou-se a visita do snr. Tapadas, fazendeiro opulento e um dos influentes eleitoraes da localidade, creatura em corpo e alma do conselheiro, e tão visto em demandas e subtilezas de processos, como o mais rabula dos letrados. Demandista por gosto e officio, levava a sua paixão pela arte a ponto de comprar as demandas dos outros, só por o gosto de as tractar; especie vulgar no Minho, onde uma legislação especialissima, reguladora da propriedade rural, fomenta estas disposições no espirito dos camponios, das quaes os juizes são as miserandas victimas.

Depois de grande exhibição de cortezias, para a direita e para a esquerda, o Tapadas dirigiu-se ao conselheiro, que o fez sentar ao seu lado, concedendo-lhe todas as provas de deferencia e de amizade.

O homem que tão judiciosa dissertação acabava de

fazer sobre a politica abstracta, sentiu, na presença do recem-chegado, que de novo o abandonava o espirito da utopia e principiou a tractar com elle politica pratica, sob a feição mais mexeriqueira, que ella póde revestir.

Tractou-se dos pequeninos processos de preparar candidaturas, por força ou vontade dos representados.

Henrique deixou-os na conferencia e foi sentar-se ao pé das senhoras, no grupo formado por Magdalena, Christina e Angelo.

Escuso de referir o dialogo em que tomaram parte estes interlocutores; reproduziram-se n'elle os galanteios de Henrique a Magdalena, a leve ironia d'esta e as respostas timidas e silenciosos despeitos de Christina.

D. Victoria e D. Dorotheia entremetteram-se, dentro em pouco, na conversa, e desviando-lhe o curso, fizeram-na cahir sobre o assumpto das proximas consoadas.

Passado tempo, ouviu-se o conselheiro dizer, elevando a voz, para o Tapadas:

—Pois, meu caro Tapadas, que tenha paciencia este bom povo. Com isso é que eu não transijo. Ninguem é mais condescendente do que eu, menos no que póde arriscar a vida de muitos e entre essas as dos que me pertencem. O abuso ha de acabar. Por estes dias deve chegar uma portaria, mandando expressamente cumprir a lei. Consegui isso do governo. O cemiterio fez-se. Eu fui o primeiro a dar o exemplo, levantando alli o sepulchro para a minha familia. Depois d'isso, graças a um preconceito tolo, á má fé de alguns padres, á froixidão das authoridades e talvez a alguma incuria minha, ainda ninguem mais se enterrou alli. No entretanto quasi todos os estios se repetem os casos d'essas febres que a sciencia attribue em grande parte aos miasmas da igreja, onde a extrema devoção d'este povo accumula em certos dias, durante horas e horas, uma extraordinaria quantidade de fieis. Portanto, com isso não transijo. Hei de acabar com o abuso.

—Pois sim... mas agora na occasião das eleições... snr. conselheiro, não sei se faz bem.

—Para compensação tractaremos de apressar o principio das estradas: tambem o pude conseguir.

—Inda assim... Receio alguns motins.

—Reprimem-se.

—O peior é que ha de haver quem lance mão d'essa arma contra nós.

—Quem?

—Ora! não falta quem. Basta o missionario, que já prégou contra isso.

—Não tenha medo. Quando muito, algum motimzito sem consequencias. Leve-os por bem. E se fôr preciso, falle ao ouvido d'esse tal missionario... O homem que quer? Provavelmente alguma abbadia? algum canonicato? É preciso vêr isso.

—Elle diz que não quer nada.

—Bem sei, todos dizem o mesmo—disse o conselheiro com a sua descrença de homem politico.

Tapadas retirou-se mal assombrado. De facto a opinião publica era, por toda a aldeia, em extremo adversa aos cemiterios, e elle mesmo não estava de todo limpo do preconceito geral, mas a sua affeição ao conselheiro obrigava-o a digerir a disposição legal, conforme podia.

Depois d'elle se retirar, o conselheiro disse erguendo-se:

—Vem em má occasião a medida, vem; é arrojada para épocas eleitoraes; se houvesse um chefe habil que a aproveitasse, podia... Em todo o caso não transijo.

Eram dez horas quando se levantou a sessão, e Henrique voltou com a tia para Alvapenha.

XIII

Ao outro dia a impaciencia de Angelo não lhe permittiu longa demora no leito. Tardava-lhe o vêr todos aquelles sitios, tão seus conhecidos; arvores que uma por uma distinguia, sebes, atalhos de campos, e quebradas de montes. A custo o poderam reter para o almoço; resignou-se porém a não ultrapassar, até então, os muros da quinta. Logo porém que sorveu á pressa o ultimo golo de chá, partiu, veloz como uma lebre, sem nem sequer dar ouvidos á enfiada de recommendações de sua tia D. Victoria, que teimava em o querer prevenir, com sócos, gabão e guarda-chuva, de uma hypothetica mudança de tempo.

Angelo partiu. A tudo que via pelo caminho encontrava ligada uma recordação e uma saudade; mas seguia sempre, como quem não errava ao acaso pelos campos, antes era guiado n'aquelle passeio por um intento, que tinha pressa de realisar.

Atravessou grande parte da aldeia, cortejado, cumprimentado e festejado por quantos encontrava pelos caminhos, ou ás portas e janellas das casas, nos campos e nos ribeiros.

Chegou emfim á casa onde já dissemos morar o recoveiro Cancella e a sua filha Ermelinda.

Era evidentemente aquelle o termo proposto por Angelo ao passeio matinal, porque retardou o passo, á medida que se aproximava e parou á porta da casa.

Achou-a fechada, mas não lhe causou isso embaraço.

Como quem estava habituado a vencer estes estor-

vos, sondou resolutamente o muro do quintal, construido de pedras soltas, e dispôz-se á escalada.

Com a agilidade e destreza proprias de quem passou na aldeia os primeiros annos da vida, o irmão de Magdalena trepou sem vacillar até o alto do muro e n'um momento poisou os pés no chão do quintal.

Vendo-se dentro da fortaleza, olhou em redor com precaução e, com mais precaução ainda, se dirigiu para um bosquezito de larangeiras, que era o logar de recreio do pequeno horto.

Fôra motivo d'estas precauções o ter já avistado, por entre os troncos e a rama baixa das larangeiras, um vulto que se lhe figurou conhecido.

Assim se foi approximando sem que o presentissem e, occulto por detraz d'uma sebe de roseiras silvestres, pôz-se á espreita.

Era Ermelinda a pessoa que estava no laranjal.

Sentada sobre o tronco partido d'uma larangeira velha, que mezes antes havia sido derrubada, a filha do Cancella e afilhada da familia Zé P'reira, tinha todas as faculdades applicadas á decifração dos hieroglificos caracteres de um pequeno papel manuscripto, que segurava nas mãos, e lia a meia voz. De quando em quando interrompia a leitura e, erguendo a cabeça para o céo, parecia repetir o que lêra, como se pretendesse decoral-o.

Angelo applicou mais o ouvido, a vêr se alguma das palavras que ella declamava lhe revelavam a natureza do manuscripto.

De facto, d'uma vez, a pequena leu em voz mais audivel e elle escutou a seguinte quadra:

—Que lamentavel tragedia,
Que os meus olhos tristes viram!
E publicam minhas vozes
Aquelles que não ouviram!

E principalmente o rei,
Que se chama rei tyranno,
N'esta região remota
Do Egypto dilatado.

Depois de lêr isto, a rapariguita levantou a cabeça e repetiu:

—Que lamentavel tragedia
Que meus olhos tristes viram...

Angelo sahiu do escondrijo e, sempre vagarosamente, e com precaução, veio collocar-se por detraz d'ella, sem que fosse presentido ainda.

Tão perto chegou, que, por cima do hombro de Ermelinda podia já lêr as quadras que ella estava decorando:

—Tenho mil linguas, mil bôcas...

ia Ermelinda a continuar a lêr, quando uma respiração mais profunda de Angelo a fez desviar a cabeça.

Dando com os olhos n'elle, soltou um grito de sobresalto; depois sorriu e instinctivamente procurou esconder no bolso do avental o papel que lia.

Angelo segurou-lhe a mão.

—Que estavas a lêr, Linda?

—Não é nada...

—Deixa vêr.

—Não deixo.

—Porque não deixas?

—Para não ser curioso. Que modos são esses de andar a escutar a gente?

—Pois sim, sim; mas deixa-me vêr os versos.

—Não são versos. Quem lhe disse que eram versos?

—Pois não ouvi? Que era isso de tyranno e de Egypto, que dizias?

—Que ha de ser?—disse a final Ermelinda, dando-lhe o papel—São os versos do auto dos Reis. Sabe agora?

—Do auto dos Reis? Ai, sim; está a chegar o dia! Mas que tens tu com o auto dos Reis?

—É que este anno meu pae quer que eu seja a Fama.

—Viva! E que bonita Fama que vaes ser! E já sabes os versos?

—Estava a decoral-os.

—Tenho mil linguas, mil bôcas...

dizia Angelo, lendo no principio.—O que é pena é pôr uma chochice d'estas na bôca d'uma Fama como tu.

—Que está a dizer? Então os versos não são bonitos?

—Oh! pois não são!—exclamou Angelo, gracejando—São uma perfeição!

E tendo-os corrido com a vista, principiou a lêl-os com accentuação e emphase comicamente exageradas.

—Ora ouve lá:

Sabei que aquelle Herodes,
Lobo cruel carniceiro,
Tremendo de inveja pura
Lhe venham tirar o reino.

—Então que ha que dizer a isto?

E proseguiu:

Feria raios de fogo
De seus olhos com mudança;
E só pretende fazer
Alvo de sua vingança.

—Isto é claro e sublime!

—Lendo assim, podéra!—disse Ermelinda, rindo.

É preciso que advirta o leitor que estas quadras e o auto, a que nos estamos referindo, não são obra da nossa imaginação. Por ahi corre manuscripto o auto, mais ou menos extravagantemente orthographado, segundo o systema ou o capricho do copista. Em quasi todas as aldeias dos arredores do Porto podem vêr em cada anno representado este ou outro analogo, com applauso e gloria da arte. Ás mãos nos veio uma d'essas cópias, á qual, menos na orthographia, escrupulosamente nos cingimos.

Angelo era talvez em demasia severo na apreciação critica sobre o merecimento litterario da obra, ao chamar-lhe uma chochice. É raro que a musa popular não tenha, apezar da sua rudeza, alguma inspiração. N'este mesmo auto se encontram vestigios d'ella. Mas não é nossa missão apreciar as opiniões dos actores que pomos em scena; tão sómente as registamos, sem nos responsabilisarmos por nenhuma.

Angelo redarguiu á reflexão de Ermelinda:

—Pois bem; para que não diga que é da maneira de lêr, que elles parecem chôchos, repara; vou lêl-os agora com toda a seriedade. Ora escuta:

Que quantos até dois annos
Em Belem fossem nascidos,
E toda a sua comarca
Matassem a ferro frio.

Sem excepção a pessoa
Que nos districtos se achasse,
Entendendo d'esta sorte
Que nós lhe não escapassemos.

—Olhem que semsaboria!

Esta divisão administrativa e judicial, em districtos e comarcas, que o author fez na Judeia e que tanto parecia revoltar Angelo, era uma d'estas liberdades shakspeareanas, que se devem perdoar aos genios.

—E não foi assim?—perguntou Ermelinda, que não percebia ainda o motivo dos reparos de Angelo—Pois Herodes mandou matar todas as creanças da Judeia; então não mandou?

—Mandou, mandou; mas a Fama é que devia contar isso melhor.

—Melhor?! Então não é bonito este verso?

E Ermelinda, tirando o manuscripto das mãos de Angelo, leu a seguinte quadra:

Para livrarem seus filhos
Da morte dos innocentes,
Dos braços faziam cruzes
Aquellas mães impacientes.

Os instinctos populares da filha do Cancella perceberam a belleza, talvez um pouco rude, do tocante quadro, que estes versos exprimem.

Esta pequena contenda litteraria entre duas creanças podia dar margem a profundas reflexões a quem para ellas estivesse disposto.

Angelo estava no principio d'uma educação esmerada. Principiara já a desenvolver-se n'elle a intelligen-

cia, e a acordar os instinctos artisticos, que estremeciam já sob as primeiras seducções da fórma. N'estas épocas criticas, em que esses segredos se revelam, é tal o encanto em que elles nos trazem, que exclusivamente nos votamos ao novo culto, com fanatica intolerancia. Onde as louçanias do estylo, os primores e a sonora harmonia do metro, e o brilhantismo das imagens nos não afagam os sentidos, recusamos demorar a vista; e escapa-nos assim na sombra muita belleza real, ás vezes occulta sob a grosseira revestidura da poesia ou narrativa popular.

É necessario que passe o enthusiasmo, a violencia da paixão nascente, que venha a frieza de animo necessaria á imparcialidade do juizo, para que nos não cause repulsão a aspereza, e grosseria até, da fórma, e consigamos apreciar o bello que por ventura n'ella se envolva.

Dá-se com a belleza da ideia e da fórma de qualquer obra litteraria, o que se dá com a belleza moral e a belleza physica d'uma mulher.

Ambas são feitas para nos commoverem e dominarem. Mas, quando o assomar d'um sentir novo começa a alvoroçar o sangue do adolescente, quando fórmas vagas e formosissimas principiam a encantar-lhe os sonhos de suas noites febris, a paixão da fórma domina-o; por ella sacrifica tudo; uma modelação perfeita, um delineamento gracioso poderá decidir da sua vida inteira e, na fascinação que o cega, nunca verá a formosura da alma, que se abriga n'uma pouco feliz encarnação. É que, para apreciar a belleza moral, para a vêr transparecer, atravez do involucro exterior, é preciso deixar passar a vertigem dos primeiros momentos ou não a ter ainda experimentado.

Por isso na infancia e nas idades viris é que melhor se apreciam essas fealdades, que escondem um coração angelico. A adolescencia é impiamente cruel para com ellas.

Por uma lei analoga é o povo, o simile da creança, porque não tem os sentidos educados para as mais subtis bellezas da fórma, e é o homem a quem ella já não fascina, embora ainda e sempre o deleite, como pode-

rosissimo elemento de belleza litteraria — são estes os leitores que mais aptos estão para avaliarem uma ou outra inspiração que, entre muitos desvarios, tem a humilde musa que visita a cabana do lavrador ou a officina do artista.

Apezar da defeza de Ermelinda, Angelo não perdoou ao auto.

— Sabes que mais? Não decóres isso — disse-lhe elle resolutamente.

— Meu pae quer.

— O que é que quer teu pae?

— Quer que eu entre no auto.

— E has de entrar. Quem te diz que não?

— E quer que seja a Fama.

— E has de ser a Fama.

— E não hei de fallar?

— Has de fallar. Tinha que vêr uma Fama que não fallasse. Para que lhe serviriam as cem bôcas?

— Então?

— Então, é que não é forçoso que digas o que ahi está.

— E que hei de eu dizer?

— Outra coisa.

Ermelinda olhava Angelo admirada, sem conseguir comprehendel-o.

— Outra coisa! — repetia ella, instinctivamente.

— Olha — proseguiu Angelo. — D'aqui até chegar o dia do auto vai muito tempo. Eu te darei outros versos para estudares, em logar d'esses.

— E onde os tem?

— Eu os procurarei. Não digas tu nada. Basta que no dia recites, em vez d'esses, os que eu te dér!...

— Mas que dirá meu pae e o snr. Pertunhas?

— O mestre de latim? Pois que tem elle com o auto?

— É quem ensina como a gente ha de dizer.

— Ah! sim? Pois para que elle nada diga, guarda para a occasião os versos que eu te arranjar. Até ha de ter graça vêr a cara com que elles ficarão todos, quando lhes sahir uma coisa bem differente do que esperam.

— Mas... diga: onde é que vai buscar esses versos?

—Não sahirei da aldeia para isso. N'uma visita que d'aqui vou fazêr, conto obtel-os. Agora fallemos d'outra coisa. Que é de teu pae?

—Sahiu a entregar umas encommendas. Minha madrinha, d'alli defronte, está para a igreja e meu padrinho nas hortas. E eu vou tractar do jantar de meu pae.

—Pois vai, que eu faço-te companhia.

E Angelo seguiu-a á cozinha, e ahi, ella sentada na soleira da porta a escolher a hortaliça, elle a dar de comer aos coelhos e ás gallinhas, se entretiveram a conversar.

Angelo fallou-lhe de Lisboa, dos theatros, contou-lhe enredos de dramas que o tinham commovido; typos e situações de romances, que se lhe haviam gravado na memoria; invenções da arte moderna, versos, anecdotas, contos.

Ermelinda era toda ouvidos a escutal-o.

Passadas horas, Angelo levantou-se e despediu-se, para sahir.

—Onde é que vai?

—Vou visitar Augusto, que deve estar agora em casa.

—E inda o não viu?

—Ainda não. A minha primeira visita foi esta.

—Então vá, que elle deve estar morto por o vêr. Ah!... já sei a pessoa a quem vai pedir os versos!

—Quem te disse que Augusto os fazia?

—Eu vi-o estar a escrever na parede da capella da Senhora da Saude d'uma vez que eu ia levar o jantar a meu padrinho, que estava a trabalhar para aquelles sitios.

—E lêste-os?

—Não, que não quiz que elle me visse. Mas que havia elle de escrever na capella? Então não adivinhei?

—Não sei. Adeus.

—Diga.

—E chamavas-me curioso!

E Angelo sahiu apressadamente.

Momentos depois estava com Augusto.

A conversa entre ambos teve toda a intimidade da de dous affectuosos amigos.

Angelo fez a narração dos episodios da sua vida de

collegio; das difficuldades e das bellezas dos seus estudos n'aquelle anno. Augusto, que da aldeia com elle os seguia, passo a passo, interrogava-o sobre algumas duvidas que tinha, e esclarecia ás vezes tambem, graças á sua poderosa penetração e natural lucidez, as que o ensino do collegio havia deixado no espirito do seu antigo discipulo.

A geographia e a historia, que eram as disciplinas estudadas n'aquelle anno por Angelo, deram assumpto a grande parte d'este dialogo.

Augusto inclinara-se aos estudos historicos, inclinação em que o herbanario o entretinha com frequentes presentes de livros d'aquelle genero.

Em exame de livros novos, referencias a outros lidos, leituras de alguns mais apreciados passaram os dous grande parte da manhã, até que por fim Angelo disse a Augusto:

—Ah! é verdade! Tenho um favor a pedir-lhe.

—Qual é?

—Sabe que está para breve o dia dos Reis?

—Sim.

—E portanto o auto com que o povo d'aqui o festeja; aquelle auto em que Herodes faz tremer meio mundo?

—Bem sei—respondeu Augusto, sorrindo.

—Este anno teremos a Linda a fazer de Fama. Fama bonita, por certo; mas se soubesse os versos que lhe deram para recitar!

E Angelo reproduziu, como pôde, as quadras do monologo da Fama no auto dos Reis.

De quando em quando passava um sorriso pelos labios de Augusto.

—Eu já conhecia isso. É o do costume—disse elle no fim.

—Mas não lhe parece que d'uma Fama como aquella, se devia esperar melhor do que isto?

—E então que quer que eu lhe faça?

—Outros para o logar d'estes.

—Outros!... Eu?...—perguntou Augusto.

—Porque não?

—Que lembrança!

—Não me venha negar que os faz.

—Versos?

—Sim.

—Quer dizer que os leio.

—E que os escreve. Vamos. Mas se insiste em recusar, diga-me então quem é que os escreveu na parede da capella da Senhora da Saude, para eu me dirigir a elle.

—Então houve quem escrevesse versos na parede da capella?—perguntou Augusto, sorrindo.

—Não que eu visse; mas já duas pessoas m'o affirmaram e as suspeitas d'ambas recahiram no mesmo homem.

—Quem foram essas pessoas?

—D'uma o ouvi agora mesmo. Foi Ermelinda.

—Ah!

—A outra foi Lena.

—Le... A snr.ª D. Magdalena?

—É verdade, minha irmã. E estranhou com razão, que eu o não soubesse.

—E como o soube ella?

—Leu-os, e pela leitura conjecturou o author.

Augusto calou-se como absorvido por um pensamento, que todo o preoccupava.

Angelo continuou fallando, sem que fosse escutado; a final concluiu dizendo:

—Então quer fallar ao poeta da ermida para que me dê o que lhe peço?

—Poesia não lhe póde elle dar, agora se... alguns versos o satisfazem...

—Sim, sim, venham os versos; que a poesia eu a procurarei n'elles, até a achar. Desde já lh'os agradeço.

—A elle?

—A ambos—respondeu Angelo, rindo.—E agora diga-me, Augusto: Ainda está resolvido a viver aqui sempre enterrado? Não pensa em mudar de vida?

—Nenhuma outra me namora mais; o destino que a bondade da morgada me offerecia... não tenho coragem para aceital-o. Assusta-me o pêso do crepe.

—Nem eu lhe digo que deva aceitar esse. Mas o Augusto não terá amigos que o ajudem a seguir outros destinos menos obscuros do que este e menos pesados do que o que o legado lhe impunha. Meu pae já...

—Que quer? não me posso vencer até pedir ou aceitar d'outrem auxilios, quando Deus m'os não tem recusado ainda; nem sei até se esses destinos, que diz menos obscuros, me fariam mais venturoso. Ha indoles que nasceram affeiçoadas para a obscuridade. Incommoda-as a demasiada luz. Umas plantas querem ar, e sol, e luz; outras vivem ahi em qualquer canto escuso e obscuro, e lá mesmo dão flôr. Porque é isto não sei, mas...

—Sei eu—disse uma voz da parte de fóra da janella, junto da qual se passara o dialogo.

Voltaram-se os dous ao ouvil-a. A figura do herbanario desenhava-se no vão da janella, com um retrato de velho n'um caixilho de galeria.

—Ah! o tio Vicente!—exclamou Angelo, correndo-lhe ao encontro.

O herbanario encostou-se, ainda de fóra, ao peitoril da janella, ficando assim com meio corpo para dentro da sala.

—Viva o nosso doutor—disse elle, sorrindo, a Angelo.—Por emquanto ainda esse coraçãozito está como era. Não esqueceu os seus amigos da aldeia.

—Está como sempre estará—respondeu Angelo.

—Sempre!—repetiu o velho—Sempre e nunca são duas palavras de terrivel significação... Mas emfim... de bom metal é o coração, assim o não enferrugem os ares da cidade, como ao de... como ao de tantos...

E mudando subitamente de tom, disse para Augusto:

—Com que dizias tu que não sabes porque algumas plantas vivem de pouca luz e de pouco ar, ahi em qualquer buraco do muro? É porque vivem muito pelas raizes essas. As plantas vivem do ar pelas folhas e vivem da terra pelas raizes. Lá diz aquelle livro da Historia natural que eu tenho. Umas prendem-se pouco ao chão;

precisam, pois, de se abrirem muito ao ar para poderem viver; outras, porém, profundam tanto a terra, com tantas raizes se seguram, que d'ellas lhe vem todo o sustento e não desdobram muitas folhas, nem crescem em grandes ramos para o ar. Como umas e como outras ha homens no mundo. Tu ės dos que deixam ganhar raizes ao coração e d'ellas vivem. Que te importa o mais? essas grandezas que os outros procuram? Mas é preciso cautela, rapaz! Ha corações como a hera, que onde quer que se encosta, prende-se com raizes. Quem é assim deve dirigir com prudencia as suas inclinações. Se para mau lado dobra, se se encosta a arvore de preço... mal d'elle! que o separarão com força, fazendo-lhe estalar todas as raizes, que o prendiam.

As palavras de uma obscuridade sibyllina, ditas pelo herbanario, parecia terem um sentido para Augusto, que visivelmente se perturbou ao ouvil-as.

—Que está ahi a dizer, tio Vicente!—disse Augusto, sem ousar fitar o velho.

—Nada. Tonterias de velhice. A prudencia, que os annos dão, vê longe e fundo, rapaz .. É verdade que... ás vezes... o arrojo dos moços é tambem guia feliz... Anda lá com a tua estrella, anda... Ao que já vejo, não sei se te possa chamar louco... como ao principio não duvidei fazel-o. É certo que é pouco seguro o terreno, em que sustentas os teus castellos.

—Os meus castellos! Que castellos faço eu?

—Não hei de ser eu que t'os mostre... Só te quero avisar que não ponhas grande fé em sonhos... Lembras-te do que se passou no monte da ermida?

—No monte da ermida?

—Não viste por lá no outro dia uns signaes de trovoada? A inconstancia é sempre de receiar. O que n'aquella manhã se passou, o que então vi...

—Que viu?... que se passou?

O herbanario demorou por algum tempo o olhar em Augusto e com tal expressão, que o obrigou a desviar o seu; depois accrescentou:

—Nada; o que todos os dias acontece. O céo azul fez-se pardo, a luz clara cobriu-se de sombras, os raios

do sol tornaram-se torrentes de chuva. Pois não te lembras?... E tudo devido a uma mudança... de vento... a uns ares que vinham do sul...

Augusto não entendia ou fingia não entender estes mysteriosos dizeres do herbanario. Angelo estava distrahido devéras.

O velho voltou-se, de subito, para este, perguntando-lhe:

—Tem ido ao Mosteiro o hospede de Alvapenha?

—Esteve lá hontem.

—É amigo das creanças?

—Parece-o.

—Conta muitas historias ás senhoras?

—Entretem-nas bastante.

—E ao... e a teu pae? Ouve-o com attenção?

—Conversaram muito toda a noite.

O herbanario parecia ligar grande valor a estas perguntas, porque, a cada resposta obtida, abanava pausadamente a cabeça com certo ar meditativo.

Augusto relanceava tambem para a fronte, meio contrahida, do velho um olhar entre curioso e timido.

O herbanario proseguiu:

—Emfim... A desconfiança é um achaque de velhice e nem sempre os mais felizes são os mais acautelados. Deus que vele, se os bons lhe merecem ainda a graça da sua protecção.

—O tio Vicente desconfia do primo Henrique?—perguntou Angelo, rindo.

—Primo?!—repetiu o velho admirado.

—Primo lhe chamamos nós, porque a tia Victoria teima que, sendo elle sobrinho da tia Dorothea, é nosso primo tambem.

—Ah! Já ahi vamos? E Lena?...

—Lena, Christe, todos lhe chamam por lá assim.

O herbanario pôz-se a murmurar algumas palavras intelligiveis, terminando por estas:

—E, como no Egypto, é o vento sul que traz a praga dos gafanhotos. Mas Deus que vele, Deus que vele. E eu não me demoro mais, que vou ainda d'aqui aos pardieiros de Cernuche.

— Á caça dos sapos, tio Vicente? — perguntou Angelo gracejando.

— Não, que não é agora o tempo — respondeu sisudo o velho.

— Dos sapos! Galante caça, na verdade! — continuou Angelo no mesmo tom.

— Galante não será ella, pequeno — respondeu o velho; — mas abençoada a chamarias se te torcesses no leito com as dôres do carbunculo, que não ha remedio mais efficaz para o curar, do que a pelle d'estes animaes sêcca ao ar livre.

— E a das toupeiras? O tio Vicente tambem caça toupeiras?

— Em seu tempo. Oh! a toupeira é animal de abençoadas virtudes! Basta que um dente que se lhe arranque, estando ella viva, trazido ao pescoço, cura a mais desesperada dôr de dentes.

— Não deve ser facil operação a de tirar os dentes ás toupeiras — tornou Angelo.

O herbanario continuou:

— A quinta essencia das toupeiras é milagrosa contra cancros e herpes.

— A quinta essencia das toupeiras! — repetiu Angelo, rindo.

— Não rias, creança — acudiu severamente o herbanario. — Que não é bonito rir do que homens doutos asseguram. Eu já o experimentei, logo que o li n'aquelle grande livro da Polyantheia, livro como se não faz hoje outro.

— E como é que se tira a quinta essencia a uma toupeira, tio Vicente?

— Tomam-se as toupeiras e queimam-se até as fazer em cinzas. Mistura-se a estas cinzas o sumo de celidonia maior, até haver quatro dedos de sumo acima das cinzas. Mette-se tudo n'um vidro bem fechado que se enterra por dez dias e... e... Bem, bem. Elle ri!... Tolo sou eu em gastar tempo e paciencia com creanças.

— Espere, espere, tio Vicente... Não vá embora... Então depois de enterrar tudo isso, que se faz?

—Até logo... Pede a Deus que nunca te seja preciso fazer a pergunta com menos vontade de rir.

—E assim vai sem me dar um remedio! Olhe, tio Vicente, eu padeço ás vezes d'um somno tão pesado, que me não deixa estudar.

O herbanario voltou-se e com toda a seriedade respondeu:

—E julgas que não sei de remedio para isso? Experimenta e verás. Mette um ou dous morcegos debaixo dos travesseiros e eu te affirmo que... Mas adeus, que se me faz tarde e d'aqui a Cernuche é uma legua.

E o herbanario retirou-se, meio agastado com o scepticismo de Angelo e sobraçando a caixa de lata e o sacco dos seus thesouros medicinaes.

Angelo e Augusto ficaram rindo da sciencia e das singularidades do velho, riso em que não entrava, porém, o menor laivo de malignidade; porque ambos tinham pelo velho uma verdadeira estima, que elle bem lhes merecia, pois sempre do coração o achavam votado a seu favor.

O dialogo de Angelo e de Augusto prolongou-se ainda, até ás horas do jantar.

XIV

Eu não sei se esta historia terá leitor tão mal aventurado, que não possua recordações e saudades associadas á noite de natal, áquella festiva e abençoada noite, em que as ruas e os logares publicos se despovoam, e nos lares domesticos parece crepitar e scintillar o fogo mais acalentador do que nunca. Se algum desherdado da fortuna ha ahi que não saiba o que é a festa das consoadas em familia, esse que não leia este capitulo, que n'elle não encontrará prazer. Se alguns as gozaram já n'outros tempos, porém hoje erram a essas horas pelas ruas solitarias, olhando com inveja para cada raio de luz que rompe das frestas de tantas janellas discretamente fechadas, ouvindo commovidos o ruido das alegrias que vão no seio das familias, e pela phantasia creando em cada morada um mundo intimo de affectos e de venturas, como o de que a sorte os privou, que esses me perdoem as amargas saudades que por ventura lhes avive assim.

É certo que não ha noite mais alegre; alegre d'esta alegria que vai direita ao coração, sem perturbar os sentidos com fumos de embriaguez; alegre d'esta alegria candida a que o homem é sujeito do berço á velhice, a qual respeitam os estos das paixões, na idade d'ellas, e o gêlo do egoismo, no declinar da vida.

Bem escura, bem ventosa, bem fria e humida surjas tu sempre, noite de vinte e quatro de dezembro, que melhor então se avaliará pelo contraste a luz, o calor,

o conchego dos lares e mais intimos se estreitarão os circulos da familia em roda da ceia patriarchal.

E vós todos, a quem uma moda tôla não constrangeu ainda a abandonar os habitos que de pequenos contrahistes, e festejaes ainda o Natal de Christo, segundo o estylo velho, continuai a manter genuinos esses costumes nacionaes, que não resultará d'ahi desdouro para o vosso nome ou brazão. A roda da civilisação, a que applicaes hombros com tanto denodo, não se cravará por isso.—Podeis, elegantes meninas, cantar lôas sem escrupulo diante do presepe armado na sala mais intima da casa, que nem por isso cantareis peior na das visitas as arias italianas, que aprendestes no collegio; não córeis de collaborar, por excepção, esta noite nos misteres da cozinha, que sobra de agua de colonia e perfumes tendes no toucador para as abluções purificatorias. Homens graves, a republica perdoar-vos-ha uma pequena infidelidade, a politica do paiz e da Europa não periclitará desnorteada se, por um pouco, lhe negardes a vossa attenção; humanisai-vos pois uma vez por anno, e baixai ao seio da familia os olhares, que ponderosos empenhos vos trazem sublimados.—Entrai com as creanças em jogos pueris e faceis, que não destemperareis a intelligencia para as philosophicas cogitações do *boston* e do *whist*.

A familia do Mosteiro era fiel ás classicas usanças d'esta noite tradicional. E n'aquelle anno sobretudo as festas das consoadas deviam ser coisa fallada, graças ao plano de D. Victoria de reunir no Mosteiro a resumida familia de Alvapenha; plano que vimos approvado por acclamação por toda a assembleia presente.

D. Dorotheia veio effectivamente na companhia de Henrique de Souzellas e de Maria de Jesus.

Foram recebidos no Mosteiro por uma completa ovação das creanças.

D. Dorotheia viu-se litteralmente enlaçada em braços infantis, que lhe tolhiam os movimentos e que, dizia ella, quasi ameaçavam asphixial-a.

Tudo isto dava motivo a exclamações e risos, que inauguraram um estado de coisas, o qual nunca mais devia cessar aquella noite.

A balburdia, a azafama festiva que ia no Mosteiro é indescriptivel. Na cozinha, nas salas, nos corredores tudo era movimento e ruido.

Aqui eram as creanças jogando, a pinhões, o «par ou pernão» e o «rapa», jogos popularissimos e da occasião, que, de tão conhecidos, dispensam o trabalho de descrevel-os. Estes jogos, como é de prever, não se executavam sem um concurso de vozeria e de algazarra, que desafiava a impaciencia de D. Victoria, a qual, segundo o costume, ia, pelo que se passava na sala, ralhar com os criados á cozinha.

No aposento immediato ao quarto de D. Victoria, armára-se o presepe, diante do qual ardiam seis vélas de cera em castiçaes de prata massissa.

As duas velhas senhoras, D. Dorotheia e D. Victoria, encetaram logo no principio da noite uma longa e devota reza, meio recitada, meio cantada, a qual se continuava com uma interminavel enfiada de Padre Nossos e Ave Marias, a que respondia, em côro, a parte feminina da familia, as creanças e as criadas.

Corypheu era a senhora de Alvapenha, que, em voz trémula e quebrada pela idade, entoava em singela cantilena coplas como esta:

Ó infante suavissimo,
Vinde, vinde já ao mundo
Livrar-nos do captiveiro
D'este jazigo profundo.

E seguia-se um Padre Nosso e uma Ave Maria.

Angelo havia ao principio, com as suas travessuras, desordenado um pouco o andamento regular das rezas, mas D. Victoria tomou o heroico expediente de o expulsar do congresso e tudo serenou.

Á sala, onde Henrique de Souzellas conversava com o conselheiro em assumptos, todos d'esta vez longe da politica, chegaram as surdas harmonias d'aquellas cantigas e rezas. Henrique mostrou curiosidade de saber o que era aquillo. O conselheiro, sorrindo, convidou-o a seguil-o para por si proprio se poder informar.

E, tomando por aposentos interiores, conseguiram

ambos introducção na sala da novena, justamente ao lado de D. Dorotheia e D. Victoria, que, de embebidas que estavam nas suas orações, nem por elles deram.

O conselheiro e Henrique ajoelharam sizudamente ao lado d'aquellas boas senhoras, e quando apoz um dos Padre Nossos, ditos por D. Dorotheia, se devia seguir a resposta do côro feminino, este, emmudecido com a chegada dos dois, a qual desafiára risos a custo suffocados, foi substituido por um dueto de vozes masculinas, que sobresaltaram primeiro, e escandalisaram depois ambas as sizudas senhoras.

O tumulto que o episodio produziu fez attrahir as creanças; D. Victoria teve muito que fazer, muito que reprehender o cunhado, muito que ralhar com os filhos e com o sobrinho, muito que carpir-se com D. Dorotheia, muito que recriminar os criados, rindo-se, bem a seu pesar, no meio de todas estas tarefas.

Terminou confusamente a novena com tal occorrencia. Os desordeiros sómente capitularam, consentindo em retirar-se, quando lhes prometteram que se encurtaria a lista dos Padre Nossos. Henrique voltou com o conselheiro a admirar o primor que a paciencia d'um artista imaginoso realisára na confecção do presepe, onde estavam representados todos os episodios da natividade de Jesus, e muitos outros.

Era effectivamente uma complicada machina aquelle presepe, e seria prova de profunda indifferença artistica passar por elle sem um exame, embora fugaz.

Este traste antiquissimo na familia gozava de nomeada n'um circulo de legoas em redor. Havia empenhos para o vêr no tempo do Natal, e se algum viajante estacionava dois dias na aldeia, encontrava sempre quem lhe recommendasse o visitar o presepe, como coisa digna de vêr-se.

Consistia elle n'uma especie de Sanctuario de pau preto, no meio do qual havia uma pequena gruta toda cravejada de caramujos, e rosas de papel com estames de fio de prata. Dentro d'esta gruta estava deitado o menino Deus, não sobre umas palhas, como a tradição refere, mas, graças aos impulsos do compadecido coração

de D. Victoria, que, ainda que tarde, parecia tentar um lenitivo aos antigos rigores da humanidade, em uma bonita cama de lençoes de renda com cercadura doirada, colcha de setim bordado, e colchão e travesseiros da mais macia penugem de aves americanas. Ao lado, Nossa Senhora e S. José, de proporções quasi iguaes ás do menino; mais longe a vacca e a mula tradicionaes. Os episodios porém eram inquestionavelmente o mais interessante da obra. Varios grupos de pastores, soldados e fidalgos de todos os tamanhos, feitios e vestuarios ornavam a scena. Alli um cego tocador de sanfona; um grupo de gallegos dançando, ao som da gaita de folle; uma pastora com ovos mais adiante; ao lado, um grupo celebrando um *pic-nic,* perfeita actualidade, tudo em mangas de camisa, com gravata, e botas de cano;—outros fumando e bebendo cerveja. Uma amazona ingleza, com o seu jockey, galopava pelas cercanias de Bethlem; um vareiro e uma vareira caminhavam a par com offertas para o menino. Ao longe, nos visos da serra, appareciam os tres Reis Magos, que deviam levar dez dias a chegar abaixo.

Não esqueceu o inspirado author d'aquelle monumento esculptural os muros de Jerusalem. Elles lá estavam coroados de ameias e de milicianos fardados á ingleza e armados de lanças e arcabuz. Eram gigantes aquelles guerreiros, pois, não obstante estar a muralha no plano do fundo do quadro, qualquer d'elles era duas vezes maior do que as figuras do plano da frente. No alto da muralha arvorava-se a bandeira portugueza. Havia varios sanctos espalhados pelas agruras d'aquellas montanhas, e, entre os additamentos feitos pela devoção de D.Victoria ao presepe, contava-se o d'um Sancto Antonio de Lisboa, que, apesar de thaumaturgo, parecia muito admirado de se vêr n'aquelle tempo e logar. Um gallo collossal soltava do telhado do presepe o grito annunciador; anjos e cherubins espreitavam do céo por entre nuvens de algodão e estrellas de ouropel. Era um prodigio!

Descrevendo rapidamente esta maravilhosa fabrica, sentia eu vivo orgulho de ter revelado ao mundo uma preciosidade sem igual, e a que a unanime admiração

faria cedo ou tarde justiça; tive porém de abandonar esta lisongeira ideia, ao achar-me precedido por um dos romancistas mais justificadamente populares da nação visinha. Das paginas d'um delicioso quadro de costumes de Fernan Caballero, a eminente escriptora de que a Andaluzia se ufana, conheci eu serem não sómente nacionaes, mas peninsulares pelo menos, estes modelos de presepes, com os seus ingenuos anachronismos, cunho irrecusavel que o povo imprime a todas as suas obras de arte. Onde falta o anachronismo, falta a assignatura do povo.

Em todo o caso era digno da menção que d'elle fizemos o presepe do Mosteiro.

Emquanto Henrique e o conselheiro o estudavam por miudo, D. Victoria fizera desfilar o cortejo das criadas para a cozinha, onde urgia o serviço, e seguindo-as ia-lhes demonstrando que eram as peiores criadas do mundo, por isso que, tendo tanto que fazer, perdiam tempo a cantar lôas diante do presepe. D. Dorotheia cedo tomou com Magdalena e Christina o mesmo caminho.

O conselheiro e Henrique ficaram nas salas com os pequenos, e com elles entraram em jogos, como se fossem creanças tambem.

O aspirante a ministro, o deputado, o orador, o homem grave e serio das salas de Lisboa perdêra todo o ar diplomatico: agora era sómente o homem de familia; pueril, travesso, alegre, folgazão.

—Meu caro—dissera elle a Henrique no principio da noite—vou fazer-lhe um pedido. Hoje deve ser banido o menor assumpto politico, a menor discussão séria. Deixe-se correr frivola a conversa da noite; o contrario seria uma profanação, que attrahiria sobre nossas cabeças as justas iras dos anjos domesticos, que n'estas noites andam invisiveis misturados com a familia.

—Apoiado—respondeu Henrique;—aceito e comprometto-me a cumprir a proposta.

Henrique possuia em alto grau o talento de se tornar agradavel. Comprehendendo que eram sinceros os desejos do conselheiro, tão frivolo e pueril conseguiu mostrar-se, que todos o tractavam como membro da fa-

milia e ao proprio conselheiro parecia já impossivel que ainda fossem tão recentes as suas relações mais intimas com aquelle rapaz.

—Animo, snr. conselheiro—dizia-lhe Henrique, no momento em que elles ambos estavam empenhados a jogar a cabra cega com os pequenos.—Coragem, que temos gloriosos exemplos a animar-nos; até, entre outros, o do meu homonymo Henrique IV. É sabido o episodio recordado por uma gravura celebre.

O conselheiro secundava-o, rindo: graças a estes jogos, a sala estava dentro em pouco em desordem; os moveis fóra da sua posição, o chão alastrado de cascas de pinhões, que estalavam sob os passos, os tapetes desviados, as cortinas soltas.

Já por noite avançada, disse o conselheiro para Henrique:

—Falta-nos ainda um artigo importante do ritual d'estas festas; o principal. É dirigir uma visita á cozinha. Porque a obra principal d'esta noite é fazer uma ceia e não comel-a. Por isso, convido-o a acompanharme lá.

—Com tanto mais vontade, que estou ha muitos dias compromettido a isso com as senhoras.

—N'esse caso é tempo.

E ambos tomaram pelo corredor, que conduzia á cozinha.

Escusado parece dizer que a turba infantil os seguiu tumultuariamente, annunciando-os ao longe com risadas e gritos de alegria.

A cozinha do Mosteiro era uma digna cozinha de frades. Occupava um vasto recinto rectangular, rasgado em amplas janellas e fornecido de bancas monumentaes, condizendo com a estupenda chaminé, que parecia ainda saudosa dos odoriferos vapores que outr'ora espalhavam os tachos e as grelhas monasticas.

Ia indizivel animação na cozinha, quando Henrique ahi entrou com o pae de Magdalena. Era um barafustar de criadas, um chiar de certãs, um borbulhar de caçarolas e tachos, um tinir de pratos, um tilintar de crystaes no meio de uma babel de ordens, de perguntas, de

reclamações, de conselhos, todos attinentes a negocios culinarios. E D.Victoria ralhava, e a snr.ª de Alvapenha promulgava preceitos, e Maria de Jesus desdenhava do serviço das collegas, e Magdalena e Christina riam de todos e de tudo, e Angelo a todos impacientava.

Não se imagina!

A chegada do conselheiro e do seu hospede veio exacerbar a desordem. Ergueram-se risos e exclamações, as quaes ainda assim eram subjugadas pelos reparos e censuras de D. Victoria, a qual dizia para o conselheiro:

—Sempre o mano tem coisas! Olhem agora para o que lhe havia de dar! Vão lá para dentro, vão. Não venham atrapalhar-nos mais ainda do que estamos. E o primo Henrique tambem! Ora esta!...

—Não se afflija; mana. Nós não podiamos resignar-nos a ficar alheios á tarefa principal do dia. E até porque é necessario dar andamento a isto para chegarmos a tempo da missa do gallo.

—Pois querem ir á missa do gallo?

—Está de vêr que sim.

—Eu tambem vou—disse Christina.

—E eu—acudiu Magdalena.

—Mais um, que irá tambem—disse Henrique.

—E eu, e eu—accrescentaram differentes vozes.

—Ai, minhas encommendas!—suspirou D. Victoria—Então porque me não disseram isso logo? Agora como ha de ser?

E sahiu em direcção á sala da ceia a dispôr as coisas.

É preciso que se diga que D. Victoria vivia na candida illusão de que era ella quem fazia tudo em casa, emquanto que manda a verdade declarar que nunca mais regularmente corriam as coisas domesticas do que quando dormia esta aliás excellente senhora.

—Mãos á obra, snr. Henrique!—bradou o conselheiro, insistindo na resolução com que viera.

—Prompto—respondeu Henrique.

—Então? então?... Que vão fazer?—perguntava D. Victoria, afflicta, voltando á cozinha.

—Querem vêr que preparos?!—dizia D. Dorotheia,

sorrindo e olhando com curiosidade para o que faziam os dois.

—Cumpro uma promessa que fiz a estas senhoras, minha tia—dizia Henrique, approximando-se da banca, perto da qual trabalhavam Magdalena e Christina.

—É verdade que sim—acudiu Magdalena—e eu exijo o cumprimento da promessa.

—Vamos lá, snr. Henrique—tornou o conselheiro—aceite-me alguns preceitos de prática. A regra é fazer tudo o mais indigesto possivel; porque essa qualidade é o caracteristico dos manjares d'esta noite.

—N'esse caso, vejo que nasci para cozinhar a ceia de Natal, pois desafio o melhor estomago do mundo a que subjugue os meus guisados com os seus succos digestivos.

—Eu já escolhi tarefa—disse o conselheiro, tirando das mãos de Christina a colher com que ella mexia o o vaso onde se preparava o vinho quente, esse *punch* nacional, que n'esta noite seria uma falta imperdoavel se esquecesse no programma d'aquelle banquete.

Christina quiz resistir; mas o conselheiro venceu, e cedo principiou a desempenhar-se d'este trabalho, no meio de hilaridade geral.

Angelo dispensou a tia Dorotheia do trabalho da preparação dos mexidos.

Henrique, seguindo o exemplo do conselheiro, e no seguimento do seu constante proposito, approximou-se da morgadinha, que n'aquelle momento se occupava a regar de calda de mel umas recentes rabanadas.

—Peço trabalho, prima Magdalena.

—Não ha falta de braços n'esta repartição, primo Henrique. Vá a outra porta.

—Agrada-me mais essa tarefa, acho-a ao alcance das minhas forças.

—Esta? Como se engana! Não sabe que as rabanadas são a essencia da ceia de Natal? E logo havia de confiar-lh'as?

—Ah! não ligava tanta importancia a estas representantes da pasteleria primitiva, notaveis porque recordam a infancia da arte! Emquanto a mim, já no tempo da pe-

regrinação dos hebreus, Moysés lhes ensinava a cozinhar d'isto.

Magdalena abanou a cabeça em signal de reprehensão.

— Perdôe ás pobres rabanadas o pouco ar de moda que tem. A sua elegancia é implacavel, primo Henrique. Um indigesto manjar francez seria de melhor tom, bem sei. Até n'isso!

— Para provar que estou arrependido da minha irreverencia, consinta-me que a coadjuve, prima.

— Não póde ser; peza sobre mim uma tremenda responsabilidade.

— Isso equivale a recusar-me o fôro de familia, que tão humildemente reclamo.

— Justamente — respondeu Magdalena. — Eu sou muito escrupulosa n'isso. Faz mal em não reclamar esse fôro de Christina, que talvez encontrasse mais disposta a conceder-lh'o.

— Mas, se me não engano, foi a prima Magdalena que primeiro me conferiu o apreciavel titulo de parentesco com que nos tractâmos.

— O de primos? Esse sim; mas não tem os privilegios, que lhe quer dar.

— Que privilegios são?

— Ah!... o de collaborar n'uma ceia de consoadas, por exemplo.

— Parece-lhe, priminha, que será muito exigir o que eu peço? — perguntou Henrique a Christina — que principiára a escutal-os.

— Não ouvi — respondeu esta, córando e sorrindo, como sempre que lhe fallava Henrique.

— Escusado é consultar Christina — acudiu a morgadinha — porque em muitas coisas pensa ella em opposição commigo. E n'isto...

— E n'isto?...

— N'isto de attender a requerimentos, é talvez mais condescendente.

— Ao que estou vendo — disse o conselheiro jovialmente — grandes coisas se tinham passado aqui, antes da minha chegada. Vejo lavrar uma hostilidade entre

Lena é o snr. Souzellas, que me dá sérias inquietações.

—E eu julgo que não. Ao que ouvi ao Henriquinho, a primeira vez que viu a nossa Lena no Mosteiro!...—disse D. Dorothea, com toda a indiscripção da sua ingenuidade.

Magdalena procurou acudir a tempo á corrente das revelações, a que viu disposta a boa senhora.

Veio opportunamente em seu auxilio Angelo, que, tendo feito uma digressão pela sala do refeitorio, voltou com a alegre nova de que a ceia estava na mesa.

O annuncio foi recebido com apparente enthusiasmo. Suspenderam-se trabalhos, quasi completos, ultimaram-se á pressa outros, e a companhia dirigiu-se para o corredor.

Pouco depois de Angelo, chegou D. Victoria, desmentindo-o e pretendendo suster a corrente, que ameaçava invadir a sala, que ella ainda não déra por prompta. Já não era tempo. O conselheiro, tomando duas creanças ao colo, rompia a marcha e atraz d'elle até a pacifica D. Dorothea clamava insubordinada que não recuaria um passo.

E fallando e rindo assim entraram na sala.

Estava offuscante de luzes, esplendida de louças e baixellas, enfeitada de flôres e de crystaes e ennevoada dos vapores das iguarias.

Houve um grande rumor de cadeiras arrastadas, uma confusão e incoherencia de ordens de D. Victoria para marcar logares, infracções d'estas ordens, que a impacientavam como se com isso podesse perigar a ordem natural e social do mundo, e, como justa consequencia, cahia sobre as cabeças dos criados uma enfiada de recriminações, que elles por habito já soffriam com exemplar paciencia.

Restabelecida emfim a ordem, procedeu-se á ceia.

Ceia de Natal! abençoado banquete, ao qual todos se devem sentar nas mesmas disposições de animo em que ordenava Christo estivessem os que fossem orar ao templo; ceia com tanto afan cozinhada, e com tão pouca vontade comida, fallem embora contra ti os medicos e

os gastronomos emeritos, condemnando uns a indigestibilidade dos teus cozinhados, outros o pouco delicado d'elles; reage contra as ideias novas, que vem da França e da Allemanha; cerra as fornalhas ás iguarias exoticas e furta-te ás mãos da estranha geração de Vateis, que aspiram a dominar pelos paladares o espirito nacional.

Modifiquem embora o caracter vernaculo de todas as outras refeições, mas respeitem esta, consagrada pelas memorias da familia, justificada pelo facto de que quasi não é feita para ser comida.

Assim succedia com a do Mosteiro. Apezar das instigações do conselheiro, das instancias de D. Victoria, das garantias de D. Dorotheia sobre a innocuidade dos guizados, os pratos corriam a roda da mesa quasi intactos e intactos voltavam á cozinha d'onde sahiram.

Mas se se comia pouco — e de facto, á excepção de Henrique, do conselheiro e das creanças, quasi ninguem parecia haver-se sentado alli para ceiar—mas, diziamos nós, se se comia pouco, em compensação fallava-se muito.

O conselheiro a todos dirigia a palavra, demonstrando uma iniciativa efficaz para baralhar e generalisar as conversas e assim conservar constante a animação. Tudo desafiava risos, o dito d'uma creança, a anecdota contada por Henrique, as distracções de D. Victoria, as canduras de D. Dorotheia, os paradoxos sustentados pelo conselheiro, as allusões da morgadinha a Christina, a confusão d'esta, as maliciosas insinuações de Angelo.

Assim procedeu o repasto nocturno até á altura das saudações e dos *toasts*. N'esta parte, justo é confessar que Henrique e o conselheiro foram menos abstinentes. Era difficil resistir á preciosidade dos vinhos.

Passados os reciprocos brindes entre os parentes, o conselheiro, voltando-se para Angelo, authorisou-o a propôr tambem um brinde.

Angelo levantou-se então para brindar Augusto.

O conselheiro secundou-o, levando o copo aos labios.

— Ah! o snr. Augusto — disse Henrique — antes de beber e com certo tom de ironia. Conheço; é uma ave

rara d'estas immediações, que tem brios de cavalleiro errante sob umas apparencias de philosopho.

—Brios de cavalleiro?—disse Angelo, com vivacidade.—Inda isso não é tudo, snr. Henrique; póde accrescentar, e alma de heroe tambem.

—Pois dê-se-lhe tambem alma de heroe e se fôr preciso até consciencia de sancto. Vá á saude da phenix!

E bebeu.

Depois de poisar o copo, proseguiu com o mesmo tom anterior:

—O que vejo é que é perigoso fallar com a mais ligeira irreverencia d'este personagem; corre-se o risco de vêr voltar contra o impio, que tanto ousa, os poderes conspirados do céo e da terra. Bem; prometto acatar essa preciosidade.

—E creia—disse-lhe o conselheiro—que lhe é merecedor de toda a consideração. Augusto é um d'estes caracteres excepcionaes que vivem á sombra d'uma modestia impenetravel e á sombra d'ella muitas vezes morrem. É necessario ter a vista muito exercitada n'estas explorações de almas modestas para descobrir uma assim.

—Felizmente para os myopes como eu—proseguiu Henrique—ellas fazem ás vezes a fineza de se despojarem da sua timidez e de se mostrarem á luz. Não é verdade, prima Magdalena?

—Que admira—respondeu Magdalena;—bem occulto está o fogo na pederneira, primo Henrique, mas, percutindo-a, salta a faisca.

—Pobre rapaz—notou a snr.ª de Alvapenha;—aquillo nem parece d'este tempo! O que eu não sei, primo Manoel, é por que elle se não resolveu a tomar ordens. Recusar o legado da D. Rosa!

—Não seja isso a duvida. Elle sabe que, adoptando essa ou outra qualquer carreira, não lhe faltarão recursos para seguil-a até o fim. Devo-lhe esse auxilio; assim elle o aceitasse; mas tem um genio singular aquelle rapaz!

—É uma phenix—insistiu Henrique ironicamente.
—Vejo que não é susceptivel de discussão, impõe-se á

gente como um axioma. Eu tenho habitos de livre pensador, mas... forçar-me-hei a incluir no meu credo esse dogma.

—Perdão—replicou Angelo.—Um axioma não se demonstra, e a boa alma de Augusto está todos os dias a demonstrar-se por acções generosas.

—Por favor!! Dêem como não ditas as minhas palavras! Arrependo-me da minha irreverencia, e se elle aqui estivesse, principiaria a penitenciar-me na sua presença.

—E é certo que nos falta aqui Augusto. Como te não lembraste d'elle, Angelo?

—Não viria. N'esta noite não deixaria o tio Vicente.

—Ah, sim. Esquecia-me d'aquelle pobre Vicente.

—É do herbanario que fallam?—perguntou Henrique.

—Justamente.

—Outra phenix; e quer-me parecer que tambem pertence ao numero dos inviolaveis; não é verdade, prima?

—Pertence ao numero dos infelizes, primo, o que é justo considerar-se uma especie de inviolabilidade.

A resposta collocou Henrique em mau terreno, e por isso apressou-se a desviar-se do ponto principal da questão, dizendo:

—Infeliz? Porque lhe chama infeliz? Os visionarios como elle têem em si os elementos da propria felicidade, e ninguem possue poder de perturbar-lh'a. Além de que o herbanario goza aqui na terra d'uma certa soberania, que deve lisongeal-o.

—E olha que nem em Lisboa ha talvez quem saiba tanto como elle em coisas de doenças e de remedios, menino—disse D. Dorotheia, que era uma das ferventes apologistas da sciencia do herbanario.

—É na verdade um homem singular!—disse o conselheiro—D'antes, na noite de Natal, e em todas as solemnidades de familia, tinhamol-o tambem por commensal, que ainda é parente arredado da casa. Ha annos porém deu em tomar a peito o meu procedimento politico e em prégar-me sermões e dirigir-me censuras, que eu fazia por escutar com a possivel resignação. Mas um dia

foi mais amargo nas suas recriminações e eu achava-me com maior susceptibilidade; julgo que lhe respondi com bastante acrimonia, e o homem sahiu de minha casa offendido e protestando não voltar mais a ella. Procurei-o, escrevi-lhe, tentei demovel-o do seu proposito. Não houve de quê. Havia-o ferido no seu orgulho, e é intolerante n'estas condições.

—Sei-o já por experiencia—disse Henrique;—que n'uma unica entrevista que tive com elle, e que durou minutos, deu-me occasião de lhe conhecer a irritabilidade.

—Vamos, primo Henrique; talvez possa haver quem supponha que n'essa entrevista não demonstrou o primo peior do que elle possuir as qualidades de que o accusa.

—Agora—continuou o conselheiro—vão consideravelmente exacerbar-se os despeitos do herbanario contra mim.

—Porquê?—perguntou Magdalena.

—Porquê?... por causa do traçado que se adoptou para a estrada.

—Então?—disseram simultaneamente Angelo e Magdalena.

—A casa e o quintal do herbanario são os primeiros cortados.

—Não póde ser!—exclamou Magdalena com evidente expressão de susto.

Angelo dirigiu ao pae um olhar tambem inquieto.

Christina não exprimiu menos apprehensiva surpreza.

—É inevitavel. Os dois primeiros traçados tinham certas durezas. O primeiro era uma luva lançada a uma influencia eleitoral, poderosissima; o brazileiro Seabra.

—Ah!—disse Magdalena—com certa amargura na expressão e no olhar.

O conselheiro reparou n'ella e em Angelo, em cuja physionomia não se lia menos intenso desgosto.

—Estou adivinhando que meus filhos votariam porque antes se arrostasse com os despeitos d'esse influente. A logica do sentimentalismo tem d'essas exigencias absolutas.

Magdalena respondeu:

—Julguei que era a da consciencia, meu pae.

—A consciencia diz-me que ha interesses superiores ás contemplações com as singularidades d'um velho honrado, mas... meio tonto. Na carreira politica ceder ao coração é morrer ou ser vencido. O sentimentalismo exaggerado, Lena, tem o inconveniente de dar tanto vulto ás vezes a um sacrificio individual, que, para o evitar, não duvida prejudicar maiores e mais geraes interesses e operar sacrificios mais custosos. É muito tocante na verdade o amor d'um velho pelas suas arvores e pela sua casa, porém mais respeitavel é o bem estar e a conveniencia d'uma localidade.

—E é tão necessario para a felicidade d'esta terra o sacrificio, a que se quer obrigar o herbanario?—perguntou Angelo, e Magdalena secundou com o olhar a pergunta do irmão.

—Eu te digo Angelo—respondeu o conselheiro, levemente despeitado.—Eu tinha a vaidade de me suppor ainda prestavel para esta gente, que me tem elegido tantas vezes. Dos nossos patricios, deixem-me dizel-o aqui em familia, não vejo ainda quem dê garantias de desempenhar o mandato, muito melhor do que eu. Chamasse eu contra mim a animadversão d'este povo, e elles, á falta de outros, aceitariam ámanhã qualquer nome inscripto na carteira do ministro; um homem que nunca tivessem visto, e que nem soubesse em que ponto da carta estava o circulo de que se propunha ser representante. Mas perdôa-me, Lena, talvez isto te esteja parecendo um censuravel excesso de vaidade.

—Não, meu pae, ninguem acredita mais do que eu no muito valor da sua influencia, mas... Ó meu Deus!... isso vai ser a morte do pobre tio Vicente! Imagine bem o que é n'aquellas idades e com aquelle genio, a grandeza do sacrificio que vão exigir d'elle?

—Custa-me ser obrigado a isso; porém...

—Valia mais esperar algum tempo. A vida d'elle não póde ser muito longa. Deixem-no morrer em paz, á sombra d'aquellas arvores a que elle quer tanto. Que importa passar mais alguns annos sem uma estrada?

—Poesia!—disse o conselheiro, sorrindo para Henrique, que lhe correspondeu.

—Perdão—acudiu Magdalena córando—é caridade.

—Ora vamos, Lena. Sê razoavel. Todos soffrem no mundo sacrificios maiores do que esse; eu mesmo, que me não tenho ainda assim por victima da sorte...

—E não haveria outro meio?—perguntou Angelo.

—Acaso ha só esses dois logares para dirigir a estrada?

—Que antes nunca se fizesse!—exclamou Magdalena, apaixonadamente.

—Ahi temos como o sentimento me torna retrograda a minha Lena. Já clama contra as estradas como qualquer reaccionario convicto. Havia um outro traçado, mas esse ia destruir completamente os campos do Brejo.

—Ah! então esse, esse! São bens nossos!—exclamou Magdalena com vivacidade.

—São bens de Angelo, filha, e por ventura aquelles que um dia mais valiosos se tornarão para teu irmão.

—Os charcos?—disse Angelo, encolhendo os hombros—ora! Só para viveiro de rãs.

—Hoje pouco mais são do que isso, e como tal nol-os pagariam agora. Dentro porém d'alguns annos, operados alli os trabalhos de esgoto, que eu projecto, verão em que se transforma aquillo. É exigir a um homem muita abnegação pretender d'elle que sacrifique assim os elementos da riqueza futura de seus filhos; quanto mais que as vantagens não seriam taes que...

—Não pediriamos esmola, meu pae—notou timidamente Angelo.

—Nem o Vicente a pedirá. Visto que estaes tão desprendidos de interesse, que não hesitaes em fazer-lhe sacrificio dos vossos bens, podeis ceder-lhe o sufficiente para o compensar da perda.

—Mas quem o compensará dos golpes nos seus affectos?—perguntou Magdalena.

—Tambem tu. São segredos do coração feminino essas compensações. Deixo-as á tua inspiração.

—Meu pae! meu pae! se é ainda possivel atalhar-se!

—É impossivel.

—Meu tio!—secundou Christina.

—Mano! Primo!—disseram a um tempo as senhoras mais idosas.

—O que posso fazer é ir eu proprio fallar com o Vicente, para o mover a consentir na expropriação amigavel, que farei que lhe seja o mais vantajosa possivel.

—E tem coração para lhe ir propôr isso?

—Dize antes se tenho coragem para arrostar com as iras do velho, e com as maldições que já sei vai sacudir sobre mim.

Lena calou-se, suspirando.

—Mas vejam a inevitavel fatalidade que me persegue!—continuou o conselheiro.—Eu que tinha feito voto de não me entreter de negocios publicos esta noite! Ai, Lena, Lena, a culpada és tu!

—Eu?! Eu, que abomino a politica! que, só ella podia fazer entrar uma crueldade no coração de meu pae!

—Ó tio, veja se faz com que a estrada vá por outro sitio!—implorou meigamente Christina.

—Tambem tu, Christe! tambem tu!

—Podéra, mano! Não que uma coisa assim! Isso é até uma ingratidão para com um homem a quem esta aldeia tanto deve—disse D. Victoria.

—Pois não é! E logo um quintal onde cresciam tantas plantas de virtudes!—accrescentou D. Dorothea.

—Vá vendo, snr. Henrique, como se conspiram todos contra mim. Veja como um sentimento insignificante organisa uma opposição.

—É uma lição que estou recebendo, snr. conselheiro.

—Meu pae—insistiu Magdalena—eu espero ainda que, ouvindo o tio Vicente, se commoverá e trabalhará por alterar esse fatal plano que principia por arrancar arvores, mas que, póde estar certo, com ellas arrancará uma vida.

—Romances! Lena, romances! Os romances, lidos em plena aldeia, são perigosos. Falta aqui nos ares um certo scepticismo que, não sendo em dóses exageradas, tem a vantagem de não deixar ver as coisas da vida através do prisma dos livros de imaginação. Mas basta

de fallar em politica. Amanhã procurarei o herbanario. Espero uma recepção de gêlo e vou preparado para uma ladainha de recriminações, mas irei. Nada esperes porém da entrevista, Lena; nem o mal, se mal é, se poderia já atalhar; nem o orgulho de Vicente lhe permittiria expansões á sensibilidade, que cheguem a commover-me. Conheço-o.

Magdalena não instou. Ficou porém pensativa e sem o menor vestigio da alegria, com que principiára o serão.

N'isto ouviu-se um toque de sino longinquo.

—Já toca para a missa do gallo! Ouvem?—disse D. Victoria.

—Vamos! Não ha tempo para demoras—exclamou o conselheiro, levantando-se.

Todos o imitaram, menos Magdalena.

—Não vens, Lena?—perguntou Christina.

—Não.

—São amúos, filha?—disse-lhe o conselheiro, indo por traz d'ella; e, tomando-lhe a cabeça entre as mãos, beijou-a na fronte.

—Não meu pae, é uma dôr de cabeça tão violenta!

—A maldita politica é o que faz! Pois fica, fica porque está fria a noite.

—Far-te-hei companhia, Lena—disse Christina.

—Não, não. Se insistes, obrigas-me a sahir.

—Aviem-se!—dizia D. Dorotheia—Henriquinho, vens?

Henrique, cujo ardor em ouvir a missa da meia noite esfriou desde que viu Magdalena ficar, respondeu:

—Ó tia... a fallar verdade!... se me dispensassem!...

—Vem d'ahi, preguiçoso! anda!

—É que... para um homem doente...

—Ai, não; se te ha de ás vezes fazer mal, então não—apressou-se a dizer a precavida senhora.

E foi deferido por unanimidade o requerimento de Henrique, a quem cedo depois Torquato foi ensinar o caminho para o quarto onde devia pernoitar.

O conselheiro, D. Dorotheia, Christina e Angelo foram para a missa do gallo.

D. Victoria, Magdalena e Henrique ficaram no Mosteiro.

XV

Fechando-se no quarto, que lhe deram para pernoitar, Henrique de Souzellas sentiu poucas disposições de dormir. Uma profunda excitação impedia-lhe o repouso; em parte era devida ás occorrencias d'aquella noite, tão fóra dos seus habitos de vida; em parte, digamol-o em verdade, á influencia dos vinhos, com que secundára os brindes do conselheiro, e com que elle proprio iniciára outros.

A imaginação, excitada como estava, cada vez, entre outras imagens, lhe representava mais bella a de Magdalena. A especie de hostilidade permanente, com que a morgadinha o tractava, inda mais parecia seduzil-o.

Nos poucos dias que passara na aldeia, havia Henrique, com novos habitos, adquirido uma maneira de vêr e de julgar as coisas e as pessoas, differente da que lhe era habitual na cidade, no circulo de amigos, com quem convivia; assim foi que abjurou tacitamente, e sem dar por isso, certo scepticismo convencional, que uma antipathica escola conseguiu pôr muito na moda.

Graças a estas melhoras moraes tão verdadeiras n'elle, como as physicas, as quaes até o constante pensamento das doenças lhe haviam dissipado, podéra elle considerar Magdalena como uma mulher superior ao typo, pelo qual a mencionada escola costuma modelar o sexo; e aceitou sem má prevenção a aberta sinceridade d'aquelle caracter sympathico, que descrevia com enthusiasmo nas suas cartas a um dos seus mais intimos amigos de Lisboa.

Taes estados de convalescença são porém sujeitos a recahidas.

N'este dia, vespera de Natal, recebêra elle a resposta áquellas cartas, e sob as impressões, com que ficou da leitura, tinha vindo para o Mosteiro.

O amigo ria-se, com todo o elegante scepticismo d'um homem da moda, da candura e da ingenuidade de Henrique. Dizia-se sinceramente penalisado á vista dos profundos estragos que alguns dias de provincia tinham operado n'elle. Via-o disposto a idealisar a mulher, a mais perigosa e mofina monomania que, dizia o tal, póde transtornar o cerebro de qualquer homem.

Com aquella ausencia de escrupulos, com que todos os dias caracteres, aliás não pervertidos, levianamente calumniam ou ferem de suspeitas reputações de todo o genero, elle fazia irreverentes allusões á morgadinha e zombava de Henrique, que ainda tomava a serio as isenções d'uma rapariga de vinte e tres annos. Acabava por o aconselhar a que indagasse de algum primo timido e modesto, ainda que menos ingenuo de certo do que elle Henrique se estava mostrando.

Esta carta fez mal a Henrique. Exacerbou-lhe a doença, que estava em via de cura. Um espirito mephistophelico parecia havel-a dictado. Henrique transportou-se pela imaginação, depois de lel-a, a um dos circulos que habitualmente frequentava em Lisboa; suppoz-se a fazer alli a narração da sua vida na aldeia, e parecia-lhe estar vendo os sorrisos com que o escutariam, e elle proprio construia os epigrammas, com que lhe seriá por certo commentada a narração. E então uma vergonha de má indole, vergonha do homem que põe um preceito de elegancia acima de um dictame de moral, fazia-o córar, apezar de a sós comsigo mesmo. Voltava a lêr a carta que lhe parecia dictada pela experiencia e pelo bom senso, emquanto que a ingenuidade das suas crenças se lhe figurava ridicula e desarrazoada.

Quem ha que não tenha tido momentos d'estes? Quem se póde gabar de não ter perguntado um dia aos seus escrupulos mais nobres se não são meros preconceitos, que ficaram d'uma educação acanhada? Quem

não poz um momento em duvida as sublimes verdades que a mãe lhe ensinou em creança? Henrique estava passando por um d'esses accessos de scepticismo. Magdalena era já para elle uma astuciosa, que muito se deveria ter rido da sua simplicidade; e tanto o incommodava esta ideia, que promettia a si proprio ser d'ahi por diante mais arrojado. Esta ordem de reflexões estavam acudindo outra vez a Henrique e recebiam da excitação, que se apoderára d'elle aquella noite, uma tenacidade maior. Sentindo a cabeça em fogo, Henrique levantou-se, apagou a luz, e abrindo a janella do quarto, sahiu á varanda que deitava para a quinta, a respirar o ar livre.

A noite era sem luar e sem nevoas. Descobriam-se muitas estrellas no céo, que com forte scintillação parecia illuminarem a terra d'um tenue crepusculo, que mal deixava distinguir os objectos.

O ar frio da noite estava produzindo em Henrique um prazer, que elle procurava prolongar.

Não havia passado muito tempo, depois que sssim se encostára á varanda do quarto, quando lhe attrahiu a attenção certo vulto alvacento, que furtivamente se movia n'uma das ruas da quinta.

Pareceu-lhe uma figura de mulher.

Justamente n'aquella occasião tinha Henrique na memoria o periodo final da carta do seu amigo.

Por isso occorreu-lhe uma ideia satanica.

—Ah!... Querem ver que... A dôr de cabeça subita... A insistencia em ficar só... Percebo... Um primo timido e modesto...

E, murmurando estas palavras, um sorriso maligno encrespava os labios de Henrique.

—Se eu podesse averiguar isto... Mas ella corre com uma ligeireza que, antes que eu ache meio de sahir para a quinta... já a levará bem longe.

O meio porém não era difficil de encontrar. Da varanda em que estava Henrique passava-se com grande facilidade para outra immediata, na qual havia uma escada de communicação para a quinta.

Reconhecendo esta disposição do terreno, Henrique

operou n'um momento a descida e pouco depois procurava através da quinta os vestigios da mulher que tinha perdido de vista.

N'esta operação esforçava-se por combinar com a maxima ligeireza a possivel precaução, para não ser por causa alguma frustrada a sua pesquiza.

A quinta do Mosteiro era extensa e cerrada toda em volta por um solido muro de alvenaria. Aqui e alli abriam-se n'elle differentes portas, que deitavam para os diversos logares da aldeia. N'este vasto recinto havia pomares, lameiros, vinhedos e hortas, por onde Henrique errava á tôa, já desanimado de ser bem succedido no empenho.

De repente julgou ouvir a pouca distancia, o rodar de uma chave na fechadura. Parou por precaução, e ficou-se a escutar. Logo depois ouviu o bater d'uma porta e nada mais.

Então adiantou-se rapidamente; n'um momento deu com a porta, que ainda se conservava aberta.

Sahiu por ella para a rua, mas achou-a deserta.

Dirigiu-se á esquina que d'alli avistava; dobrou-a, mas nada viu; as ruas eram solitarias e uma só casa terrea que havia ao lado d'um quintal estava discretamente fechada e silenciosa.

Desistindo de proseguir na infructuosa pesquiza, Henrique voltou para a porta.

—Esperemos aqui por esta donzella destemida, que assim anda de noite a correr aventuras. Ha de ser curioso observar como ella fica, quando me encontrar por guarda-portão. Veremos se ainda depois d'isto durarão aquelles ares de soberania, com que me tracta. Um primo timido e modesto!...

E, sorrindo á lembrança da scena que se preparava, Henrique fechou a porta por dentro, e accendendo um charuto, pôz-se a passeiar, aguardando o regresso da morgadinha.

Para não perdermos muito tempo, á espera tambem, aproveital-o-hemos a inquirir de coisas e de pessoas cujo conhecimento é util á continuação da nossa historia.

A pouca distancia do extremo da quinta do Mosteiro

e n'um sitio a que a abundancia de vegetação e a suavidade de perspectiva davam o mais pittoresco aspecto, estava a casa e o quintal do herbanario, casa e quintal já condemnados pelo lapis e tira-linhas dos engenheiros e offerecidos em sacrificio aos melhoramentos municipaes e concelhios.

Acharia justificado o quasi terror, com que Magdalena e Angelo escutaram a nova d'esta expropriação, quem conhecesse a vivenda rustica do herbanario e soubesse do amor que elle votava a cada objecto d'ella, assim como da vida que, havia tantos annos, alli vivia, escondido e obscuro.

Para o quintal, que a abundancia das arvores de espinho fazia sempre verde, abriam-se as janellas da pequena e humilde saleta, onde o herbanario se entregava ás suas leituras e lucubrações scientificas. Logo ao pé da porta se estendia o jardim, em parte de recreio, pelas flôres que o adornavam, em parte de utilidade, pelos simplices medicinaes, de virtudes mais ou menos problematicas, que o velho n'elle cultivava.

Vicente tinha entranhada a paixão vegetal, deixem-me assim chamar-lhe. Adorava as plantas pelas suas flôres, pelos seus fructos e pelos poderes curativos que lhes attribuia. E como se ellas possuissem a responsabilidade dos effeitos produzidos, assim lhes queria e as amimava, quando salutares; assim as aborrecia e maltractava, quando nocivas. A vida isolada e o genio do velho, que sempre fôra dado a singularidades, augmentaram estas disposições, que tinham o que quer que era de pantheistico; e não era raro surprehenderem-no conversando com ellas, como se convencido de que o estavam comprehendendo.

A borragem, a salva, a fumaria, a herva terrestre, a herva moura, os trevos, os geranios, as papoulas, as violetas, tão boa camaradagem lhe faziam, que nem lhe deixavam sentir a solidão.

O herbanario não tinha pessoa alguma ao seu serviço. Elle proprio cozinhava e por suas mãos fazia todos os mesteres domesticos.

É pois de imaginar que não seria muito complicado

o banquete das consoadas n'aquella casa, e que devia formar em tudo contraste com o que á mesma hora se celebrava no Mosteiro.

De feito, quando alli eram mais ruidosas as conversas e mais espontaneos os risos, dois homens apenas, sentados um defronte do outro, a uma pequena mesa circular, solemnisavam n'aquella modesta sala o sancto anniversario. Um era o proprietario da casa, o outro Augusto, um dos poucos que se atrevia a frequentar áquellas horas mortas a habitação do velho.

Além da mesa, sobre a qual estava uma ceia composta de queijo, maçãs, nozes, castanhas, duas sopeiras com escabeche, especialidade na confecção da qual o herbanario era eminente, e uma garrafa de vinho do Porto de promettedora côr de topazio, consistia o resto da mobilia n'uma estante de pinho, vergada sob o pêso de in-folios de grossas encadernações e folhas vermelhas nos aparos, em algumas cadeiras e bancos tambem occupados com livros e com varios utensilios empregados nas explorações scientificas do velho, taes como caixas de lata, frascos, martelos, foicinhas, limas, os quaes ainda sobravam, para alastrarem o chão.

Todo o recinto era apenas alumiado por um candieiro de azeite, e a escassa luz, que dos tres lumes que, em attenção á solemnidade da noite, o velho accendêra, ia reflectir-se no vulto alvacento d'um Christo de marfim pendente d'um crucifixo negro, que sobresahia n'aquellas paredes nuas e caiadas.

Havia bastante tempo que aquelles dois homens, sentados defronte um do outro, guardavam silencio; um d'esses silencios, durante os quaes os espiritos, como se impacientes com as longuras da palavra, tendo-se desembaraçado d'ella, voam a par, para adiantarem caminho e voltarem mais longe a associarem-se á sua mais lenta companheira.

Augusto, com os olhos fixos na luz que illuminava a scena, parecia alheio a quanto o rodeava.

O herbanario, sem desviar os olhos d'elle, com o braço estendido para o calice que tinha defronte de si, e a cabeça inclinada, parecia espiar, um por um, todos

os gestos de Augusto, e estudar n'elles os pensamentos que o preoccupavam. Emfim rompeu primeiro o silencio:

—Pobre rapaz! Dize-me para ahi tudo o que tens. Para que te mettes a esconder de mim aquillo que eu ha tanto te leio nos olhos, creança?

—O quê, tio Vicente?—perguntou Augusto, inquieto.

—O quê?! Ouve Augusto. Deu-te Deus o engenho, sem te esfriar o coração: são dons do céo, que se pagam caro e com lagrimas, rapaz. Bondade de coração com a cabeça... assim, assim... a dar esmolas aos pobres se satisfaz; cabeça de fogo, mas coração de gêlo... todos os meios de levar ao fim ambições, tanto os bons como os maus, todos lhe servem; mas coração como o teu, com o espirito que tens!... ai, pobre Augusto, se se escapa ao infortunio, é por milagroso poder do Senhor.

—Não o entendo, tio Vicente—disse Augusto, com manifesta confusão.

—Não? Olha para mim. E vê se te atreves a repetil-o.

Augusto abaixou a cabeça.

O velho sorriu com ar de commiseração e sympathia.

—Tu ainda não sabes fingir. Vamos lá; e cuidas que me não havia de custar se não tivesse acertado?— E, depois de breve pausa, continuou:—Mas ainda quando penso em como tu, uma cabeça forte, assim te deixaste enfeitiçar!...—E tomando o calice, que tinha defronte de si, disse com resolução:—Quero beber á tua saude, Augusto, e para que em breve se te desfaça essa loucura.

Quando ia a levantar o calice aos labios, a mão de Augusto susteve-lhe o braço.

—Não beba. Loucura embora, deixe-me viver e morrer com ella. Sou feliz assim.

—Ah!— disse o velho herbanario, tomando um ar mais grave; e poisou o copo, sem desviar de Augusto o olhar penetrante e fixo.

Augusto, depois d'um curto silencio, proseguiu com maior vehemencia e colorindo-lhe as faces um não costumado rubor:

—Sim. Porque o não hei de confessar? Essa loucura que diz, trago-a commigo, vivo com ella e quasi que para ella. Quero-lhe assim, e não a desejaria perder. Amor? não é; a tanto não chega... antes um culto, isso sim. É uma adoração como aquella, em que de pequenos nos educam para com a Virgem. Que esperanças tenho? Nenhumas. Nem procuro alimental-as. Quer que lhe diga? Vêl-a; respirar estes ares que ella respira; atravessar estas devezas em que ella passeia; amimar as mesmas creanças que ella amima; soccorrer, com o meu obolo de pobre, a miseria sobre a qual ella espalha caridosa as dadivas da sua abençoada opulencia... e, ahi está; são as minhas aspirações; é o futuro que desejo, e com que me contento. Leu no meu coração, disse; e ha muito que m'o dá a entender; mas não viu claro de todo, confesse. Julgou talvez que haveria em volta d'este sentimento um enxame de esperanças loucas, e d'ellas se ria. D'ellas por certo foi que se riu; é muito generoso para se rir do mais. Enganou-se, porém, tio Vicente; vê agora que se enganou, não é verdade? Essas esperanças não existem. Se existissem, bem vê que não estaria aqui. Não me teria impellido á ambição pelo caminho de realisal-as? Não se me têem offerecido os meios para tental-o? Mas, veja, quero-lhe tanto, e tanto me satisfaz esta felicidade a meu modo, que não arrisco um instante d'ella para tentar uma ventura maior.

O herbanario escutava silencioso, porém meneando a cabeça com ares de quem não punha demasiada fé n'aquellas palavras.

—Aos vinte annos!...— disse elle por fim —sentir o que dizes... ser feliz assim!... Deixa passar mais tempo; deixa tomar corpo á paixão e verás... verás depois...

—Tem dez annos— disse Augusto, sorrindo.

—Dez annos!

—É verdade. De creança a conheço, a paixão que diz; por isso confio n'ella. Tenho fé em que se não transviará.

—Dez annos!— repetia o velho admirado—Porém... ha dez annos...

—Ha dez annos sahi eu d'aqui, tio Vicente. Não se

lembra? Era então uma pobre creança da aldeia, educada entre os braços de minha mãe, e conhecendo, uma por uma, as arvores d'estes sitios e mais nada. Sahi d'aqui e fui para Lisboa. Não imagina as fortes impressões que recebi na noite que alli cheguei. Nunca a historia mais maravilhosa de fadas e de encantamentos que ouvia, quando era pequeno, nunca me feriu a imaginação assim! Tudo era novo para os meus sentidos. O rumor, as luzes, os palacios, os edificios, os carros produziam-me quasi uma vertigem; sentia-me vacillar. Achei-me, nem sei bem como, de tão atordoado que ia, n'uma casa onde estava o conselheiro, e em que se reunia, n'aquella noite, uma companhia numerosa de homens, de senhoras e de creanças, muitas da mesma idade que eu, e que formavam uma assembleia á parte. A sala era magnifica; muitas luzes, muitos espelhos, muitas flores, moveis doirados, tapetes, quadros, crystaes, e, para acabar de me confundir, o piano, objecto novo para mim, e que eu me não fartava de admirar. Tudo isto me perturbava, como imagina, e por força me havia de dar uns ares de estupefacto. O conselheiro recebeu-me com affecto; deu explicações ás pessoas presentes a respeito da minha vinda, e deixou-me entregue ás creanças. Ahi fiquei eu, bisonho rapaz da aldeia, com a minha jaqueta mal talhada, o meu olhar timido, os meus modos acanhados, no meio d'uma turba de creanças elegantes, que se me figuravam d'uma essencia superior á minha. As creanças são desapiedadas, quando assim em companhia. Cedo percebi que estava sendo o alvo da zombaria d'ellas; riam ao principio com disfarce e fallavam-se ao ouvido, olhando-me de relance; redobravam as risadas e transmittiam reflexões a meu respeito, cujo sentido julguei adivinhar. Depois dobrou a ousadia n'ellas, dirigiram-me ditos, gracejos, cada vez menos disfarçados; formaram grupos em volta de mim; se eu fallava, respondiam-me rindo. Então apoderou-se de mim um profundo desalento, comprimiu-se-me o coração de tristeza. Lembrei-me, com saudades, das arvores da minha aldeia, do meu pobre quarto, de minha mãe; e achei-me alli tão só, tão sem conforto nem amisades, que as lagrimas me vieram fer-

ventes aos olhos. Ainda hoje não hesito em dizel-o, foi aquelle um dos mais amargos momentos da minha vida. Nós, quando adultos, esquecemos facilmente os martyrios da infancia, quando n'esta idade uma sensibilidade exagerada tão dolorosos os faz. Foi então que se deu um facto que, na minha piedosa superstição de rapaz aldeão, quasi me pareceu de intervenção divina. Abriu-se a porta, e entrou na sala uma creança, que eu não tinha ainda visto. Era uma menina pallida, de gesto affavel e angelico. Vestia toda de branco. Entrou e approximou-se do conselheiro que jogava com uns amigos. O conselheiro, depois de beijal-a, não sei que lhe disse ao ouvido. Ella correu então a sala com a vista; viu-me e veio direita a mim.

—Não conhecias já da aldeia Magdalena?

—Não; minha mãe veio para aqui no anno, em que, por morte da sua, Magdalena voltou a Lisboa. A affabilidade, a singeleza desaffectada com que me fallou, causou-me um allivio ineffavel. Ainda hoje sinto como que os reflexos d'aquella suave impressão. Parecia-me ouvir a voz de minha mãe; tinha o timbre da sympathia. Encheu-se-me logo de confiança o coração. Com ella não senti mais aquelle acanhamento que me enleiava. Depois fallava-me de coisas que eu sabia tão bem! Perguntava-me a respeito dos campos, das arvores, das abelhas, dos ninhos dos passaros, das flores, dos trabalhos do linho... interrogando-me e escutando-me com tanta deferencia e attenção, que me inspirava coragem, e julgo que me estava dando ares de mais importancia junto d'aquelles pequenos senhores e senhoras que, pouco a pouco, se foram despojando dos seus desdens e acabaram por me escutar e interrogar tambem com curiosidade. Já uns me lançavam os braços ao hombro, outros formavam circulo em volta de mim, e cedo fui eu o principal personagem d'aquella noite. Essa creança...

—Era Magdalena; adivinhal-o-ia agora, se já o não soubesse. Não podia deixar de ser ella— exclamou o herbanario, com um fulgor de sympathia a illuminar-lhe o olhar.—Era ella; sempre assim foi!

—Era. Esta scena pueril teve uma grande influencia

no meu espirito. Hoje ainda, se penso n'ella, acho-a de uma grande significação moral. Pois não é mais apreciavel n'uma creança esta prova de superioridade de caracter, do que nas idades em que muitas vezes a razão e o calculo a impõem a uma indole naturalmente pouco generosa? Alli era tudo espontaneidade. Desde então a adoro.

O herbanario parecia não ter já animo para sorrir.

—Agora vejo porque trouxeste da cidade aquella grande tristeza. Tão nóvo!

—É verdade. Foi esse o motivo. Magdalena foi sempre para mim affavel; inclinava-se sobre o livro em que me via estudar, corrigia, sorindo, os defeitos da minha educação aldeã e, se reconhecia progressos no discipulo, manifestava uma alegria que era para mim o maior incentivo e o maior premio. Fiz os exames. Quando voltei a casa, Magdalena com certo ar de gravidade, que aquella creança já então tomava, perguntou-me, no meio d'uma conversa propria de creanças: «E sente-se com genio para ser padre, Augusto?» Já me não lembro do que lhe respondi. Trouxe porém commigo aquella pergunta; trouxe-a para a solidão da minha aldeia. Procurei cerrar os ouvidos á voz interior, que desde então m'a repetia sempre, até junto da cabeceira de minha mãe, cuja maior aspiração era, como sabe, vêr-me padre. Mas em vão! foi desde então uma dúvida constante com que luctava. Com a morte de minha mãe tudo mudou. Pela primeira vez respondi á interrogação, que havia tanto tempo dirigia a mim proprio, e consegui por fim responder: «Não.» Eis o segredo do meu passado.

—E porque disseste «Não?»

—Porque vi que toda a minha vida era para a consagrar a um sonho; que o sonharia no altar, no pulpito e no confessionario; que para toda a parte me seguiria a imagem, a que eu já não podia renunciar, e a qual então já não contemplaria sem remorsos, como agora o faço. Foi por isto.

—Só? Não te illudirás a ti mesmo, Augusto? Repara bem, que n'isso póde ir a tua felicidade! Estás bem certo de que não ha uma esperança dentro do teu coração?

—Se a tivesse...

Ia a continuar, quando julgou ouvir o rumor de passos na rua. Cedo batiam na porta duas leves pancadas e uma voz dizia de fóra:

—Está acordado ainda, tio Vicente?

O herbanario trocou um olhar com Augusto. A voz era de Magdalena.

Augusto ergueu-se com presteza. O herbanario quiz retel-o.

—Onde vaes?

—Deixe-me sahir. Não poderia vêl-a agora. Não estou preparado com a minha indifferença.

—Pobre mascara! N'esse caso sahe pelo quintal.

—Tio Vicente! —repetia Magdalena de fóra.

—Eu vou, minha ave nocturna; eu vou já. Espera —continuou em voz baixa para Augusto: —dá-me a tua palavra que não escutarás.

—Dou; mas... promette que nada lhe dirá?

—Eu?!... Louco! Assim te podésse fazer esquecer, quanto mais... Adeus!

Depois de assegurar-se de que Augusto sahira pelo lado do quintal, o herbanario foi abrir a porta da rua á morgadinha.

XVI

— Ora com Deus venha a minha fada; esta querida Lena, que se não esquece dos seus amigos velhos... Boas festas me trazes pela noite, filha!

No rosto e nas maneiras de Magdalena havia evidentes indicios de preoccupação.

— Boas noites, tio Vicente! Pouco me posso demorar; eu venho...

O herbanario conduziu-a para junto da mesa, onde estavam ainda os signaes da refeição, que havia pouco findára. Vendo os dois talheres, a morgadinha olhou interrogadoramente para Vicente:

— Estava alguem comsigo?

— Esteve Augusto, que ceou aqui. Porquê? Temos por ahi mais alguns livros a comprar-lhe? — continuou sorrindo com benevola malicia.—Tenho eu mais uma vez de chamar em meu auxilio a fada, que, de vez em quando, me ensina em segredo quaes os livros, que o rapaz mais deseja e de que eu mal sei dizer os nomes? Hei de ainda ouvir calado agradecimentos, que não mereço, e que elle mais de coração daria, a quem são de justiça devidos?

— Não, tio Vicente; não se tracta agora d'isso.

— Ai, Lena, Lena, que não sei bem o que devo pensar de todas estas coisas.

A morgadinha parecia um pouco perturbada com as palavras do herbanario.

— Que ha de pensar? Ha nada mais natural? Angelo foi que me deu o exemplo. Elle sabia o amor que Au-

gosto tem á leitura. Porém o cofre de Angelo é pequenino, bem sabe; emquanto que eu chego a nem saber em que hei de consumir o que me sobra. Por isso foi que me lembrei... porém como não conviria que eu propria fizesse o presente, nem elle de mim o aceitaria, é que eu lhe pedi que o fizesse em seu nome. Mas fallemos d'outra coisa, porque me não posso demorar. Venho ás occultas e emquanto a minha gente foi á missa do gallo. Tio Vicente, um objecto muito grave me obrigou a procural-o a estas horas.

—Ah!— disse o velho sentando-se e em tom de gracejo—Adivinho a gravidade do caso. O filhito do boieiro, o teu afilhado predilecto, tem algum principio de sarampo ou de garrotilho, e vens...

—Não não. Diga-me, tio Vicente, tem muito amor a esta casa e a este quintal?

O velho tornou-se immediatamente serio.

—Se lhe tenho amor?! Que pergunta!

—Tem?

—Nasci aqui, filha.

—Custar-lhe-ia a...

—A quê?

—A... a...

E Magdalena hesitava.

—Falla— insistiu o velho, já inquieto.

—A separar-se d'ella?

O herbanario respondeu simplesmente:

—Ah! morreria.

Magdalena fez um gesto de afflicção.

Em Vicente crescia o desassocego.

—Mas... Dize, Magdalena; o que significam essas palavras?

—É que...

—Explica-te!— exclamou o herbanario, quasi imperiosamente.

—Ouça-me, tio Vicente; ouça-me, mas não se afflija. Eu vim de proposito para o prevenir. Mas, por amor de Deus, socegue, senão tira-me o animo de continuar.

—Que socegue, e tu a atormentares-me com essas demoras!

— Perdoe... Falla-se em deitar abaixo estas arvores e esta casa, para...

O herbanario d'um impeto poz-se a pé. Fulgurou-lhe nos olhos um relampago de ira terrivel!

Magdalena calou-se assustada.

— Deitar abaixo estas arvores e esta casa?! Quem?... Quem se atreve? — Pois que venham! que venham!...

Mas reparando no terror que estava causando a Magdalena, procurou reprimir-se, e com uma voz que elle se esforçava por tornar tranquilla, continuou:

— Mas vejamos. Então querem, dizes tu... Falla, Lena, falla... Dize o que sabes. Quem é?... Para que fim? Pois quem póde lembrar-se de... Falla, bem vês que eu estou socegado, filha.

— Ha um projecto de estrada...

— Ah! — disse Vicente, com um grito de raiva — Não digas mais. Já sei — continuou com renascente exaltação. — Já sei. Adivinho o resto. É teu pae que o determina; é teu pae que o resolveu?

Magdalena abaixou a cabeça com dolorosa expressão.

O furor do velho exaltou-se outra vez.

— Teu pae! Teu pae, Lena! Então esse homem jurou matar-me?

— Tio Vicente!

— Elle não sabe o que são para mim estas arvores e estas paredes? Elle não sabe que a minha alma está n'ellas, presa a estas raizes? que com ellas se despedaçará? Esse homem sem coração não vê que são estas as minhas affeições, as unicas? a minha unica familia? Elle, o companheiro dos meus primeiros annos! que, como eu, ahi brincou, á sombra d'essas mesmas arvores e sob os olhares de meu pae, que tambem o abençoava, tão duro de coração se fez que, sem respeito por estas memorias todas, assim me quer separar do que me dá vida, do que ainda me prende ao mundo? E é teu pae este homem, Lena?

— Por quem é, tio Vicente; ouça-me. Deixe-me dizer-lhe ao que vim, que talvez tudo se remedeie ainda.

— Sim, sim; tudo se remediará... com a minha morte. Talvez que ella seja util a teu pae... Talvez precise d'ella.

— Oh! não creia, não creia.

— É duas vezes doloroso o golpe; porque me separa do que amo devéras, e por vir da mão de quem vem. Eu era amigo de teu pae, Lena. Acredita que o era... ainda. Conheci-o tão generoso e tão innocente, como teu irmão Angelo. Muitas vezes me enthusiasmei ao ouvil-o fallar dos seus projectos. E acreditei n'elle. Tinha então no olhar um fogo, que não mentia. Vi-o seguir a carreira publica e acompanhei-o com a minha fé. Não tardaram os primeiros desenganos; não lhes quiz dar credito ao principio. Vieram outros e outros. Fui vendo então que os maus ares d'aquella terra tinham embaçado o brilho do caracter, que eu julguei melhor do que os outros. Mas o peior dos desenganos estava-me reservado ainda. Para teu pae hoje os homens são medidos pelos votos, que podem lançar na urna eleitoral!

— Por amor de Deus, tio Vicente. não falle assim! Não duvide de meu pae! — exclamou Magdalena, a quem cruelmente estavam affligindo as recriminações amargas do herbanario. — Meu pae estima-o e respeita-o. Não tem o coração endurecido que diz. Elle mesmo ámanhã aqui ha de vir. Verá então...

— Elle? Ámanhã?...

— Para isso venho prevenil-o. Não o receba com asperezas, tio Vicente; falle-lhe com brandura. Talvez o commova, talvez seja ainda possivel valer a tudo. Ainda não está decidido... Julgo... E que estivesse...

— Ámanhã! Teu pae vem aqui ámanhã? E ousa vir elle proprio annunciar-me o que sabe que vai ser uma sentença de morte?

— Não; elle ignora o mal que isto lhe causa, creia. Sabendo-o, verá como...

— Teu pae conhece-me, Magdalena. Teu pae conhece-me, e ha muito. Não julgues que póde errar, calculando o effeito d'este golpe. Mas que queres tu? ensinaram-lhe já a avaliar em pouco as venetas d'um velho quasi tonto. Homens que trazem o pensamento em interesses tão altos, não têem vista para estas pequenas desgraças.

Magdalena sentia-se possuir d'uma profunda tristeza,

ao ouvir fallar o herbanario. Era uma dolorosa provação para o seu amor de filha ver assim uma nuvem de desconfiança offuscar a ideal concepção que ella formára do pae, e não ter forças para a afugentar. Ás vezes uma dúvida cruel fazia-lhe, a seu pesar, suppor que o herbanario tinha razão. Agora só conseguia oppôr um gesto supplicante áquellas acerbas accusações, que por muito tempo ainda desattenderam esta supplica muda.

A final serenou a violencia da irritação do velho; succedeu-lhe porém uma commoção profunda, dominado por a qual disse a Magdalena:

—Socega, Lena; ámanhã eu receberei teu pae sem a menor aspereza. Fizeste bem em vir primeiro, filha. Se o não esperasse, talvez não soubesse conter-me. Agradecido. Uma noite é bastante para me preparar. Agora vai, deixa-me só; deixa-me... chorar.

E cobrindo o rosto com as mãos, deixou-se cahir, soluçando, sobre a mesa, junto da qual se achava.

Magdalena correu para elle commovida.

—Então, tio Vicente, então! Socegue! Ámanhã meu pae virá. Falle-lhe, e eu espero que ainda será tempo de evitar... o mal.

—Póde ser; póde ser...— respondia o velho.—E se não podér, Deus me acudirá para não viver por muito tempo fóra da casa em que nasci.

Magdalena já não tinha que lhe dizer.

—Eu pedirei tambem, e Christina, e todos pediremos, como já pedimos. Tenho esperança.

—Não, filha, não peças tu. Deixa-me só com teu pae ámanhã. Disseste que tinhas vindo, sem ninguem saber?— continuou elle.—Olha que te não dêem pela falta. Vai, que é tempo.

—Mas...

—Vai, filha. Eu estou já tranquillo. Bem vês. Deus te recompense a bondade que tiveste. Vai. Queres que te acompanhe?

—Não é preciso. Vim pela porta das prezas, que deixei aberta. São dous passos e estou na quinta. Mas, tio Vicente...

—Vai então; e Deus te abençoe.

E o velho poisou a mão sobre a cabeça de Magdalena, que sahiu commovida.

E elle cahiu outra vez sobre a mesa, sem reter o pranto que lhe rebentava dos olhos.

É sombria a saudade n'aquellas idades, porque as esperanças são já muito debeis para lhe darem luz.

Sahindo de casa do herbanario, perturbada ainda pelos sentimentos que alli a tinham agitado, a morgadinha dirigiu-se á pressa para a porta da quinta, por onde sahira. Ao impellil-a para entrar, a porta resistiu. Este facto surprehendeu e inquietou um pouco Magdalena. Quem poderia ter fechado a porta? E se effectivamente estava fechada, tornava-se-lhe necessario um longo rodeio pela aldeia para chegar a outra, que podesse encontrar aberta.

N'esta hesitação impelliu outra vez instinctivamente a porta, que lhe oppoz a mesma resistencia.

Cedo porém sentiu o rodar da chave na fechadura e viu mover-se lentamente a porta, e no vão, que augmentava, desenhar-se uma figura de homem.

Antes que podésse, através da obscuridade da noite, reconhecer a pessoa, que assim tão a proposito lhe acudia, deram-lh'a a conhecer estas palavras:

—Muito boas noites, prima Magdalena. Espero que pelo menos me concederá licença para exercer, junto de si, as humildes funcções de porteiro.

Era Henrique de Souzellas.

Magdalena não foi superior a um vago sentimento de receio, ao encontrar-se ahi com o hospede de Alvapenha; comtudo esforçou-se por dominar-se, e respondeu com apparente presença de espirito:

—Ah! E' o primo Henrique. Muito boas noites. Ahi temos um requinte de galanteria, que eu estava muito longe de esperar.

—E de desejar, não?

—E de desejar tambem; confesso-o. Por mais diligente que seja um porteiro, nunca o é tanto como uma porta aberta.

—Mas é mais discreto.

—Duvido. Em todo o caso, agradeço o incommodo.

E, dizendo isto, preparava-se para entrar, sem mais explicações.

—Uma palavra, prima Magdalena,— disse Henrique, retendo-a por o braço e com certa expressão nas palavras e no gesto, que redobrou o sobresalto da morgadinha.—Não ha mais accommodado terreno para um dialogo solemne do que o limiar d'uma porta. Ordinariamente no limiar das portas o homem muda de mascara; depõe a que apresenta na sociedade e afivela a que traz na familia, e vice-versa. Ora n'estas mudanças é facil surprehender o verdadeiro rosto da pessoa.

—Será tudo o que quizer o limiar d'uma porta, primo; menos um logar muito confortavel para serões n'uma noite de dezembro.

E Magdalena tentou de novo seguir para diante.

Henrique susteve-a outra vez.

—Um momento só, prima Magdalena; tenho necessidade de saber se me quer para alliado ou para inimigo.

—Não vejo a necessidade da alliança que propõe, nem as razões para a lucta.

—Sejamos francos. A prima deve confessar que a minha presença aqui foi um desagradavel contratempo. Uma certa altivez e consciencia de invulnerabilidade, de que tinha o incommodo de se revestir, sempre que tratava commigo, depois d'esta importuna occorrencia, terá de se modificar.

—Não havia dado por essa... *revestidura* que diz; mas, se ella existiu, far-me-ha o favor de dizer, porque não póde continuar?

—Essa é boa! porque eu faço a justiça á prima de suppor que não vai tão longe a sua hypocrisia.

—Hypocrisia!— disse Magdalena com accento mais severo.

—Perdão; não tive tempo para inventar outro termo mais... brando. Dissimulação talvez lhe agrade mais. Seja dissimulação. Mas depois do occorrido...

—Agora exijo eu que se explique, senhor.

—Ora vamos. Seja razoavel. Poder-me-ha dar uma explicação... edificante... d'esta sua excursão nocturna?

—Obsta apenas a que eu lh'a dê, sr. Henrique de

Souzellas, a falta d'uma pequena formalidade: a de lhe reconhecer o direito de enterrogar-me.

—Muito bem. Cada vez confirmo mais a minha ideia. A prima é uma mulher admiravel, uma mulher superior, educada na alta escola d'uma sociedade distincta, sobranceira por isso a pieguices provincianas. Tanto mais me encanta! E creia que me envergonho só ao lembrar-me do que terá pensado de mim, vendo-me tomar a serio as suas profissões de fé, tão cheias de franqueza e de candura. Devo ter-lhe parecido bem ridiculo, não é verdade?

—Agora é que me está parecendo bem enigmatico!

—Sim? N'esse caso eu me decifro. A prima não ignora que eu a amo.

—Pois ignorava! — atalhou Magdalena com ironia.

—E sabe de certo, por experiencia do mundo, que, para homens como eu, a indifferença, a frieza e os desdens redobram o ardor da paixão.

—Sim; já li isso n'um romance.

—A prima tem sido para commigo d'uma crueldade revoltante; mas pouco sincera. Eu resignava-me a soffrer, porque um resto de ingenuidade, que me ficou dos quinze annos, illudia-me na interpretação de taes resistencias. Tive a puerilidade de a suppor uma mulher de excepção; pouco me faltou para a divinisar. Estava reservado para esta memoravel noite de Natal o desengano...

—Ah! Então parece-lhe...

—Que a prima representa admiravelmente o seu papel. Póde gabar-se de ter illudido um homem habituado ás scenas da comedia social.

Magdalena respondeu com um tom de voz cheio de severidade e de nobreza:

—Tenho-o estado a escutar, snr. Henrique de Souzellas, sem que eu propria bem saiba o que me retem aqui: se é a compaixão que me inspira a profunda doença moral de que o vejo tomado, se a curiosidade de saber a que tendem todos esses arrazoados. Vejo-o inclinado a imaginar que por um facto, que a sua pouco delicada indiscrição preparou, eu ficarei de hoje em diante á mercê

da sua generosidade. Conhece-me muito pouco, sr. Henrique! Ainda quando esse facto não podesse ter uma explicação natural, e que me não repugnará declarar quando quizer, saiba que tenho orgulho de mais para arrostar com tudo, até com a calumnia, de preferencia a resignar-me ao menor predominio, que me seja odioso.

—Bravo!

— Saiba mais, snr. Henrique de Souzellas, que se eu não lhe fizesse a justiça de acreditar que d'esses seus actos e palavras não é absolutamente irresponsavel talvez a má influencia da ceia d'esta noite, bastariam elles para me inspirarem por si e pelo seu caracter o mais completo desprezo; e então seria, como nunca, manifesta a minha independencia, porque eu nunca temi os seres que desprezo.

Henrique principiava a ser de novo subjugado pelo tom de sinceridade e de energia, com que a morgadinha lhe fallava; ainda assim um resto de scepticismo obrigou-o a replicar:

— Sancto Deus! prima Magdalena; não dê um colorido tão pavoroso ás minha supposições. Despojal-a d'uma crueza deshumana, para a dotar d'uma sensibilidade verdadeiramente feminil, é uma justiça feita ao seu coração. E o facto que o acaso me revelou a nada mais me authorisa. O pequeno e natural despeito por me haver deixado illudir desvaneceu-se já, creia; e agora só me resta invejar a sorte de quem tem a felicidade...

— Basta! Ordeno-lhe que se cale, senhor! Nem mais um instante o escutarei; poupar-lhe-hei assim os remorsos, que ámanhã teria da sua infamia.

E animada por uma resolusão mais energica, Magdalena caminhou soberanamente para a porta.

Henrique collocou-se-lhe outra vez diante.

— Um momento mais.

— Deixe-me passar, senhor.

— Não, sem que me ouça antes.

— É uma violencia!

— É uma supplica.

N'este momento sahiu da obscuridade da rua fronteira um vulto que avançou para elles.

— Snr.ª D. Magdalena, se fôr preciso reter o insolente, que se lhe atravessa no caminho, ponho um braço á sua disposição.

E Augusto, de quem partiram estas palavras, veio collocar-se entre Henrique e Magdalena.

Ouvindo-o e reconhecendo-o, Henrique estremeceu de cólera. O olhar que fixou no recem-chegado trahiu a vehemencia da impressão recebida. Depois succedeu-se-lhe no espirito outra ordem de ideias. Olhou para Magdalena em quem não era menor a surpreza, causada pela inesperada presença de Augusto, olhou outra vez para este e soltou uma risada cheia de malignidade e de ironia, que a ambos fez estremecer.

—Ahi está uma apparição tanto a tempo, prima Magdalena, que aos mais incredulos infundiria fé na intervenção da Providencia. Que foi sem duvida providencial o acaso, que trouxe por aqui, a estas horas mortas, um tão generoso e intrepido salvador. Não é verdade, prima? O que vale estar de bem com Deus!

Estas palavras mostraram a Augusto que a sua intervenção, ainda que generosa e devida a um espontaneo impulso da alma, não fôra porventura das mais convenientes.

—Senhor!—exclamou elle, indignado, dando um passo para Henrique.

—Socegue—tornou este com dobrado sarcasmo. —O senhor é um perfeito heroe de romance; enthusiasta, cavalheiresco, mas em certas occasiões, incommodo de candura, por isso mesmo. Se soubesse o transtorno, que veio causar a um bello dialogo que eu sustentava aqui com a snr.ª D. Magdalena! Não vê como a deixou embaraçada? Perdeu com a sua vinda o fio da comedia, que desempenhava com perfeita sciencia de actriz. As almas ingenuas e generosas, como a sua, snr. Augusto, são ás vezes d'uma impertinencia! Vamos, snr.ª D. Magdalena; não descoroçôe. Assim esgotou todos os recursos da sua imaginação? Vamos, introduza mais este elemento da apparição d'um heroe no enredo, e organise a comedia com o superior talento que tem! Eu por mim aceito todos os papeis que me distribuir.

Augusto ia a responder, quando Magdalena o atalhou dizendo, com voz firme:

—Perdão; vejo n'esta noite em todos uma notavel disposição para usurparem direitos, que não possuem! O snr. Henrique, o de me interrogar; o snr. Augusto, o de me defender. A um repetirei o que já ha pouco lhe disse; se algum dia tiver necessidade de explicar as minhas acções, fal-o-hei diante d'outros juizes, em quem reconheça o direito de o serem. Ao outro peço licença para lhe lembrar que, se o titulo de hospede e de parente não fosse bastante para me assegurar da parte do snr. Henrique de Souzellas os respeitos que me são devidos, tinha ainda na minha familia defensores legitimos e não seria por isso obrigada a recorrer á protecção de um estranho. Meus senhores.

E, inclinando-se senhorilmente, a morgadinha passou por entre elles e entrou para a quinta, sem que nenhum a procurasse reter.

—Se esta senhora aceitasse a sua protecção e eu teimasse n'aquillo que chamou a minha insolencia, qual seria, pouco mais ou menos, o seu procedimento? Poder-se-ha saber?—perguntou Henrique, logo que a morgadinha desappareceu.

Augusto, em quem a fria altivez da resposta d'ella, deixára o desespero no coração, respondeu acerbamente:

—Procuraria ensinal-o a ser cortez. Bem vê que não me esqueço facilmente do meu programma de mestre-escola.

—Vejo; é a segunda tentativa de lição que lhe mereço. Permitte-me que ámanhã o procure para dar principio a um curso de educação mais regular?

Augusto, respondeu sorrindo:

—É um cartel em fórma? Não sei se estarei ensaiado para essa comedia.

—Se o genero tragico lhe agrada mais, dar-se-lhe-ha esse sabor.

—Bem ouviu que se me negou o direito de tomar partido por esta causa. Qualquer scena d'essas entre nós seria pouco delicada... ámanhã.

—Pois bem, contemporisemos; e até lá é de esperar que algum motivo occorra que a explique melhor... aos olhos dos outros.

—Como queira; a minha porta não se fecha a quem me procura.

E separaram-se depois de se cortejarem.

—Se me não engano—dizia comsigo Henrique em caminho do quarto— é um verdadeiro desafio o que eu acabo de dirigir a este rapaz. Quer-me parecer que estou sendo bem ridiculo, desafiando um mestre-escola. Se lhe deixo a escolha das armas decide-se por a férula. Tem graça! Veremos o que ámanhã, á luz do dia, eu penso d'isto tudo. Eu já não fico por mim esta noite. Estou a querer convencer-me de que tenho andado estouvadamente e com não demasiado cavalheirismo. Que diabo! É que esta mulher e este creancelho são irritantes. Ella com a sua altivez, elle com os seus brios. Mas, na verdade, será este o Endymião d'esta esquiva Diana? Caprichos feminis... É o tal primo ingenuo e timido... A ociosidade da aldeia para alguma coisa ha de dar. Mas da maneira por que ella lhe fallou... Havia certo tom de sinceridade... Astucias... O que é certo é que estou em lucta com uma mulher superior... Pois luctemos, priminha, mas com armas leaes. Não me prevalecerei do segredo que o acaso me revelou, se segredo existe... Veremos como ella ámanhã me trata...

Esta scena deixou em Augusto uma perturbação de espirito mais profunda.

As operações mentaes que o preoccuparam toda a noite eram d'aquellas a que repugna chamar pensar. É mais uma febre intellectual, um succeder de imagens sem ordem nem filiação, que não conduz a nenhum resultado, que não aconselha nenhum partido, que não esclarece, offusca.

Como se explica esta differença entre os dois? Por um apparente paradoxo; porque Augusto tinha mais habitos de reflectir. Quando n'uma vida de episodios uniformes e apparentemente vulgares, o espirito exerce demasiado a analyse, habitua-se a estudar factos que para outros passam por insignificantes e descobre-lhes faces

novas e desconhecidas. Costumado assim a ligar valor a tudo, quando succede que no decurso da vida se lhe depara um facto de maior vulto, a confusão do primeiro momento é inevitavel. Assim como a balança de precisão, apropriada para oscillar com pesos tenuissimos, não é a que póde servir para os grandes pesos, tambem a intelligencia costumada a pesar subtis accidentes de que se compõe o drama habitual da vida, não é a que de subito póde avaliar algum mais complexo e importante.

A resolução n'estes espiritos, depois de formada, é mais tenaz; mas, emquanto se não fórma, vai n'elles um tumulto de ideias, que se não podem analysar.

Não analysemos, pois, as de Augusto.

Magdalena não socegou emquanto não viu Henrique voltar ao quarto, pelo mesmo caminho por que sahira.

—Que resultará d'isto?—pensava ella— Que fará elle ámanhã?... É preciso não me acobardar, ou estou vencida... Mas que se passaria depois que os deixei?... Veremos ámanhã.

No meio d'esta serie de pensamentos, Magdalena sorriu.

É que lhe occorrêra então este pensamento:

—Dizem que nós, as mulheres, temos filtros subtis para nos tornar amadas. Pois será mais difficil fazer-se aborrecida?... Como o conseguirei?...

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

JULIO DINIZ

A MORGADINHA

DOS

CANAVIAES

CHRONICA DA ALDEIA

SEGUNDA EDIÇÃO

VOLUME II

PORTO
TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
Rua Ferreira Borges, 31

1872

A MORGADINHA DOS CANAVIAES

A MORGADINHA

DOS

CANAVIAES

CHRONICA DA ALDEIA

POR

JULIO DINIZ, pseud.
Joaquim Guilherme Gomes Coelho

SEGUNDA EDIÇÃO



PORTO
TYPOGRAPHIA DO JORNAL DO PORTO
RUA FERREIRA BORGES, 31

1872

A MORGADINHA DOS CANAVIAES

I

Não havia mentido a grande scintillação das estrellas na noite de Natal.

A manhã do dia seguinte correspondeu ao augurio meteorologico, rompendo pura e desennevoada, com um céo azul sem manchas, e um sol de fundir os gelos dos montes e os gelos da velhice.

O frio intenso convidava a sahir, e desde pela manhã aldeões de ambos os sexos, de camisas lavadas e roupas domingueiras, atravessavam os campos, saltavam sebes e cancellos, desembocavam das azinhagas e quelhas na direcção da igreja matriz, onde se deviam celebrar as festas da Natividade.

Era dia sancto entre os que mais o são; e os dias sanctos na aldeia têem uma feição solemne e festiva, que mal avaliâmos nós, os que passâmos a vida nos apertados horisontes das cidades; phantasiando o campo por meia duzia de pardaes, que chilram ruidosamente nas cópas das enfezadas arvores das nossas praças e jardins.

Desde que a moda estabeleceu a lei de não solemnisar o domingo nem o dia sancto, com um vestuario mais aceiado, com um prato mais exquisito na lista do jantar, com uma diversão excepcional, e que todos deram em vestir-se, comer e trabalhar n'esses dias, exactamente como em todos os da semana, perderam nas

cidades os dias do Senhor a feição typica e interessante, que por muito tempo tiveram; e quem hoje bem os quizer apreciar tem d'ir n'um sabbado pernoitar ao campo, para amanhecer no domingo ao som do sino, que chama para a missa matinal.

Dirá então se não parece que até o sol tem outra luz e que as arvores e as plantas se toucaram de flores novas, que guardam de reserva para os dias de festa.

Este particular aspecto do domingo estava-o logo pela manhã sentindo Henrique de Souzellas, encostado á varanda do quarto em que pernoitára, e emquanto esperava que o chamassem para o almoço.

De vez emquando a recordação das scenas nocturnas da vespera desviava-lhe para outra ordem de reflexões o pensamento; acudiam-lhe todos aquelles incidentes á memoria, mas vagos e confusos, como se tivessem sido sonhados; chegava quasi a duvidar da realidade d'elles.

Agora estava experimentando certa curiosidade e tambem receio de saber como seria recebido pela morgadinha, e que posição deveria tomar na presença d'ella.

Formava a este respeito varias conjecturas, sem se fixar em nenhuma.

D'estas cogitações veio por fim arrancal-o o toque da campainha annunciando o almoço.

—Vamos— disse Henrique;— preparemo-nos para o primeiro embate. Apuremos a vista para n'um relance julgar do estado das coisas, e por elle regular o meu plano de tactica.

E depois d'uma rapida consulta ao toucador, desceu para a sala do almoço.

Já alli encontrou reunida toda a familia do Mosteiro, e a morgadinha presidindo á mesa e preparando o chá.

Todos saudaram Henrique, e a um tempo se informaram da maneira por que elle tinha passado a noite.

Henrique respondeu que a tinha dormido deliciosamente; e, fallando, desviava o olhar para Magdalena, que o encontrou do modo mais natural, sem timidez nem audacia.

Seguiram-se os cumprimentos em particular, chegando portanto a vez de cumprimentar Magdalena.

—Bons dias, prima Magdalena—disse Henrique, estendendo-lhe a mão e fixando-a com olhar investigador.

Magdalena respondeu-lhe ao cumprimento, com sorriso que nada tinha de affectado nem de constrangido:

—Bons dias, primo Henrique. Devem-lhe parecer horrorosos estes nossos habitos matinaes. Foi uma indiscrição mandar tocar a campainha. Esqueci-me de prevenir que lhe respeitassem a indolencia cidadã.

—Eu é que não consentia;— disse o conselheiro —na aldeia como na aldeia. Em Lisboa tambem as minhas alvoradas são mais tardias.

—Tem razão, snr. conselheiro. Eu proprio não esperei que me acordasse o toque da sineta. Ha muito que eu namorava a manhã da janella do meu quarto.

—Eu não pude dormir toda a sancta noite—disse D. Dorotheia.— Estranhei a cama e a casa. Eu cá sou assim, quem me tira do meu ninho!...

—Ó prima, não vá sem resposta— disse D. Victoria—que tambem eu não puz ôlho, e mais sou da casa. E por signal que sempre hei de querer saber quem foi o criado que lhe deu para andar toda a noite por a quinta. Eram que horas e eu ainda ouvia pés nas escadas de pedra. É verdade; o primo Henrique não ouvia? Era mesmo junto do seu quarto.

—Não, minha senhora, eu não senti rumor.

E dizendo isto Henrique procurou os olhares da morgadinha, que justamente n'aquella occasião lhe servia uma chavena de chá, e que de novo o fixou sem perturbação nem affectada indifferença.

Henrique sentiu-se embaraçado com isto. Custava um pouco á sua vaidade este nenhum vestigio de resentimento ou de receio, que encontrava em Magdalena.

No entretanto D. Victoria continuava a commentar com D. Dorotheia o facto das passadas que ouvira de noite.

—Deixe-se d'isso, prima. É porque não sabe o que vai. São coisas d'estes criados. Não faz ideia! É uma pouca vergonha! É preciso paciencia de sancta para os aturar.

—Angelo— disse a morgadinha ao irmão—entre-

tido como estás a conversar com as creanças, esqueces-te de servir a Christe, que tambem se esquece de se fazer lembrar. Que distracções por aqui vão!

Angelo reparou para a prima, que em todo aquelle tempo estivera calada e cahida em uma d'aquellas abstracções a que ultimamente era sujeita.

—Eu não sei que tem hoje esta Christe— disse Angelo.—Julgo que lhe fez mal o frio da noite de hontem.

—É verdade, até está falta de côr! Ora queira Deus que não seja coisa de cuidado. Doe-te alguma coisa, menina?—perguntou D. Victoria apprehensiva.

—Não, mamã—respondeu Christina.

—Ó meninas, vocês tambem são umas desacauteladas. Eu bem te disse hontem, Christe, que levassses mais roupa. Tudo é não faz mal, tudo é não tem duvida, e depois é que vem o queixarem-se.

Isto disse a snr.ª de Alvapenha e muitas coisas mais n'este sentido. Estas reflexões fizeram Henrique desviar os olhos para a pessoa que era objecto d'ellas.

Christina estava effectivamente pallida e pensativa; e d'esta côr e d'esta expressão recebia uns ares de poesia melancolica, que a tornava mais graciosa.

Henrique notou pela primeira vez a belleza d'esta creança, em que mal fixára a attenção até alli, e pela primeira vez se demorou a observal-a com alguma insistencia.

—É interessante esta pequenita—pensava ella comsigo.

Christina ia a levantar os olhos para responder a D. Dorotheia, quando encontrou os de Henrique a fital-a. Assomou-lhe então ás faces um mal pronunciado rubor, a palavra resolveu-se n'um sorriso e os olhos baixaram-se de novo.

—Ha de ser adoravel esta mulher—pensou d'esta vez Henrique, vendo-a sob novo aspecto.

O conselheiro disse, sorrindo:

—Ora, que estão a dizer? A Christe até está com umas côres muito bonitas. Triste? Melancolias dos dezoito annos nunca me deram cuidados. Provavelmente

está agora n'algum episodio sentimental do romance da sua imaginação. Não sondemos aquelles mysterios, mana. Já não é para nós comprehendel-os, prima Dorotheia.

Todos riram do dito do conselheiro, o que redobrou o enleio de Christina.

A morgadinha, a quem não passára desapercebida a impressão, que a prima d'esta vez parecia ter causado a Henrique, quiz aproveitar o ensejo que havia tanto procurava e para isso propoz que se désse uma volta pela aldeia antes da missa do dia. Esperava ella que as attenções de Henrique, durante o passeio, seriam para Christina, se não decorresse o tempo preciso para que se dissipasse no espirito do voluvel rapaz a impressão que o dominava.

A manhã convidava á excursão campestre. A proposta da morgadinha foi acolhida com applauso. O conselheiro prometteu acompanhal-os até á casa do herbanario, a quem tinha de visitar aquella manhã.

Levantaram-se todos da mesa, e á excepção de D. Victoria e D. Dorotheia, todos sahiram.

A morgadinha, sob não sei que pretexto, deixou-se ficar um pouco atraz para dar tempo a Henrique de offerecer o braço a Christina, o que effectivamente aconteceu.

—Bem— disse Magdalena comsigo, ao vêl-os—agora que os anjos bons d'um e d'outro se convençam da obra meritoria que fazem entendendo-se.

E, approximando-se do pae, Magdalena apoiou-se-lhe no braço.

Angelo ia com as creanças adiante.

Approximemo-nos nós de Henrique e de Christina, para ver se os anjos bons d'elles ambos accederam ao convite de Magdalena.

—Não ha prazer que se compare ao d'um passeio assim pelos campos, n'uma manhã como a d'hoje, e em companhia tão amavel—dizia Henrique, procurando aquilatar o espirito da sua *partner*, n'um certame de galanteria, fóra do qual não concebia que se podesse temperar uma paixão.

Pobre rapariga! Que eloquentes e apaixonadas respostas lhe estava porventura ditando a alma! mas o enleio da timidez fechava-lhe os labios, não lhes deixando formulal-as; apenas pôde responder:

—Está muito agradavel a manhã, está; nem parece de inverno!

—Pelo que vejo, não gosta do inverno? É natural em uma senhora isso. Faltam-lhe as flores e as aves, suas irmãs. Eu prefiro o inverno porque prepara a vida intima, as scenas ao canto do fogão, as leituras em commum, e traz-me á ideia as imagens d'um viver a que a phantasia de todos sorri; de todos os que têem um resto de coração; refiro-me ás imagens d'uma familia.

Não ha quem sustente mais tremendas luctas do que os timidos. A alma revolta-se n'elles, com toda a violencia dos seus instinctos, contra não sei que mysterio de temperamento, que lhe reprime as expansões. Na apparencia é fraqueza e serenidade, mas no intimo ha esforços realisados, que os fortes nem concebem sequer.

Christina encobria no seu enleio uma d'estas luctas. Os labios só poderam responder:

—Na cidade o inverno é mais facil de pasar, julgo eu; porém na aldeia...

—Na aldeia e em toda a parte se póde gosar a felicidade que eu imagino. Não é fóra das portas de casa, que devemos procurar os elementos para instituir a nossa ventura, e por isso... Mas a prima ha de estar admirada de ouvir fallar assim um homem, que completou os seus vinte e sete annos sem familia. Não é verdade?

Christina só pôde sorrir.

—Mas que quer? Quem muito idealisa arrisca-se a morrer apaixonado do ideal e abraçado á peior das realidades. É a consequencia legitima e triste do aspirar demasiado. Até hoje tenho encontrado na vida mulheres formosas, amaveis, interessantes; porém nenhuma que satisfizesse ás necessidades do meu coração, de quem me affirmasse a consciencia poder esperar a realisação do meu sonho. Perdoe-me fallar-lhe n'isto, priminha; é uma ousadia que tomei, porque um instincto me disse que possue no coração bastante bondade para m'a perdoar.

— Está a gracejar? — disse Christina, em quem redobrava a turbação, e que ao mesmo tempo que estava sendo feliz desejava vêr interrompida a sua felicidade: contradicções proprias dos timidos.

— A prima é muito moça — continuou Henrique, que não desesperava ainda de animar esta Galatheia — e talvez por isso lhe causará estranheza este meu modo de fallar. Um dia virá, porém, em que o comprehenderá melhor. Se então encontrar um desconfortado como eu, peço-lhe que tenha misericordia d'elle e o salve do desalento, em attenção a quem a conheceu n'uma época, em que só podia vêr em si, priminha, a aurora de uma esperança que já não tinha de luzir para elle.

— Mas... salval-o!... como salval-o?...

— Como as mulheres salvam; amando.

— Bem digo eu que está a gracejar — balbuciou Christina, com voz trémula.

— Tem o defeito da innocencia — disse Henrique para si. — Não se lhe tira uma resposta de geito.

N'isto chegaram defronte da porta, por onde Magdalena tinha sahido da quinta na noite passada.

— Agora deixo-os por aqui — disse o conselheiro — irei encontral-os á igreja. Vou arrostar com a fera silvestre ao proprio covil.

— Meu pae, lembre-se do que lhe recommendei — disse Magdalena.

— Socega, filha; serei de cera. Até logo.

— Até logo.

E o conselheiro tomou a direcção da casa do herbanario.

— Era tempo! — disse Henrique comsigo — A minha eloquencia arrefecia na proximidade d'este gêlo.

A morgadinha havia quasi adivinhado tudo; estudando as physionomias de Christina e de Henrique, conheceu que se não haviam entendido os anjos.

— Ainda não! — murmurou ella — Pobre Christe! como se deve estar odiando a si mesma! Como ha de esta creança vencer este obstinado? Mas não perco ainda as esperanças.

Henrique, na presença d'estes sitios, recordou-se da

scena da vespera e tentou outra vez experimentar Magdalena.

— Esta porta é da quinta do Mosteiro, não é, prima?

— É — respondeu Magdalena imperturbavel — e voltando-se para Angelo: — O que te faz lembrar esta porta, Angelo? — perguntou ella.

— Que muitas vezes por aqui sahiamos, eu e vós ambas, já de noite, e sem a tia saber, para irmos ter com o tio Vicente que voltava da caça das borboletas.

— Fica perto a casa d'elle? — perguntou Henrique.

— É alli, logo ao dobrar d'aquella esquina — respondeu Angelo.

Henrique pensava:

— Seria para provocar uma explicação que ella fez a pergunta? Esta mulher é admiravel! Não lhe sei resistir.

E já lhe não restavam vestigios da impressão causada por Christina.

— Este herbanario — continuou elle em voz alta — deve, pelos seus habitos excentricos e até pelo solitario do sitio em que vive, ter aqui na terra certa famasinha de feiticeiro.

— E tem — affirmou Magdalena; — mas de feiticeiro bem intencionado.

— Devem correr muitas fabulas a respeito d'elle, do seu viver.

— É certo que poucos se atrevem a passar aqui de noite, apesar de todo o bem que elle faz de dia.

— Ah! Então temem-se de passar aqui de noite!... Pobre homem!... O que lhe valerá é algum espirito forte que ainda por ahi haja, na aldeia. Que diz, prima Magdalena? Haverá?

Antes que a morgadinha respondesse, Angelo disse:

— Á excepção de Augusto, que ahi vem quasi todas as noites, ninguem mais o visita.

— Ah!... O snr. Augusto vem ahi quasi todas as noites?!

Magdalena luctava para reprimir a impaciencia.

— Lá me parecia que havia de existir alguem de coragem. Para tanto não chegava o seu animo, não, prima?

— Tanto chega, que já muita vez alli tenho ido só,

e a altas horas—respondeu Magdalena, com a maior firmeza.

—Sim?! E não tem medo?

—De quê? De almas do outro mundo? não tenho crença para tanto. De malfeitores? não os ha aqui. N'esta terra todos me respeitam, nem com uma suspeita me offendem— disse a morgadinha accentuando com expressão as ultimas palavras.

Henrique acudiu immediatamente:

—Longe de mim duvidal-o.

E calaram-se por muito tempo.

Pela sua parte proseguia o conselheiro no caminho para casa do herbanario. Cruzou-se com varios homens, mulheres e creanças de aspecto doentio e soffredor, que voltavam de consultar o velho a respeito dos seus males; eram mancos, ictericos, escrofulosos, creanças de aspecto rachitico e enfezado, os mais melancolicos exemplares do infortunio humano.

—São os peregrinos que vem de Meca— disse comsigo o conselheiro.—Pelo que vejo a clientela do meu velho amigo herbanario mantem-se fiel, como d'antes. Valha-nos Deus que o meu severo censor não tracta com muito respeito o codigo.

Entrou emfim a porta do quintal.

Poucos passos andados encontrou-se com o Zé P'reira, que vinha virando e revirando nas mãos um papel e monologando, segundo o costume.

—Ora! ora! ora!... Estragar o vinho de Nosso Senhor com ésta mexerofada! Isso até era um peccado. N'essa não caio eu!

O conselheiro interrogou-o sobre as causas d'aquelle aranzel.

O homem, depois de cortejar, respondeu, mostrando uma receita que lhe dera o herbanario no virtuoso intento de lhe fazer aborrecer o vinho, causa dos seus males. A receita era extrahida da Polyantheia, e tinha por ingredientes uma cabeça e sangue de carneiro, cabellos de homem e figado de enguia; mas o doente ia pouco disposto a experimentar-lhe a efficacia.

Depois de se separar do Zé P'reira, o conselheiro

seguiu por uma rua de limoeiros, e como homem a quem era familiar a topographia do quintal. Cedo chegou á vista do herbanario, que dera audiencia *sub tegmine fagi*.

Estava sentado á borda d'um tanque, a que uma d'essas arvores dava sombra.

O conselheiro sahiu emfim de traz dos limoeiros e veio ter com elle.

Ao rumor dos passos Vicente voltou a cabeça, e, depois de reconhecer quem era, retomou a sua primeira posição e ficou silencioso.

—Bons dias, Vicente— disse o conselheiro com familiaridade e parando defronte d'elle.

—Bons dias, Manoel—respondeu o herbanario, deixando-se ficar sentado.

—Sahia agora d'aqui um homem, que julgo será rebelde a toda a tua medicina. Padece de mal que se não cura.

—Os vicios são enfermidades mais rebeldes do que os achaques do corpo, são.

—Já que tu não appareces no Mosteiro, como d'antes, para solemnisar comnosco as festas do Natal, vim eu ver-te.

—Obrigado.

—A tua misanthropia vai-se azedando, Vicente— continuou o conselheiro, sentando-se á beira do tanque.

—Cada vez te estás a sequestrar mais dos homens, cada vez mais os aborreces.

—Eu não aborreço os homens; enganas-te. Não os aborrece quem passa a vida a procurar os meios de alliviar os padecimentos dos seus similhantes. Estou velho, isso sim, e, como velho, encontro já no mundo pouca gente com quem me entenda. As ideias do meu tempo passaram. Por isso deixo-me ficar em casa a pensar n'ellas.

—És um homem singular; um verdadeiro philosopho. Ora dize-me: e em que cogitas tu, quando assim passas uma manhã inteira, sentado n'esse banco, com os joelhos ao sol, os braços cruzados, e os olhos no chão?

—No passado. Pois não t'o disse já? O domingo

reservo-o eu para me recordar. Ahi está que ha pouco, quando aqui me vim sentar, ao ouvir os repiques na igreja, lembrei-me de que era dia de Natal, e o meu pensamento voltou quarenta annos atraz a um dia igual ao de hoje. Lembras-te d'elle, Manoel?

—Do dia de Natal de ha quarenta annos? Não.

—Lembro-me eu. Faz hoje mesmo quarenta e dois annos que, mais cedo do que estas horas, vieste ter commigo aqui a casa. Tinhas pouco mais ou menos a idade que hoje tem teu filho Angelo. Meu pae sahira; julgámos nós ambos boa a occasião de levar a cabo um projecto que havia muito tempo traziamos na cabeça. Crescia a um canto do muro, além, á beira do poço, uma pequena faia que alli não poderia durar muito tempo; meu pae todos os dias a ameaçava com a enxada e a custo a tinhamos defendido. Resolvemos transplantal-a. Deitámos mãos á obra essa manhã, e, no fim de alguns segundos, estava a faia mudada. Trouxemol-a para onde a deixassem em paz os hortelões, e para junto da agua que ella já tinha procurado. Conheces a arvore hoje?

—Não— disse o conselheiro, olhando em roda, como á procura d'algum pequeno arbusto.

—Olha que ha quarenta annos; a planta é hoje arvore. É esta a que me encosto.

O conselheiro levantou então os olhos para os ramos vigorosos da arvore, como se lhe parecesse impossivel ter sido removida para alli por suas mãos.

—É singular como os annos correm, e as arvores crescem depressa— disse elle distrahidamente.

—Depois da nossa tarefa, sentámo-nos— proseguiu o herbanario.—Tu ficaste, exactamente como estás agora, á beira d'este tanque. Então, lembra-me bem, olhando para os ramos tenros d'esse arbusto, que ainda não sabiamos se viveria, tu disseste: «Fizemos uma obra que durará mais do que nós.» E eu respondi: «Quem sabe? O machado vem, quando menos se espera.»

—Como te lembras bem d'essas coisas!— disse o conselheiro sorrindo constrangidamente, porque não agourava bem do exordio que abrira a entrevista.

— Ai, eu tenho boa memoria!

Houve um momento de silencio, que Vicente interrompeu subitamente dizendo:

— Mas a final o que te trouxe hoje aqui?

O conselheiro respondeu com resolução:

— Ver-te, como disse, e ao mesmo tempo fallar-te d'um objecto grave.

— Sim? E commigo é que vens tratar os objectos graves?

— Porque não? sempre foste homem de bom conselho.

— Nem sempre, Manoel, ou nem sempre pensaste assim.

— Não poderás dizer que deixasse alguma vez de te respeitar. Os nossos genios differem, os nossos diversos habitos de vida ensinaram-nos a pensar diversamente a respeito de muitas coisas. D'ahi procedem divergencias naturaes, que comtudo não nos obrigam a deixar de nos estimarmos; julgo eu.

— Bem; então dizias tu que vinhas?...

— Trata-se d'um negocio de muita importancia, Vicente.

— Dize.

— Responde-me primeiro: tens ainda animo para sacrificios?

— Pouco tenho que sacrificar.

— Tens, e é um sacrificio doloroso.

— Acaba.

— Trata-se de te desapossar d'esta casa e d'este quintal para abrir por aqui a estrada em projecto.

O herbanario, contra a espectativa do conselheiro, acolheu sem surpreza estas palavras, e respondeu com certa ironia:

— E para que me vens consultar? Posso eu oppor-me a isso? Avisas-me para eu me arredar a tempo da sombra d'estas arvores, mais velhas do que eu, a fim de que não me esmagem ao cahirem decepadas? És generoso, Manoel, em teres ainda em conta a vida d'um homem inutil.

— Ahi estás já com as tuas recriminações. Acredita que eu...

—Não mintas, Manoel, não mintas. Ias dizer que não tinhas tomado parte n'este projecto. Tem coragem e lealdade, homem, e dize tudo. Entre mortificares o coração d'um velho e pobre amigo e offenderes os interesses d'algum rico e poderoso influente, tomaste o primeiro partido; e, como os differentes habitos de vida te ensinaram em muitas coisas, como dizes, a pensar differente de mim, não deste a isso o nome de ingratidão.

—Ouve.

—Sê franco, que eu te ouvirei.

—Pois bem, serei franco. Sim, confesso-t'o; era indispensavel que esta estrada se fizesse. Bem o sabes. Estava n'isso empenhada a minha palavra e a minha honra. Ha muito que os meus adversarios me fazem guerra por causa d'ella. Trabalhei e consegui, apezar d'esta situação politica me ser contraria. Tres traçados se offereciam. Um sacrificava uma grande parte dos bens de meus filhos, de Angelo, que não é muito rico, que está no principio da existencia e que só Deus sabe se no decurso d'ella não teria occasião de maldizer a imprevidencia de quem devêra olhar por os seus interesses. Querias que os sacrificasse? Sabes que os Brejos, vendidos hoje, nada valiam; e que dentro em pouco tempo, convenientemente trabalhados, podem ser d'um valor importante. Querias que o fizesse? ou não me desculpas por o não ter feito?

—Fizeste bem— respondeu o herbanario.

—O outro traçado cortava os bens do brazileiro Seabra. Conheces este homem? Um elemento que, nas mãos de quem lhe saiba lisongear e conduzir a vaidade, póde ser de utilidade para esta terra; mas tambem uma cabeça que, entregue a si, não faz cousa de geito. O homem oppunha-se formalmente a esse traçado; se o não attendesse, declarava-se, por despeito, no campo contrario ao meu. Se vencia (e algumas armas tem para luctar), imagina a calamidade que sería para este circulo o confiar áquellas mãos os seus destinos; vencido, era perder as esperanças de tirar dos bem fornecidos cofres, que o homem possue, alguma coisa mais util do que um sino

para a igreja ou vestimentas novas para as imagens dos altares. Eu ando a cathequisar o homem para vêr se consigo d'elle uma casa para escolas, melhor do que esse albergue que ahi temos, e um estabelecimento sericola; se o desattendesse, lá iam as esperanças d'estes melhoramentos tão uteis, e que o mais que nos poderão custar é um diploma de visconde ou uma commenda. Sei que te não agradam estes meios, porém olha que em politica são dos mais innocentes que podem empregar-se. Já vês pois que o segundo traçado tinha desvantagens para o circulo, por cujo interesse me empenho devéras; pódes crêl-o. Resta pois o terceiro traçado que, lealmente o confesso, não era o melhor, nem scientifica nem economicamente considerado; eu sabia demais o que valia para o teu coração o sacrificio que se te vinha exigir; eu mesmo possuo memorias ligadas a estas arvores, e não ha homem que, aos cincoenta annos, veja sem repugnancia desapparecerem os vestigios dos seus tempos de infancia e de juventude; mas sabia tambem que tu eras uma alma generosa e heroica, e que não duvidarias comprar, á custa das tuas dôres e saudades, um melhoramento para esta terra que tanto amas. Esta estrada, promettida ha tanto, e concedida ainda agora de má vontade, corre risco de se não fazer, se, quanto antes, não principiarem os trabalhos; a menor opposição dos proprietarios, o menor embargo dilatorio, podem ser motivo para o seu adiamento, porventura indefinido. Por isto tambem me animei, porque contava comtigo, Vicente. Enganei-me?

O herbanario estava cada vez mais pensativo.

—Pensaste bem. A velhice é assim; e eu queria dar mais importancia o dois annos de vida, que me restam, do que á vida nova que vai haver para esta terra. Fizeste bem.

—Esperava ouvir isso mesmo de ti, Vicente. Além de que, dissipa as apprehensões com que estás; em toda a parte terás arvores...

O herbanario interrompeu-o.

—Se não entendes o amor que eu tenho a estas, não faças por consolar-me, Manoel, porque me afflijes mais.

—Porém deixa-me dizer-te, Vicente, que no Mosteiro, ou em qualquer das nossas propriedades, tens sempre um logar vago á tua espera, tanto á mesa, como ao canto do fogão, e amigos que te receberão com prazer.

—Não receio ficar sem abrigo, Manoel. Em cada choupana de pobre teria tecto e pão. Conto com a colheita de algum bem que semeei.

—Eu farei com que o contracto da expropriação te seja o mais favoravel possivel. Vejamos, em quanto avalias...

—Não fallemos n'isso. A avaliar por o que eu lhe quero, ninguem m'o pagaria; a não attender a isso, tudo será pagal-o bem.

—Mas...

—Não fallemos n'isso, homem. Tenho medo de que estas arvores me ouçam propôr o preço por que as vendo. Se alguma coisa posso pedir-te, então...

—Tudo. Dize em que te posso servir.

—Peço-te que decidas a pretensão d'aquelle pobre rapaz, de Augusto; que te lembres um dia de que aqui na aldeia ha um homem, que tem vinte annos, um coração e uma cabeça como tu sabes, e que de ti e dos teus, da gente que dá e vende graças, honras e empregos, só quer um favor... mas uma justiça: lembra-te d'isso.

—Fallas do despacho effectivo para professor? É uma coisa facillima; mais que elle queira... E antes elle quizesse mais; esse rapaz perde por modesto. Acredita, ás vezes é mais facil servir os ambiciosos. Nem eu sei o que tem empatado esse negocio. É certo que ha um competidor, por quem alguem trabalha; mas não importa; conta com isso, como negocio concluido.

—Emquanto não vir...

—Hoje mesmo escrevo para Lisboa. É só isso que pedes? Vê lá.

—E que me deixes agora só.

—E não me ficas querendo mal, Vicente?

—Não. Estou a acreditar que tiveste razão, ou pelo menos que suppões que a tens. Basta-me isso para te perdoar.

*

—Ver-te-hei no Mosteiro antes de partir? Depois do dia de Reis volto a Lisboa, e só tornarei para a campanha eleitoral.

—Não prometto.

—Adeus.

O conselheiro estendeu a mão ao herbanario, que não retirou a sua, e partiu.

—Está feito!— ia pensando o conselheiro á sahida —não foi tão difficil como julgava. Está razoavel o homem. Quem o viu e quem o vê! O que faz a idade! Bem! Agora é apressar os trabalhos para antes das eleições, a ver se acalmam algum fermentosito de opposição, que por ahi possa haver, que pequeno será.

N'estas cogitações chegou á igreja. Magdalena esperava-o no adro.

—Então?— perguntou ella com anciedade.

—Tudo está remediado; entendemo-nos perfeitamente— respondeu o conselheiro com manifesta satisfação.

—Devéras! Eu logo vi que o pae havia de ceder!— exclamou Magdalena com alegria.

—Como ceder?— tornou o pae —Elle é que foi mais condescendente do que eu esperava. Não oppoz a menor resistencia, nem se queixou muito amargamente.

—Pois consentiu?!

—Sem grande custo, ao que parecia.

—Ó meu Deus! meu Deus! agora é que eu temo devéras. Pobre tio Vicente! assusta-me isso que diz, meu pae!

—Ora vamos; a tua imaginação é que te illude. Mas deixa-me aqui fallar com o morgado das Perdizes e com o brazileiro, que julgo que têem que me dizer. Vai para a igreja, que eu vou já ter comvosco.

E separando-se da filha, o conselheiro dirigiu-se ao grupo, em que estavam aquellas duas notabilidades.

—Dou-lhes uma boa nova, meus senhores— disse o conselheiro, depois de comprimental-os—dentro em pouco temos os alviões a trabalhar cá na terra. Estive agora com o Vicente; receei resistencias da parte do ho-

mem, que nos obrigassem a expropriações judiciaes, sempre demoradas. Mas não, achei-o nas melhores disposições; e assim, dentro em poucos dias...

—Mas, para diante da casa d'elle, talvez os outros proprietarios não sejam tão doceis—lembrou o brazileiro.

—Bem sabe que são terras insignificantes, cujos possuidores com pouco se contentam.

—Os antigos possuidores talvez se contentassem com pouco— disse o brazileiro, sorrindo velhacamente—mas os modernos...

—Pois mudaram de senhorio?

—Por contracto de venda assignado e legalisado hontem mesmo.

—E quem os comprou?

—Este seu criado.

O conselheiro teve vontade de o esganar; conteve-se porém, dizendo:

—Tanto melhor; quero-me antes com proprietarios illustrados e independentes, que comprehendam a importancia dos melhoramentos publicos, do que...

—Isso historias, meu caro amigo; em primeiro logar estão os melhoramentos particulares. Eh, eh, eh.

—De certo que não ha de querer pôr estorvos a uma empreza como esta.

—Estorvos, não, mas emfim... Amigos, amigos, negocios á parte.

O conselheiro sorriu, emquanto que interiormente mandava ao diabo o espirito mercantil e interesseiro do seu antigo condiscipulo.

—Póde-me dar duas palavras, snr. conselheiro?— requereu do lado o snr. Joãosinho das Perdizes.

—Mil que pretenda— acudiu o conselheiro; e tomando o braço do morgado afastou-se do grupo.

—Eu tenho a pedir-lhe um favor—principiou o morgado.—Eu, como sabe, interesso-me muito pelo mestre escola de Chão do Pereiro, que quer vir ensinar para aqui. Este negocio está empatado, como sabe, e por isso queria que o senhor escrevesse para Lisboa a este respeito.

—Pois sim, mas...— fez-lhe notar o conselheiro —não sabe que é Augusto o outro concorrente?

—Então que tem isso?

—Não lhe parece que seria uma injustiça? Um rapaz de merecimento, como elle é, aqui da terra, que já exerce o emprego ha tres annos e com tanta intelligencia? e haviamos de...

—É verdade— atalhou o outro—pois isso é verdade, mas... Emfim, elle que passe para outra parte.

—Mas se o rapaz quer isto?

—Quer! quer!... tambem o outro quer. Ora essa é fresca. E vamos, snr. conselheiro, a gente tambem não ha de estar só a fazer favores, sem os receber quando os pede. Com este já são tres. Pedi-lhe para o meu tio abbade ser conego; foi tanto conego como eu. Pedi umas caudelarias lá para a freguezia... estou á espera d'ellas... Ora isto não se faz. O senhor sabe que eu lhe tenho vencido as eleições com a gente da minha freguezia, que vai para onde eu a levo. Pois agora não sei o que será. A não se decidir este negocio depressa...

—Ora não será isso motivo para tanto.

—Com certeza que é— insistiu o snr. Joãosinho. —Então digo-lhe mais: a mim já me fallaram. Ha ahi alguem que não desgostaria dos votos de que eu disponho, e votar pelos que já estão no poleiro não sei se lhe diga que não é peior.

O conselheiro, mortificado como estava, disse sorrindo:

—Não posso convencer-me de que o meu amigo seja capaz de fazer isso por qualquer causa que possa darse. Mas deixe estar que, em relação ao que me diz, eu verei.

—Máu! Não é «eu verei.» Então fallo-lhe claro. Se d'aqui até ás eleições não estiver feito o despacho, não conte commigo.

—Mas quem lhe diz que não ha de estar?

—Pois lá isso...

—Socegue. Hoje mesmo, escrevo para Lisboa.

—Bem.

O sino tocava a chamar para a festa.

Terminou o dialogo.

— O peior — ia pensando o conselheiro — o peior é que prometti ao Vicente que apressaria o despacho de Augusto. Não tem duvida; é tão magra a posta que não vale a pena disputal-a. Para Augusto arranjarei alguma coisa melhor. É preciso ter ambição por elle. Se elle quizesse ir para Lisboa?... Mas, pelo que me disse este basbaque, já se maquina no campo contrario! Hei de sondar o Tapadas, a ver o que sabe.

Estas conferencias com o brazileiro, e com o morgado tinham mortificado o pae de Magdalena a ponto de não conter um movimento de impaciencia, assim que viu que o Pertunhas se approximava d'elle, e, á força de cortezias e cumprimentos, lhe pedia um momento de attenção.

Sabidas as contas, tratava-se do tal emprego de recebedor, que o latinista com tanto ardor namorava.

O conselheiro descarregou sobre este pouco influente eleitor o máu humor que os outros lhe causaram e respondeu desabridamente:

— Ora adeus! O senhor é uma sanguesuga que se não farta de chupar. Contente-se com o que tem; vá conjugando o *laudo, laudas,* que outros, com mais merecimentos, nem isso conseguem; e deixe-me.

O mestre Pertunhas ouviu com humilde sorriso a admoestação e curvou-se para deixar passar o conselheiro.

Mas lá comsigo dizia:

— Sim? Elle é isso?! Pois veremos se a sanguesuga te não pica.

E entrou tambem para a igreja, com não muito christãs disposições de espirito.

II

Do dia de Natal ao dia de Reis passou o tempo para o conselheiro em visitas ás freguezias e aos influentes d'aquelle circulo eleitoral, visitas a que o acompanhava Henrique de Souzellas, que tomava parte, com gosto, n'estas excursões politicas.

—Em casa do snr. Joãosinho das Perdizes, na freguezia de Pinchões, passaram elles um dia. Nos solares do morgado tudo era desordem e desmazelo; a cada passo se tropeçava n'um podengo ou se trilhava a cauda a um perdigueiro. Henrique sustentou uma verdadeira lucta com o proprietario para esquivar-se a engolir todas as enormes dóses de carne de porco e de vinho, com que elle, á viva força, o queria regalar.

No quarto em que os hospedes pernoitaram estavam amontoados no meio do chão uns poucos de alqueires de milho e de castanhas, e aos pés dos leitos dormiram enroscados dois galgos, que elles não conseguiram desalojar, e que toda a noite os incommodaram com latidos ao menor rumor que escutavam fóra.

Henrique lamentou a influencia eleitoral do morgado das Perdizes, que o obrigava a esta noitada.

Outro dia jantaram em casa do brazileiro, que lhes mostrou toda a sua propriedade, tendo Henrique de obrigar a sua eloquencia a esgotar-se em affectadas exclamações, diante dos prodigios de mau gosto reunidos alli.

As estatuas de louça, os alegretes de azulejo, os arcos feitos de cana, por onde se entrelaçavam magras tre-

padeiras; um pequeno modelo de fragata brazileira com tripulação de altura dos cestos de gavia, fluctuando n'um tanque circular; uma gruta estucada de azul e com assentos de palhinha, para onde vinha ler as folhas o snr. Seabra, eram as principaes maravilhas do jardim. Nas salas mobilia rica, mas vulgar; lithographias coloridas em custosas molduras douradas; bordados, diplomas de socio de não sei quantas sociedades brazileiras, tudo encaixilhado, e no logar de honra a estampa das capellas do Bom Jesus de Braga. Á impertinencia de admirar estas preciosidades accrescia a de ouvir e de ter de achar graça a um papagaio que cantava o hymno brazileiro.

Henrique sahiu de lá exhausto de paciencia.

Com estas visitas politicas passou, como dissemos, todo o periodo das festas do Natal, sem que entre os personagens da nossa historia occorresse cousa que mereça nota.

Entre Magdalena e Henrique mantinha-se a mesma lucta moral; nem um nem outro recordavam declaradamente a scena nocturna, em que tão acerbas palavras se haviam trocado. Augusto não voltára ao Mosteiro desde então. Era tempo de ferias para as creanças, o que fazia natural esta ausencia, contra a qual Angelo em vão protestava. Magdalena nunca porém alludia a ella. Christina passava o tempo, querendo-se mal por a sua timidez, e de quando em quando amuando de ciumes com Magdalena, que ria d'elles, e os dissipava com uma palavra.

Chegou emfim o dia de Reis, aquelle em que devia realisar-se no pateo do Mosteiro o auto que, havia muito, mestre Pertunhas andava ensaiando.

Henrique e D. Dorotheia vieram jantar ao Mosteiro, e ficaram para assistir á solemnidade popular.

Já por vezes temos ouvido fallar n'este auto, que promettia ser coisa memoranda nos annaes dos festejos publicos da terra. Havia mezes que o snr. Pertunhas esgotava os thesouros da sua sciencia dramatica a ensaial-o, e vimos com anticipação andar Ermelinda decorando a parte da Fama que lhe competia desempenhar.

Estes autos e entremezes, que nas aldeias se representam, são como os restos grosseiros que da nossa arte

primitiva a varredura estrangeira deixou ficar pelo chão. Não obstante as extravagancias e as modelações toscas e risiveis de muitos, é certo que nos mostram que a Euterpe rustica tem conservado mais fiel a indole peninsular, do que sua irmã, a civilisada musa das cidades, a cujo paladar já sabem mal as popularissimas redondilhas, tão apreciadas ainda na Hespanha.

Em occasiões de festa levanta-se em qualquer terreiro ou pateo de quinta um tablado; vêem adornal-o as mais vistosas colchas de chita, das quaes tambem se formam os bastidores; alugam-se nos depositos mais modestos da cidade ou villa proxima vestidos de reis, de principes e de guerreiros, em que se combinam os elementos de épocas e de nacionalidades disparatadas, e perante uma plateia rustica, ao ar livre, como no theatro antigo, desfiam-se em cantada choradeira as sentimentaes peripecias da vida de qualquer sancto, ou, entre gargalhadas, os episodios comicos de algum enredo popular.

A circumstancia de ser o auto d'esta vez desempenhado no pateo do Mosteiro, o que fôra em parte por deferencia ao deputado do circulo, em parte por conveniencia dos emprezarios, pela apropriação do terreno a todos os effeitos, e pela ajuda de custo, que sempre em taes casos recebiam de s. exc.ª, essa circumstancia, dizemos, augmentava o numero de espectadores.

Das janellas do Mosteiro gosava-se, como d'um camarote de frente, do espectaculo popular.

O terreiro era destinado para o povo, em grande parte attrahido tambem pela pipa de vinho, que o conselheiro n'estes dias mandava pôr á disposição dos seus representados.

Desde a vespera havia grande agitação e azafama no pateo do Mosteiro. Os artifices levantavam o tablado scenico; pregavam e despregavam taboas; serravam barrotes; os directores, e á frente d'elles o infatigavel e imaginoso Pertunhas, davam ordens contradictorias; e os curiosos estacionavam em magotes, difficultando tudo, censurando o que viam fazer, e aventando alvitres absurdos.

Herodes, o pae de Ermelinda, andava em brazas. Approximava-se a hora dos seus triumphos. O genio dramatico palpitava n'elle, cheio de vida e de enthusiasmo.

Ia mais uma vez poisar nos hombros o manto da realeza judaica; brandir a espada infanticida, carregar aquelles sobrecenhos com que fazia chorar as creanças e estremecer as mães; ia resuscitar Herodes, o despota legendario.

Trabalhando e suando, resmoneava os versos do seu papel de tyranno, e insensivelmente fazia gestos e esgares promettedores de effeitos scenicos futuros.

Os seus collegas eram menos ardentes pela arte. O Herodes olhava-os com a sobranceria de um Talma, e muitas vezes lamentava sinceramente a ausencia de vocações dramaticas que auxiliassem a d'elle.

E não sorriam os leitores a esta velleidade artistica do recoveiro; alli havia fundamentos para ella. O Cancella era o minerio d'um tragico, deixem-me assim dizer. No meio d'uma escoria de rusticidade continha abafado mineral de lei.

Tivessem sido outras as contingencias da sua vida, vel-o-iam porventura arrebatar plateias inteiras com as revelações do genio, que ás vezes n'um grito, n'um sorriso, n'um gesto se manifesta; mas ainda assim inculto, não mentia n'elle o verdadeiro enthusiasmo, o sentimento da arte que lhe afogueava as faces e os olhos, e lhe animava o gesto no calor do desempenho; não mentia aquella embriaguez que lhe causavam os applausos da multidão. Não ha verdadeiro genio artistico, que se não namore do publico, embora o saiba caprichoso, inconstante e ingrato. O homem, indifferente aos applausos das turbas, nunca será poeta nem artista de verdadeira inspiração. O amor vivo da gloria adianta a meio caminho os emprehendedores d'esta nova conquista de vellocino.

Ermelinda, essa tremia com a commoção de artista novel, á lembrança do espectaculo, em que pela primeira vez ia entrar.

As senhoras do Mosteiro, ou antes Magdalena e Christina, tinham querido encarregar-se da *toilette* da Fama.

Logo de manhã fôra pois a pequena Linda para o Mosteiro, e passava das mãos de Magdalena para as de Christina e das d'esta para as d'aquella, e sempre com o recato preciso para que ninguem mais lhe pozesse os olhos, pois que pretendiam reservar para a occasião a surpreza toda. Contra a curiosidade de Angelo é que mais tiveram que luctar.

Logo depois de uma hora da tarde começou a povoar-se o pateo de espectadores, e os actores a reunirem-se na parte do tablado, occulto por as colchas de chita aos olhares da multidão.

Principiava a ensaiar os instrumentos o pessoal da philarmonica, dirigida por mestre Pertunhas, cuja trompa celebre servia tambem de batuta.

Chiava já o clarinete, assobiava o flautim, roncava a trompa, uivava a flauta, e todos promettiam aos ouvidos a mais inharmonica das torturas.

Mestre Pertunhas, distribuidas as partituras, e vendo todos a postos, deu o signal de principiar.

—Um, dois, tres; um, dois—dizia ou fazia elle com os olhos e com os movimentos da cabeça e pés, porque a bôca, essa já estava applicada á embocadura da trompa. O segundo «tres» era o tempo fatal. Os musicos, porém, ou por distrahidos, ou por a commoção propria dos actos solemnes, não corresponderam ao signal, e a nota furiosa, extrahida da trompa do mestre Pertunhas, achou-se só no espaço, e fugiu envergonhada a esconder-se na concavidade dos montes visinhos, deixando na passagem os ouvidos quasi em sangue.

Este successo foi saudado com uma gargalhada geral, que redobrou quando as notas dos outros instrumentos, vendo partir desacompanhada a nota chefe e reconhecendo a falta, sahiram alvoroçadas atraz d'ella, cada uma por sua vez. Foi uma debandada musical de indescriptivel effeito.

O auditorio, o sempre implacavel auditorio popular, apupava, Henrique e o conselheiro riam, os actores do auto espreitavam detraz da cortina a ver o que era aquillo. Mestre Pertunhas barafustava por entre os da banda, berrando, ralhando, cheio de cólera e de razão.

Uma symphonia com quatro mezes de ensaios! A fallar verdade!

Ordenadas as coisas rompeu emfim a symphonia.

Os typos dos artistas, marcialmente uniformisados com fardas que foram d'um corpo de infanteria, eram para tentar o lapis de um Cham ou Gavarni. Alli um gordo e rubicundo merceeiro, que ameaçava estalar todas as costuras da farda, primitivamente feita para um individuo de metade das dimensões d'elle, com as faces insuffladas, a testa contrahida e os olhos injectados para extrahir d'um obsoleto serpentão, que embocava com arreganho assustador, as mais destemperadas notas; acolá um flautim, de braços compridos e tibias esquinadas, com meio braço de fóra das mangas, com meia perna de fóra das calças, figura em que havia não sei o que de onomatopaico, tão bem se casava com os silvos, horripilantemente agudos, que arrancava do exiguo instrumento. O artista pratilheiro era um velho recurvado, de nariz adunco, faces escavadas, olhos de coruja, suissas em tufos no meio das faces, e oculos na ponta do nariz. Um zarolha evacuava os pulmões dentro d'um figle; um corcovado e semi-anão repicava os ferrinhos com uma prodigalidade assustadora; as baquetas da caixa estavam confiadas ás mãos callosas d'um moço de lavoura, de rêpas hirsutas a cobrir-lhe a testa, olhos esbogalhados e labio pendente. E, no meio d'estas e analogas figuras, a alma de tudo, o snr. Pertunhas, torcendo-se, batendo com o pé, suando, arregalando os olhos, piscando-os, marcando o compasso com a cabeça armada de enorme trompa, que lhe dava então não sei que apparencias de proboscidiano.

Tal era a philarmonica da terra, que Henrique, o conselheiro e toda a familia do Mosteiro escutavam das janellas, e á qual tiveram de dispensar elogios, que o regente aceitou com a modestia de artista que se conhece. Henrique foi quem mais sublimes esforços fez para soffrer com paciencia aquellas torturas acusticas. Elle que nem á orchestra de S. Carlos perdoava uma desafinação, obrigado a escutar com um sorriso aquella banda pandemonica!

— Coragem! coragem! — murmurava-lhe o conselheiro, impassivel como perfeito politico — Nas occasiões é que os homens se conhecem! Coragem!

— É em extremo forte a provação! — respondia-lhe, gemendo, Henrique.

— Firmeza; que a pallidez do susto nos não atraiçoe — continuava aquelle.

Isto obrigava Henrique a nova lucta; d'esta vez para manter a seriedade.

A final calou-se a banda, sem que se podesse dizer o que tinha querido tocar. Succedeu-lhe um intervallo de silencio. Passou pela assembleia o estremecimento que precede as occasiões solemnes. Os olhares de tantos espectadores fixavam-se na coberta de chita que já se via ondular. Ouvia-se um surdo rumor, significativo de anciedade, como se fôra a resultante do palpitar de tantos corações.

Appareceu emfim o primeiro personagem do auto. Era o Herodes.

A alta e membruda figura do pae de Ermelinda, com os seus hombros largos, as faces injectadas, o olhar faiscante, os cabellos e barbas negros e espessos, o andar grave e pesado, sob o qual gemiam as juncturas do tablado, o timbre volumoso de voz e certo arreganho selvatico, com que fallava e gesticulava, imprimia na multidão um quasi pavor, que nem o conhecimento intimo que tinham do homem conseguia dissipar.

Herodes trazia manto real, e turbante musulmano, borzeguins vermelhos, corpete de veludilho azul, calções golpeados. Pendia-lhe á cinta um alfange e uma pistola; ao peito algumas condecorações.

Apparencia geral, a dos prophetas nas procissões.

O auto rompe com um monologo de Herodes.

O tyranno da Judeia, sobresaltado e meditabundo, faz considerações substanciosas sobre a condição dos reis em geral e a sua em particular. Principia elle assim:

Não ha vida mais inquieta,
Nem mais cheia de cuidados,
Do que a d'um rei que pretende
Conservar os seus estados.

O Cancella dizia isto em tom pausado, com os braços cruzados, medindo o palco a passos largos.

Continuavam varias proposições de physiologia do throno, e, do caso generico baixando ao particular, da these á hypothese, principia a fallar de si. Cancella, conhecedor dos segredos da arte, começava aqui a dar mais vida á recitação, como para mostrar o maior empenho que tomava a alma n'este capitulo da especialidade. Referia-se aos annuncios da vinda do Messias e inquietava-se; a maré das paixões subia; a voz traduzia-lhe o crescimento. Depois seguia-se um como reflexo de desalento, para com mais violencia se exaltarem os affectos. Nos paroxismos da furia, o Cancella, dando toda a força á sua voz potente, soltava berros, que participavam da natureza dos do tigre.

Começarei desde logo
A publicar leis tyrannas,
Que atterrem os meus montes,
Os palacios e as choupanas.

Será tal o meu furor,
Tal a minha indignação,
Que ninguem se atreverá
A conquistar meu brazão.

O interesse do espectaculo augmentava. Os olhos do publico principiavam a fixar-se. A excitação de animos a que os transportes do Herodes, inquieto pelo seu brazão, levára o publico, foi serenada por um chorado côro de anjos que cantavam atraz da cortina:

Não temas, ó rei cruel,
Que te conquiste o docel.

Herodes pára aterrado, ao escutar estas vozes, apezar de lhe afiançarem a segurança do docel, pela qual elle parecia receioso. Vacilla, entra-lhe o medo no coração, medo que procura afugentar com bravatas, em que ameaça pôr tudo por terra. O Cancella exprimia tudo isto com abundancia de gestos e de movimentos.

Aqui é que subia a toda a altura o genio dramatico do Herodes. Para este final do monologo reservava to-

dos os segredos da arte; apoderava-se d'elle a musa do palco; desappareciam-lhe diante dos olhos os espectadores, via o mundo; perdia a consciencia da individualidade propria; suppunha-se Herodes; e até... ó força da arte! offuscavam-se-lhe os bons instinctos da indole generosa e quasi chegava a ter verdadeira ancia de sangue e de carnificina. O publico era dominado por o artista, e n'um d'estes silencios que todos prevêem se desencadeiará em brados de enthusiasmo e phrenesi, escutava-lhe as duas quadras finaes:

Porém o furor me insita!

Dava, ao dizer isto, tres passos á frente, desembainhava o alfange e abria os braços. Tinha o que quer que era de Adamastor, visto assim.

O brio dá-me ousadia

Levantava os braços acima da cabeça, espalmando a mão esquerda.

Para defender o sceptro
A favor da tyrannia!

Aqui agitava os braços como azas de moinhos.

Será cada lança um raio!

E, dizendo isto, tinha nos olhos o fulgurar do relampago.

Cada espada um corisco,

E o braço, armado do alfange, baixava com a rapidez do simile.

Cada soldado um trovão,

E trovejava-lhe a voz.

Cada golpe um basilisco!

E na posição e gesto em que ficava, não era menos terrivel e pavoroso do que a féra da comparação.

Uma tempestade de applausos rompeu de todos os lados; só as mulheres e as creanças ficaram silenciosas e immoveis, porque lhes parecia um peccado applaudirem Herodes. E não sei se, o que fizera menos escrupulosa n'este ponto a parte masculina, fôra o exemplo partido das janellas do Mosteiro; porque é certo que em geral os tyrannos no palco são admirados, mas raras vezes applaudidos.

Herodes, depois de agradecer os applausos publicos, senta-se e segue o auto.

Dariamos de bom grado na integra tão importante peça dramatica, ou pelo menos circumstanciada noticia d'ella, se não receiassemos o recheio excessivo para esta ordem de alimentos litterarios, que se querem leves. Não podemos comtudo resignar-nos a passal-a por alto inteiramente.

Além do Herodes, são figuras do auto: o caixeiro do dito—assim se lhe chama pelo menos no folheto, o que dá a entender que Herodes era homem de escripturação regular,—o capitão das tropas reaes, os tres reis magos, o anjo, a Virgem, S. José e o menino Jesus, a criada de Sancta Izabel, dois cidadãos de differentes cidades, o criado d'um d'elles, a Fama e duas creanças, chamadas Geraldinho e Amorsinho.

As scenas passam-se successivamente nos paços de Herodes, na lapa de Belem, e em diversas paragens da estrada do Egypto.

A imaginação do espectador era a encarregada da mudança do scenario.

O poeta corre toda a clave das paixões humanas, vibra todas as cordas do coração.

Ao terror, despertado por Herodes e suas ameaças, succede a sympathia pelos tres reis, personificados d'aquella vez por tres moços de lavoura, de manto, luvas de algodão e turbante, os quaes em lamuria nasal e com profusão de *xes*, cantarolavam as quadras do seu papel; em uma das quaes, patrioticamente anachronicas, pediam aquelles bons magos ao Deus nascido a protecção para Portugal.

Excitava a piedade a familia sagrada. O velho S. José,

como carpinteiro que era, apparelhava um madeiro a enxó e plaina, emquanto a Virgem dormia. A Virgem era um rosado barbatolas, em quem principiava a despontar o buço da puberdade. O anjo apparecia, como nas procissões, carregado de cordões de ouro.

No transe da fugida para o Egyto ha uma scena da mais que homerica simplicidade. Quando os sagrados esposos estão para partir, chega a elles a criada de Sancta Izabel, prima da Senhora, outro mocetão em trajes femininos, e da parte da ama offerece aos foragidos algum dinheiro e refrescos; pedindo desculpa por não poder dar quanto queria, o que tudo a Senhora agradece com as phrases da tarifa, recommendando-se muito a sua prima.

O comico caminha ao lado do pathetico como no drama moderno. Ha personagens, reflexões e scenas sempre apreciadas e já aguardadas pelo publico, que as saúda com sinceras gargalhadas. D'estas a principal é evidentemente a que se passa entre um cidadão, de quem a sacra familia recebe gasalhado, e o criado do mesmo.

É uma scena de disputa domestia, cheia de allusões satyricas á classe dos criados de servir, a qual era sempre applaudida. O cidadão, depois de mostrar ao criado, de relojo em punho — anachronismo shakspeareano — a demora excessiva que elle tivera fóra de casa, diz para o auditorio:

Não se póde ter criados,
Hoje em dia, n'esta vida,
Ou quem houver de os ter
Não lhes deve dar guarida.

N'este ponto do auto, houve aquella tarde um pequeno, mas gracioso episodio.

D. Victoria, que achava esta a parte melhor pensada e mais conceituosa de toda a peça, de afinada que estava, pelo seu modo de sentir, não póde conter-se, que não exclamasse:

—Aquillo é que é uma verdade!

A espontaneidade da reflexão fez rir a familia do Mosteiro; riso que teve ecco em baixo, entre o povo, que enchia o pateo.

A scena comica prolonga-se, mandando o patrão distribuir pelo caixeiro rapé ao auditorio; outra liberdade que produzia sempre o maior effeito.

O criado trazia uma enorme tabaqueira, um verdadeiro bahu, e offerecia pitadas ao publico, dizendo:

> O meu amo, com ser rico,
> Gosta d'estas patuscadas.
> Nunca os senhores tiveram
> As pitadas tão baratas.

Os risos e as galhofas desordenaram, segundo o costume, por muito tempo a regularidade do espectaculo. Todos tiravam pitadas, todos fallavam e riam e guinchavam, todos fingiam espirrar e não se ouvia senão: «Dominus tecum» e «Deus te salve» no meio de toda aquella confusão. Porém a um signal de mestre Pertunhas, que deixou por um pouco folgar o espirito das massas, tudo entrou na ordem.

Preparava-se nova transição dramatica. O criado, que vai a sahir, volta, dizendo com gesto espantado e tom exclamatorio:

> Jesus, Jesus, que é isto?
> Jesus do meu coração!
> O signal da cruz me livre,
> De tão terrivel visão!

Era a Fama que apparecia.

Ermelinda entrava em scena.

No meio d'aquellas figuras rusticas, e mais ou menos grosseiras, que entravam no auto, a figura delicada e angelica de Ermelinda produzia tão completo contraste, que um murmurio significativo de profunda sensação correu pelo auditorio.

Ermelinda estava surprehendente de formosura. Haviam-se associado ao que era n'ella dotes naturaes os

cuidados de Magdalena e de Christina, para lhe darem a apparencia superior.

O proprio Henrique, que até alli estivera commentando maliciosamente o espectaculo, não pôde reter uma exclamação de surpreza, que foi secundada por o conselheiro. É que parecia que um verdadeiro anjo occupava agora a scena.

A simplicidade do vestir concorria para esse effeito. Ermelinda trazia uma longa tunica alvissima e de amplas mangas, que lhe descia solta dos hombros sem sacrificar a menor belleza dos graciosos contornos e esbeltas proporções d'aquella creança, que promettia ser uma mulher esculptural. Os cabellos, cuja côr loira era d'uma pureza rara, cahiam-lhe desatados e profusos sobre os hombros, brilhando, como fios d'ouro, na alvura dos vestidos; a fronte ficava-lhe livre, e o oval das faces sobresahia n'aquella moldura natural. Com os braços descahidos, os dedos encruzados, e a cabeça ligeiramente pendida, em expressão de melancolia, e os olhos elevando-se para procurarem os de Magdalena e de Christina nas janellas do Mosteiro, mas que de longe parecia procurarem o céo, Ermelinda adiantava-se vagarosa, serena, tendo no gesto a encanto da innocencia, tendo nos passos a hesitação da timidez. Havia tanto de sobrenatural no vulto candido, franzino e melancolicamente suave d'aquella creança, que o actor que estava em scena não teve de simular espanto, porque o sentia real e não podia desviar os olhos d'aquella apparição.

O silencio era profundo; parecia que em todos estava actuando a força d'um encantamento.

Como na antiga tragedia o facto principal da acção, a carnificina dos innocentes, passava-se fóra de scena. Á Fama competia narral-o.

Ermelinda, a meio do palco, parou. Com uma voz argentina e leve tremor de commoção, principiou lentamente e no meio d'um religioso silencio a recitar os versos da narração, os quaes, como o leitor já sabe, não eram os do auto, que mestre Pertunhas se estafára a ensaiar.

Os versos que Ermelinda recitou diziam assim:

Desci dos celestes córos,
Por Deus mandada a escutar
Da infancia as queixas e os choros,
Para lh'os ir confiar.

Desci. Na terra, nos mares
Tanta miseria encontrei,
Que os meus magoados olhares
De terra e mar desviei.

Desci. E tantos gemidos,
Tão dolorosos ouvi!
Que, turbados os sentidos,
Quiz recuar... mas desci.

N'esta colheita de dores
Pelo mundo todo andei,
No pranto dos peccadores
As minhas vestes molhei.

Vagueando dias e dias,
Chegára á Judeia emfim,
Quando um clamor de agonias
Veio de longe até mim.

O sol, o sol inflammado
D'estas terras orientaes,
Tinha no disco afogueado
Não sei que estranhos signaes.

Soavam menos distantes
Sinistros brados de dor,
Choros de mães e de infantes
Cantos de morte e terror.

Vi anjos de azas nevadas,
Em bandos subir ao céo,
Quaes pombas amedrontadas,
Fugindo á voz do escarcéo.

«Onde ides? Quem vos persegue?
«A que tormentas fugis?
Um, que triste o bando segue,
Estas palavras me diz:

«Somos as almas de infantes
«Mortos em guerra feroz,
«Inda das mães delirantes
«Nos chama a sentida voz.

«Só a materna saudade
«Nossa carreira detem;
«Embora no céo, quem ha de
«Esquecer o amor de mãe?

Disse, e o semblante formoso
Com as azas encobriu,
E ao bando silencioso
Silencioso se uniu.

Eu segui. Na impia cidade
Aterrada penetrei...
Ai, da fera humanidade
Os meus olhos desviei!

Que scena! Corre nas praças
Sanguinaria multidão,
Como nuvem de desgraças
Semeando a desolação.

Cahem por terra sem vida
Tenras creanças, ás mil,
E uma turba enfurecida
Corre á matança febril.

As mães pallidas, chorosas,
Supplicam, pedem em vão!
N'essas feras sanguinosas
Não palpita um coração.

Outras tentam, em delirio,
Os seus filhos disputar,
E com elles no martyrio
Gostosas se vão juntar.

Sobre a terra ensanguentada
Eu, soluçando, ajoelhei,
E de intensa dor magoada,
A Deus piedade implorei.

Findava a prece e uma estrella
No horisonte despontou,
Pura, scintillante, bella
O caminho me traçou.

Á humilde e escondida estancia
Da venturosa Belem
Cheguei; vi um Deus na infancia
Nos ternos braços da mãe.

Minha colheita de dores
N'aquelle berço depuz,
Da humanidade aos rigores
Pedi remedio a Jesus.

No olhar do divino infante
Raiou suave fulgor,
Foi a aurora radiante
Que annuncia um redemptor.

Não se descreve a impressão causada por estes versos, que assim tranformavam a Fama do auto no anjo da guarda da infancia. Muitas causas concorriam para produzir este effeito: a figura, a voz, e o gesto de Ermelinda, que lhe davam uma apparencia verdadeiramente angelical, e depois aquellas palavras inesperadas, aquella exposição desconhecida e em versos a que a melancolia da toada, em que eram recitados, parecia augmentar a cadencia metrica. Emquanto debaixo da impressão d'aquella voz sonora e infantil, ninguem procurava explicar o mysterio. Milagre lhes parecia e quasi como milagre o aceitavam, e de ouvidos attentos, collos estendidos e bôcas semi-abertas, parecia recolherem, uma a uma, aquellas palavras, como se d'um verdadeiro emissario celeste as escutassem. O tablado enchera-se pouco a pouco de gente, e ninguem dera por isso. Os actores que estavam atraz da cortina tinham sido feridos pelos primeiros versos, differentes do que elles esperavam; isto obrigou-os a espreitar. Depois, como arrastados pela magia d'aquella voz e d'aquelle gesto, vieram adiantando-se, adiantando-se, e cedo formaram circulo á volta de Ermelinda. O primeiro da frente era o Herodes. O espanto, os affectos, o orgulho de pae, a exaltação de artista combinavam-se para dar-lhe ao rosto uma expressão quasi de extase. Olhava para a filha como se a visse animada de inspiração divina.

Pertunhas, o ensaiador do auto, que franzira o sobrôlho, prevendo trapalhada aos primeiros versos recitados por Ermelinda, agora, de bôca aberta, era de todos o mais espantado. No Mosteiro só Angelo sorria, elle só interpretava o milagre. Todos os mais escutavam silenciosamente aquella voz de creança que, em campo des-

coberto e no meio de tantos espectadores, soava distincta e vibrante como se effectivamente tivesse alguma cousa de sobrehumana.

Depois que ella terminou, persistiu por algum tempo o silencio, sem que os espectadores podessem voltar logo a si, nem os actores se lembrassem de continuar o auto. Henrique foi quem primeiro rompeu este quasi encantamento. Profundamente impressionado tambem por aquella scena, exprimiu n'um «bravo» todo o enthusiasmo que sentia. Foi o signal.

O silencio degenerou na mais altisona ovação.

O Herodes esqueceu o papel que desempenhava, o caracter que tinha a sustentar, a logica da situação, e tomando nos braços musculosos o corpo debil e franzino da filha, levou-a em triumpo para a beira do palco; os outros actores disputavam-lh'a; do pateo estendiam-se centenas de braços para a receberem; das janellas do Mosteiro acenavam-lhe, victoriando-a, os lenços das senhoras; os homens applaudiam-n'a com palmas. Herodes parecia devorar a filha com beijos, afogal-a com lagrimas de enthusiasmo e de paixão; e Ermelinda foi de braços em braços entre beijos e afagos, transportada do tablado para a sala do Mosteiro, onde não foi menos calorosa a recepção.

Do auto ninguem mais se lembrou, e, apesar dos esforços do mestre Pertunhas, todos o deram por terminado alli e prescindiram de ver as restantes scenas, com grande desgosto dos actores que entravam n'ellas.

O Herodes, ainda vestido de rei, andava como doudo pelas salas do Mosteiro. Seria para rir aquelle enthusiasmo, se não fosse bastante pathetico para commover.

—Mas como foi isto, meu Deus? Como foi isto? Que milagre foi este? Ai que versos, Maria Sanctissima! Que versos! E como ella os dizia!—exclamava elle quasi convencido da milagrosa natureza da scena que vira.

Magdalena, chamando Angelo de lado, perguntou-lhe:

—Foi Augusto que fez aquelles versos?

Angelo sorriu.

—Porque me perguntas isso a mim?

—Porque o deves saber.

— Então não crês no milagre?

— Responde.

Angelo ia a responder, quando Henrique disse em voz alta para o conselheiro:

— Se eu digo a v. exc.ª que o Bernardim existe.

— Mas quem é? — perguntou o conselheiro.

— Não sei; porém posso afiançar a v. exc.ª que não são estes os primeiros vestigios que encontro d'elle. As paredes das capellas dos montes são as suas confidentes. Não está certa, prima Magdalena, d'umas quadras sentimentaes, que lemos na ermida da Senhora da Saude?

— Sim; recordo-me.

— Não acha entre essas e as do auto analogias de estylo, que a levem a attribuil-as á mesma pessoa?

— Estou pouco habituada a analysar estylos, primo.

— Mas talvez este lhe seja habitual.

Magdalena fitou Henrique com um olhar de altivez, que o obrigou a accrescentar:

— Por muito o ver por ahi desperdiçado por paredes de capellas e ruinas, e nos troncos das arvores.

Ermelinda foi d'uma discrição impenetravel. Quando lhe perguntavam quem lhe ensinára os versos, sorria, respondendo que não sabia, ou que não podia dizel-o.

— Apostemos que n'isto entra Angelo — disse o conselheiro.

O Herodes cada vez parecia mais convencido de que fôra pura inspiração.

Henrique, aproveitando uma occasião em que estava proximo da morgadinha, disse-lhe ao ouvido:

— Parece-me que ia pôr o dedo no rouxinol silvestre, que tão bem canta sem se mostrar.

— Sim?

— Não ha muitas noites que eu o vi vaguear n'estas immediações. Estas aves melancolicas amam as inspirações nocturnas.

— Pois as noites nem sempre são boas conselheiras, primo. É a hora favoravel á espionagem e ás... calumnias... Mas se sabe quem é, diga-o. Aqui em minha casa e no seio de minha familia, é sempre bem recebida a verdade. Não ha quem se tema d'ella.

E a morgadinha, dizendo isto, deixou-o desdenhosamente.

—D'esta vez foi d'uma severidade!! — pensou Henrique — Cada vez me convenço mais de que o idyllio existe e que vai já muito adiantado. Mas agora me lembro; e o meu duello com o Romeu, que nunca mais vi? Não foi má tolice aquella minha! Preciso de procurar o homem para lhe dizer que o caso não vale a pena.

O despeito de Magdalena pelas palavras de Henrique fôra d'esta vez mais intenso; quasi chegou a fazel-a desesperar da tenção que alimentava ainda, pois disse á Christina:

—Ai, filha, que não sei se deva curar-te antes a ti do que a elle.

—Que dizes?!

—Nada. Ha doenças que fazem desesperar os medicos.

Era já noite. Os grupos, que ainda depois do auto se conservaram no pateo do Mosteiro, a brindarem a hospitalidade dos proprietarios, foram dispersando pouco a pouco.

A banda de mestre Pertunhas sahiu tambem com o fim de se preparar para as serenatas a casa do brazileiro e de varios personagens da terra, a quem era devido o cantar os Reis.

Angelo sahira da sala. Fôra para o fim da rua de sobreiros, anterior ao pateo da quinta, esperar por Ermelinda para lhe dizer adeus.

Á medida que a noite se cerrava, parecia que se estendiam as sombras á fronte e ao coração do pobre rapaz.

Era a noite de Reis, a ultima dos dias de ferias; na manhã seguinte, devia partir com o pae para Lisboa.

Que amargura a d'estas ultimas horas! que intensas saudades não se amontoam no coração das creanças ao expirar o termo d'esse feliz espaço de tempo, que viveram para os carinhos da familia e para os folguedos despreoccupados!

Percebe-se em nós mesmos aquella imminencia de lagrimas, que á menor palavra rebentam.

Quem não terá recordações de infancia a fallar-lhe d'isto?

O pateo despovoára-se de gente; através das vidraças da casa viam-se já brilhar as luzes interiores. Com o olhar fito no chão, a cabeça inclinada, Angelo permanecia immovel. Cortejavam-no, ao passar, homens e mulheres, sem que elle désse por isso.

De repente voltou-se, porque ouviu atraz de si uns passos conhecidos. Era Ermelinda que voltava para casa. O pae ficára atraz a pôr em ordem as roupas e mais objectos que serviram no auto.

—Esperava por ti, Ermelinda, para te dizer adeus—disse Angelo.

—Então vai embora?

—Vou ámanhã— respondeu Angelo, com a voz preza de commoção.

—Muito cedo?

—De madrugada.

Os dois calaram-se por algum tempo, olhando para o lado.

—E agora quando volta?

—Eu sei lá, agora... só para agosto.

Novo silencio.

—Então... adeus...

—Adeus, Ermelinda.

E com a voz quasi sumida e os olhos ennevoados de lagrimas, Angelo estreitou contra o peito aquella que de pequena tratára como irmã e que chorava ainda mais do que elle.

Que melancolico fim de dia tão alegre!

A este tempo uma sombra escura passou por elles e estacou.

—Ermelinda!— disse logo a voz esganiçada e colerica, que sahiu d'aquelle vulto.

Ermelinda estremeceu ao ouvil-a.

Era a mulher de Zé P'reira que voltava das suas devoções e ficára surprendida com o espectaculo que vira. A assustadiça castidade d'aquella matrona toda se alvoroçou com a tocante despedida das duas creanças.

Ermelinda approximou-se, a tremer, da madrinha,

que rudemente a agarrou pelo braço e a levou comsigo.

Angelo esteve quasi resolvido á ir tirar das mãos d'aquella harpia a innocente victima; mas a chegada de Herodes estorvou-o.

A snr.ª Catharina do Nascimento de S. João Baptista ia dizendo, ao levar comsigo a afilhada:

—Que terão ainda de ver meus olhos, meu Divino Pae do Céo? Que mundo este d'abominação, meu doce Jesus! Ó Virgem das Dores, isto é para se ver e não se crer! Uma creança, uma creança de dous dias, se póde dizer, e já assim com a alma perdida! Ó meu Jesus crucificado!...

—Minha madrinha—dizia Ermelinda, chorando.

—Anda, anda, anda, minha amiga, que já os demonios saltam e riem de contentes. Teu pae é que tem a culpa. Isto são lá modos? trazer-te por entremezes, que são artes do demonio, e arredar-te da igreja, que é a casa do Senhor! É a missa dos domingos, e acabou-se. Os resultados são estes!... Ai, filha, que muita penitencia te é já precisa para salvares a alma!

—Minha madrinha, minha madrinha, por as almas não me diga isso— exclamava Ermelinda aterrada.

—Os tres inimigos da alma te farão guerra, creatura, assanhados como cães raivosos... Eu previa isto... É o lucro de andar por essas casas de Satanaz, onde não ha religião nem temor de Deus... Ó meu divino Jesus, e para isto tanto padecestes por nós! E nós tão pouco caso fazemos dos vossos preceitos, meu doce Jesus, filho de Maria virgem... Depois queixâmo-nos da vossa justiça, quando já ardemos nos fogos do inferno!...

A pequena Ermelinda tremia cada vez mais.

A velha proseguiu, em todo o caminho, n'estas exclamações, bramando contra o peccado, contra a familia do Mosteiro que acoimava de herejes, contra o pae de Ermelinda e contra esta, e, no seu fervor religioso, desenvolvia sobre o thema do peccado dissertações não em demazia apropriadas aos ouvidos d'uma creança.

O resultado foi apoderar-se da pequena Linda um excessivo terror. Das palavras da madrinha, que nem

bem entendia, ficára-lhe uma horrivel convicção de que tinha a alma perdida, e com lagrimas ardentes pagava a pobre creança bem caro as alegrias d'aquella tarde, de que já tinha remorsos. Este desalento e pavor quasi a fizeram doente.

Quando o pae voltou, estranhou-a. Elle, que vinha orgulhoso com os triumphos proprios e com os da filha, sobresaltou-se ao abraçal-a. Interrogou-a; pediu, ordenou; nada pôde saber que explicasse os vestigios de lagrimas que descobria n'ella; se instava, provocava-lhe o pranto; desistiu pois.

Pobre pae! não pôde dormir aquella noite! Logo de madrugada teve de levantar-se porque tinha de partir para o Porto em recovagem.

Deixou Ermelinda a dormir; não a quiz acordar, beijou-a na fronte desmaiada, abençoou-a e sahiu.

— Comadre — disse, ao passar por casa do Zé P'reira — ahi lhe deixo a pequena. Olhe-me por ella que não está lá muito boa.

— Vá com Deus — disse uma voz de dentro.

Era a da snr.ª Catharina.

O recoveiro partiu silencioso e triste.

III

No dia seguinte ao dos Reis partiram para Lisboa, como estava determinado, o conselheiro e Angelo, o que deu logar no Mosteiro a muitas saudades. O conselheiro devia voltar sómente por occasião das eleições geraes que estavam proximas.

Alguns dias depois, n'um domingo em que se festejava na aldeia o padroeiro Sancto Amaro, de quem reza a Igreja a quinze de janeiro, estava Henrique de Souzellas na sala de jantar de Alvapenha, escutando sua tia e Maria de Jesus, que ambas o entretinham com longas referencias de coisas de pouco interesse e ás quaes elle ligava a minima attènção.

Tinham acabado de jantar havia pouco tempo. A mesa conservava-se ainda posta; Henrique fumava um charuto, recostando-se para o espaldar da cadeira; D. Dorotheia, de mãos cruzadas diante da cinta, fallava; Maria de Jesus que, depois de pôr em arranjo a cozinha, viera, segundo o costume patriarchal, tomar parte na sala na conversa do pospasto, auxiliava a memoria da ama sempre que esta imperrava, e corrigia-lhe as involuntarias e frequentes inexactidões em que a via cahir.

Henrique habituara-se já a estes placidissimos habitos; e, apesar de não ligar attenção á conversa, ou por isso mesmo que lh'a não ligava, achava-lhe certas virtudes estomacaes, que lh'a tornavam agradavel.

Depois de muitas voltas, a conversa cahiu sobre as occorrencias do auto dos Reis.

—Eu ainda estou para saber como aquillo foi!—

izia D. Dorotheia — Quando me lembro! Como aquella
apariga fallava!

— Ó senhora; olhe que já me disseram que a pe-
uena tinha espirito — disse Maria de Jesus com ar de
ıysterio.

— Olhem o milagre! — respondeu D. Dorotheia — Por
ssa estou eu.

— Diz que desde aquelle dia anda amarella e triste;
ue nem parece a mesma.

— Então é mais do que certo.

— Ai, a tia Dorotheia tambem com crendices! —
isse Henrique, rindo — Então parece-lhe que traz espi-
ito aquella creança?

— Pois menino, aquillo, a fallar verdade!...

— E não é mais natural suppor que alguem lhe en-
inou os taes versos?

— Mas quem? se o Pertunhas diz que os versos eram
utros e até que aquelles não calhavam bem nas lôas?

— O Pertunhas é um parvo. Houve alguem que en-
inou aquillo á pequena e até suspeito com que fim.

— Não, snr. Henriquinho, olhe que alli anda coisa
uim. Tambem o filho do Ceboleiro, quando trazia o es-
irito, dizia coisas tão bonitas, que nem um livro. A se-
hora não se lembra?

— Ora se lembra!

— Digam-me — insistiu Henrique. — Quem ha aqui
a aldeia que faça versos?

— Versos! — repetiu a tia Dorotheia, admirada — Nin-
uem, que eu saiba.

— Ó senhora! Então o João do Trolha? Não deita tão
onitos versos nos desafios?

— Sem ser o João do Trolha — tornou Henrique,
orrindo.

— Ai, não se ria, snr. Henriquinho; olhe que os deita
uito bem! Ainda no outro dia, na noite de Janeiras,
ão se lembra, senhora, dos versos que elle botou?

Viva a senhora D. Dorotheia
Raminho de bem-me-queres,
Quando põe a sua touca
E' a rainha das mulheres.

—E depois a mim:

Viva a senhora Maria
A perola das criadas,
Quando se chega á janella
Ficam as estrellas pasmadas.

—Ora com o que você vem, mulher! Não tinham as estrellas mais que fazer do que pasmarem—disse D. Dorotheia.

—Isto é por dizer, senhora; já se sabe que... sim... como o outro que diz...

—E além do João do Trolha, quem ha mais que faça versos?—perguntou Henrique.

—Que eu saiba...— disseram as duas.

—E aquelle Augusto?

—O Augustito do doutor? Ó filho! Coitado do pobre rapaz. Elle sim! Credo! Não, aquillo é um rapaz de muito juizo.

—Isso não tira. Então a tia julga que só os tolos fazem versos?

—Tolos não digo, mas...

—Mas um pouco feridos na aza, não é verdade?

—Ora pois então dize-me tu, menino, se um homem serio... sim... um homem de respeito, faz versos?

—Porque não?

—Versos?!

—Versos, sim, senhora.

D. Dorotheia fez um gesto de incredulidade.

Henrique ia a redarguir, quando ouviram passos no patamar de pedra da entrada e após algumas pancadas á porta da sala.

—Abra, tia Dorotheia— disseram de fóra as vozes de Magdalena e de Christina, que foram logo reconhecidas.

E cedo depois entravam alegremente na sala, em companhia de D. Victoria, que vinha mais retardada.

D. Dorotheia levantou-se para recebel-as.

—Bons dias ou boas tardes, tia Dorotheia, porque me parece que já jantaram. Vimos aqui para confiar aos seus cuidados a tia Victoria, que não nos quer acompa-

nhar a ouvir a palavra eloquente do missionario — disse a morgadinha.

— Eu não; para apertos e barafundas é que não estou.

— E tu vaes, Lena? — perguntou D. Dorotheia.

— Então? Não quero passar por impenitente. Ainda o não ouvi. Póde crêr? Além de que percebi na Christe um fervor, com o qual quiz condescender.

— Dizem que préga tão bem — atalhou Christina.

— Pois prégará, mas eu é que já não estou para sermões — ponderou D. Victoria.

— Vou eu tambem ouvir o missionario — disse Henrique, levantando-se. — Já m'o mostraram ha dias. Se os dotes oratorios do homem corresponderem á figura...

— Então? — interrogou D. Dorotheia.

— É um homem gordo e vermelho, de pulso grosso e, em geral, typo da grossura do pulso.

— Pois bom é que vás, menino — disse D. Dorotheia — para acompanhares as pequenas.

— Como quizer, primo — acudiu Magdalena; — mas não se constranja. O Torquato tambem vai.

— Que quer dizer? que me dispensa?

— Não; mas que se é só por condescendencia que...

— É por prazer. É por devoção.

— N'esse caso...

E Henrique foi procurar o chapéo para acompanhar as duas primas á igreja.

O Sancto Amaro fôra festejado com espavento na freguezia da sua invocação. Vesperas, missa cantada, duplo sermão, e procissão á volta da igreja, nada faltára para solemnisar a festa.

O sermão de manhã fôra prégado por o abbade; o da tarde havia sido concedido ao missionario que o aproveitára para uma das suas cathequeses.

A procissão já tinha recolhido, quando chegaram á igreja a morgadinha e Christina, na companhia de Henrique e de Torquato. Havia no adro muita gente, e algumas barracas de doce e de café, como n'um arraial.

Pela porta principal da igreja engolfava-se a mul-

tidão, como em bôca de sorvedouro, subitamente aberto no leito d'um rio, se precipitam as aguas impetuosas.

A fama, que pelas aldeias circumvisinhas apregoava o nome do missionario, attrahira immensa gente a escutar o sermão.

As senhoras do Mosteiro romperam a custo por entre a compacta massa popular, que se amontoava á porta da igreja, e conseguiram, por deferencia excepcional dos mesarios, entrar pela sacristia para a capella mór.

Tinha um aspecto melancolico o interior da igreja n'aquella occasião. Pobre de si e pouco alumiada, mais escura e lugubre parecia com a extraordinaria quantidade de gente que a enchia, na maior parte mulheres de roupas escuras e em que só alvejava o lenço branco que usavam á cabeça.

Apezar da quadra ir fria, como de janeiro que era, respirava-se alli dentro uma atmosphera quente, abafadiça e pouco salutar.

Um surdo murmurio formado por centenares de vozes rezando, a meio tom, orações e ladainhas, contrastava com as altas vozes de festa, que se escutavam lá fóra, e requintava a triste impressão que se recebia ao entrar. Alli um grupo de mulheres, de joelhos, escutavam a leitura de pias orações, que uma fazia em tom luctuoso, e respondiam em côro com Padre Nossos e Ave Marias; além viam-se outras com as faces rojadas no chão, batendo no peito e desentranhando exclamações, para commoverem a divindade; outras em extase, como Sanctas Therezas, de braços abertos diante da imagem da Virgem; outras amortalhadas, em cumprimento de promessa feita a algum sancto. Cavados na espessura das paredes havia uns pequenos cubiculos, que serviam de confessionarios. Ás portas d'estes nichos, munidas d'um crivo de folha, adheriam, como as lapas nos rochedos, os vultos escuros das penitentes, fazendo para dentro a circumstanciada exposição dos peccados da semana, e recebendo de lá regras de bem viver, preceitos de devoção, ás vezes exagerada e inspirada de certa moral de convenção, com que a ignorancia ou a má fé porfiam em falsificar os simples e luminosos dictames da

moral, que a consciencia reconhece e que o Evangelho apregôa.

Ás vezes despegava d'aquelle crivo de peccados uma das confessadas; e exhausta de forças, abatida de animo, descrendo da misericordia divina, ia cahir com desalento nos degraus do altar do Deus, que o fanatismo cego, senão hypocrita, lhe pintára inexoravel verdugo. Quando outra se não succedia a esta, via-se rodar nos gonzos a pequena porta d'estes cubiculos, e sahir de lá um padre de batina, sócos e capote de cabeção, satisfeito de si, e revendo-se n'aquelles corpos prostrados, n'aquelles gemidos surdos, n'aquellas lagrimas humedecendo o pavimento do templo, tristes indicios do desalento moral, com que conseguira quebrantar os ingenuos espiritos que dirigia pela intimidação cruel.

De tudo isto vinha o aspecto sombrio e lugubre á igreja, que nem as luzes dos altares, nem as sanefas e cortinas de damasco, que com tanta arte dispozera mestre Pertunhas, conseguiam dissipar.

Henrique estava sendo desagradavelmente impressionado por o que via.

Olhava com desgosto para aquelles signaes d'um terror supersticioso, e sentia exacerbarem-se-lhe as prevenções que nutria contra o clero, cuja influencia moral, aliás justa e vantajosa, é cada vez mais diminuida por aquelles dos seus membros que pretendem augmental-a por meios improprios da sublimidade da sua missão e até dos preceitos da religião, de que se dizem ministros.

Henrique fez algumas reflexões n'este mesmo sentido a Magdalena, que não pôde deixar de apoial-as, tanto mais que sabia o animo de Christina, que os escutava, não de todo superior a este apparato terrorifico.

A hora marcada para o sermão aproximava-se; haviam-se já evacuado os differentes confessionarios e o povo cada vez se apertava mais em todos os pontos da igreja e trasbordava para fóra das portas do templo. Quem de dentro olhasse para a porta principal veria que a grande distancia, na rua, se prolongava a multidão.

Apenas um confessionario permanecia ainda occupa-

do. Havia mais de uma hora, que alli estacionava de joelhos uma penitente com a cabeça coberta por a capa de panno, com que rodeava o crivo da confissão.

Nem o menor movimento revelava animação n'aquelle vulto.

Henrique notára essa immobilidade, que ao principio o fez sorrir; depois causou-lhe espanto, e acabou emfim por o indignar. Qual porém não foi a sua surpreza e a de Magdalena, quando, ao terminar a confissão, reconheceram as feições da penitente por as de Ermelinda, a filha do Herodes, a formosa e amoravel creança, que, dias antes, tanto enthusiasmo causára, agora pallida, abatida, sem aquelles sorrisos nos labios que tanta graça lhe davam!

E era esta creança que tão longos peccados tinha a narrar para assim ficar tanto tempo aos pés do confessor?

Ermelinda, vagarosa, trémula, tendo claros os vestigios de lagrimas, e, como que enleiada de vergonha, caminhou por entre os grupos de mulheres ajoelhadas na igreja e veio cahir de joelhos ao lado da madrinha, e cedo rojava com ella a fronte no chão, que regava de lagrimas ferventes.

Pobre creança! Que negros crimes lavariam aquellas lagrimas? Que culpas teria a expiar aquella inconsolavel dôr?

O confessionario d'onde ella se afastára abriu-se emfim, e ás vistas, que para alli se voltaram, mostrou um padre gordo, córado, de olhos e fronte pequenos, cabellos grisalhos, rompendo-lhe a um dedo das sobrancelhas. O homem parou algum tempo a fitar o auditorio.

Espalhou-se no templo um sussurro particular, um movimento commum animou aquellas cabeças todas, quando este homem appareceu.

Era o missionario.

A sua passagem para a sacristia foi uma passagem verdadeiramente triumphal. Curvaram-se até ao chão as beatas, beijando-lhe a mão ou as bordas da batina, e pedindo-lhe a benção, que elle distribuia com profusão.

Mas a meio caminho da sacristia para onde se dirigia, surgiu-lhe quasi do chão um estorvo.

Zé P'reira, o desconfortado marido, estava diante d'elle, gesticulanho e realisando um triplice e admiravel esforço para firmar as pernas, para abrir os olhos, e para desembaraçar a lingua.

Dizia o homem:

— Ó snr. aquelle... ó snr. padre, ou missionario, ou lá o que é... eu quero-lhe perguntar uma coisa. Deus disse... sim, Deus disse... A religião manda... Quando um homem se casa...

O missionario não esperou pelo fim da inesperada interpellação; com modos rudes e pulso vigoroso, arredou de si o atrevido, e bradou fulo de cólera:

— Então que desaforo é este? Deixam um homem n'este estado vir ter commigo?!

E com maneiras e palavras igualmente asperas impoz silencio ao povo, que rira do desengano do Zé P'reira. Os mordomos acudiram logo para afastarem o Zé P'reira d'alli para fóra. Elle deixou-se ir, limitando-se a dizer mansamente:

— Ora senhores, que é forte desgraça a minha! Então uma pessoa não póde dizer o que sente?

Ia elle já fóra da igreja e ainda se lhe ouvia a voz repetir:

— Ora senhores, que é forte desgraça a minha!

Quando, depois d'esta scena, o missionario passou por Henrique, murmurou este em voz perceptivel, ao ouvido da morgadinha:

— Diga se este todo e este modo de tratar ovelhas não é mais de magarefe do que de pastor?

O missionario ouviu estas palavras, pois que se voltou como se uma vibora o picasse, e faiscou-lhe no olhar o fulgor de um odio pharisaico. Henrique arrostou-o com audacia provocadora.

O padre entrou para a sacristia.

No entretanto o auditorio dispunha-se para escutar o sermão, o mais commodamente que era possivel n'aquelle pequeno recinto.

No fim de alguns minutos apparecia no pulpito a figura bem nutrida e pouco attrahente do famigerado educador dos povos.

Fitou com sobranceria os ouvintes e com particular insistencia fixou em Henrique, que lhe ficava fronteiro, um olhar, que elle sustentou com firmeza.

Esta tacita provocação durou alguns minutos, no fim dos quaes poderia talvez, quem estivesse prevenido, distinguir nos labios do padre um sorriso rancoroso e perceber-lhe um movimento de cabeça quasi ameaçador.

Emfim soltou o texto latino do sermão.

Seguiu-se nova pausa, e principiou.

Apesar do exemplo de Sterne, que não duvidou entresachar nas paginas humoristicas da *Vida e Opiniões de Tristram Shandy,* um sermão sobre a consciencia, eu não ouso transcrever para aqui o modelo de eloquencia sacra, recitado pelo missionario n'aquelle dia.

Ainda se eu podesse transmittir aos leitores o tom rouco de voz, a extravagancia de gestos, o descomposto dos movimentos com que o orador acompanhava a recitação dos descosidos periodos d'aquella indigesta prática, talvez me animasse á empreza, para lhes dar um exemplo da vigorosa eloquencia, com que se anda atrazando a civilisação do povo e prejudicando a verdadeira religião, a despeito dos bons sacerdotes, cuja voz é abafada por aquella gritaria.

As mais tetricas e pavorosas imagens adornavam o discurso.

Era o enxofre a ferver, o chumbo derretido, as caldeiras de pez, as fornalhas ardentes, innumeras torturas, a que o menor delicto, tal como um jejum mal guardado, uma confissão mal feita, uma involuntaria falta á missa, uma penitencia esquecida, uma oração supprimida, arriscava as almas por toda a eternidade. Para cada peccado venial uma perspectiva de tormentos sem fim. O tribunal de Deus arvorado em tribunal de Sancto Officio, onde os autos de fé, os potros, e cavalletes aguardavam os delinquentes arrastados até alli; eis o resumo da oração. A fatal e desesperadora sentença, que o poeta florentino esculpiu no portico do inferno, traçava-a este sobre os umbraes do tribunal do Eterno.

Na esculptura do Christo, obra rude do buril popular, mostrava o vulto d'um accusador, surgindo alli a

pedir vingança e não o do Redemptor sublime, a implorar e prometter perdão. E tudo isto de mistura com imprecações contra as modernas instituições sociaes, contra a obra do seculo, contra os descobrimentos, contra a sciencia, contra tudo em que se descobrisse o cunho da época e que tendesse a modificar os costumes e as ideias em sentido menos favoravel á propaganda reaccionaria.

Á medida que a oração progredia, animava-se a voz do orador; augmentava a desordem dos gestos e refinava a selvageria das imagens.

Ao mesmo tempo os gemidos, os soluços e os ais do auditorio, e principalmente da parte feminina d'elle, iá crescendo em choro manifesto, em gritos e alaridos. Cedo era já um angustioso clamor em toda a igreja. Magdalena que se sentia, ella propria, um pouco impressionada por este espectaculo de desolação, voltou os olhos para Christina. Viu-a trémula, pallida, com as faces banhadas de lagrimas, tendo no gesto todos os signaes d'um intenso pavor.

Assustada com o estado da prima, a morgadinha fez notal-o a Henrique, e tacitamente lhe communicou as apprehensões que sentia.

Henrique comprehendeu a necessidade de dissipar a funesta influencia que se estava exercendo no animo timido de Christina.

Sentou-se por isso junto das duas raparigas e principiou a distrahil-as com commentarios satyricos ás palavras do sermão e á figura do orador, que ambas offereciam farto alimento para elles.

D'ahi a pouco Magdalena instava já com Henrique para que se calasse.

Previa o perigo que poderiam correr, persistindo n'aquelles commentarios improprios do logar.

Effectivamente não tinham passado desapercebidos do padre os commentarios de Henrique, nem os sorrisos mal disfarçados de Magdalena; e a raiva despertada pela descoberta cada vez inflammava mais o orador, exacerbando-lhe a virulencia da phrase.

Já não podia tirar os olhos d'aquelle grupo, e por

vezes a cólera, estrangulando-lhe quasi a larynge, interrompera-lhe o discurso.

Alguns ouvintes, seguindo a direcção d'aquelles olhares faiscantes, haviam attingido já a causa d'elles.

D'ahi algumas murmurações que principiaram a susurrar pela igreja.

No grupo de beatas, em que estava Ermelinda, foram ellas mais acerbas do que nenhumas. A snr.ª Catharina e as suas companheiras fartaram-se de anathematisar a impiedade e a heresia da gente do Mosteiro, e no coração da filha do Cancella, dominado pelo terror que o sermão levára ao cumulo, calavam aquelles dizeres, que a faziam quasi olhar, como se fossem já prezas do inferno, para Magdalena e Christina, a irmã e a prima de Angelo, do seu amigo de infancia, em quem já se não atrevia a pensar.

N'uma occasião em que o missionario fulminava com mais vehemencia os progressos da industria moderna e chamava redes do demonio e caminhos do inferno aos telegraphos electricos e ás vias ferreas, Henrique, approximando-se dos ouvidos das duas primas, fez não sei que reflexão tanto a proposito, que a morgadinha não conteve o riso, e a propria Christina sorriu tambem.

Era de mais! O padre pulou no pulpito. Com os olhos em chammas, as faces apopleticas, os labios espumantes, os punhos cerrados e os braços hirtos e estendidos na direcção de Henrique, rompeu n'estes violentos termos:

—Fóra do templo, pedreiros livres, que vindes aqui escarnecer da palavra do Senhor! Fóra do templo, impios libertinos, que não respeitaes os ministros de Deus, nem o seu altar! Andam lobos no povoado e vieram esconder-se entre as ovelhas na casa do Senhor! Escorraçai-os, irmãos, se não quereis que se vos pegue a lepra do peccado e que Deus arraze esta aldeia, como arrazou Gomorrha e Sodoma. São esses os que trazem das cidades a peste para as aldeias; são estas as pragas que nos vem com as estradas e com a civilisação. Fugi d'elles, que trazem o demonio na alma! Homens sem religião, mulheres sem temor de Deus, mações, pedreiros livres,

vindes para aqui tentar as almas? Eu vos esconjuro! eu vos requeiro! Vade retrò, Satanaz, vade retrò! vade retrò!...

E de cada vez que repetia a formula exorcista, o missionario estendia o braço na direcção de Henrique.

Este, desde que viu que a imprecação lhe era dirigida, levantou-se e fitou o padre com ousadia imprudente. Preparava-se para lhe responder alli mesmo.

Quando o missionario concluiu, o susurro da igreja degenerou em desordem. Das beatas transmittiu-se a revolta aos homens do campo, cuja má vontade, para com a gente das cidades, cresce sempre que se suspeitam alvo dos desdens ou zombarias d'esta. As ameaças soavam já distinctas, os varapaus mexiam-se pouco pacificamente, o escandalo tomára proporções assustadoras.

Christina quasi desfallecia; Magdalena pallida, mas sem perder a presença de espirito, que nunca a abandonava, segurou o braço de Henrique e queria obrigal-o a retirar-se da igreja.

Henrique resistia e procurava fallar.

O velho Torquato, tremulo e enfiado, puxava tambem por elle como podia.

O alarido, a confusão, a desordem recrudesciam. O padre tinha perdido a cabeça, e do pulpito animava a anarchia, berrando e bracejando.

Alguns homens prudentes, e entre elles o sancto homem d'um cura que havia na freguezia, obrigaram, quasi á força, Henrique a sahir da igreja por a porta da sacristia.

Ao vêl-o retirar acompanhado das senhoras, o povo precipitou-se em confusão para a porta principal, para os vir esperar á sahida da sacristia, e correu clamando atordoadoramente.

E de feito, quando alli chegaram, viram-se em frente de uma impenetravel parede humana, de centenares de rostos que os fitavam furiosos, de braços que os ameaçavam, e de bôcas d'onde partiam gritos de «morte aos pedreiros livres, aos libertinos e aos herejes.»

Magdalena recuou; Christina encostou-se-lhe ao hombro quasi desmaiada.

Henrique parou á porta, pallido, mas sem recuar diante d'aquella gente furiosa e ameaçadora.

—Que querem de mim e d'estas senhoras?—perguntou elle com voz firme.

Em vez de responder-lhe, berraram com mais violencia:

—Morra o pedreiro livre!

—Ensinem esses senhores da cidade!

—Pouca vergonha!

—Isto não fica assim! Isto é de mais!

—Mação!

—Herejo!

—Quero passar!—repetiu Henrique no mesmo tom imperioso.

—Havemos de ensinar estes fidalgos.

—Excommungados!

—Havemos de lhe dar os risinhos na igreja.

Henrique não podia já reprimir a impetuosidade do genio; deu um passo para elles, levantando o chicote que trazia na mão.

Era uma imprudencia perigosa. N'um momento uma verdadeira nuvem de varapaus cruzaram-se sobre a cabeça d'elle.

E os gritos de morra! mata! abaixo os pedreiros livres e herejes! levantaram-se mais ameaçadores do que antes. Magdalena susteve, a tremer, o braço de Henrique.

E o tumulto crescia cada vez mais e cada vez mais augmentava o perigo.

Uma grande pedra, impellida de longe, veio bater na verga da porta da sacristia, e na queda ameaçava ferir a cabeça d'uma creança que, entremettendo-se no grupo dos amotinadores, conseguira collocar-se junto de Magdalena, e de olhos espantados assistia áquillo tudo com infantil curiosidade, emquanto a mãe afflicta a chamava em altos gritos, procurando-a no adro. A morgadinha, estendendo as mãos para proteger a cabeça da creança, foi ferida nos dedos pela pedra. Com gesto sereno, e em tom desaffectadamente reprehensivo e ao mesmo tempo placido, disse para toda aquella gente:

— Não vêem que iam matando esta creança?

Esta simples acção, e estas palavras da morgadinha, produziram mais effeito do que todos os arrazoados e todas as resistencias. Havia n'ellas claros indicios d'uma indole generosa, e a generosidade foi e será sempre um dos mais poderosos elementos para dominar e commover as massas. Sabem-no os especuladores politicos, que tanto se esforçam por simulal-a, quando precisam do povo.

— Quem foi que atirou a pedra? — perguntou um.

— Temos tolice!

— Nada de pedras, olá!

— Então isto é coisa de garotos!

Estava a quebrar-se a furia da onda popular. Os que antes gritavam «morras» achavam já reprehensivel a primeira tentativa de lapidação. E comtudo era a pedra a arma mais prompta para executar a sentença. Era evidente que o maior perigo passára e que um pouco de prudencia resolveria a crise.

O peior era que Henrique possuia em pequeno gráu essa qualidade, e, irritado pelo insulto, ia commetter talvez algum acto irreflectido, apesar dos esforços de Christina e de Torquato para o reprimirem.

Uma circumstancia porém veio inesperadamente em auxilio d'elles, e concorreu para dissipar a tempestade.

Foi o caso que, depois de ser posto fóra da igreja o Zé P'reira, que, pelas razões que o leitor já sabe, e inda mais depois do mallôgro da interpellação ao missionario, não olhava com bons olhos para este, veio desconsoladamente sentar-se no adro, sobre os degraus de um cruzeiro, tendo ao seu lado o popular tambor, instrumento das suas glorias, e que ainda n'aquelle dia servira á frente da procissão.

Ahi se conservou emquanto durou o sermão. Junto do artista deitára-se a dormir o seu satellite, o rapaz do bombo, o que, a pancadas compassadas e valentes, secundava os rufos rapidos e febris que o outro executava na caixa — pancadas que eram, por assim dizer, as virgulas d'aquelles floridissimos periodos acusticos.

Em posição de cansaço e desalento o Zé P'reira mo-

nologava, como era habito seu, sempre que tinha o cerebro repassado do espirito familiar.

Lamentava comsigo, o bom do homem, o desmazelo domestico da sua cara metade; a influencia funesta dos missionarios na paz das familias, e sobre tudo a indifferença que principiava a perceber nas massas para as maravilhas do predilecto instrumento, que elle conhecia a preceito.

Era de facto esta uma das causas dos pesares secretos do hortelão.

Desde que, por influencia do mestre Pertunhas, se instituira a philarmonica na aldeia, Zé P'reira andava triste e desassocegado.

N'aquillo viu elle a morte da sua arte. Um *ceci tuera cela,* como o que preoccupava e entristecia o arcediago de Notre Dame de Paris, analogamente inquietava o nosso homem. O espirito e gosto publico entravam em nova phase, preparava-se uma revolução na arte. O reformador era o mestre Pertunhas; instituindo a banda marcial, verdadeira extravagancia romantica comparada á simplicidade e nobreza classica dos portentosos rufos do Zé P'reira, o mestre de latim realisou um commettimento digno de menção na historia da arte.

Pobre Zé P'reira!

Estas reflexões estavam-lhe acudindo todas, e mantinham-no, havia perto d'uma hora, em uma posição contemplativa diante do tombado instrumento de seus ruidosissimos triumphos. Lia-se n'aquelles olhares fixos uma melancolia quasi poetica.

N'esta contemplação o surprendeu a tumultuosa e subita sahida do povo pela porta da igreja, e as scenas de motim que se lhe seguiram. A intelligencia perra de Zé P'reira não achou logo a explicação do que via. Pouco a pouco porém os varapaus no ar, os gritos, a confusão, principiaram a dar-lhe uma vaga consciencia da desordem popular.

Os instinctos ordeiros e pacificos de Zé P'reira acordaram, e o homem ergueu-se.

Olhou algum tempo para o logar do maior tumulto, e em seguida passou ao tiracollo a alça do tambor.

Olhou outra vez, e com um pontapé acordou o seu satellite, que, estremunhado, tomou automaticamente para si o bombo do acompanhamento.

Olhou outra vez, e viu nos ares a pedra que feriu Magdalena. Então o Zé P'reira não esperou mais nada, tomou uma resolução, fez um signal ao rapaz, e...

Pom—fez a baqueta d'este, cahindo com toda a força sobre a retezada superficie do bombo.

Taplão, taplão, rataplão, rataplão...—responderam as baquetas movidas pelas amestradas mãos de Zé P'reira.

Muitas cabeças de amotinados voltaram-se na direcção do som.

O Zé P'reira proseguiu; adquiria cada vez mais velocidade o jogo das baquetas; começava a ganhal-o o vapor do enthusiasmo.

Principiou a acudir povo para junto do artista.

Este tomára-se já do *raptus*, do phrenesi musical. Já não eram só as mãos, eram os cotovelos, eram os joelhos, era a cabeça que rufavam. De olhos fechados, dentes ferrados nos labios, ventas offegantes, contrahidos quasi tetanicamente os musculos do pescoço, a vergal-o para traz, Zé P'reira parecia endemoninhado. Não via, não ouvia, não sentia, não tinha consciencia de si, nem dos seus actos; todo elle era fogo, delirio, convulsão, febre, loucura. Parecia que poderosas correntes electricas se transmittiam do tambor ao cerebro, e do cerebro ao tambor, desafiando aquelles movimentos choreicos, aquelles grunhidos surdos, aquellas visagens extravagantes, aquellas contracções geraes, que o torciam, desconjunctavam e desfiguravam.

Vencera-o completamente a febre; sangue, nervos, musculos, cerebro, tudo era dominio seu; congestionado, allucinado, louco, rufou, rufou, rufou com desespero, rufou até as baquetas se não avistarem de rapidas que se moviam; rufou até o ouvido quasi não perceber a descontinuidade dos sons; rufou finalmente até cahir por terra exhausto, no collapso que succede ás convulsões do espasmo. Se tinha de ser aquelle o declinar de uma gloria, todos os astros lhe invejariam tão esplendido crepusculo.

O povo inteiro applaudiu o artista.

E quando voltaram a si do extase em que elle os tivera, acharam já fechadas as portas da sacristia e nem vestigios da familia do Mosteiro. O povo dispersou pacificamente.

IV

Passados dias voltava o Herodes do Porto, quando as proximidades da aldeia encontrou alguns homens a avallo, que lhe eram desconhecidos.

O leitor que tenha sempre vivido n'uma cidade poulosa, onde lhe é impossivel conhecer todos os que em elle habitam na mesma terra, mal póde fazer ideia a sensação que produz no habitante d'uma aldeia, villa u cidade pequena, a presença d'uma cara estranha.

Formam-se-lhe logo no espirito mil conjecturas, e a nais inquieta curiosidade instiga-o a decifrar a signifiação daquelle apparecimento.

Isto aconteceu com o Cancella.

Desde que avistou os desconhecidos, que dissemos, ão tirou mais os olhos d'elles. Eram tres em numero, raziam grandes botas, largos chapéos, mantas ao hombro, usavam bigodes e lunetas escuras.

—Passaros de arribação...—pensava o Herodes omsigo—que vento traria isto para aqui?

E, chegando-se mais de perto, saudou-os cortezmente.

Um d'elles dirigiu-lhe a palavra:

—Olá, ó amigo, onde ha por aqui uma casa habitavel, em que nos alojemos?

—Por pouco ou por muito tempo, meu amo?

—Por o tempo que leva a construir uns quinze kilometros de estrada.

—Ah! então v. s.as são engenheiros?

—Julgo que sim.

— Então, visto isso, as estradas sempre vão principiar?

— Antes de arranjarmos casa em que fiquemos, de certo que não.

— Ai, sim, querem uma casa... Eu lhes digo, não tem nada que saber; os meus amos vão por ahi sempre a direito, e lá adiante, chegando ao pé d'uma oliveira, tomam á sua mão esquerda por um caminho estreito, que tem uma cancella no fim; depois, logo que virem uma nóra, carregam á direita, seguem sempre ao lado d'um muro branco, até chegarem á eira; ahi tomam por um outro atalho, que está ao lado e vão dar a um larguinho... Depois não tem que saber, deitam pela rua em frente e perguntando alli pela estalagem da Mouca, logo lhe dizem.

Os tres cavalleiros olharam uns para os outros consternados com a explicação.

Iam a dirigir mais algumas perguntas, quando passou por alli uma rapariguita, guardando porcos, que parou pasmada a olhar para os engenheiros.

— Se v. s.as querem, esta pequena vai ensinar-lhes o caminho.

Aceitaram contentes, e cedo partiam precedidos por á pequena cicerone.

— Grande novidade! — ficou dizendo o Cancella comsigo — Sim, senhor; com que vão principiar as estradas! Pois nunca cuidei que fosse nos meus dias. Então... querem ver que sempre sahe certo o que eu ouvi dizer, que vai abaixo a casa e o quintal do tio Vicente?... Pois se querem ver... O pobre homem estala de paixão se isso assim é; isso é que com certeza... Pois senhores... isto de estradas... é bom, é; pois não é? Sempre é outro arranjo para quem tem de ir á cidade...

Nova surpreza esperava o Herodes n'este regresso aos lares. De longe ainda, divisou affixado á porta da igreja um edital. Outra circumstancia que nas cidades nem nos obriga a desviar a cabeça, porém que nas aldeias toma as proporções d'um grande successo.

— Ui! Temos novidade — disse o Herodes ao vêl-o. — Edital á porta da igreja! — e aproximou-se para ler.

Proclamava o chefe do concelho aos seus adminis-
rados que, por ordens terminantes do governo, eram,
esde aquella data, expressamente prohibidos, sob as
ıais severas penas, os enterramentos no interior da
greja, e que todos se fariam no cemiterio, para esse
m já construido. Havia no logar um grupo de popula-
es commentando a ordem e murmurando contra o go-
erno e contra o conselheiro, e fallando de opposição e
ıotim.

—Bom, mais outra! — dizia o Herodes, ao apartar-
e do logar—Grandes coisas se passaram cá na terra,
mquanto eu andei por fóra! O peior é que não sei se
coisa irá assim ás mãos lavadas; ao que já ouço por
hi rosnar!... É o diabo!... Eu digo, não sei se é do
ostume em que uma pessoa se põe... mas... lembrar-
e a gente de que fica assim á chuva e ao sol... Mas é
o costume, é... Bem sente lá uma pessoa o frio depois
e morta.

E fazendo estas reflexões proseguiu no seu caminho.

Passou por uma pequena capella, erecta á borda
'um pinheiral, sob a invocação da Virgem da Espe-
ınça, e reteve-se a fazer oração. Áquella imagem cos-
ımava encommendar a filha, sempre que sahia da al-
eia, e no regresso pagava-lhe em fervorosas orações a
rotecção obtida, e separava-se d'alli mais consolado e
anquillo. D'esta vez, porém, ficou triste e sobresal-
do. Porquê?

É que se lembrára de que tinha, ao partir, deixado
rmelinda doente, e estremecia agora na incerteza de
omo a iria achar.

Esta ideia fel-o apressar o passo, como se quizesse,
uanto antes, tirar-se d'aquella incerteza; mas desde que
istou os telhados e muros da casa parou irresoluto.

Parece que os objectos inanimados nem sempre têem
ara nós um mesmo aspecto. Ha occasiões em que as ca-
as, as arvores, os muros, as portas se nos mostram com
ertos ares melancolicos, e quasi direi pensativos, que
os enchem de sombras o coração; outras em que umas
pparencias de sorrisos lhes dão uns ares de festa que
egram e convidam.

Ao Herodes apparecia-lhe triste d'esta vez a casa, que de ordinario, ao avistal-a, lhe enviava um sorriso a dar-lhe as boas vindas.

Seria o effeito das tintas desmaiadas, que dá aos objectos o sol crepuscular? Seria o reflexo dos presentimentos proprios, que lhe estavam confrangendo o coração? Mas como lhe acudiram tão de subito esses presentimentos, a elle, ainda pouco tempo havia tão despreoccupado? Como lhe occorrêra de repente a memoria d'aquelle dia em que, voltando tambem de fóra, viera encontrar quasi morta a mulher, que chorava ainda, a mãe de Ermelinda? Phenomenos que se perdem na parte obscura da vida moral, da qual ainda a analyse não conseguiu devassar as sombras.

Crescia o sobresalto do pobre homem ao poisar os pés nos primeiros degráus da escada de pedra. Ao passar pela porta do compadre não tivera coragem de perguntar; receiou sahir da incerteza.

Foi quasi a tremer que empurrou diante de si a porta da casa, que encontrou aberta.

Logo ao entrar recuou espantado e não reprimiu uma exclamação de surpreza.

Fôra a causa o achar novidades na primeira sala.

Deu com os olhos n'uma fileira de pequenas cruzes de pau preto que cercavam as paredes, e em alguns caixilhos com imagens de sanctos, que não deixára alli ao partir. E ninguem a recebel-o.

—Credo!—disse o Cancella desgostoso—Para longe o agouro! Cruzes negras á chegada! São coisas da comadre. Maldita velha! Jurou metter-me scismas em casa e na cabeça da rapariga, e se não lhe acudo...

—Ermelinda!—exclamou, chamando por a filha.

Como não recebesse resposta, passou para os aposentos interiores.

Á entrada do corredor descobriu uma pequena pia de louça cheia de agua benta, em que mergulhava um ramo de alecrim.

—Máu!—disse o Herodes, cada vez mais descontente—Vou vendo que a minha comadre fez por aqui das suas. Ora queira Deus... queira Deus... Ermelinda!

E correu toda a casa, que não tinha muito que correr, e explorou o quintal, sem achar a filha; já inquieto chegou a um quarto mais retirado, o unico que ainda não revistára. A porta estava fechada por dentro, porém a pequena cravelha fraca resistencia oppoz á pressão que na porta exerceu o Herodes.

Franqueando assim a passagem, parou no limiar.

Moveu-se, ao ruido que elle fez, um vulto que parecia ajoelhado n'um canto escuro do quarto.

—És tu, Linda? Estás ahi?—perguntou o Cancella, affirmando-se n'aquelle vulto, sem ainda o reconhecer.

—Meu pae...— respondeu uma voz fraca.

—Que fazes tu aqui mettida e fechada n'este quarto, filha? no quarto mais escuro e mais abafado de toda a casa? Chega-te cá, rapariga, quero-te abraçar e beijar... Então que é isso?... Tens hoje tão pouca pressa de abraçar teu pae?... D'antes até ao caminho me vinhas esperar... Vem cá, minha filha, vem cá... Se soubesses como me consola...

E estendia os braços para a filha, que lhe viera emfim ao encontro. Quando, porém, a viu mais perto da luz, calou-se subitamente e principiou a examinal-a com inquieta anciedade. Depois, como se lhe não bastasse a luz d'aquelle recinto para desvanecer não sei que suspeitas assustadoras que o devoravam, trouxe, silencioso ainda, a filha para o corredor, e continuou ahi a fital-a com olhos eloquentes de paixão e de espanto, bradando emfim com voz consternada:

—Que é isto?... Que tens tu, filha?... Estás doente? Estas não são as tuas feições... Os olhos pisados... as faces abatidas... sem côr... sem risos... sem saude!... Linda, tu que tens? Dize: choraste, filha? Estás doente? Falla! Anda, falla!... por piedade!... por amor de Deus, Linda, falla!

A rapariga, em vez de responder, desatou a chorar.

—Meu Deus! Isto que é, meu Deus?— exclamava mais assustado o pae—Choras ainda mais? Que te fizeram, filha? Ó Linda, tu não tens pena de mim? não chores!... Ou chora, chora, se te faz bem chorar; mas...

falla, dize-me o que tens, dize-me porque choras, filha... Então?

E com a voz tremula, com as mãos unidas e o susto no gesto, como no coração, o pobre homem quasi ajoelhava a implorar da filha a explicação d'aquelle doloroso mysterio.

Como ella lhe não respondesse ainda, continuou o afflicto pae cada vez mais commovido:

— Ai os presentimentos do meu coração! Não sei o que me dizia isto! Não sei! Meu Deus, meu Deus! E como te pareces com tua mãe n'aquelle dia em que... Nem quero imaginar... Ó filha, filha, não vês que me matas assim? Falla!...

E beijava-a, e afagava-a, e cobria-a de lagrimas ardentes, que mais lagrimas desafiavam á creança, sem que a fizessem fallar.

Nos movimentos desordenados que fazia, o desgraçado parecia louco. Elle apertava as mãos da filha, levava-as aos labios, abraçava-a, tomava-a ao collo, poisava-a no chão; ora a attrahia a si, ora a afastava, sem saber o que fizesse, n'essa incoherencia de actos que produz um espirito inquieto.

Como para melhor examinar aquellas feições queridas, cujo abatimento e pallidez tanto o assustavam, afastou da fronte da creança, com as mãos tremulas, o lenço que lhe envolvia a cabeça; mas de repente retirou-as, soltando um grito medonho; ergueu-se e recuou com terror.

Depois fitou a filha com olhar desvairado, e, sem pronunciar uma palavra, quasi que a arrastou para mais perto da luz, que entrava no corredor pela porta aberta do quintal; ahi arrancou com impeto febril o lenço da cabeça de Ermelinda, e um novo grito, mas d'esta vez rouco, abafado pela dôr, cortado pelos soluços, sahiu-lhe do seio, e elle, o desgraçado pae, desatou a chorar como uma creança.

É que aquelles formosos cabellos loiros de Ermelinda, que com tanto amor beijava, que com tanta soberba lhe desatava pelos hombros, o orgulho, o enlevo do seu coração de pae, aquelles cabellos loiros haviam cabido

aos golpes d'uma thesoura desapiedada e quasi irreverente.

Só quem fôr pae póde conceber toda a desesperadora afflicção em que esta descoberta lançou o coração d'aquelle.

Ermelinda cahiu-lhe aos pés, de joelhos, chorando tambem.

Por algum tempo nada mais se ouviu alli dentro senão os soluços d'ambos.

A reacção não se fez porém esperar muito no animo violento do Cancella.

Afastou com vivacidade as mãos do rosto, ergueu a cabeça, e com os olhos inflammados de raiva e de cólera, disse para a filha, tremendo e gaguejando, tal era a impetuosidade dos sentimentos que se lhe amontoavam no coração:

—Quem foi?!... Responde! De quem foi essa mão atrevida que fez isto?... Falla!... Não ouves? Quero sabel-o para cortal-a mais rente do que te deixou os cabellos... E tu, desgraçada, tu consentiste! Má filha! filha desagradecida e sem coração, que assim deixas que me roubem as minhas riquezas e alegrias! A teu pae!... É assim que pagas o amor com que te tenho creado?... a adoração com que de pequenina te tratei! É assim? É com este desamor?! é com esta ingratidão?!

—Meu pae! meu pae!— implorava Ermelinda suffocada pelo pranto—Perdoe! Não se afflija assim, meu pae, que me mata! Não vê?... Escute... Para servir a Deus... foi para servir a Deus que eu os cortei... A vaidade é um peccado grande...

—Quem te ensinou isso?... Quem te aconselhou a que os cortasses? Falla!...

—Por a alma de minha mãe, não me falle assim que me assusta!

—Vá! Pois já não fallo... Eu estou socegado... Mas então? Eu não hei de saber?... Bem vês que eu preciso de saber... Vá!... Eu sou teu pae. Ordeno... Peço... Dize, filha, quem foi?

—O missionario...— ia a dizer Ermelinda.

O pae não a deixou proseguir.

—Ah! Já sei! O missionario! É isso! Os padres... as beatas... a tua madrinha! A bruxa a quem eu confiei a filha e que m'a entrega assim! Vendeu-m'a ás mãos d'esses malvados sem dó, sem consciencia, sem religião, sem Deus...

—Meu pae, não diga isso! Não falle assim que é peccado.

—Cala-te! que grande, maior peccado fizeste tu, affligindo assim teu pae! Os missionarios! Quem lhes deu o direito? Quem lhes ordenou... Deus? Se Deus é assim, se Deus quer estas crueldades... Deus não é Deus, e eu não o reconheço nem adoro!

Ermelinda tremia de terror, ouvindo estas palavras que a irritação e o desespêro estavam dictando ao pae. A timida e nervosa creança horrorisava-se, ouvindo aquellas phrases audaciosas e quasi blasphemas, e a cada momento esperava ver cahir um raio fulminador a castigál-as.

—Por amor de Deus! — murmurava ella com a voz chorosa e quasi sumida — por alma de minha mãe!...

—Cala-te! não falles em tua mãe, que não mereces dizer esse nome! Tua mãe! Aquella sim, que sabia como eu lhe queria; que sempre lidou para me não causar penas, e que só com a sua morte me fez chorar lagrimas, tão amargas e tantas, como eu choro agora!

E chorava cada vez mais, chorava como um fraco aquelle homem forte e valente, chorava, porque tinha um coração de pae.

Ermelinda lançou-se-lhe nos braços, cobrindo-o de afagos e de beijos.

—Perdoe-me, meu pae! perdoe-me! — dizia ella —Se soubesse... Fui eu que pedi... Fui eu que sonhei... Não chore assim, meu pae! Não culpe ninguem, fui eu, eu que pedi a minha madrinha!... Foi por a salvação de minha alma, porque...

—E foi tua madrinha que t'os cortou?

—Foi, mas... É que o missionario tinha dito... O missionario é um sancto!... Não olhe para mim d'esse modo, meu pae, que me faz medo.

E cobria os olhos com as mãos para não ver a expressão do rosto de Cancella.

— Querem matar-me a filha — bradava elle. — Ó meu Deus! pois não é isto um grande peccado? fazer da creança, linda e alegre, que eu deixei aqui, esta desgraçada rapariga, sem côr, sem risos, sem alegria? Não é isto um crime, meu Deus? Não se vos póde amar e servir, Senhor, senão com lagrimas, com penitencias e com tristezas? Não! Mentem elles! mente esse missionario! mente essa mulher! mentes tu, filha! e maldito seja quem traz assim o desespêro ao coração d'um pae!

E o Cancella levantou-se exasperado, sacudindo rudemente de si a filha, cada vez mais gelada de terror e afflicção. Deu alguns passos no corredor, e voltou ao quarto onde a encontrára. Ella seguia-o, de mãos postas, chorando, pedindo-lhe que se não affligisse assim. Mas o Cancella era dominado pela impetuosidade do seu genio. Nem a ouvia. De repente parou, fitando os olhos no registo do coração de Maria que alli fôra introduzido por a mulher do Zé P'reira. Estava adornado com jarras de flôres e vélas de cera; era a esta imagem que Ermelinda fazia oração, quasi extatica, quando o pae entrou.

— Coração de Maria! — disse o Cancella, quasi desvairado, conservando a vista fixa na imagem, e como fallando para si — Coração de mãe, e de mãe extremosa, que foi esta, e bem lanceada de dôres. Soube o que é querer a um filho, o que é vêl-o padecer... o que é perdel-o... E será ella a que deseja as lagrimas, as tristezas e a morte d'esta creança?... as desventuras d'um pae?... Ella! Não! E se tu o queres — continuou allucinado, voltando-se para a imagem — se não pódes ser adorada senão assim, é porque és falsa, falsa como a mão que ahi te pintou, falsa como as bôcas que te prégam os milagres. Vai-te!

E no accesso de raiva, que cada vez mais crescia n'elle, fez voar o caixilho, as jarras e os castiçaes pelo ar, e tudo veio fazer-se pedaços no pavimento.

Ermelinda soltou um grito dilacerante e agudissimo ao ver aquillo. O terror seccou-lhe as lagrimas. Com o

olhar espantado, as faces quasi lividas, as mãos juntas, quiz fallar, mas não pôde; moviam-se-lhe os labios descorados, mas não lhe sahia a voz da garganta.

Cada vez mais cego pelo desespêro, o pae já a não attendia. Passou outra vez ao corredor, derrubou em igual accesso de furia o vaso da agua benta, bradando:

—Vai-te que estás empestada tambem pelo bafo maldito da impostura.

Ermelinda lançou-se-lhe aos pés, abraçou-o pelos joelhos para o reter, mas elle não a sentia, e, continuando a caminhar desorientado, quasi a levou de rastos até á outra sala.

Ahi imagens, cruzes, esculpturas, tudo lançou por terra, tudo despedaçava ou rasgava.

N'este impeto de loucura, n'esta cegueira de raiva, não viu a filha que, como se galvanisada pelo terror, ergueu-se arquejante, com os braços estendidos, fazendo esforços para fallar, e cahindo por fim no pavimento inerte e fria como um cadaver.

Attrahida pelos gritos e rumor que partiam da casa do Cancella, a madrinha de Ermelinda acudiu a ver o que era aquillo.

Chegando ao limiar da porta, assistiu ainda ao final da scena que descrevemos; ia a gritar, mas o olhar e gesto com que a fitou o Cancella, cortou-lhe a falla na garganta.

Era de facto um olhar selvagem e sinistro.

A snr.ª Catharina parou.

—Que vem fazer aqui, mulher?— dizia-lhe o Cancella com voz cavada.

—Eu...

—Vem acabar de matar-me a filha, serpente? Vem empeçonhar estes ares, onde metteu a tristeza?

E a cada pergunta que fazia, dava para ella um passo e ella recuava outro.

Crescia outra vez a impetuosidade nas paixões e nas palavras do Herodes.

—Saia! saia da minha vista, se não quer que eu lhe faça camo fiz a esses feitiços com que me enfeitiçou a filha, com que m'a quiz matar.

A velha ganhou animo ao ver-se fóra da porta e por isso disse:

—Lá se vê quem a matou. Repare e diga se não tem remorsos, carrasco!

Estas palavras fizeram quebrar a vehemencia do desespêro do Cancella.

Voltou-se, e vendo a filha estendida no chão, quasi como morta, com a pallidez, com a immobilidade, com a apparencia de um cadaver, correu para ella, soltando um grito angustioso, e principiou a chamal-a pelo nome, beijando-a, chorando, pedindo misericordia a Deus, pedindo perdão a ella, soltando palavras sem nexo, arrepellando-se, ferindo-se.

A yelha, que já não o temia, ao vêl-o assim, vingava-se agora chamando-lhe impio, hereje, malvado, assassino da filha, condemnado de Deus... e elle, o desgraçado, tudo escutava humildemente, com remorsos, e implorando misericordia.

—Não! ella não ha de morrer-me assim... Deus não póde consentir n'isto. Não deixará que eu tenha assassinado minha filha. Ah! senti-lhe o coração!... vive!... senti-lhe o coração bater... Olhe! venha vêr... pouse aqui a mão, comadre, no peito d'ella, aqui... Não sente? É o coroção, não é? Não lhe parece que não morreu? Ar, ar, é do que ella precisa.

E erguendo-se, correu, com a filha nos braços, para o meio da rua.

Ermelinda ainda estava sem accordo. Juntaram-se algumas mulheres, attrahidas pelo espectaculo e pelas arguições da beata, que não cessára de fallar.

Foi voz unanime que a pequena estava a expirar. O Cancella tremia e pedia por amor de Deus que lhe não dissessem aquillo.

Subitamente soltou um grito de triumpho e poz-se a rir como doido. Ermelinda tinha aberto os olhos.

Mas, ao fital-os no pae, instinctivamente desviou a cabeça, como se o aspecto d'elle lhe causasse terror.

—Filha!— disse o Cancella tremendo de interpretar aquelle gesto e com maior consternação na voz e no olhar.

Ermelinda, sempre com os olhos fechados, começou a tremer convulsamente e n'uma anciedade extrema.

—Deixe a pequena!— disse a beata—não vê que lhe faz medo? E' com razão, pobre creança! depois do que viu!

—Pois eu hei de fazer medo a minha filha?— repetiu timidamente o pae—Eu?! Ó Ermelinda... pois tu...

Um estremecimento, que correu pelos membros da rapariga, fel-o calar. Commovido, consternado, passou-a para os braços da velha, e sentou-se a soluçar como uma creança, dizendo entre gemidos:

—Perdi o amor de minha filha! perdi o amor de minha filha! Ai que desgraçado que eu sou!...

A scena era bastante commovente para que se não sentissem impressionadas todas as pessoas que ella attrahira alli.

Houve um longo silencio, só interrompido pelos roucos soluços do infeliz, em quem entrára o desespero no coração.

Este silencio permittiu ouvir-se um vago som, como de musica longinqua, que, a pouco e pouco, se percebeu ser um côro de vozes femininas; cedo a toada, e depois da toada a letra, principiou a tornar-se distincta.

Ouviram-se perfeitamente estas palavras:

Vinde, vinde, ó missionarios,
Com a palavra de Deus,
Libertar-nos do peccado,
Encaminhar-nos aos céos.

O Cancella ergueu a cabeça e poz-se a escutar.

As vozes continuaram:

Minha alma por vós anceia,
Ó ministros do Senhor!
E o meu peito em chammas arde,
Em chammas do vosso amor.

O Cancella principiou a abanar a cabeça e os olhos a animarem-se-lhe d'um fulgor estranho.

O côro soava cada vez mais perto, e dentro em pouco desembocou na rua, em que se passavam estas scenas, um singular cortejo.

O missionario, que nós já conhecemos por o termos visto em pleno exercicio de suas funcções predicatorias, vinha seguido por uma cohorte de mulheres de roupas escuras e cabellos cortados, que cantavam em chorada cantilena estas e analogas quadras, que os missionarios, ou os agentes seus, têem quasi sempre o cuidado de vulgarisar, como preparatorios dos animos impressionaveis das mulheres e das creanças.

Ia em meio uma d'estas quadras, quando se approximava a procissão da casa do Cancella.

Este já estava em pé no meio da rua, á espera d'ella.

O missionario viu aquelle homem grande e immovel no meio do seu caminho, aquelle agigantado vulto que, virado de costas para o poente, se lhe apresentava escuro como um phantasma, e não conjecturou bem do que via. Por isso parou tambem, olhando para elle. O côro suspendeu-se.

O Cancella fitou por algum tempo em silencio o padre, e depois perguntou-lhe:

—Sabe quem eu sou?

O padre fez um signal negativo com a cabeça.

—Sou um homem desesperado, um homem que, n'este momento, nem ouve Deus.

O padre olhou inquieto para traz de si e para os lados, como quem procurava uma sahida para caso de necessidade, pois dizia-lhe a razão que um homem que não ouve Deus, não estaria muito disposto a escutal-o, a elle, humilde creatura.

O Cancella proseguiu:

—Sabe o que lhe quero? Perguntar-lhe por a alegria e por a saude de minha filha; perguntar-lhe por o amor d'ella, que me roubou; perguntar-lhe a que demonio offereceu os cabellos d'aquella creança sem culpas nem maldade; perguntar-lhe com que veneno lhe envenenou o coração, e depois... depois matal-o.

O padre enfiou; ia a abrir a bôca para fallar, mas viu caminhar para elle o Cancella, viu no ar aquella mão

musculosa e larga, e, calculando a violencia do embate pelo volume do braço, julgou-se de antemão esmagado, e só pôde encolher os hombros, fechar os olhos, contrahir comicamente as feições, e suspender a respiração, aguardando n'esta postura o golpe, que não podia evitar.

Este de facto não foi suave. A mão do Cancella cahiu em parte sobre o cabeção, em parte sobre o pescoço do padre, e com tal força, que este foi constrangido a ajoelhar.

—Anda, meu impostor do inferno!

E uma forte sacudidela o impelliu para diante e restituiu de novo á primeira posição. O chapéo rolou a alguns passos de distancia.

—Anda, meu envenenador de almas!

Nova sacudidela seguida de iguaes resultados; e os oculos seguiram caminho do chapéo.

—Anda, meu calumniador de Deus!

E d'esta vez o Cancella principiou por collocar o padre em pé, e após, dando-lhe um forte impulso e soltando-o das mãos, deixou-o ir á mercê da força transmittida.

O padre estendeu os braços instinctivamente, para se amparar na quéda provavel, e, pé aqui, pé acolá, a passos descommunaes, escapou miraculosamente de cahir, porém não conseguiu parar senão a muitos metros de distancia.

Escusado é dizer que esta scena não correu entre o silencio dos espectadores. Mal o Cancella levantou a mão sobre a cabeça do padre, as beatas ergueram um alarido de atordoar céo e terra.

—Aqui d'El-rei!

—Aqui d'El-rei sobre o Herodes!

—Aqui d'El-rei que matam o snr. fr. José!

—Quem acode ao snr. fr. José?!

—Ai que matam o sanctinho do missionario!

E estas e outras vozes pipilavam, uivavam e chiavam aquellas esganiçadas mulheres, sem que o zêlo religioso as decidisse porém a intervir mais activamente.

A celeuma attrahiu gente, e, no numero, alguns ca-

›os de policia, que, em cumprimento dos seus deveres, e acercaram do Herodes, mas com respeito.

Este porém não oppoz resistencia.

Tinha-lhe passado a furia e voltou-lhe o desalento.

Assim deixou-se levar em prisão, acompanhado das mprecações das beatas e dos gritos de indignação dos iomens.

As devotas mulheres correram para o missionario.

Umas levavam-lhe o chapéo, outras os oculos, outras › capote.

—Magoou-se, snr. fr. José?

—Doe-lhe alguma coisa?

—Feriu-se?

Mas o padre não se demorou a informal-as. Limi- ɔu-se a abanar com a cabeça negativamente e deitou a orrer, como se visse atraz de si ainda a mão espalmada lo Cancella, prompta a cahir-lhe outra vez sobre a ca- ›eça.

Quando o Cancella chegou a casa do regedor, já a nultidão engrossára e em altos gritos pedia o castigo lo criminoso.

O regedor tinha a precisa finura para saber condes- ender com a multidão. In-continenti redigiu um officio o administrador, no qual foi tão feliz que escreveu tres ›alavras com boa orthographia; e, fallando ás turbas, lisse, que estavam dadas as providencias, e que o crime avia de ser punido com todo o rigor das leis.

V

O acto violento do Cancella, contra a pessoa do missionario, foi assumpto das conversações geraes de toda a aldeia. Era com indignação que se commentava a façanha. Dizia-se que o Cancella fôra apenas o instrumento de que se servira a gente do Mosteiro para se vingar do padre, pela occorrencia da tarde do sermão.

Os adversarios do conselheiro aproveitaram o ensejo que se lhes offerecia para lhe alienarem sympathias e tentarem um cheque, pelo qual havia muito suspiravam.

O missionario e os seus ardentes sequazes foram dos mais acerbos propagadores d'estas ideias, que reforçavam com muitas accusações, de hereticos e de impios, contra todos os membros da familia do conselheiro.

A politica viu n'isto uma arma favoravel para combater um adversario, e não a despresou. Depois veiu a portaria a respeito do cemiterio, manifestamente devida á iniciativa do pae de Magdalena, e impopularissima na aldeia, augmentar a irritação dos animos e servir de thema a uma violenta diatribe do missionario contra a impiedade da época, que nem aos fieis concedia a sancta consolação de repousar á sombra dos templos.

Tudo isto começou pois a fomentar uma reacção contra o conselheiro, a qual ameaçava o resultado da sua candidatura.

Não pequena parte n'esta guerra surda, que principiára a lavrar, tomava o seu companheiro de infancia e particular amigo, o brazileiro Seabra.

Nunca elle sentira entranhada no coração metade da

emquerença, que apparentemente ostentava para com conselheiro; mas depois d'uma conferencia que tivera om mestre Pertunhas, tornára-se mais manifesta a sua ostilidade e menos observadora de etiquetas e rebuços.

Foi elle, por exemplo, quem teve o cuidado de lemrar que a familia do conselheiro estava de posse de ens religiosos; circumstancia que o missionario attenou, clamando do pulpito contra os dilapidadores dos ens da Igreja.

Foi tambem o brazileiro quem trouxe á flôr de agua s antigos excessos demagogicos, que caracterisaram o rincipio da carreira politica do conselheiro, e referia, om modos de horrorisado, a substancia dos exaltados iscursos, que elle proferira nas camaras, advogando leias, cuja só exposição feria de pavor a imaginação os povos.

Finalmente, até o principio dos trabalhos para as esradas, cujo protrahido adiamento fôra até aquelle tempo m capitulo de accusação contra o pae de Magdalena, ervia agora de arma á opposição.

O brazileiro, em attenção a quem se adoptára o traado que ia ser posto em execução, era o que provava saciedade, com grande exhibição de cifras e de razões conomicas, ser esse traçado, sobre dispendioso, irraional.

E cumpre advertir que estes argumentos ouvira-os lle ao proprio conselheiro, quando este os allegava para er se conseguia demovel-o do empenho que mostrava m que o traçado em questão fosse preferido aos ouros. Tal era o estado das coisas publicas na terra no dia m que principiaram os primeiros trabalhos de campo.

Tinham-se passado alguns dias depois da prisão do Herodes.

A aldeia vira-se invadida por um bando de seres desconhecidos, que vieram alterar a perenne serenidade de nimo de uma população habituada a considerar, como occorrencias de maximo interesse, a reforma dos muros u das cancellas de qualquer proprietario da localidade.

A cohorte de engenheiros, conductores, apontadores, antoneiros e mais operarios vinha, com seus habitos e

costumes novos, fazer tantas ou maiores mudanças na vida moral da aldeia do que nas condições physicas d'ella as bandeirolas, os niveladores, as enxadas, as pás, alviões, picaretas, carros de mão e padiolas, de que era armada essa cohorte.

Por isso corria uma verdadeira romagem para o logar, onde com a maior actividade tinham começado os trabalhos. Era, como já dissemos, na casa do herbanario. Pela demolição d'ella, e do quintal que a rodeava, principiaram as obras.

O velho Vicente assignára dias antes o auto de expropriação e recebêra o preço da venda estipulado, o qual, por influencia do conselheiro, não lhe foi muito regateado.

Elle, porém, o desconsolado velho, recebeu-a commovido. Por as arvores nada quiz; não podia resignar-se a vendel-as. Podia vel-as cahir, como amigos sacrificados no cadafalso, mas mercadejar-lhes com os restos, isso não!

O desinteresse e escrupulo do herbanario serviu á fazenda nacional de compensação ao excessivo preço por que foram expropriados os bens de que o brazileiro se apossára, com o patriotico intuito de promover os seus melhoramentos particulares, preço que por empenho do conselheiro não foi litigado.

Ao principiarem os trabalhos, alguns grupos populares tentaram resistir, mas refrearam-se, em parte pelo respeito devido á cohorte de operarios melhor armados do que elles, em parte cedendo ás imperiosas ordens do herbanario, que, ao sahir pela ultima vez da casa, onde envelhecêra, lhes disse com voz irritada e severa:

— Quem lhes pediu que defendessem estas arvores? Que amor lhes tendes vós, para vos amotinardes por causa d'ellas? Para traz!

Os instigadores das massas conheceram que não era aquella a occasião nem aquelle o pretexto proprios para os seus projectos e adiaram, em vista d'isso, a empreza prudentemente.

Era no fim da tarde d'um dia ennevoado e frio,

l'um d'esses dias em que os animos mais fortes se deixam dominar d'uma melancolia profunda.

Na baixa, em que ficava a habitação do herbanario, ia uma azafama extraordinaria.

O machado demolidor e a alavanca principiaram a sua obra de destruição: desconjunctavam-se as pedras dos muros, desfazia-se em pó a argamassa secular, cahiam a golpes de machado as vigas dos tectos e os troncos das arvores, alastrava-se de tijolo e caliça a verdura dos taboleiros, e cedo, de toda aquella vivenda tão amena e virente, só restavam ruinas.

Numerosos grupos de já pacificados espectadores seguiam com curiosidade as operações de devastação; mas, longe d'alli, a maior distancia do que os indifferentes, assistiam ao espectaculo os unicos olhos que elle orvalhava de lagrimas, o unico coração que elle devéras apertava de dôr.

O herbanario fôra sentar-se na encosta d'um oiteiro visinho, d'onde se divisava toda a scena. Com a cabeça poisada na mão e o braço apoiado sobre o joelho, com voz commovida, dizia adeus a cada arvore, que d'alli via vacillar e cahir, como se fosse um amigo que o precedesse no tumulo. Parecia ter fugido para longe, para pelo menos não lhes ouvir o estertor da agonia.

Ao lado do velho estava Augusto.

Não era tambem sem tristeza, que elle seguia os progressos da demolição.

Mais do que uma vez tentára arrancar o herbanario d'aquelle sitio. O velho, porém, resistiu; queria estar alli até ver cahir a ultima arvore.

Ao pinheiral, d'onde assistia á scena, chegava em confusão o alarido dos trabalhadores, o rumor do manobrar dos instrumentos, e até o da quéda das arvores cortadas.

O herbanario, sempre que via brilhar o machado sobre uma nova arvore, recordava sentidamente algum episodio do seu passado a que ella estava ligada.

— Lá vai aquella faia! — dizia elle com intensa melancolia — pobre velha! Era á tua sombra que meu pae me ensinava a ler! Encostava-se áquelle tronco, sobre a

grossa raiz que elle tem á flôr da terra, e pegando em mim ao collo, guiava-me nas primeiras lições! E viver eu para te ver cahir.

E, ao perceber-lhe balançar as sumidades, o velho fechou os olhos instinctivamente. Cedo ouviu um estrondo... Quando os abriu, estava por terra a faia.

—Agora é a tua vez, pobre carvalho! — dizia, algum tempo depois—Muito queria minha mãe áquella arvore! Por suas mãos a plantou bem tenra. Nunca me sentei áquella sombra, que me não lembrasse da sancta mulher! Parecia que eram vozes tuas, que m'a recordavam, infeliz! Barbaros! Olha com que desamor a decepam! Perdoa-me, meu velho amigo, mas bem vês que te não posso valer.

E o carvalho cahiu.

—Eil-os agora comtigo, cerdeira. Mal adivinhavas tu, quando o anno passado te enfeitavas com aquellas cerejas escarlates, que tanto cubiçavam as creanças, que pela ultima vez-o fazias!... Adeus, pobre amiga, adeus.

E cahia a cerdeira tambem.

E cahiam, uma após outra, todas as arvores do quintal, os limoeiros, as nogueiras, os salgueiros e toda a familia vegetal do velho Vicente, que sentia ir-se-lhe com ella a alma. Memorias de infancia, sonhos de juventude, e reminiscencias de velho, como aves invisiveis, occultas nas cópas d'aquellas arvores, surgiam agora espavoridas e desnorteadas a procurar o refugio, que não encontravam fóra d'alli.

Por outro lado os delicados sentimentos do herbanario eram dolorosamente feridos, ao desmoronarem-se as paredes d'aquella pequena casa onde elle envelhecêra e contava morrer, e ao patentear-se indiscretamente aos olhos irreverentes e curiosos do povo aquelle recatado asylo.

A demolição proseguia com ardor e actividade. Em pouco tempo, só restavam da casa os muros, meio derrocados; e, no quintal, a serra e o machado principiavam a exercer no tronco da ultima arvore a sua obra destruidora. Era o castanheiro da entrada, gigante d'outro seculo, que desafiára os raios de muitos invernos successivos.

A exaltação do herbanario cresceu n'aquelle momen-
). Ergueu-se pallido e tremulo, apoiou-se no hombro
e Augusto, murmurando:

— Tambem o castanheiro! Já era arvore quando eu
asci! Como elles se encarniçam contra elle! Mas não te
arece, Augusto, que não soffre muito o castanheiro?...
abés? É que elle já não agradeceria a vida, porque ti-
ha de viver assim desamparado dos seus outros com-
anheiros, que vê cahidos no chão... Tarda-lhe talvez o
eitar-se ao lado d'elles... É como eu.

O castanheiro principiou a oscillar.

— Repara — disse o herbanario, cada vez em tom
ıais baixo, e apertando o braço de Augusto. — Elle já
'eme! Não vês?... Lá lhe deitam a corda... Vai cahir!...
arece-me que estou a sentir aquelle estalar de fibras...

E a arvore cahiu com fragor no chão, que por tanto
›mpo cobrira de sombras.

Estava ultimada a obra.

O herbanario encostou a cabeça ao hombro de Au-
usto e rompeu em soluços.

— Então, tio Vicente, tenha animo — dizia-lhe Au-
usto, igualmente commovido.

— Se tu soubesses, Augusto, o que eu estou sen-
ndo! Olhar para acolá e não ver em pé uma só das ar-
ores que eu conheci em pequeno! Parece-me um so-
ho isto, um sonho de afflicção! Sinto-me tão só no
ıundo! Ai! se a morte me ferisse agora!

A dôr, a saudade e o desalento davam uma unção
e poesia elegiaca á figura, ao gesto e ás palavras do
elho, que desvanecia tudo o que n'elle podesse haver,
as situações ordinarias da vida, capaz de desafiar um
orriso nos labios de quem o observasse friamente.

Conceda-se uma lagrima a estas obscuras victimas
os progressos materiaes, lagrima que não importa uma
'onia á civilisação. Exalte-se embora a rapida carreira
a locomotiva, que atravessa, como meteóro, as povoa-
ões e os êrmos; mas não seja isso motivo para con-
emnar a compaixão pela violeta dos campos, que as
odas deixaram esmagada á beira do carril. Inda quando
m vencedor tem um papel providencial a cumprir, e

o seu triumpho seja uma obra de redempção, o vencido, desde que cahe, tem direito a um olhar compassivo, a uma lagrima de saudade. Não tenteis a louca empreza de aniquilar o sentimento, espiritos áridos que infundadamente o temeis, como coisa desconhecida á vossa alma secca e esteril. Quem devéras confia nos destinos da humanidade não tem medo das lagrimas. Póde-se triumphar com ellas nos olhos.

Passado algum tempo, e quando já as sombras da noite se condensavam nos valles e subiam lentamente as encostas dos oiteiros, o velho disse para Augusto:

—Agora que não tenho casa, dá-me por alguns dias o abrigo da tua.

—Por alguns dias?— repetiu Augusto, admirado —Pois quer deixar-me depois?

—Quero. Vou com ellas.

E apontou, ao dizer isto, para as arvores derrubadas.

Atravessaram a aldeia á hora a que vibravam nos ares os sons melancolicos das Ave-Marias.

Em silencio chegaram a casa de Augusto, agora commum para os dois.

—Mettes em tua casa um triste hospede, pobre rapaz!— disse o herbanario ao transpor o limiar—Má companhia te fará a minha velhice.

—Boa companhia me faz sempre a sua amizade, tio Vicente. Nem a sua presença podia desalentar quem na mocidade é mais fraco e desalentado do que ninguem o póde ser na velhice.

—Custou-me muito este golpe de hoje! Não contava com elle! Desde hontem envelheci muitos annos. Pódes crel-o.

Quando Augusto ia a replicar, interrompeu-o uma voz que dizia de fóra da porta:

—Dão licença?

E no limiar appareceu a figura do mestre Pertunhas animada de cordeaes sorrisos.

O herbanario e Augusto não reprimiram um gesto de impaciencia.

O homem entrou.

— Ora Deus seja aqui! Tão grande é o dia como a romaria, snr. Augusto! Ainda ninguem o viu hoje!... Disseram-me que tinha ido de manhã para casa do tio Vicente; vou lá... Estava um mundo de gente no sitio... Mas qual snr. Augusto, nem tio Vicente! Então com que escorraçaram-no do seu ninho?... Pobre homem! A fallar verdade, n'essa idade! Já sei que vem para casa do nosso Augusto. Hontem vi para ahi entrar os fardeis. Ainda bem que o temos por visinho... Faremos boa camaradagem... Olhe que tambem fizeram-na fresca com o tal projecto de estrada! Uma coisa assim!... Coisas cá do snr. conselheiro! Vai-se fundir um dinheirão na tal estrada! E já por ahi se rosnam coisas! Emfim, politicos! politicos!... Todos são os mesmos... Vai por ahi uma poeira dos meus peccados com a ordem a respeito do cimiterio; e com a historia do Herodes? Sabem que elle esteve hontem para matar o missionario?... E, valha a verdade, dizem que por ordem de alguem do Mosteiro... Que eu não acredito, mas emfim aquella historia no sermão do outro dia... E o tal snr. Henrique, que é unha e carne com elles... Elle será muito boa pessoa, mas não me calha... Lá feliz, isso como não sei d'outro, com dinheiro e sem cuidados! E sempre se faz o casamento d'elle com a morgadinha?... Ouvi dizer que sim.

O herbanario levantou os olhos para fitar Augusto; a apparente impassibilidade d'este não illudiu o velho.

O Pertunhas não se esgotára ainda:

— Ora agora, quem anda fulo é o brazileiro, o Seabra. Pelos modos, eu não sei o que ahi houve; o conselheiro não o tratou muito bem, dizem, n'uma carta que escreveu ao ministro, ou creatura do ministro. Umas historias muito complicadas, que eu não entendo, mas que promettem dar de si... Veremos em que ficam as eleições este anno... O conselheiro bem póde trabalhar, senão... Elle cuidava que era só apresentar-se, e emquanto a fazer vontades... Que me dizem do snr. Joãosinho das Perdizes? Será fiel esse? Já me disseram tambem que...

— O snr. Pertunhas — atalhou o herbanario enfas-

tiado — antes queremos não saber. Importa-nos pouco a politica.

— Estão como eu... Isto tambem não é politica, mas emfim... Pelo que vejo estão cansados? Eu tambem não os masso mais... E antes que me esqueça, ha muitas horas que estou de posse de uma carta para vmc.ª, tio Vicente. É de Lisboa, veio pór o correio de hoje. Não lh'a mandei a casa porque... não sabia o que era feito d'ella. Eh, eh, eh,... Mas como o vi passar, conjecturei que viria para aqui, e por isso...

O herbanario recebeu a carta, que o mestre Pertunhas lhe deu, e olhando para o sobrescripto, disse com indifferença:

— É do Manoel.

E abriu-a lentamente.

O mestre de latim deixou-se ficar na esperança de ouvir novidades.

A meio da leitura o herbanario ergueu-se com impeto e exclamou cheio de indignação e de cólera:

— Mentiu-me como um vil! Mentiu-me aquelle homem sem dignidade nem sentimentos! Aquelle homem importa-se menos com a felicidade dos amigos, com a justiça das causas, e com a voz da propria consciencia do que com os caprichos e interesses dos poderosos com quem vive!

— Mas que é? — perguntou Augusto sem atinar com a significação d'aquellas palavras.

— Lê.

E passou a carta para as mãos de Augusto.

O conselheiro participava n'esta carta ao herbanario que se vira obrigado a ceder, na questão do despacho de Augusto, a fortes influencias que se empenhavam n'isto muito mais do que elle julgava; que mais tarde lhe explicaria tudo. Emquanto a Augusto, accrescentava elle, talvez fosse isto até uma vantagem; que o logar que pedia era a sua annullação perpetua, e que elle, conselheiro, havia de luctar contra a grande modestia do rapaz, trazendo-lhe á luz os merecimentos reaes, dando-lhe melhor collocação, e que esperava ainda empregal-o na capital.

Era uma carta toda de homem politico, que tudo espera da diplomacia.

Ao acabar de a lêr, Augusto disse, com um sorriso amargo nos labios:

—Eu sou pouco ambicioso; contento-me com morrer aqui.

—A mim me deu elle, ao partir, a sua palavra de que te faria despachar, e breve; e quebrou-a como um perro! Oh! o que fizeram d'aquelle homem!

—Que?! Pois é possivel?— perguntou, exaggerando a sua consternação e espanto, o officioso Pertunhas—É possivel que o snr. Augusto não fosse despachado?!

E dizendo isto passou a desfiar uma serie de consolações, qual d'ellas mais tôla e sem cabimento.

Até que emfim, tendo já novidades para contar, e almejando communical-as aos frequentadores da taverna do Canada, onde devia estar reunida grande e luzida assembleia, o Pertunhas sahiu, a pretexto de não ser mais tempo incommodo, e deixou-os outra vez sós.

—Estão-me guardados para o fim da vida todos os desenganos! todas as amarguras! todos os desespêros!...— disse o herbanario momentos depois—É para se odiar o mundo e os homens ver um, que conhecemos generoso e innocente, contaminado tambem!... Pobre Augusto! Não basta que sejam modestos os teus desejos... nem assim t'os deixam realisar.

Guardados alguns momentos de silencio, continuou com amargo sarcasmo:

—Porque não te fazes politico? Porque não vaes tambem para a taverna do Canada dizer tolices sobre a governança do paiz? Talvez levasses comtigo alguns tolos, e tinhas n'isso uma recommendação poderosa. Olha para aquelle basbaque do morgado das Perdizes... ahi tens um influente... Imita-o... Mas dize: o que tencionas fazer?

—Ficar— respondeu Augusto com firmeza.

O herbanario fixou-o com um olhar penetrante.

—Ainda?... Mas... não te vai ser suave agora a vida, rapaz. Para se viver não basta uma... uma loucura. Re-

para bem. Se quizeres... O Manoel é leviano, mas creio que ainda não perverso, eu lhe escreverei... talvez que em Lisboa...

— Não lhe escreva. Sabe que não partiria para Lisboa...

— Mas... repara!... Estás muito novo, Augusto... Tens um longo futuro diante de ti. E, ficando, o que te espera?...

— A morte que fosse, a morte de miseria e de fome; ficava. Mas resta-me ainda o trabalho. Tenho coragem para aceital-o.

O herbanario baixou a cabeça pensativo.

Soaram n'isto á porta da sala duas pancadas lentas.

O herbanario fez um gesto de enfado.

— Não abras sem eu sahir — disse elle a Augusto, que se erguêra; — não estou de animo para aturar importunos.

E passou para uma sala contigua.

Augusto foi abrir ao novo visitante.

Achou-se na presença do brazileiro Seabra.

O grave personagem entrou pausado e sisudo, como homem que sabe fazer valer a honra que dispensa, visitando um rapaz sem dinheiro.

Augusto offereceu-lhe cadeira para se sentar, sem inquirir do motivo de tão inesperada visita. O brazileiro sentou-se e principiou:

— Acabo agora mesmo de saber da injustiça que lhe fizeram. Senti-a como se fôra propria, e venho aqui declarar-lh'o.

Augusto curvou-se em signal de agradecimento.

— Mas então que quer? — proseguiu o homem — Hoje em dia é tudo assim. Padrinhos e mais padrinhos, e o mais são historias. Estamos n'uma época de corrupção e de immoralidades, e ninguem sabe onde isto irá parar.

Augusto ouviu em silencio os trenos do capitalista, que proseguiu:

— Tolo é quem não faz como os mais. O mundo está para os velhacos.

Parou, assuou-se, tossiu, e puxando a cadeira para

mais perto da de Augusto, continuou em tom differente e mais baixo:

—Quando um homem tem uma gota de sangue nas veias não póde receber as offensas e ficar-se com ellas assim. O perdão evangelico é muito bonito mas não é para homens. Não lhe parece? Eu por mim não gosto de genios de lama. Fallemos como amigos. Nós ambos somos victimas d'um mesmo homem. O snr. Augusto foi enganado e escarnecido por o conselheiro, que se apregoava seu protector. Ahi temos a protecção que elle lhe deu. Eu tambem lhe devo finezas.

—V. s.ª?— perguntou Augusto, que não podia saber o que lhe queria no fim de tudo o brazileiro.

—Eu, sim, senhor. Eu lhe digo como isto foi.

E o brazileiro, puxando a cadeira, approximou-se mais de Augusto, e deu principio á exposição dos seus aggravos:

—O conselheiro, que joga em politica com pau de dous bicos, andou-me a causticar, para que eu aceitasse um titulo qualquer... Queria fazer-me visconde por força. Coisas de que eu me estou rindo... Mas... emfim, para me livrar d'aquelle importuno, disse-lhe que... fizesse lá o que quizesse... Pois, senhores, não teve o petulante o atrevimento de escrever ao ministro, com quem, apesar de se dizer da opposição, mantem aturada correspondencia; não teve a audacia de lhe dizer que eu andava sonhando com viscondados, e que a minha mania era attendivel, pois promettia ser uma fonte de melhoramentos locaes muito baratos ao estado, visto que com tão pouco me contentava, e outras coisas n'este gosto? O petulante!...

Augusto, apesar dos pensamentos pouco alegres que o preoccupavam, luctava para se conservar serio, perante aquella indignação do snr. Seabra.

—Mas tem a certeza d'isso?— perguntou elle—Ás vezes são calumnias...

—Eu vi a carta do ministro em resposta a esta; do ministro não, mas do secretario, que é o mesmo... Um acaso fez com que ella me chegasse á mão... O ministro fazia-me o favor de me conceder o titulo; mas era

de parecer que, por cautela, se tirasse antes de mim tudo quanto eu podésse dar, porque... porque... por umas tolices de que eu me lembrarei a tempo... Ora ahi tem como elles são!... Que venham para cá com os seus melhoramentos... Eu lh'as cantarei; prometto-lhes que se hão de arrepender.

—Mas... talvez haja ahi equivoco...

—Equivoco? Ora essa! Pois eu não li a carta? Ella ha de apparecer em publico; oh! se ha de! Isto é, não a parte que me diz respeito, porque... porque emfim são negocios particulares, que não interessam a terceiros; mas umas ultimas linhas d'ella, umas promessas do ministro, que põem a calva á mostra a este Catão, que nos anda aqui a prégar liberdade e independencia! isso ha de apparecer, e ha de ser lido com muita vontade.

—Acaso tenciona?...

—Se tenciono?! Podera não! Eu lhe affianço que o homem ha de saber com quem se metteu. Deixe vir as eleições, deixe-as vir. Já ha de achar o caldo azedado, quando quizer comel-o; isso lhe prometto eu. A lição ha de leval-a breve.

—Vão guerrear a eleição do conselheiro?

—Faço essa tenção.

—E quem lhe oppõem?

—O candidato que a authoridade propozer; um individuo de Lisboa.

—Que nem o circulo conhece?

—Que importa? É uma lição. Aqui não ha politica nem meia politica. Eu não morro pelo governo, porque eu tambem fui offendido pelo ministro. Mas é preciso aproveitar tudo. E assim temos por nós a authoridade, além dos padres.

Augusto não se sentia com disposições para discutir esta questão politica; por isso nada mais lhe replicou.

O Seabra proseguiu:

—O que eu quero saber é se o amigo quer entrar na nossa alliança e aceita uma proposta que eu lhe vou fazer. A vingança é o prazer dos deuses, e visto que foi tambem offendido...

—Não, senhor; não aceito — acudiu com vivacidade Augusto.

—Escute. Deixe-me concluir. Não sabe do que fallo! Pouco se exige. A coisa é esta: na carta, a que me referi, e que por acaso me chegou ás mãos, falla-se n'uma outra, ou em outras anteriores, em que se tratava, mais por miudo, d'uma curiosa transacção politica que n'esta se revela claro. O conselheiro é pouco acautelado; haja vista ao extravio d'esta, e por isso...

Augusto olhava admirado para o brazileiro, como se não podesse comprehender onde elle queria chegar.

O Seabra proseguiu:

—Ora, a mim lembrou-me... como o senhor vai muito pelo Mosteiro... sim, porque julgo que continúa a ensinar os pequenos, e, já se sabe... como mestre, entrando a qualquer hora no mais intimo da casa, sim... demais como a D. Victoria é... um tanto descuidada, como todos nós sabemos... Não sei se me percebe?... Dizia eu... sim, que se ás vezes, por acaso, encontrasse coisa que valesse...

Augusto levantou-se indignado.

—Snr. Seabra! — exclamou cheio de cólera.

—Valha-me Deus, eu não quero dizer... Não me entendeu... Bem vê que se o senhor devesse obrigações ao conselheiro, eu não ousava... Mas...

—Obsequeia-me muito, snr. Seabra, se não insistir...

—Entendamo-nos. O senhor está no principio da vida. Precisa do auxilio de alguem. Offerece-se-lhe occasião para fazer serviços ao governo, que é finalmente quem póde pagal-os; e que se lhe pede para isso? Quasi nada... O senhor sabe perfeitamente que se não trata aqui de desgraçar ninguem, de levar ninguem á força.

—Visto que v. s.ª insiste, sou obrigado a retirar-me.

—Espere, snr. Augusto — acudiu o brazileiro, segurando-o.—Repara no que faz. Não seja precipitado. Eu estou prompto a fazer alguns sacrificios, se vir que nas suas circumstancias...

—Visto que v. s.ª não se cala, nem quer que eu me retire, ouça então o que tenho para lhe dizer. A sua proposta seria para mim o maior dos insultos, se não

fosse tal a baixeza d'ella, que até despe de toda a imputação a pessoa que a faz. Os homens, faltos de sentimentos de honra, não offendem, quando insultam; não se lhes póde pedir razão da infamia, porque a não conhecem como tal; identificaram-se com ella. Por isso, só me resta um partido, é convidal-o a sahir.

O brazileiro fôra erguendo-se á medida que Augusto fallava. Estava espantado por ver que um rapaz, sem um vintem de seu, ousasse fallar com tal irreverencia a um homem que tinha dinheiro e credito em tantos bancos! A ordem do mundo estava perturbada!

—Ora esta! — disse elle no fim — Então o senhor ordena-me?...

—Que saia! — respondeu Augusto, indicando-lhe a porta.

O brazileiro estava pasmado. Olhou para Augusto como se duvidasse do que ouvia; deu dois passos para a porta e tornou a olhar, seguiu outra vez, e, no limiar, parou para dizer:

—Veja lá o que faz! Eu só lhe digo que me não convem dar a minhas filhas um mestre de soberbas.

—De certo que lhe não poderá convir a educação que eu désse a suas filhas; é natural não querer educar consciencias que sejam juizes da sua corrupção. Deixe-as ignorantes, para não ser castigado pelo desprezo d'ellas.

—Quer então dizer...

—Que lhe desejo muito boas noites, snr. Seabra.

O brazileiro sahiu, bufando.

Augusto, que ficára só, sentiu-se apertar nos braços de alguem que entrou, sem elle sentir.

Era o herbanario.

—É assim, é assim que te vingas de todos, rapaz! Esmaga-m'os com a tua nobreza!

Augusto sorriu tristemente.

—O peior é, meu amigo — disse elle — que é a segunda subtracção que hoje se opéra no meu orçamento, e... a nobreza não nutre!

—Mas consola! — replicou o velho.

VI

Dias depois das scenas descriptas no anterior capitulo, estava a morgadinha occupada a escrever n'uma das salas do Mosteiro, quando ouviu atraz de si correr o reposteiro da entrada.

Julgando que era algum criado, nem se voltou e proseguiu na escripta.

—Retiro-me, se sou importuno— disse a pessoa que entrára, e que ficára no limiar da porta.

Magdalena voltou-se então e reconheceu Henrique de Souzellas.

—Ah! é o primo Henrique? Póde entrar.

—Eu sei? Ha correspondencias tão delicadas, que demandam a applicação de todas as nossas faculdades, e a presença d'um importuno...

—Mas não se dá agora esse caso; nem emquanto á delicadeza da correspondencia, nem emquanto á importunidade do visitante.

—Então utiliso-me da concessão.

—Occupava-me a escrever áquelle pobre Cancella, para o tranquillisar em relação á filha. Pobre homem! Ainda se lhe não póde obter fiança, apesar de meu pae tratar d'isso, a pedido meu. Ha quem trabalhe contra elle. E como ha de ter padecido na cadeia na incerteza em que está! Quem ha de dizer que n'aquelle corpo, robusto e forte, se aloja uma alma de tão delicados sentimentos? Inda lhe hei de mostrar a carta que elle me escreveu a pedir-me que trouxesse para o Mosteiro a filha, e a tirasse de casa da madrinha, que com o seu fanatismo a perdeu... É um modelo para seguir.

—E como vai a pequena?

—Mal. Estou aqui a mentir, fazendo conceber áquelle pobre homem esperanças, que eu mesma não tenho.

—Que disse o cirurgião?

—Nada animador.

—Como capitulou a molestia?

—Não sei quê de cerebro; nem eu quiz saber. Nunca pude comprehender a necessidade que tem certa gente de conhecer a natureza da doença que lhes ameaça roubar uma pessoa querida. Perdal-a ou salval-a é a questão que me interessa. Tudo o mais me é indifferente. N'uma pessoa doente vejo um espirito que hesita entre deixar-me e permanecer. Aos medicos peço que removam, se podem, aquillo que o faz partir, mas não quero saber o que é. Julgo natural ao sentimento o considerar assim a molestia e a morte.

—Á maneira da arte, ainda que hoje o diagnostico entrou na litteratura, prima. Mas, a proposito do Herodes, deixe-me dizer-lhe que está sendo muito commentada na aldeia a violencia d'elle contra o missionario. É voz constante que fizera aquillo por influencia nossa, e as honras d'aquella bem empregada sova são-nos tambem concedidas inteiras. Imagine o clamor que por ahi vai!

—Deixe clamar— respondeu Magdalena, encolhendo os hombros.

—Deixo, deixo. Eu sou odiado como um Lucifer, feito homem; seguem-me, quando eu passo, uns olhos rancorosos e adivinho que na ausencia não sou muito bem tratado.

—É bom acautelar-se. Não os irrite. Viu que não era prudente.

—Não receie. Esta gente a final é cobarde.

—Tanto peior. O inimigo cobarde é mais para temer. Bem sabe. Foi uma desastrada ideia aquella da nossa ida ao sermão do missionario.

—Parece-lhe? Eu não estou arrependido. Bastava-me, como recompensa, o ter presenciado o accesso de furor rabico do homem.

—Vamos, primo Henrique; confessemos que a situação não foi das mais agradaveis.

—Sinto-a, principalmente por o incommodo que tiveram as senhoras, e talvez por esse episodio dar vigor opposição, que alguem por ahi se interessa em organisar contra o snr. conselheiro.

—Ah! pois trata-se d'isso?

—Se se trata?! E muito seriamente. A portaria a espeito do cemiterio, a historia do sermão, e agora o pisodio do Cancella, têem feito um grande mal.

—Oh! se meu pae perdia!...

—Não entendo essa exclamação, prima Magdalena. a jurar que era a expressão d'um desejo.

—E porque não? Se isso fosse motivo para meu ae abandonar d'uma vez para sempre a politica, peil-o-ia a Deus.

—Conhece pouco ainda o coração humano, prima. eu pae está votado á politica para toda a vida. Desenane-se. E se o prendessem n'esta aldeia, aqui mesmo ıria a mais deploravel, impertinente e inutil de todas s politicas, a politica local.

A morgadinha suspirou como se reconhecesse a verade do que Henrique dizia.

Henrique proseguiu:

—Está organisado um club opposicionista na taverna 'um tal Canada. O brazileiro capitaneia a phalange, os adres são os tribunos e a propaganda estende-se assusıdoramente. É preciso olhar por isto e sobretudo não erder de vista o snr. Joãosinho das Perdizes, cujo voto eu pae tinha em grande conta, porque representa o 'uma freguezia inteira. É de suppor que o requestem ıuito e... o homem é fragil. Já vê, prima, que eu tomo ıuito a serio os preceitos hygienicos, que me deu o meu ıedico, quando parti de Lisboa, e que a prima approou. Estou a interessar-me pelas questões locaes, como e aqui estivesse ha annos.

—E é um bom indicio de cura, póde crêr.

—E inda tem empenho de me curar?

—Empenho, todo; esperança é que menos.

—Ó meu Deus! que sinceridade de medico tão cruel! eja; escutarei a sentença com coragem. Diga-me o que ensa de mim. Ha muito que não fallâmos n'isto. A ul-

tima vez que o fizemos, um tanto cathegoricamente, foi n'uma occasião bem critica. Julgo que o meu procedimento de então até hoje lhe terá feito conceber do meu caracter um não muito desfavoravel conceito. Bem vê que não abusei...

—De quê?— perguntou Magdalena, contrahindo a fronte, n'um gesto de altivez—É certo que tem em todo este tempo dado provas de discrição; no que se mostrou mais contrito que generoso. Pelo menos é assim que eu interpretei o seu silencio, e approvo-o em vez de agradecel-o.

—Seja contrição, visto que assim o quer. Mas não lhe merecerá ella alguma misericordia para com o peccador?

—Escute. Sinto sincera misericordia de si, póde acreditel-o. Ella só me obriga a perdoar-lhe algumas impertinencias, nem sempre demasiado delicadas, com que me mortifica.

—Está sendo tão amavel!...

—Perdoe, mas a sinceridade tem d'estas exigencias.

—Curvo-me perante as exigencias da sinceridade. Continue, prima Magdalena.

—Vai mais longe ainda a minha misericordia, porque, apesar da rebeldia do mal, inda não desisti de cural-o.

—Inda bem. E como? Ser-me-ha licito penetrar no segredo do tractamento?

—Ha já agora uma unica maneira de o salvar.

—E é?...

—Apaixonal-o.

—Ah! n'esse caso estou salvo!— exclamou Henrique n'um impeto, que não pôde passar sem um sorriso da morgadinha.

—Ouça. É preciso andar com tento na escolha do objecto d'essa paixão, sob pena de aggravar o mal em vez de minoral-o.

—E como hei de escolher?

—De modo que lisongeie a opinião que o primo tem de si proprio.

—A opinião que eu tenho de mim! Se podesse ser mais clara...

— De boa vontade. O primo Henrique tem uma forte necessidade de persuadir-se de que representa no mundo um grande papel, uma missão heroica e generosa, quasi providencial. Exigencias d'uma vaidade de boa indole, que se lhe não póde levar a mal. Repugna-lhe a ideia da inutilidade, da insignificancia da sua existencia. Não se resigna ao papel de comparsa, ambiciona o de protector. Se o acaso, ou uma inconsideração de momento, o associasse por toda a vida a um caracter igualmente forte, que, em constante opposição, pretendesse provar-lhe que prescindia da sua protecção, grandes desgostos e amarguras o esperavam no futuro. Uma indole branda, docil, fraca, um d'estes seres nervosamente delicados, que tremem ao verem-se sós, cheios de poeticas superstições, que tenha a dissipar; que se lhe apoie ao braço, como se n'elle encontrasse a coragem que não sente em si, e que, ao mesmo tempo, domine pela fraqueza e pela doçura, domine sem consciencia do imperio que exerce e sem vaidade portanto; um caracter d'estes é que deve procurar para salvar-se; só d'elle póde esperar a realisação da vaga ideia de felicidade, que todos concebem na vida.

— E se essa theoria engenhosa fosse verdadeira, parece-lhe que poderia encontrar á mão o tal anjo salvador, que precisa do meu braço para se apoiar?

— Julgo que póde, e que já o teria encontrado, se pensasse seriamente nas necessidades do seu coração.

Henrique ia a responder, quando entrou na sala um criado com as cartas do correio.

— Trégoas á nossa conferencia, emquanto eu leio a carta de meu pae — disse Magdalena, examinando a carta recebida.

— Concedidas, e eu aproveito-as para correr a vista pelos periodicos que chegaram.

E emquanto Magdalena lia a carta, Henrique passava pelos olhos as folhas de Lisboa.

Não tinham decorrido muitos instantes, quando a morgadinha interrompeu a leitura, exclamando:

— Ó meu Deus! mas de que se trata? Que quer dizer isto?

Ao ouvir estas palavras, Henrique desviou para ella os olhos.

Viu-a agitada e lendo com vivacidade e commoção a carta do conselheiro.

—Ha alguma má nova?— perguntou Henrique, ferido por aquella expressão.

Antes porém de responder-lhe, a morgadinha seguiu com ardor a leitura até ao fim.

Henrique continuava a observal-a e cada vez mais evidentes descobria n'ella os signaes de uma funda agitação. Ao findar a leitura, passou a mão pela fronte, como para desviar uma ideia amarga.

—Por amor de Deus, prima Magdalena, que diz esta carta, para assim a perturbar?— perguntou Henrique, já assustado tambem.

—Não sei bem; não posso inda dizer a que se refere meu pae; mas sinto-me interiormente sobresaltada, como se o adivinhasse.

—Mas a final o que se diz ahi?...

—Leia, e veja se, melhor do que eu, póde comprehender esse enigma, por certo doloroso.

Henrique examinou a carta, que a morgadinha lhe passou para as mãos.

N'esta carta queixava-se o conselheiro á filha de ter sido victima d'um abuso de confiança, commettido por alguem, que elle ainda não sabia dizer quem fosse. N'um periodico de Lisboa fôra publicada por aquelles dias uma carta dirigida tempos antes ao conselheiro por não menor personagem politica do que o secretario intimo do ministro.

O proprio conselheiro confessava ser esta carta demasiado compromettedora, e assim tambem o demonstrava a excepcional irritação que transparecia em todos os periodos da que escrevêra á filha. O periodico que, para fins politicos, fizera a publicação, havia occultado os nomes, porém muitas circumstancias referidas tornavam inutil a discrição, e em Lisboa ninguem hesitou em apontar os personagens, entre quem se passára o facto. Durante uma das suas demoras na aldeia recebêra o conselheiro essa carta; alli, no seio da familia, a con-

fiança que depositava em quantos o rodeavam, impediu-o de ser previdente, como por habito o era; facil foi portanto o extravio. O conselheiro dizia á filha que era preciso descobrir o traidor para evitar futuros abusos; e para isso, que se lembrassem de que o alcance da carta não era para todos comprehendel-o, e portanto não se limitassem a indagar entre os da baixa classe. «A vingança — concluia o conselheiro d'uma maneira mysteriosa, como de quem deseja e receia, ao mesmo tempo, fazer uma allusão — a vingança, bem ou mal fundada, obriga ás vezes os mais nobres caracteres a uma acção baixa e vil; entre os que por mim se possam julgar offendidos, é natural encontrar o criminoso.»

— Esclareça-me este mysterio! — disse Magdalena, consternada — De que se trata aqui?

— Alguma correspondencia politica extraviada. Seu pae diz bem; é necessario descobrir o traidor por cautela. Além de que, para todos os que, como eu, têem entrada n'esta casa, é isto um mysterio em que a nossa honra está empenhada, porque v. exc.as têem direito a alimentar suspeitas.

— Por amor de Deus! — acudiu, interrompendo-o a morgadinha — Não pronuncie essa palavra! Suspeitas! Esse envenenamento moral, que eu até aqui não conhecia, quer meu pae que voluntariamente o contraia.

— Seja envenenamento, muito embora, mas é um envenenamento salvador, prima, como o da vaccina; é um preservativo de traição.

— Viver para desconfiar! procurar nas palavras que se ouvem um sentido occulto! nos gestos uma expressão denunciadora! nos affectos uma intenção egoista! Oh! isto é horrivel! Mas... que carta é essa, meu Deus? Que correspondencia póde ter meu pae, que não deva ver a luz do dia? Meu pae!... Ha por força illusão n'isto! Meu pae não tem crimes; meu pae não tem acções que o envergonhem; meu pae póde franquear a todos as portas da sua casa sem receiar-se de indiscripções. Pois não é assim?

— Por certo, prima; mas... na politica ha actos que... sem serem criminosos...

—A politica! Sim, é isso! Eu devia prever que essa palavra viria para explicar este mysterio! Por politica é-se cruel, por politica sacrifica-se um amigo, por politica força-se a consciencia, e depois... ella justifica tudo. Que obras são as obras politicas que precisam da sombra e do mysterio para se fazerem? Pois para dirigir ou salvar uma nação, pois para se tratar dos interesses d'um povo, é sempre necessario o disfarce, a dissimulação, o mysterio?

—Quando se não póde contar com a boa fé dos outros, perde sempre quem fôr escrupulosamente fiel á sua.

—Mais valeria então abandonar por uma vez essa carreira cruel... Oh! ainda agora reparo... Tem ahi as folhas de Lisboa... deixe-m'as ver... quero saber que carta é esta.

Henrique procurou dissuadil-a. Um numero avulso d'um periodico, que não costumava vir ao Mosteiro, havia-lhe já feito suspeitar que era esse o que publicava a carta em questão. Não fazendo do conselheiro tão subido e ideal conceito como a morgadinha, achava muito natural que effectivamente o compromettesse a carta alludida. Conhecendo bastante Magdalena, sabia quanto seria cruel para o seu extremoso coração de filha, e para o seu caracter apaixonado por tudo quanto era idealmente nobre, generoso e justo, o descobrir no pae uma d'essas maculas frequentes na vida dos homens politicos, por minima e desvanecida que fosse. Por isso quiz evitar-lhe a leitura. Não o conseguiu porém. Magdalena, com aquella firmeza de resolução que energicamente se lhe revelava na voz e no gesto, disse, estendendo a mão para receber os periodicos:

—Deixe-me ver, primo Henrique. Não é possivel que de meu pae se diga ahi alguma coisa que não devam lêr os olhos d'uma filha.

E quasi arrebatou das mãos de Henrique a folha, justamente aquella de que elle mais receiava.

E, abrindo-a, examinou-a com anciedade quasi febril.

Henrique observava com curiosidade os movimentos e a physionomia de Magdalena.

Viu-a tornar-se de repente mais attenta á leitura; os olhos, que até alli vagueavam por diversas secções do periodico, fixaram-se n'um ponto; contrahiu-se-lhe a fronte; um ligeiro tremor correu-lhe os labios; córou e empallideceu alternadamente; e no fim, afastando de si a folha com um movimento nervoso e apaixonado, exclamou sob o dominio d'uma commoção profunda:

— Ó meus Deus! E não ter um coração, como o d'elle, a força precisa para fugir d'estes enredos! Isto é de enlouquecer!...

Henrique pegou na fôlha, que ella arrojou de si com impeto, e examinou-a.

Tinha conjecturado bem.

O caso devia consternar Magdalena, para quem o conselheiro era um homem tão perfeito na vida politica e na vida social, como na vida de familia. Para Henrique, em quem havia muito se inoculára o scepticismo da época, impedindo-o de divinisar os homens, por mais rodeados de prestigios que lhe apparecessem, não tinha o facto de que se tratava grande significação nem gravidade. O caso era o seguinte:

Tempos antes havia-se agitado nas camaras uma importante questão politica; uma d'estas questões que servem para extremar os campos e discriminar os programmas dos partidos. Vacillar n'ellas é já trahir os principios fundamentaes d'uma causa, e abjurar um crédo politico inteiro. O pae de Magdalena, militando no partido de mais avançadas ideias liberaes, tinha d'ante-mão traçado por elle o caminho a seguir n'esta conjunctura, o circulo, fóra do qual não poderia combater sem apostasia; mas, como já atraz dissemos, o conselheiro não era já o homem que fôra nos primeiros tempos da sua carreira publica; perdêra a fé nas utopias e nos principios abstractos, e trocava-os de barato por qualquer pequena vantagem positiva que podesse obter, se não para si, para a localidade de que era representante. A logica partidaria sacrificára-a, sem remorsos, mais do que uma vez, ao que, em linguagem não sei se parlamentar, se chama conveniencias politicas.

Dera-se mais um exemplo d'esta flexibilidade de principios no conselheiro.

Com quanto membro da opposição, e dos mais temidos pela sua eloquencia, variados conhecimentos e vigor de discussão, não era elle de tão espinhosa moral que não tivesse amigos no seio da maioria, sendo até o proprio ministro um dos mais intimos. No tempo da discussão, de que fallâmos, o ministro, que desejava afastar das camaras todos os adversarios de importancia, não duvidou entrar em ajustes com o conselheiro. Este, que já não era homem para repellir com indignação taes pactos, teve a astucia precisa para se aproveitar das contingencias. Entenderam-se.

Chegada a época da discussão, o conselheiro, que sempre se mostrou ardente adversario da medida ministerial, e de quem se esperava uma opposição vigorosa e efficaz, pretextou subitos negocios a chamal-o á provincia, e partiu, promettendo voltar a tempo ainda de discutir a questão.

Depois de chegar ao Mosteiro escreveu para os amigos, lamentando que inesperados negocios de familia o retivessem alli mais tempo do que contava, e alentando-os de longe á lucta. No entretanto a questão foi apresentada nas camaras; oradores tibios e mal escutados acharam-se sós a combatel-a; apagadores officiaes e officiosos abafaram a tempo a discussão; e, quando o conselheiro voltou a Lisboa, só póde protestar nos circulos politicos contra o resultado da votação e expender as razões que deveriam fazer repellir a medida.

Em recompensa eram concedidos melhoramentos para o circulo que o elegia e entre elles a estrada que vimos principiar. Tal fôra o preço d'ella.

Tudo isto trazia agora á luz a carta desemcaminhada, que era do secretario do ministro, e que no seu conteúdo deixava ver claramente as condições do pacto.

Esta publicação causou profunda sensação em Lisboa. A importancia politica do conselheiro soffreu com isso.

Atacavam-no os partidarios do governo, para decli-

narem d'este, quanto possivel, a responsabilidade do facto; atacavam-no os opposicionistas declarados, para com o mesmo golpe ferirem o ministerio.

Os influentes politicos têem sempre no proprio partido, a que pertencem, invejosos que só almejam o primeiro pretexto para os derrubarem, embora caia com elles o partido a que se filiam.

Aquella carta foi, durante algum tempo, uma arma poderosa nas mãos dos taes; originou discussões e ataques violentos; e o conselheiro correu o risco de se malquistar por causa d'ella com gregos e troyanos.

Tudo isto se revelava ao espirito de Magdalena e tudo isto a consternava. O seu muito amor filial fazia-lhe achar no facto uma significação dolorosa e triste, que só desillusões, como as de Henrique de Souzellas, velhas desillusões de sceptico impenitente, seriam capazes de attenuar.

O conselheiro expiava cruelmente o seu delicto.

A leviandade e doblez do homem politico pagava-a caro o homem de familia.

É que a moral é uma. O homem não póde dividir-se; os peccados sociaes de quem é virtuoso nos lares domesticos, pagam-se, expiam-se n'esses mesmos lares. Os filhos que creou e educou segundo os preceitos da honra e da virtude, serão mais tarde os seus proprios juizes, e que cruel julgamento para o coração d'um pae! É justo que a patria peça contas dos crimes de familia e desconfie dos tribunos que não sabem ser paes, filhos, irmãos e esposos; é justo que a familia exija que se seja fiel á patria e ás crenças que se professam, e castigue, pelo menos com lagrimas, como as de Magdalena, as culpas do homem que julgou poder ter duas consciencias; uma para responder por os actos civicos, outra para os actos domesticos.

Henrique procurou minorar o effeito que esta leitura tinha produzido no animo da morgadinha, por meio de algumas consolações, que uma indulgente moral, muito do uso da sociedade, lhe inspirava.

Percebeu porém que, embora as manifestações do sentimento tivessem cessado já em Magdalena, não se

lhe tinha ainda dissipado a profunda e penosa impressão que lhe ficára da leitura.

Como para fazer cessar aquelle genero de consolações, a que Henrique se julgava obrigado, e que a ella eram custosas de ouvir, Magdalena disse em tom já apparentemente sereno:

—Bem; visto que é necessario precavermo-nos, vejamos de quem e quaes as cautelas que temos a adoptar. Meu pae parece suspeitar d'alguem, mas não se pronuncia claramente.

N'isto, entrou na sala D. Victoria carregada de roupa, como para uma viagem aos pólos, e queixando-se do frio, cuja intensidade attribuia em grande parte aos criados, por se terem descuidado de accender logo de manhã os fogões da casa.

Quando D. Victoria foi informada do conteúdo da carta do seu cunhado levantou um alarido desolador. Por sua vontade ordenava logo alli um interrogatorio e uma devassa geral a todos os criados da casa, aos quaes, segundo o costume, attribuia a culpa toda. Magdalena e Henrique tiveram muito que fazer para a convencerem da inutilidade e inconveniencia d'esse alvitre, e para lhe mostrarem a necessidade de usar de toda a prudencia e dissimulação n'esta pesquiza.

—Aqui entre nós— dizia Henrique—vejamos em quem se póde, com plausibilidade, fazer recahir as suspeitas. O snr. conselheiro diz bem; um criado boçal póde roubar uma joia, subtrahir qualquer objecto de valor intrinseco, porém, os ladrões de cartas como estas, são d'outra especie e de intelligencia mais apurada. Ora entre a gente que frequenta o Mosteiro...

E parando subitamente, Henrique disse para D. Victoria, que olhava para elle com um gesto espantado:

—Porém, minhas senhoras, eu mesmo não me devo excluir da lista dos indiciados, e n'esse caso deixo v. exc.as livres para me instaurarem processo.

—Ora essa, primo Henrique!— exclamou D. Victoria—Era o que faltava! Nada, nada; não se cance; não tem que ver. Aquillo foram os criados.

Magdalena estava tão abatida de animo, que nem deu attenção a este episodio.

Henrique proseguiu:

—Nada de magnanimidades, minha senhora; quem quer ser juiz a ninguem deve excluir da possibilidade de ser réo. O snr. conselheiro porém alguns indicios nos aponta. Falla, por exemplo, vagamente de alguem que n'estes ultimos tempos se podesse considerar offendido por elle, e que por vingança... Ora actos capazes de trazer estas animadversões a seu pae, prima Magdalena, só a questão do cemiterio, mas essa não importa a ninguem que tenha entrada aqui... Ha tambem a das expropriações, porém...

Henrique parou, como se lhe tivesse acudido uma ideia, que examinava, antes de enuncial-a.

—Tive agora um pensamento diabolico; nem quero attendel-o.

—Diga, primo, diga— acudiu logo D. Victoria.

—A expropriação da casa do herbanario... O muito amor que o velho tinha áquella vivenda... A repuguancia com que viu cortar aquellas arvores velhas...

—Então julga que fosse o Vicente?— perguntou D. Victoria—Mas elle não vem ao Mosteiro ha muitos annos, primo.

—Não digo que fosse elle, minha senhora— disse Henrique, cujo embaraço augmentava, sentindo que a morgadinha o fitava com um olhar penetrante, como se lhe estivesse lendo o pensamento.

—Então?— insistia D. Victoria.

—Mas— proseguiu Henrique—o velho exerce certa fascinação na gente da terra; um verdadeiro prestigio; e certas intimidades entre elle e... e alguem que tem aqui entrada a todo o momento... Emfim... eu não quero seguir mais adiante este antipathico pensamento, que talvez fosse rejeitado com indignação por quem me escuta e attribuido a mesquinhos resentimentos da minha parte.

—Faz bem em o abandonar, primo Henrique.— disse Magdalena com severidade—Entre ser victima d'uma traição e culpada d'uma suspeita injusta, cruel e maligna, prefiro arriscar-me á primeira sorte. Se um passado

inteiro de honra e de probidade, se um caracter provado nas mais tentadoras situações da vida, se um nome ennobrecido pelo infortunio, não são garantias bastantes para proteger um homem contra os ataques da suspeita, não quero entrar n'essa pesquiza inquisitorial, que nada respeita, que é capaz de lançar sacrilegamente a dúvida entre paes e filhos, entre irmãs e irmãos. Innocente, prefiro aguardar a calumnia; culpada, o castigo; a sentar-me como juiz n'esse tribunal impio que quer arvorar.

— Previ essas palavras, prima Magdalena; por isso hesitei. Lamento sinceramente ter já perdido no uso do mundo uma tão sympathica e adoravel boa fé nos outros, que é a maior prova de candura que se póde dar do proprio caracter.

D. Victoria não percebeu nada d'este rapido dialogo, por isso exclamou:

— Mas que estão vocês ahi a dizer? De quem fallam! Eu se vos entendo! Emquanto a mim, foram os criados, e d'isto é que ninguem me tira.

Abriu-se n'este momento a porta da sala e appareceu Augusto. Era a hora das lições dos pequenos.

Com quanto, desde o termo das ferias, Augusto viesse todos os dias ao Mosteiro, era aquella a primeira vez que se encontrava com Magdalena e com Henrique, depois da scena que entre elles se passára na noite de Natal.

A morgadinha fitou por momentos n'elle os olhos; pareceu-lhe mais pallido e triste do que de costume. Desviou-os porém, como se até sentisse remorsos de ter escutado as allusões de Henrique sobre o caracter de um homem que ella se costumára a respeitar. Porque o leitor, cuja intelligencia é, sem lhe fazer favor, mais perspicaz do que a de D. Victoria, percebeu de certo que era a Augusto que se referiam os vagos termos trocados entre Henrique e Magdalena.

— Muito bons dias, snr. Augusto — disse D. Victoria affavelmente; — então são horas de me vir aturar a pequenada? Não lhe invejo a vida. Sabe? De manhã até á noite a aturar creanças! Deus me livre!

— Agora já não succede assim, minha senhora. Estou dispensado de parte das minhas obrigações — disse Augusto, depois de cortejar as senhoras e Henrique.

— Como?

— Pois v. exc.ª não sabe que já foi nomeado outro professor para o meu logar?

— Que me diz?

Em todas as pessoas presentes produziu sensação esta noticia.

D. Victoria e a morgadinha fixaram em Augusto um olhar interrogador. O gesto de Henrique tinha uma expressão particular.

— Recebi ha dias a participação official — continuou placidamente Augusto.

— Mas — proseguiu D. Victoria — o mano tinha aqui dito que o seu despacho estava seguro, que, além de ser de toda a justiça, elle o tomaria a seu cuidado. E então agora... Olhem, sabem que mais? eu cada vez me entendo menos com esta gente. Isto de politicos...

Magdalena inclinou a cabeça, suspirando.

— Bem vê v. exc.ª — disse Augusto com leve tom de amargura — que ás vezes ha grandes interesses sociaes dependentes do despacho de um modesto professor de instrucção primaria da aldeia, e portanto não se deve estranhar que um homem politico attendesse a elles antes de tudo.

Magdalena que, ao ouvir estas palavras, levantára os olhos, encontrou os de Henrique, que parecia procurarem os d'ella com intenção.

A morgadinha desviou os seus com impaciencia e desgosto, que se lhe manifestou na contracção da fronte.

— V. exc.ª dá-me licença que principie os meus trabalhos? — disse Augusto.

— Ai, quando quizer — respondeu D. Victoria. — Os pequenos estão na sala verde.

Augusto sahiu.

D. Victoria entrou no panegyrico do mestre de seus filhos e não se fartou de exaltar-lhe os talentos e as virtudes, apregoando o muito que aproveitavam os pequenos sob tão intelligente direcção.

—Olhe que o Eduardito já escreve e já lê manuscripto como um homem— dizia ella.—Quer ver? O snr. Augusto deixou aqui ficar a pasta; ha de ter alguma escripta do pequeno. Ora tambem vou ver.

E D. Victoria, cedendo aos impulsos do seu enthusiasmo de mãe, foi buscar a pasta de Augusto e poz-se a procurar n'ella a escripta do filho.

—Não vejo...— disse ella, remexendo os papeis —Isto que é?... Ai, isto é uma escripta de Marianna... Ora veja.

Henrique fingiu examinar com attenção a escripta.

—Aqui estão os themas francezes d'elle. Quer ver? Eu d'isso não entendo, mas hão de estar bons.

E passava tambem os themas para Henrique, que os examinava com a mesma attenção.

—Ora onde estará a escripta do Eduardo? Eu sempre queria que a visse. Isto... isto é... Ha de ser alguma carta, que elle anda a ler. Ora veja, primo; olhe que a letra ainda não é das mais faceis... Eu por mim não a leio... Quer ver?

Henrique recebeu, com a maior condescendencia o novo documento que lhe ministrava D. Victoria, no sympathico intento de provar a habilidade dos filhos.

Voltou distrahidamente a primeira folha da carta e poz-se a lel-a no fim; cedo porém começou a examinal-a com grande curiosidade; leu uma e outra das faces escriptas, e, ao acabar a leitura, estava-lhe nos labios um sorriso entre de ironia e de triumpho.

Offerecendo á morgadinha a carta que lera, disse-lhe com um modo que a impressionou:

—Veja se comprehende a significação d'esta carta, que estava na pasta do snr. Augusto, do amigo de seu irmão. A mim parece-me que as creanças não a comprehenderiam bem.

Magdalena olhou para Henrique e depois para a carta, que principiou a ler.

Succedeu-lhe como a Henrique; cedo a dominava uma anciosa curiosidade, que a obrigou a ler com rapidez até o fim.

Ao acabar, amorfanhou-a com raiva, arrojando-a ao

chão; escondeu o rosto entre as mãos e não pôde reter o pranto que lhe rebentava dos olhos.

D. Victoria parou a olhal-a estupefacta.

—Que é isso, Lena? Sancto nome de Deus! tu que tens, menina?

—É que ha momentos, minha tia— respondeu Magdalena, fitando-a com os olhos arrasados de lagrimas —em que eu não sei como se resiste á loucura; em que, para não duvidarmos de nós mesmos, é necessario duvidar da Providencia, que dizem que protege os bons.

E levantando-se n'esta agitação nervosa, sahiu da sala suffocada pelos soluços.

D. Victoria interrogou Henrique a respeito da causa d'este episodio, que ella não podia comprehender.

Henrique respondeu simplesmente:

—Succede, minha senhora, que a carta encontrada na pasta do snr. Augusto parece-se muito com aquella de cujo extravio o snr. conselheiro se queixa e que foi publicada nos periodicos de Lisboa.

D. Victoria esteve algum tempo a pensar na verdadeira significação da resposta.

—Mas... n'esse caso... visto isso...

—Visto isso, só o snr. Augusto póde explicar o mysterio que inda ha pouco nos preoccupava a todos. Os meus presentimentos malignos tinham infelizmente um fundo de verdade.

D. Victoria, tendo a final comprehendido, exclamou:

—Pois seria elle! Era d'elle que o primo ha pouco fallava? Por esta não esperava eu! Ora fie-se uma pessoa n'estes sanctos! Uma coisa assim! Ora deixa estar que eu vou... Ahi está o pago que se tira de bem fazer! Ahi está! Veremos a cara com que elle me responde. Ora deixa...

—Eu retiro-me— disse Henrique, pegando no chapéo para sahir.

—Fique, primo, fique... Até é bom que ouça...

—Perdão, minha senhora. É melhor que eu não fique. Ha razões para isso... Tudo deve passar-se entre v. exc.ª e elle, e, se me é licito um conselho, bom será que não seja demasiado violenta.

Apesar dos pedidos de D. Victoria, Henrique retirou-se.

Não ia satisfeito comsigo o hospede de Alvapenha. E porquê? Não tinha feito o seu dever? Por acaso não era flagrante o delicto de Augusto e irrecusaveis as provas que o acaso contra elle ministrára?

Mas em nós todos se deve ter já passado um phenomeno moral, comparavel ao que se estava dando com Henrique. Occasiões ha em que, apesar de todos os argumentos da razão, apesar da conspiração de todas as provas a justificar-nos, persiste em nós uma voz instinctiva a avisar-nos de que commettemos um mal, formulando uma accusação.

Isto sómente não succede a quem tenha adormecidos os mais generosos escrupulos da consciencia; e este caso não se dava com Henrique.

D. Victoria ficou só na sala, meditando na maneira de confundir e castigar o criminoso. Passeava agitada, elaborando comsigo o dialogo que se ia seguir, encarregando-se ella propria de responder por Augusto.

Não se passou muito tempo sem que Augusto viesse procurar a pasta que esquecêra na sala.

—Que procura?— disse D. Victoria, que, ao vel-o, parou junto da mesa.

—Uma pasta que deixei aqui.

—Será esta?— disse D. Victoria, mostrando-a.

—É essa mesma— respondeu Augusto, indo para buscal-a.

—Como vão na leitura do manuscripto os meus pequenos, snr. Augusto?— perguntou D. Victoria retendo a pasta.

—Muito bem, minha senhora.

—Já entenderam esta carta?

Augusto pegou na carta, que examinou superficialmente.

—É provavel que já, minha senhora; ainda que me não lembro de haver escolhido esta entre as que v. exc.ª me deu.

—Pois escolheu por certo, visto que a tinha na pasta; mas como lhe pareceu difficil de mais para os pequenos,

teve o cuidado de mandál-a imprimir para elles lerem melhor. Não posso consentir que entre n'esses gastos por causa de meus filhos; por isso queira dizer a despeza que fez para se lhe mandar pagar.

D. Victoria tirava da raiva que se apossára d'ella, uma ironia superior aos seus habituaes expedientes de espirito.

Augusto ergueu para ella os olhos, admirado, porque não podia comprehender aquellas singulares palavras.

—Diz v. exc.ª que...

Em vez de lhe responder logo, D. Victoria pegou no periodico que Henrique deixára sobre a mesa, e mais exaltada já, accrescentou:

—Veja se sahiu exacto. Compare. Talvez precise de fazer alguma emenda.

Augusto olhou para o periodico e para a carta, sem bem saber o que fazia nem o que queria dizer tudo aquillo.

—Mas, por amor de Deus, minha senhora— disse elle já sobresaltado—que quer dizer tudo isto?

—Quer dizer, snr. Augusto, que, quando para outra vez se lembrar de atraiçoar mais alguem que o tenha favorecido, seja mais cuidadoso em esconder as provas da sua vileza.

—Minha senhora!— exclamou Augusto, fazendo-se pallido.

—Fez mal em não nos ter prevenido antes do que tinha descoberto; nós ainda tinhamos bastante dinheiro para cobrir o lanço e ficarmos com a carta.

—Ó meus Deus, pois suspeita-se...

E Augusto, quasi como louco, arrancou das mãos de D. Victoria a folha, e começava a lêl-a; mas as nuvens que lhe passavam pelos olhos, a vertigem que lhe turbava a cabeça não o deixavam comprehender o que lia.

Emquanto Augusto assim luctava comsigo mesmo, D. Victoria dizia:

—Agora é que eu entendo o que queria dizer o primo Henrique. Sempre é um homem que sabe o que é o mundo...

Ao ouvir estas palavras, Augusto arrojou de si o periodico, e scintillou-lhe o olhar de cólera:

—Ah! Foi elle? Sim... Havia de ser. Devia suspeital-o. Era de esperar que o fizesse. É o pretexto. Minha senhora, ha aqui uma traição infame, uma traição que eu não ousaria suspeitar de ninguem! Mas juro-lhe que...

—Ha de dar-me licença de ir accommodar meus filhos—disse D. Victoria, interrompendo-o friamente. E encaminhou-se para a porta.

Augusto viu-a afastar-se, e disse-lhe em tom sereno, mas commovido:

—Vá, minha senhora, vá; mas se tem a essas creanças amor de mãe, não lhes ensine por ora a suspeitar d'um homem que ellas se tinham habituado a amar e a venerar. Peço-lhe por ellas, mais do que por mim. É uma triste e prematura experiencia que lhes vai dar; vai-lhes envenenar para toda a vida o coração e talvez que contra si mesma veja voltar-se a desconfiança que lhes semeia tão cedo.

D. Victoria sahiu da sala sem lhe responder; é certo porém que não ousou dizer aos filhos coisa alguma em desfavor do mestre. Sob as singularidades do genio d'aquella senhora havia um fundo de bom senso, onde perfeitamente calaram as reflexões de Augusto.

É singular, ao entrar na sala immediata, ia a limpar os olhos, commovida.

Augusto permaneceu abatido e desalentado, como se n'aquelle momento tivesse visto dissiparem-se todas as esperanças da sua vida. Lagrimas inflammadas e amargas assomaram-lhe aos olhos ao ver-se humilhado no seio d'uma familia que elle respeitava, da familia d'aquella a cujos olhos mais desejaria nobilitar-se, engrandecer-se, revestir-se de todos os prestigios.

Era uma dor para enlouquecer, a sua! Ao desalento succedeu porém a reacção. N'aquelle caracter havia latente uma energia de homem.

—Agora, mais do que nunca, preciso de alento para não succumbir— exclamou elle, erguendo a cabeça e vindo-lhe ás faces o rubor da exaltação—obriga-me a

isso o nome honrado de meu pae, a sancta memoria de minha mãe. A consciencia me dará forças para luctar com a intriga e com a calumnia, onde quer que ella esteja. Ir-lhe-hei ao encontro, a descoberto, sem disfarce, nem artificios, como luctador leal. E se ha justiça no céo, hei de vencer! Não voltarei mais a esta casa, sem ser com a cabeça erguida; não pensarei mais em ti, Magdalena, unica, suave imagem que ainda me offerecia vida, emquanto não saiba que no teu pensamento o meu nome não é o d'um infante.

Ao voltar-se para sahir descobriu Magdalena, que o observava da porta.

Augusto estremeceu, mas, fazendo por dominar a turbação, curvou-se respeitosamente perante a morgadinha, e ia a retirar-se.

— Espere — disse-lhe ella, estendendo-lhe a mão, e com profunda melancolia — não saia sem se despedir d'uma amiga que, apesar de tudo, o reputou sempre innocente.

Augusto parou, como se aquellas palavras o ferissem no coração.

Magdalena, com as faces pallidas e as lagrimas nos olhos, continuava e estender-lhe a mão.

Augusto apoderou-se d'ella e cobriu-a de beijos e de lagrimas.

— Oh! obrigado, minha senhora, obrigado! — exclamou elle — precisava d'essas palavras para não enlouquecer.

— Vá Augusto, vá. Dentro em pouco tempo todos lhe pedirão perdão. Creio-o firmemente,

— E eu não procurarei tornar a vel-a, senão quando poder justificar essa generosa confiança. Juro-lh'o.

As lagrimas de Magdalena não podiam mais tempo conter-se-lhe nos olhos; iam soltar-se e já ella, para as occultar, desviava o rosto, quando Christina entrou na sala.

Christina, a quem a mãe acabára de contar o acontecido, parou a ver a scena e a commoção dos dois.

Augusto não se demorou, sahiu sem pronunciar uma palavra.

Magdalena deu largas á tristeza, que lhe pesava no coração, deixando correr livremente o pranto.

Christina correu a abraçal-a.

—Meu Deus! meu Deus! Lena, isto que quer dizer?— exclamou Christina.

E, approximando os labios do ouvido da prima, murmurou com adoravel ingenuidade:

—Pois tu... amaval-o?

Por unica resposta Magdalena apertou-a apaixonadamente ao seio.

E ambas por algum tempo confundiram as suas lagrimas.

VII

Dominado por os mais energicos e encontrados sentimentos Augusto sahiu do Mosteiro, ainda sem plano formado, sem tenção definida, mas comprehendendo vagamente a necessidade de abraçar uma resolução qualquer.

As palavras que D. Victoria inconsideradamente soltára, tinham-lhe feito conceber a suspeita de que Henrique não fôra alheio á calumnia que pesava sobre elle. D'ahi a attribuir-lhe todo o plano da intriga não ia longe, e justo é confessar que não era destituida de plausibilidade a ideia.

A especie de aversão reciproca que, desde o primeiro encontro, os dividira, a maior vehemencia da entrevista na noite de Natal, em que ficára pendente entre elles uma provocação, só á espera de pretexto, concorriam para dar vigor a esta supposição.

Por isso, depois de por muito tempo percorrer á tôa os caminhos dos campos, sem consciencia nem destino, Augusto encaminhou-se resolutamente para Alvapenha.

Estava ainda pouco senhor de si para meditar nas circumstancias que occasionaram a sua accusação. Mal poderia até dizer de que era accusado. Percebeu que se tractava d'um abuso de confiança, d'uma infamia, mas a impressão recebida fôra tal que não o deixára investigar os pormenores do facto. Previa em tudo isto uma traição, e, para a esclarecer, dirigiu-se á unica pessoa de quem lhe parecia provavel que ella partisse.

Quando chegou a Alvapenha já tinha alli passado a hora de jantar.

Henrique retirára-se para o quarto, D. Dorotheia e Maria de Jesus, aquella dobando, esta fiando, aproveitavam o tempo a resar parte das suas longas orações quotidianas.

Quando Augusto bateu á porta estavam ellas de volta com a ladainha, que D. Dorotheia dizia em latim, a seu modo, e a que Maria de Jesus respondia no mesmo idioma.

—*Turris* e *burris, fedilisarca, espeque da justiça, Joannes asellis* — dizia D. Dorotheia.

— *Orá pér nós* — respondia invariavelmente a criada.

A resa interrompeu-se ao entrar Augusto na sala.

Poucas situações se podem conceber, mais exasperadoras de animo do que a de Augusto n'aquelle momento.

Vir com o espirito dominado por as mais violentas paixões, trazer no coração uma verdadeira tempestade affectiva, e de subito achar-se na presença de duas indoles essencialmente pacificas, de dois corações a que a paixão nunca alterou o rithmo, de duas consciencias de que nunca a dúvida, o remorso, ou o odio turbaram a celeste serenidade, é um martyrio cruel.

Augusto teve desejos de recuar, porque previu a tortura que o esperava.

— Ditosos olhos que o vêem! — disse D. Dorotheia, arredando de diante de si a dobadoira, para mais á vontade contemplar o recem-chegado — Não sei que mal lhe fizeram n'esta casa?

— As minhas occupações...— balbuciou Augusto, sem saber o que dizia.

Maria de Jesus veio de reforço á ama.

— Isso! falle-nos nas suas occupações, nem que se não soubesse cá que todos os dias dá o seu passeio ao fim da tarde; sem fallar nas quintas feiras e domingos...

Augusto não respondeu.

— Pois olhe que todos aqui lhe querem bem — disse D. Dorotheia.

— Assim o creio, minha senhora.

— Eu fui muito amiga de sua mãe, que era uma sancta creatura. Inda me parece que a estou a ver ahi sentada, com aquella capa roixa que trazia. A alegria d'ella, quando o Augustinho veio de Lisboa! Vi-a chorar e agradecer a Deus o filho que lhe tinha dado... Todo o seu desejo era não morrer antes de o ver padre; queria pelo menos uma vez commungar das suas mãos... Coitada!... Não lhe concedeu isso o Senhor, que bem cedo a chamou a si.

E continuou para Augusto:

— Quando morreu a morgada, a madrinha da Lenita, e que me contaram aqui do legado que ella deixára, eu disse logo: «Ora a alma tem ella no céo por isto, quando por mais não seja.» Porque, emfim... só quem não conheceu sua mãe é que não diria outro tanto. Verdade é que elle não chegou a aproveitar... mas... Emfim cada um sabe o que lhe convem e o que lhe não convem. E eu digo, a vida de sacerdote é muito bonita, isso é, mas... não havendo inclinação...

Augusto estava impaciente com a loquacidade da senhora de Alvapenha.

— O snr. Henrique de Souzellas está em casa? — perguntou elle, logo que pôde — Desejava muito fallar-lhe.

— Ai, sim? quer fallar com elle? Eu acho que... Parece-me... Sim, elle deve estar no quarto... Ha de estar a ler. Não tem outra vida aquelle rapaz! Uma coisa assim! Por mais que eu lhe diga: «Henriquinho, olha que isso faz-te mal...» É o mesmo que nada. Só ler, ler, ler, que é uma coisa por maior. Ao principio ainda por ahi dava alguns passeios... Agora, tirando lá as suas visitas ao Mosteiro, elle para ahi fica. Lá ao Mosteiro sim, para ahi ainda elle vai.

— É que os ares são por alli muito saudaveis — disse maliciosamente Maria de Jesus.

— Adeus! ahi vem você com as suas coisas. E então que tem? Pois está claro que um rapaz, como elle, dá-se com a gente nova.

— Pois sim, senhora, eu não digo...

— E as raparigas de lá já não estão bem sem elle...

Ora eu confesso, quando elle está de maré, é um gosto ouvil-o. Sempre ás vezes tem coisas que fazem rir as pedras.

— E pondo-se a contar historias? Ih! isso então é que é! Eu não sei onde elle as vai buscar! — accrescentou a criada.

— Com esta — continuou D. Dorotheia, apontando para Maria de Jesus — é ás vezes um passo. Eu ainda queria que o Augustinho os ouvisse a ambos. É perdido em pouca gente. Elle põe-se lá a inventar patranhas, e ella, a tola, que sabe já como elle é, ouve tudo muito séria e fiada, e no fim então é que são os escarceos. Emfim, uma coisa é dizer, outra é ver!

E D. Dorotheia ria, com aquelle rir meio tossido de velha, em que ha não sei que indicios d'uma existencia placida, que consola ouvir.

Augusto forçava-se a sorrir áquellas narrações das duas velhas, a que elle mal attendia.

— Eu, digo — continuou D. Dorotheia — que já nos havia de fazer falta se sahisse d'aqui; quando cá não está parece-me a casa morta.

— Deixe lá, senhora, que este já d'aqui não sahe.

— Ora bem sabe você d'isso.

— Pois a senhora verá. Ora! Os passeios ao Mosteiro são muito bonitos.

Augusto ergueu-se devéras resolvido a cortar a conversa por uma vez.

— Se me dá licença, eu vou procural-o ao quarto. Desejava fallar-lhe, quanto antes, para um negocio d'urgencia.

Depois de mais algumas reflexões, resignaram-se a deixal-o partir.

Augusto transpoz rapidamente os corredores, que o separavam do quarto de Henrique, e bateu á porta d'este.

— Entre quem é — disse de dentro Henrique.

Augusto entrou.

O sobrinho de D. Dorotheia estava sentado junto da janella, lendo uma folha e fumando.

Ao ver Augusto levantou-se.

A lembrança das scenas d'aquella manhã no Mosteiro,

e a expressão de physionomia de Augusto, fizeram-lhe prever a indole da entrevista que se ia seguir.

Evitando porém o menor indicio, que podesse revelar a prevenção em que estava, disse naturalmente, estendendo a mão a Augusto:

—Oh! por aqui! A que devo o prazer d'esta visita?

Em vez de lhe corresponder ao cumprimento, Augusto disse-lhe friamente:

—Assim estende a mão a um miseravel? Ou é tibieza de pundonor, ou excesso de magnanimidade!

Henrique retirou logo a mão e respondeu com orgulhoso desdem:

—Nem uma coisa, nem outra; simplesmente o juizo bastante para não me arvorar em superintendente de negocios que me não dizem respeito; é um sentido especial, que se chama delicadeza.

—É um pouco sujeito a adormecer em si esse precioso sentido.—replicou Augusto, no mesmo tom—Nem sempre são tão observadas pelo senhor, essas delicadas abstenções, como agora. Sei-o por experiencia.

—Não são desde que os interessados me ordenam que intervenha, e desde que a minha intervenção póde ser util a amigos.

—Pois bem; como, por qualquer d'essas causas, se deu o facto em relação ao objecto que me traz aqui, espero que me explique a natureza da sua intervenção.

—Mas com que direito me vem o senhor pedir aqui explicações?

—Com o direito que me dá a consciencia, senhor!—respondeu energicamente Augusto, despojando-se de toda a apparencia de ironia—Com o direito que tem todo o homem, calumniado cobarde e infamemente, como eu fui, de provocar uma accusação aberta e leal. Direito? É mais ainda do que direito, é dever. É um dever para com a moral, é um dever para com a consciencia, é um dever para com a memoria d'aquelles que nos transmittiram um nome honrado.

—Muito bem; mas, admittindo que seja esse direito ou esse dever, e não lh'o contestarei, por que singularidade acontece que seja eu a pessoa que tem de res-

ponder por tudo isso? Por acaso será este o pretexto, para depois do qual tinhamos adiado uma entrevista que suppozemos necessaria?

—Se houve pretexto para ella, foi da sua parte, e escolheu-o bem infame e vil. Não lh'o invejo. Da minha não é pretexto; é uma interrogação bem positiva e terminante. Todos os motivos anteriores, que podiam authorisar-me a procural-o, cessaram ante a impreterivel exigencia d'este. Preciso de justificar-me, e por isso preciso de conhecer e de ouvir os meus accusadores.

—E imagina que sou eu quem deve auxilial-o na tarefa? Pelo menos devia escolher uma hora mais commoda. Sabe que na Alvapenha se janta patriarchalmente ao meio dia...

—Não julgue que com essas ironias de mau gosto, se esquivará a responder-me. Juro-lhe que hei de obrigal-o a fallar com seriedade.

—E tem meios para isso?

—Faço-lhe a justiça de acreditar que sim; creio que ainda não estará tão envilecido que receba com um sorriso cynico o insulto que lhe infligir...

—É provavel que não risse, no caso que diz; mas tambem não fallava, acredite. Ha, para interrogações d'essas, respostas mais adequadas e discretas. Não tente; aconselho-o... Mas, valha-me Deus, quem lhe disse que eu não queria dar-lhe todas as explicações que souber? Sente-se, conversemos placidamente, que é a melhor maneira de ver claro nas coisas. Não fuma?

Augusto, indignado com este frio sarcasmo, respondeu com vehemencia:

—Está-me causando tedio e compaixão ao mesmo tempo, senhor. Deve ter já uma alma bem corrompida para me receber assim. Ainda quando eu fosse um criminoso, se no seu caracter houvesse brio, dignidade e sentimento moral, devia a minha presença ser-lhe um espectaculo demasiado abjecto, para o não deixar sorrir, ainda que de sarcasmo; mas na incerteza em que está, em que deve estar por força, a só ideia de que póde calumniar um homem innocente, devia bastar para lhe fazer sentir toda a gravidade d'esta entrevista e obrigal-o

a attender-me como eu exijo ser attendido. Para não comprehender isto, para não respeitar este sagrado direito, que tem todo o accusado de se defender, é necessario estar corrompido até ao fundo da alma. O scepticismo e a irreverencia para com os outros só se dá em quem duvida de si proprio, e a si proprio se não respeita, porque se conhece. O senhor soube insinuar a calumnia no seio de uma familia, cujos animos generosos não a receberam sem dôr; e quando o calumniado lhe vem pedir explicações, porque se trata da sua unica riqueza, porque, sem familia e pobre, e ámanhã talvez na miseria, precisa de defender o unico bem que lhe resta, o senhor recebe-o com um sorriso ultrajante, para occultar talvez a cobardia, que não ousa repetir na face do accusado as insinuações que contra elle fez na ausencia. Se a consciencia lhe não exprobra esta infamia, teve razão ao dizer-me que me enganei procurando-o. A caracteres d'esses não se pede a explicação da calumnia, é a sua manifestação natural.

E terminando estas palavras, que a mais violenta paixão lhe dictára, Augusto caminhou para a porta do quarto.

Henrique deteve-o.

No espirito do leviano hospede de Alvapenha passára-se n'este curto intervallo de tempo uma profunda revolução moral.

Na voz, no gesto e na indignação de Augusto pareceu-lhe perceber vestigios de sinceridade, em que até alli não acreditára, e desde esse momento, além dos remorsos pelos desdens com que o recebêra, sentia viva a necessidade de uma reparação.

Magdalena tinha razão.

No meio de todos os seus defeitos, havia n'este rapaz um não esgotado fundo de pundonor e de moralidade.

— Não saia.— disse elle para Augusto, já sem a menor sombra de ironia — Se para isso fôr necessario pedir-lhe perdão, pedir-lh'o-hei. Que mais quer?... Reconheço-lhe o direito que tem de ser escutado. Fique. E creia que, apesar das apparencias lhe serem desfavora-

veis, eu, que em bem pouco concorri para ellas, sinto-me já movido a não lhes dar fé. É já um convencimento tão intimo como o que até agora tinha da sua culpa, confesso-o. Se na minha mão estiver esclarecer o mysterio conte commigo. Falle.

Augusto fitava-o ainda com desconfiança.

Henrique percebeu-o e continuou:

— É justa a dúvida que lhe leio no olhar, mas, como sómente o meu procedimento futuro a póde desvanecer, peço-lhe que não deixe por isso de fallar.

— Antes de mais nada: de que me accusam? — perguntou Augusto.

— Pois não sabe?! — exclamou Henrique admirado.

— Vagamente apenas. Sei que ha uma carta extraviada, mas a confusão em que fiquei mal me deixou comprehender...

Henrique contou então tudo o que se passára no Mosteiro, e terminou dizendo:

— Já vê que eu não fiz mais do que faria outro qualquer em meu logar. Pesava sobre todos quantos frequentavam aquella casa uma desconfiança odiosa; esclarecer o mysterio, dissipar as suspeitas, lançar aos hombros do culpado toda a responsabilidade da traição, era o natural empenho de todos. A descoberta da carta na sua pasta accusava-o. Essa descoberta foi occasionalmente feita por D. Victoria. Eu não o conhecia bastante para que o seu passado me obrigasse a recusar o testemunho das apparencias. Os motivos de despeito, que as suas mesmas palavras por aquella occasião confirmaram, explicavam muito bem certas tentações de vingança... Nada mais natural do que suppor...

Augusto cobriu o rosto com as mãos, murmurando:

— Accusado!... accusado d'uma infamia, e diante de...

Aqui reteve-se, como se a tempo comprehendesse a indiscrição da sua dôr.

Henrique cada vez se sentia mais modificado nas suas disposições para com Augusto, por isso, quando este cortou assim em meio a expressão do pensamento, elle, que lh'o percebeu, disse-lhe, sorrindo:

— D'ella? Socegue. Tem junto d'esse tribunal, de que se receia tanto, advogados eloquentes.

Augusto levantou para Henrique um olhar interrogador.

— Diz que...

— Que não deve temer da impressão produzida, por todas as provas d'este mundo, no animo de quem, através de tudo, acreditará sempre na sua innocencia.

— Refere-se a...

— Ao seu segredo, que ha muito o não é para mim. Veja como eu estou virado! Acho-me quasi disposto a sympathisar com elle, quando ha pouco tempo ainda, sinceramente o confesso, era esta a causa occulta de tal ou qual antipathia, que sentia pelo senhor... que sentiamos um pelo outro, digamos assim.

— Mas...

— Vamos, vamos... eu sei que é discreto; nem esta era occasião para entrar em confidencias. Tratemos do que mais importa... Não sei como é que iria jurar agora a sua innocencia em toda esta desastrada intriga, e com o tempo... porque francamente lhe declaro que me é necessario algum tempo para desvanecer em mim todos os restos de despeito e de... paixão... porém, com o tempo, talvez venha a ser seu verdadeiro amigo... sem a menor prevenção.

E depois d'um momento de silencio, proseguiu mudando de tom:

— Mas, com os diabos, sendo o senhor innocente deve ter grandes inimigos aqui na terra para o enredarem assim! É preciso esclarecer isto.

— Inimigos?!... Não os conheço, nem vejo motivos...— disse Augusto pensativo. Mas de repente, como se lhe acudisse um pensamento luminoso, fez um gesto que Henrique percebeu.

— Que é? — perguntou este logo — Descobriu?... Diga... Uma suspeita é já um rasto precioso... guia os primeiros passos... Diga... E eu o ajudarei a seguil-o.

— Lembro-me agora d'uma notavel visita, que ha dias recebi. É isso...

E Augusto contou toda a entrevista que tivera com o brazileiro.

— E inda agora se lembra d'elle? — exclamou Henrique, ao ouvil-o — e inda hesita?! O senhor é de uma boa fé!... Temos o fio!

— Mas como pôde elle...?

— Isso depois; o mais virá a seu tempo. Agora trata-se de vigiar esse senhor... E agora me lembra; elle é um dos oradores do club do Canada... Sondarei esse antro tenebroso... Eu já devia suppor que andava aqui miseria politica... Estou a achar razão áquella adoravel Magdalena... Perdão... inda não perdi o habito de a adorar... Tambem, desde que o consiga, serei seu amigo sem restricções. Até lá porém não será isso motivo para de corpo e alma me não dedicar á sua causa... Eu posso ter todos os defeitos, menos o de collaborar de boamente n'uma velhacaria; e, fosse o meu maior inimigo que eu visse victima d'ella, creia que procuraria desfazel-a.

— Agradeço-lhe essas palavras, que acredito são sinceras; não posso porém aceitar a intervenção que me offerece. Eu sou que devo justificar-me. Está empenhada n'isso a minha dignidade.

— Como queira. Em todo o caso espero que uma má prevenção o não constranja a não recorrer lealmente a mim, se o meu auxilio lhe podér servir. Agora peço-lhe perdão, se alguma vez o offendi de mais; mas, vamos lá, o senhor tambem não está de todo isempto de culpa... E emquanto ao pretexto... adiado mais uma vez, não lhe parece?

Augusto não podia fechar-se áquelle caracter, que se lhe estava mostrando agora sob uma face nova e sympathica; por isso respondeu, sorrindo:

— Adiado para sempre.

E estenderam as mãos um ao outro, apertando-as já sem o menor resentimento.

Eram duas almas generosas, que acabavam de se comprehender.

— É notavel; — pensava comsigo Henrique — estou sympathisando á ultima hora com este rapaz! Mas como

se combina isto com a minha paixão por Magdalena, a quem elle ama igualmente? Dar-se-ha que ella acertasse, e que não fosse paixão o que eu senti? Isto de mulheres têem uma vista tão apurada para estas discriminações!

VIII

O processo instaurado contra o Cancella seguiu os seus tramites normaes; porém, graças ao empenho do conselheiro, a quem a morgadinha escrevêra a favor do prêso, e apesar da perseguição que lhe moviam os padres, contava-se que elle fosse solto, e era esperado na aldeia dentro em poucos dias.

Magdalena não se descuidára de mandar todos os dias ao pobre homem noticias da filha, a qual, depois de ter por algum tempo inspirado serios cuidados á medicina da terra, parecia haver entrado n'um periodo de convalescença.

Magdalena assim o participou ao Cancella para o animar, mas, sem saber porquê, ella propria não sentia as esperanças que dava.

Ha espiritos tão instinctivamente sensiveis e perspicazes, que, á maneira dos medicos experientes, presentem a gravidade ou a approximação do mal, ainda quando os symptomas tenham perdido toda a feição assustadora.

Já os sorrisos fluctuam nos labios do doente e um desmaiado rubor de saude principia a tingir as faces, até então pallidas, e elles sentem-se ainda estremecer de secretas apprehensões.

Assim acontecia a Magdalena ao contemplar as feições da pequena Ermelinda.

A frequencia e intensidade dos accessos diminuira; certo colorido de vida principiára já a animar-lhe o rosto infantil, havia pouco gelado pelo terror e pela doença; ás vezes até um sorriso, ainda que melancolico, disten-

ia-lhe os labios desmaiados, e só de quando em quando, aras nuvens de tristeza, evocadas por uma recordação enosa, parecia assombrarem-lhe o olhar limpido e meio; os somnos eram tranquillos, as vigilias serenas, e pesar de tudo a morgadinha entristecia ao reparar n'ella.

O facultativo da localidade, palpando com os dedos obustos o delicado pulso da creança, assegurára que lla estava já livre de febre; e apesar d'isso Magdalena uasi sentia remorsos, quando escrevia ao Herodes a ar-lhe a boa nova.

E é certo que mais do que justificadas tinham de er estas apprehensões da morgadinha.

Na tarde d'aquelle mesmo dia, em que Ermelinda cordára mais tranquilla e animada, renovaram-se subimente, e assustadores como nunca, os indicios do mal rofundo.

Um delirio violento, caracterisado por vagos e mal efinidos terrores, gritos angustiosissimos, contracções spasmodicas, que parecia despedaçarem aquelle corpo agil e delicado, surgiram de novo, e, ao dissiparem-se, eixaram, como rastos, uma prostração extrema, uma uasi completa insensibilidade de funesta significação.

Magdalena, assustada, tomou nos braços a debil e mmagrecida creança e trouxe-a para junto d'uma jaella, d'onde ainda se avistava o sol, já quasi a esconer-se por detraz d'uma collina distante.

Dir-se-ia querer pedir, aos froixos raios d'um quasi repusculo de inverno, um pouco de calor para fundir os elos da morte, que principiavam a invadir os membros elicados d'aquella formosa creança; ao clarão levemente fogueado do horisonte, um pouco das suas tintas para quellas faces morbidamente pallidas; á amenidade da aizagem, um reflexo de sorriso para aquelles labios nde elle se apagára.

Os olhos de Ermelinda fitaram-se tristemente no sol á vacillante, com a expressão, cheia de saudade e de oesia, de uma alma joven que se despede da vida, e, uando o sol desappareceu, desviaram-se lentamente ara o rosto de Magdalena, que a observava com aniedade.

Ermelinda sorriu; um sorriso mais triste do que as mais tristes lagrimas.

A morgadinha apertou-a ao seio, commovida.

—Que tens tu, minha filha?— disse-lhe com meiguice, afagando-a.

Ermelinda não respondeu, mas continuou a fitar Magdalena com a mesma expressão de affecto e de tristeza.

A morgadinha aproximou os labios dos d'ella para beijal-a.

A pequena doente correspondeu-lhe ainda ao beijo e continuou a fital-a como d'antes. E durou, e durou este olhar até que pareceu a Magdalena haver n'elle não sei que estranha fixidez, que a inquietou.

Palpou as mãos da creança, estavam frias; o coração, parado; chamou-a pelo nome... a mesma fixidex no olhar, a mesma immobilidade nas feições... estava morta.

Foi assim que se despediu da vida aquelle candido espirito. Foi como o adormecer d'uma alma, que algum anjo invisivel, namorado d'ella, arrebatasse nas azas para o throno de Deus.

A morte d'uma creança como Ermelinda é um facto de ordinario indifferente na vida social; alguns sorrisos de menos no mundo; uma voz que emmudece nos festivos córos da infancia; algumas sentidas lagrimas de mãe sobre um berço vasio; algumas flôres sobre um tumulo; e á superficie das ondas sociaes nem sequer a leve vibração que a rosa desfolhada imprime á agua tranquilla do lago... eis tudo.

A multidão segue no delirio das festas, na lucta das paixões, na febre da ambição e das glorias, e o perfume da flôr pendida não lhe affecta os sentidos embriagados.

Ás vezes porém não succede assim, e assim não devia succeder com Ermelinda.

As paixões humanas, que ante o cadaver d'uma creança, coroada de flôres candidas e cingida da alva tunica da pureza, deviam abrandar-se, como diante d'uma visão do céo, tomam-no ás vezes por estimulo para mais furiosas se desencadearem, e proclamarem a lucta, a sedição e a vingança.

Desde que fôra publicada a portaria, prohibindo ex-

pressamente os enterramentos na igreja, medida tão adversa ao espirito do povo, não tinha havido na terra uma morte que obrigasse a pôr a medida em execução.

A ira popular, exacerbada de contínuo pelas secretas instigações d'alguns padres fanaticos ou hypocritas, e dos adversarios politicos do conselheiro, rugia, havia muito, surdamente, mas não rompêra em explosão por falta de pretexto.

Notava-se apenas uma maior affluencia de gente na taverna do Canada, um maior calor nos discursos dos tribunos, e a tendencia á formação de magotes nas encruzilhadas e nos largos.

Quando porém se espalhou a noticia da morte de Ermelinda, augmentou a effervescencia dos animos. Era chegado o momento.

A morgadinha, que chorou com lagrimas sinceras a filha do Cancella, quiz que ella fosse sepultada no mausoléo da casa do Mosteiro. Cumprindo assim a lei, prestava-se tambem culto á affeição que todos sentiam pela creança, companheira de brinquedos de Angelo, que lhe queria como a irmã.

Sabendo-se d'esta resolução, rebentou a indignação popular.

No dia seguinte ao da morte de Ermelinda, e n'aquelle, no fim da tarde do qual devia realisar-se o enterro, havia na taverna do Canada extraordinario ajuntamento.

O brazileiro, o snr. Joãosinho das Perdizes, o latinista Pertunhas, alguns padres e lavradores, caseiros e camaradas do snr. Joãosinho, fallavam, berravam e gesticulavam a um tempo.

O morgado das Perdizes, cujo animo fluctuava indeciso entre favorecer e guerrear o conselheiro, mas que, depois do despacho do professor que pedíra e conseguíra, como que sentia remorsos de o atraiçoar, achava-se agora muito abalado, porque na questão dos cemiterios era intolerante, não podendo levar á paciencia que quizessem enterrar um homem, como elle, n'um logar onde chovia e fazia sol como n'um campo de centeio.

O brazileiro, conscio do valor do voto eleitoral do

snr. Joãosinho, não se cançava de o cathequisar, usando para isso de todas as armas e atacando-o por todos os pontos vulneraveis que lhe conhecia.

Era asssim, por exemplo, que, sabendo da sympathia e gratidão do morgado para com o herbanario, insistia muito sobre a dureza do coração do conselheiro, que privára cruelmente o pobre velho da sua propriedade, golpe fatal, que dentro em pouco o levaria ao tumulo; e a proposito contava como o herbanario pedíra de joelhos ao conselheiro para lhe poupar a casa, e como este se rira das lagrimas do velho, porque tinha interesse em que não fosse adoptado o outro plano, que lhe cortava uma grande porção dos proprios bens.

Ouvindo estas coisas, o snr. Joãosinho, que tinha mais de grosseiro e bestial do que de perverso, dava punhadas sobre a mesa, despejava copos de quartilho e vomitava pragas sacrilegamente eloquentes.

Outras vezes era no topico do cemiterio que ardilosamente o espirito tentador do brazileiro insistia. Fazia avivar a ideia ao morgado de que elle proprio tinha de ser alli enterrado, porque na freguezia de Pinchões iam tambem ser prohibidos os enterros na igreja, o que este negava, berrando; e todos affirmavam o mesmo que o brazileiro dizia, o que dava logar a novas punhadas, novas irritações e a novas pragas do snr. Joãosinho.

No dia que dissemos multiplicára o morgado, mais que de costume, as suas libações de vinho; e com as faces injectadas, os olhos meio fechados, ouvia com irritação os commentarios dos circumstantes e distribuia com profusão pragas e murros.

— Com os diabos! — berrava elle, acabando de despejar um copo de quartilho — Se me chega a mostarda ao nariz... sou homem para ir á igreja e obrigal-os a enterrar lá a pequena.

— Isso não se faz assim com essa facilidade e arreganhos — disse velhacamente o brazileiro, de proposito para o irritar ainda mais.

— Eu lhe diria se se fazia ou não, se se tratasse de coisa que me dissesse respeito!... Mas, lá com a filha do Cancella... não tenho eu nada... lá se avenham.

— A questão não é ser a filha do Cancella ou deixar de ser; — tornava o brazileiro — a questão é do exemplo; enterrado o primeiro, enterram-se os outros.

— Menos eu — exclamou o morgado.

— Se Deus quizer tambem vmc.ᵉ se ha de lá enterrar.

— Diabos me levem se...

— Pelos modos — disse um padre do lado — elles enterram a rapariga no tumulo da familia do conselheiro.

— Pois vêdes; se elles são todos da mesma confraria! — ponderou o Pertunhas.

— E se não, é ver no outro dia o que o Herodes fez ao missionario! Então julgam que aquillo não foi combinação? — disse o padre.

— Dizem que o Herodes ganhou vinte soberanos para lhe bater — accrescentou um lavrador.

— A mim me disseram que trinta.

— Sempre uma pouca vergonha como aquella!

— E verão que não lhe succede mal.

— Pois não, não; elle está alli, está na rua.

— Diz-se que o soltam á fiança.

— Não póde ser; aquelle crime não tem fiança — ponderou um fazendeiro, que se tinha por muito visto em demandas e coisas de justiça.

— Ora adeus! com o que você vem! Querendo elles...

— Aquillo parece uma seita.

— E inda ahi está? Pois já se sabe que elles são pedreiros livres.

— E o tal lisboeta?

— Esse, então, é que é d'aquelles!

O snr. Joãosinho pestanejou, ouvindo fallar de Henrique.

— Ah! é do tal petimetre que fallam? No tal que foi para a igreja caçoar com o missionario? Sempre vocês são uns homens de lana, tambem! O Cosme — continuou, voltando-se para um alentado camarada que estava ao lado d'elle — olha aquillo comnosco, hem? Onde estaria o amigo?

O valentão sorriu modestamente, encolhendo os hombros.

—Pois senhores— proseguiu o brazileiro, que não queria deixar arrefecer o enthusiasmo e a irritação do publico—hoje decide-se a coisa... D'aqui a uma hora está enterrada a pequena e depois... o uso faz lei.

—Isso é que é verdade— secundou o Pertunhas.

—Faz lei emquanto eu me não lembrar de ir desenterral-a— respondeu, cada vez mais azedado, o snr. Joãosinho.

—Não; isso lá mais devagar— acudiu o brazileiro —vmc.ª bem sabe que, estando ella no mausoléo do conselheiro...

—Importa-me cá o mausoléo? O senhor está a lêr. Eu com um empurrão arrumo aquella plata-fórma a terra. Ó Cosme, olha nós, hein?

O Cosme tornou a fazer o mesmo gesto expressivo.

—Ahi está quando era preciso que houvesse n'esta terra um homem de vontade, que não deixasse fazer o enterro— disse o padre.

—Era bem feito para elles saberem tambem que se não brinca assim com o povo.

—Lá isso era!— repetiram algumas vozes.

—Eu por mim... se alguem fôr...— aventurou um.

—E eu, e eu— ouviu-se dizer de alguns pontos da sala.

—Deixem-se de contos— continuou o padre —elles fazem o que querem porque sabem que não ha um homem de coragem, que se ponha á frente do povo...

—Lá isso é que é verdade.

—Já não ha homens para as occasiões.

O morgado das Perdizes, que tinha presumpções de valente, e gabava-se de ter varrido feiras a varapau, espinhou-se com estas palavras, e protestou dizendo:

—Então julgam vocês que eu, se me der para ahi, não vou ao cemiterio, eu só, e ponho tudo aquillo em cacos? hein?

—Isso não se faz com essa facilidade— disse o brazileiro impertinentemente.

—A quanto aposta você?— bradou cada vez mais afogueado o snr. Joãosinho.

— Ora vamos — continuava o brazileiro com os mesnos modos — não que a authoridade...

— A authoridade! Para mim é que elles vem! Olha regedor! O regedor commigo! E os cabos? Ó Cosme, ein? Que te parece? Os cabos comnosco?

O Cosme sorriu e resmungou por entre dentes:

— Se queres tentar...

— Com mil demonios! — disse o morgado, esgotando nais um copo — vamos a isso! anda d'ahi, ó Cosme!

O Cosme levantou-se.

— Nada de imprudencias — aconselhou o brazileiro, 'um modo que tinha a significação contraria ao pensanento que exprimia.

— Quem tiver medo que fique em casa. Ora quero nostrar a esta gente se ha ou não ha um homem para s occasiões.

E estavam no meio da sala o snr. Joãosinho e os seus rrojados camaradas, e o brazileiro já conferenciava com padre, que lhe respondia com signaes de intelligencia, omo quem tinha projectos filiados n'aquelle movimento, uando entrou na taverna um novo personagem que, por ão habitual alli, e por outras circumstancias faceis de onjecturar, causou geral estranheza.

Era Henrique de Souzellas.

Tendo sabido da morte de Ermelinda, e encontrando o Mosteiro todos occupados com os aprestes do funeal da pequena, Henrique montou a cavallo e deu um ongo passeio pelos arredores.

Na volta achou-se defronte da taverna do Canada.

Chegou-lhe aos ouvidos o rumor das altercações e as pragas que iam lá dentro, e isto resolveu-o a enar, cumprindo assim a promessa que fizera a si mesno de estudar aquelle terreno, a ver se encontrava vesgios que o levassem a provar a innocencia de Augusto.

Apeou-se, prendeu o cavallo ao peão da porta e enou.

Ao entrar, percebeu que havia causado sensação a na presença, e até, pela expressão com que o fitavam, ıspeitou que talvez não fosse demasiado prudente o asso que dera.

Era tarde porém para recuar, e o orgulho impedia-lhe a menor manifestação de receio.

Sentou-se tranquillamente n'uma banca vasia.

O Canada, como taverneiro attencioso, veio informar-se pressurosamente do que desejava o recem-chegado.

Henrique pediu vinho, para pedir alguma coisa, e não obstante estar firmemente resolvido a não lhe tocar.

O Canada trouxe-lhe um copo largo para diante d'elle, e de motu-proprio associou-lhe algumas azeitonas que recommendou como excitadoras da sêde.

Henrique pediu lume para accender um charuto, e pondo-se a fumar correu a vista pelos grupos que enchiam a sala. A effervescencia dos animos havia abatido com o chegar de Henrique, como a da agua em que se lançasse uma pedra de gêlo.

Reinava porém um rumor surdo, um cochichar pouco tranquillisador, e que ameaçava degenerar em maior tormenta.

O brazileiro escondia-se por detraz d'uns homens do povo para não ser visto; o snr. Joãosinho olhou para Henrique, como se o não conhecesse, e conversava em voz baixa com o seu camarada Cosme, o qual fitava no recem-chegado olhares sombrios e ameaçadores.

Henrique, ainda que interiormente não tranquillo, sustentava-os sem desviar os seus, e continuava fumando quasi provocadoramente. Pouco a pouco subiu de tom a corversa dos dous, assim como a dos outros grupos.

— É preciso ensinar estes espiões — dizia uma voz audivelmente.

— Que quererá d'aqui este figurão? — perguntava outro.

— Era bem feito que lhe ensinassem a não se metter com a nossa vida...

O morgado, cada vez mais excitado pelo vinho, cruzou os braços sobre a mesa, e com o corpo inclinado para diante e os olhos abertos para Henrique, principiou a dizer, retardando-se-lhe já algum tanto a voz nas fauces:

— Eu se sei que ha alguem que me anda a seguir

os passos e a espiar, sempre lhe dou uma lição que lhe ha de lembrar toda a vida! Não que isto aqui não é Lisboa! Eu não admitto que se olhe para mim com falta de respeito... Já disse! Eu não gosto de repetir as coisas... Tenho dito! O senhor não ouve?

Henrique continuou a fumar, sem desviar os olhos do morgado.

— O senhor lá... Faz favor de não olhar para mim d'essa maneira.

Henrique exhalou uma bafurada de fumo e sorriu.

—Você ri-se!... Elle riu-se, ó Cosme? Pois elle riu-se de mim? Espera!

E o snr. Joãosinho executou um movimento para levantar-se.

O Cosme imitou-o, e os camaradas pozeram-se a postos.

Susteve-os o brazileiro e outros igualmente pacificos.

— Então! então! isso que é?

— Quero perguntar áquelle senhor de que é que se ri— bradava o morgado, furioso.

— Para isso não se incommode— respondeu Henrique — eu mesmo d'aqui lhe respondo. Rio-me da ridicula figura que está fazendo.

— Ah!... ouvem-no? Larguem-me, deixem-me, deixem-me... Ó Cosme!...

E o morgado barafustava entre os braços debeis que o retinham. No povo principiou a subir a maré das murmurações contra Henrique.

— O senhor vem para aqui armar desordens?

— É para espiar?

— Depois queixe-se...

— Não se metta com a gente.

O morgado bracejando, espumando, e largando por pouco a jaquete nas mãos que o retinham, conseguiu, graças aos seus musculos robustos, sacudir de si todos os obstaculos e correu para Henrique, que por prevenção se collocou a pé.

O snr. Joãosinho, cego de embriaguez e de raiva, berrava, voltado para elle:

— O senhor conhece-me?... O senhor sabe com quem

falla? Olhe bem para mim... Quero ver agora se ainda se ri.

—Porque não? Se cada vez está mais ridiculo.

O morgado deu um urro selvagem e fez um movimento, como para se atirar a Henrique.

Este recuou um passo, e pegando no copo, que ainda tinha intacto diante de si, despejou-o todo sobre aquella figura já avinhada, dizendo motejadoramente:

—Ahi tem; é isso provavelmente o que vem buscar.

O rosto, as mãos e a camisa do snr. Joãosinho ficaram litteralmente tingidas. Soltando um rugido de fera, levou a mão á facha da cinta, como a procurar uma arma. Henrique percebendo-lhe o movimento, anticipou-se a segural-o pela garganta, para o reter e afastar de si.

O morgado torcia-se e espumava sob a constricção de Henrique, e já congestionado e rouco, bradou:

—Ó Cosme!... Ó Cosme!... Mata este maldito!...

A phalange do snr. Joãosinho correu em soccorro do chefe. O varapau do Cosme girou no ar, produzindo um zunido como o de um enorme zangão.

O braço diligente do Canada, movido pelo empenho de salvar o credito do estabelecimento, afastou a tempo Henrique do terrivel embate, que infallivelmente lhe seria fatal.

A pancada cahiu sobre a mesa, que lascou ao comprido.

Henrique estava incolume, e o morgado solto.

Mas o perigo não passára para Henrique. O morgado preparava-se com os seus para nova investida, quando se ouviu a voz do brazileiro e a do padre bradarem:

—Já está a tocar o sino! Ao cemiterio, emquanto é tempo!

E no entretanto o brazileiro, chamando de lado o Cosme, convencia-o, por varios generos de argumentos, da conveniencia d'este partido, e tão convencido o deixou que elle berrou d'ahi a pouco:

—Deixa o homem para outra vez, João; deixa-o e vamos a elles ao cemiterio!

— Ao cemiterio, ao cemiterio! — repetiram algumas ozes.

— E queime-se a papelada da camara!

— E mate-se o escrivão de fazenda!

— E quebrem-se os vidros do Mosteiro!

— E pegue-se fogo á casa!

Eram de bastante força estes argumentos para conencer o snr. Joãosinho.

— Pois vá lá, rapazes! Com este faremos contas deois. Ao cemiterio! Atiremos a terra com o tal mausoléo!

E prepararam-se para sahir tumultuariamente. Heniqne, ouvindo isto, percebeu de que se tractava, e preendo sérios riscos para as senhoras do Mosteiro, desmbaraçou-se dos braços do Canada, que teimava em egural-o e em dar-lhe conselhos de prudencia, e correu a montar a cavallo para se anticipar aos desordeiros. Iffectivamente assim o fez; mas, ao passar por entre o rupo d'elles, o varapau do Cosme, floreteando outra ez no ar, cahiu sobre a cabeça do cavallo. O animal, tordoado por a pancada, partiu em galope desenfreado, apesar de toda a arte de Henrique, acabou por o arojar a terra com tal violencia, que o deixou como morto.

Os desordeiros seguiram, capitaneados pelo morgao, o caminho do cemiterio. O brazileiro, o padre e o ertunhas acolheram-se pacificamente aos lares.

O sino da igreja continuava a repicar.

IX

Era uma perspectiva profundamente melancólica a do cemiterio da aldeia por aquella tarde de inverno!

Imagine-se um campo plano e raso, onde vegetavam algumas roseiras de toda a estação, e a murta e a alfazema, vivendo a custo n'aquelle sólo ingrato, que havia pouco alimentava apenas urzes, tojeiras e pinheiraes. No centro d'este espaço elevava-se, singelo, mas elegante, o tumulo da familia do Mosteiro, sobre o marmore do qual poisavam tristemente os ramos flexiveis d'um salgueiro chorão, e nos cantos principiavam a erguer-se, como obeliscos funerarios, quatro jovens cyprestes ponteagudos. Para além do muro, que circumdava este terreno, estendia-se um vasto pinheiral, através de cujos troncos, confusamente cruzados, se podia ainda divisar ao longe uma ou outra casa da aldeia, e o verdor dos campos e pomares. A igreja parochial erguia, a pequena distancia d'alli, a grimpa do campanario, e o susurrar dos álamos despidos do adro, agitados pelo vento, ainda chegava áquella estancia mortuaria.

A tarde tinha um d'estes aspectos ameaçadores, que deixam presentir a tempestade; d'estas serenidades insidiosas, interrompidas, de quando em quando, por uma subita viração, que faz revolutear na estrada as folhas seccas, como em espiraes phantasticas. O céo pintára-se do colorido melancólico e triste, que em alguns quadros de Annunciação tão fielmente se vê reproduzido. Estava quasi todo coberto; só muito para o occidente uma es-

treita zona se conservava limpa de nuvens; mas n'ella mesma o azul recebia, do contraste das côres visinhas, um cambiante quasi esverdeado. As nuvens inferiores, acima das quaes passavam os raios do sol, tinham o aspecto roixo livido, que o avisinhar da noite ia tornando mais carregado; no mais alto da abobada, as superiores, illuminadas ainda, apresentavam reflexos amarellados que cada vez se afogueavam mais.

Para o oriente haviam-se fundido os nimbos em uma massa unica, uniforme, cerrada, como uma abobada metallica, cujo livor imitava. De quando em quando cruzava os ares uma ave de vôo rapido, soltando pios angustiosos.

Era a esta hora que devia effeituar-se o enterro de Ermelinda.

Estava já aberto o jazigo da familia do conselheiro, aguardando a infeliz creança.

Os padres cantavam na igreja, e o sino repicava, como de festa, saudando a entrada de mais uma alma sem culpas no gremio dos anjos.

Á porta da igreja, no adro e no cemiterio estacionavam alguns ociosos; muitos acercavam-se do sepulchro, movidos pela curiosidade que a nova fórma de enterro lhes suscitava.

As murmurações, com quanto menos manifestas aqui do que na taverna do Canada, nem por isso faltavam.

Até da porta da igreja para dentro, até de joelhos, até de contas na mão e olhos fitos no altar os murmuradores existiam. Velhas beatas clamavam assim a justiça celeste sobre os impios do seculo, que não queriam enterrar-se no chão sagrado da igreja. Junto da pia da agua benta, aspergindo-se, persignando-se sobre a bôca, para que Deus as livrasse de peccar por palavras, n'essa mesma occasião, ellas entoavam os seus threnos e maldiziam dos reformadores, sobre quem chamavam as penas do inferno.

Havia tambem no grupo alguns que conferenciavam em voz baixa e se entreolhavam de maneira mysteriosa, fitando ás vezes os caminhos proximos, como se d'alli aguardassem alguma coisa.

A morgadinha viera junto ao tumulo despedir-se da filha do Cancella.

Christina ficára a fazer companhia a D. Victoria, que se achára adoentada.

Segundo o costume de algumas aldeias Ermelinda devia ser acompanhada á campa por creanças quasi da mesma idade, vestidas como para festa. Uma d'ellas era a pequena Marianna, a irmã mais nova de Christina; as outras, raparigas das visinhanças, que as senhoras do Mosteiro tinham por suas proprias mãos vestido e enfeitado. O enterro fazia-se com extraordinario apparato, não só em honra da familia do Mosteiro, mas para desvanecer a má impressão dos animos populares por meio da pompa religiosa.

Era digno do pincel d'um artista, a quem a poesia das scenas campestres ainda inspirasse, o cortejo, ao mesmo tempo melancólico e risonho, que, sahindo da igreja, se encaminhava lentamente para o tumulo onde Ermelinda devia ser sepultada.

O sol, quasi a desapparecer sob o horisonte, entrava na estreita zona, que as nuvens não toldavam.

A paizagem inundava-se agora de luz, mas d'uma luz froixa, amarellada, que dá ao verde da relva e das frondes das arvores uma maior intensidade.

A cruz de prata que, arvorada por um homem de opa, abria o cortejo, reflectindo aquelles raios amortecidos, brilhava como cingida d'uma verdadeira auréola. Seguiam-se alguns padres de sobrepeliz e batina, recitando as orações da occasião; entre estes havia um de aspecto venerando, curvado pelos annos, de physionomia bondosa e pensativa. Era o cura, sancto e respeitavel ancião que, em vez de exacerbar os preconceitos do povo contra os enterros no cemiterio, antes energicamente os combatia e censurava.

Depois vinha em caixão aberto, e no meio de uma numerosa companhia de creanças, Ermelinda, a quem a pallidez da morte não dissipára a formosura. Dir-se-ia apenas adormecida. Trazia nos labios o sorriso da innocencia. As mãos cruzavam-se-lhe naturalmente sobre a tunica alvissima que a cingia, a mesma com que appa-

recêra no auto, e a cabeça, cercada por uma singela corôa de flores, conservava a graciosa inclinação que lhe era habitual em vida.

As creanças do acompanhamento tinham sido escolhidas, por Magdalena e Christina, entre as mais gentis da aldeia.

Era uma cohorte de cherubins humanados, qual d'elles mais louro e mais formoso.

A morgadinha precedêra o cortejo e viera esperal-o junto do tumulo. Com o braço apoiado na pedra sepulchral, e a fronte encostada á mão, seguindo melancolicamente com a vista a vagarosa procissão que entrára no cemiterio, dissera-se uma estatua primorosa, cinzelada por a mão de inspirado artista, para symbolisar junto do tumulo a saudade pelos que morrem.

Cada vez se ouvia mais perto o latim dos padres; o coveiro viera já occupar a posição que lhe competia; estreitou-se o circulo dos curiosos em volta da campa. A cruz parou junto dos degraus do tumulo, os padres abriram alas e as creanças encaminharam-se, por entre elles, para a borda da sepultura.

O abbade, molhou o hyssope na caldeira para aspergir a cova.

Uma imprevista occorrencia mudou porém o aspecto da scena.

Havia já alguns momentos que começára a ouvir-se um vago rumor, que tanto podia ser do vento na rama dos pinheiraes, como de multidão que se approximasse em tropel.

As conferencias solapadas de alguns personagens dos grupos, tinham-se activado ao ouvil-o. Pouco a pouco principiou a mover-se alguma coisa por entre os troncos dos pinheiros; tornaram-se distinctas uma, duas, tres e muitas figuras de homens, correndo em direcção ao cemiterio, gesticulando, berrando, soltando ameaças, algumas das quaes já a distancia a que elles vinham permittia ouvir claramente.

Não era difficil adivinhar a significação d'aquillo. A questão vital do dia era, para todos os espiritos, a dos enterros em campo descoberto; a cada momento se fal-

tava em motim prompto a organisar-se e a rebentar. Ficava pois evidente que tinha chegado a occasião da crise popular já antevista.

Cedo invadia o cemiterio um bando de furiosos, desorientados, de aspecto feroz, berrando e brandindo ameaçadoramente paus, fouces, chuços, e todas as peças do extravagante arsenal, a que o homem do povo recorre sempre ao chamamento da arruaça ou da sedição.

Era o bando dos influentes da taverna do Canada, de cujo proposito estavamos prevenidos; agora porém já engrossado, como a torrente a que no caminho se encorporam as aguas dos algares.

Entre os primeiros vinha o snr. Joãosinho das Perdizes, e ao lado o seu *factotum* Cosme.

Estes enraivados correram para o logar onde parára o enterro, bradando em confusão:

—Alto lá! alto lá! Ninguem se enterra aqui!

—Esperem! Isso não vai assim!

—Não façam a festa sem nós!

—Fóra com os do cemiterio!

—Morram os pedreiros livres!

—Para a igreja!

—Enterre-se na igreja!

—Olá, snr. abbade, espere por nós!

—Aqui vamos para abençoar a cova!

E n'um momento o cortejo funebre viu-se rodeado de figuras avinhadas, gesticulando e vociferando pouco tranquillisadoramente.

O cruciferario e os padres, á excepção do velho que dissemos, abandonaram o posto; as creanças, pousando no chão e abandonando o esquife de Ermelinda, correram a acercar-se de Magdalena, amedrontadas e chorosas.

A morgadinha conservou-se junto do tumulo da mãe, olhando com serenidade para os revoltosos, mas intimamente sobresaltada. E no meio do grupo o cadaver de Ermelinda, com aquelle sorriso nos labios, como de anjo que já de longe estivesse vendo o desencadear das paixões humanas, e rindo de piedade.

O velho cura foi quem interrogou com voz firme e severa os amotinados.

— Que querem d'aqui? — perguntou elle, fitando-os — Com que fins vieram perturbar, com desordens de taverna, as ceremonias religiosas?

— Não queremos que ninguem se enterre no cemiterio — respondeu o snr. Joãosinho.

— É verdade! é verdade! ninguem se enterra aqui! — confirmaram differentes vozes.

— Porquê? — continuou o padre — Julgam que Deus não receberá as almas, cujos corpos não estejam lá dentro, a apodrecer sob os telhados da igreja e a envenenar o ar que se respira lá?

— Não queremos saber de contos. Não queremos. Já disse!

— Eu não lhes reconheço o direito de querer.

— Ora o padre mestre tem vagares — disse o façanhudo Cosme — e tu pachorra para escutal-o, João. Para isto não foi que viemos. Sermões para a quaresma. Vamos! cante lá os seus responsos e latinorio e ande-me para a igreja. Vamos nós fazer o enterro. Ó Manoel coveiro, traz a enxada e vem d'ahi.

E dizendo isto, o Cosme já se abaixava para levantar o caixão em que jazia Ermelinda.

— A justiça de Deus caia sobre o impio, que com as mãos impuras tocar n'esse cadaver, que está abençoado pela igreja! — exclamou o velho, indignado e com um metal de voz vibrante e terrivel.

Na aldeia os homens mais endurecidos não são superiores á intimidação religiosa. O Cosme retirou a mão, como se receiasse que a imprecação do padre se cumprisse alli mesmo.

Houve uma momentanea quebra no furor popular; um d'estes momentos de hesitação que tão fataes são ao exito das revoluções democraticas; ninguem se sente com coragem de erguer o novo grito e quasi todos procuram esconder-se, como envergonhados já do primeiro impeto.

Mas a primeira onda não é a mais temivel; os primeiros bandos populares, que sahem á rua, soltando o grito da revolta, são ingenuos no meio da sua quasi selvagem ferocidade; entregues a si, cedo espontaneamente

se dariam por vencidos; facil seria subjugal-os. Mas, quando esses poucos momentos, em que tumultuam sem pensamento que os dirija, não são os precisos para ficarem esmagados sob a repressão do poder; quando o grito sedicioso, em vez de sacrificar estes revolucionarios, quasi candidos, mandados por os cautos para tentar a opportunidade da occasião, apparenta sortir effeito, ou porque satisfaz uma aspiração legitima das massas, ou porque lisongeia um falso preconceito d'ellas; vem então a segunda onda, mais ordenada mas mais terrivel, porque não é a embriaguez do motim que a impelle, é a ideia fixa, o pensamento reservado, o plano d'antemão traçado e urdido no mysterio e na sombra. Vem então reforçar a primeira, insufflar-lhe o alento que esta não tem de si, e amparar-se com ella dos golpes dos inimigos. Se a tentativa não vinga, retiram-se antes que, derrubada a vanguarda, fiquem a descoberto; mas se a sorte os favorece, deixam cahir os primeiros como victimas, e no campo da victoria adiantam-se então a colher os trophéos conquistados.

Foi assim que, no momento em que o bando capitaneado pelo morgado das Perdizes ía ceder, um pouco subjugado pela figura solemne e a palavra severa do venerando cura, sahiu da igreja uma singular procissão.

Á frente vinha o estandarte da confraria erecta pelo missionario; este seguia-o, e atraz d'elle os seus confrades e sequazes, no numero dos quaes se encontravam padres e mulheres.

A hoste do snr. Joãosinho sentiu-se reanimar com este reforço.

Um grito unisono sahiu dos labios de todos ao ver a procissão.

—Viva o missionario!

—Viva o sancto!

—Abaixo os pedreiros livres!

E os do bando do estandarte correspondiam a estas saudações, dizendo:

—Abaixo os maçonicos!

—Morram os jacobinos!

—Viva a sancta religião!

Mais uma vez este brado augusto, que devêra proclamar o perdão das injurias, o amor reciproco, a caridade indistincta, era profanado por o fanatismo e por a hypocrisia, e manchado pelo sophisma de seculos, o mesmo sophisma que maculou os feitos de armas dos passados guerreiros da christandade.

A embriaguez da revolução apoderou-se de novo do morgado das Perdizes. Duas influencias inebriantes lhe disputavam agora o cerebro, que não fôra nunca dotado de grande fortaleza contra as paixões.

Palpitava-lhe o coração, quando se imaginava caudilho d'um movimento popular.

Sentia a necessidade de se fazer notavel por um feito heroico.

—Não se consentem aqui enterros, e principiemos já por deitar abaixo estas pedras— bradou elle, apontando para o tumulo da familia do conselheiro.

—É verdade! é verdade! Abaixo! abaixo!

—São invenções dos pedreiros livres!

—É isso, é isso!... Pois não vêem que são de pedra!

—Abaixo! abaixo!

O snr. Joãosinho, arrojando de si o chicote, tirou um machado das mãos d'um homem que lhe ficava proximo, e deu alguns passos para o tumulo.

Magdalena collocou-se diante d'elle.

Já não estava pallida; tinha nas faces o rubor, nos olhos o lampejar da indignação.

—Afaste-se, senhor!— bradou ella, estendendo a mão para o ébrio, que parou a fital-a com olhos espantados.

—Nem sequer pouse os pés nos degraus d'esta sepultura. Aqui repousa minha mãe. Atraz!

A figura, o olhar, a voz, as palavras de Magdalena exprimiam uma das resoluções energicas e potentes d'aquella indole sympathica, que aos affectos e branduras de mulher, sabia combinar a firmeza e energia quasi varonis.

O morgado sentiu uma vaga consciencia da sublimidade d'aquella scena e ficou enleiado.

Porém o Cosme, o seu genio máu, não sei quê lhe murmurou ao ouvido, que elle desatou a rir a mais alvar gargalhada que ainda escancarou bôca humana.

Estendendo para Magdalena a mão calosa e grosseira, disse-lhe, com um sorriso que tinha tanto de cynico como de estupido:

—Está dito! Toque! Gosto d'esse desengano! Toque!

Magdalena repelliu-o com desprezo e aversão.

—Ah! ah! Faz-se fidalga! — disse o snr. Joãosinho, despeitado—Pois não anda bem.

O missionario inclinou-se ao ouvido de um homem do povo que, depois de escutal-o, bradou:

—Abaixo com o tumulo dos pedreiros livres.

—Abaixo!...— repetiram muitas vozes.

—Pois vá abaixo— repetiu tambem o snr. Joãosinho, adiantando-se com o machado.

—Para traz!— exclamou outra vez Magdalena, já trémula de exaltação.

O cura, enfiado e convulso, correu para o lado d'ella.

O snr. Joãosinho sorriu.

—Isso é que é mandar! Socegue, que não fazemos mal a sua mãe; só lhe queremos tirar essas pedras de cima d'ella. Devem-lhe pesar! — e soltou ao dizer isto uma gargalhada que ecoou no grupo que o rodeava.

—Abaixo, abaixo! — repetiram ainda as vozes, e o morgado preparou-se para cumprir o feito. Magdalena sentiu que a razão se lhe perturbava. Era-lhe preciso defender d'uma profanação as cinzas de sua mãe, inda que fosse á custa da propria vida.

Ia para supplicar, para ajoelhar diante d'aquelles homens; já as lagrimas lhe brilhavam nos olhos, e os labios principiavam a murmurar a palavrar «piedade.»

O morgado viu-a assim e como homem em quem as lagrimas de mulher inda achavam caminho para chegar ao coração, hesitou resmungando:

—Máu! se temos chôro, nada feito.

Mas já não podia hesitar; a onda impellia-o, os gritos redobravam, e outros braços se agitavam ao seu lado, preparando-se para a obra de profanação.

O snr. Joãosinho cedeu outra vez e levantou o machado.

Imitaram-no muitos.

Magdalena então correu a abraçar-se ao tumulo da mãe para o proteger da violencia.

Antes de o abater haviam de a ferir a ella.

Os machados, que já se brandiam no ar, suspenderam-se. Alguns baixaram-nos como arrependidos.

O morgado formulou n'uma jura a impressão que lhe estava causando a scena.

Desviando os olhos, disse com modo desabrido:

— Tirem essa mulher d'ahi.

Deus sabe que scenas de violencia se seguiriam a esta ordem, se um novo facto não viesse desviar as attenções e modificar diversamente o animo popular.

Um homem, que parecia chegar de longa jornada, approximára-se do cemiterio, cada vez mais pressuroso, á medida que se affirmava nos grupos alli reunidos.

Entrou justamente quando a furia popular crescia mais impetuosa.

A figura da morgadinha, em pé sobre os degraus do tumulo, abraçada a elle, dominava toda aquella multidão.

Ao descobril-a a distancia, o homem que dissemos soltou uma exclamação, como de quem tinha comprehendido ou adivinhado a significação d'aquella scena; e apressando ainda mais os passos achou-se, dentro em pouco, no logar do motim.

Era tempo.

A populaça allucinada ia talvez exercer algumas d'essas irreflectidas violencias, que tantas vezes maculam e deshonram a causa do povo nas luctas em que elle toma parte.

— Que é isto aqui? — disse o homem, rompendo com os braços potentes a onda que se lhe antolhava.

Á rudeza do impulso ninguem resistiu; em pouco tempo abriu caminho até ao meio do circulo.

Uma só voz correu por as differentes pessoas do grupo dos amotinados.

— O Herodes!... É o Herodes!... — diziam, afastando-se.

Effectivamente era o Cancella o homem que tinha chegado.

Obtendo fiança, graças á intervenção do conselheiro, voltava á terra ancioso por ver e beijar a filha, cuja ausencia fôra a unica dôr que o atormentára.

O desgraçado não sabia ainda da sorte d'ella.

Uma carta que Magdalena lhe escreveu, noticiando-lh'a, já não o encontrára na prisão, para onde fôra dirigida.

Vinha cheio de esperanças o pobre homem, porque eram para animar as ultimas novas recebidas.

Vendo de longe o ajuntamento no cemiterio, ouvindo os gritos sediciosos, conjecturou que havia algum motim popular por causa dos enterros no adro, que elle sabia serem antipathicos aos espiritos da terra.

Quando descobriu a morgadinha, envolvida pelo tumulto, e no tumulo da mãe, previu que ella estava correndo perigo, e apressou-se logo a acudir-lhe.

Ao chegar porém ao meio do circulo que conseguiu romper, e quando ía a dirigir a palavra a Magdalena, reparou para o cadaver da creança do esquife, o qual continuava inda pousado no chão, fitou os olhos n'aquella pallida e serena physionomia, ainda animada pelo mesmo sorriso de innocencias, e, apesar da debil claridade da hora, reconheceu a filha.

Nem um só grito de dôr lhe sahiu dos labios, nem um só movimento de surpreza; ficou mudo, immovel, com os olhos fitos n'aquella creança morta, com as mãos juntas e com as faces extremamente pallidas.

Perante esta terrivel manifestação de dôr, que toda se concentra, para n'um momento gastar mais vida do que o perpassar de muitos annos, calmaram todos os outros sentimentos que dominavam os corações.

Fez-se um profundo silencio. O Herodes, n'uma especie de recolhimento fervoroso, ajoelhou junto do caixão de Ermelinda, e trémulo, opprimido, quasi sem alento para chorar, approximou a medo as mãos das mãos cruzadas da creança.

Ao primeiro contacto retirou-as rapidamente por achal-as de gêlo; mas, tomando-as outra vez, murmurava:

— Jesus, meu Deus! Está morta!... Ermelinda!... Filha!... Isto não póde ser, Senhor!... Pois minha filha está morta?

A paixão principiava emfim a manifestar-se mais tumultuosa; mas havia no tom de voz com que estas palavras foram pronunciadas não sei quê tão intimamente doloroso, que presentia-se que, no curto espaço de tempo que as precedêra, se tinha operado n'aquelle peito uma revolução tremenda, como se uma intima dilaceração o tivesse destruido. Adivinhava-se lá dentro já um desalento mortal, um mal de que se não convalesce nunca. Aquelle homem estava perdido.

— Mataram-me a minha pobre filha! A minha Ermelinda... Que mal lhes tinha eu feito para m'a matarem!... Ó anjo do céo! viver eu para te ver assim!

E, tirando-a do esquife, cingiu-a contra o peito, cobrindo-a de beijos, que não conseguiam aquecer o gêlo d'aquellas faces.

Raros olhos ficaram enxutos ante aquella sincera dôr. Desvanecera-se a ira popular; como que uma nobre vergonha, uma vergonha de boa indole, fazia já renegar aos mais atrevidos os seus excessos passados.

O Cancella continuava:

— Esta frialdade da morte! esta brancura das faces!... isto mata-me, despedaça-me o coração!... Não me morras assim, filha! Não me morras, antes de dizer-me uma palavra de amor... de perdão. Sim, tu tinhas que me perdoar antes de morrer! Porque não esperaste ao menos?... Pensar eu que hei de ver-te partir, sem que me dês um beijo de despedida?... que te não hei de ouvir fallar? Só! só! Ficar só! Só n'este mundo, Senhor!... Em que tanto vos offendi, meu Deus, para me castigardes assim!? Em quê?

Magdalena chorava commovida, ao ouvir estas palavras dolorosas.

O Cancella voltou para ella os olhos já marejados de lagrimas.

— Ó menina Magdalena, pois Ermelinda morreu?... Falle, diga-me. A minha filha morreu? A que horas?... como?... Fallou em mim? pensou em mim?... Perdoou-

me?... Chora e não responde... Então não me perdoou? Pois minha filha não me perdoou?

Magdalena respondeu a custo:

—Que tinha ella a perdoar-lhe?

—Não é verdade que eu lhe queria muito? não é verdade que eu vivia por ella? Agora... que me importa o viver? Como posso eu viver! Ai, se Deus me matasse agora, assim! abraçado a este anjo! Se Deus me matasse!

E outra vez a estreitava nos braços.

Depois, voltando-se para o povo que se conservava alli, perguntou com voz alterada:

—Que procuram?... Que querem? O que fazem ahi armados, ao pé de minha filha morta?

—Queremos que elles a enterrem na igreja — responderam, já tibiamente, algumas vozes.

—Na igreja?... Isso é que não! Sabem quem me matou a filha? Foram elles... Esses que m'a tolheram de medos, que lhe roubaram as alegrias... que fizeram d'ella isto que ahi vêdes... Pois não a conheciam? Não a tinham visto ahi nos campos, nas novenas e nas festas?... Viram-na nunca com estas côres desmaiadas? viram-na sem aquelles cabellos louros, que tão bem lhe ficavam? e que elles cortaram sem piedade? E querem-te ainda guardar, desgraçadinha! Não, não te entregarei. Não, não irás lá para dentro. Quero-te aqui, minha filha; aqui, debaixo dos olhares de Deus... Eu mesmo te vou deitar, como tantas vezes o fiz quando dormias no berço, que ficará sempre vasio! Ó meu Deus, que vida vai ser a minha, se te não compadeces de mim, Senhor!...

E suffocado de pranto, que rompia agora abundante, o desesperado pae ajoelhou junto do esquife, onde depôz com cautela o corpo da filha.

—Obrigado, menina Magdalena, por dar á minha pequena um logar ao pé de sua mãe; obrigado. Junto d'aquella sancta parece-me que dormirá em socego... A minha pobre filha!

E pousando nos labios frios da creança um beijo prolongado, cheio de paixão e de saudade, levantou o es-

quife nos braços para, por suas proprias mãos, o descer ao jazigo. Antes porém de fazel-o, beijou ainda uma vez aquella de que mal podia separar-se.

Cedo baixou sobre o pequeno esquife a pedra tumular.

Nem um só movimento, nem uma só voz tentou oppor-se áquelle acto, contra o qual momentos antes se erguia irreprimivel a resistencia popular.

Os influentes mais insoffridos tinham abandonado o campo.

O primeiro que o fizera fôra o missionario. Desde que víra assomar a figura do Cancella, vieram-lhe ao espirito umas memorias pouco agradaveis, e julgou avisado retirar a tempo.

Ao terminar esta scena o proprio morgado e o inseparavel Cosme já não estavam presentes. Sahiram desde que viram os animos pouco dispostos a secundal-os.

Os circumstantes quasi faziam já côro com as arguições do Cancella contra os excessos do fanatismo e do beaterio.

— A fallar a verdade — dizia um — este pobre homem tem alguma razão. Isto de metter scismas ás creanças!...

— E a Rosita do Gaudencio olha que vai por a mesma.

— Tambem é de mais.

— Eu por mim se fosse a elle... Não sei o que faria.

N'estes e n'outros dizeres se iam retirando do cemiterio.

Não seria difficil a um especulador aproveitar aquelles mesmos braços e armas para organisar uma sedição sob uma divisa opposta á que primeiro os convocára.

Ao ver cerrar-se a campa sobre o corpo da filha, o Cancella cahiu de joelhos suffocado em pranto.

As creanças presentes, por o contagio da commoção, a que é tão sujeita aquella idade, choraram tambem.

Magdalena ia a consolal-o, mas o sentimento proprio não a deixou fallar.

Só pôde pousar-lhe em silencio a mão no hombro.

O Cancella apoderou-se d'ella, e, levando-a aos labios, rompeu em mais desafogado pranto do que nunca.

A noite crescia; cada vez era mais cerrado de nuvens o firmamento.

Os sons das Avè Marias vibraram nos ares, prolongados e tristes.

O padre velho pronunciou em voz alta a saudação angelical! Responderam-lhe as creanças!

Tudo concorria para augmentar a extrema melancolia do quadro.

O Cancella a muito custo se resignou a arrancar-se d'alli.

A morgadinha voltou a casa com o coração oppresso de tristeza.

X

Quando Magdalena voltou ao Mosteiro encontrou a casa em completa agitação.

Momentos antes havia sido para lá transportado, quasi sem accordo, Henrique de Souzellas, que um criado de lavoura se encarregára de trazer da taverna, onde o Canada o recolhêra, até ao Mosteiro, sobre um carro de herva que vinha guiando.

Ao ver n'aquelle estado o sobrinho da senhora de Alvapenha, D. Victoria perdeu totalmente a cabeça, e em vez de tomar as providencias que o caso pedia, deu em ralhar, em fazer exclamações, em andar de sala em sala, de corredor em corredor, sem tenção formada, sem methodo, sem direcção. Levava as mãos á cabeça, juntava-as consternada; dava uma ordem ociosa; mandava logo suspender a execução d'ella; impacientava-se; chamava a toda a pressa um criado e não sabia depois o que tinha para dizer-lhe; estranhava a tardança d'outro que não mandára chamar, e sem dar a final expediente a coisa alguma, nem saber o que fizesse.

Os criados resentiam-se d'esta falta de intelligente direcção; paravam embaraçados, ou corriam sem saber para onde, nem para quê, e sem adiantarem serviço.

As creanças concorriam tambem para esta desordem, porque, cheias de susto, andavam agarradas ás saias de D. Victoria, que nem sequer dava por ellas.

Christina foi a unica pessoa que conservou a presença de espirito n'aquella occasião.

Nada do que fazia era inutil; nem uma só ordem

dava que podesse dizer-se ociosa; graças ao methodo com que procedia, ás instrucções que ordenava, a tudo se providenciou convenientemente, sem que D. Victoria o percebesse até.

Christina tambem, ao vêr chegar Henrique n'aquelle estado assustador, sentira-se desfallecer; mas disse-lhe a consciencia que lhe era precisa toda a firmeza, visto que estava ausente Magdalena, em quem sómente poderia descançar, e logo achou na necessidade valor, e, com serenidade apparente, só trahida pela extrema pallidez das faces, a tudo attendeu, tudo previu, tudo providenciou.

Sem uma exclamação, sem uma palavra de desespêro ou de susto, sem nem ao menos erguer o tom de voz, ou modificar a inflexão affavel, que lhe era natural, preparou um quarto para Henrique e n'elle todos os aprestes que o seu grave estado pedia, dirigiu os primeiros soccorros com intelligencia e efficacia, mandou chamar o cirurgião, enviou a Alvapenha parte do succedido, e ordenou que procurassem Magdalena, occupando n'isto a menor gente possivel, e deixando a outra toda como alimento á impaciente de sua mãe.

A indole de Christina tinha d'estas energias essencialmente feminis e sympathicas. Não era para o salão que se formára e educára o ingenuo e meigo caracter da prima de Magdalena. Ahi tomava-a um acanhamento, que já não conseguiria vencer, mas nas lides domesticas, na vida do lar era d'estas corajosas luctadoras, a quem a desventura não derruba, cuja intelligencia por tudo se reparte; d'estes genios providenciaes, que pairam sobre o estreito horisonte da familia, activos, laboriosos, achando nas fadigas um prazer, nos sacrificios, estimulos para mais amar, nos sorrisos que provocam, nas dôres que alliviam, nas lagrimas que enxugam, premio bastante para compensar as penas que soffrem.

Mulheres são estas nascidas para serem esposas e mães, o que é quasi o mesmo que dizer: nascidas para serem mulheres.

A chegada de D. Dorothea, que acudiu apressada logo que soube o que succedera ao sobrinho, não dis-

pensou Christina d'estes cuidados, que voluntariamente tomára...

... Com quanto a senhora de Alvapenha fosse mais rasoavel do que D. Victoria, e de temperamento menos susceptivel d'aquellas inuteis effervescencias, em que esta se deixava arrebatar, não era tambem mulher para casos d'estes.

Na sua longa vida de celibataria, sem familia, D. Dorotheia perdêra ou embotára a faculdade preciosa de acertar bom caminho em qualquer imprevista occorrencia.

Facto que destoasse dos monótonos habitos do seu viver de muitos annos já a lançava em serios embaraços. Ella propria confessava que inda havia pouco tempo principiára a affazer-se á estada de Henrique em Alvapenha, e a fazer o que era seu costume fazer antes d'elle vir.

É pois evidente que D. Dorotheia pouco mais podia fazer do que resar, e para isso ninguem estava mais habilitado do que ella. Em relação á côrte celestial era a boa senhora como estes almanachs vivos, que nos sabem dizer todos os canaes por onde os differentes negocios poderão ser melhor conduzidos nas côrtes... terrestres... Conhecia a especialidade de cada sancto e para cada um tinha uma fórmula de requerimento particular.

Christina não a consentiu por muito tempo no quarto de Henrique onde, com as melhores intenções, mais embaraçava o serviço do que auxiliava; usando de uma debil violencia foi-a levando para a sala do oratorio, onde ella encetou uma resa sem fim.

Quando a morgadinha chegou, ainda perturbada com as scenas do cemiterio, e soube do succedido na taverna, correu, assustada, para verificar a realidade do que lhe diziam.

Nos corredores encontrou um criado, caminhando, apressado, n'um sentido, uma criada em sentido opposto, emquanto que, na sala proxima, D. Victoria tocava freneticamente a campainha a chamar por ambos.

Magdalena dirigiu-se para lá.

Quando entrou estava D. Victoria pronunciando uma

d'aquellas interminaveis e enrevezadas objurgatorias, de que só a fecunda verbosidade feminina é capaz. Em geral as mulheres, seja dito antes em honra do que em censura do sexo, são oradoras de muito mais fôlego do que os homens que blasonam de eloquentes. O assumpto mais simples, uma colher que se perdeu, uma peça de louça que se quebrou, por exemplo, fornecem-lhes thema para uma prédica de duas horas.

Encaram o assumpto por todos os lados, paraphraseam-no de mil fórmas, e estendem milagrosamente por muitos periodos aquillo que a um homem a custo daria para uma magra oração.

—Mas onde estavas tu? Sim, eu quero saber onde é que tu estavas. Faça favor de me dizer onde é que estava?

Isto dizia D. Victoria a um criado, estatelado diante d'ella, com cara e postura de réo.

—Eu... senhora...—ia elle a dizer.

—Eu senhora... eu senhora... eu nada. Ora é o que é. Um desaforo assim!... Eu só quero saber se vmc.ª ganha soldada para andar lá por onde muito bem lhe parece. Por as tavernas... por as vendas... Porque elle não ha mais... Como o dinheiro se vai roubar á estrada... O que tu merecias... Estou eu aqui a chamar ha mais de duas horas e vmc.ª apparece-me lá quando é muito do seu gosto? Isto atura-se? A culpa tem quem eu sei... Tu cuidas que mandriar não é roubar?

—Mas...

—Cale-se! Ouça e cale-se. Tens a lingua muito prompta para responder. Ora toma-me cautela senão vaes já, já pela porta fóra. Pouca vergonha! Uma pessoa aqui afflicta, com as coisas por fazer, a querer mandar onde é preciso e não apparecer um criado n'esta casa! A pagar-se aqui umas soldadas por ahi além e, quando se quer o serviço feito, tem uma pessoa de o fazer por suas mãos!... Tu cuidas que isso não é peccado tambem? Deixa, meu amigo, que tens boas contas a dar de ti. Quem é que lhe deu licença de sahir sem ordem de seus amos? Faz favor de me dizer?

—A snr.ª Christininha...

— Eu não quero saber da snr.ª Christininha, quero saber mas é quem lhe deu licença para sahir?

— Mas é o que eu estou dizendo á senhora.

— É muito padre-mestre. Ora não seja confiado e veja como responde.

Emfim, este dialogo promettia ser eterno, não obstante a urgencia do serviço de que fallava D. Victoria, serviço que ella propria adiava com este importuno sermão.

A entrada da morgadinha operou uma diversão. D. Victoria esqueceu-se do criado, o qual pôde retirar-se sem ser percebido e sem receber as ordens urgentes para que fôra chamado.

D. Victoria principiou a contar a Magdalena o succedido, conforme ella propria o soubera do moço do carro em que viera Henrique.

— Andam desaforados — concluiu ella. — Já nem attendem a uma pessoa de respeito. É porque não ha justiça n'esta terra. Estão para ahi uns patetas d'umas authoridades que são outros que taes. Era preciso um exemplo. Ahi está quando eu, se fosse rei, não tinha pena nenhuma; havia de os esquartejar e era bem feito!

Cumpre dizer que D. Victoria não era capaz de bater n'um gato.

A morgadinha contou tambem rapidamente o que succedêra no cemiterio.

Então é que trasbordou a indignação da tia.

— Tu que dizes, menina?... Tu estás a fallar serio?... Pois elles?... Em nome do Padre... Que mais teremos ainda de vêr?... Ó meu Deus!... E esses malvados estão ainda na rua?... Deixa que teu pae ha de ainda saber... Não, isso não fica assim... D'aqui a pouco põe-nos o pé no pescoço. Nada, nada; para os malvados é que se fizeram as forcas... Ora deixa que... Isto aqui anda trama.

— Não fallemos mais n'isso. Agora vou vêr o estado do ferido.

— Vai, e vê se encontras por ahi alguns criados. Eu não sei onde elles se metteram. Ha de ser preciso ir á botica, e muitas mais coisas, e não vejo nenhum!

Magdalena deixou sua tia a tocar outra vez a campainha.

Encontrou-se na sala immediata com Christina, que ia em direcção ao quarto de Henrique, com um copo d'agua acidulada.

—Que ha, Christe? — perguntou-lhe Magdalena.

—Que ha de haver? Lena; — respondeu Christina com tristeza, mas com serenidade ao mesmo tempo — uma desgraça, mas que Deus ha de permittir que não seja sem remedio.

—Como está elle?

—Estonteado ainda, mas um pouco mais tranquillo do que quando chegou. Os balanços do carro fizeram-lhe mal. Com as bebidas calmantes que lhe tenho dado, achou-se bem.

—E inda não mandaram chamar o cirurgião?

—Já mandei, já veio, já o sangrou, já...

—Mas tua mãe não o sabe e ía mandar...

—Deixa-a lá, Lena. Deixa-a lá com os criados, que por ora não convem que venha. Elle precisa de socego. Já mandei sahir d'aqui a tia Dorothea, que não adiantava serviço. Queres vir vel-o?

Magdalena seguiu a prima e entraram ambas no quarto de Henrique.

Mantinham-se ainda em Henrique as consequencias da profunda commoção cerebral, que lhe produzira a quéda. A tendencia ao estado comatoso, que apresentava, tornava incerto o resultado e melindrosissimo o caso.

Voltára-lhe a razão e os sentidos; mas tardia aquella, e estes sem possibilidade de longa fixação em qualquer objecto. Sobre tudo, o que n'elle se notava pouco de tranquillisar, era uma indifferença morbida pelo seu estado e por tudo quanto o cercava.

Aceitou das mãos de Christina a bebida refrigerante que ella mesma preparára, com os movimentos quasi instinctivos do somnambulo.

No fim, como se o prazer que o frescor do liquido lhe causára lhe avivasse por instantes a consciencia, fitou em Christina um olhar de gratidão, sorriu-lhe, e, pou-

sando a cabeça outra vez no travesseiro, fechou os olhos para dormir. Esta somnolencia era habitual.

Christina não ficou inactiva; preparava um remedio, arrumava um movel, desviava os raios da luz da fronte do enfermo; ía ao corredor mandar calar os irmãos ou os criados, ou desfazer alguma dúvida suscitada por os ultimos sobre o cumprimento de qualquer ordem; outras vezes parava a espiar o aspecto do doente e a escutar-lhe o rithmo do respirar. E sempre movendo-se agil e sem ruido, diligente e sem confusão.

Magdalena, que se sentára a um canto da sala, quasi subjugada pelas muitas e violentas commoções d'aquelle dia, contemplava a actividade da prima e estranhava-a.

Ella propria, que melhor do que ninguem conhecia Christina, nunca a suppozera capaz d'aquella firmeza de animo e d'aquelle espirito methodico e providencial de que estava dando agora irrecusaveis provas.

Apreciára-lhe até então os dotes de creança, a bondade do coração, os extremos de affectos que possuia; mas ainda a não tinha visto tomando assim tanto a serio a sua missão de mulher e desempenhando-se d'ella tão dignamente.

Esta ordem de reflexões conduzia naturalmente a outras o espirito da morgadinha. Reparando para Henrique, assim derrubado no leito, e como que sob a protecção d'uma timida e debil creança que, mais do que elle, parecia carecer de amparo, Magdalena não pôde reprimir um sorriso benigno e pensou:

— Sim; aquella cabeça estouvada pôde até hoje passar por este anjo sem o conhecer; mas é preciso não ter coração para que, ao erguer-se d'aquelle leito, não seja o seu primeiro movimento o de ajoelhar diante d'ella para a adorar. E Henrique não é falto de coração. Lida, lida, minha boa Christina, que para a tua felicidade lidas. Foi a Providencia que quiz que tu vencesses com as mais abençoadas armas que concedeu á mulher. Confio em Deus que vencerás. Deixar-te-hei todas as fadigas, para te pertencer todo o prazer.

E em harmonia com esta resolução, a morgadinha absteve-se de intervir no tratamento de Henrique.

XI

Foi opinião do facultativo, que tratou de Henrique, que a vida d'este corrêra serios riscos durante a primeira semana, por não sei que complicação que se lhe manifestou no decurso da molestia. Se se enganou o prático, não nos compete a nós decidir; aceitemos-lhe a opinião, como de legitima fonte, e não profundemos materia alheia ao nosso intento.

Ao fim dos oito dias, porém, começaram a manifestar-se melhoras evidentes, e o proprio facultativo foi o primeiro a assegurar ás senhoras, que sempre o vinham consultar á sahida com anciosa curiosidade, que «o homem estava salvo.»

De facto, nos primeiros periodos da doença, Henrique cahira, como já dissemos, n'um d'aquelles estados de indifferença para tudo e para todos, de que se não póde agourar nunca bem. Agora porém começava já a manifestar attenção para os cuidados de que era objecto, e a agradecer, com palavras de sincera gratidão, o tratamento affectuoso que recebia n'aquella casa e especialmente os desvelos de Christina.

Esta fôra effectivamente sempre incançavel, sollicita e carinhosa enfermeira.

Os cuidados de que o rodeava, como a um irmão, absorviam-lhe todos os instantes; prever-lhe os desejos, adivinhar-lhe as penas, procurar-lhe allivio ás dôres physicas ou moraes, era agora para ella a tarefa de cada momento, a preoccupação permanente de todos os seus pensamentos.

Henrique costumára-se a ver mover-se no seu quarto

aquella meiga e delicada figura de mulher, creança de hontem, a ouvir-lhe o timbre suave e ainda um pouco infantil da voz, a cruzar o olhar com aquelle olhar brando, que o fitava com sympathia e meiguice; já se não sentia bem, longe d'ella, e a cada momento, se estava ausente, dirigia as vistas para a porta á espera de a ver apparecer.

Magdalena espiava estes symptomas, notava a influencia crescente de Christina sobre o animo do rebelde, que até alli fôra insensivel, e exultava. Muito de proposito a morgadinha afastava-se o mais possivel da cabeceira do enfermo, por uma razão analoga á que obriga os pintores a deixar em meias tintas os accessorios de um quadro, para que a attenção se fixe no objecto principal.

Magdalena estava tambem dispondo uma obra d'arte, na qual Christina devia ser a figura principal.

N'este intento a morgadinha conservava ás visitas que vinha fazer a Henrique um ar ceremoniatico, que contrastava com a insinuante familiaridade da prima. Para isso teve Magdalena de suffocar os impulsos da sua indole de mulher, e de mulher que tão bem comprehendia os deveres da sua missão, ao mesmo tempo carinhosa e heroica. Apparentava-se o mais estranha que lhe era possivel a estes pequenos cuidados, que tão irresistivel influencia exercem no coração do homem que experimenta a ventura de ser objecto d'elles.

De dia para dia crescia o ascendente de Christina sobre Henrique, e crescia á custa de Magdalena.

Esta percebia-o e não cabia em si de contente com a descoberta. É necessario ser dotado d'um grande fundo de generosidade para que um coração de mulher faça d'estas descobertas, com o intimo contentamento que Magdalena sentia. É tão natural defeito a vaidade! Não se exprime o prazer que Henrique experimentava a cada pequeno incidente da vida domestica, que punha em relevo o predominio de Christina.

Havia uma hora no dia em que Henrique gosava um d'estes prazeres placidos, de que tão pouco abundante era todo o seu passado.

Ao fim da tarde, D. Victoria, Magdalena, e toda a familia do Mosteiro, e a propria tia Dorotheia, reuniam-se no quarto do doente para tomarem o chá. Não era porém a presença de nenhuma d'ellas, nem a de Magdalena, que o consolava e obrigava a suspirar por aquella hora, mas uma pequena circumstancia, que fará sorrir um homem de sensibilidade embotada, emquanto o facto se não der com elle. Era que Christina, que em outra qualquer occasião cedia sempre a Magdalena a direcção dos trabalhos domesticos. alli dentro não resignava em ninguem essas funcções. Tomava naturalmente as maneiras de dona de casa, e recebia a mãe, a prima e todas as outras como visitas de intimidade, sim, mas em todo o caso, visitas.

Não se imaginam os encantos que Henrique achava áquillo. A elle proprio parecia já que de facto o prendiam a Christina laços mais intimos, laços mais de familia, do que ás outras senhoras. Era assim que qualquer pedido que tinha a fazer o dirigia sem hesitar a ella, como o faria a uma irmã; emquanto que naturalmente custava-lhe a incommodar outra qualquer pessoa, e não o fazia sem as desculpas e cumprimentos do estylo, que para ella não usava já.

Outra particularidade o enlevava tanto como esta. Era a maneira despotica por que o governava Christina, fazendo-o cumprir á risca as dietas e as prescripções do facultativo, recusando-se obstinadamente a deixal-o lêr, e até ralhando-lhe ás vezes com severidade quasi maternal: apparencias de dureza, que occultavam thesouros de sensibilidade e de affecto.

O pobre rapaz, que não conhecêra familia, que nunca vira do seu leito de doença, nas vezes que cahira n'elle, o vulto suave e consolador d'uma mãe, d'uma irmã ou d'uma esposa sorrir-lhe ao despertar, interrogal-o com essas entonações carinhosas, que nos provocam a cobrir de beijos a mão que nos estende a taça do mais amargo remedio; elle, que não sabia ainda o que era sentir-se amparar a fronte, que escalda de febre, pelo apoio d'uma debil mão de mulher, a que o amor dá forças extraordinarias, commovia-se até ás lagrimas agora, e quasi não

pensava sem tristeza na convalescença, que havia de o privar d'aquelles cuidados affectuosos.

O olhar com que fitava Christina, todas as vezes que ella se lhe approximava do leito, era mais eloquente de reconhecimento do que todas as palavras que lhe dizia, do que todas quantas lhe poderia dizer.

Agora o enleiado e timido era elle, Christina a corajosa.

Um dia em que Henrique parecia soffrer mais do que de costume, e em que se agitava no leito com a inquietação da febre, Christina, depois de lhe dar a beber o calmante que lhe prescrevêra o medico, perguntou-lhe com a mais adoravel candura:

—Não sabe resar?

Henrique sorriu, respondendo:

—Julgo que desaprendi já as orações que minha mãe me ensinou.

Christina calou-se e ficou tristemente pensativa.

Aquella alma innocente perguntava a si mesma que consolação encontraria nas provações da vida um espirito que não soubesse recolher-se na oração.

Henrique, que a viu assim, disse-lhe:

—Quer-me ensinar a resar, Christina?

Christina fitou n'elle um olhar prescrutador, como para sondar a intenção d'aquellas palavras.

—Juro-lhe que recitarei com o fervor, de que inda fôr capaz a minha alma, as orações que me ensinar.

Christina respondeu-lhe gravemente:

—Rese, rese e verá como n'isso acha consolação. Vou emprestar-lhe o meu livro de orações, quer?

—Porque me não ha de antes ensinar, como minha mãe o fazia?

Christina ouviu com seriedade a proposta.

E o certo é que um dia, em que Henrique passára peior, Magdalena ouviu, na sala proxima, Christina recitando uma singela prece á Virgem, e o doente repetindo-a com docilidade de creança.

Como se ririam d'elle os seus amigos da capital, se n'aquelle momento o vissem! Mas rir-se-iam d'um phenomeno naturalissimo, d'uma d'estas modificações a que

*

todos os caracteres estão sujeitos, quando se dão a actual-os dous elementos tão poderosos, como se davam em Henrique: a doença, que quebra a inteireza das indoles mais rijas, e abre o coração ás doces influencias; e a cathequese feminina, a mais poderosa, efficaz e irresistivel de todas.

Não direi que fosse com inteira fé que o doente orava; talvez que houvesse mescla de sentimento profano no prazer suave que experimentava ao orar assim. É certo porém que, desde então, frequentes vezes se lhe desviavam os olhos para o pequeno crucifixo, que Christina trouxera do seu quarto para a cabeceira do leito de Henrique.

Outra vez, quando Christina acabava de fazer-lhe tomar um remedio, Henrique obedecendo aos impulsos da sua gratidão, beijou-lhe commovido a mão, que ella ia a retirar.

— Que faz? — disse Christina, córando e afastando-a.

— Deixe-me beijar a mão piedosa que me prendeu á vida, á vida que só agora comecei a amar.

— Ora vamos — acudiu ella com um meigo tom de reprehensão.

— Como não quer que a adore, Christina, depois de se fazer anjo para me salvar? Não costuma resar ao seu anjo da guarda.

— Repare que eu não tenho azas de anjo.

— Mas vôa mais alto ao céo, quando desce assim a velar por um pobre doente como eu, que nenhuns titulos possue para lhe merecer essa dedicação, pobre menina! Que vida tem sido a sua ha tantos dias?

— Nenhuns titulos! Que diz? — tornou Christina com um sorriso adoravel.

— Pois quaes?

— Então não somos primos? — disse ella jovialmente.

E sahiu do quarto, com aquelle andar ligeiro e facil que tanto enlevava Henrique.

Estava já Henrique em convalescença, e o facultativo permittira-lhe alguns passeios pela quinta, mas ainda não

a sua transferencia para Alvapenha. O logar favorito de Henrique n'estes passeios era á sombra d'umas laranjeiras que havia a pouca distancia de casa. Das janellas do quarto de D. Victoria descobria-se o logar. Quando as manhãs estavam serenas, Henrique para alli ia, com um livro que não fazia tenção de lêr, e apoiando-se ao braço de Christina, que levava a costura para junto d'elle, para lhe fazer companhia.

D. Victoria seguia-os da janella com as suas recommendações.

—Por ahi não, Christe!... Olha que é muito humido... Dá antes a volta pela nora... Assim... Cautela com essas hervas que hão de estar molhadas... Vê lá que não esteja frio... Olha se esses troncos estão molhados...

Henrique tornava-se melancólico e sombrio n'estes momentos, a ponto d'uma manhã Christina o interrogar, n'aquelle tom de familiaridade affectuosa, que principiára a poder ter para com elle, desde que o vira fraco e doente e a carecer do seu auxilio e protecção.

—Que é isso? Porque está sempre triste, agora que vai melhor?

—Estou triste, porque estou melhor— respondeu Henrique.

—Que está a dizer?!

—A verdade. A poucos doentes terá succedido o que succede commigo. Este renascer para a vida, este sangue novo que sentimos circular nas veias, este vigor que de instante para instante conhecemos accumular-se em nós, que tantos gosos dá aos convalescentes, a mim fazem-me entristecer; como que estou presentindo já as saudades d'este tempo, que passei prostrado no leito da doença, Christina.

—Não diga isso.

—E admira-se? Se elle foi o tempo mais feliz da minha vida! Não sabe que me eram desconhecidos inteiramente os ineffaveis carinhos de familia que me fez experimentar? Com a saude vão voltar para mim os dias da solidão, do desconforto, d'aquella vida gelada e in-

util que abomino, desde que principiei a conceber outra... desde que m'a fez conceber, Christina! Quando penso em voltar para Lisboa...

—E tenciona voltar?

A esta pergunta, feita com a maior naturalidade, Henrique sentiu uma intima commoção. Ha d'estes effeitos. Ás vezes o olhar menos significativo, a palavra menos pensada, é pelo coração interpretada de maneira tal, que elle proprio se sente estremecer.

—E queria que eu ficasse, Christina?— perguntou Henrique sob o dominio d'esta impressão.

Christina não respondeu logo.

—Deixe-me acreditar que sim; é bastante generosa para isso, para não ver partir sem saudade o homem a quem salvou com os seus extremos de irmã. Esta ideia será a minha consolação; deixe-me partir com ella.

—Partir?... mas... para que ha de partir?

—Então quer que me fique perpetuamente com aquella boa tia Dorotheia, cuja vida placida vim alterar com os meus habitos cidadãos?

—Pois não lhe custaria, a ella mesma vel-o partir?... E depois... que vai fazer para Lisboa? Adoecer outra vez, ou scismar que está doente, que é quasi a mesma coisa.

—E dar-me-ha sempre a sua amizade se eu ficar?

—Porque havia de lh'a negar?

—Tempo virá em que outros me disputarão a menor porção de affecto que me conceder, Christina... e então... então é que eu ficarei mais só do que nunca... ou mais do que nunca sentirei que o estou.

—Anda só porque quer... Não ha tanta gente por esse mundo?

—Então a menina não sabe que se está só mesmo em companhia? Quem está só é a alma. Ai, a alma está só quasi sempre!

—Porque quer.

—Porquê desconfiou das companhias que se lhe offereciam, e porque não obteve a que desejava. Além de que, ha almas tão tristes que intimidam as outras. E a minha é d'essas. Ora diga, se eu lhe pedisse para fazer

companhia á minha alma, a esta alma melancólica e sombria com que nasci, não hesitaria? Confesse.

Depois d'um momento de silencio e hesitação, Christina respondeu:

—Se a companhia da minha fosse bastante para desfazer essa tristeza...

—Concedia-m'a?

—E porque havia de negar-lh'a?

Henrique tomou-lhe a mão apaixonado.

—Christina, sabe que essas palavras podem fazer-me conceber loucuras? Se o meu coração é tão ousado...

Christina, córando, retirou a mão de que Henrique se apoderou, e levantando-se sobresaltada, disse:

—Julgo que são horas do seu remedio. Vou preparar-lh'o.

E fugiu, correndo em direcção de casa.

Scenas mais ou menos analogas a estas reproduziam-se todos os dias durante a convalescença de Henrique. Reinava o idyllio e uma como perfumada atmosphera, que exercia profundas revoluções no caracter de Henrique e de Christina. Elle ía perdendo de dia para dia aquellas exterioridades artificiosas, que Magdalena por tanto tempo combatêra em vão; ella, Christina, ganhando vida, actividade, soffrendo uma d'essas metamorphoses analogas ás da vida de borboletas, da infancia, estado de crysalida para a imaginação, passava á verdadeira juventude, ao periodo em que a imaginação ganha azas, em que o coração se completa.

Desde que Henrique se achava em estado de passear, não havia razão plausivel para permanecer no Mosteiro; portanto tornou-se inevitavel a mudança para Alvapenha.

Já se não fez sem lagrimas a despedida.

Choraram as creanças, chorou D. Victoria e a propria Magdalena se sentiu commovida; só Christina não se achava na sala em que se passou a scena.

Encontrou-a Henrique no patamar da escada por onde tinha de sahir.

Seria casual esta circumstancia?

Henrique não perguntára por Christina; dizia-lhe o coração que a encontraria alli.

—Volto á minha solidão, Christina— disse-lhe commovido.—Não lh'o tinha eu dito?

A pobre menina quiz sorrir, mas do esforço que para isso fez só lhe resultaram lagrimas.

—Não diga mais nada;— disse Henrique, levando aos labios a mão que ella não retirou—Essas lagrimas bastam-me.

Escusado é dizer que estas palavras mais lagrimas produziram.

E Henrique desceu do patamar com a vista ennevoada por ellas.

Christina ficou a chorar na varanda.

A morgadinha veio, sem ser sentida, abraçal-a, dizendo:

—Pago-te hoje o abraço que me déste no outro dia; mas eu escuso de te perguntar... «Pois tu amaval-o?»

—Ai, Lena!...— exclamou Christina, cada vez chorando mais.

—Faltava aos vossos amores este arremedo de infelicidade, e imaginaram uma separação de duzentos passos para poderem representar a scena das despedidas, e chorarem como Paulo e Virginia. Impostores!— dizia Magdalena para consolal-a.

Em Alvapenha Henrique passou horas de intensa melancolia. Impacientavam-no as conversas de sua tia e de Maria de Jesus, a qual, taes mudanças notava n'elle, que chegou a aventar á ama a ideia de que a doença tinha transtornado o juizo ao rapaz, opinião que D. Dorotheia levou muito a mal.

Outro symptoma que se manifestou em Henrique foi a indignação que lhe causou a carta d'um amigo que, com o maior scepticismo, lhe perguntava novas dos seus habitos pastoris e das Tirces e Galatéas que o traziam enlevado. Henrique revoltou-se d'esta vez, com todo o fogo do coração, contra aquelle tom frio e sarcastico da epistola, e nem lhe respondeu.

Depois teve Henrique uma visão.

Não se assustem os leitores que antipathisam com o

maravilhoso. Nada ha aqui que se pareça com as visões epicas; foi uma visão como muitas, que nós todos, uma ou outra vez na vida, experimentamos; um d'esses espectaculos, que nos prepara de quando em quando a imaginação, esta fertil e poderosissima creadora, que nos acompanha incessantemente. A quem não terá de facto succedido ver transformar-se pouco a pouco uma perspectiva, desvanecerem-se os effeitos da visão exterior, enfraquecerem as impressões dos sentidos, e avultarem, tomarem fórma, realidade, vida as imagens d'uma mais intima, espontanea e mysteriosa visão?

Estava Henrique á janella do quarto que habitava em Alvapenha. Sabemos já que se gosava d'alli um panorama extenso e amenissimo. A tarde parecia de primavera. Henrique corria com prazer a vista pelos differentes logares da quinta de Alvapenha, com as suas noras e medas, colmeias, eiras, cabanas e sêbes. Era uma verdadeira quinta rural, resentindo-se porém um pouco de ser a proprietaria d'ella uma senhora velha, e com pouca actividade para tratar de lavouras

Pouco a pouco deixára Henrique de ver a quinta como ella era.

Principiava a visão interior.

As arvores copavam-se de folhagem; messes aloiradas ondulavam nos campos; numerosos rebanhos cobriam os lameiros extensos; atulhavam-se de cereaes os celleiros; alastrava-se de grão o chão das eiras; gemiam as noras e os lagares; soltavam-se ás prêsas os diques, e uma verdadeirá rede liquida envolvia em suas malhas a vegetação dos campos; alvejavam as camisas dos ceifadores e eccoavam nos montes e arvoredos as cantilenas aldeãs; e os mais caracteristicos e poeticos episodios da vida agricola desenrolavam-se aos sentidos, deleitosamente allucinados, do sobrinho de D. Dorotheia. Era uma perfeita georgica! E elle a dirigir todos os trabalhos, a regular o serviço, verdadeiro patriarcha ao modo antigo; e ao seu lado, e em toda a parte, á sombra d'uma arvore, á borda do tanque, debruçada no muro, por entre os silvados das sêbes vivas, uma figura suave, casta, adoravel... a figura de Christina!

Quem mezes antes adivinharia que Henrique de Souzellas, o homem elegante, o homem da moda, em quem estavam encarnadas todas as qualidades boas e más da sociedade que frequentava, havia de ter uma visão como esta!

No quasi extase, em que a imaginação o lançára, permanecia ainda, quando soube que o procuravam de mando das senhoras do Mosteiro.

Apressou-se logo a receber a visita.

Era o velho Torquato que vinha saber d'elle, de mando de D. Victoria e das meninas.

O pobre homem era um dos que ficára com affeição a Henrique depois que este estivera no Mosteiro.

Henrique ouvia-o com uma paciencia, que elle já em poucos encontrava, contar as longas historias dos seus tempos passados, e isso era o bastante para o velho lhe querer bem.

—Diga ás senhoras que eu mesmo irei ralhar com ellas, pelo incommodo que estão tendo commigo. E você tambem, Torquato, na sua idade, estes passeios...

—Ai, não tem dúvida! Isto faz bem... É exercicio a final... Pois é verdade. Eu d'antes corria a aldeia toda n'um minuto... agora... Olhe que eu já tenho os meus annos! Veja lá, se no tempo dos francezes eu era já homem feito... Inda me lembra...

Seguiu-se um episodio da época, e depois, sem transição sensivel:

—Mas lá emquanto ás senhoras... Isso sempre devo dizer que têem tomado um cuidado!... Todas!... Até a Christininha!...

—Sim?! Tambem essa?

—Ora se tambem!... Pois a snr.ª D. Victoria?

—Mas... mas... Christina... a sr.ª D. Christina, então...

—Isso é um coração de pomba. Inda ha pouco, ao sahir, já vinha no pateo, e ella veio ter commigo a correr, e disse-me: «Olhe, ó Torquato, ha de reparar-lhe para a cara a ver se tem ar triste.»

—Ella disse-lhe isso?

—É verdade. E eu lá lhe vou dizer que o encontrei alegre como...

—Não, não; não lhe diga isso, homem — atalhou Henrique.

—Então porquê?!

—Porque... porque... porque não é verdade... Então eu estou assim tão alegre como isso?

—Não digo que esteja, mas para a socegar...

—Diga que me achou com saude, mas triste. E não lhe disse ella mais nada?

—A sr.ª D. Victoria...

—Fallo de Christina.

—Nada... Ai... Agora me lembro... mas isso é segredo.

—Diga, diga.

—Não é nada; é uma promessa que...

—Uma promessa? Que promessa?

—Sim, olhe, eu digo-lhe, mas guarde segredo! Quando o senhor esteve muito mal, que nem o cirurgião dava nada por si, a Christinita prometteu resar na capella dos Canaviaes as estações da meia noite...

—As estações da meia noite?

—Sim; as estações resadas á meia noite á Senhora que está na capella da casa dos Canaviaes. É tão milagrosa que, dizem, nunca recusou favor que se lhe pedisse assim. Contava meu pae...

E vinha um caso comprovativo da tradição popular.

—Sim; lembra-me que já me fallaram n'isso — disse Henrique pensativo.

—É verdade. O peior é que é este seu criado quem tem de a acompanhar até á quinta, depois d'ámanhã á meia noite...

—Então depois d'ámanhã á meia noite?

—Sim; mas não diga nada, que isto é segredo da pequena.

—Esteja descançado.

E depois de mais algumas historias contadas por Torquato, e a que Henrique não ligou attenção, aquelle retirou-se.

Ao ficar só, Henrique cahiu em nova e profunda abstracção. Elaborava-se-lhe na ideia um projecto. O de ir aos Canaviaes para presenciar aquelle acto de fervorosa

devoção de Christina, que supplicára por elle, enfermo, com o ardor da mais pura crença, com a effusão do mais generoso affecto.

N'este intento tratou de se informar a respeito dos caminhos que conduziam á quinta, que elle ainda não visitára, e sobre como penetrar até á capella da casa, onde devia ser cumprida a promessa.

D. Dorotheia, D. Victoria e Magdalena deram-lhe os esclarecimentos precisos, sem que suspeitassem das intenções com que elle lh'os pedia.

XII

A casa e quinta dos Canaviaes, deshabitadas depois da morte da velha morgada, madrinha de Magdalena, era uma sombria residencia, situada n'um dos mais êrmos e melancolicos logares da aldeia.

O tempo, cuja acção não contrastada se exercêra livremente n'ellas, viera augmentar o aspecto soturno que desde a origem apresentava esta casa, ennegrecendo-lhe as paredes, revestindo-lhe de herva os telhados, de musgo as pardieiras e as junturas da pedra, e povoando-lhe de morcegos e de corujas os buracos dos muros. Emfim a superstição popular terminára a obra, fazendo divagar as almas do outro mundo por aquellas salas e corredores vasios, e nas ruas d'aquella quinta entregue á natureza.

A defunta morgada, que não se recolhêra á aldeia se não depois de ter gosado na capital de todos os esplendores da vida das cidades, e brilhado nas mais concorridas e elegantes salas do seu tempo, gosava n'esta pequena terra, onde passára o resto da vida, d'uma fama de espirito forte, que em grande parte concorrêra para generalisar a opinião de que a sua alma andava ainda penando por cá.

Contavam-se entre o povo anecdotas absurdas, em relação aos annos da mocidade da morgada. A imaginação popular fazia a biographia d'aquella senhora, colorindo-a com as tintas maravilhosas com que costuma phantasiar a vida dos grandes centros, de que vive afastada.

A morgada, que só renunciou ao mundo quando os espelhos começaram a fallar-lhe da vaidade das glorias que repousam nos encantos da belleza, passou, como succede muitas vezes, d'um extremo a outro extremo, e da vida elegante ás praticas de devoção.

Nos Canaviaes ouvia missa todos os dias, confessava-se todas as semanas, commungava todos os mezes, sem comtudo resignar absolutamente os habitos de elegancia, de que já fizera uma necessidade natural. Trajava sempre com distincção e esmero, e ao corrente das modas.

Tudo isto, e as proprias devoções da morgada acabaram por convencer o povo de que havia grandes culpas no passado d'ella, as quaes procurava remir á força de missas. Dizia-se que a morte a viera tomar antes das contas saldadas, e que por isso a sua alma voltava á terra, penando.

Já se vê que o logar era para apavorar as imaginações timidas, e de noite pouca gente da aldeia gostava de passar por lá.

Henrique, depois de ter dito em Alvapenha que ia passar a noite ao Mosteiro, d'onde voltaria tarde, sahiu mais cedo do que a hora devida, e fazendo obra pelas informações da morgadinha, dirigiu-se para os Canaviaes para escolher posição d'onde podésse, sem ser visto, observar Christina, não tendo ainda resolvido se lhe appareceria ou se a deixaria imperturbada na sua piedosa tarefa.

A noite fizera-se escura e ameaçava chuva.

Henrique, alumiando-se com uma lanterna de furta-fogo, já um pouco habituado aos caminhos estreitos e escabrosos do campo, atravessou a aldeia, examinando com attenção todos os objectos que lhe deviam servir de indicadores da estrada.

Pouco passava das dez horas, quando se achou em frente d'uma casa, que, por a apparencia, julgou ser a demandada propriedade.

Era uma casa escura, crivada de pequenas janellas de peitoril, tendo a um lado o alto portão da quinta, do outro a capella, cuja porta Henrique achou inda fechada.

O sussurro dos canaviaes agitados pelo vento era uma garantia de haver acertado.

Principiavam a cahir algumas grandes gotas de chuva e a escuridão a fazer receiar grandes aguaceiros.

Henrique julgou prudente procurar um abrigo onde podesse resguardar-se. N'este intento approximou-se do portão. Com grande espanto seu, achou-o aberto.

Já teria chegado Christina?... Enganar-se-ía elle na casa?... Estaria habitada a quinta?...

Estas tres explicações do inesperado facto debatiam-se-lhe no espirito, sem que elle soubesse qual adoptar.

Transpoz o portão e entrou na quinta. Nenhuma apparencia de vida.

A chuva cahia com mais força. Para se abrigar, Henrique subiu os degraus de pedra, no topo dos quaes havia um patamar lageado e convenientemente toldado.

Ao chegar alli achou tambem aberta a porta da primeira sala, e ao fim d'um corredor pareceu-lhe divisar luz.

Henrique parou indeciso.

—Decididamente enganei-me. Não é aqui a casa dos Canaviaes. Sempre perguntarei.

E bateu as palmas.

Ninguem lhe respondeu.

Bateu outra vez; o mesmo resultado.

Aventurou-se a entrar, deu alguns passos no corredor e bateu.

O mesmo silencio; seguiu até o fim o corredor em direcção á luz; chegou a uma sala mobilada com antigas cadeiras de alto espaldar, e alumiada por um candieiro de metal, pousado na pedra da chaminé, em cujo fóco brilhavam ainda uns carvões candentes.

—Parece uma historia de fadas!—pensava Henrique—Dar-se-ha que a alma da morgada goste ainda das commodidades?

Ia a dirigir-se a uma porta para chamar, quando se abriu outra do lado opposto, e appareceu-lhe uma mulher velha, com um vestuario meio de campo, meio de cidade, e trazendo uma luz na mão. Henrique voltou-se

e preparava-se para lhe dirigir a palavra, quando ella primeiro lhe disse:

—Procurava alguem, o senhor?

—Peço perdão pelo meu atrevimento. Bati muito tempo á porta, e emfim, como a visse aberta, decidi-me a entrar. Desejava saber onde é aqui a casa dos Canaviaes.

—A casa dos Canaviaes é esta mesma.

—Mas... eu julgava... suppunha ter ouvido dizer, que não morava aqui ninguem.

—E não o enganaram. Hoje por acaso é que está cá a snr.ª morgada.

—A snr.ª morgada?— perguntou Henrique, sem bem saber o que devia pensar da resposta e de tudo o que via.

—Sim, senhor; a snr.ª morgada, e não tarda aqui. Ella esperava-o.

—Ah! A snr.ª morgada esperava-me?

—É verdade.— disse a mulher, sorrindo—Adivinhou que o senhor vinha aqui. E o que é que ella não adivinha?

Henrique dava tractos á imaginação para comprehender esta scena.

—Então é a snr.ª morgada em pessoa que...

—Que o convida para tomar uma chavena de chá— disse uma voz por traz d'elle.

Henrique julgou conhecer o timbre d'aquella voz.

Voltou-se, viu a morgadinha que entrava na sala, com o sorriso nos labios e a mão estendida, com aquella habitual franqueza de maneiras, que de tantos encantos a revestia.

Henrique exclamou admirado:

—A prima Magdalena!

—A morgadinha dos Canaviaes, se faz favor. Competia-me fazer as honras da minha propriedade, que pelos modos está para ser muito visitada hoje. Chamei, para me acompanhar, a Brizida, que viveu muitos annos aqui com a minha madrinha, e hoje vive em casa sua do rendimento do legado que aquella senhora lhe deixou. A Brizida é quem se encarrega de vir, de quando em

uando, abrir as janellas d'esta casa para que os ratos não destruam de todo, e os tortulhos lhe não enfei-em as paredes.

—Mas como soube que eu...?

—Isso é um segredo. Não o esperava porém tão edo, nem imaginei que nos viesse ter assim ao intimo la casa. Fiquei embaraçada quando o ouvi. Ao principio uasi julguei que era a alma da minha madrinha. Mas ez bem em recolher-se... Ouve?

E com o gesto indicava a chuva, que já batia com orçá nas vidraças.

—O peior é se isto não espalha e a Christina muda le tenção.

—O vento é do mar, menina; isto são aguaceiros — otou Brizida, como para desvanecer aquelle receio.

—Pois sabe que Christina vem?

—Eu sei tudo. Ora sente-se ao fogão, que deve vir nuito frio. Accendi o lume porque estava aqui dentro m ar humido e mofento, muito pouco hospitaleiro.— rizida, olhe que se não percebam lá fóra as luzes, que odem amedrontar Christina. E feche a porta da sala. bra o côro da capella e prepare chá para quatro. Aqui iesmo Brizida, aqui mesmo, porque a cozinha está ouco habitavel.

Emquanto Brizida cumpria as ordens que a morga-inha lhe dava, esta, chegando uma cadeira para o fo-ão, sentou-se defronte de Henrique de Souzellas.

—Agora conversemos amigavelmente, primo Henri-ue. E antes de mais nada, responda-me a uma per-unta: O que o trouxe aqui?

—Pois não diz que sabe tudo?

—Até certo ponto, entendamo-nos. Não vão tão longe s minhas faculdades que cheguem a devassar intenções, ue porventura á propria consciencia de quem as fórma, epugne aceitar.

—Não é esse o meu caso; as minhas intenções são econhecidas e approvadas pela minha consciencia. Vim ara assistir ao espectaculo commovente d'um anjo que ra por mim. É um espectaculo, a que ainda não assis-ira, prima. Admira-se da minha curiosidade?

—Acho-a natural e até... louvavel. O ponto está que a sua convalescença esteja bastante segura já. Porque o primo Henrique convalesceu ha dias de duas doenças.

—De duas?

—Sim; e a mais rebelde não foi a de que o cirurgião o tratou.

—Então?

—A peior, aquella de que eu havia chegado já a desesperar, era a que lhe tinha descoberto logo na sua chegada aqui, uma doença moral; revelava-se por uma maneira de ver as coisas, de pensar e de proceder verdadeiramente doentia.

—Estou curado d'isso.

—Estará? Eu sei!... É certo que já é bom signal admittir que era doença.

—Dou pelo seu diagnostico, prima, e até pelo tratamento que me aconselhou em tempo; fallou-me na vida campestre, no interesse pelos negocios locaes... e sobre tudo em uma paixão sincera.

—Ah! e experimentou a receita?

—Experimentei e curei-me.

—Ou tomou por forças de saude o que era apenas o falso vigor da convalescença? Convém não abusar; ouço dizer aos medicos que são perigosas as recahidas.

—Pois teme que eu recaia?

—Porque não? Esta sua vinda aos Canaviaes a horas mortas... com quanto motivada por louvaveis intenções... tem ainda assim uma certa feição romantica... que era bom vigiar... Sempre vim para acudir a algum accidente.

—É um perfeito medico da época; não tem fé na efficacia dos remedios que prescreve.

—Tenho; mas não desacompanho a acção d'elles, isso não. Agora falle-me com franqueza: ao recordar-se de certas ideias com que veio de Lisboa, não se lhes figuram ellas estranhas e inacceitaveis já?

—Confesso que algumas...

—E comprehende agora o que eu lhe dizia? o remedio para o mal do coração que o minava, tinha-o ao

eu lado, desde o primeiro dia que pozera os pés no losteiro, e teimava em ser cego para o não ver.

—Desde o primeiro dia? Pois Christina...

—Christina deixou de ser creança desde aquelle dia.

—Querido anjo!

—Querido anjo?... Diz bem; deve adoral-a, tal omo ella é, ingenua, timida, supersticiosa até, se quier; mas bondosa, mas adoravel, mas uma indole taıada para acalmar as paixões, demasiado violentas, de m caracter como o seu; para lhe fazer ter mais esperança na vida, mais coragem e mais fé no futuro.

Henrique, depois de instantes de silencio, disse sorindo para Magdalena:

—Diga-me uma coisa, prima Magdalena: comprehenendo tão bem as necessidades do coração dos outros, ão pensou ainda nas do seu?

—E quem lhe disse que as tinha?

—Conceda-me tambem um pouco da sua admiravel erspicacia, e não se julgue tão impenetravel, que não fferença leitura aos olhos que a observam.

—Ah! Então leu?...

—Uma pagina eloquente de sentimentos generosos, rima; uma pagina que eu só agora estou habilitado ara apreciar como merece; pagina porém tão recatada, ue julgo que ainda a não leu bem o principal interesado n'ella. Cego, como eu fui.

—Não leria? — perguntou Magdalena, sorrindo — stá certo d'isso?

—E póde ser que lêsse, póde; ou pelo menos que or inspiração a adivinhasse. Ha casos d'esses.

Magdalena tornou, mudando de tom:

—É ainda cedo para tratar de mim. Quando me reolver a isso, verá que sou um doente modelo. Não heitarei ante a violencia do remedio.

—E porque demora o tratamento?

—Pois parece-lhe que será urgente o caso?

—Prima Magdalena, o que vejo é que ha mais forıleza da sua parte do que...

—Silencio! — disse a morgadinha, escutando — Paeceu-me ouvir...

N'este momento a Brizida, que fôra a uma sala immediata, voltou, dizendo em voz baixa:

—Parece-me que abriram as portas da capella. Devem ser elles.

—Então depressa.— disse Magdalena —Abra-nos o côro; mas antes apaguemos as luzes. Teve uma feliz lembrança em prevenir-se com essa lanterna de furta-fogo. Traga-a e siga-me; mas occulte a luz. Não faça barulho...

Apagadas as luzes da sala, Magdalena e Henrique entraram, por um corredor estreito, no côro da capella, d'onde a morgada costumava ouvir missa, emquanto mandava patentear ao povo o pavimento inferior.

Quando alli chegaram, com as precisas precauções para não fazer estalar as taboas do soalho, havia já em baixo uma luz escassa, que desenhava longas no pavimento as sombras de duas pessoas, ainda occultas sob a varanda do côro.

Cedo se adiantaram para o altar, e claramente se reconheceu serem Christina e Torquato.

Caminharam silenciosos até o altar principal. Torquato subiu os tres degraus, sobre que este ficava elevado, e accendeu duas vélas de cera que, em ennegrecidos castiçaes de madeira dourada, ornavam uma imagem da Virgem da Soledade. Espalhou-se no recinto uma froixa claridade, que não dissipou as sombras dos recantos, nem as que se condensavam no tecto.

Christina fez signal então a Torquato, para que se retirasse; e o velho, com os passos arrastados e tossindo, caminhou para a porta, que dentro em pouco se ouviu gemer sobre os gonzos e fechar-se com estrondo.

Tudo ficou depois em silencio.

Christina então ajoelhou diante d'aquella imagem, que era a de que a tradição popular contava milagres, e em profundo recolhimento ficou immovel a resar a devoção promettida.

Henrique de Souzellas sentia-se enlevado por esta scena. Aquella angelica creatura viera alli agradecer á Virgem o tel-o salvado! Aquelle anjo amava-o! Havia pois no mundo quem o amasse com um amor puro e

candido, em que elle já nem acreditava. E cabia-lhe a suprema ventura de gosar um amor assim!

Magdalena via com alegria a commoção de Henrique.

A oração de Christina prolongou-se por alguns minutos.

Henrique murmurou, juntando as mãos:

—Deus te recompense, anjo, a consolação que me dás.

—Não peça a Deus o que está na sua mão— respondeu-lhe tambem em voz baixa Magdalena.

—Que diz?

—Está ou não sinceramente apaixonado?

—Como nunca imaginei que fosse possivel estar.

—Crê na pureza d'aquelle coração?

—Como na dos anjos.

—Está convencido de que o póde salvar, ella?

—Não ha crédo que professe com mais fé.

—Porque não vai então ajoelhar ao lado d'ella e jurar-lh'o?

—E consente?

A morgadinha respondeu-lhe, conduzindo-o ao principio d'umas estreitas escadas que, pela espessura da parede, iam do côro para a capella-mór.

—Aqui tem o caminho.— disse ella—Siga-me.

E, servindo-se da lanterna de furta-fogo, foi descendo com precaução. Henrique seguia-a.

No fim da escada, Magdalena occultou de novo a luz, e, dados mais alguns passos, parou junto d'um reposteiro.

—Agora faça o que lhe dictar o coração— disse ella para Henrique.

Este correu o reposteiro com precaução, e achou-se na capella.

Christina resava ainda, e como a porta, por onde Henrique entrára, ficava por de traz d'ella, não o viu chegar.

Henrique ficou a comtemplal-a todo o tempo que ainda durou a oração.

Ao levantar-se, Christina, voltando a cabeça, descobriu-o, e soltou um grito de susto. A obscuridade que

havia na capella não lhe deixou perceber logo quem fosse, o que mais lhe augmentou o terror.

Henrique caminhou para ella, dizendo-lhe:

—Não tenha receio, Christina. Sou eu.

Reconhecendo-o, a timida rapariga ficou espantada. Como se explicava a presença de Henrique n'aquelle logar? Nem tempo teve de imaginar explicações; Henrique accrescentou:

—Sou eu, Christina; eu a quem a menina salvou e por quem com tanto fervor veio resar aqui. Obrigado, mais uma vez lhe digo, obrigado, Christina. Quiz fazer-me comprehender todos os castos e abençoados prazeres da familia; depois de me dedicar as suas vigilias, dedicou-me as suas orações. Deixe-me beijar-lhe a mão com todo o affecto, com toda a paixão, que póde haver na minha alma.

E dizendo isto, levou-lhe aos labios a mão, que ella, de enleiada, nem ousou retirar das suas.

—Agora peço-lhe, Christina, que, já que me fez antever as delicias do viver de familia, me não condemne para sempre ao supplicio de as não ver realisadas. Lembre-se de que não conheci mãe, de que não tenho irmãs, de que tenho vivido só, e de que cedo voltarei a essa vida solitaria e gelada que me será agora uma tortura. Compadeça-se de mim. Quer vir occupar no meu coração o logar vago que ha n'elle para as affeições de mãe, de irmã, e de...

—Henrique!...— murmurou quasi inintelligivelmente a sobresaltada creança.

—É diante d'esta Virgem, a quem orava com tanto fervor, é pousando a mão sobre os Evangelhos d'esse altar, que eu lhe prometto mais do que uma paixão ephemera de rapaz, prometto-lhe a constante adoração, rodeada de respeito, do homem que as suas virtudes reconciliaram com o mundo. Aceite, Christina, aceite o offerecimento do meu coração.

Christina tremia sem poder responder.

Magdalena entrou por sua vez na capella.

—Não se póde exigir assim uma resposta directa, primo Henrique— disse ella.

Christina, cada vez mais surprendida por estas successivas e inesperadas apparições, correu para a prima.

—Tu, Lena! Tu tambem aqui?!

—Então não me competia receber em minha casa as visitas? Mas vamos, dize-me aqui ao ouvido a resposta que queres que eu dê por ti ao snr. Henrique de Souzellas, que me parece acaba de te pedir, muito terminantemente, a tua mão.

Christina não respondeu, senão cingindo-a mais intimamente ao seio.

—Não responderam os labios, primo— continuou a morgadinha—mas fallou o coração ao meu na linguagem das pulsações. Estou-o sentindo.

—E disse?...

—Que havia de dizer? Que sim.

E Magdalena, que tinha a mão de Christina na sua, estendeu-a a Henrique, que a apertou apaixonadamente e a beijou de novo.

Parece-me poder affirmar que d'esta vez já houve correspondencia.

O velho Torquato, farto de esperar de fóra da capella, e achando que as resas se prolongavam de mais, resolveu chamar Christina.

Ao entrar divisou porém tres pessoas em logar d'uma só, que esperava, e recuou estupefacto e aterrado.

Suppoz que almas penadas andavam na capella.

O bom do homem não ousava approximar-se.

Magdalena, que o ouvira entrar, animou-o, dizendo:

—Não tenha medo, Torquato. A alma de minha madrinha encarregou-me de fazer esta noite as suas vezes. Sou eu.

O espanto do feitor não era agora menor. Esfregava os olhos, como se receiasse estar dormindo, e não passava de olhar para Magdalena, para Henrique e para Christina, sem entrar na explicação do que via.

Costou a fazel-o voltar da sua estupefacção.

Momentos depois entravam todos quatro na sala onde Henrique fôra recebido por Magdalena, e ahi a velha Brizida lhes serviu o chá.

A antiga criada da morgada fez muita festa a Chris-

tina, e, como já percebêra a casta de sentimentos que havia entre esta e Henrique, soltou algumas insinuações que a obrigaram a córar, e a rir Magdalena.

Passou-se uma bella noite, conversando-se e rindo-se em perfeita intimidade.

—Que longe estava eu hoje de pensar n'este dilicioso serão.— disse Henrique—Decididamente é de maravilhas esta casa; o povo tem razão. A morgada defunta foi de certo quem se encarregou de fazer os convites.

—É verdade, como foi que vieram aqui?— perguntou Christina, já mais desenleiada—Já sei, foi este Torquato que me não guardou segredo. O que merecia!...

—Eu, menina?! Ora essa! Eu até...

—N'este Torquato ha alguma coisa mais para receiar do que a indiscrição— disse Magdalena.

—Que é?— tornou a prima.

—E' a discrição.

—Então porquê?

—Torquato é discreto com umas meias palavras, que exprimem mais do que a verdade.

—Eu...— ia a dizer o velho, justificando-se, quando Henrique o interrompeu.

—Mas, emfim, expliquemos mutuamente a nossa presença aqui.

—N'esse caso é justo que falle primeiro Christina.

—Que hei de eu dizer?

—Explica a tua presença aqui. Então não ouviste o primo Henrique?

—Ora, já o sabem.

—Mas talvez não lhe seja desagradavel ouvil-o outra vez da tua bôca.

—Não, não, a minha vinda, essa não tem que explicar.

—Que diz, primo Henrique?

—Não tenho coragem para pedir mais do que tenho pedido já.

—Pedido e obtido, póde accrescentar. Bem, Christina veio aqui trazida por um sentimento de piedade e de...

—Lena!

—Assim mesmo sempre seria curioso ouvir a narıção dos sustos que ella sentiu por o caminho, desde o Iosteiro até aqui. O Torquato não era de certo bastante ara lhe limpar a estrada de visões e malfeitores.

Christina pôz-se a rir.

—Mas vamos ás explicações da presença dos mais. Christina avisou o Torquato, o Torquato avisou o priıo Henrique...

—Eu?!

Christina olhou para o velho com um meigo gesto e reprehensão.

—Se eu o soubesse!...

—Eu... eu não disse... eu... eu só disse...

Henrique tomou a palavra.

—Torquato não é de todo culpado. Pois acha que ão haveria em mim alguma coisa que me ajudasse a divinhar? Torquato atraiçoou-se involuntaria, inconcientemente. Mas emquanto á prima...

—Eu? Soube-o tambem do Torquato.

—Pois tambem a ti o disse? Olhem que homem de egredo!

—Isso é que não. Eu não disse á snr.ª D. Magdaına... Ella é que...

—Foi o que eu disse ha pouco. A discrição do Toruato é que revelou o segredo.

—Como?

—O Torquato fallou com o seu velho amigo herbaario.

—Eu a esse não disse...

—Não, a esse quiz occultar, e d'ahi é que veio o ıal.

—Ora, ora...

—O que eu sei é que Vicente veio procurar-me á orta do Mosteiro, e ralhou-me com uma severidade e ma aspereza, como ainda lhe não tinha merecido nunca. stava o homem convencido de que eu era a heroina 'umas aventuras romanticas que se verificavam de noite 'esta minha propriedade dos Canaviaes. E tão irritado stava, que não me quiz ouvir, quando eu procurava

esclarecer o que para mim era um perfeito enigma. Ao retirar-se porém disse-me que não lhe quizesse occultar a verdade, porque do Torquato soubera tudo.

— Eu não disse...

— E depois a prima...

— Eu então chamei este senhor, armei-me de toda a minha gravidade, e exigi que fallasse e me dissesse tudo o que havia e tudo o que sabia a respeito d'uns passeios aos Canaviaes; elle estava pêrro, mas af final fallou.

— Mas sabia tambem que eu vinha? — perguntou Henrique.

— Pois não se lembra de que pela manhã me tinha cançado com perguntas a respeito do caminho para a casa dos Canaviaes? Eu já estranhava a insistencia; depois do que soube, tive uma supeita. Perguntei ao Torquato se lhe fallára n'isto. A resposta d'elle, apesar da sua hesitação e ambiguidade, habilitou-me a concluir que teria o gosto de receber o primo em minha casa.

— E que disseste no Mosteiro? Sabem que vieste? Não.

— Disse que ia visitar Brizida, onde passaria a noite. Bem me viste sahir. Viemos ambas para aqui ainda com dia para pôr a casa em arranjo.

— São mesmo coisas tuas — disse Christina, rindo.

— Mas eu não disse nada — insistiu Torquato.

— Porém, porque motivo se irritou tanto o herbanario? — perguntou Henrique — Que imaginava elle a final?

— Ah!... É porque este snr. Torquato teve a habilidade, com as suas meias palavras, e reticencias indiscretamente discretas, de arranjar as coisas de maneira que o velho Vicente chegou a persuadir-se de que havia aqui um romance em que entrava eu... A discrição do Torquato é das que respeita os nomes, de maneira que as honras da aventura foram-me todas attribuidas... N'este mesmo romance parece que entrava tambem o primo Henrique...

— Ah! percebo agora. — disse Henrique rindo — O velho é ciumento por procuração.

Magdalena abanou a cabeça, sorrindo tambem.

Christina, que já estava habilitada para entender a allusão de Henrique, sorriu com elles.

O Torquato foi o unico que nada percebeu.

Eram perto de duas horas quando a morgadinha lembrou a necessidade de voltarem a casa.

— Choverá? — perguntou Brizida.

— Julgo que não — respondeu Magdalena, e como para assegurar-se correu a vidraça da janella e examinou o firmamento.

Henrique acompanhou-a.

— A noite está serena. — disse ella — São horas de voltarmos.

— Mal sabe a tia D. Victoria por onde lhe anda parte da familia a estas horas. — disse Henrique debruçando-se na janella, e continuou — Mas que agradavel noite! Não poder prolongal-a, por toda a eternidade!

— Vamos, vamos — respondeu Magdalena — o dia d'ámanhã deve ser mais feliz ainda porque...

N'isto, como se alguma coisa tivesse observado na rua que lhe attrahisse a attenção, calou-se, mal podendo reter um leve grito.

— Que foi? — perguntou Henrique que o percebeu.

— Nada — respondeu ella, correndo a vidraça e afastando-se da janella.

— Viu a alma da morgada? — perguntou jovialmente Henrique, vendo-a preoccupada.

— Não. — respondeu Magdalena, meio a sorrir e meio séria — Póde porém haver apparições peiores.

— Que é, Lena? Que viste tu? — perguntou Christina assustada.

— Socega, filha, nada que possa transtornar o nosso regresso. Vamos.

E, passados poucos minutos, sahiram todos os que até alli animavam aquella habitação solitaria, e ella permanecia outra vez em trevas, em silencio e na sua quasi desolação.

XIII

No dia seguinte, pela manhã, recebeu-se na Alvapenha noticia da chegada do conselheiro e de Angelo. A impressão profunda que a este ultimo causára a morte de Ermelinda, tinha resolvido o pae a trazel-o comsigo para a aldeia a distrahir e robustecer com os ares livres do campo. D. Dorotheia apressou-se, segundo o costume, a visitar o conselheiro; Henrique acompanhou-a e de caminho pôl-a ao facto do estado do seu coração, e encarregou-a de communicar isto mesmo a D. Victoria e de fazer-lhe, em seu nome, um formal pedido da mão de Christina.

D. Dorotheia ficou ao principio admirada. Ainda se não desacostumára de considerar Christina como uma creança. Havia tão pouco tempo que usava ainda de vestidos curtos.

Reflectindo porém, acabou por achar a coisa natural, vantajosa e agradavel, e felicitou o sobrinho pela boa escolha que fizera.

Henrique, com o prazer pueril d'um verdadeiro namorado, não se fartou de fazer fallar a tia nas qualidades de Christina, e d'esta vez as habituaes prolixidades da boa senhora não conseguiam enfastial-o. Estava devéras apaixonado!

Chegaram ao Mosteiro.

O conselheiro recebeu-os com ar de satisfação e apparente tranquillidade de espirito; mas um exame attento conseguiria descobrir-lhe no sorriso o que quer que era forçado, a revelar certa preoccupação interior.

É que, desde que chegára, tinha sondado melhor o animo publico da terra, ou dos influentes que o representavam, e reconhecêra que estava muito arriscada d'esta vez a sua candidatura.

Não lhe sobrava muito tempo para trabalhos, porque d'ahi a dous dias realisavam-se as eleições. Tudo estava por fazer, emquanto que os seus adversarios havia muito que tinham tudo feito. Alguns dos personagens politicos, com que contava, falharam-lhe, e até nem o visitaram. As authoridades locaes eram-lhe manifestamente hostis, desde o administrador até ao cabo de policia.

Henrique percebeu a violencia que sobre si estava fazendo o conselheiro para conversar em assumptos alheios á questão que o interessava, para sorrir e prestar attenção ao que se dizia.

De quando em quando lia ou relia uma carta, tomava um apontamento, escrevia um bilhete, retirava-se por momentos para receber algum agente eleitoral que o procurava, despachava um emissario, finalmente não podia socegar.

Foi na occasião em que elle consultava mais uma vez a lista de recenseados d'aquelle circulo eleitoral, emquanto Henrique e Magdalena faziam por distrahir Angelo, conversando em varios assumptos, que entrou D. Victoria, a quem acabava de ser formulado por D. Dorotheia, e em nome de Henrique, o pedido da mão de Christina. D. Victoria trazia bem visivel na physionomia todo o jubilo que a nova lhe causára. Era muito amiga de Magdalena, mas, desculpem-lhe esta vaidade maternal, o que mais que tudo a lisongeára, fôra a preferencia dada por Henrique a sua filha sobre a morgadinha.

—Tenho muito que lhe ralhar, snr. Henrique.— dizia ella—Estou mesmo muito arrenegada comsigo.

—Porquê, minha senhora?— perguntou Henrique, sorrindo.

—Pois então isto é coisa que se faça? Já precisa de embaixadores para se dirigir a mim?

—Perdão, minha senhora! Era do meu dever deixar completa liberdade a v. exc.ª para fazer todas as reflexões que a proposta lhe suggerisse e discutil-a á von-

tade, e, por delicadeza, podia v. exc.ª ás vezes, sendo eu mesmo quem a fizesse, cohibir-se...

—Ai, eu havia de pôr muitas dúvidas! Na verdade um rapaz de tão má nota!... Ora sempre tem coisas!

—Visto isso, posso esperar?...

—Da minha parte uma guerra de morte — disse D. Victoria, não resistindo a dar um abraço a Henrique, já com familiaridade de mãe; abraço que Henrique retribuiu com affecto.

O conselheiro não dava attenção á scena.

—Então, mano! — bradou-lhe D. Victoria — Deixe lá essas politicas, que temos negocios sérios em casa.

—Sim? — disse o conselheiro, dobrando os papeis que lia, e simulando um ar de interesse que realmente estava muito longe de sentir — Então de que se trata?

—D'um negocio importante, em que é preciso que seja ouvido.

—Ah! Então é um caso de consciencia?

—E não o diga a rir, que é. Aqui o snr. Henrique de Souzellas acaba de me fazer um pedido... Isto é, a prima Dorotheia foi que m'o fez.

—Mas por ordem d'elle — acudiu esta.

—Pois sim, o que era bem escusado.

—Mas então que pede de nós este caro snr. Henrique?

—Nem mais nem menos do que uma das nossas pequenas.

O conselheiro relanceou um olhar para Magdalena. Já, por mais d'uma vez, a hypothese do casamento da filha com Henrique lhe tinha passado pela ideia, e de modo algum lhe era antipathica. Henrique tinha um bom nome, rendimentos sufficientes, e, se quizesse, um futuro na sociedade, e o conselheiro tudo isto invejava para os seus filhos.

Magdalena, que percebeu no gesto do pae a ideia que elle tivera, quiz tiral-o quanto antes da illusão e disse:

—Quem mais razão tinha para protestar era eu. Ha de fazer-me falta a amizade de Christina.

—Ah! — disse o conselheiro, com um sorriso um

tanto contrafeito—Então quer-nos roubar a nossa Christina, snr. Henrique?

—É apenas uma restituição que peço, snr. conselheiro, porque não me posso resignar a viver sem coração.

—Faz madrigal? Está então apaixonado devéras, já vejo.— disse o conselheiro—Pela minha parte folgo de o ver assim associado á minha familia, por tão bom caminho. Mas onde está a thaumaturga que fez o milagre de converter este celibatario emerito, que eu conheci em Lisboa a rir-se do casamento?

—Por piedade, não me recorde esses peccados diante da prima Magdalena, que é tão rigorosa nos castigos!

—Diga antes, que sou tão excessiva nas recompensas.

—Mas o mano tem razão.— disse D. Victoria—Onde está a Christe? Admira-me não a vêr aqui!

—Admirar, não me admiro eu.— tornou o conselheiro—É provavel que soubesse do que se tratava e eclipsou-se discretamente. Porque isto foi de certo discutido por as partes interessadas, antes de subir ao nosso tribunal.

Henrique e Magdalena sorriram.

—Ora se foi! E parece-me que tu, Lena, fizeste d'esta vez de S. Gonçalo. Deus queira que te não queimes ainda no fogo ao ateares d'estes fachos.

—Eu vou buscar a Christe— disse a morgadinha, rindo das palavras do pae, e sahiu da sala como para evitar que a conversa seguisse a direcção que elle lhe deu.

O conselheiro voltou n'este intervallo a consultar papeis e cartas, emquanto D. Victoria fallava com Henrique, e D. Dorotheia tentava distrahir Angelo, contando-lhe varias historias de creanças, que elle mal escutava, e que ella tinha a candura de julgar alimento accommodado á intelligencia d'elle.

Passados momentos voltava Magdalena, trazendo Christina comsigo, a qual já vinha com o rubor nas faces e com os olhos no chão.

—Aqui está a accusada— disse a morgadinha ao entrar.

O conselheiro tornou a guardar os papeis e disse jovialmente para a sobrinha:

—Ora venha cá, venha cá, que temos muito que fallar.

E passando-lhe a mão por baixo da barba, para a obrigar a fital-o, continuou:

—Então assim se trama uma conspiração ás caladas? Surprender a gente com uma noticia de tal ordem! Ainda ha pouco demittido um ministerio de bonecas, e já um golpe d'estado d'esta natureza! Sim, senhora, é energia. Nunca o esperei! Ora dê cá um beijo, emquanto não tenho quem me peça explicações por os que lhe roubar.

E o conselheiro, com perfeita galanteria e affecto, beijou-a nas faces tingidas pelo pejo e pela alegria.

Depois voltando-se para Henrique, accrescentou sorrindo:

—São os penultimos.

—Os penultimos?— disse D. Victoria, rindo—Ora essa! Então para quando ficam os ultimos?

—Para quando a vir com a grinalda de noiva.

—O que eu nunca esperei é que fosse a nossa Christe que désse o exemplo á prima. Não tens vergonha, Lena— disse D. Dorotheia para a morgadinha, em quem esta reflexão fez nascer um gesto de contrariedade, que trouxe aos labios de Angelo o primeiro sorriso d'aquella manhã.

O conselheiro e Henrique sorriram tambem.

—Eu prometto casar-lhe a prima Magdalena, dentro em pouco, tia— disse Henrique, com intenção.

—Não prometta. Esses negocios deixe-os ao meu cuidado. Bem sabe que sou teimosa e tenho a ingenuidade de acreditar que ainda ha coisas no mundo que se devem decidir pelo coração sómente.

—E Deus me livre de o não consultar. Seria abjurar os meus proprios actos.

—O *sómente* é que veio de mais, filha.— disse o conselheiro—Attenda-se ao coração, embora. Mas só ao coração? Isso era bom se vivessemos em um mundo de corações.

A chegada de novos personagens desviou a direcção la conversa e modificou a scena.

Eram influentes politicos, que obrigaram as senhoas a retirarem-se. Henrique ficou, a pedido do consebeiro. O mestre Bento Pertunhas entrava no numero los recem-chegados. O papel que alli desempenhava o atinista era de suspeitosa natureza.

Vinha tambem a alma politica do partido do consereiro, o Tapadas, que n'estas épocas não comia, não lormia, não respirava, por assim dizer, senão eleições, desenvolvia uma miraculosa actividade, correndo a tolos os pontos perigosos, conquistando votos, um a um, lidando por desenredar as meadas politicas dos adverarios e enredar as suas.

— Então que novas temos da campanha, meus sehores? — perguntou o conselheiro, puxando cadeiras ara os seus constituintes, e affectando um tom de conança que não sentia.

— Más, snr. conselheiro — respondeu o Tapadas — iuito más. Vejo isto muito feio.

— Ora a coisa ainda não ha de ser tão má como diz.

— Nada, nada; não me agrada. V. exc.ª descuidou-e. Tenha paciencia, mas eu bem lh'o disse. Eu sei como stas coisas são. É preciso não as desacompanhar. V. exc.ª evia vir ha mais tempo.

O Pertunhas acudiu:

— Deixe lá, snr. Tapadas, o snr. conselheiro tem nigos decididos, e os serviços que fez á terra...

— Ora com o que vmc.ª vem! — replicou o Tapadas om modo azedo — Então não sabe como é esta gente? ntão não os ouve ahi berrar já contra as estradas, uando até agora berravam por as não terem?

— Meia duzia de garotos — tornou o Pertunhas.

— Não, senhor, não é assim; não estejamos a engaar-nos. Os que não dizem mal das estradas, sabem uito bem dizer que ao ministerio as devem, e estamos a mesma. A coisa vai mal.

— Então decididamente o Seabra?... — perguntou o onselheiro.

— Esse é o chefe de todos elles. — disse um mer-

ceeiro — Á porta da minha loja o ouvi eu estar a dizer ao cunhado do administrador que o traçado da estrada era o peior que podia ser, que se gastava alli um dinheiro louco, sem utilidade para o povo.

O conselheiro olhou para Henrique, dizendo:

— Lembra-se do que eu lhe disse na noite de Natal, a respeito d'este traçado e dos pedidos do brazileiro para elle se adoptar? Admire agora o velhaco.

Henrique sorriu, encolhendo os hombros.

— Arremedos do que se faz em terras maiores. — disse elle — Não estranho.

— E tem razão — respondeu o conselheiro.

— Mas, a final — continuou o conselheiro — o homem não tinha na freguezia grande influencia. Como é que?...

— Tem-se popularisado ultimamente um pouco mais. Deu em franquear vinho por ahi a toda a gente, e depois os padres estão de bem com elle e de mal com v. exc.ª

— Mas como se lhe desenfreou tão de repente esse odio contra mim? Deixámo-nos em janeiro nas melhores disposições, um para com outro...

— Pelos modos não sei que alli se fallou d'uma carta do ministro ou ao ministro... — disse o Tapadas, com maneiras de quem não dera grande importancia ao objecto a que se referia.

O conselheiro mudou logo de assumpto.

— E os padres? os padres? Que heresia disse eu, que peccado grande commetti, para me terem esse odio?

— Dizem que v. exc.ª é maçâo — respondeu um lavrador.

— O diacho da questão do cemiterio... — acudiu o Tapadas.

— Isso acalmou já.

— Não acalmou, não, senhor. O povo não está contente. É certo que lhe passou a furia do principio, depois d'aquella historia com o Cancella, mas...

— Quando me lembro de que aquella canalha se atreveu a insultar minha filha!

— É melhor não fallar n'isso — aconselhou pruden-

temente o Tapadas.—O que lá vai, lá vai. Os homens estão meio arrependidos, e até o missionario perdeu um pouco entre o povo, porque o Herodes tem por ahi berrado que foi elle quem lhe matou a filha, e o pobre homem mette pena. Até me dizem que por causa d'isso o padre já se retirou da aldeia. O que era bom era ver até se se fallava ao Herodes, porque talvez elle possa agora ainda arranjar alguns votos— accrescentou o Tapadas, disposto a servir-se da dôr d'um pae como arma eleitoral.

E continuou-se fervorosamente na edificante obra de combinar tramas politicos. Discutiram-se os diversos processos de angariar as potencias eleitoraes do circulo. Estudaram-se as ambições de cada uma; ponderaram-se as exigencias feitas por uns, os desejos advinhados em outros, para este o emprego d'um afilhado, áquelle o bom exito d'uma demanda, a outro o pagamento d'uma divida, ou o resgate d'uma hypotheca, e a alguns até nua e descaradamente o dinheiro. N'esta empreza de subornar consciencias e sophismar a urna entreteve-se o conciliabulo, sem que nenhum dos membros d'elle sentisse remorsos por o que estava fazendo alli.

Entre os discutidos foi o snr. Joãosinho das Perdizes um dos principaes.

—Então sempre é certo que me roeu a corda esse basbaque?— perguntou, ao fallar-se n'elle, o conselheiro.

—É dos mais assanhados— responderam-lhe.

—Mas quem diabo lhe virou a cabeça? Um velhaco a quem tantas vezes tenho tirado de apuros!

—Tanto lhe atordoaram os ouvidos com a historia dos cemiterios...— disse o Pertunhas.

—Deixe lá! alli andou tambem um presente que lhe fez o brazileiro. O morgado está muitas vezes com a corda na garganta— explicou malignamente o Tapadas, cujo scepticismo robustecido no uso das demandas e da politica, não achava explicações tão plausiveis como a corrupção.

—E depois o homem tomou as dôres pelo Vicente herbanario— insistiu o tendeiro.

—Ora adeus!— disse o Tapadas—Bem me fio eu n'essas compaixões. Quem os não conhecer...

—E que tem o tolo com os negocios do herbanario?— insistiu o conselheiro de máu humor.

—Então? Deu-lhe para alli.

—Qual historias! Para mim é que vem com isso?— teimava o sceptico Tapadas.

—Tambem uma coisa que buliu com elle foi aquillo no outro dia na taverna com este senhor— disse o Pertunhas designando Henrique.

—Sinto, snr. conselheiro— disse este—se d'alguma maneira concorri...

—De modo algum. Aquelle selvagem vai para onde o empurram. Á ultima hora é capaz de mudar de tenção. É por causa d'elle é que ficou despachado professor um pateta em vez de Augusto.

Depois de dizer estas palavras, o conselheiro accrescentou com despeito:

—Mas até certo ponto foi bom para me desenganar a respeito do caracter de certos homens. Ha vinganças tão torpes e mesquinhas que nenhum aggravo as justifica.

Henrique procurou defender Augusto; achou porém o conselheiro obstinado na sua crença.

Henrique alludiu ao brazileiro Seabra como o mais plausivel promotor da intriga.

—Embora o fosse—respondeu o conselheiro—mas que tem isso? O Seabra não veio a minha casa, não suspeitava da existencia da tal carta. Alguem houve que a leu primeiro e que lh'a foi entregar depois, e já é ser muito indulgente suppor que foram só cegueiras de vingança e não a sordidez da cubiça quem o moveu a essa infamia.

Henrique viu que perdia o seu tempo em defender Augusto, comtudo jurou pela innocencia d'elle.

O conselheiro ia a responder-lhe, quando o distrahiu uma altercação travada entre Pertunhas e o Tapadas.

Aquelle estava sendo fertilissimo em alvitres para vencer resistencias eleitoraes. O Tapadas, que desconfiou d'elle, disse-lhe subitamente:

—Olá, ó snr. Pertunhas, é melhor parolar menos e fazer coisa que se veja; ou deixa só as obras para o seu amigo Seabra?

D'aqui protestos energicos do Pertunhas, e a altercação virulenta que o conselheiro teve de apaziguar.

A conferencia durou até ás horas do jantar.

XIV

Chegára o praso e dia assignalado de se dar perante a urna a batalha eleitoral.

A azafama politica activára-se n'estes ultimos dias consideravelmente. De parte a parte tinham-se posto em campo todos os influentes e em exercicio todas as armas. Promessas, alliciações, pressão de authoridades, exigencias a dependentes, subornos, ameaças, mais ou menos declaradas; de tudo se lançava mão.

Ás vezes até o calor das discussões degenerava em pugnas menos pacificas; os argumentos physicos, que figuram no catalogo das razões mais convincentes, haviam já sido invocados a pleitear ambas as causas, berrando-se depois, d'um lado, contra a violencia e o despotismo do governo, do outro, contra os manejos sediciosos e anarchicos da opposição.

Em algumas freguezias que entravam n'este circulo eleitoral, eram os padres que, arvorando a cruz e o estandarte, prégavam a cruzada contra o conselheiro e instavam com o povo para que não elegesse para representante um atheu e um pedreiro livre; em outras eram os agentes do brazileiro e os da authoridade, fazendo promessas aos caudilhos populares, resgatando penhores, levantando hypothecas, remindo dividas, empregando afilhados, e conquistando assim para o seu partido.

O conselheiro e os seus parciaes não despresavam tambem nenhum d'estes mesmos meios, e grossas quantias circulavam a combater as do brazileiro Seabra.

Os periodicos do Porto e de Lisboa recebiam os eccos d'esta batalha. Havia muito que em longas e diffusas correspondencias os gladiadores dos dois campos se mimoseavam com as mais descabelladas verrinas, assignando-se: o *Amigo da verdrde;* o *Epaminondas;* o *Vigilante;* a *Sentinella;* o *Alerta,* etc., e pondo ao soalheiro as maculas da vida privada uns dos outros, e todas as bisbilhotices da terra; correspondencias que, felizmente para credito da humanidade, por ninguem mais, além dos interessados e dos que já os conheciam, eram lidas.

O brazileiro era um dos mais activos e fecundos collaborados d'esta secção periodistica. Os seus communicados eram estirados, compactos, obscuros, e enrevezados tanto ou mais do que os seus discursos. Perdia-se em minuciosos incidentes, em labyrinthos de orações secundarias, d'onde a grammatica da principal sahia frequentemente maltratada, deixando ficar por lá o sugeito, o verbo ou qualquer complemento necessario. Mas o brazileiro imaginava que o paiz inteiro aguardava com ancia os seus escriptos. Era frequente abrir uma resposta, a alguma zargunchada d'um seu adversario, por estas palavras: «Os leitores hão de ter notado o meu silencio, depois das calumniosas asserções...» Os leitores não tinham notado nada.

Finalmente a aldeia achava-se em plena fermentação politica.

Eu tenho a fraqueza de a não amar debaixo d'aquelle aspecto.

A vida politica tem isso comsigo. Quanto mais estreito, mais apertado é o circulo social onde se manifesta, quanto mais visinhos e conhecidos são os que vivem d'ella, tanto mais acanhada, mexeriqueira e antipathica se torna. Se a politica do nosso paiz é já pequena, como elle, e degenera em desavença de senhoras visinhas, que fará nas terras pequenas d'este paiz, em que muito acima dos principios e dos partidos estão os mexericos e as vaidadesinhas que brotam como tortulhos á sombra das arvores do campanario?!

Que desconsoladora distancia da realidade ao ideal da vida dos povos!

Henrique de Souzellas não ficára indifferente ao movimento politico da aldeia. Pegára-se-lhe a febre eleitoral. Impedido de votar, auxiliava porém os parciaes do conselheiro com os avisos da sua experiencia. Um dia lembrou um *meeting*. O conselheiro poz-se a rir.

—Que utopia? Com que especie de eleitores imagina que está tratando? Um *meeting*, para quê? Não se esqueça de ir domingo á igreja, e lá se desenganará por os seus olhos. O espectaculo não é muito para alegrar, porque mostra como em geral o nosso paiz está ainda pouco educado no regimen constitucional. Mas em todo o caso é instructivo.

Os manejos dos amigos do conselheiro e principalmente do infatigavel Tapadas, conseguiram ainda resultados importantes em relação ao tempo em que principiaram a operar com mais energia. Algumas freguezias havia com que já se podia contar.

A eleição porém estava muito arriscada ainda. O snr. Joãosinho das Perdizes devia decidir a contenda. Para onde se inclinasse o morgado, com todo o peso dos seus comparochianos, desceria o prato da balança.

Contra elle pois assestou o conselheiro toda a artilheria; mas sem o menor resultado. O homem evitava subtilmente encontrar-se com elle, e aos seus emissarios respondia com insolencia. O Seabra pela sua parte nunca o largava, vigiava-o como um precioso thesouro, não se descuidava de o manter nas disposições hostis contra o conselheiro. A todo o momento fazia-lhe sentir o insulto que recebêra na taverna, e a necessidade que tinha, para se desaffrontar, de infligir uma lição ao conselheiro, com quem Henrique estava ligado. Depois disse-lhe que o conselheiro se gabava de ter dinheiro para comprar o morgado e toda a freguezia.

O morgado, sob estas e analogas instigações, praguejava e jurava despejar na urna ministerial o suffragio da sua freguezia.

Assim pois todas as probabilidades eram a favor do candidato do governo, homem desconhecido d'este povo, o qual tambem era desconhecido para elle, um empregado de secretaria, que nunca sahira de Lisboa e que

era o primeiro a rir-se do campanario obscuro de que se propunha a ser representante; creatura dos ministros, que o desejavam eleger a todo o custo, por terem n'elle um voto complacente e um parlamentar de boa feição.

Logo pela manhã do domingo, marcado para a grande solemnidade civil, o adro da igreja parochial apresentava uma animação fóra do costume. Grupos formados aqui e alli conferenciavam, entre-olhando-se com desconfiança, ou correspondendo-se por signaes de intelligencia, conforme pertenciam á mesma ou a opposta parcialidade. Os agentes eleitoraes, os influentes dos dois campos acercavam-se d'este, apertavam a mão áquelle, segredavam com um, batiam no hombro a outro, discutiam com um terceiro, e, sempre que era possivel, distribuiam listas ao maior numero.

O brazileiro era a alma do partido governamental. O Tapadas capitaneava a phalange do conselheiro. Pertinhas fallava com todos, esfregando as mãos e sorrindo. O regedor passeava com importancia por entre os grupos, recommendava ordem e respeito ás authoridades, e dava d'ôlho aos cabos, seus subordinados, para que se não esquecessem de cumprir as instrucções recebidas, votando no candidato ministerial.

Approximava-se a hora, e principiavam os trabalhos para a constituição da mesa. O parocho, o administrador e o regedor foram occupar o seu logar. Ficou presidente o brazileiro, e o resto da mesa formou-se d'entre as duas parcialidades.

Emquanto se organisavam assim os trabalhos, eram discutidas no adro as probabilidades da victoria.

N'um dos grupos formados, junto da porta da igreja, por os partidarios do brazileiro, dizia-se:

—Vencemos por uma maioria de mais de duzentos votos; verão!

—Só a freguezia de Pinchões enche-nos ahi a urna.

—E estará bem seguro o morgado?

—O snr. Joãosinho!? Ora! Está de ferro e fogo contra o conselheiro.

—Pois se te parece! Depois d'aquelles mimos que

lhe fizeram na taverna, e do que d'elle se tem dito no Mosteiro!...

—Não é só por isso. Elle já estava do nosso lado, desde que soube tinham deitado abaixo a casa do herbanario, e que o pobre do homem estava succumbido de todo.

—É verdade! ahi temos mais um a votar contra o conselheiro d'esta vez.

—Quem? O Vicente? Esse sim! Então não sabes que o pobre velho já se não levanta da cama?

—Ai, não?

—Andava já muito fraco e doente; mas ha tres dias, sobre tudo, tem ido de peior a peior, e com uma pressa, que, segundo ouvi dizer, aquillo está por pouco tempo; nem deita a semana fóra.

—Coitado!

—Ahi vem quem ainda hoje o viu. Não é verdade, snr. Pertunhas?

—O quê, meus amigos, o quê? o que é que é verdade? o que é que dizem?— perguntou o mestre de latim, esfregando sempre as mãos.

—Não é verdade que o Vicente herbanario está a ajustar contas?

—Oh! pobre de Christo! Aquillo corta o coração! Sempre eu digo que uma crueldade assim, como a do conselheiro!

—Muitos do povo d'aqui vem votar contra o conselheiro, só por causa do mal que fez áquelle sancto velho.

—E com razão.

—E então para quê, senhores, para quê?— continuava o Pertunhas—Para fazer uma estrada em que se gastam rios de dinheiro, e que a final não presta! Pois eu passei por a casa do herbanario ha pouco, quero dizer por a casa do Augusto, que é onde vive agora o Vicente. O rapaz estava á porta. Então, snr. Augusto, disse-lhe eu, á urna! vamos á urna! Elle encolheu os hombros como quem diz: «bem me importa a mim com isso.»

—Ahi está outro que tambem não é pelo conselheiro.

—Porque não? Pois não é elle todo do Mosteiro?

—Foi, foi.—replicou o Pertunhas—Então vem. não

sabe que o conselheiro, depois de lhe fazer a fineza de lhe arranjar a demissão, inda por cima o poz fóra de casa, porque pelos modos o rapaz... fez publicar umas certas cartas... que compromettiam o homem? A fallar a verdade, tambem não foi bonito.

—Fez elle muito bem.

—Mas, como eu dizia, pozemo-nos a fallar e eu estava-lhe dizendo que o povo o vingaria da affronta que lhe fizera o conselheiro, porque ía dar a este um cheque de que elle se havia de lembrar toda a vida; quando o Vicente, que me ouvia de dentro, chamou-me e mandou-me entrar. Foi então que eu o vi... Parecia-me outro!... Imaginem vocês, outro tanto de magro e outro tanto de velho... Mettia dó! Poz-se a perguntar-me muitas coisas, o que havia, o que não havia, por quem estava este, por quem estava aquelle... Eu disse-lhe tudo: que o conselheiro, por mais que fizesse, já não podia vencer; que não arranjaria os votos precisos para cobrir a freguezia de Pinchões. O velho ficou admirado quando eu lhe disse que o snr. Joãosinho era dos nossos. E lá o deixei a remoer a noticia. Ao menos resta-me a consolação de lhe ter adoçado com ella os ultimos momentos.

N'este ponto da conversa viram passar por elles Henrique, que ía ter com um agente eleitoral, a suggerir-lhe uma ideia para vencer não sei que eleitor recalcitrante.

—Ahi anda este.— disse um dos do grupo, seguindo-o com a vista—Era bem feito que lhe dessem outra lição, como a da taverna do Canada.

—Ordem, ordem e prudencia!— disse o Pertunhas —É preciso manter a liberdade da urna, senhores, e as garantias constitucionaes!

—Mas que tem este senhor com as nossas eleições?

—Quem o manda metter-se cá n'estas coisas?

—Ora é boa! Então não sabem que elle casa no Mosteiro?— disse o Pertunhas, que andava sempre informado das vidas alheias.

—Sim?!

—É verdade. Ha pouco, quando eu estava fallando com o Augusto, veio a nós o José barbeiro, que nos

deu essa novidade, que lh'a dissera o Manoel da Quinta, que a ouvira á Gertrudes, criada do Mosteiro.

—Casa com a morgadinha, já se sabe?

—Pois vêdes! Não que a bolada convida! A mim logo me farejou isso, quando vi chegar este figurão cá á terra. Mas querem vocês saber uma coisa engraçada?... Pareceu-me que o Augustito do doutor não gostou da novidade.

—Não?... Então porquê?!

—Vi-o fazer-se de mil cores quando a ouviu... Pois ter-se-lhe-ía mettido na cabeça... Hein?!

—Tinha graça. Mas olha o milagre!...

—Ah! ah!... Este mundo é muito divertido!

N'isto sahiu a correr da igreja um influente politico, e principiou a olhar para todos os lados como procurando alguem.

—Que temos nós lá, ó snr. Luiz?— perguntou-lhe o Pertunhas.

—Onde diabo estão os de Pinchões?— perguntou o interpellado.

—Inda não vieram.

—Diabos os levem! Vai-se principiar a chamada e elles não apparecem. O morgado é homem para se esquecer a catar os cães.

—Mas vamos nós principiando, e no entretanto elles virão— disse o Pertunhas, que fôra nomeado para revezador do secretario da mesa.

—Mas a primeira freguezia que vota é justamente a d'elle. O snr. Seabra está como uma bicha!

E dizendo isto, o homem voltou para dentro.

A mesa eleitoral, instituida no meio da igreja, com grande escandalo do beaterio, que pela voz dos padres chamava áquillo artes do demonio, ía principiar a funccionar. O conselheiro, que viera mais tarde, de proposito para não formar parte da mesa, requereu, com o relogio na mão, que se abrisse a urna, visto ser a hora marcada no edital.

Este requerimento, simples e justo como era, suscitou discussão.

O brazileiro allegou que, sendo os de Pinchões os

primeiros a votar, em virtude do artigo 62.º do decreto eleitoral, que manda votar primeiro a freguezia mais distante, e não estando na assembleia ninguem d'aquella freguezia, convinha esperar.

O conselheiro insistiu, dizendo que a lei não mandava esperar por os eleitores, mas apenas indicava a ordem da chamada, e que portanto votassem os presentes, e que na segunda chamada, ou nas duas horas de espera, votariam os ausentes que depois viessem.

Esta questão não se resolveu de prompto. Trocados alguns alvitres, lida a lei, discutidos os artigos d'ella, consultados os recenseamentos e mappas, pedidos esclarecimentos ao regedor, ao administrador, e ao parocho, é que se approvou a proposta do conselheiro e principiou a chamada.

A freguezia de Pinchões faltou em pêso.

O brazileiro estava perturbado; olhava para a porta, olhava para a lista dos recenseados, olhava para os amigos, olhava para os adversarios, e sobre tudo para o conselheiro, em cuja insistencia em principiar a votação, julgou descobrir cavillação. Na urna não tinha entrado uma só lista. Pregoou-se o ultimo nome dos eleitores de Pinchões. Ninguem ainda!

Passou-se a outra freguezia.

O brazileiro já não estava em si.

Os primeiros votos recolhidos mal os pôde introduzir na urna, de tremulo e sobresaltado que estava.

O homem suppunha que lhe tinha sido roubada á ultima hora uma freguezia inteira. Não estava muito longe de acreditar que os agentes do conselheiro a haviam arrazado completamente.

A freguezia que se seguia na votação era uma das que se conservavam fieis ao conselheiro, circumstancia que augmentava a indisposição do Seabra.

A votação ia porém correndo, interrompida apenas por algumas questiunculas sobre a identidade d'um ou d'outro eleitor e sobre a regularidade d'esta ou d'aquella lista, graças aos futeis pretextos de que os contendores lançavam mão para disputarem, voto a voto, o suffragio popular.

Ia adiantada a votação, quando correu na igreja uma voz que veio infundir alento no animo desfallecido do brazileiro.

—Vem ahi os de Pinchões!... Ahi estão os de Pinchões... Ahi vem o snr. Joãosinho e toda a sua gente!—dizia-se de toda a parte.

Esta nova passou de bôca em bôca, a ponto de produzir um susurro na assembleia.

Muitos sahiram para ir receber ao adro os annunciados...

Chegára de facto alli o snr. Joãosinho das Perdizes, frente da sua freguezia.

Leitor, se tens, como eu, esperança e sincera fé no systema representativo, perdoa-me o obrigar-te a assistir a uma scena que faz subir a côr ao rosto de quem, como nós, abençoa os sacrificios por cujo preço nossos paes nos compraram a nobre regalia de intervir, como povo, na governação do Estado, as franquias que nos emanciparam da caprichosa tutela d'um homem, revestido de direitos impiamente chamados divinos, contra os quaes o instincto e a razão igualmente se revoltam. A scena, porém, humilhante como é, não envolve a minima censura á excellencia do systema; mas apenas aos que nos quarenta annos que elle quasi tem de vida entre nós, não souberam ou não quizeram ainda fazer comprehender ao povo toda a grandeza da augusta missão que lhe cabe executar.

Depois das nossas luctas civis, já muitas creanças se fizeram homens; se a escóla fosse entre nós o que devia ser, já haveria sóbra de eleitores com perfeita consciencia dos seus direitos civis.

O atrazo e ignorancia d'elles, contristando, sómente devem impellir os homens de intenções sinceras e puras a applicar os esforços de intelligencia e de acção para ministrar com a educação a moralidade, e para acordar a consciencia d'esta entidade social.

Era o snr. Joãosinho das Perdizes á frente da sua freguezia, disse eu.

E é justamente este o espectaculo humilhante de que fallava.

Tendes visto um guardador de cabras á frente do seu rebanho, conduzindo com acenos e assobios todas as barbudas cabeças d'aquelle regimento quadrupede? Pois vistes o mais perfeito simile da scena que se presenciava agora no adro da igreja matriz.

O povo, o povo soberano, que n'aquelle dia tinha nas mãos o sceptro da sua soberania, não era menos docil do que os irracionaes que recordâmos.

O dia em que devia mostrar-se orgulhoso, era quando mais se humilhava; quando podia dispor dos destinos dos seus senhores, era quando mais vergava a cabeça sob o peso que estes lhe assentavam.

Não é similhante esta fôrça inconsciente do povo á do boi robusto e valido, que uma creança dirige e subjuga? Forte como elle, como elle docil, como elle laborioso, como elle util, não vê que a mesma força que emprega no trabalho lhe poderia servir para repellir o jugo. Ou quando o vê, é quando o desespêro e a furia o cegam e o impellem a revoltas tremendas.

Mas o povo de Pinchões, o povo do snr. Joãosinho, estava muito longe d'esses excessos.

O morgado vinha, como já disse, á frente.

A barba por fazer, as melenas despenteadas, o lenço do pescoço solto; sem botões o collarinho da camisa, com as mãos mettidas no cós das ceroulas, o chicote no bolso da jaqueta de pelles, as botas enlameadas até o joelho, a ponta do cigarro ao canto da bôca, o palito atraz da orelha, o chapéo sobre o occiput, dous galgos adiante de si, e o inseparavel Cosme quasi *à latere*. Entrou no adro com ares triumphantes, sorrindo e piscando os olhos para os seus amigos e partidarios, como para lhes fazer notar a numerosa procissão que o seguia e a docilidade dos membros d'ella.

Atraz vinham os eleitores de Pinchões, velhos e moços, ricos e pobres, mas todos com o olhar timido e estupido, todos com movimentos enleiados, todos com os olhos no caudilho, para saber o que deviam fazer. Se elle parava a cumprimentar um amigo, paravam todos com elle; a direcção que tomava, tomavam-na todos a um tempo; apressavam ou demoravam o passo,

segundo a velocidade que elle dava aos seus; se ria, sorriam; se praguejava, tudo ficava sério. O cortejo parou á porta da igreja.

O morgado passou revista á sua tropa, á qual deu instrucções.

Os homens, com os cabellos para diante dos olhos, os braços estendidos e a cabeça baixa, não ousavam fazer um movimento, e conservaram-se enfileirados até nova ordem do snr. Joãosinho.

Pareciam envergonhados de serem precisos a alguem.

No bolso de cada um d'estes homens havia um oitavo de papel almaço dobrado, no qual estava escripto um nome; o nome d'um homem que elles nem sabiam se existia no mundo. No momento devido, cada um d'elles, chamado pela voz do escrutinador eleitoral, responderia: «presente»; aproximar-se-ia da urna, entregaria ao presidente da mesa aquelle papel e retirar-se-ia satisfeito, como se descarregado d'um peso que o opprimia.

Se lhes perguntassem o que tinham feito, qual o alcance d'aquelle acto que acabavam de executar, não saberiam dizel-o; se lhes perguntassem o nome do eleito para advogado dos seus interesses e defensor das suas liberdades, a mesma ignorancia; se lhes propozessem a resignação do direito de votar, aceitariam com jubilo; se, finalmente, lhes dissessem que n'aquelle dia estavam nas suas mãos e dos seus pares os destinos do paiz, abririam os olhos de espantados, ou sorririam com a desconfiança propria dos ignorantes.

Innocente povo!

Querem-te assim os ambiciosos, a quem serves de commodo degráu.

Quando disseram ao snr. Joãosinho que já tinha passado a sua vez de votar, o homem rompeu pela igreja dentro, berrando, bracejando, ameaçando céos e terra, sem attender a quantos lhe clamavam que tinha de se proceder a nova chamada, e que portanto socegasse.

O Cosme seguia-o, prompto a ser executor de suas justiças.

Custou a serenar o morgado, e não o fez senão depois de duas pragas contra as pressas dos senhores da mesa, pragas que razões politicas fizeram engulir ao brazileiro, sem nem sequer lhe tirarem dos labios o sorriso, com que saudára a vinda do morgado.

Cahindo em si, o snr. Joãosinho deu ordem á sua gente para que entrasse para a igreja, e ahi a enfileirou a um dos lados d'ella, promptos á primeira voz.

A chamada proseguia, e a votação não ia já muito favoravel ao conselheiro, a julgar pelos indicios, que não escapam aos olhos amestrados dos mirones.

O brazileiro exultava comsigo mesmo, principalmente quando, por sobre as cabeças dos que se agrupavam em volta da urna, divisava as phalanges do morgado, compactas e decididas.

O conselheiro ainda tentou uma investida com o snr. Joãosinho, indo cumprimental-o affavelmente; este porém grunhiu-lhe um monosyllabo secco, e voltou-lhe as costas, envolvido n'uma nuvem de parciaes do brazileiro.

Era caso desesperado!

Passára já a votar a ultima freguezia, que era justamente aquella onde estava constituida a unica assembleia de que se compunha o circulo eleitoral, e onde o leitor tem passado commigo todo o tempo que dura a nossa narração.

Foi então que votou o conselheiro e os outros conhecidos nossos, entre os quaes o Zé P'reira.

Com este deu-se um episodio comico, que merece menção.

O brazileiro, ao receber a lista que elle lhe offerecia, sabendo-o parcial do conselheiro, recusou-a, allegando que estava marcada, o que era contra a expressa derterminação do artigo 61.º, § unico, da lei eleitoral.

Sabidas as contas, a supposta marca era de natureza de que seria quasi impossivel isentar papel ou objecto qualquer sahido das mãos de Zé P'reira. Era uma nodoa de vinho.

Discutiu-se, ainda assim, se a nodoa era marca ou

não era marca, e se lhe deviam ser applicadas as disposições do § unico do artigo 61.º

A discussão intrincada foi cortada por o Zé P'reira, que disse com a maior candura:

— Se essa está suja, snr. Tapadas, eu tenho aqui mais d'aquellas que vmc.ª me deu.

O proprio conselheiro desatou a rir.

O brazileiro resmungou:

— Então ha suborno aos eleitores? Como se entende isso?

— Ora, não bula na chaga, senão temos muito que ouvir: — disse o Tapadas, e accrescentou — ande para diante; deite a sua lista, snr. Zé.

Os governamentaes, que iam de cima, mostraram-se tolerantes, e a lista cahiu na urna.

Estava a findar a primeira chamada.

Já se liam os ultimos nomes, segundo a ordem alphabetica.

A gente de Pinchões, á voz do snr. Joãosinho, aprompta-va-se para breve entrar em acção na segunda chamada, que ia principiar.

Faltavam uns doze nomes, quando muito, e dos ultimos era o do herbanario, cuja inicial era um V.

Até alli a victoria podia ainda talvez questionar-se, porque a actividade do Tapadas tinha espremido as freguezias, que lhe eram affectas, até deitaram o ultimo eleitor; velhos, doentes, mancos e paralyticos foram transportados em cadeiras e em padiolas até á urna para votarem. Mas a freguezia de Pinchões ia abafar a eleição inevitavelmente.

O conselheiro perdeu as esperanças, e o proprio Tapadas sentia-se desfallecer. O brazileiro estava vermelho e febril de contentamento.

O escrutinador chamou finalmente pelo herbanario.

— Vicente Rodrigues da Fregosa — disse elle, preparando-se já para voltar o caderno.

— Adiante. Esse vai votar a uma assembleia mais longe — disseram alguns.

E ia-se proceder a segunda chamada, quando se

ouviu do fundo da igreja uma voz trémula, mas sonora ainda, responder:

— Presente.

Voltaram-se todos ao escutar aquella palavra.

Adiantava-se lentamente, pallido, curvado, acabrunhado como nunca, o velho herbanario, a quem o braço de Augusto servia de apoio.

Dir-se-ia um cadaver resuscitado do tumulo.

Com as faces pallidas, o olhar amortecido, os passos incertos, o herbanario adiantava-se, e trazia já de longe o braço estendido, segurando a lista que vinha lançar na urna.

Apoderou-se de todos os circumstantes um sentimento quasi de pavor, perante aquella figura anciã e alquebrada, que se dissera erguida do tumulo para responder á voz que a evocára. Todos se lhe afastavam do caminho com respeito, senão com supersticioso terror.

Fez-se alli dentro o maior silencio, silencio só interrompido pelo som dos passos arrastados do Vicente sobre o lagedo da igreja.

O conselheiro não pôde mais desviar os olhos do vulto venerando do herbanario; n'aquelle velho, que fôra seu companheiro de infancia, parecia-lhe estar vendo agora um severo accusador da sua insensibilidade politica, a personificação d'um remorso pungente, a primeira apparição d'um espectro, que devia perseguil-o no futuro.

Todos os da mesa se levantaram instinctivamente, e immoveis viam approximar-se o velho eleitor, que já suppunham á borda da sepultura.

Aquella assembleia, erguendo-se silenciosa e reverente, á chegada d'um pobre velho, trémulo e enfermo, que seguia apoiado ao braço d'um pallido mancebo, tinha uma apparencia profundamente solemne.

O morgado das Perdizes, devéras affeiçoado ao herbanario, não teve mão em si, ao vel-o assim doente e enfraquecido, que lhe não viesse ao encontro, dizendo, commovido:

— Ó tio Vicente! pois n'esse estado?!...

O velho fez um gesto energico para afastal-o de si.

*

— Arreda-te! — disse com severidade — deixa-me, serpente, que mordes a mão do teu bemfeitor! Não me appareças, que não quero ter-te na ideia, quando estiver a expirar!

O morgado ficou transido de espanto e de consternação ao ouvir estas palavras.

— Ó tio Vicente!... — exclamou, juntando as mãos — pois eu que lhe fiz?

— Cala-te. Deixa-me passar, que quero, como homem d'esta terra, protestar contra a iniquidade que tu e os teus praticam hoje, apedrejando aquelle a quem deveis tudo. Vendei-vos como cães, e ficai-vos com esse remorso; eu não o quero para mim.

E, caminhando para a urna, parou defronte d'ella, fitou o brazileiro, que não pôde sustentar-lhe o olhar com firmeza, e disse-lhe:

— Ahi tem o voto do herbanario, sr. presidente.

O brazileiro recebeu-lhe a lista, e introduziu-a na urna.

Então o herbanario, cada vez mais anciado, correu os olhos pela assembleia a procurar alguem. Viu o conselheiro, que não ousava approximar-se, olhou-o algum tempo com uma expressão singular, e no fim estendeu-lhe a mão. O conselheiro apertou-a nas suas, commovido.

— Manoel — disse-lhe o velho em voz sumida — não me cegava tanto o resentimento que te negasse esta justiça. Eu era ainda teu amigo.

— E sel-o-has sempre, Vicente.

— Sempre que o seja... por pouco tempo será — respondeu o velho, sorrindo tristemente.

— Que dizes?... Mas... que tens tu, Vicente? Que sentes?

— Tio Vicente!... — exclamaram tambem Augusto, o morgado das Perdizes, e outros mais.

A physionomia do herbanario transtornara-se assustadoramente; parecia luctar energicamente para fallar ainda, mas a voz embargava-se-lhe na garganta.

— Já não posso... — murmurou elle — Queria dizer-te...

E apontando para Augusto, e olhando para o conselheiro, disse-lhe ainda:

—Era... d'este... Elle é... elle está...

Os braços de Augusto, do conselheiro e do morgado das Perdizes, ampararam-lhe o corpo que ia a cahir por terra.

Foi nos braços dos tres que expirou o herbanario, porque estava devéras morto, quando o foram a erguer.

O alvoroço foi geral na igreja. Todos a abandonaram, correndo para o adro, para onde foi levado o velho, a ver se era possivel reanimal-o. Todos, á excepção do brazileiro, que ficou a vigiar a urna, e d'um agente do Tapadas, que ficou a vigiar o brazileiro.

Os soccorros prestados ao herbanario foram inuteis. Todos se convenceram depressa de que era de facto um cadaver.

Os indifferentes voltaram a continuar a eleição.

Ia principiar a segunda chamada.

O morgado das Perdizes, impressionado devéras por a scena, andava desconsolado por o adro, e só de má vontade entrou na igreja.

O conselheiro, Augusto e Henrique, e mais alguns homens do povo, acharam-se sós junto do cadaver.

A commoção tirava a Augusto a frieza de animo para dar as ordens precisas. Henrique tomou isso a seu cuidado. Houve assim um momento em que o conselheiro esteve só com Augusto.

N'aquelle instante o coração do homem politico era superior ao resentimento.

—Augusto— disse elle a meia voz —a morte não deixou este infeliz completar a ultima recommendação que parecia querer fazer-me. Eu adivinhei-lhe porém o sentido, e para prova offereço-lhe a mão d'amigo.

E, dizendo isto, estendia-lhe a mão.

Augusto não lhe correspondeu, e disse-lhe, ainda com a voz commovida:

—A mão que v. exc.ª me estende é a mão do homem que esquece e perdoa as injurias, e eu não posso ser perdoado porque me não julgo criminoso. Desde que uma vez v. exc.ª formulou a accusação e se fez juiz, pre-

firo, a ter de ser julgado sem provas, uma condemnação a uma absolvição. Fico mais em paz com o meu orgulho.

A presença de alguns curiosos obrigou a interromper este curto dialogo.

Henrique voltou com os aprestes para a conducção do cadaver.

Augusto acompanhou a casa o herbanario.

O conselheiro, impressionado pelas ultimas scenas, sentia-se pouco disposto a permanecer alli.

— Fique se quizer — disse elle para Henrique. — Não estou em estado de receber á queima-roupa a noticia da minha derrota; haviam de attribuir a mortificação que estou sentindo a essa causa, e eu não lhes quero dar esse gosto. Vou para casa; lá me levará a noticia, e não me dará grande novidade. Adeus.

E, apertando a mão de Henrique, retirou-se para o Mosteiro.

Causou grande pesar alli a nova da morte do herbanario, e das varias circumstancias que a acompanharam.

Não houve quem fosse indifferente ao successo, que o conselheiro narrou ainda sob a oppressiva influencia que elle lhe deixára.

A morgadinha absteve-se da menor allusão á causa que apressára o fim da vida do herbanario, e evitou sempre que D. Victoria ou Christina alludissem a ella tambem. Presentia que a consciencia do pae lh'o estava exprobrando, e por um delicado instincto abstinha-se de se applaudir das suas previsões, infelizmente realisadas.

Passada a primeira commoção que a lembrança d'aquella scena produzira, o conselheiro principiou de novo a sentir pungente e vivo o despeito pela derrota que se lhe preparava na urna.

Fazia o possivel por se mostrar indifferente a isso; mas a affectação era demasiado transparente, para até nem D. Victoria se illudir.

Assim, por exemplo, dizia elle á filha:

— Ora vão realisar-se os teus votos, Lena; aqui me

vaes ter, ia viver uma vida patriarchal. Se queres que te diga a verdade, está-me a appetecer; a vida politica ia-me cansando já.

Mas como dizia elle isto! Com que sorriso contrafeito, com que mal simulada satisfação!

Pouco a pouco, porém, a impaciencia começou a apossar-se d'elle e nem estas exterioridades lhe permittia já.

Áquella hora devia estar a proceder-se na assembleia ao apuramento dos votos.

Esta ideia lançava o conselheiro em um d'aquelles estados febris, que só póde conceber quem já alguma vez soube o que é ter a sorte dependente d'uma votação, e aguardar a cada momento a noticia do resultado d'ella.

Devora-nos uma impaciencia insupportavel; tudo o que ouvimos nos afflige; as conversas sobre assumptos indifferentes, irritam-nos; se nos tentam alentar com esperanças, revoltamo-nos contra ellas; se procuram preparar-nos para um desengano, prevenindo-o, repellimos com energia a ideia d'elle. O silencio não nos é mais agradavel; as apprehensões ganham corpo no meio d'elle; fallam os presentimentos do mal. Tentâmos sorrir, gela-se-nos o sorriso nos labios. A quietação é-nos tão intoleravel, como o movimento. Anciâmos sahir da incerteza, e de cada individuo que chega, trememos de saber a nova fatal. Vai mais longe o effeito moral d'este estado do espirito; chegâmos quasi a querer mal a todos quantos estão assistindo n'aquelle momento á decisão lenta da sorte. O nosso egoismo, exacerbado em taes momentos, irrita-se com a ideia de que os nossos amigos tenham coração para assistir áquillo; e comtudo não lhes perdoariamos se se retirassem. Sensações d'aquellas esgotam mais vitalidade, em cada instante, do que annos de vida isempta d'ellas.

O conselheiro luctava comsigo mesmo para dominar-se; procurava preparar-se para receber o golpe que bem podia dizer infallivel. Que esperava elle? Não lhe era quasi possivel contar, um por um, os votos de que dispunha? Não ficava, por mais alto que elevasse o cal-

culo, uma grande maioria a esmagal-o? Tudo isto era assim, mas o convencimento prévio recusava estabelecer-se-lhe no espirito, para lhe dar a tranquillidade da certeza.

É um vivedouro sentimento o da esperança! Não succumbe, senão perante um desengano inevitavel. Porque lhe chamam verde, senão talvez por, como as plantas exuberantes de seiva, resistir ás mutilações e renovar os ramos cortados?

O conselheiro, dominado por todos estes tumultuosos affectos, passeava agitado na sala, olhando ás vezes para a janella, á espera de vêr assomar ao portão do pateo um dos seus partidarios, cabisbaixo e melancólico, e armando-se de coragem para lhe dar o desengano.

Apesar de todas as prevenções, o que é certo é que a nova, quando viesse, feril-o-ia como imprevista.

Sempre assim succede.

No meio d'um d'estes passeios agitados que dava em todas as direcções por o meio da sala, ouviu-se a detonação de algumas duzias de foguetes.

O conselheiro parou e fez-se excessivamente pallido.

Os corações de Magdalena, de Christina, de D. Victoria e de Angelo bateram tambem precipitados.

A causa estava emfim decidida.

A girandola apregoava uma victoria, mas não proclamava o nome do vencedor; porém que dúvida podia haver a respeito d'elle?

O conselheiro sentiu fraquearem-lhe as pernas; sentou-se, e, com um sorriso amargo, disse para a familia:

—Estou desauthorado pelos meus antigos mandatarios!

—Quem sabe, mano. Ás vezes...

Isto principiava a dizer D. Victoria, para dizer alguma coisa, quando Angelo, que ficava mais proximo da janella, exclamou:

—Ahi vem um homem a correr a toda a pressa!

—A correr?!— disse o conselheiro, em quem esta simples noticia infundira novo alento a todas as espe-

ranças, e dissipára a sombra das pesadas apprehensões, e caminhou pressuroso para a janella.

As senhoras seguiram-no alli.

O homem que Angelo víra de longe, divisava-se ainda por entre os silvados d'um atalho, que vinha dar á avenida da entrada do Mosteiro.

—Parece o Domingos, o criado do Tapadas...— disse o conselheiro, affirmando-se.

—Mas que pressa elle traz!— notou D. Victoria.

—Já nos viu— disse Angelo.

—Lá acenou com o chapéo— exclamaram todos.

—Que quer elle dizer com aquelles signaes?— tornou o conselheiro, nervoso.

—Querem vêr que é o que eu digo! Olhe que venceu, mano.

—Qual! É impossivel. Pois eu não sei como a votação correu. É boa!— disse o conselheiro com certo tom irritado, como de quem não quer que lhe descubram uma esperança.

Passou-se um pouco de tempo, em que o homem se perdeu de vista. Subia n'aquelle momento a ladeira dos sovereiros.

Os olhos fitavam-se todos no portão do pateo á espera de o vêr surgir alli. Mal se respirava.

—Eil-o— disseram instinctivamente todas as vozes, quando elle appareceu.

—Viva! snr. conselheiro, viva!— bradou elle de lá, apesar de esfalfado.

O conselheiro teve quasi uma vertigem.

—Elle que diz?... Como póde...

Não o deixaram continuar as senhoras, que já o beijavam e abraçavam com frenetico enthusiasmo.

Magdalena, a propria Magdalena, cujos mais ardentes votos eram ver o pae desistir da vida politica, deixava-se tomar pela febre do triumpho e celebrava-o como se n'elle fundasse a sua felicidade. É que, na occasião da lucta, não ha animo tão indifferente a estimulos, que não abrace um partido; ao principio frouxamente talvez, mas a incerteza augmenta o ardor com que se esposa a causa; os gelos da indifferença fun-

dem-se nos momentos decisivos e a anciedade que precede a victoria, augmenta a commoção que esta produz se se realisa.

O conselheiro queria acalmar aquellas effusões, mas em vão bradava:

—Esperem! esperem! Deixem ouvir! Isto não póde ser... Ha engano...

Mas o animo feminino não entra facilmente na ordem, se chega alguma vez a sahir d'ella.

Só a entrada do mensageiro na sala, é que serenou o tumulto.

O conselheiro interrogou-o.

—Então que dizes tu? Que vivas são esses?

—Digo que vencemos— respondeu o moço, usando ingenuamente o verbo na primeira pessoa do plural.

—Estás a sonhar?

—O snr. Tapadas, o meu amo, foi quem me mandou aqui a toda a pressa para lh'o dizer. Quando eu sahi da igreja tinha vmc.e... tinha v. s.a mais cento e cinco votos do que o outro, e só havia na caixa uns trinta por junto. No caminho ouvi a girandola...

—Mas é impossivel! Cem votos!... ahi ha engano. Não póde ser!

—Cento e cinco!

—Estás bem certo do que te disse o teu amo?

—Ora se estou. E lá vi a cara do brazileiro. Mettia medo.

O conselheiro perdia-se em conjecturas. Agora parecia-lhe irrealisavel aquillo que lhe annunciavam.

Não pôde mais tempo conter-se. Sobresaltado, ancioso, preparou-se para ir por seus proprios olhos averiguar do facto.

Mas antes que o fizesse, uma onda popular, trazendo á frente a bandeira nacional e a philarmonica da terra, invadia o pateo e atordoava os ares com vivas, hymnos e foguetes. Á frente da musica estava, radiante, mestre Pertunhas, embocando a trompa com mais arreganho que nunca!

O conselheiro chegou á janella e então é que as acclamações foram estrondosas.

A desafinação da banda chegou a roçar pelo sublime.

O conselheiro agradeceu ao povo aquella manifestação.

Passados momentos entravam na sala Henrique, o Tapadas, e outros chefes eleitoraes, e com elles o Pertunhas, sobraçando a trompa.

—Que quer dizer isto?— perguntou o conselheiro, abraçando-os.

—Cento e trinta e cinco votos a maior, snr. conselheiro; nem mais nem menos— respondeu o Tapadas, rindo ás gargalhadas.

—Cento e trinta e cinco— repetiu o Pertunhas.

—Mas d'onde vieram?

—Ora essa é boa! De Pinchões.

—De Pinchões— repetiu o Pertunhas.

—Como?... Pois o morgado?...

—Votou comnosco como um homem. Ora, podéra!

—É verdade... votou... comnosco— dizia mestre Pertunhas.

—Mas não se viu ainda ha pouco...

—Que estavam com metralha inimiga?— concluiu o Tapadas— Que tem lá isso? Mas vão lá á igreja e verão as buxas que estão pelo chão. É um destroço! Parece a loja d'um farrapeiro.

—Mas explica-me isso, Tapadas.

—Então não ouviu a rebecada que aquelle sancto do herbanario, que inda que não fosse senão por isso deve estar assentadinho no céo, deu ao morgado? Pois aquillo lá resentiu o homem. E quando, depois do Vicente expirar, elle voltou para a igreja, vinha a dizer: «Diabos me levem que se tivesse aqui listas á mão, havia de ensinar os tratantes que me metteram n'esta dança.» Vieram-me dizer isto, e eu que, para o que désse e viesse, sempre levava um sortimento de listas, cheguei-me por a calada ao morgado... Hein?... e metti-lh'as assim á cara, hein?... Ora! Foi um momento! Emquanto a mesa se senta e abre cadernos, sim, senhores, e se põe tudo em ordem, estava armada a freguezia de Pinchões á nossa moda. Agora se se queria rir, era ver o brazileiro! Como elle encafuava para a urna as listas que eu tinha

trazido no bolso, e com que fogo! E eu a vel-o enterrar até ás orelhas e a fazer-me carrancudo! No fim então é que foram ellas, quando principiaram a apparecer as nossas listas ás cargas cerradas. O homem enfiou! cuidei que lhe dava alguma coisa no fim. Berrou, protestou... fez coisas do arco da velha. Agora chia contra o morgado, e se o encontra é capaz de o comer... Para coroar a festa, á girandola, que aqui o mestre Pertunhas tinha preparada para elles, pegámos-lhe nós o fogo, e estourou que foi um gosto!

E o Tapadas terminou com outra gargalhada.

O Pertunhas quiz protestar contra a accusação, mas o Tapadas voltou-lhe as costas, dizendo:

—Ora adeus, meu amigo! O melhor é calar-se.

E elle seguiu o alvitre, limitando-se a dizer a meia voz para os que estavam proximos:

—Este Tapadas tem cada graça!

Assim pois a victoria do conselheiro era devida ao herbanario. Tinham-lhe falhado todos os seus calculos politicos, transigíra com exigencias, nem sempre justas, o que de nada lhe servíra, e salvára-o o elemento que desprezava. Acontece ás vezes d'isto aos homens que muito calculam.

As senhoras, que estavam sabendo de Henrique o succedido, renovaram as suas demonstrações de alegria.

O conselheiro porém ficou preoccupado no meio das festas de familia e das festas populares que se faziam no pateo.

XV

A morte do herbanario deu muito que fallar na aldeia, não só pela qualidade de homem que era aquelle, como pelas circumstancias, no meio das quaes o facto succedêra.

O resultado da eleição, com quanto momentoso, não distrahia do assumpto as attenções; pois que, tendo sido successos simultaneos, associavam-se naturalmente nas conversas e discussões, e um chamava o outro.

O herbanario não fôra colhido desprevenidamente pela morte; havia muito tempo que fizera as suas disposições e por ellas legára a Augusto tudo quanto possuia, isto é, alguns livros, entre os quaes a Polyanthea, e o preço, quasi intacto, que recebêra pela casa expropriada.

Logo que estas disposições foram sabidas, não faltou quem achasse n'ellas a explicação da amizade desvelada com que Augusto sempre tratára o velho, e do piedoso acatamento com que o recebêra em casa, assim que da sua o expelliram.

Nós que, por um direito legitimo e inauferivel, podemos julgar a fundo do caracter de Augusto, asseguràmos que eram inexactos taes juizos.

É uma triste verdade esta da pouca ou nenhuma fé que se tem no desinteresse dos outros!

Não ha explicação mais difficil de ser recebida do que a que se fundamenta n'um sentimento nobre de abnegação ou de generosidade.

É preciso que duvidemos muito de nós mesmos,

para assim desconfiarmos do proximo. Porque a final o que é verdade é que a mais exacta e infallivel sciencia do coração humano só se adquire pelo estudo do proprio coração; esse é o unico que nos está bem patente. É por isso que as melhores almas são de ordinario as mais crentes.

Um homem, a quem a desconfiança tenazmente escuda contra todas as apparencias de virtude, ainda as mais insinuantes, tem já tão inquinado o coração, como suppõe o dos outros.

O enterro do herbanario verificou-se no dia seguinte ao da morte, e foi muito concorrido.

Fez-se no cemiterio, e, por expressa determinação do fallecido, em campa raza e não no tumulo da familia do Mosteiro, como o conselheiro desejára.

Tudo se passou sem o menor signal de opposição.

Não se explicam bem estas versatilidades da opinião publica. Uma medida que hoje ateia uma revolução, ámanhã executa-se no meio do indifferentismo geral, e sem apostolado prévio, sem providencias repressivas, nem castigos. Mysterios das massas, que mais convem ao legislador estudar, do que tentar destruil-os; offerecem a resistencia das leis naturaes.

O conselheiro e toda a familia tomaram luto como parentes do herbanario, e receberam as visitas de pezames, que em parte eram tambem de parabens pelo exito do suffragio popular.

Ao fim da tarde em que se realisou a ceremonia funebre, quando soavam na igreja matriz as badaladas das Avè-Marias, Augusto entrou no cemiterio, já deserto, e approximou-se lentamente da sepultura, inda coberta de pouco, como o denunciava a terra revolvida.

Elle, cujo coração era de certo o que a morte do herbanario mais dolorosamente ferira, não recebêra pezames de ninguem. Passára a tarde só com o seu pensamento, o qual, como o leitor prevê, não lhe devia ser muito jovial companheiro.

Quem observasse Augusto n'aquelle momento, seria de certo impressionado pelo ar abatido, revelador d'uma profunda prostração de animo, que lhe quebrára as forças.

Que era feito d'aquella energia, com que se revoltára contra as perseguições da sorte, e que lhe animára os primeiros passos para obter a justificação devida ao bom credito do nome que lhe haviam legado sem mancha? Vimol-o sahir do Mosteiro resolvido a luctar, vimol-o repellir com nobreza as ironias de Henrique, vencel-o, obrigal-o a pedir-lhe perdão; vimol-o recusar o auxilio que este já lhe offerecia, e considerar-se moralmente obrigado a conquistar elle proprio as provas da sua innocencia.

Que é feito d'essa energia?

O que é feito d'ella? leitor; talvez o teu coração te possa responder por mim, se és uma d'essas victimas, para quem a sorte parece personificada em um espirito malfazejo que se compraz nos martyrios lentos.

Quando, uns após outros, se repetem os golpes da adversidade, quando todos os males parece cahirem sobre uma existencia, como uma maldição de Deus, é raro encontrar-se tempera de alma tão rija que resista e não ceda, quasi convencida, como o Jacob dos livros sagrados, de que lucta com um poder superior.

A razão mais clara deixa-se tomar então da cegueira do fatalismo, e eivado d'esta grave doença dissipa-se a fortaleza do espirito, como se extinguem as forças do corpo, quando gira no sangue um veneno enervador.

Então encontra-se quasi um d'estes prazeres paradoxaes, a que é tão sujeita a natureza humana; sente-se uma especie de gôzo em succumbir sem lucta. Experimenta-se, por assim dizer, o orgulho da extrema infelicidade.

Em poucos dias Augusto conheceu as maiores provações da vida: a miseria em perspectiva, a ingratidão, o insulto que avilta, a calumnia que ennodôa, e o infortunio d'um verdadeiro amigo. Repellíra com dignidade o insulto e a calumnia; sorríra á miseria e á ingratidão, e déra á amizade as consolações que a amizade lhe inspirára.

Mas não desfallecêra com tudo isto.

Maior provação lhe estava reservada, porque ha maiores provações para a alma humana, do que todas estas

adversidades juntas. Apagai-lhe de subito a estrella que a guiava; acordai-a do sonho em que se esquecia, dormindo no meio de uma desencantada realidade; privai-a da ideia querida, que havia muito concebêra, que comsigo vivia, que para si guardava, ciosa dos olhares estranhos, e vêl-a-heis desnorteada, perdida, louca, contorcer-se em desespêro e succumbir.

Se resiste e sobrevive, se não desfallece, nem vacilla, é porque é de essencia mais elevada do que a humana.

Ás vezes aquella ideia era tão irrealisavel, aquelle sonho tão chimerico, que a pobre devia estar prevenida para o perder um dia; e julgou que o estava.

Mas illudira-se. Se nos dermos de coração a uma chimera, se ella, nas fórmas vagas e aereas que reveste, nos sorrir e namorar, em vão julgâmos tel-a por o que verdadeiramente é; ha sempre um ou outro momento em que a acreditâmos realisavel e até realisada.

E, ao convencermo-nos devéras da sua impossibilidade, sentimos a dor profunda que nos causa a perda d'um objecto querido.

Como certos deuses do paganismo, que nos seus amores com os mortaes vestiam a fórma humana, assim o impossivel, quando nos apaixonâmos d'elle, apparece, para nos seduzir, sob a feição da realidade aos nossos olhos namorados.

E ao revelar-se como impossivel, destroe o coração que o abraça, como Jupiter sacrificou a imprudente Semele, ao apparecer-lhe em toda a sua gloria de Deus.

Qual fosse a ideia constante, o pensamento recatado de Augusto sabem-no os leitores: era o amor de Magdalena. A natureza d'esta paixão dizia elle conhecel-a. Não tinha outra aspiração além de existir, era como o culto pela Virgem do christianismo, em que se adora por adorar, em que na mesma adoração se acha o premio do culto, em que o deixar-se adorar é o mais que póde pedir-se ao objecto d'elle.

De tudo isto estava sinceramente convencido Augusto.

Mas porque foi que, desde os primeiros momentos em que viu Henrique, sentiu quasi aversão para elle?

porque foi que, amavel e bondoso para com todos, só para com um desconhecido se mostrou frio e irritante? porque foi emfim que, ao persuadir-se, por certos indicios, de que Magdalena e Henrique se amavam, cahiu no desalento, em que tantas causas de infortunio o não tinham lançado ainda? Porque a verdade era que foi este o golpe que o venceu.

Porquê? Porque amava Magdalena, porque este amor não tinha nada excepcional; era inconscientemente apprehensivo, ambicioso, devaneador e ciumento, como todos os amores verdadeiros; porque era aquelle o seu sonho mais querido, e desde que era obrigado a convencer-se de que não passára d'um sonho, não se sentia de animo para fitar a realidade; porque era aquella a luz da sua alma, e, ao vel-a apagar, vacillou nas trevas e parou. Desde que não avistava um alvo, não havia para elle retrogradar nem progredir; era um movimento sem fim, que não valia mais do que a quietação.

Esta fôra a causa do desalento de Augusto, que só então conheceu que se illudíra com o estado do seu coração, que o que em si se passava era o verdadeiro amor.

Desde que teve de renunciar a elle, não fez mais um esforço para justificar-se da calumnia que pesava sobre si. Sentia-se indifferente á condemnação do mundo. Já nem lhe importava justificar-se para com Magdalena; era quasi uma vingança, que tirava d'aquella por quem soffria, obrigal-a a ser injusta.

E a sua consciencia quasi achava voluptuosidade n'isto!

O herbanario fôra victima da mesma illusão de Augusto, e concorrêra involuntariamente para o levar a este estado moral.

Das explicações dadas por Magdalena na casa dos Canaviaes, sabemos como das meias palavras e meias revelações de Torquato, o herbanario acreditára que a morgadinha combinára imprudentemente com Henrique uma visita nocturna á quinta dos Canaviaes. O velho, que suspeitára sempre da natureza dos sentimentos de Henrique para com Magdalena, julgou ver n'aquillo a con-

firmação das suas suspeitas, e encontrando Magdalena, reprehendeu-a, e, de irritado que estava, nem escutal-a quiz.

Voltando a casa, o velho lidou por muito tempo com a dúvida, se deveria ou não revelar tudo a Augusto.

A noite cerrou de todo e deslisou com a lentidão d'uma noite de inverno, sem que elle tivesse resolvido o que faria. O dia seguinte passou-o na mesma indecisão. Mas a inquietação do herbanario crescia; desassocegava-o a ideia do perigo a que suppunha exposta Magdalena, cuja confiança em Henrique a podia perder.

O herbanario continuava a desconfiar de Henrique.

Chegára a noite, aquella em que Torquato lhe dissera ter com uma das meninas de visitar á meia noite, por causa de Henrique, a casa dos Canaviaes. O velho não pôde mais tempo conter-se e disse a Augusto, depois de muito luctar comsigo:

—Não devo calar-me. É preciso coragem, meu filho. Arranca do coração a loucura que lá tens ainda, embora o deixes em sangue, ou estás perdido.

Augusto estremeceu, olhando-o com sobresalto.

O velho proseguiu:

—Tu vaes sahir para te desenganares por teus proprios olhos, e se o que vires te não curar, se é sem remedio esse mal, ao menos sê generoso, e acode e salva, se for possivel, quem, perdendo-te, se perde tambem.

E após estas palavras vagas, cujo mais claro sentido Augusto tremeu de investigar, o velho mandou-o aos Canaviaes, n'aquella mesma noite, recommendando-lhe que fosse preparado para receber uma grande dor.

Augusto seguiu as indicações do herbanario, e foi.

Era d'elle o vulto que fizera estremecer Magdalena, quando na noite da piedosa devoção de Christina, a vimos chegar á janella dos Canaviaes.

A morgadinha conhecêra Augusto através das sombras nocturnas, e tivera um presentimento do que significava a presença d'elle n'aquelle logar e n'aquella occasião.

Por concentrada e discreta que fosse a paixão de Augusto, não era um mysterio para Magdalena.

A estranhar alguem esta penetração de vista não será de certo nenhuma das minhas leitoras.

Magdalena adivinhára havia muito Augusto, e não lhe fôra difficil explicar até a instinctiva hostilidads com que elle sempre acolhêra Henrique.

Por isso, ao vel-o alli, previu que pesava sobre ella uma suspeita, que era victima d'uma illusão, e que as apparencias a podiam condemnar.

De feito Augusto chegára tarde aos Canaviaes, porque só tarde o herbanario vencêra a hesitação que experimentára ao dizer-lhe que fosse. Por isso só pôde reconhecer a voz e a figura da morgadinha e de Henrique no curto dialogo, que entre os dous se trocára, quando vieram examinar á janella o estado da noite.

As palavras que escutou prestavam-se a ser interpretadas d'uma maneira cruel para o seu coração. Assim as entendeu Augusto, e, sem mais querer ver nem ouvir, retirou-se como um louco.

Foi n'essa occasião que Magdalena o viu.

Quando voltou a casa, o herbanario que, ainda acordado, o esperava, viu-o pallido, e com uma expressão singular no rosto.

— Então? — interrogou-o anciosamente o velho.

— Tinha rasão, tio Vicente. Tem sido uma longa e má loucura a minha. Verei se me curo d'ella.

E, sentando-se, encostou a cabeça ás mãos e permaneceu silencioso.

O velho não lhe perguntou o que se tinha passado.

D'ahi em diante foi em rapido progresso a prostração de animo em Augusto.

A doença do herbanario, que se exacerbou consideravelmente tambem, era o unico motivo d'uma força ficticia que ainda o sustentava. Os seus desvelos pelo enfermo tomavam-lhe todos os instantes.

A unica voz, ecco da vida exterior, que lhe chegava aos ouvidos era a do cirurgião que tratava do herbanario.

Fallador por indole e por calculo profissional, o facultativo contava á cabeceira do leito as novidades do dia. Entre essas trouxe uma das que mais vogavam, que

era a de que Henrique casava no Mosteiro com a morgadinha.

Um equivoco dizer do Torquato, na presença dos criados do Mosteiro, uma das meias discrições do velho, mais perigosas do que a propria indiscrição, originára esta versão.

Augusto escutou a nova sem que o gesto o trahisse, mas o herbanario, que o fitou com olhos interrogadores, leu claro n'aquelle rosto impassivel.

No dia das eleições o estado do velho Vicente era mais grave ainda. O cirurgião prolongou a sua visita e fallou da campanha eleitoral. Assegurou que era certa a derrota do conselheiro, desde que contra elle se manifestára o sr. Joãosinho das Perdizes.

O herbanario escutou-o com admiração e sobre-salto.

Porque a verdade era que o herbanario sentia pelo conselheiro uma predilecção, que a tudo sobrevivia, que nada podia destruir. Similhava o affecto que alguns paes sentem pelos filhos, de quem só têem recebido desgostos, affecto que parece robustecer tanto mais, quantos mais motivos ha para esfriar.

Pouco depois mestre Pertunhas confirmou a noticia do facultativo.

Foi então que o herbanario, dominado por energia febril, quiz erguer-se do leito, e, apoiado no braço de Augusto, que em vão tentou dissuadil-o, se dirigiu á igreja para votar. O resultado sabem-no os leitores.

Todas estas causas e a ultima, a morte do amigo, acabaram por quebrar o alento a Augusto. Facil é pois de conceber qual o estado do seu espirito ao entrar no cemiterio.

Oração ou meditação, por muito tempo durou aquelle tributo de saudade, que o aspecto sombrio da tarde e a melancolia do logar e da hora mais solemne faziam.

Passados alguns momentos, sentiu Augusto que alguem se approximava d'elle. Voltou-se. Era o Cancella que tambem viera resar junto do tumulo da filha.

Não era o Cancella já o mesmo robusto e alegre aldeão que vimos, dominado pelo enthusiasmo, sobre o tablado rustico, representar com applauso o tyranno per-

seguidor do Messias. Desde a morte da filha parecia outro. Triste, avelhentado, emmagrecido, nem tinha forças para o trabalho, nem coração para alegrias.

Dir-se-ía que a filha lhe partíra com a alma, e que era um cadaver o que se movia alli.

—Ah! logo vi que era o snr. Augusto.— disse o pobre homem, estendendo a mão, que Augusto apertou com affecto—Só nós temos amigos aqui.

—É verdade, Cancella. Ou só nós, fóra d'aqui, não temos outros, pelos quaes esqueçamos estes, que ahi dormem.

—Eu de certo que não! Está-me toda a alegria, está-me todo o coração debaixo d'aquella pedra.— disse o Herodes, apontando para o tumulo da filha—Com mais de quarenta annos, que nova vida se póde principiar?

—Ha quem aos vinte já não tenha coragem para principiar outra!

O Cancella olhou fixo para Augusto ao ouvir-lhe estas palavras.

—Falla de si, snr. Augusto?... Não tem razão. Que são as suas dôres ao lado da minha? Se inda não experimentou o amor e as alegrias de pae, como ha de imaginar a dôr, que a morte d'uma filha unica nos traz ao coração?.., A minha pobre Ermelinda!... Parece-me inda impossivel o tel-a perdido!... Queria a esse velho, snr. Augusto?... E com razão, que era seu amigo e quasi um pae para si... mas não é sem remedio a sua saudade, verá... A minha porém...

Augusto sorriu amargamente.

—Tu sabes lá, homem, o que eu tenho no coração?

N'isto chegou-lhes aos ouvidos um vozear distante, como um rumor de acclamações e applausos. Eram os clamores dos grupos populares, celebrando a victoria do conselheiro.

Os sons da trompa do mestre Pertunhas dominavam todos os mais.

—Uns riem, emquanto outros choram.— disse o Cancella—Ha alegria acolá.

E designou com o dedo o Mosteiro, cujos telhados se avistavam d'alli.

—Ha...— respondeu Augusto, pensativo—Somos de mais n'esta terra; meu pobre Cancella; nós, os infelizes.

—Por isso parto esta manhã.

—Partes?

—Se eu não posso viver aqui! Se tudo isto me está fallando na filha!... A cada passo estou á espera de vel-a... É como se a todo o instante me morresse. Vou para a cidade; dizem que estão engajando por lá trabalhadores para o Brazil... Quero ver se o trabalho me mata, antes que o desgosto me não tente a morrer d'outra sorte.

—E dizes que partes esta manhã?

—De madrugada. Já tenho tudo prompto.

Augusto reflectiu por algum tempo.

—Far-te-hei companhia.

O Herodes olhou-o admirado.

—O snr. Augusto!! Pois quer?...

—Quero que me batas á porta, quando passares.

—Mas que tenção é a sua, snr. Augusto?

—As mesmas talvez que as tuas. Não dizes que queres ver se o trabalho te mata? Porque não hei de eu tentar o mesmo tambem?

—Mas... não lhe morreu uma filha.

—E cuidas tu que só um amor de filha nos póde prender á vida? que só a morte d'uma creança nos póde ferir no coração...

O Herodes esteve algum tempo calado, com os olhos em Augusto, depois disse, com hesitação ainda:

—Não é por certo a morte d'esse sancto velho que o faz fallar assim, snr. Augusto. Se quizesse desabafar commigo... talvez lhe fizesse bem. Bem vê que eu sou infeliz e... havia de entendel-o...

Augusto apertou-lhe a mão commovido.

—Pobre amigo! Não, não me entenderias; porque não basta ser infeliz para me entender. É necessario ter sido louco como eu fui.

—Louco?!...

—Sim louco, meu bom Cancella, louco. Não te lembras d'aquelle desgraçado do Pé do Monte que se sup-

punha rei? Como ria n'aquelle tempo! Um dia voltou-lhe o juizo, mas ficou tão triste até morrer, que parece que tinha saudades da loucura! Talvez lhe devesse os unicos instantes de felicidade que sentiu na vida.

O Herodes já não comprehendia Augusto, o que lhe fez crer que o não entenderia se elle o tomasse por confidente.

Augusto mudou de tom, dizendo-lhe:

—Promettes passar por minha casa esta madrugada?

—Pois sempre quer?...

—Se não partir comtigo, partirei só.

—N'esse caso...

—Espero-te. Aonde vaes agora?

—Ao Mosteiro.

—Ah!... vaes ao Mosteiro?...

—Vou despedir-me d'aquella sancta familia, que tão bem me tratou da filha, e de Angelo, d'aquella alma de cherubim, que ainda não se consolou tambem da morte da minha pobre Linda.

—Angelo?... É um nobre coração... Espera... Não quero partir sem lhe dirigir algumas palavras... Devo-lh'as...

—Só a elle?...

—Só elle m'as agradecerá.

E Augusto approximou-se do tumulo da mãe de Magdalena e á froixa claridade d'aquella hora, escreveu em um quarto de papel estas palavras:

«*Angelo.*—Escrevo-lhe sobre a pedra do tumulo, em que repousa sua mãe e Ermelinda, duas imagens que serão sempre para o seu coração rodeadas de todo o prestigio da saudade. Ouça-me, que em nome d'ellas lhe fallo. Dentro d'algumas horas deixarei para sempre estes sitios. Se as memorias da infancia me prendiam aqui, as sombras de grandes soffrimentos as offuscaram. Parto quasi sem custo. Não o tornando talvez a ver, Angelo, tinha um dever a cumprir para com a sua generosidade. Hão de ensinal-o a despresar-me, Angelo. O seu nobre instincto de creança recusar-se-ha a isso ao principio talvez; mas a razão do adolescente talvez venha a ser mais

docil. Não podendo justificar-me, deixe-me ao menos jurar-lhe que parto com a consciencia tranquilla. Não é por mim que faço este protesto, é para lhe evitar, se fôr possivel, a dúvida no caracter dos homens. Para um coração, como eu lhe conheço, deve ser um martyrio. Os mais que me condemnem; nem necessidade sinto já de me justificar. Parto com um desalentado como eu. O que vou procurar não sei. Tudo aceito com indifferença.—Seu amigo, *Augusto.*»

Fechando a carta, entregou-a ao Cancella, e ajustando outra vez a hora a que deviam encontrar-se, separaram-se.

O Cancella dirigiu-se para o Mosteiro ainda a pensar nas palavras que ouviu a Augusto, e sem que atinasse com os motivos d'aquelle desalento.

Não pôde porém chegar tão depressa ao Mosteiro como esperava; distrahiu-o no caminho o seu compadre Zé P'reira.

A harmonia do par conjugal, de que constituia a parte masculina o nosso Zé P'reira, estava cada vez mais transtornada.

A beatice azedára o animo da snr.ª Catharina do Nascimento de S. João Baptista.

A sahida precipitada do missionario, que não se sentiu seguro na terra depois da scena do cemiterio, e do desespêro de Herodes, com quem elle imaginava a cada passo esbarrar, rodeára aquelle sancto varão do prestigio dos martyres perseguidos; e as saudades por elle e a devoção pela sua memoria augmentaram consideravelmente na aldeia.

Se mal corria ha muito a casa e o governo domestico da familia Zé P'reira, peior se tornou, depois d'essa época.

A mulher passava todo o tempo em devoções na igreja. O marido, desconsolado, procurava lenitivo na taverna.

Descuidou-se cada vez mais de trabalhar. A embriaguez era n'elle estado habitual, e já menos inoffensiva e pacifica do que nos primeiros tempos.

A miseria ameaçava invadir aquelle lar, até alli re-
ıediado.

Tudo isto exacerbára a acrimonia das discussões con-
ıgaes.

Marido e mulher fustigavam-se com os menos ama-
eis epithetos e attribuiam-se reciprocamente as honras
a ruina do casal.

De noite desencadeava-se a tempestade domestica e
ıda vez mais ameaçadora.

Um dia, o marido, excitado pelo vinho, foi mais além
o que a sua timidez habitual o permittira até alli, e a
nr.ª Catharina soube, pela primeira vez, que o osso de
ue ella era osso não tinha a brandura que lhe suspei-
ıva. . . . .

Deu-se uma scena escandalosa, em que interveio a
isinhança. D'ahi por diante foram frequentes iguaes es-
ectaculos.

Na noite que o Herodes o encontrou, o Zé P'reira,
m completa embriaguez, acabára de fazer sentir mais
ma vez a sua mulher toda a força da authoridade ma-
ital. Ella revoltou-se e abandonou os penates, jurando
ue nunca mais voltaria a elles.

O pobre do homem andava agora perdido nas ruas
procura d'ella, arrepellando-se, chorando, praguejando,
ue mettia dó. O Cancellas condoeu-se d'elle e dando-
ıe o braço, para lhe firmar os passos cambaleantes,
onduziu-o a casa, promettendo restituir-lhe a mulher
ıgida. . . . . .

E n'esta tarefa de reconciliação passou grande parte
a noite, conseguindo a final harmonisal-os, mas con-
encido de que não seria muito duradoura a paz.

E tinha razão o Cancella em pensar assim. Ao lar
omestico, onde uma vez se passa uma scena d'aquel-
ıs, nunca mais volta o anjo da concordia.

O pobre do Zé P'reira estava condemnado a levar
ssim o resto de sua vida de familia.

Esta occorrencia demorou o Herodes, que só tarde
ntrou no Mosteiro a despedir-se da familia que tanto
ne estimára a filha.

XVI

Augusto, ao voltar a casa, sentiu que estava inevitavelmente votada á insomnia aquella noite, a ultima que devia passar na aldeia, não porque os preparativos da jornada lhe impedissem o repouso, mas a lucta de tantos pensamentos e paixões encontradas, de certo lhe disputariam o espirito.

Partir é já uma palavra que quasi nunca se pronuncia com indifferença; partir para não voltar é uma ideia afflictiva, que mais violenta commoção desafia; partir sem esperanças no futuro... poucas torturas d'alma se podem comparar a esta!

Experimentava-a Augusto.

Era quasi uma resolução de suicida a sua. Nenhuma ambição tivera poder sobre elle para o arrancar d'alli; tivera-o o desespêro.

A cada momento, elle proprio surprendia-se immovel, abstracto, com os olhos fitos na chamma da véla, com a cabeça entre as mãos, sem saber em que pensava, sem consciencia de si.

A noite estava socegada e apenas o som monótono d'uma fonte proxima interrompia o silencio d'aquellas horas adiantadas.

Augusto abria um livro, mas lia, como por certo o leitor sabe que se costuma lêr em situações identicas. Ficava-lhe aberto o livro todo o tempo na mesma pagina.

Levantava-se para fazer os aprestes da jornada, mas havia em todos os seus movimentos uma indecisão, uma

falta de consciencia, que não deixava dúvidas sobre o estado do animo que os regia.

Como que a todo o momento estava esquecendo a que fim convergiam as suas acções; e no meio do cumprimento de uma tenção, perdia a consciencia d'ella.

Parava defronte de um livro, como se irresoluto em saber se o levaria comsigo; mas cedo afastava-o de si com enfado.

Examinou depois os papeis e as cartas; queimou tudo. Vestigios de passados devaneios, effusões d'uma alma sensivel, fructos da juventude e da solidão, a que a primeira inspirára o enthusiasmo, e a segunda a melancolia; tudo consumiu; com certo prazer amargo via ateiar-se a chamma, desapparecerem as letras, reduzir-se tudo a cinzas.

Respeitou apenas as cartas de Angelo, que releu commovido. Fallava-se em algumas de Magdalena. O sobresalto do seu coração, ao lêr aquelle nome, era então mais violento do que nunca.

N'estas pesquizas veio-lhe ás mãos um pequeno masso, que pertencêra ao herbanario.

Ia para as queimar tambem, quando a inscripção, que viu por fóra da cinta que as enfeixava, o fez hesitar.

Liam-se estas palavras:

«Cartas de Magdalena.»

Cartas da Magdalena! Este nome tinha no animo de Augusto o valor de uma tentação.

Cartas de Magdalena! Era quasi ouvil-a fallar, prazer a que já tinha renunciado; era entrar em communhão de pensamentos com ella, e infeliz de quem não concebe a casta voluptuosidade d'este gôso.

Mas ao mesmo tempo hesitava.

Pertencia-lhe tambem aquelle legado? Não seria um abuso lêl-as? Devia antes queimal-as, mas... eram cartas de Magdalena. E depois, que mal poderia vir da indiscrição? Não tinha elle um coração que não devia abrir-se mais a ninguem? Encerrar alli qualquer segredo era encerral-o quasi em um tumulo.

E que segredos podiam ser os de Magdalena e Vicente?

De que se poderia tratar alli, a não ser de algum affectoso cumprimento da morgadinha ao velho, que sempre tratára com intima familiaridade, ou algumas meigas reprehensões por a sua porfiada ausencia do Mosteiro?

Augusto recordava-se até do velho lhe ter fallado na indole d'estas cartas.

Nas vesperas de renunciar para sempre á felicidade, devia-se perdoar a tentação.

Abriu-as.

Não ia muito adiantado na leitura, quando já todos os signaes de hesitação cediam o logar aos da mais irreprimivel avidez. E terminada a primeira, abriu, leu ou devorou outra, e apoz outra e outra, até á ultima; da ultima voltava de novo á primeira, e cada vez mais profunda commoção parecia dominal-o.

Transcreveremos algumas d'aquellas cartas, para o leitor julgar de todas.

Dizia uma:

«*Meu bom amigo.*—Hontem, depois que nos separámos, recebi de Lisboa a encommenda que esperava. O Angelo não se esqueceu. Mando-lh'a, para que mais uma vez faça de feiticeiro, *adivinhando* os gostos do seu amigo.

«Affianço-lhe que vae acertar com os desejos d'elle. Ha tempos que o vejo, emquanto espera na sala por os pequenos, procurar de preferencia na estante os livros de historia franceza. Custa-me a perdoar-lhe os attractivos que tem para elle a Revolução, mas emfim seja feita a sua vontade. Escuso de lhe recommendar discrição. E, quando nos virmos, peço-lhe que me não torne a fallar nos laços em que diz que eu estou a prender o coração. Mette-me medo.—Sua amiga, *Lena.*»

Esta era uma das mais remotas em data. Outras diziam:

«*Meu amigo.*—Hontem separámo-nos de tão máu humor, que hoje acordei com remorsos e não pude so-

cegar emquanto não lhe escrevi para lhe pedir perdão. Espero que perdoará a este rebelde genio que tenho.

«Mas tambem para que me está sempre a ralhar? Não se assuste pelo meu coração; o maior perigo, que o tio Vicente receia para elle, faz-me sorrir.—É o de me apaixonar?—Então que tinha? Não sonhe com nuvens; e vá representando o seu papel de *adivinho*, que é uma generosa acção que pratica.—Sua arrependida inimiga, *Lena.*»

«*Meu bom tio.*—Ahi vão uns livros de que eu não entendo nada. Augusto fallou d'elles ao filho do administrador, que veio de Coimbra. Conheci n'elle desejos de possuil-os. Tomei nota. O Angelo remetteu-m'os hontem. Para Augusto não desconfiar, finja atraiçoar um pouco o mysterio, e falle no filho do administrador. Demais já nada digo.»

A de mais recente data dizia apenas:

«*Tio Vicente.*—Pensei no que me disse do estado do coração do seu... do nosso amigo. Parece-me que exagera. Mas, se fosse verdade, podia tranquillisar-se. Eu lhe affianço que d'ahi nunca para elle virá a infelicidade. No entretanto, discrição por ora.—Sua affeiçoada sobrinha, *Magdalena.*»

Por a amostra que lhe damos, o leitor não deve estranhar que estas cartas estivessem causando a Augusto o effeito que dissemos.

Cada uma era uma revelação.

Augusto vivêra, sem o saber, sob a influencia benefica da morgadinha; d'ella lhe viera pois grande parte da instrucção que recebêra, alli, na solidão d'aquella aldeia!

O mysterio dos presentes do herbanario, a que tão diversas explicações dera, esclarecia-se emfim. Havia-os attribuido a Angelo; suspeitára, pelo menos, que era a elle que o herbanario se dirigia para escolher os livros.

Nunca, porém, se lembrára de Magdalena; agora, que sabia de que origem provinham, beijava-os, como sagradas reliquias, venerava-os com expansões de verdadeira idolatria. Já não tinha coração para se separar d'elles.

Nas cartas em que Magdalena se referia, mais ou menos jovialmente, aos cuidados que parecia dar ao herbanario esta sympathia manifesta d'ella por Augusto, não havia para elle menor encanto. Pelo que tantas vezes lhe dissera o herbanario, conjecturava de que natureza deviam ser as reflexões a que Magdalena alludia.

O velho Vicente estava, por assim dizer, no meio d'aquelles dous corações, estudando-os a ambos, receiando por ambos, lidando por extinguir n'um e n'outro a sympathia que via crescer e que ameaçava degenerar em paixão. Toda a sua intervenção consistia em fazer com que elles se não revelassem; era o meio isolador que impedia que se ateiasse o incendio. Nas suas mãos paravam os dous fios da corrente; só elle a interrompia.

Esta situação do herbanario era para elle causa de grandes luctas.

Amando Augusto com sentimento paterno, tinha ambições por o amigo; e, ás vezes, movido d'ellas, sentia-se tentado a favorecer aquella paixão. Por outro lado, não estimava menos Magdalena, e prevendo as resistencias e repugnancias com que ella teria a luctar, e os tormentos a soffrer, hesitava e desejava poder abafar no coração dos dous os germens de pesares futuros.

Tivemos occasião de o ver sob estas diversas impressões. Umas vezes reprehendendo Augusto, outras quasi deixando-lhe entrever esperanças. A chegada de Henrique de Souzellas e os successos subsequentes despertaram no velho uma especie de ciume, e fizeram-no mais ardente partidario de Augusto.

Tudo isto estava agora transparecendo ao espirito de Augusto.

Beijou as cartas da morgadinha, releu-as, apertou-as ao coração, e tão enlevado estava pelo perfume do af-

fecto que rescendia de todas, que nem se lambrava já da hora proxima da partida e do motivo que a originára. Motivo que era o desmentido da sua illusão.

Mas esta ideia amarga acudiu a final, e a impressão que produziu foi dolorosa. Pela primeira vez, aquella noite, lhe vieram as lagrimas aos olhos, e a fronte pendeu-lhe, quasi desfallecida, sobre os braços, e assim permaneceu por muito tempo.

Depois levantou a cabeça n'um impeto de desesperação, exclamando:

—Para que me haviam de vir á mão estas cartas? Que espirito diabolico se compraz de martyrisar-me assim? Saber que um anjo me acompanhava com a sua vista protectora só quando elle me vai deixar para sempre! E dizia ella que me não podia vir o infortunio d'aqui?... Não contava com as mudanças do proprio coração.

Na vidraça da sala terrea, em que se achava Augusto, soaram algumas leves e rapidas pancadas, que o fizeram estremecer.

—O Cancella já!... É pois certo que vou partir?

Levantou-se para abrir, e os passos vacillavam-lhe como os do condemnado ao caminhar para o supplicio.

Chegára o momento de romper com todas as esperanças.

—Estou prompto— disse elle, abrindo a porta e voltando para dentro, sem reparar em quem entrava; e pôz-se a reunir e a ordenar os papeis, que tinha dispersos na mesa.

—Cuidei que era mais cedo.— continuou elle— Distrahi-me a lêr umas cartas que estive a pôr em ordem, e o tempo correu. Vamos lá, meu pobre amigo, deixemos esta terra para os venturosos.

E, dizendo isto, desviou o olhar para o sitio onde julgava que devia estar o Herodes; mas, em vez d'elle, achou defronte de si Angelo e Magdalena, que, parados no meio da sala, o fitavam com melancolico sorriso.

Augusto estremeceu, soltando um grito de surpreza, e com o olhar fito em Magdalena, ficou por bastante tempo n'essa muda contemplação.

Magdalena foi a primeira que fallou.

—Admira-se de nos ver aqui?— disse ella— Que ha de mais natural? Angelo recebeu a sua carta e mostrou-m'a. Tivemos ambos o mesmo pensamento; viemos para dizer-lhe... pelo menos o adeus que lhe deviamos... visto que vai partir.

E havia n'estas palavras de Magdalena um mal pronunciado tom de recriminação, que feriu Augusto.

—E é certo que quer partir?— perguntou Angelo.

—Sim... parto...— respondeu Augusto perturbado.

—Mas porquê? Que significa essa resolução? Lena contou-me ha pouco tudo. Eu nada sabia. Disse-me que o offenderam com uma suspeita infame, e em nossa casa! Mas, já resolvemos; ámanhã, eu e Lena, havemos de fallar, havemos de conseguir...

—Não, Angelo. É inutil. Deixe-me com o meu destino. É a elle que eu obedeço.

—Não falla verdade;— acudiu a morgadinha— diga que obedece á sua phantasia, e commette uma ingratidão.

Á palavra «ingratidão» Augusto não pôde reprimir um sorriso de amargura.

—Uma ingratidão, sim— repetiu Magdalena, respondendo com firmeza e serenidade áquelle sorriso. — Ha dias, depois d'uma scena dolorosa para todos nós, quando sahia do Mosteiro subjugado por uma mysteriosa e cruel fatalidade, encontrou alguem no limiar da porta, que lhe pediu que não partisse sem se despedir... de quem, atravez de tudo, o acreditaria innocente. E para esta pessoa não houve uma só palavra na carta de despedida que mandou a meu irmão! E escreveu-a sobre o tumulo de minha mãe!

Estas palavras foram ditas com tão sentida commoção, que Augusto esteve quasi a lançar-se-lhe aos pés, para pedir perdão; retéve-se, porém, e respondeu turbamente:

—Porém, minha senhora, por essa occasião eu jurei tambem á pessoa de quem falla, e a quem serei sempre grato, que não procuraria tornar a vel-a, nem

fallar-lhe antes de me poder mostrar aos olhos de todos digno da sua generosa confiança.

—Foi isso que jurou, ou antes que não procuraria ser visto?— perguntou Magdalena, sorrindo— Veja qual d'esses juramentos será mais em harmonia com os seus actos.

A lembrança da excursão nocturna aos Canaviaes, para espiar Magdalena, tirou a Augusto o animo de responder.

Magdalena comprehendeu aquelle embaraço, e não insistiu.

—Mas supponhamos que assim foi; visto isso, parte para buscar as provas da sua justificação?

—Não, minha senhora, parto porque desisto d'ella. Basta-me estar justificado para com a consciencia.

—Não tem direito para o fazer. Uma alma, que é nobre, deve homenagem a si propria. Resignar-se á suspeita, é como um suicidio moral.

—Justamente, minha senhora; e não concebe que haja casos em que o suicidio seja natural?

—Meu Deus, Augusto— exclamou Angelo— como eu o estranho! o que o levou a esse desespero?

A morgadinha sorria, ao responder ao irmão:

—É uma febre que passa; verás. Quer que lhe falle com franqueza, snr. Augusto? Tenho um secreto presentimento a dizer-me que, apesar d'essa descrença, apesar d'essa carta, e apesar de estar por minutos o momento da partida, não só não partirá, mas até ha-de tomar parte na nossa primeira festa de familia, a do proximo casamento de Christina.

Estas ultimas palavras fizeram impressão em Augusto, que instinctivamente repetiu:

—Do proximo casamento de Christina?!

—Pois não sabia que Christina vai casar?— perguntou Magdalena com a maior naturalidade, mas fitando os olhos em Augusto— É verdade, o snr. Henrique de Souzellas teve pressa de legitimar o titulo de primos, com que arbitrariamente nos tratavamos.

Augusto olhou para Magdalena, com indefinivel expressão, dizendo:

—Quê?... pois é com Christina... pois Henrique vai casar com...

Só depois de lhe romperem dos labios estas palavras é que, reconhecendo a indiscrição da sua surpreza, accrescentou, com mal simulada indifferença:

—Ah! não sabia!

—Devéras? Pois não tinha ouvido fallar d'este casamento? Ou... querem ver que suppunha tambem que era eu a que me casava?... Digo isto porque o Cancella tambem estava na mesma crença. Parece que correu essa voz na aldeia. Estes boatos!... E acham logo quem se fie n'elles!

E, mudando de inflexão, proseguiu:

—São dous noivos exemplares, Henrique e Christina, perdidos um por o outro. Christina, com a sua timidez, exerce um forte imperio sobre aquelle incorrigivel da capital. Mas para isso foi preciso encontral-o doente. Tenho orgulho de ser eu a primeira a legitimar, d'alguma maneira, aquella sympathia. Foram singulares as circumstancias em que isto se effeituou. Eu lhe conto. Foi de noite, e noite de chuva, na capella-mór da minha propriedade dos Canaviaes, onde Christina fôra resar, pela saude de Henrique, as estações da meia noite; onde Henrique foi, para seguir e observar Christina, e onde eu fui, com a Brizida, para os vigiar a ambos e preparar-lhes o futuro; intervenção algum tanto perigosa, porque podia haver quem me seguisse a mim com menos generosas intenções do que as de qualquer dos tres, e que, ao ver-me em tão extraordinario sitio, a taes horas, não me concedesse a confiança precisa para acreditar, através de tudo, na minha innocencia.

A allusão era clara, e mais clara a fazia a inflexão com que foi pronunciada.

Augusto curvou a cabeça e murmurou:

—Tem razão, algum miseravel.

—Ou algum infeliz.— corrigiu delicadamente Magdalena— Os infelizes são tambem sujeitos a perderem a fé. Mas quem lhes póde levar a mal isso?

Houve alguns instantes de silencio, no fim dos quaes a morgadinha disse mais jovialmente:

—Mas affiancei ha pouco que não partiria. Acaso me enganei?

Augusto, como o leitor concebe de certo, já não tinha animo nem razão para dizer que partia. Calou-se. Angelo, a cuja prompta intelligencia não tinha ficado latente o verdadeiro sentido d'este dialogo, graças tambem ao conhecimento que elle tinha, havia muito, do coração de sur irmã e do de Augusto, respondeu por elle.

—Não te enganaste, não, Lena. Tambem eu já digo que Augusto não partirá.

E Augusto sem protestar!

Magdalena tornou-se de subito mais séria e grave do que até alli, e a mesma gravidade tinha na voz, quando de novo se dirigiu ao irmão, dizendo:

—Para vir aqui pedi o auxilio do teu braço de creança, Angelo, como se fôra o d'um homem. Deixa-me considerar-te por mais algum tempo ainda da mesma maneira, emquanto não termino a minha missão. Ha pouco, depois que me lêste a carta, que a ti só tinha sido dirigida, perguntaste-me: «Que tencionas fazer?» Não é assim?

—Foi, e tu respondeste-me o que eu esperava. Pediste-me que te acompanhasse aqui.

—Has de já ter percebido que o pensamento que me obrigou a este passo, que não sei se me deverão censurar, creio até que devem, que esse pensamento não está cumprido ainda.

—Vejo que não.

—Pois é diante de ti, Angelo, que considero como um homem, como um bom conselheiro, é diante de ti, como seria diante de quem quer que ahi estivesse em teu logar a ouvir-me, que eu vou concluir o meu pensamento.

E voltando-se para Augusto, Magdalena accrescentou com firmeza que só um demasiado rubor trahiria, se a luz fosse bastante para o denunciar:

—Augusto, está pobre, sem familia, sem amigos, e, para ultima provação, até as traições e as suspeitas lhe não pouparam o nome honrado que herdou. Essa

posição dá-lhe direitos que eu sei comprehender, creia. É uma especie de nobreza de que se não póde exigir humilhação alguma. Por isso, sem hesitar, com toda a lealdade, vim aqui, na companhia de Angelo, para estender-lhe a mão e dizer-lhe que se, como tenho razão para crêr, as sympathias d'uma alma que ha muito o comprehende, Augusto, se essas sympathias podem bastar ás aspirações da sua, se, para ganhar coragem, os meus affectos lhe podem servir, conte com o auxilio da minha alma... e dos meus affectos. É diante de ti que faço esta confissão, Angelo. Terás que me ralhar por causa d'ella?

Ao ouvir aquellas palavras, Augusto esqueceu toda a hesitação, e, tomando entre as suas a mão que Magdalena lhe estendia, cobriu-a de beijos apaixonados.

Magdalena não teve pressa de retiral-a.

Angelo veio tambem beijar as faces da irmã. Era assim que respondia á pergunta d'ella.

Pobres creanças! Porque a final eram creanças todos tres, creanças a quem inda os romances namoram, sem que se lembrem de que, ao transplantal-os para a vida real, todos os desconhecem e censuram, e só regando-os de lagrimas é que as mais das vezes se consegue nutril-os.

O olhar de Augusto radiava já com o vivo fulgor da alegria.

—Obrigado, Magdalena, deu-me a vida com essas palavras generosas. Deixe-me adoral-a, anjo, anjo libertador! Comprehendo os deveres que tenho a cumprir. Hei de ter força para conquistar as provas da minha innocencia. Preciso agora d'ellas; hei de obtel-as, e depois...

Aqui reteve-se de subito, e uma nuvem de tristeza toldou-lhe de novo o rosto.

Magdalena, como se o comprehendesse, concluiu:

—E depois sou eu quem tem o direito de exigir que não pare. Bem vê que, depois do passo que dei, se algum escrupulo ou orgulho pesasse no seu coração, Augusto, seria uma dolorosa offensa que me fazia. Aceitou a mão que eu com lealdade lhe offereci, a lealdade obriga-o agora a seguir o caminho do Mosteiro.

Depois de alguns instantes de reflexão, Augusto respondeu outra vez com firmeza:

—Tem razão, Magdalena. Terei coragem para cumprir o meu dever.

Escusado é dizer que o Herodes teve de partir só.

O bom homem ficou espantado ao encontrar em casa de Augusto tão inesperada companhia, mas não lhe foi difficil, depois do que viu e ouviu, conjecturar qual a natureza dos motivos que tinham feito mudar de resolução o seu companheiro de jornada.

Partiu, desejando todas as felicidades aos seus amigos.

Estes não conseguiram dissuadil-o de partir.

Não havia já estimulo para arrancar aquelle coração ao desalento.

Magdalena e Angelo voltaram ao Mosteiro.

O resto da noite de Augusto passou sob a influencia de tão violentas paixões, que desisto de descrevel-as.

XVII

Na manhã do dia seguinte estava toda a familia de Magdalena, na qual incluimos já D. Dorotheia e Henrique, reunida em uma das salas do Mosteiro.

As duas primas, Magdalena e Christina, trabalhavam em costura; Angelo e Henrique jogavam o xadrez; D. Dorotheia e D. Victoria conversavam a respeito do preço d'umas meadas de linho, que esta tinha dado a córar, e da pessima qualidade do fiado, effeito evidente, segundo D. Victoria, das criadas que tinha, que nem para fiar serviam. O conselheiro examinava distrahido varios memoriaes e cartas de empenho, que recebêra já a pedir empregos e graças em paga de serviços eleitoraes, ás vezes hypotheticos.

A cada passo porém Magdalena suspendia o trabalho, para olhar para a porta da sala, principalmente quando nos immediatos aposentos se escutava algum rumor; ou trocava olhares com Angelo, que não com menor frequencia os desviava das pedras do taboleiro para encontrar os da irmã.

Henrique tambem, de quando em quando, tinha que perguntar a Christina, e esta, para lhe responder, julgava-se obrigada tambem a afastar os olhos da costura.

D. Victoria e D. Dorotheia não era raro metterem-se na conversa dos outros, d'onde facil transição achavam logo para voltarem aos seus assumptos favoritos: meiadas e criados.

O conselheiro interrompia a cada momento a leitura com bocejos, ou fazia notar alguma mais exorbitante pretensão de tantas que examinava.

Era evidente que todas aquellas cabeças estavam pouco preoccupadas com os assumptos apparentes das suas cogitações.

—Ó Lena!— dizia Christina, que pela terceira vez chamava a prima, sem conseguir ser ouvida—que tens tu esta manhã? Que distracções são essas, que não respondes quando te chamam?

—Pois fallaste-me?

—É o que eu digo! Ó menina, ha que seculos te estou eu a perguntar em que tempo é que as laranjeiras têem flôr?

—Ah! Christe!— acudiu o conselheiro do lado, sorrindo—Esse pensamento é linguareiro; ficâmos todos sabendo aquillo em que tens estado a scismar.

Christina córou intensamente, ao perceber o sentido das palavras do conselheiro, e tentou defender-se, dizendo:

—Ora, não era isso, tio. Eu perguntava porque...

—Socega, quando o véo estiver prompto, a laranjeira não nos faltará com ramos e flores.

—Não, mano— disse D. Victoria—olhe que se não trata de ver o que é que está dando nas laranjeiras, dentro em pouco não ha uma só na quinta. Que tambem para serem comidas as laranjas pelos criados... Porque quasi que são só para elles. Não que não faz ideia!...

E continuou com D. Dorotheia a narração dos abusos de que os criados eram culpados.

D'ahi a momentos foi o conselheiro o primeiro a fallar.

—Esta é galante!— disse elle, examinando uns papeis, e rindo—Ora oiça isto, Henrique. Aqui está um homem que deseja que eu lhe empregue nada menos do que sete sobrinhos que tem. Sete! É uma geração como a de Jacob; se estivessemos na côrte de Pharaó!...

—Se se satisfizessem cada um com uma pasta?... Era um ministerio completo— disse Henrique.

—Oh! oh!— disse o conselheiro passados alguns momentos—Cá está o meu amigo Pertunhas, teimando com o logar de recebedor.

—Pois o maroto inda se atreve?...

— E que despeza de estylo que faz! É uma ode congratulatoria em prosa.

N'estas entremeiadas conversas e dialogos curtos e interrompidos passou-se o tempo até á chegada do correio, successo que marca época n'uma manhã passada na aldeia.

N'aquelle dia sobre tudo eram esperadas com ancia as cartas e os periodicos, que deviam trazer noticias do resultado das eleições dos differentes circulos do paiz.

O conselheiro já por tres vezes consultára o relogio, estranhando que o correio se demorasse.

Emfim chegou.

O conselheiro poz de lado os memoriaes e requerimentos; Henrique deu subito desfecho ao jogo com um lanço absurdo, e ambos se precipitaram sobre os periodicos e cartas; Angelo veio encostar-se ao espaldar da cadeira de Henrique.

O conselheiro principiou por lêr uma carta.

Henrique rompeu a cinta do primeiro periodico.

— Oh! oh! — disse o conselheiro, logo ás primeiras linhas que leu — Temos crise ministerial. As eleições foram pouco favoraveis ao governo; perderam-nas em quasi toda a parte!

— Assim tambem se deprehende do estylo em que vem escripto este artigo de fundo — disse Henrique.

— Dizem-me n'esta carta que já se falla em que o ministerio vai pedir a sua demissão.

— Este artigo allude apenas a uma reconstrucção do gabinete.

— «O governo — proseguiu o conselheiro, lendo — nem espera pela constituição da camara e cahe por estes dias infallivelmente. Quando você receber esta, já talvez elle pertença aos livros findos.»

— «Diz-se que ha para esta noite conselho de ministros para resolver sobre qual o seu procedimento, visto a indole provavel da futura camara» — lia Henrique no periodico, que logo em seguida pôz de lado, para consultar outro.

— «Não imagina — continuava o conselheiro lendo a

carta — o movimento de ambições que vai já por aqui.» Ora se não imagino!

— Um numero do *Suffragio Nacional!* — exclamou Henrique, abrindo segundo periodico — Provavelmente é alguma amabilidade que lhe dirigem, snr. conselheiro; elles que lh'o mandam!

— Sim, de certo. Como da outra vez. Veja lá; — disse o conselheiro, sorrindo — aos moribundos tudo se perdôa.

Henrique correu a vista pela folha para saber o que motivára a remessa d'ella para o Mosteiro, onde não costumava vir.

— Ah! temos correspondencia cá da terra! — exclamou por fim.

— Deve ser isso. Já tardava. É communicado do Seabra. Leia que são curiosos. O homem a apreciar as eleições de domingo deve ser soberbo. Isso não se póde perder. Leia, leia.

— Assigna-o *um eleitor indignado.*

— Justo. É o estyllo do homem. Vamos lá a ver isso.

Henrique principiou a lêr em voz alta o communicado do brazileiro.

A peça litteraria, de precioso lavor, em que o snr. Seabra contava ao mundo os factos eleitoraes da sua terra, muito desejaria eu transcrevel-a aqui, se, pela sua extensão, não tomasse demasiado espaço, e se, pela sua unidade e estreita ligação logica, se não subtrahisse á menor tentativa de fragmentação.

Aquelle communicado era indivisivel.

Apesar d'esta forçada omissão, espero que os leitores farão a justiça de suppor o escripto digno do distincto economista, que ouvimos discursar com tanta proficiencia na taverna do Canada.

O homem escrevia recheiado de indignação pela serie de illegalidades, escandalos, subornos e pressões de todo o genero, de que, dizia elle, fôra theatro aquella pacifica aldeia do Minho.

Em *linguagem chã e rude* ia tornar patente, accrescentava, aos olhos de todos uma *pestifera chaga do or-*

ganismo social. Sophismára-se a urna e calcára-se aos pés a Carta. As phrases em italico são d'elle. Depois de um exordio por esta afinação, em que fazia a conveniente razão de ordem, entrava o homem na materia. Era um modelo de impertinente bisbilhotice o escripto; desfiava-se alli a vida de todos os eleitores com uma minuciosidade esmagadora.

Contava-se como o compadre de Fulano dissera isto e aquillo ao sobrinho de Sicrano; e como tal individuo fizera e acontecêra; e como tal disse que havia de fazer, e não fez; e como aquelle nem disse nem fez; e como aquell'outro dissera e fizera, e assim por diante. Um dos mais maltratados era o snr. Joãosinho das Perdizes. Dizia o author da correspondencia que o morgado se tinha vendido por vinho; que exercêra pressão sobre os eleitores da sua freguezia; que era homem de pessimos costumes e moral depravada; jogador, bulhento, beberrão, cheio de dividas, amigo de malfeitores, *et cætera.*

O conselheiro e Henrique seguiam a leitura com gargalhadas.

O communicado passava depois a occupar-se com o mestre Pertunhas.

O brazileiro não lhe perdoára a pressa com que este celebrára a victoria do conselheiro, á frente da phylarmonica que regia.

Por vingança chamava-lhe todos os nomes injuriosos, que a raiva lhe suggeria, inclusivè o de estafador de trompa, e fechava por estas memoraveis palavras:

«Para levar á evidencia o caracter infame e intriguista d'este sevandija, basta que diga que foi elle quem, poucos dias antes, subtrahiu de uma pasta aquella celebre carta politica, que tanto deu que fallar no paiz. E este homem exerce o cargo de administrador do correio. *Proh pudor!*»

Como o leitor imagina, esta parte da correspondencia produziu sensação no auditorio.

Logo que Henrique concluiu a leitura, sahiu de quasi todas as bôcas uma exclamação de surpreza ou de alegria.

— Como é?... como é?...— perguntou o conselheiro
— Diz que...?

— É o mysterio que se explica.— respondeu Henrique — A traição encarrega-se de a si propria se desmascarar.

— Então foi o Pertunhas?!... Mas... diz-se que tirou a carta d'uma pasta!

— Era a de Augusto.

— Mas como estava ella ahi?

— Lá isso sei eu como foi;— disse D. Victoria — fui eu que, por engano, lh'a tinha dado junta com outras para elle escolher alguma para a leitura dos pequenos.

Christina celebrou a descoberta, beijando com effusão a morgadinha, e dizia:

— Venceste, Lena! agora está bem provada a innocencia d'elle, até para os que mais duvidavam!

— E quem não duvidaria?— acudiu o conselheiro, como para se desculpar da desconfiança.

— Quem o conhecesse bem, meu pae.— respondeu Magdalena, a quem a commoção recebida dava animação ao olhar e ao semblante — Eu e Angelo, por exemplo.

— E então eu?— accrescentou Christina — Eu não entro na conta?

Esta reclamação valeu-lhe da parte da prima a paga do beijo que recebêra.

— Olhem o pobre rapaz!— dizia D. Victoria, sinceramente consternada — E eu que o tratei tão mal! Bem me dizia elle: «Não tenha pressa de dizer nada a seus filhos, minha senhora, não lhes ensine a duvidar d'um homem que elles se costumaram a amar e a respeitar.» E o caso é que eu, desde que lhe ouvi dizer aquillo, d'um modo tão serio e triste, fiquei resentida, e não disse nada ás creanças, que todos os dias me perguntam ainda por elle.

— Mas...— dizia D. Dorotheia, devéras embaraçada — eu não sei ainda bem do que se trata. Pois suspeitavam de Augusto?... Mas o quê?...

— Ó tia Dorotheia,— atalhou Henrique — por quem é, não insista na pergunta. Depois que se sabe que uma

suspeita é falsa, não ha nada que mais escalde os labios, do que obrigal-a de novo a passar por elles.

—Tens razão, menino. E que precisão tenho eu de saber uma coisa, que não é verdadeira? Mas na verdade! Suspeitarem de Augusto! Ah! Henrique, está-me a parecer que tambem tu tens esse peccado a pesar-te na consciencia. Ora anda lá.

—Não, tia. Ha muito que lhe faço justiça. Ao principio não digo que não. Mas durou pouco tempo e já estava arrependido. Augusto convenceu-me pela maneira com que me fallou, convenceu-me sem provas; e até se, em expiação, me não puz em campo a auxilial-o a justificar-se, é porque elle exigiu que me abstivesse d'isso, e depois o meu desastre... quero dizer—emendou, olhando para Christina—a felicidade que me procurou sob a fórma de doença...

Christina pagou-lhe com um sorriso o galanteio.

O conselheiro, que ficára pensativo depois das primeiras reflexões que lhe ouvimos fazer, disse suspirando:

—Estou sentindo verdadeiros remorsos pelo mal que por certo causei áquelle rapaz com as minhas suspeitas. Mas que havia eu de fazer? As apparencias eram-lhe contrarias!... E depois n'esta vida de politica aprende-se tanto e tão depressa a duvidar!... É sorte minha! Homens, a quem eu estimava devéras, foram exactamente os que mais fiz padecer! Senão vejam: o herbanario, meu companheiro de infancia, e que sempre me teve amizade, apesar das apparencias rudes de que a revestia, dispozeram-se as coisas de modo que o privei da casa em que nasceu e talvez lhe apressasse com isso a morte... E elle, coitado, vingou-se nobremente; mas vingou-se, porque nunca mais me sahirá da ideia aquella scena da igreja. Augusto, um rapaz que conheci pequeno, e já então de viva intelligencia e de sentimentos nobres..., pois tudo se conspirou para o perder, e não só o privei do modesto logar que elle exercia, mas até levantei contra elle uma accusação infamante, e quasi o expulsei de minha casa... É triste que a vida politica me tenha obrigado a estas crueldades! Preciso de compen-

sar de alguma sorte o mal que fiz. De que maneira lhes parece melhor?

—Eu se fosse— disse D. Dorotheia—fazia como a morgada, e o rapaz, em vez de vir a ser só padre, havia de se formar em Coimbra, como o reitor de Friande...

—Isso era se elle quizesse ser padre;— acudiu D. Victoria—mas parece-me que não quer. Nada, nada, eu o que fazia era demittir aquelle velhaco do Pertunhas e dava a este o logar de mestre de latim, e arranjava que ficasse tambem com o correio. Ora anda, já que o outro foi tratante!...

O conselheiro sorriu ao expediente da cunhada e não pôde deixar de dizer:

—N'esse caso deixava só ao Pertunhas a regencia da philarmonica? E tu, Lena; qual é a tua opinião?

Magdalena respondeu sem vacillar:

—A minha opinião é que o pae deve ir a casa de Augusto, pedir-lhe humildemente perdão pela offensa que lhe fez.

—Mas involuntaria— ponderou o conselheiro, em tom de despeito, que não pôde bem disfarçar.

—Mas offensa— repetiu Magdalena, sem que o sorriso dissipasse totalmente a força da expressão.

—É um pouco dura de cumprir a sentença, sobretudo esse adverbio humildemente... Não lhe parece?— perguntou o conselheiro, voltando-se para Henrique.

—Eu tinha vontade de dizer tambem a minha opinião;— respondeu Henrique—mas receio certos melindres... Comtudo parece-me que encontraria uma recompensa, que poderia fazer esquecer a Augusto offensas e dores muito mais pungentes do que as que soffreu em virtude d'esta desagradavel occorrencia.

—Qual é?— perguntou o conselheiro.

Henrique olhou para Magdalena, respondendo:

—Repito que tenho escrupulos em dizel-o, porque talvez não seja eu o mais competente para o fazer.

—Tem razão, primo.— disse Magdalena—Elle proprio o dirá. É mais natural.

—Mas sabel-o tambem tu, Lena?

—Sei.

—Então dize-nol-o. Melhor para mim se poder prevenir desejos.

Magdalena hesitou.

—Vamos, Henrique—disse Christina sorrindo—não esteja com tantos escrupulos. Diga o que pensa.

—Pois quer? mas se sua prima me não perdôa?

—Eu o protegerei. Falle.

—Então, Christe?— tornou Magdalena.

—Bem; n'esse caso... Visto que m'o ordena quem póde...

—Falle, falle— disseram a um tempo o conselheiro, D. Victoria e D. Dorotheia.

—Fallarei. A recompensa a que Augusto aspira é a de fazer parte da familia de... da nossa familia— respondeu Henrique, olhando para Magdalena, que já não tentava retel-o.

—De fazer parte da nossa familia?— repetiu o conselheiro—Mas como?

—Como ha de ser? visto eu não estar resolvido a prescindir de Christina e Marianna ser ainda uma creança, facil é de conjecturar o unico meio que ainda resta de realisar aquella pretensão.

O conselheiro comprehendeu a final, e fitando Magdalena poz-se a rir, dizendo:

—Pobre rapaz! Pois metteu-se-lhe isso na cabeça?

—Mas que é a final? eu não entendo— dizia embaraçada D. Victoria.

—É uma coisa muito simples.— respondeu Henrique—Augusto sentiu o effeito dos encantos da minha prima Magdalena, mas sentiu-os a ponto de ligar a elles a sua felicidade, e de cahir em adoração para com a magnetisadora.

Esta explicação foi recebida com espanto por D. Victoria.

—Ora! está a brincar, primo Henrique! Não ouve aquillo, prima Dorotheia?

—Mas que é, que é?— perguntou esta.

—Diz que o Augusto aspirava...

—Perdão, eu disse que Augusto adorava e não as-

pirava. Quem póde tomar contas a um coração do culto que elle guarda religiosamente em si? A prima Lena é adorada por aquelle rapaz, isso affirmo eu, porém...

—É possivel! — exclamou tambem D. Dorotheia espantada—Por essa não esperava eu. Olhem para o que lhe havia de dar! Pobre Augusto!

O conselheiro ria ainda da noticia que recebêra.

Magdalena córou ao ouvir todas aquellas exclamações de estranheza. Cedendo ao impulso energico do seu caracter impetuoso e apaixonado, disse com vivacidade:

—Não sei que haja no que diz o primo Henrique nada que mereça esses espantos. Pois quem sou eu afinal? Que distancia me separa da humanidade para que se tenha por um desacato uma affeição que inspire. É verdade. Julgo que se não enganou o primo Henrique. Tambem eu descobri esse affecto em Augusto. Nasceu-lhe no coração e não na cabeça, meu pae. Ha muito que o sei e nunca a descoberta me causou o espanto que vejo nos outros. Digo mais, causou-me orgulho. Orgulho, sim, porque é natural sentil-o por ter inspirado sentimentos d'aquella ordem a um caracter generoso que, experimentado pelo infortunio, sahiu sempre da prova mais nobre e mais puro do que d'antes.

O conselheiro, que ouvíra a filha com impaciencia, acudiu em tom manifestamente irritado:

—Bem, bem; deixemo-nos de loucuras e de poesias, Lena. Vê lá se me queres fazer acreditar que a vida da aldeia te estragou o natural bom senso, até ao ponto de tomares a serio phantasias e creancices.

—Não é phantasia nem creancice, é uma resolução de mulher— respondeu Magdalena com firmeza.

—Uma resolução de creança, que está na minha mão remediar— tornou o conselheiro, como quem desejava cortar o incidente.

Porém para o genio de Magdalena já não era possivel recuar nem parar; replicou:

—Talvez não. E deixe-me então dizer-lhe tudo, meu pae. Augusto nunca me revelou esse segredo do seu coração. Adivinhei-lh'o eu. Longe de procurar ser en-

tendido, occultava-se e fugia; ainda hontem estava resolvido a deixar a aldeia para sempre.

—Mas ficou— notou o conselheiro com ironia.

—Ficou— respondeu tranquillamente Magdalena — porque eu lhe pedi que ficasse.

O conselheiro, ouvindo estas palavras, estremeceu de surpresa e fitou a filha com olhar severo e interrogador.

A morgadinha proseguiu com uma serenidade, que occultava um esforço interior:

—Ficou porque eu lhe disse que o havia comprehendido e que aceitava a affeição desinteressada e pura que elle guardava no coração; ficou porque eu, que só tarde soube do desespero que o obrigava a partir, e que o sabia tão leal como pobre, tão innocente como perseguido pelo infortunio, eu que o vi quasi expulsar d'esta casa, sob o peso d'uma accusação em cuja verdade nunca pude acreditar, julguei do meu dever ir eu propria procural-o para lhe estender a mão e dizer-lhe: «fique e prometto-lhe que todos lhe farão justiça em breve.»

Quando Magdalena acabou de dizer estas palavras com firmeza e exaltação crescentes, ninguem ousou fallar na sala; e os olhos de todos dirigiram-se quasi instinctivamente para o conselheiro.

Christina tremia; as outras senhoras pasmavam; Henrique e Angelo sentiram-se profundamente inquietos.

Todos víram passar por differentes côres as faces do conselheiro, os labios agitaram-se-lhe n'um tremor convulso e com a voz, evidentemente alterada pela colerá, disse para a filha, passados alguns instantes:

—Pois saiba, senhora, que para as leviandades d'uma rapariga estouvada, ha meios mais racionaes do que esses que parecem naturalissimos á sua razão estragada pelos romances. Eu ainda não prescindi da minha authoridade paterna, e ella me servirá para corrigir essas levesas, de que deveria envergonhar-se.

Esta scena de familia augmentava cada vez mais a difficuldade da posição de todos os que estavam pre-

sentes. Ninguem ousava intervir, ou, desejando-o, ninguem sabia a maneira de o fazer.

Entre as falsas situações, em que nos achâmos ás vezes n'esta vida, poucas se podem comparar no incommodo que produzem, á de assistir a uma questão domestica, por qualquer motivo que seja originada.

Quem se conservou d'aquella vez menos inactiva foi Christina, que prendeu Lena nos braços, não sei se para instinctivamente a defender, se para reprimir-lhe o impeto de reacção que receiava n'ella.

A morgadinha effectivamente repelliu-a com brandura de si e respondeu ao pae:

—Ás vezes aos caracteres levianos estão confiadas tarefas generosas. Cabe-lhes sanar muitas injustiças que por calculo os mais reflectidos, e por isso mais desconfiados, praticam sem piedade. Não me envergonho nem arrependo do passo que dei. Não fiz mais do que salvar do desespero uma alma nobre e magnanima, que, se se perdesse, talvez um dia a sua consciencia, senhor, o accusasse de não ser innocente n'essa perda. Quiz evitar-lhe remorsos, meu pae. Se isto foi leviandade, que os annos m'a não dissipem, como dizem que costumam fazer, porque prefiro ser leviana assim, a ser cruel como...

O pae atalhou-a, e cada vez com mais vehemencia replicou:

—Pois siga se quizer a sua phantasia, senhora, mas terá de escolher entre os seus caprichos e a minha approvação. Fique certa que, com o consentimento meu, nunca um rapaz pobre, sem familia e sem posição, especulará com o estouvamento d'uma herdeira rica, que tão esquecida do que deve a si e aos seus, não hesitou em o procurar na propria casa, sem reparar que estava sendo victima d'uma comedia armada á sua credula sensibilidade.

Antes do conselheiro concluir estas palavras estava alguem mais na sala.

Era Augusto.

Da sala proxima, onde chegára muito antes, ouvíra elle o que o conselheiro dizia em tom elevado, e o sen-

tido das palavras que ouviu venceu-lhe toda a hesitação e obrigou-o a entrar.

O conselheiro, reparando de subito n'elle, interrompeu-se e parou.

Augusto respondeu-lhe então com dignidade e tristeza:

—Esse rapaz pobre, sem posição e sem familia, tem n'esse triplice infortunio outros tantos titulos para ser respeitado dos felizes, como v. exc.ª, e eu não prescindo d'esses direitos.

O conselheiro continuava silencioso, como hesitando no que devesse responder a Augusto. A irritação dictava-lhe uma violenta resposta, mas já lh'o não permittia a consciencia.

Augusto continuou:

—Sei que v. exc.ª está já convencido de que as suspeitas, que pesavam sobre mim, eram injustas. N'esse periodico, que ainda tem na mão, vem as provas da minha innocencia. Vi-o em casa do Seabra, d'onde venho agora. Procurei-o, decidido a saber toda a verdade por qualquer preço que fosse; elle não m'a negou; contou-me tudo. Por isso, ao vir aqui, snr. conselheiro, ao voltar a esta casa, onde era recebido como amigo antes que me expulsassem d'ella como infame, esperava encontrar a receber-me a justiça e a amizade... Enganei-me; em vez d'ellas, foi o insulto, mais pungente e menos justificado do que o primeiro, que eu encontrei!

—Menos justificado?—repetiu o conselheiro, azedadamente.

—Menos justificado, sim, muito menos; porque v. exc.ª podia julgar-me criminoso, póde julgar-se com direito de duvidar de mim, mas não tem o de duvidar de sua filha; porque a snr.ª D. Magdalena, pedindo a seu irmão que a acompanhasse a casa d'um pobre, que ella sabia ser victima d'uma immerecida accusação, e a quem o desalento e o desespêro faziam succumbir, não se esqueceu do que devia a si e aos seus; pelo contrario, aos seus devia aquelle acto de sublime generosidade, porque das mãos dos seus viera o golpe que me ferira. Eu tinha sido expulso d'esta casa, snr. conse-

lheiro, como um miseravel e infame; os filhos de v. exc.ª, que sempre foram meus amigos, a quem v. exc.ª ensinára a sel-o, vieram á minha dizer-me: «Não parta, deve á nossa confiança a justiça de ficar.»

—É verdade— disse Angelo—eu acompanhei Magdalena. O pae diz-me muitas vezes que não tenha pressa de principiar a duvidar; eu não podia principiar por Augusto. Não duvidei.

O conselheiro respondeu a Augusto com reserva e mal disfarçado despeito, ainda que em tom moderado:

—Sei que fui injusto comsigo, Augusto, e sinto-o do coração, creia. Ainda que as apparencias o culpassem, arrependo-me de não ter tido mais força a minha confiança para não ceder. Peço-lhe por isso... humildemente... perdão. Iria a sua casa pedir-lh'o, se não viesse aqui. Que mais quer? Acha-se com direitos a exigir mais? Será isso motivo para antever realisadas loucuras de rapaz?...

Augusto não o deixou continuar.

—Ouça-me, snr. conselheiro.— disse elle placidamente—Diante de todas as pessoas que me escutam, lealmente e sem hesitar, patentearei o meu coração. É verdade que essas loucuras se apoderaram de mim, que, desde creança até hoje, tenho sido todo d'ellas; mas que importam aos outros, se eu commigo as guardava? se nunca por ellas regulei os actos da minha vida? Occorrencias imprevistas me arrancaram este segredo, que eu fiz sempre por suffocar. Nem ambições me despertou, como meio de realisal-o, porque nem em realisal-o pensava. Resignar-me-ía a morrer com elle, sem o revelar a ninguem; mas adivinhado por quem o fizera nascer, e, deixe-se-me o orgulho de o dizer, adivinhado e correspondido, que muito era que me tomasse a vertigem, e que eu por momentos me deixasse cegar pelo fulgor de imprevistas esperanças? Perdoe-se-me a fraqueza. As illusões duraram pouco; as palavras de v. exc.ª dissiparam-nas... um tanto cruelmente, mas em todo o caso accordei. Creia, snr. conselheiro, que o ser pobre, sem familia e sem nome impõe tambem uma certa ordem de deveres, a que eu serei fiel. Não é o de humilhar-me,

é o de manter a unica dignidade que me resta, a dignidade moral. Já vê v. exc.ª que se enganou de duas maneiras: nem da parte do rapaz pobre houve especulação, nem da parte da herdeira rica estouvamento.

E, acabando de dizer estas palavras, Augusto inclinou-se respeitosamente diante do conselheiro, e ía a sahir, depois de lançar a Magdalena um extremo olhar de despedida.

A morgadinha porém ergueu-se, e, apesar dos esforços de Christina para a reter, veio collocar-se no caminho de Augusto, e estendendo-lhe a mão, disse:

—Não saia, Augusto. Em nome de meu pae lhe peço que não saia.

—Magdalena! — disse o conselheiro com severidade.

—Sim, em seu nome, senhor; porque quero livrar-lhe o futuro de remorsos; sim, em seu nome, porque hei de fazer-lhe ouvir a voz do coração, que tantas vezes desattende, arrependendo-se amargamente depois.

—Magdalena! — repetiu o conselheiro com mais força.

—Minha senhora! — disse Augusto.

Porém a morgadinha obedecia agora inteiramente á vehemencia do caracter apaixonado.

—Sinceramente revelei ha pouco os sentimentos do meu coração; todos me ouviram; todos ouviram agora Augusto. Falle, senhor; com a mesma franqueza e lealdade, com que nós o fazemos, poderá confessar a natureza dos escrupulos que o obrigam a essa resistencia? Não se envergonharia d'elles? E quer que lhe obedeça! mas obedecer-lhe seria offendel-o, porque seria acreditar na constancia d'essa má paixão que o domina, e no seu bom coração não póde ella durar muito tempo.

O conselheiro, no auge da irritação, ia talvez a responder violentamente. Christina e Angelo tinham-se approximado de Magdalena; as outras senhoras principiavam a ensaiar em surdina as primeiras tentativas conciliadoras; Henrique meditava um plano de intervenção, que elle suppunha já indispensavel, quando um incidente

veio interromper esta scena e modificar a feição critica do caso.

O incidente foi a chegada de um creado de farda, pertencente ao serviço d'um proprietario da villa proxima. Este criado era portador d'uma mensagem para o conselheiro.

O velho Torquato tinha adormecido na sala immediata; o lacaio dispensou-se de o accordar, e guiou-se pelo som das vozes para chegar á presença do conselheiro.

A chegada do lacaio acalmou a tempestade domestica, que principiava a carregar-se.

O conselheiro, conhecendo-o, interrogou-o sobre o fim d'aquella visita.

O criado respondeu:

—Venho para entregar a v. exc.ª esta parte telegraphica que chegou a meu amo, logo depois que tinham partido as malas do correio, de maneira que não pôde mandal-a com ellas.

O conselheiro, agitado ainda, pegou no papel, que o mensageiro lhe deu, e correu-o com a vista.

Immediatamente um raio de alegria lhe fuzilou nos olhos.

Acabando de ler, disse ao criado, que esperava resposta:

—Dize a teu amo que recebi e que póde responder que sim.

O criado sahiu.

N'este meio tempo as senhoras e Christina rodeavam Magdalena e combinavam um projecto de harmonia domestica; Angelo e Henrique desempenhavam-se junto de Augusto de quasi identica tarefa.

O conselheiro estendeu a Henrique a parte telegraphica, emquanto que uma visivel satisfação se lhe desenhára no semblante.

—Leia e admire— disse elle.

Henrique leu e não reteve uma exclamação de surpreza.

A parte dizia:

«Avise o conselheiro Manoel Bernardo para quanto

antes se apresentar em Lisboa. Estou encarregado de organisar ministerio e quero que elle aceite uma das pastas.»

Assignava-a um dos mais notaveis vultos politicos do paiz.

Henrique que sabia o valor de certas opportunidades, e a quem a surpreza da noticia não fez esquecer a crise domestica a que assistíra, disse, logo que acabou de ler, e dirigindo-se a Magdalena:

—Prima Magdalena, compete-lhe ser a primeira a dar ao novo ministro os emboras pela sua nomeação.

A palavra «ministro» produziu sensação na sala.

D. Victoria exclamou:

—Ministro! Pois quem é que está ministro? O mano?... Ora, sim, senhor! acertou sua magestade!...

—Mas... valha-nos Deus! O ponto está que não façam por ahi alguma revolução para o deitar abaixo— acudiu D. Dorotheia, em cujo animo os factos das nossas dissenções civis tinham deixado sinistras ideias ligadas á palavra ministro.

Magdalena, Angelo e Christina correram a abraçar o conselheiro; Henrique reteve porém os dous ultimos, dizendo:

—Primeiro Lena. Talvez tenha a pedir alguma mercê a s. exc.ª, e á primeira não ha caracter de ministro que não ceda.

O conselheiro sorriu já.

Magdalena beijou-lhe a mão, e o pranto, provocado pela violencia das scenas anteriores, e até alli a custo reprimido, rebentou agora abundante, banhando as mãos do pae.

Henrique afastou-se a conversar com Augusto, para o não deixar sahir da sala.

O coração do conselheiro não era de pedra. Duas causas poderosissimas conspiravam-se para abrandal-o. Como homem politico, havia a satisfação da maxima ambição de todos, a noticia de ser chamado ao ministerio. Nos momentos em que vemos satisfazer-se qualquer ardente desejo do nosso coração, abrimo-nos ás sympathias para com os desejos dos outros, e se de nós de-

pende realisal-os, cedemos de boa vontade. Como pae, havia as lagrimas da filha a convencel-o, e a eloquencia d'este argumento das lagrimas em olhos de mulher, é geralmente sabida: quanto mais se a mulher é joven e bella! quanto mais se a mulher é filha!

Sem o menor vestigio da irritação anterior, o conselheiro ergueu Magdalena, apertou-a ao seio e disse-lhe meigamente:

—Porque choras tu, Lena? Creança! Então promettes-me ser muito feliz, se eu te deixar fazer as tuas loucuras?...

Magdalena respondeu-lhe, abraçando-o affectuosamente, e beijando-o.

Ha argumento mais convincente do que este? Conhecem arma mais poderosa contra as severidades de um pae?

O conselheiro beijou tambem paternalmente nas faces a filha, e voltando-se depois para Augusto, disse-lhe, em tom de voz quasi affectuoso:

—Augusto, vou confiar-lhe a minha felicidade, confiando-lhe a felicidade da minha Lena. Vingue-se da injustiça e do mal que lhe fiz, tornando-m'a venturosa. É a unica vingança á altura da sua alma.

Augusto não teve tempo para responder. Se uns restos de orgulho tentassem luctar ainda com o amor, suffocal-os-iam os esforços combinados de Christina, de D. Victoria e de D. Dorotheia que o arrastaram quasi para junto do conselheiro.

E toda aquella familia, em que não havia n'aquelle momento um só coração triste, confundiu-se por algum tempo no mais desordenado, pueril e pathetico grupo, que póde desenhar um artista.

Para mais tocante confusão ainda, as creanças que voltavam dos seus brinquedos na quinta, entraram então na sala, e de boa vontade se associaram áquella manifestação de alegria, sem querer saber o que a motivára.

São assim as creanças. Alegres por instincto, saudam as scenas alegres sempre que as vêem, sentem-nas antes de as explicarem.

Foram innumeraveis os beijos, os abraços, as palavras de affecto, os sorrisos, as lagrimas, as exclamações pueris que se trocaram entre os diversos actores d'esta scena de familia.

Chegado a este ponto da minha narração, nada melhor posso fazer do que deixar á imaginação dos leitores concluil-a.

Haverá algum tão malfadado, que na sua vida não tenha visto representada uma scena assim?

Esse mesmo, se existe, obriga-me a não proseguir.

O quadro que a reproduzisse, exacerbar-lhe-ia o desconsolo da alma, de que por certo é victima.

Paremos aqui para que nos fique nos ouvidos este jovial rumor de beijos, de risos e de vozes de alegria, porque, a prolongarmos mais a narração, vêl-o-iamos abafado pelos sons revolucionados e anarchicos da philarmonica da terra, que não tardará a festejar a nomeação do conselheiro, e sobre tudo pelo estridor da tuba do mestre Pertunhas, tuba verdadeiramente épica, e capaz de mudar a côr ao gesto, como a de que falla o poeta.

Fechemos pois aqui a historia, dando apenas succinta conta dos acontecimentos ulteriores.

CONCLUSÃO

O conselheiro partiu no dia seguinte para Lisboa, para tomar parte na pilotagem da náu do Estado. Estive tentado a dizer, para satisfação de animo dos meus leitores, que, sob a direcção dos talentos e aptidões do novo estadista, se locupletou a fazenda pública, prosperou a agricultura e a industria, refulgiram as artes e as letras; e que Portugal, como a Grecia sob Pericles, causou o assombro das nações do mundo.

Mas receei que, phantasiando no nosso paiz um governo fecundo e prospero, a inverosimilhança do facto prejudicasse no espirito dos leitores a dos outros episodios narrados, e lhes entrasse com isto a desconfiança no chronista. Resolvi pois ser franco, declarando que sob a direcção do conselheiro e dos seus collegas, Portugal regeu-se, como se tem regido sob as duzias de ministerios, que nós todos havemos já conhecido.

O conselheiro, já ministro, voltou tempos depois á aldeia, para assistir ao casamento de Magdalena e de Christina, que se verificaram no mesmo dia.

Christina e Henrique foram viver para Alvapenha, para condescender com D. Dorotheia, que não podia resignar-se a viver só.

Sob a superintendencia do novo administrador, transformou-se completamente a quinta, e é hoje uma das mais rendosas e bem geridas propriedades d'aquelles sitios.

Henrique, o elegante do Chiado, o frequentador do

Gremio e de S. Carlos, está um rico e laborioso proprietario rural. Apaixonou-se pela agricultura e promette realisar o typo do antigo patriarcha.

Cumpriu-se a sua visão.

Das mil e uma molestias, com que sahira de Lisboa, já nem memoria lhe resta.

Christina, além de ser adorada pelo marido, vê-se rodeada pelo amor e carinhos de D. Dorotheia e de Maria de Jesus, as quaes, sem o menor despeito, a viram tomar o sceptro de realeza domestica, que usa com adoravel brandura, desenvolvendo de dia para dia os seus talentos de mulher.

No Mosteiro não correm peior as coisas, sob os cuidados de Augusto e de Magdalena, que ahi ficaram, por exigencias de D. Victoria. Augusto, além de se occupar de agricultura, alimenta a imaginação, já não a fazer versos, mas em outra fórma de poesia: a organisar a escóla sob bases mais racionaes, e dotação mais fecunda; a generalisar e educar os processos agricolas; a implantar industrias novas.

É assim que a sericultura, graças aos seus cuidados, é hoje alli cultivada com bons resultados, e outras já principiam a ensaiar-se.

Magdalena é sempre a mulher que foi, se é que as nobres qualidades já reveladas nos seus actos de juventude, não se vão caracterisando inda melhor, á medida que de mais graves deveres se incumbe a sua missão de mulher. Intelligencia temperada por um bom senso natural, que a educação esmerada não estragou, como a tantas acontece; caracter apaixonado, mas de tracto affavel e insinuante, meiga sem indolencia, grave sem severidade, acompanha-a o encanto que a todos prende, que não faz sentir a ninguem o pêso da obediencia.

É hoje quem tudo dirige no Mosteiro; querida pelos primos, querida por D. Victoria, adorada pelo marido e abençoada pelo povo, que soccorre com esmolas e conselhos, póde bem dizer-se que reina n'aquelles sitios.

D. Victoria resignou na sobrinha todos os encargos domesticos, salvo o direito de ralhar com os criados, que ella sustenta serem os peiores do mundo; prompta

sempre a intervir a favor de qualquer d'elles quando despedidos.

Em relação ás personagens secundarias d'esta historia pouco teremos a dizer.

O brazileiro fez as pazes com o conselheiro, porque este, logo que entrou para o ministerio, mandou lavrar o decreto em que se nomeava visconde de não sei quê o seu antigo inimigo. Foi este o primeiro acto politico do gabinete, que o paiz ingrato teve a sem razão de não applaudir.

O brazileiro, em paga, entrou com Augusto em competencia de melhoramentos locaes, com grande proveito da aldeia.

O snr. Joãosinho, em vista d'esta fusão de partidos, achou-se encorporado na liga e em pouco tempo teve occasião de demonstrar de novo a sua influencia eleitoral, trazendo compacta á urna a freguezia de Pinchões, para reeleger o conselheiro que, pela sua nomeação, perdêra o logar de deputado. D'esta vez ninguem lh'o disputou, e era edificante ver o brazileiro ao lado do Tapadas, esquecidos antigos odios, votando de commum accordo e boa harmonia.

A reconciliação entre dous adversarios commove sempre a alma.

O snr. Joãosinho não mudou de habitos e cada vez tem mais dividas, mais cães, e mais bebedeiras.

O Pertunhas foi perdoado e continúa imperturbavel nas suas funcções de ensino e na commissão do correio, odiando os irmãos Virgilios e desafogando as suas mágoas na embocadura da trompa.

O homem queixa-se de ter sido victima d'uma vingança. Confessa que por brincadeira tirára uma carta da pasta de Augusto, mas que a tornára a collocar no seu logar, e por isso...

A familia Zé P'reira vai em rapida decadencia; o homem já nem tem força para fazer resoar o zabumba. É esta uma das que mais deve á caridade de Magdalena.

O conselheiro, ainda hoje no goso imperturbado dos votos unanimes d'aquelle circulo eleitoral, vem de quando

em quando retemperar o animo, exhausto nas fadigas parlamentares e nas diversões da capital, no seio da sua feliz familia, e volta melhor.

Angelo, logo que principiam as ferias dos seus estudos superiores, corre com alvoroço de creança a gosar na aldeia os dias que elle já pre-sente terem de ser os mais felizes de toda a sua vida.

A quinta dos Canaviaes, á qual andam ligadas suaves recordações dos dous venturosos pares, que os incidentes d'esta historia reuniram, foi transformada por Magdalena n'uma habitação de recreio, onde as duas familias celebram, durante o anno, algumas festas em commum.

Estes melhoramentos vieram confirmar o titulo de que Magdalena havia muito estava de posse.

E hoje é ella ainda entre a gente do povo conhecida pelo nome de «Morgadinha dos Canaviaes».

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO VOLUME





